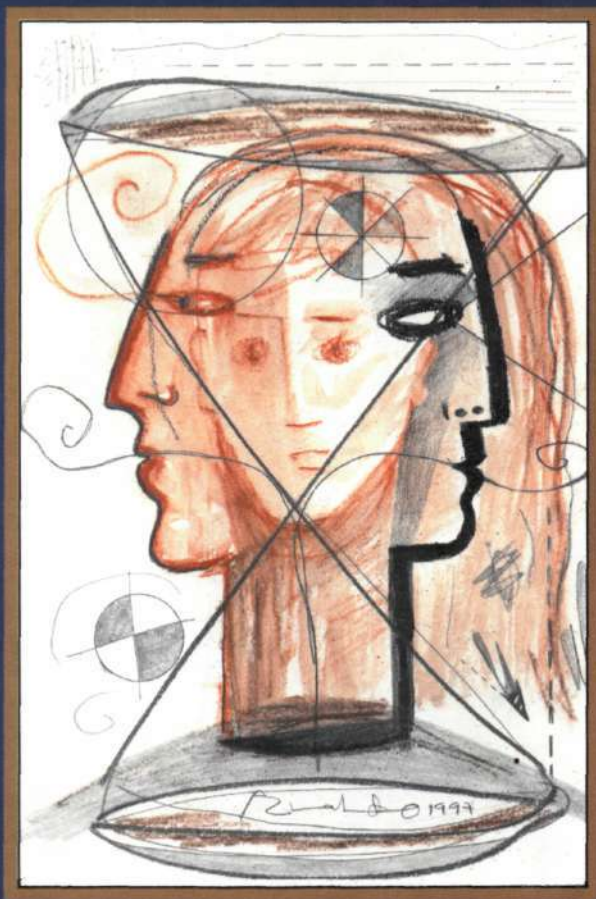


MEMÓRIAS REVISITADAS

O Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens



Organizadores
Antonio Torres Montenegro
Tania Fernandes

Instituto Aggeu Magalhães



Ao assumirmos a direção do Instituto Aggeu Magalhães, antigo Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, em dezembro de 1993, percebemos que apesar de quase meio século de existência não haviam muitas informações que propiciassem um conhecimento mais amplo de sua história. Na realidade, afora pequenos relatos de episódios pontuais, oferecidos pela memória dos "mais velhos", nada nos subsidiava no entendimento do que fez uma organização pública de natureza científica consolidar-se nacional e internacionalmente, apesar das adversas condições que a pesquisa na área da saúde pública comumente enfrenta.

Consciente da importância da história para compreensão do presente e orientação das ações no futuro, estabelecemos como um dos desafios dessa gestão iniciar um processo de resgate dos documentos e reconstrução da memória do então CPqAM, através do relato de histórias de vida de alguns dos vários atores participantes do desenvolvimento dessa instituição. Os critérios básicos que nortearam a escolha dos entrevistados foram o tempo de trabalho e as respectivas representações por setor. Nesse sentido, foram realizadas 18 entrevistas que oferecem um riquíssimo cenário de experiências, imagens, quadros familiares, vivências públicas e privadas associadas ao processo da inserção do Instituto Aggeu Magalhães, em suas vidas. Observa-se como esta instituição marcou a vida de seus atores, que hoje revisitam-na em forma de memória.

MEMÓRIAS REVISITADAS

O Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus Personagens

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente: *Eloi Garcia*

INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES

Diretora: *Eridan de Medeiros Coutinho*

Vice-diretor: *Rômulo Maciel Filho*

CASA DE OSWALDO CRUZ

Diretor: *Paulo Ernani Gadelha*

Vice-diretora: *Lisabel Espellet Klein*

Organizadores

Antônio Torres Montenegro

Tania Fernandes

MEMÓRIAS REVISITADAS

O Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus Personagens

1997

Edição das Entrevistas:	Antônio Torres Montenegro Tania Fernandes Márcio Lucena Filho
Auxiliares de Pesquisa:	Beatriz de Oliveira Ferreira Carlos Eduardo Romeiro José Maria Neto Luciana Veras Albuquerque Márcio Lucena Filho Paulo Chitunda
Revisão de texto:	Edna Padrão (COC)
Ilustrações (capa e miolo):	Rinaldo Silva
Projeto Gráfico:	Daniela Cisneiros Luis S. da Silva Júnior Guilherme Ashton (Multimeios)

Memórias revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens/[organizado por] Antônio Torres Montenegro, Tania Fernandes. - Rio de Janeiro: FIOCRUZ, Casa de Oswaldo Cruz; Recife: FIOCRUZ, Instituto Aggeu Magalhães, 1997.

500p.

ISBN

1. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Aggeu Magalhães - História. 2. Cientistas - Brasil - Pernambuco. I. Montenegro, Antônio Torres. II. Fernandes, Tania. III. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. IV. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Aggeu Magalhães.

FIOCRUZ.COC.Setor de Biblioteca

CDD 506.098134

1997

SUMARIO

Abertura.....	7
Apresentação.....	9
Prefácio.....	11
Introdução.....	21
Ageu Magalhães Filho.....	33
Alexandre Bezerra de Carvalho.....	71
Alzira Maria Paiva de Almeida.....	91
André Freire Furtado.....	107
Arcelino Ferreira Farias.....	123
Célio Rodrigues de Almeida.....	141
Diva Vitória Cardim.....	213
Eridan Coutinho.....	227
Frederico Adolfo Simões Barbosa.....	277
Frederico Guilherme Coutinho Abath.....	313
Gerusa Dreyer.....	325
Hélio Bezerra Coutinho.....	349
José Carlos de Morais.....	371
Luciana Abrantes.....	405
Marcelo Vasconcelos.....	413
Otamires Alves da Silva.....	425

Plenete Cavalcante.....	435
Saul Tavares de Melo.....	443
Encarte Fotográfico.....	459
Sumário das Entrevistas.....	469
Anexo.....	491

ABERTURA

Chega o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, hoje denominado Instituto Aggeu Magalhães, aos seus 47 anos de existência, nesse 02 de setembro de 1997. Seu papel como órgão impulsionador do desenvolvimento tecnológico na área biomédica e como estimulador das grandes transformações que vêm caracterizando a evolução do conhecimento científico e das ações na área da Saúde Pública em nosso meio (sobretudo no que diz respeito às doenças infecto-parasitárias endêmicas do nordeste do Brasil), tem sido sobejamente destacado.

Sua contribuição ao crescimento do meio científico local, à melhoria das técnicas de diagnóstico e tratamento e ao controle das grandes endemias regionais, fruto do trabalho silencioso, competente e perseverante dos seus pesquisadores, também tem sido exaltada.

Faltava, porém, até agora, o documentário escrito, onde fosse contada a saga desta instituição, nos seus avanços e retrocessos ao longo desse quase meio século de existência e onde fossem lembrados pelo menos alguns daqueles que têm cargos e funções diversos e vêm sendo responsáveis pela sobrevivência deste Centro de Pesquisas, irmanados em torno do ideal de vê-lo crescer e manter-se altaneiro, servindo ao Nordeste (ainda hoje tão carente de instituições de seu porte) e ao Brasil.

Ao longo dos tempos, apesar do trabalho memorável do nosso grande inspirador - Oswaldo Cruz -, os problemas de saúde não têm sido adequados e seriamente tratados, reaparecendo, periodicamente, quadros sanitários supostamente já resolvidos, como acontece atualmente com a cólera, a dengue, a tuberculose e outras doenças tidas com extintas ou em extinção.

O projeto "História e Memória do Instituto Aggeu Magalhães", cuja principal parte é agora tornada pública, apresenta, em seu 1º volume, uma coletânea de biografias de diretores, pesquisadores e pessoal administrativo, que estejam ou não ainda desenvolvendo suas atividades, selecionados como representativos da história e memória desta instituição, ora em função do seu longo tempo de dedicação à mesma; ora pelo exercício de determinadas tarefas ou atividades consideradas de especial re-

levância; ora por terem vivenciado momentos decisivos da vida institucional. São eles homens e mulheres, aqui registrados com letras maiúsculas, pelo papel que desempenham no exercício diário de suas atividades. Vidas humanas que se entrelaçaram com a da instituição à qual serviram e a quem, ao lado de outros que existiram antes ou que virão depois, o IAM agradece comovido e presta, nestas páginas, o seu agradecimento e sua homenagem.

Dá-se, assim, início à reconstrução daquilo que uma instituição possui de mais valioso - a sua História. O resultado da experiência vivenciada neste projeto, também se reflete no processo de integração iniciado entre a Casa de Oswaldo Cruz, Unidade Técnico-Científica da Fundação Oswaldo Cruz / Ministério da Saúde, responsável pela divulgação e preservação do seu patrimônio histórico-cultural e o nosso Instituto Aggeu Magalhães. A obra agora apresentada, "Memórias Revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens", em verdade, é fruto dessa parceria fecunda, sob a coordenação eficiente e competente de Tânia Fernandes (COC/ Fiocruz) e Antônio Montenegro (CPqAM e UFPE).

Que a memória do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, hoje Instituto Aggeu Magalhães (CPqAM - IAM), que continuará a ser contada no 2º volume desta série, já em execução, permaneça como estímulo às gerações vindouras, demonstrando que o ideal de servir ao nosso povo e ao nosso país, apesar das dificuldades que sempre haverão de existir, vale a pena ser seguido com a determinação e a obstinação destes e de todos aqueles que vêm contribuindo para fazer digna e eloqüente a nossa missão e a nossa História.

Eridan de Medeiros Coutinho

Diretora/CPqAM

APRESENTAÇÃO

História viva. Passeando por esses depoimentos vemos surgir tramas de múltiplas dimensões que unem grandes angulares da dinâmica de uma instituição, da política local e nacional, às experiências mais singulares cristalizadas na reminiscência de um clima familiar, de um episódio escolar, da tomada de consciência de novos horizontes que a vida adulta e a profissionalização vão impondo. Desse amálgama de micro e macro-história vão se construindo os sentidos que os depoentes conferem não só à trajetória, como também à visão de futuro do Instituto Aggeu Magalhães.

São 47 anos de uma história rica de ensinamentos. Tempo de celebração. Momento de reconstruir tradições, visitar mitos de origem, valorizar a ação dos pioneiros e dos períodos heróicos, fazer a catarse de tabus relegados ao silêncio e dos momentos de quase aniquilação. Movimento essencial para a construção de solidariedades, de envolvimento e de uma cultura institucional com aguçada reflexão crítica e instrumentos eficazes de projeção estratégica. Nesse sentido, o recurso à memória e a tradição não se confundem com conservadorismo, mas são a matéria própria para a reflexão e transformação crítica.

O acervo de depoimentos orais construído sob a competente coordenação de Antônio Torres Montenegro e Tânia Fernandes é um atrativo para uma diversidade de leitores. Os depoentes e aqueles que com eles compartilharam vivências pessoais e responsabilidades institucionais se reencontrarão muitas vezes em acordos e desacordos ou na pura fruição de revivências, essa condição essencial da vida humana. Para historiadores será uma rica fonte de história social, marcada especialmente pela tonalidade regional e de informações e versões sobre a história do Instituto Aggeu Magalhães. As interfaces entre a produção científica, o laboratório, o trabalho de campo e as práticas de saúde pública, que conformam o modelo pastoriano, se revelam na especificidade de um instituto que se movimenta em uma pulsação regional / nacional.

A afirmação de um Instituto de Pesquisa no Nordeste, os traços de sua pertinência a um projeto sanitaria nacional e à Fundação Oswaldo Cruz desde os sonhos projetados por Evandro Chagas até sua plena in-

tegração à Fiocruz conquistada em tempos recentes são outras questões que se destacam desse inventário de experiências.

A Casa de Oswaldo Cruz sente-se duplamente gratificada ao ter contribuído para essa empreitada. Ela significa a consolidação de sensibilidades e parcerias que reconhecem a importância da recuperação da memória e do trabalho histórico-profissional para nossas instituições, concretizando o sentido de nosso projeto. Revela-se também a incorporação de um rico acervo ao nosso programa de história oral que se constitui um dos pilares dos programas de pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz.

Ao ingressar na Fundação Oswaldo Cruz em 1986, na gestão de Sérgio Arouca, com o encargo de criar a Casa de Oswaldo Cruz, convivi ao longo desses anos especialmente com André Furtado e Eridan Coutinho no Conselho Deliberativo acompanhando a superação de impasses e o notável desenvolvimento do Instituto Aggeu Magalhães sob suas direções. Leio portanto os depoimentos com o duplo prazer da pertinência de uma história comum e da revelação de trajetórias de vida, que me trouxeram uma visão bem mais abrangente e colorida dos personagens que fizeram a história do Instituto Aggeu Magalhães.

Deixo, ainda, aqui registradas, minhas saudações à comunidade do Instituto Aggeu Magalhães.

Paulo Gadelha

Diretor/Casa de Oswaldo Cruz

A Invenção das Comemorações

O conhecimento para Musil é a consciência da inconciliabilidade entre duas polaridades contrapostas: uma que denomina ora exatidão, ora matemática, ora espírito puro ou mesmo mentalidade militar e outra que chama ora de alma, ora de irracionalidade, ora de humanidade, ora de caos.

(Ítalo Calvino)

Introdução

Há alguns anos desenvolve-se no Brasil a preocupação de algumas instituições e mesmo personalidades políticas, artísticas e intelectuais, com a preservação da memória. Para um país sem tradição de memória, ou mesmo de uma política de preservação histórica, as iniciativas observadas nessas últimas décadas sinalizam uma mudança de mentalidade em relação ao passado.

Algumas características da formação social brasileira concorrem para esta diminuta tradição de preservação da memória: uma classe dominante que com poucas exceções atribuiu sempre reduzido valor ao mundo da cultura;¹ uma política de modernização voltada de forma predominante para o futuro sem estabelecer relações com a diversidade de experiências do passado; uma estrutura educacional que apresenta a história predominantemente como objeto de memorização e reificação de heróis e datas oficiais.²

1 Chauí, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico in O Direito à Memória - Patrimônio Histórico e Cidadania/DPH. São Paulo: DPH, 1992.

2 Fonseca, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Campinas, SP: Papirus, 1993.

Nesse cenário, o movimento de preservação e retorno ao passado (embora os fatores acima enumerados não tenham se transformado) apresenta sinais de um novo valor que vem sendo atribuído ao passado. Apesar do interesse ou enfoque dado à história nos países capitalistas mais avançados seja muitas vezes distinto dos demais países é revelador este debruçar sobre o passado tendo como um dos campos privilegiados uma abordagem teórico-metodológica que privilegia a memória e os depoimentos.³

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa voltado para a reconstrução da memória e da história do Instituto Aggeu Magalhães (IAM) e da saúde pública em Pernambuco. Registrando histórias de vida de funcionários dos diversos segmentos do IAM, construiu-se um mosaico multifacetado. Como em um labirinto, ele oferece muitas trilhas ao leitor, mas não encerra nenhum significado a priori. Antes é um convite para um silencioso diálogo, onde a memória narrada projeta infinitas leituras ao olhar dos visitantes que dispuserem-se a decifrar seus caminhos.

Como movimento tópico de resistência ao silêncio e ao esquecimento, este projeto do IAM associa-se e é produzido em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz, materialização da filosofia que estabelece o lugar e o significado da história para e na Fiocruz.

Comemoração como Memória

O sentido da comemoração é indissociável de um movimento de restabelecimento de marcas que, através de rituais diversos, ressignifica o passado. Missas, solenidades públicas com participação de autoridades dos diversos escalões de poder e membros da instituição, discursos, entrega de diplomas alusivos a serviços prestados, descerramento de placas, bustos, monumentos, inaugurações de prédios constituem o universo onde a história é reinventada ao fundar aos olhos do presente um passado sem tensões, contradições, disputas, lutas pelo poder.⁴ O olhar

3 Janotti. Maria de Lourdes Mônaco; Rosa. Zita de Paula. História oral: uma utopia? in Memória, História. Historiografia - Dossiê ensino de História. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh/Mareo Zero vol. 13, n° 25/26, setembro 92/agosto 93.

4 Ferro. Marc. A História Vigiada. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção o homem e a história)

do presente, a partir dos rituais "da festa", projeta um passado harmônico, onde elementos constitutivos e fundantes do cotidiano são apagados, esquecidos. Esta prática relaciona-se a uma característica da cultura brasileira e mesmo do Ocidente cristão de não incorporar os fracassos, as derrotas, os equívocos, os erros ao universo da experiência, o que concorre para tornar o ritual da comemoração sinônimo de um tempo único.⁵

Nesse cenário, a história de instituições, empresas, famílias vem crescentemente incorporando aos rituais das comemorações o trabalho de reconstrução da memória de pessoas (muitas idosas) consideradas significativas para aquele grupo.⁶

O espírito que move o depoimento projeta-se no corolário da comemoração colocando o entrevistado em uma perspectiva pré-anunciadora de uma festa que se reafirma pela glorificação do passado, onde este é parte instituinte (enquanto narrador) e constituinte das relações passadas e/ou presentes do grupo.

Livros de memórias são então produzidos, transformando-se o passado em uma reelaboração individual, onde momentos vivenciados coletivamente são revisitados a partir de uma ótica particular. Reafirma-se em princípio uma memória histórica, onde as marcas individuais são ressignificadas sob a ótica do narrador.

Piere Nora, em sua Introdução à Coleção - Os lugares da Memória -, no volume dedicado "A República", realiza uma análise crítica a esta proliferação de memórias. Mas antes estabelece o cenário conceitual do que entende pelo conceito de memória e história. "...Longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos

5 Benjamim. Walter. Experiência e Pobreza in Obras Escolhidas - Magia e Técnica/Arte e Política. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985

6 Montenegro, Antônio Torres et ai (organizadores). Engenheiros do Tempo.(História de Vida de Professores) - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

os usos e manipulações... A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico..."⁷

Suas ricas e provocantes análises da relação Memória e História têm como um dos pontos de partida a perspectiva de Maurice Halbwachs. Para ele haveria uma memória verdadeira, sinônimo do que está vivo na mente das pessoas, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou mesmo onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhas daquela lembrança.⁸

Nora, ao tomar Halbwachs como parâmetro para o entendimento da relação memória e história, reafirma uma perspectiva idealizada da memória, ao defini-la como verdadeira, quando viva, atuando no seio do grupo. Haveria dessa forma a verdadeira memória contrapondo-se à falsa memória. No entanto, hoje, em uma sociedade onde a velocidade e a ruptura⁹ são uma das marcas dominantes, o modelo de memória acima descrito ajuda pouco a compreender o significado e a função da memória. Assistimos há muito ao crescente desaparecimento e/ou transformação de comunidade, grupo, família nuclear e por extensão dos lugares predominantes de fundação e manutenção de uma memória "verdadeira" a que se refere Nora. Nesse aspecto são reveladoras as observações de Hobsbawm: "A certa altura da década de 1970, reformadores sociais nos países anglo-saxões, justamente chocados (como ficavam os pesquisadores de vez em quando) pelos efeitos da institucionalização sobre os doentes ou perturbados mentais, fizeram com êxito campanha para tirar do confinamento tantos deles quanto possível, 'a fim de receberem cuidados da comunidade'. Mas nas cidades do Ocidente não havia mais comunidade para cuidar deles. Não havia parentesco."¹⁰ Nesse sentido, analisando as transformações culturais contemporâneas, que em seu estudo privilegia a problemática da família nuclear, registra: "O drama das tradi-

Nora. Piere. Entre Memória e História (A problemática dos Lugares) in Projeto História 10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. SP: Brasil. 1993.

8 Halbwachs, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. 1990, Pag. 80/84.

9 Virilio, Paul; Sylvere Lotringer. Guerra Pura. A militarização do cotidiano. São Paulo: Brasilense. 1984.

10 Hobsbawm. Eric. A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1919). São Paulo: Companhia das Letras. 1995, p. 330.

ções e valores desmoronados não estava tanto nas desvantagens materiais de não ter os serviços sociais e pessoais outrora oferecidos pela família e pela comunidade... Estava na desintegração dos velhos sistemas de valores e costumes, e das convenções que controlavam o comportamento humano... Refletiu-se no surgimento do que veio a ser chamado de 'política de identidade'..."

A questão da identidade é indissociável da memória. Ao apontar as transformações de que são alvo a família, o grupo, a comunidade e por extensão seus valores e práticas, o autor nos remete à problemática dos suportes que garantiam uma memória coletiva e por extensão individual. O desaparecimento e/ou transformação destes "lugares" revelam que os modelos de identidade estão em processo de reelaboração e por extensão os de memória individual e coletiva.

Nesse cenário de mudanças é que poderemos instituir alguns sinais para compreensão do movimento generalizado de produção de memórias.¹¹ A partir do processo de desaparecimento dos lugares tradicionais da construção das memórias individuais, a necessidade social de referências do passado institui o que Henry Rousso vem a denominar de História da Memória.¹² No entanto, à medida que os registros da memória ocupam o campo da história, através do trabalho de entrevistas ou de autobiografias, é fundamental estar atento para os riscos de uma espécie de metonímia, ao tomar a parte pelo todo.¹³ E por outro lado destacar, como observa De Decca, que a dimensão crítica da história deve estabelecer um rico debate com a memória, possibilitando a fundação de múltiplas identidades e não "a busca do mesmo no espelho do passado".¹⁴

As memórias narradas pelos autores/personagens do IAM reconstituem acontecimentos diversos da história social, da história política, da história cultural. A esta riqueza documental, onde muitos registros seriam

11 De Decca, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania in O Direito à Memória - Patrimônio Histórico e Cidadania/DPH. São Paulo: DPH, 1992

12 Rousso, Henry. A memória não é mais o que era in Usos & Abusos da História Oral. Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado, (coordenadoras). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

13 Ibid, p. 96.

14 De Decca, Edgar Salvadori, op cit, p. 135.

impossíveis de encontrar em outras fontes, voltará o historiador a debruçar-se desconstruindo significados e projetando outras redes narrativas.

O infinito recriar

No que tange ao embate teórico acerca da relação história e memória, há alguns aspectos significativos a serem destacados que se referem fundamentalmente às especificidades teórico/metodológicas das fontes escritas e orais. Os documentos de cartórios, igrejas, hospitais, prisões, imprensa oferecem ao historiador o registro de uma história imediata. Estes são representações¹⁵ construídas a partir de modelos institucionalizados de formas de percepção, catalogação, controle, condenação... A memória individual, embora tenha como modelo ou referência a memória coletiva instituída a partir das formas de entendimento produzidas por um partido, um grupo religioso, de trabalho, étnico, entre outros, possibilita recuperar como um acontecimento foi interiorizado, vivido por aquela parcela da sociedade a partir de um relato pessoal.¹⁶ Nesse aspecto, a diversidade das fontes pode enriquecer o trabalho do historiador. Mas essa perspectiva só será possível na medida em que o historiador em tela tenha como princípio teórico a história como invenção do passado, já que o acontecimento como aconteceu é uma referência gnoseológica, ontologicamente impossível de ser apreendido. Dessa forma, não há uma verdade a ser alcançada, mas um processo de construção/desconstrução de sentidos e significados. No entanto, para os historiadores que definem como sua função precípua narrar o que os documentos expressam e não discutem o fato de que qualquer documento é sempre uma construção, e portanto passível de infinitas leituras, o registro da memória pelas suas características multifacetadas constitui-se em uma fonte impossível de ser trabalhada. Observa Portelli que o aspecto importante da memória é que esta não é um depósito de fatos, mas um ativo processo de criação

15 Sá, Célio Pereira de. 1. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria: in Spink, Mary Jane.(org.) O Conhecimento no Cotidiano.(As representações sociais na perspectiva da psicologia social). São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

16 Montenegro, Antônio Torres. História Oral e Memória (A cultura popular revisitada). São Paulo: Editora Contexto. 1992.

de sentido, e nesse aspecto revelador de como o narrador constrói um sentido para o passado e para a sua vida.¹⁷

Uma outra dimensão a analisar no que se refere especificamente aos relatos orais de memória diz respeito às formas de revisitar o passado. Embora as experiências do presente e a própria vida possibilitem um processo contínuo de mudanças na forma de significar o passado, há experiências que evidenciam casos de entrevistados que estão sempre a repetir basicamente o mesmo relato. Para eles é como se o tempo, as novas experiências cotidianas não alterassem o significado estabelecido na relação com as marcas depositadas na memória.¹⁸ Embora Bergson em *Matéria e Memória* tenha defendido a impossibilidade de visitarmos duas vezes a mesma memória, ou em um paralelo com Heráclito, seria o mesmo que reafirmar a metáfora de que "o homem jamais banha-se duas vezes no mesmo rio", a memória narrada é indissociável da linguagem. A sintonia entre este refazer constante e a permanência estaria depositada nas infinitas combinações de palavras. Entretanto, apesar das variadas combinações, é possível reconhecer um significado constante em muitos relatos. Nesse caso, a mudança no significado de uma memória narrada não decorreria da variação lingüística, ou da limitação epistemológica em revisitar a mesma lembrança. A direção consciente e a repetição de um mesmo significado que o narrador institui ao seu relato seriam sobretudo resultantes dos condicionantes do presente. No entanto, a experiência de devolver ao entrevistado sua memória oral - sobretudo de intelectuais - tem se constituído para alguns destes em momentos de extrema apreensão, como se na passagem do relato oral (a fita gravada) ao texto (transcrito/editado) o significado que deseja-se fundador houvesse escapado. Muitas razões poderiam ser relacionadas a este choque na passagem do oral ao escrito. Para alguns, o sentido "livre" próprio do relato oral adquire "outros" significados quando transformado em linguagem escrita. Para outros, ainda, a transcrição por si só não reconstruiria o contexto, a entoação, o ritmo, a altura da voz, traindo dessa forma o próprio significado da narrativa oral. Outros, entretanto, recebem seus relatos transcritos

17 Portelli, Alessandra. *The Death of Luigi Trastulli and other stories. Form and Meaning in Oral History*. New York: State University of New York Press, 1991. P. 52.

18 *Ibid.* p. 52.

e, apesar de extensos e pontilhados de "confissões pessoais", nada alteraram. Essas diferentes formas de reconstrução da história de vida, lembram-me o padre Daniel Lima¹⁹ que, antes de iniciar sua memória oral estabeleceu o seguinte princípio: "Tentarei inicialmente reconstruir como ocorreu ou como consigo lembrar e depois como 'vejo' com os olhos do presente". Esse é mais um elemento para compreendermos a diversidade de reações na passagem do oral ao escrito.

Visitando as Memórias do Instituto Aggeu Magalhães

20

Ao concluir o trabalho de 18 entrevistas de histórias de vida, projeta-se um diversificado mural de fatos da vida familiar, experiências diversas e o diuturno operar do mundo do trabalho. Para nós, que tivemos a oportunidade de ouvir, de participar junto aos narradores nesse processo de parturição/reconstrução de marcas do passado, infinitos aprendizados. Em cada relato, uma forma própria de significar a própria vida, experiências múltiplas, derrotas, vitórias, equívocos, desafios, conquistas. Cada narrador, a seu modo, e no esforço de selecionar o que relatar, estabeleceu um sentido à sua própria história. Revisitou experiências díspares, apagou outras, involuntariamente defrontou-se com passagens que pareciam definitivamente sepultadas. Alguns, posteriormente, lembraram momentos que depois de uma metódica avaliação e se "ainda houvesse tempo" acrescentariam aos seus relatos.

A seu modo, cada entrevistado criou um sentido, um significado, para suas vidas na relação com o Instituto Aggeu Magalhães. Esse processo de produção do passado - consciente e inconsciente - esteve e está marcado pela forma como no presente cada um deseja-se reconhecido.

19 Padre Daniel Lima, 82 anos, entrevistado pela equipe do Setor de Documentação Oral do Departamento de História da UFPE, no Projeto "Guerreiros do Além-Mar". (Apoio CNPq)

20 Estas entrevistas incluíram quatro ex-diretores, a diretora em exercício, seis pesquisadores em atividade e dois aposentados, cinco funcionários administrativos aposentados, apesar de três destes terem sido recontratados. Os critérios básicos de escolha dos entrevistados foram: tempo de serviço e área de atividade, de forma que todos os setores da instituição fossem contemplados.

O caminho que se encerra com a publicação dessas memórias poder-se-ia associar a uma passagem de Graciliano Ramos quando escreve em *Infância*: "A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e, se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem brilhante e esguia permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma."²¹

A memória que guardamos está associada de forma permanente ao outro. Como descreve Graciliano, é através do processo social da linguagem que se estabelece o "conteúdo e a forma", sendo impossível distinguir os limites entre o que denominamos sonho e o real.

Antônio Torres Montenegro
Professor do Departamento e da Pós-Graduação
de História da UFPE

21 Ramos. Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Reecord. 1992.

INTRODUÇÃO

A morte acaba com tudo, mas a memória traz de volta a vida.

As pessoas só existem na memória.

Herbert de Souza (Betinho)

U

Um a visita ao passado". Este foi o convite formulado a 18 profissionais ligados ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, hoje denominado Instituto Aggeu Magalhães,¹ por ocasião do aniversário de 45 anos da instituição. Foram indicadas para participar da recuperação desta história institucional, através de entrevistas, pessoas das diversas áreas da instituição, desde diretores e pesquisadores a funcionários administrativos que estejam ou não desenvolvendo ainda suas atividades.

Durante cerca de dois anos trabalhamos junto aos entrevistados, buscando através de suas histórias de vida possibilitar a reconstituição da história institucional. Esta publicação contém as entrevistas transcritas, editadas e aprovadas por seus depoentes, não constituindo-se, desta forma, em uma análise histórica da instituição. Trata-se de uma coletânea de relatos de experiências.²

Cada um destes relatos configura-se como um processo de reconstrução de determinadas vivências elaboradas a partir da memória. É o passado reconstruído. É o tecer de uma teia na qual as experiências de vida vão sendo revisitadas e reorganizadas permitindo, através do ato de rememorar, novas construções da própria vida, estruturada pela valorização simbólica da personalidade do depoente. Este processo constitui-se,

1 Na época em que realizamos as entrevistas, a instituição assumia ainda a denominação de Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Ao ser criada, em 1950, chamava-se Instituto Aggeu Magalhães, em 1958 passou a Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães e em 1996, assumiu a atual denominação de Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães. Hsta última denominação, porém, ainda não foi incorporada ao cotidiano institucional, sendo ainda referida a denominação de centro de pesquisas.

2 Em sua maioria, os textos referentes às entrevistas editadas foram mantidos, após a leitura pelos entrevistados, sendo incorporadas pequenas alterações ou subtraídos alguns trechos repetitivos ou julgados inadequados pelos próprios depoentes; somente dois reelaboraram os textos originais.

sobretudo, como uma reflexão sobre o passado elaborada em parceria entre o entrevistado e o(s) entrevistador(es).

A biografia assim construída - em parceria e através da oralidade- diferencia-se da autobiografia, na medida em que incorpora o pesquisador como interlocutor. Além disso, traduz-se por uma linguagem diferenciada da escrita, propriamente dita, na medida em que trata-se de uma narrativa editada.

A leitura destes depoimentos permitirá ao leitor, sem dúvida, construir um olhar sobre este centro de pesquisas, para além de uma narrativa de fatos, situando estes personagens na vida cotidiana do estado de Pernambuco. Ao trabalharmos com histórias de vida traçamos um ângulo de observação que nos permite olhar tanto para fora como de fora das "janelas institucionais", percebendo os personagens da história não somente pelos seus cargos ou funções, e sim pelo espaço ocupado como sujeitos históricos.

A memória institucional a ser reconstruída acompanha a mesma lógica da reconstrução da memória individual; é feita à luz do presente. É este que (re)dimensiona o passado, pois as experiências do presente nos permitem observar e reconstruir o passado com significados diferenciados. Os significados acerca do trabalho e da vida cotidiana reconstituídos nas entrevistas são ímpares, já que individuais. A individualidade das entrevistas, no entanto, compõe um todo, observável a partir da leitura do conjunto das entrevistas.

Todas as entrevistas foram transcritas e editadas, tendo-se o cuidado de manter a individualidade do narrador. Ao transformarmos a linguagem falada, gravada em fitas, para a linguagem escrita aqui impressa, buscamos incorporar as singularidades das narrativas, tentando ao máximo nos aproximarmos do texto narrado. Nossa intenção, ao editarmos o texto transcrito, é a de tornar possível a leitura do texto narrado. Ao procedermos a edição, além de adaptarmos a linguagem, buscamos agrupar os assuntos a fim de que o texto não ficasse repetitivo para o leitor. Este documento, portanto, não tem a preocupação de retratar a mesma estrutura de reconstrução da trajetória de vida elaborada pelo entrevistado e sim manter, ao máximo, fidelidade ao conteúdo. Sem dúvida, trata-se de um documento diferente da gravação e da transcrição, porém somente na forma e não no conteúdo.

3 Dado o uso constante de siglas, referentes em geral a instituições que não necessariamente são do conhecimento do leitor, elaboramos um índice específico (anexo), com a indicação da nomenclatura institucional completa, além de sua indicação nos próprios textos

Esta publicação traz, além das entrevistas biográficas devidamente editadas, o sumário das entrevistas originais acompanhado da ficha técnica de cada uma das entrevistas, uma cronologia institucional e um índice de nomenclaturas institucionais com as siglas correspondentes, referenciadas pelos entrevistados. Todas as entrevistas na íntegra estão arquivadas e disponibilizadas para consulta, tanto em forma de fita gravada quanto de transcrição, no acervo da Casa de Oswaldo Cruz, sob a responsabilidade do Departamento de Arquivo e Documentação, na sede da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e no Setor de Documentação Oral do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife.

Esperamos com esta publicação possibilitar a reflexão acerca da vida institucional e auxiliar o seu amadurecimento, divulgando a história deste instituto formulada por parte dos personagens que o construíram.

A todos que contribuíram para que este trabalho fosse concretizado expressamos aqui nossos agradecimentos, em particular aos entrevistados que aceitaram nosso convite e se entregaram a esta viagem ao passado. À Eridan Coutinho e a Rômulo Maciel Filho, diretora e vice-diretor do Instituto Aggeu Magalhães agradecemos a possibilidade de reafirmar o papel da pesquisa histórica como um espaço de reflexão sobre o presente. A Paulo Gadelha, diretor da Casa de Oswaldo Cruz, que sempre apostou no fortalecimento das relações interinstitucionais e na produção coletiva do conhecimento, agradecemos seu irrestrito apoio desde os momentos iniciais dessa caminhada.

Breve Histórico Institucional

O atual Instituto Aggeu Magalhães tem sua origem no desejo de um grupo de estudiosos em dedicar-se ao estudo das helmintoses presentes na região nordestina de nosso país. Compunham este grupo Aggeu Magalhães, Evandro Chagas e Aluísio Bezerra Coutinho, que chegaram a desenvolver estudos sobre helmintoses, constituindo o embrião do futuro instituto de pesquisas, a partir da criação, em 1930, do Serviço de Verificação de Óbitos [SVO]. Este órgão era subordinado ao Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco e desenvolvia suas atividades articulado à cadeira de anatomia patológica da Escola de Medicina. O SVO foi pioneiro na descrição anatomo-patológica de casos de esquistossomose em Pernambuco, tornando-se também uma referência de pesquisa no campo da anatomia patológica, consolidado principalmente, dada a sua aproximação com a Escola de Medicina, pela dupla atuação

de Aggeu Magalhães, como diretor do serviço e catedrático da faculdade. O interesse de Evandro Chagas, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, por investigações em doenças tropicais no norte e nordeste do país, traduzia-se pelo incentivo à criação de instituições dedicadas a estas áreas de pesquisa, tendo implantado, em 1936, o Instituto de Patologia Experimental do Norte. Aluísio Bezerra Coutinho, aliado ao projeto de criação de um instituto de pesquisas, era catedrático da Escola de Medicina e assistente de Aggeu Magalhães.

Aggeu Magalhães Filho narrou-nos que Evandro Chagas e Aggeu Magalhães, seu pai, "eram dois cientistas conversando com entusiasmo", sobre a possível instalação em Recife de um centro de helmintoses, que seria inicialmente vinculado ao Serviço de Verificação de Óbitos. O falecimento de Evandro Chagas interrompeu, porém não inviabilizou, a continuidade do trabalho inicial. Em 1950, com a influência de Amilcar Barca Pellon, na época, diretor do Departamento de Organização Sanitária [DOS], do Ministério da Educação e Saúde, criou-se o Instituto Aggeu Magalhães. Nas palavras de Aggeu Filho: "Certa vez, Barca Pellon entrou na sala [do SVO] com muito entusiasmo, dizendo: Aggeu, cheguei para realizar o grande sonho, seu e do Evandro. Vamos construir um Centro de Helmintoses em Pernambuco".⁴ O governo do Estado de Pernambuco cedeu um terreno vizinho ao Hospital Centenário do Recife, para a construção do novo centro de pesquisas, na rua do Espinheiro, que foi equipado pela DOS/ Ministério de Educação Saúde. Antes de terminadas as obras, Aggeu Magalhães faleceu, sendo indicado para dirigir o então Instituto Aggeu Magalhães o dr. Frederico Simões Barbosa. Para Frederico a indicação de seu nome como diretor não deve ter sido "uma negociação fácil", pois era governador do estado Barbosa Lima Sobrinho, representante do Partido Social Democrático, mesmo partido de Agamenom Magalhães, com quem mantinha acirradas e antigas desavenças.

Em 2 de setembro de 1950, durante a realização do VIII Congresso Brasileiro de Higiene, palco das discussões e comprovações da grave situação de saúde em que se encontrava a população brasileira, foi inaugurado o instituto. O discurso de Amilcar Barca Pellon no ato de inauguração demonstra este quadro. Dizia ele: "O resultado do inquérito escolar

4 Entrevista com Aggeu Magalhães Filho. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

5 Entrevista com Frederico S. Barbosa. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

trazido a debate no VIII Congresso já nos fornece elementos suficientes para aquilatar a importância e gravidade destas parasitoses (...), encontramos o coeficiente de 46% de infecção por ancilostomídeos e 10% por schistosomídeos, o que nos permite a grosso modo avaliar em torno de 12.300.000 os atacados por ancilostomose e 2.600.000 por esquistossomose" (Jornal do Commercio, 03/09/50).

A estrutura do instituto subordinado, na época da criação, ao Ministério da Educação e Saúde, dada a carência de pessoal, era formada por laboratórios que seguiam a especialidade dos pesquisadores que foram, aos poucos, sendo incorporados à instituição. No início, segundo Frederico, era composto por quatro pessoas: ele, um motorista, uma secretária e um servente.⁶ Em 1952, estava organizado em cinco laboratórios: Parasitologia, coordenado pelo próprio dr. Frederico Simões Barbosa; Higiene Aplicada, por Gervásio Melquíades; Bioquímica, por Bento Magalhães Neto; Imunologia e Microbiologia, por Antônio Souto e Patologia, por Raimundo Barros Coelho.

Devido à escassa verba destinada ao instituto foram estabelecidos convênios, principalmente, com a Organização Mundial de Saúde/ Organização Pan-americana de Saúde [OMS/OPAS] e obtidos financiamentos externos.

Em 1956, com a criação do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), o IAM passou a ser subordinado a ele, vinculado diretamente ao Instituto Nacional de Endemias Rurais [INERu], denominando-se, a partir de 1958, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], o que vigorou até 1996, quando foi alterado para Instituto Aggeu Magalhães.

A esquistossomose, principalmente através dos estudos sobre ecologia dos moluscos e a ação dos moluscídeos, constituiu-se como a grande preocupação de Frederico S. Barbosa, traduzindo-se no período de 1950 a 1959 com 77% dos 131 trabalhos publicados pela instituição. Neste período, a estação biológica de São Lourenço da Mata, que havia sido posto de atendimento de helmintoses da DOS e que estava vincula-

6 Entrevista com Frederico S. Barbosa. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

7 O DNERu foi criado em 1956 como órgão integrante do Ministério da Saúde, cabendo-lhe "organizar e executar os serviços de investigação e promover o combate" às doenças endêmicas. Sua estrutura era constituída, entre outros órgãos, pelo Instituto Nacional de Endemias Rurais, ao qual estavam subordinados os centros de pesquisa, onde se incluía o CPqAM.

do ao instituto, favoreceu o desenvolvimento de vários estudos experimentais. A carência de pessoal dificultava a implantação ou mesmo manutenção de suas linhas de pesquisa, que sofriam por este motivo de séria instabilidade. O laboratório de Higiene Aplicada, por exemplo, teve suas atividades interrompidas pelo falecimento de seu responsável, Ger-vásio Melquíades. Os laboratórios de Química, Imunologia e Patologia tiveram dificuldades iniciais devido à saída de três pesquisadores. Até 1962 o CPqAM publicava uma revista denominada *Publicações Avulsas*, responsável pela divulgação dos trabalhos científicos do instituto, que foi interrompida no sexto volume. !8*

O IAM/ CPqAM ficou sob a direção de Frederico S. Barbosa até 1962, quando, por mudanças políticas no Ministério da Saúde, foi destituído do cargo sendo indicado para ocupá-lo Durval Lucena, que permaneceu na direção da instituição até 1964. Em sua gestão a área de investigação em doença de Chagas foi incrementada.

Nesta ocasião, José Rodrigues da Silva assumiu o Instituto de Endemias Rurais, órgão a que estava vinculado o centro de pesquisas, e convidou Frederico para retornar ao CPqAM. O convite foi aceito, permanecendo na direção até 1969. A segunda gestão de Frederico foi marcada pelo estabelecimento de novos convênios, destacando-se o formulado com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, para a instalação de um pólo de investigação na área de peste, doença que vinha se impondo no quadro endêmico nordestino. Este projeto envolveu também a parceria do Instituto Pasteur, de Paris, através do envio de pesquisadores da França que participaram da investigação diretamente. O CPqAM contratou para este projeto dois pesquisadores, Célio Rodrigues de Almeida e Alzira Maria Paiva de Almeida, que recém-casados implantaram o trabalho no lugarejo de Exu, no interior de Pernambuco, a cerca de 600 quilômetros de Recife. Posteriormente, parte do laboratório de Exu foi transferida para Garanhuns, recebendo mais tarde a classificação de Laboratório de Referência para Diagnóstico de Peste, e, hoje, no próprio Aggeu Magalhães, desenvolve-se significativo trabalho acerca da doença. Inicialmente, a preocupação da equipe lotada em Exu era, além de

<S Publicações Avulsas do IAM/ CPqAM teve início em 1951 e manteve periodicidade anual até o volume 5, publicado em 1956. O volume 6 foi organizado em 1962 como uma coletânea dos trabalhos já publicados pelos pesquisadores da instituição no período de 1956 a 1962.

controlar a doença, comprovar a tese de sua transmissão por pulgas silvestres, contrariando os "pestólogos" brasileiros, no que obtiveram sucesso. Atualmente, o laboratório desenvolve pesquisa em biotecnologia aplicada ao estudo epidemiológico, sob a orientação de Alzira Paiva. A equipe que desenvolvia pesquisas em esquistossomose, conforme nos colocou Otamires Alves da Silva, realizou também trabalhos em educação em saúde, informando à população sobre a doença, transmissão e cuidados.⁹

Em 1969, Frederico Simões Barbosa aceitou o convite para trabalhar na Organização Mundial de Saúde, assumindo a direção da instituição, Saul Tavares de Melo e Dirceu Barbosa, sanitaristas que até 1978 conduziram o centro. No ano seguinte ao início da gestão, em 1970, no bojo de uma série de mudanças no Ministério da Saúde, o centro foi incorporado à Fundação Oswaldo Cruz.¹⁰ Até o ano de 1974, Dirceu ocupou a vice-direção passando com a saída de Saul ao cargo de diretor. Segundo Saul, que chefiava o Serviço Nacional de Peste, Celso Arcoverde, diretor Geral do DNERu naquele momento, foi o responsável pela sua indicação para a direção do CPqAM. Foi no início de sua gestão, em 1974, que criou-se o Laboratório de Peste em Garanhuns, cidade vizinha a Recife, sob a coordenação inicial de Alzira e Célio Almeida, que deixaram Exu e aí permaneceram durante algum tempo.

No final da década de 1970, o CPqAM passava por uma crise institucional bastante grave, com uma produção científica inexpressiva. Segundo a bibliotecária Luciana Abrantes, o centro passou cerca de dez anos sem manutenção de assinaturas de revistas, distanciando a instituição das publicações mais significativas, o que só foi retomado a partir de 1986.¹¹ Diante desta crise, Aggeu Magalhães Filho, que havia pertencido aos quadros do centro, mas que naquele momento encontrava-se na Universidade Federal de Pernambuco, foi convidado por um grupo de funcionários para assumir a direção do CPqAM, o que ocorreu em 1978. Duran-

9 Entrevista com Otamires Alves da Silva, acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

10 Entre as mudanças ministeriais de 1970, verifica-se a criação da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública [SUCAM], a partir da fusão do DNERu e das Campanhas de Erradicação da Varíola e da Malária. Na mesma data a Fundação de Recursos Humanos para a Saúde teve sua denominação alterada para Fundação Instituto Oswaldo Cruz, incorporando em sua estrutura, entre outros órgãos, os centros de pesquisa, inclusive o CPqAM.

11 Entrevista com Luciana Abrantes. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

te este período percebe-se o início de um processo de reestruturação do centro com o reaparelhamento do Laboratório de Imunologia e Microbiologia e a implementação de algumas áreas de pesquisa, como a leishmaniose, a doença de Chagas e a peste.

Ainda na gestão de Aggeu, o CPqAM foi transferido para o campus da Universidade Federal de Pernambuco. Aggeu como representante da universidade e da Fiocruz negociou um convênio com o governo japonês que envolveu a criação de um laboratório de imunopatologia vinculado à UFPE e a transferência do CPqAM para o campus universitário. Este convênio, estabelecido entre a universidade e o governo japonês, por sugestão de Aggeu Magalhães Filho, incorporou à Fiocruz, através de um acordo entre a fundação e a universidade, traçando novos rumos para o centro de pesquisas. Coube à fundação a construção de um prédio que abrigou o CPqAM e o Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami [LIKA], da universidade. O acordo firmado entre a universidade e a Fiocruz cedia, em comodato para a fundação, um terreno no campus universitário em troca da construção de um prédio onde seriam instalados o CPqAM e um laboratório de imunopatologia. Este último seria organizado pelo governo japonês e ficaria vinculado à universidade, cabendo porém à Fiocruz, além da construção do prédio, "fornecer e manter servidores administrativos, liberar recursos financeiros e orçamentários para atender o funcionamento básico do laboratório (limpeza, energia elétrica, gás, telefone e manutenção de equipamentos e material permanente) e ceder uma viatura com a respectiva manutenção para o uso exclusivo do laboratório de imunopatologia". O acesso aos equipamentos japoneses por parte dos cientistas do CPqAM, motivação inicial para a consolidação do convênio, seria facultado "ao desenvolvimento de projetos comuns ou individuais, mediante acerto entre as respectivas chefias respeitada a prioridade do pessoal do laboratório" (Termo de Ajuste Complementar - 31/08/84). As mesmas condições seriam indicadas para a relação inversa. Este convênio e a criação do LIKA deram origem a acirradas polêmicas, que estabeleceram importantes significados para os personagens da instituição, cujas interpretações podem ser visualizadas em algumas das entrevistas.

Quando Sérgio Arouca assumiu a presidência da Fiocruz, em 1986, convidou André Furtado para exercer o cargo de vice-diretor de Ageu Magalhães Filho, nomeando-o, neste mesmo ano, com a saída de Ageu, para o cargo de diretor do centro. A gestão de André deu-se no período de dezembro de 1986 a 1993 e teve Hélio Bezerra Coutinho, que estava aposentado pela Universidade Federal, como vice-diretor. Na realida-

de, após uma avaliação dos trabalhos desenvolvidos no centro, era intenção inicial de Sérgio Arouca desativar a instituição por "falta de produtividade científica",¹² como narrou-nos Hélio Coutinho. Ao solicitarem verbas para a tentativa de soerguimento da instituição, os novos diretores ouviram de Arouca a resposta negativa: "Não vão receber um tostão a mais. Eu seria um irresponsável se alocasse recursos da Fiocruz numa massa falida".¹³

A gestão de André foi marcada pela preocupação com a formação e qualificação de recursos humanos através de financiamentos externos e incentivo à capacitação nos centros de pesquisa no exterior. Foi implantada a estrutura departamental com a organização dos departamentos de Imunologia, Microbiologia, Parasitologia, Patologia e Biologia Celular, Entomologia e do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva [NESC]. Este último foi criado em 1987, em convênio com o governo do Estado de Pernambuco, na época de Miguel Arraes, que cedeu o Hospital Pedro II para a instalação do núcleo como uma escola de saúde pública. Até então, a Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz era responsável pelos cursos regionalizados para a formação de sanitaristas no Nordeste.

A incorporação à Fiocruz, a transferência para o campus da universidade e a gestão de André Furtado são apontadas nas entrevistas como principais responsáveis pelo crescimento da instituição diante do momento de crise por que passava. A vinculação com a Fiocruz, apesar de se dar desde 1970, somente é sentida de fato na década de 80, segundo nos apontaram alguns entrevistados, quando Coura era responsável pela área de pesquisa da fundação, consolidada na gestão de Sérgio Arouca, tendo Carlos Morei como vice-presidente de pesquisa e incentivador do projeto de manutenção do centro. A transferência para o campus é percebida como uma melhoria em relação às acomodações disponíveis no prédio do Espinheiro, porém é pouco vinculada ao convênio com o governo japonês, lembrado, por outro lado, de forma bastante enfática e crítica pelos pesquisadores que a ele assistiram de perto.

Em 1989, seguindo o processo político vivenciado pela fundação como um todo, o CPqAM passou pela sua primeira eleição de diretoria. Foram candidatos: André Furtado, Hélio Bezerra Coutinho, Otamires Alves da Silva e Eridan Coutinho. A eleição foi realizada através de três es-

12 Entrevista com Hélio Coutinho. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

13 Entrevista com Hélio Coutinho. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

crutínios e ao final compôs-se uma lista tríplice formada por André, Otamires e Hélio, tendo sido então indicado pelo Presidente da Fiocruz André Furtado para permanecer no cargo, mantendo Hélio Coutinho como vice-diretor.

A segunda gestão de André Furtado corresponderia ao período de quatro anos, finalizando então em 1993, quando foi eleita como candidata de consenso Eridan Coutinho, que convidou Rômulo Maciel Filho para exercer o cargo de vice-diretor.

A gestão de Eridan deu continuidade ao processo de capacitação de recursos humanos, investindo também no pessoal de nível técnico e administrativo. Foram executadas várias mudanças na estruturação do centro, como é o caso da criação do Serviço de Apoio Técnico-Científico [SATEC], do Núcleo de Informação Científica e Comunicação¹⁴ [NICC], que vêm inclusive desenvolvendo pesquisas nas suas áreas de competência, e ampliação da área construída para adequação dos laboratórios às atividades atuais.

Várias áreas de pesquisa e epidemiologia foram criadas ao longo da trajetória institucional, além da esquistossomose, temática que inaugurou as pesquisas do instituto. A doença de Chagas teve os primeiros estudos com Durval Lucena, e hoje é uma área de investigação conduzida por Iara Gomes. Os estudos em leishmaniose estão incorporados a um convênio com o governo francês através de Loïc Monjour, sob orientação de Otamires Alves da Silva. A pesquisa em filariose é hoje bastante desenvolvida, sendo indicada como instituição de referência mundial, sob a coordenação inicial de Gerusa Dreyer, que dedica-se à investigação e ao atendimento ambulatorial dos doentes de filariose. Na área de filariose desenvolve-se também, sob a coordenação de André Furtado, estudos sobre vetores responsáveis pela transmissão da doença. As helmintoses intestinais também constituem-se como uma área de investigação, principalmente através de estudos voltados para os aspectos imunológicos, desenvolvida em convênio com a Universidade de Nottingham, na Inglaterra, e de Aberdeen, na Escócia. Duas estações de campo são mantidas pelo instituto de pesquisas; em São Lourenço da Mata desenvolve-se trabalhos sobre esquistossomose e em Exu, estudos sobre peste.

14 O NICC originou-se da fusão do Núcleo de Informação Científica [NIC] com a Assessoria de Comunicação do CPqAM, em 1997, criados no período 1994-1997.

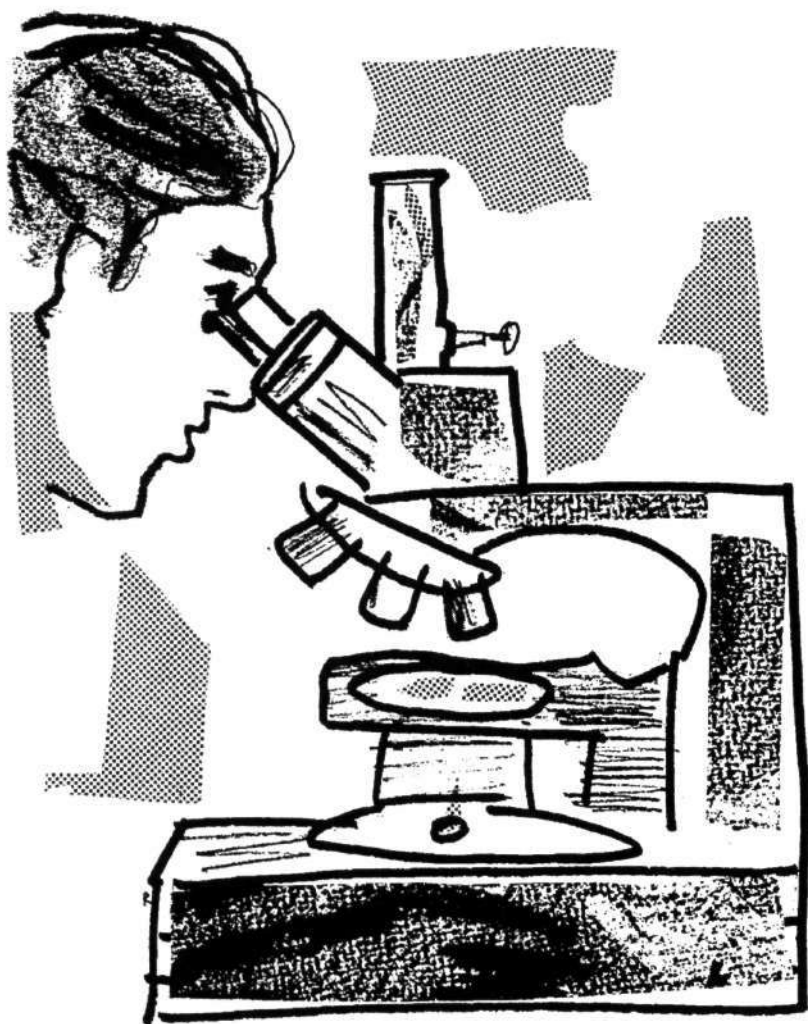
Atualmente, o Instituto Aggeu Magalhães está dividido em departamentos: Imunologia, Parasitologia, Microbiologia, Entomologia, Patologia e Biologia Celular e Saúde Coletiva. A criação destes deu-se paulatinamente, a partir dos laboratórios originais, respondendo a várias questões: a incorporação de alguns especialistas, as demandas do Ministério da Saúde ou dos órgãos a que esteve atrelado o centro, o estabelecimento de convênios, assim como as expectativas científicas e políticas das diversas diretorias.

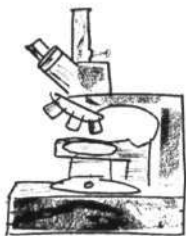
Apontamos ainda o desenvolvimento de atividades e de pesquisas, que refletem a expectativa de inter-relação das Unidades Técnicas da Fiocruz, com o Instituto Gonçalo Muniz, a Escola Nacional de Saúde Pública, Far- Manguinhos e Casa de Oswaldo Cruz. Com o Instituto Gonçalo Muniz, de Salvador, o IAM vem desenvolvendo pesquisas sobre esquistossomose e desnutrição. Em parceria com Far-Manguinhos, vem elaborando testes biológicos com inseticidas e formas medicamentosas para o tratamento de filariose. E com a Casa de Oswaldo Cruz a parceria possibilitou o desenvolvimento do projeto de pesquisa histórica que ora publica um de seus produtos *"Memórias Revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens"*.

Tânia Fernandes

Pesquisadora

Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz





AGEU MAGALHÃES FILHO

Lembranças do pai

Não tenho muita lembrança de Olinda, pois o meu pai se mudou dois ou três anos depois do meu nascimento. Tenho as minhas primeiras lembranças aos seis, sete anos de idade, quando comecei a perceber o valor da figura do meu pai como profissional e médico muito ativo, muito festejado, com muitas amizades e muito atuante. A vida pública dele é uma coisa fantástica. Formou-se em 1920, no Rio de Janeiro, e foi o laureado da turma. Defendeu tese na própria formatura, para conseguir o grau de doutor (Espiroquetose Ictero-hemorrágica - Leptospirose - 1920). Veio para Pernambuco, apesar de o dr. Belisário Penna, que, se não me engano, naquela época era diretor de Saúde, querer que ele ficasse no Rio. Havia feito no Rio de Janeiro muitas amizades com grandes figuras, inclusive com o próprio Carlos Chagas. Este último admirava muito meu pai, de modo que ele ficou muito ligado ao Instituto Oswaldo Cruz. Declinou dos convites e veio embora para Pernambuco, porque aqui precisava trabalhar e tinha várias irmãs órfãs que precisava ajudar. Quando regressou a Pernambuco encontrou uma figura muito importante que foi o Amaury de Medeiros, diretor de Saúde Pública de Pernambuco, um homem com uma capacidade fantástica de trabalho. Meu pai foi convidado para trabalhar com ele e sua equipe. Posteriormente, foi nomeado diretor do Serviço de Profilaxia Rural, órgão federal existente em Pernambuco. Desenvolveu um trabalho fantástico de combate à febre amarela e à malária. Este trabalho foi pioneiro no Nordeste e eles recebiam dinheiro da Fundação Rockefeller para esta campanha. Em 1925, quando Amaury de Medeiros deixou o governo de Sérgio Loreto, meu pai foi ao Rio de Janeiro fazer um curso de saúde pública no Instituto Oswaldo Cruz. Nesse curso, sofreu muita influência do dr. Margarinho Torres, que era um grande pesquisador e patologista, e foi nessa época que tornou-se professor

de patologia (Tese "A granulação azurófila no sangue normal e patológico" para professor de Anatomia Patológica- Faculdade de Medicina do Recife - 1925). Terminado este curso de saúde pública, começou a ter um relacionamento científico mais estreito com o Instituto Oswaldo Cruz e recebeu uma bolsa de estudo da Fundação Rockefeller, para fazer um estágio nos Estados Unidos. Em 1929 embarcava para a América do Norte, juntamente com a minha mãe. Lembro-me do episódio: despediu-se dos filhos pequenos, deixou os quatro filhos, foi embora e passou um ano lá. Nos Estados Unidos, teve um desenvolvimento fantástico, porque a anatomia patológica no Brasil era muito precária naquela época. Estudou num dos maiores centros de anatomia patológica, que era a Universidade de Columbia em Nova Iorque, onde fez seis meses de estágio. Depois transferiu-se para a Universidade de Toronto, com o intuito de lá realizar também, sob os auspícios da Fundação Rockefeller, um trabalho de pesquisa em macacos Rhesus sobre a febre amarela. Infectou os macacos e depois realizou autópsias para estudar as lesões que a febre amarela produzia. Esse trabalho foi muito interessante, porque ele descreveu; pela primeira vez, uma lesão encontrada em células renais, que se chama "inclusões nucleares".

Estas inclusões renais foram consideradas um achado muito importante, tanto que anos depois ele publicou um trabalho intitulado " O rim na febre amarela", ("The Kidney In Yellow Fever") - *Archives of Patology*, v.11, n.11-pg 561-573 1931 - Chicago USA. Esse trabalho foi muito citado por pesquisadores importantes na linha patológica e, inclusive, autores de livros de patologia citaram essas inclusões como *Magalhães bodies*, corpúsculos de Magalhães. Isso foi um sucesso naquela época porque realmente foi uma homenagem muito boa.

A criação do Serviço de Verificação de Óbitos e o relacionamento do pai com Evandro Chagas

Em 1930, ele voltou ao Recife preparado para instalar um grande centro de anatomia patológica. Para isso ele precisava, realmente, de um apoio que, naquela época, era muito difícil. A faculdade não tinha recursos. Os professores trabalhavam e ensinavam de graça, tinham subvenção, mas não valia nada. Mas, nessa ocasião, ele teve grande ajuda do irmão, Agamenom Magalhães. Na época, ele motivou o diretor de Saúde

Pública, Dércio Parreras, para instalar em Recife o Serviço de Verificação de Óbitos. Esse serviço destinava-se, e destina-se, ainda hoje, a realizar necropsias em pessoas que tinham falecido de doenças desconhecidas e que não tiveram assistência médica. Naquela época não havia diagnóstico, tampouco atestado médico. Então o objetivo do Departamento de Saúde Pública era obter um atestado médico de necropsia, para diagnosticar a *causa mortis*. Então foi realizado nessa época um convênio entre a Faculdade de Medicina e o Departamento de Saúde do Estado, integrando à Faculdade de Medicina ao Serviço de Verificação de Óbitos, na cadeira de anatomia patológica. Meu pai, portanto, ficou como diretor desse serviço que recebia, em média, 12 cadáveres por dia. Desses, a grande maioria era de crianças que não tinham acesso a hospital e que iam para o Departamento de Saúde Pública sem terem sido assistidas por um médico. A partir desse serviço, foi organizado um esquema de transporte que trazia as famílias para esperar pela necropsia, normalmente pessoas de poucos recursos. O Serviço de Verificação de Óbitos fazia a autópsia e a família ficava esperando para depois levar ao cemitério. Esse serviço tornou-se realmente uma fonte fantástica de pesquisa científica, porque a partir das necropsias realizadas começou-se a descobrir doenças que ninguém sabia que existiam, como por exemplo, a shistosomose mansoni, que não era conhecida em Pernambuco, por incrível que pareça. Alguns laboratórios já realizavam exames parasitológicos, mas nunca haviam realmente acordado para esse fato. Quando o Serviço de Verificação de Óbitos começou a examinar os cadáveres e a encontrar os ovos de shistosomas, um verdadeiro "festival" de lesões foi descoberto. Uma pequena verba do Departamento de Saúde Pública gratificava três ou quatro médicos patologistas que realizavam as necropsias e o material era processado em lâminas para exames microscópicos. O referido departamento exigia que anualmente lhe fosse enviada uma estatística de *causa mortis*, investigada pelo Serviço de Verificação de Óbitos, o que era muito interessante, pois fazia um apanhado da relação entre a doença e a sua área de manifestação. O diagnóstico realizado mostrou um quadro epidemiológico perfeito da situação nosológica da cidade do Recife e de seus arrabaldes.

Meu pai teve a idéia de publicar os resultados estatísticos nos Anais da Faculdade de Medicina, que em 1934 lançou o seu primeiro número. No primeiro número aparece um trabalho muito importante descrevendo lesões associadas antigamente à gastroenterite infantil, quadro clí-

nico em que crianças de zero a um ano morrem de disenteria. Na realidade, quando meu pai começou a fazer as necropsias em crianças, verificou que o quadro da doença não era uma gastroenterite, mas uma lesão provocada pela desnutrição. Ainda hoje existe esse problema de saúde pública nas áreas mais pobres e miseráveis, onde as crianças não recebem uma alimentação adequada nos primeiros meses de vida, não recebem leite materno e muitas vezes não recebem leite nenhum; recebem sim uma papa de farinha d'água, uma mistura qualquer, e elas então entram numa carência proteica que levam a uma distrofia, uma metamorfose gordurosa no fígado. Lembro-me que, quando cheguei lá, diziam-se que os fígados pareciam "uma lata de manteiga", inteiramente amarelos, uma coisa horrível, e a criança, com o intestino totalmente vazio, só tinha ar. Havia dois tipos, um tipo em que ela morria rapidamente, e portanto não perdia peso, e um outro em que ela parecia quase um esqueleto, num estado de desnutrição horrível, caquético, "Da chamada gastroenterite das crianças" - Anais Fac. Med. - Recife - v.1 (p. 7,15) 1934.

Os assistentes do meu pai, o professor Bezerra Coutinho e o professor Raimundo de Barros Coelho, foram pioneiros, juntamente com ele na descrição dos achados anatopatológicos da schistosomose mansoni. As lesões hepáticas, chamadas também de viscerais; as lesões intestinais e as ectópicas todas foram descritas por esse grupo. O Serviço de Verificação de Óbitos tornou-se um centro de atrações para um grupo de médicos e de professores que estavam em torno da faculdade. Ele começou a se tornar o epicentro de uma escola de ciência porque começou-se a não mais fazer diagnóstico por hipótese, mas sim por comprovação científica. Lembro-me que, por exemplo, todos aqueles jovens que queriam fazer tese para doutorado, ou para livre docência, ou mesmo professor catedrático, corriam para o Serviço de Verificação de Óbitos à procura de material para fazer os seus estudos. Geralmente essas teses eram feitas com a orientação do meu pai e de seus assistentes.

Foi assim que encontrei o Serviço de Verificação de Óbitos quando cheguei lá em 1946, no ano em que estava no sexto ano de medicina. Esse trabalho que meu pai realizava no Recife, na cadeira de anatomia patológica, era muito observado pelo Instituto Oswaldo Cruz, onde ele mantinha correspondência com o Evandro Chagas que acompanhava esse trabalho. Algumas vezes, o Instituto financiou projetos de pesquisa que foram publicados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Foi reali-

zado um estudo completo, epidemiológico, clínico, anatopatológico e parasitológico da schistosomose mansoni e publicado também nessa revista, se não me engano, sob o título de Estudos da Schistosomose Mansoni em Pernambuco. Portanto, havia uma ligação muito forte entre a equipe de meu pai e o Instituto Oswaldo Cruz.

"Algumas vezes o Instituto Oswaldo Cruz financiou projetos de pesquisa que foram publicados nas Memórias do Instituto. Foi realizado um estudo completo, epidemiológico, clínico, anatomopatológico e parasitológico da schistosomose mansoni e publicado também nessa revista (...)"

O Evandro Chagas, quando chegava em Recife, ia imediatamente ao Departamento de Patologia e muitas vezes ia jantar lá em casa. Nessa época, eu não freqüentava o Departamento, pois isso aconteceu em meados da década de 30. Mas, lembro-me dele, muitas vezes, lá em casa conversando com meu pai, que me chamava para servir gelo para o uísque e eu ficava sentado ali no cantinho, no terraço, ouvindo a conversa dos dois. Lembro-me bem que aquele diálogo me impressionava, me encantava; porque naquela época eles conversavam num tom tão bonito, parecia que estavam numa conferência. Não sei se isso acontecia porque eu era criança, mas aquelas palestras entre eles me davam uma sensação agradabilíssima, era uma conversa diferente, evidentemente, daquela que nós ouvíamos; dois cientistas conversando com entusiasmo. Meu pai era uma pessoa muito otimista, muito animado, e o Evandro também. Lembro-me também que o Evandro falava muito sobre a instalação aqui de um centro de helmintoses, ligado exatamente àquele grupo do Serviço de Verificação de Óbitos. Na década de 40, o Evandro Chagas sofreu um acidente aéreo e faleceu. Lembro-me que meu pai viu que todo aquele sonho estava muito longe de ser realizado.

"Meu pai era uma pessoa muito otimista, muito animada e o Evandro Chagas também. E lembro-me que o Evandro falava muito sobre a instalação aqui de um centro de helmintoses. (...)"

Nessa época, meu pai conseguiu que a Fundação Rockefeller mandasse dois macacos Rhesus para servirem de cobaias na pesquisa da esquistossomose. Esses macacos chegaram no departamento e foi um trabalho medonho para se conseguir improvisar biotério para alojá-los. No departamento havia um servente, figura muito interessante, cha-

mado Malaquias; ele era um homem ignorante mas muito inteligente. Ele tinha se empenhado em trabalhar e se entusiasmava com aquela pesquisa; sentia-se participante daquele negócio todo. Foi ele quem deu o nome aos macacos; um era chamado de Rock e o outro de Felis. A imaginação desse senhor era brilhante. Um belo dia, na hora do jantar, meu pai foi atender o telefone e havia um problema seríssimo. Ele voltou rindo muito porque um dos macacos havia fugido e foi descoberto na maternidade do Derby, na clausura das freiras, no último andar. E foi um desespero para prender esse macaco. Depois os macacos foram entregues ao Jardim Zoológico, pois não havia estrutura para acomodá-los.

Posteriormente, meu pai conseguiu, através do convênio do governo do Estado de Pernambuco com a Faculdade de Medicina, contruir um prédio especial, moderno, para instalar o Serviço de Anatomia Patológica e o Serviço de Verificação de Óbitos. É interessante registrar que esse prédio foi projetado por um arquiteto, que depois tornou-se muito famoso, chamado Luís Nunes, porque a arquitetura do prédio foi considerada moderna. Sei que existe na galeria de artes do Museu Metropolitano, em Nova Iorque, uma revista com fotografias desse prédio, registrando-o como exemplo da arquitetura moderna do Brasil.

A criação do Instituto Aggeu Magalhães

Em 1946 comecei a freqüentar a cadeira de anatomia patológica. Certa manhã, estávamos conversando na biblioteca quando foi anunciada a visita de um professor do Rio de Janeiro, que era o dr. Amilcar Barca Pellon, grande sanitarista brasileiro e companheiro de meu pai e de Evandro. Aquela geração fez realmente o início da Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto de Manguinhos. O Pellon era figura interessantíssima, um homem alto, nariz comprido, cabeleira muito bonita. Lembro que certa vez ele entrou na sala com muito entusiasmo, dizendo: Aggeu, cheguei para realizar o grande sonho seu e do Evandro. Vamos construir um Centro de Helminthoses em Pernambuco. Ele era diretor do Departamento de Organização Sanitária (DOS), uma instituição do Ministério da Saúde, e, nessa ocasião, era diretor de Saúde Pública, o dr. Gilberto Costa Carvalho, uma pessoa muito interessante, muito inteligente. Ali mesmo, começaram a traçar o projeto. Foi cedido um terreno que pertencia ao Hospital Centenário do Recife, que era um hospital do Estado, sendo Barbosa

Lima Sobrinho o governador de Pernambuco naquela época. Lá construíram o primeiro edifício onde funcionou durante muitos anos o Instituto Aggeu Magalhães, nome dado em homenagem ao meu pai que morreu um ano antes, subitamente, por causa da hipertensão.

"(..) certa vez ele (Amilcar Barca Pellon) entrou na sala com muito entusiasmo, dizendo: Aggeu, cheguei para realizar o grande sonho seu e do Evandro. Vamos construir um Centro de Helmintos em Pernambuco".

Em setembro de 1950, durante o Congresso Brasileiro de Higiene realizado em Recife, foi inaugurado o Instituto Aggeu Magalhães. Este Instituto, contudo, não tinha instalações condizentes para um centro de pesquisas. O professor Frederico Simões Barbosa foi indicado como diretor do Instituto. Ele era um jovem que tinha feito concurso para professor livre-docente de parasitologia. Foi, portanto, indicado exatamente pelas suas habilidades e competência no campo da patologia e parasitologia tropical.

Nessa época, eu já era formado, e ele me chamou para fazer parte da equipe. Pela manhã, eu ia para a Universidade, onde trabalhava na parte de ensino, e à tarde desenvolvia atividades de pesquisa no Instituto Aggeu Magalhães, onde fui o primeiro patologista. Funcionavam, no Instituto, o laboratório de Malacologia, Parasitologia, Anatomia Patológica e Epidemiologia. Durante dez anos, trabalhei lá.

Nesse período inicial, o centro de pesquisa firmou convênio com os institutos nacionais de saúde e o National Institute of Health - USA, e foi visitado por pesquisadores americanos e alemães que passaram conosco quase um ano. Isso foi muito interessante. Iniciei algumas pesquisas em anatomia patológica e comecei a infectar os animais com o intuito de fazer pesquisa experimental. Foi quando comecei a trabalhar com ratos, camundongos e macacos. Há vários trabalhos publicados tanto em macacos como em cobaias.

O trabalho em Anatomia Patológica e os cursos nos Estados Unidos

No início da minha vida de formado, meu pai descobriu que eu tinha muita amizade com um grande cirurgião daqui de Recife, pessoa formidável, Joaquim Cavalcanti, rapaz jovem, especialista em cirurgia de tórax. Meu pai, portanto, sentiu que eu estava começando a tender para a

cirurgia. De modo que um belo dia ele me chamou e disse: "Olhe, você, depois das aulas, vá ao Departamento de Anatomia Patológica, no Serviço de Verificação de Óbitos, que eu quero que você faça um trabalho". Existia nesse tempo uma verba que o Departamento de Saúde Pública dava para gratificar o pessoal que fazia necropsias. Então, fui admitido como auxiliar-técnico. Essa formação foi muito interessante. Mas, meu pai faleceu dois anos depois, em 1949. Ele era professor de anatomia patológica e clinicava, porque no início da vida era muito difícil, tinha que ter um suporte econômico; então ele tinha um bom consultório. Antes de falecer, quando se ausentou do consultório, me chamou e, de uma maneira muito simples, mas cheia de ensinamentos, disse o seguinte: "Faça o bem e não olhe a quem". Depois da morte dele fui muito visitado no consultório por pessoas que iam lá me cumprimentar pela grande gratidão que tinham pelo "velho". Um deles me disse que um dia estava sentado no banco da faculdade, triste, porque não entrou para fazer a prova devido ao atraso no pagamento da mensalidade e que meu pai, na época, diretor, pagou a sua mensalidade para que ele pudesse fazer a prova.

Comecei, portanto, a trabalhar no Serviço de Verificação de Óbitos, na parte da manhã e à tarde eu trabalhava no consultório, na parte da clínica, que era muito interessante. Um belo dia, o rapazinho que trabalhava na portaria me chamou e disse: "Tem aí uma velhinha, que está muito doente". Mandeí ela entrar, fiz o exame e dei-lhe um remédio. Anos depois, numa época de eleição, tive que ir às pressas ao Palácio da Justiça, na Rua do Imperador, buscar no cartório meu título de eleitor. Chegando lá encontrei uma fila enorme para receber o título. Momentos depois, um jovem me puxou pelo braço e disse: "Doutor Ageu, o que é que o senhor está fazendo aqui"? Eu contei que estava esperando e ele me puxou pela mão, me conduziu, entrei por trás do cartório e ele disse: "Dê o título do dr. Ageu." Nessa altura eu já estava perplexo, ele era simplesmente o servente do cartório. Ele então me disse: "O senhor não está lembrado que fui no seu consultório com minha mãe? Ela ficou boa, doutor." Eu fiquei, nesse dia, realmente impressionado. Isso me marcou e me deu muita força.

Fiquei em Anatomia Patológica, mas tive um período de interrupção, pois consegui uma bolsa de estudo nos Estados Unidos, patrocinada pela Kellogg Foundation, e passei um ano me especializando, fazendo um curso de pós-graduação em Anatomia Patológica (Department of Pathology- Washington

University- 1954/55 USA). Ao voltar, defendi tese para professor livre-docente. (Morfogênese da fibrose hepática na esquistosomose humana. Gráfica Folha da Manhã- Recife/PE).

Quando criaram no Estado uma carreira de médico patologista, eu me candidatei e passei a trabalhar no Serviço de Verificação de Óbitos da Faculdade (UFPE). Eu comecei a atuar em autópsias complementando, exatamente, o meu trabalho de patologista. Dava plantões, era terrível, passava domingos e sábados fazendo plantão como patologista. Como o serviço era de alto-risco, eu me aposentei com 25 anos de serviço. Também me afastei como professor da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco que foi fundada e organizada por professores livre-docentes, que não eram titulares, mas podiam dar cursos. Quando a Faculdade se federalizou em 1951, muitos professores livre-docentes não foram aproveitados. O professor, nessa época, que era o primeiro assistente do meu pai, Raimundo Barros Coelho, imediatamente entrou nesse grupo. Apesar de ser primeiro assistente, ele achou por bem entrar nesse grupo. Acontece que, com o falecimento de meu pai, ele passou a ser titular da cadeira e me convidou para que eu fosse seu assistente, me encarregando das aulas que eram teóricas. As aulas práticas fazíamos no Serviço de Verificação de Óbitos, o que era muito bom, apesar de não sermos remunerados.

O Hospital Oswaldo Cruz tinha sido desativado porque a tuberculose já não era mais uma doença como antes. Inauguraram o Hospital do Sancho, que passou a tratar dos casos de tuberculose. O Hospital Oswaldo Cruz ficou fechado um período e se não me engano, foi o professor de Pediatria Antônio Figueira, também diretor da Faculdade, quem resolveu transferir o Curso Médico para esse Hospital. Portanto, transformou-se num hospital-escola. Foi uma escola muito boa, eu dava aulas lá e na Faculdade. Quando voltei da pós-graduação nos Estados Unidos, começaram a surgir novas Faculdades, primeiro na Paraíba, depois no Rio Grande do Norte, depois em Campina Grande. Como não existiam patologistas nesses lugares, os diretores vieram conversar com o então professor titular, Barros Coelho, para solicitar um professor. Fui escolhido e chamado para colaborar na Paraíba. Foi um período difícil. As meninas eram pequenas, e lembro-me que corri muito risco de vida, porque o sistema de viagens era muito precário. Era realizado em carros alugados, que toda terça-feira, às cinco horas da manhã viajava para Paraíba e voltava

à tardinha. Uma vez, aconteceu um acidente que foi uma coisa terrível. Eu me lembro que fiquei com muito medo de morrer num acidente. Fiz um seguro de vida, com pena das crianças. Mas foi um período muito interessante, porque vinha com uma experiência muito boa e consegui recursos para montar o laboratório. Houve muita coisa improvisada. Passei um ano e no meu lugar, ficou o Guilherme Montenegro Abaht, que organizou o Curso de Anatomia Patológica. Depois, no Rio Grande do Norte, fui convocado para ensinar na Faculdade de Medicina. Passei apenas um curto período, pois o Getúlio Sales ficou como titular da cadeira. Ele foi preparado na UFPE. Instalou-se muito bem. O Departamento de Anatomia Patológica, da UFPE, desempenhou um papel muito importante nessa região.

Fiquei no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães até 1962, quando Frederico Simões Barbosa deixou o Centro de Pesquisas, por questão política. Para substituí-lo, foi nomeado, pelo Ministro da Saúde, o doutor Durval Lucena. Como estava muito ligado a Frederico, não me conformei com a sua saída, pois achei uma violência. Não pelo fato de Durval Lucena ser o seu substituto, pois este era um homem de valor, professor da Universidade e Parasitologista; mas pelo fato de sua saída estar ligada a problemas políticos. Esse fato desorganizou muito a equipe.

Portanto, quando Frederico deixou o CPqAM, fui novamente para os Estados Unidos realizar pesquisas no Instituto de Medicina Tropical da Universidade de Tulane, em Nova Orleans, que era, na época, o maior centro de medicina tropical americano. Naquela época, tinha surgido uma nova técnica de imunologia, e eu senti que seria interessantíssimo utilizar essa técnica, de tornar visível o complexo imune no tecido, através da conjugação de um fluorocromo chamado "isotiocianato de fluoresceína", que podia se acoplar ao anticorpo, molécula a molécula. Depois de fazer um certo tipo de preparação, cortava-se no micrótomo uma secção congelada de fígado, ou de intestino, ou de pulmão, através de um novo tipo de micrótomo criostato de congelação. Tirava-se o corte, degelava-se na lâmina e colocava-se numa estufa incubando o tecido com uma solução tamponada na qual estariam os anticorpos de um soro de um animal imunizado, conjugados com a fluoresceína. Depois de colocados na estufa, lavava-se a lâmina para tirar o excesso, colocava na lâmina um pouco de glicerina e por fim colocava-se o preparado sob a luz ultravioleta de microscópio. O efeito é fantástico, porque a luz ultravioleta ao passar através da substância fluorescente emite uma luz verde, bonita, brilhante,

que indica exatamente onde está o anticorpo. Com essa experiência nós tivemos a visão panorâmica, belíssima, do que ocorre na intimidade do tecido quando o anticorpo encontra o antígeno e procura se fixar justamente para absorver não só o antígeno solúvel, mas também as células. Foi nesse momento que comecei a ver a participação do mecanismo celular na imunologia; aquela lesão que víamos no microscópio de luz, com as células formando o granuloma. Foi isso que eu consegui realizar na Tulane, levando para lá o meu projeto, e obtendo do professor Paul Bever, que era diretor do Instituto de Medicina Tropical, um homem extraordinário, uma pessoa formidável, encantadora, todo apoio, todos os recursos necessários e inclusive uma equipe de um imunologista e um parasitologista para poder realizar esse trabalho.

Ficamos um patologista, um parasitologista, uma imunologista e eu, como patologista. O parasitologista sabia alguma coisa de esquistossomose, mas muito pouco; o imunologista nunca tinha ouvido falar. Nós começamos a fazer infestação em camundongos e, posteriormente, sacrificamos em períodos diferentes. Tudo aquilo eu já sabia porque tinha passado dez anos no Aggeu Magalhães. Começamos a sentir que a esquistossomose não era uma inflamação comum, mas sim uma inflamação endógena, onde o desenvolvimento do verme e das substâncias que ele elimina se dá dentro de um meio interno, dentro do sangue, dos tecidos; fenômeno que é diferente dos ectoparasitas. Nós publicamos esse trabalho no *American Journal of Tropical Med. Hyg.* (v.4- n.1 - 84-99)-1965, descrevendo todas as lesões, no fígado, no intestino, no pulmão e relacionando os achados imunológicos com os anatopatológicos. Esse trabalho foi muito interessante, e lembro que, no dia em que conseguimos colocar as primeiras imagens no microscópio, foi um "corre-corre". Veio gente dos outros andares para olhar aquela coisa linda. A imunologista ficou encantada ao ver aquele aspecto tão bonito. Isso nos trouxe muita alegria, não digo de vaidade, mas um pouco de orgulho, porque acho que nós temos orgulho de ser brasileiro, de mostrar que nós também somos gente e temos força e coragem para realizar as coisas.

Foram sete meses de trabalho intenso. Durante esse período, tive a oportunidade de fazer um curso especial de pós-graduação em imunologia, juntamente com um grupo de médicos. Isso para mim foi fundamental porque era um curso avançadíssimo. A cada semana era convidado um professor de fora para dar aula sobre um capítulo de imunologia, e

este professor era exatamente a pessoa mais capaz, mais notável em todo o país pelo seu trabalho naquele assunto. A oportunidade foi inigualável. Quando voltei, fui para o Departamento de Anatomia Patológica da Universidade Federal de Pernambuco.

Apesar de o CPqAM ser ligado ao DOS [Departamento de Organização Sanitária], ele desenvolveu uma linha de pesquisa que era comum a Fundação Oswaldo Cruz. Foi privilegiado, porque nas suas dependências, o trabalho com pesquisa básica era com atuação de base sanitária. O espírito de pesquisador prevaleceu. Isso evitou que o Instituto Aggeu Magalhães fosse extinto. Acho que o CPqAM deveria desde o seu nascimento estar ligado ao Instituto Oswaldo Cruz, fato que só ocorreu em 1970.

O dr. José Rodrigues da Silva, diretor da Divisão de Organização Sanitária, convidou Frederico para voltar a exercer o cargo de diretor em 1964. Ele aceitou e me chamou também. Passei um ano ou dois. Em 1969 Frederico foi embora, e o CPqAM ficou na mão de sanitaristas. Esse período foi marcado pela obscuridade, porque o centro não teve grande atuação na área de pesquisa e passou a ser um órgão mais normativo de saúde pública.

Seu afastamento do CPqAM

Durante esse período, afastei-me completamente porque não havia mais lugar para trabalhar. Nessa época, estava entusiasmado com o problema da imunologia que havia ressurgido, quando grandes descobertas foram feitas no campo da microscopia eletrônica e das técnicas de imunologia que permitiram a visualização do fenômeno imunológico em tecido. Costumo dizer que ela saiu dos tubos de ensaio para o tecido. Quando cheguei dos Estados Unidos, fui para o Hospital Pedro II e lá consegui montar um laboratório de imunopatologia pioneiro. Consegui com a Fundação Kellogg a doação de equipamento adequado (microscópio com ultravioleta, criostato, etc.) e uma série de coisas que são absolutamente necessárias. Realizamos trabalhos em camundongos e fizemos biópsias cirúrgicas nas esplenectomias (retirada do baço) , fazíamos uma biópsia no fígado e tirava-se um linfonodo. Com esse material realizava pesquisas para obter o mecanismo imunológico no tecido humano. Esse trabalho foi publicado na *Revista Brasileira de Medicina Tropical* e me valeu

um prêmio chamado "Gerard Domack", pelo melhor trabalho publicado na revista durante aquele ano. (Revista Soe. Brasileira de Medicina Tropical (3) 2; (111-125)-1968.

Foi aprovado pela Universidade um projeto para desenvolver o laboratório de imunopatologia que passaria a ser um núcleo de imunopatologia. Esse núcleo era destinado a realizar trabalho de pesquisa e de exames imunopatológicos para as diversas especialidades do hospital, das doenças parasitárias e de pacientes em diversos quadros clínicos. Ele ganhou o título de Núcleo Interdepartamental.

Nessa mesma época passava pelo Recife, uma missão japonesa, e eu fui indicado pelo pró-reitor de pesquisas, professor Rui João Marques para receber essa missão, em nome da Universidade. Ao recebê-la fiquei maravilhado porque vi que os japoneses estavam interessados em firmar um grande convênio com alguma Universidade do Nordeste, no sentido de ajudar e desenvolver a saúde pública. Durante essa visita mostrei-lhes o Núcleo de Imunopatologia e expliquei-lhes a importância do trabalho a ser realizado com uma nova visão da patologia. Quando terminou a visita, o secretário do consulado me chamou e me pediu para que fizesse um relatório, com vistas a um projeto para desenvolver o Núcleo de Imunopatologia.

A gestão como diretor do CPqAM

Nesse momento eu acabava de ser convidado pelo presidente da Fundação Oswaldo Cruz, dr. Vinícius Fonseca, para ocupar a diretoria do CPqAM. Essa indicação partiu do Frederico Simões Barbosa que nessa época era professor de Saúde Pública em Brasília. Lembro-me que o ministro Paulo de Almeida Machado ficou tremendamente aborrecido quando visitou o Centro e o encontrou praticamente vazio. Ele queria fechá-lo e o Frederico fez um apelo para que eu aceitasse resolver esse problema. Estava naquela época de tal maneira comprometido com o Núcleo de Imunopatologia que fiquei numa situação difícil. Não podia assumir o cargo de diretor sem antes verificar como estava a situação lá do Centro. Mas afinal resolvi enfrentar esse desafio e aceitei, mas com a condição de ir como professor da Faculdade de Medicina, à disposição da Fundação Oswaldo Cruz, sem ônus. Essa minha atitude foi porque senti, naquele momento, o desejo de resgatar a idéia de Evandro Chagas e de

Aggeu Magalhães que desejavam ter um Centro de Pesquisas na área das helmintoses, que foi idealizado junto ao Departamento de Patologia. O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães estava abandonado na Rua do Espinheiro, mal instalado e tínhamos dificuldades enormes de conseguir pesquisadores. A única solução era fazer com que a Universidade colaborasse com pesquisadores, porque naquela época sentíamos que os professores da Universidade não tinham condições de fazer pesquisas, sobretudo nas áreas básicas por falta de recursos, de laboratórios e de equipamentos. Ora, o objetivo da Fiocruz é realizar justamente pesquisas, portanto nada melhor do que unir pesquisadores da Universidade com os do CPqAM. Encontrei nesse período o denominador comum para resolver o problema.

Para o pessoal da Universidade consiliar a pesquisa do CPqAM no bairro do Espinheiro e as aulas na UFPE na Cidade Universitária era bastante cansativo (distante 12 Km). Mas, mesmo assim começamos a trabalhar e quando entrou na presidência da Fiocruz o Guilardo Martins Alves, um homem de visão, médico inteligente, deu então a Fundação uma dimensão muito grande e um apoio fantástico às pesquisas. Ele me apoiou bastante. Consegui verba da FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos], com a qual realizamos um projeto sobre antígenos estratégicos para diagnóstico, que naquela época eram importados dos Estados Unidos. Conseguimos produzir antígenos numa escala que pudesse facilitar a aplicação para esquistossomose, filariose e depois peste.

Descobri naquela época que existia um laboratório de peste funcionando em Garanhuns e fui visitá-lo, como diretor. Encontrei lá dois pesquisadores que estavam trabalhando na área de Epidemiologia e de Laboratório. O objetivo daquele laboratório era fazer o serviço de vigilância de peste. Eles capturavam ratos e os colocava em gaiolas, examinando-os constantemente, pois se houvesse uma eclosão de peste eles detectavam logo. Todo esse trabalho era muito bonito e bem feito, mas senti que eles estavam deslocados; eu queria alguma coisa melhor porque achava que eles tinham capacidade. Assim, transferi o dr. Célio Almeida e dra. Alzira (Maria Paiva de Almeida) para o CPqAM.

Isso ocorreu em 1979. Depois de algum tempo, dra. Alzira conseguiu sintetizar o antígeno da peste, que naquela época, só a Rússia e os Estados Unidos haviam conseguido. Depois, consegui com a Prefeitura da Cidade do Recife um projeto de pesquisa para fazer um estudo das

entero-bactérias patógenas (nos bairros pobres da cidade) que infectavam crianças, produzindo problemas de desintéria. (Trabalho realizado com colaboração do dr. Gelly Pereira e dr. Ernesto Hoffer, do Depto. Virologia e Bacteriologia do Instituto Oswaldo Cruz). Foi um trabalho interessante e movimentamos os laboratórios de Bacteriologia, Parasitologia e Imunologia do CPqAM.

A criação do LIKA [Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami]

Simultaneamente, continuava como diretor do projeto com o governo do Japão pois era professor da Universidade. O convênio consistia em construir, desenvolver, ampliar e equipar o núcleo de imunopatologia. Esse convênio foi encaminhado para o Ministério da Educação e Ministério das Relações Exteriores pela UFPE. Inicialmente não houve qualquer envolvimento com a Fiocruz. Finalmente, foi assinado pelo Presidente Figueiredo, quando visitou Tóquio. O projeto inicialmente estava orçado em 3 milhões de dólares em equipamentos, entretanto alcançou a quantia de 5 milhões de dólares.

Esse projeto de desenvolvimento do laboratório de imunopatologia seria instalado no Hospital das Clínicas, no campus universitário. Aconteceu, entretanto, que um ano depois, quando inaugurado o Hospital, uma comissão japonesa visitou o local e constatou que as instalações eram precárias para receber equipamentos com tecnologia avançada. Houve uma decepção muito grande com a negativa dos japoneses, sobretudo porque a verba destinada à instalação tinha se acabado e não havia previsão para a conclusão do laboratório. Foi uma situação constrangedora, mas consegui, conversando muito com o chefe da missão, professor Keizo Asami, contornar as dificuldades para instalação do referido laboratório. Lancei então, a idéia, que tinha ouvido desde menino nas conversas de meu pai com Evandro Chagas, que era a da aproximação do Centro "de helmintos" com o Departamento de Patologia da Universidade. Consegui convencer a Universidade da possibilidade de modificar o convênio; ela cederia uma área de 2 hectares do campus, próximo à área médica, para o CPqAM e a Fiocruz assumiria a construção do edifício, no terreno cedido em regime de comodato. Em contrapartida, a Fiocruz cederia à Universidade o espaço necessário para instalar, dentro do CPqAM, o Laboratório de Imunopatologia com o convênio do Japão. A idéia teve uma aceita-

ção muito boa. O reitor era muito meu amigo e o Guilaro, presidente da Fiocruz, teve uma coragem danada de aprovar de imediato. Isso, naturalmente, foi realizado com apoio político da bancada de Pernambuco, sobretudo, do atual vice-presidente Marco Maciel, na época, ministro da Educação, que salvou o projeto. Isso porque houve momentos em que nós tivemos muitas dificuldades com o Itamarati, que não queria esse convênio. Achava o Nordeste sem condições para um convênio daquela proporção. Um outro deputado pernambucano, Ricardo Fiúza, que, na época, era muito amigo do ministro Delfim Neto, do planejamento, achou a idéia maravilhosa e conseguiu que Delfim me recebesse, o que resultou na aceitação do projeto. O financiamento foi aprovado pela Caixa Econômica Federal através do projeto FAS para construir o edifício.

Quando alguém começava a criticar esse projeto, eu dizia que o importante é usar bem o dinheiro. Eu acho que foi usado muito bem, foi uma solução formidável, apesar de, no início, termos enfrentado "coisas" desagradáveis, gente que sempre fica do contra, procurando criar problemas entre a Fiocruz e a UFPE. A Universidade criou um certo problema porque achava que o Aggeu Magalhães estava querendo tomar o convênio com os japoneses. Como eu era o diretor do Centro, eles ficaram assustados, pensando que eu queria ficar com tudo. Mas, por fim, as coisas se acertaram e nós podemos construir o CPqAM com muito carinho, com o projeto de uma arquiteta extraordinária da Fundação Oswaldo Cruz, dra. Cristina Pessoa. Veio para cá e passou dois anos dirigindo tudo. Nós não tivemos nenhum problema com a empresa construtora; foi uma beleza!!

O convênio estava quase perdido com o governo japonês, quando a Fiocruz ofereceu, através de minha pessoa e do seu presidente, uma solução para o impasse que resultou na transferência da Rua do Espinheiro para o campus universitário. Realmente não havia sentido algum um Centro de Pesquisas especializado na área biológica estar longe do Centro Médico-Científico que é a Universidade. A Fiocruz e a UFPE são irmãs gêmeas, não havia razão para uma ter medo da outra; pelo contrário, dar as mãos e trabalhar foi o melhor caminho. Numa terra como essa, em que as coisas são tão difíceis, é preciso que se dêem as mãos uns aos outros. Esse foi o meu desejo. E os japoneses entenderam.

O professor Keizo Asami ficou muito entusiasmado com a idéia. Levei-o ao Rio de Janeiro para visitar Manguinhos [Fiocruz] e fomos recebidos pelo Guilaro que passou o dia inteiro mostrando os trabalhos de-

senvolvidos pela Fundação. Ele desconhecia a potencialidade da Fiocruz, ficou encantado, virou-se para mim e disse: "Eu estou maravilhado, o projeto agora vai dobrar, porque estamos plantando duas pedras formidáveis; uma na Universidade e outra na Fiocruz". Ele voltou ao Recife várias vezes e mandou uma equipe de arquitetos para acompanhar a construção do edifício. Houve um cuidado enorme durante a construção com o tipo de instalação, para receber o equipamento doado pelo governo japonês sobretudo com a instalação hidráulica e a elétrica. Ele, inclusive, devido ao problema da impureza da água, mandou do Japão para cá, de navio, uma estação de tratamento de água, que se usava no Japão para pequenas cidades. Existe no Aggeu Magalhães essa estação de tratamento de água, que serve para todo o edifício e fornece água perfeita para pesquisa. A estação foi doada, sem estar prevista no convênio, o que dá para dimensionar o entusiasmo com que ele estava. Infelizmente, ele morreu um ano antes da inauguração e isso foi um choque muito grande que nós tivemos, porque, nessa altura, eu e o Asami já estávamos ligados de maneira maravilhosa que é essa do ideal comum, do ideal de realizar alguma coisa boa, alguma coisa grandiosa, que possa realmente melhorar a situação da saúde pública, de um modo geral. (A Universidade denominou o Laboratório de Imunopatologia de "Keizo Asami"- LIKA).

Inauguramos o Centro de Pesquisas, como se havia combinado e fiquei ainda, algum tempo trabalhando até que chegou o momento que senti que a minha missão estava cumprida. Senti que devia deixar o cargo de diretor com uma pessoa mais jovem. Eu me desgastei muito. Foram três ou quatro anos de luta muito grande, para conseguir realizar o convênio com o Japão e levantar o Aggeu Magalhães. Nessa época, me apareceram problemas de saúde e senti que não tinha outra opção; não podia continuar naquele ritmo de trabalho. Fiz meu pedido de demissão para o presidente da Fiocruz, Sérgio Arouca, que foi uma pessoa extraordinária. Quando ele chegou na presidência da Fiocruz, ficou apavorado pois foi informado que estava se fazendo uma "loucura" em Pernambuco, construindo um prédio que a Fundação não tinha condições de sustentar. A mesma coisa que enfrentei com a Universidade, porque o reitor não queria o convênio e dizia que não tinha dinheiro para sustentá-lo. Mas o dinheiro só chega quando seus mentores sentem que há um lugar certo para aplicar. Hoje não falta dinheiro para o Centro nem para o LIKA.

Lembro que os primeiros passos para o apoio na Organização Mundial de Saúde, para financiar projetos do CPqAM, foram dados aqui,

quando Carlos Morei, vice-presidente da Fiocruz, telefonou-me dizendo que dois diretores da OMS, que estavam visitando a Fundação, gostariam de passar em Pernambuco para visitar as instalações do CPqAM. Eu os recebi num dia de domingo e fui mostrar-lhes o edifício pouco antes da inauguração. Eles ficaram boquiabertos quando viram. O biotério do Aggeu Magalhães é uma coisa maravilhosa, tem mais de mil metros quadrados e foi feito com orientação de técnicos do biotério de Manguinhos, que é uma beleza.

Passado esse tempo, a maior satisfação de minha vida é ver que tudo que foi sonhado foi realizado. Acho que saí do palco e ir à platéia é muito gostoso. É delicioso olhar e ver tudo funcionando, tendo aquela sensação de dever cumprido, de sentir realmente que foi realizado uma obra importante para o futuro, para o bem comum.

As pesquisas no CPqAM e a saúde pública de Pernambuco

Na saúde pública de Pernambuco, o CPqAM teve durante muito tempo uma participação importante no problema da filariose e ainda hoje o Centro desenvolve pesquisas que lhe fizeram passar à categoria de Centro de Referência Internacional da Organização Mundial de Saúde, em filariose. Isso é uma situação magnífica, pois existe uma dotação orçamentária extraordinariamente sólida para estes Centros, que são chamados para ir à África, à Ásia, a qualquer lugar, para transferir tecnologia e supervisionar trabalhos de saúde pública. Recife, sobretudo na área metropolitana, é a região de maior incidência da filariose no Brasil. O CPqAM faz exames, trata, controla a doença e desenvolve tecnologia de combate à transmissão da filaria, quer dizer, ao mosquito.

O dr. Frederico Simões Barbosa, apesar de estar em Brasília, manteve sempre pesquisas na área de esquistossomose, de competição biológica de caramujos, hospedeiros da esquistossomose. Durante a nossa administração foi restaurada a estação de campo de São Lourenço da Mata, que recebeu todo o trabalho de Frederico, em condições muito apropriadas para o desenvolvimento de pesquisas. O Guilardo veio à inauguração dessa estação de biologia experimental.

Também desenvolvemos um bom trabalho em Exu, uma das áreas em que a Fundação supervisiona o controle da peste no sertão. Anteriormente o DNERu, Departamento Nacional de Epidemias Rurais, era quem administrava essa região, entretanto transferiu as responsabilidades para o CPqAM.

Com a boa relação entre a Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação Oswaldo Cruz, nós desenvolvemos trabalhos em parceria na área de saúde pública, sobretudo na área de ensino. Com o apoio da ENSP, a Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, foi montado um curso de saúde pública dentro da própria universidade, o que foi importantíssimo para o cenário do Nordeste na área, porque, naquela época, só existiam cursos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Enviei uma carta ao Ministro da Educação, Marco Maciel, solicitando sua colaboração para montagem de uma Escola de Saúde Pública, num convênio entre a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal de Pernambuco. O CPqAM tinha tradição, porque há muitos anos, na década de 70, funcionou um curso de saúde pública, ministrado pelo pessoal do Aggeu Magalhães com a ajuda do Departamento de Medicina Preventiva e o ministro Marco Maciel ficou entusiasmadíssimo. Chamou-me a Brasília, tivemos uma reunião com o Ministro da Saúde, Carlos Santana. Fui representando o Centro de Pesquisas, o Arouca foi com Frederico, na época, diretor da Escola de Saúde Pública, e acertamos alguns detalhes dessa Escola em Pernambuco. Foi feito um acordo, que foi referendado numa reunião aqui em Recife, meses depois, onde foram lançados os primeiros passos de um convênio que, infelizmente, não saiu do papel. Houve, nessa altura, uma certa influência de ordem ideológica. O NESC, Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva, é produto, vamos dizer, dessa idéia que foi abortada. Ele funciona no Hospital Pedro II. Sobreviveu, portanto, o curso de especialização em saúde pública. Não é um curso igual ao da Escola de Saúde Pública de Manguinhos, como foi desejado; uma coisa maior, mais ampla; mas, de qualquer maneira, preenche as necessidades.

A esquistossomose era uma doença terrível e lembro-me que o Departamento de Anatomia Patológica passou um período, antes de se mudar do Derby para o Hospital das Clínicas, no Pedro II, em que a doença produzia estragos horríveis tanto em pessoas jovens, quanto em adultos e, às vezes, em crianças. Ver crianças com o baço enorme, inclusive com infantilismo, era uma coisa terrível. Hoje, essa realidade praticamente acabou. O plano PECE [Programa Especial de Controle da Esquistossomose] foi entretanto muito combatido, pois gastou muito dinheiro mas conseguiu dar um saldo altamente positivo. A esquistossomose mudou, não acabou. Não temos mais quadros de formas graves.

O que proporcionou uma melhora no tratamento foi a descoberta de um novo medicamento. Antes se usava antimoniais, que eram altamente tóxicos, mas demonstramos através de pesquisas em animais ex-

perimentais que o tratamento realizado com base em antimoniais deixava que os vermes fossem levados para o fígado, onde havia absorção desses parasitas. Acontece que esse mecanismo de absorção provoca uma lesão muito grande no fígado. O parasita vive preso com duas ventosas nas raízes da veia porta, na mesentérica inferior, e, no momento em que ele é intoxicado pelo antimônio, perde a capacidade de fixação e é levado diretamente para o fígado porque o sangue venoso que desce pela veia porta, depois que entra no fígado, se subdivide em ramos cada vez mais finos. Quando o parasita chega num capilar com um tamanho igual ao seu, ele encalha e começa a necrosar. O organismo leva quase um mês para absorvê-lo e esse processo provoca uma cicatriz, uma fibrose hepática esquistossomótica. Fiz um trabalho, em 1960-70, quando vim dos Estados Unidos, que mostrava que os vermes mortos no fígado produziam lesões graves. Essa tese, entretanto, não foi aceita por toda a classe médica; só uma parte dos médicos especialistas em gastroenterologia aceitaram-na, e estes ficaram apavorados porque achavam que o tratamento era formidável e não queriam aceitar a idéia de condená-lo. Isso criou uma celeuma praticamente nacional, na qual nós nos vimos envolvidos. Mas nada como esperar o tempo. O fato é que tivemos a comprovação através de uma necropsia realizada num jovem militar que havia morrido, onde encontramos os vermes mortos no fígado, produzindo lesões terríveis. Essa lesões foram estudadas por mim; depois fui procurado por um grande cientista americano, Byron Waksman, que, lendo os trabalhos publicados em revistas americanas, ficou entusiasmado e queria conhecer os detalhes da minha tese. Seu pai foi prêmio nobel, pois descobriu a estreptomicina. Esse grande cientista conhecia muito o Frank Neva que era diretor do Departamento de Saúde Pública da Universidade de Harvard. O Byron tinha sido convidado para dar um curso sobre linfócitos em São Paulo, na USP, e por intermédio de Frank, que me conhecia, passou três dias em Pernambuco, analisando no laboratório o nosso material de pesquisa. Ele constatou que a pesquisa tinha muita importância, tanto que mandou um assistente, dr. Daniel Colley, para ficar comigo durante seis meses trabalhando sobre esse assunto da esquistossomose.

Posteriormente, houve a descoberta de um outro medicamento, a oxamniquine (mansil) que não é um antimônio. Quando isto aconteceu, imediatamente repeti o meu trabalho e iniciei infestação em camundongos com *S. mansoni*. Esperei que eles amadurecessem (cerca de 25 dias) e fiz o tratamento com base na oxamniquine. Pude verificar que le-

são era completamente diferente. Descobrimos pelo microscópio eletrônico, no LIKA, que a oxamniquine destrói uma membrana do tegumento do parasita, que é o invólucro fundamental para sua sobrevivência, porque sem essa membrana o parasita não consegue defender-se dos anticorpos presentes no organismo do hospedeiro. Ele só consegue viver no sangue se estiver "camuflado". Então esse tegumento do verme tem uma mistura de várias substâncias do organismo do próprio hospedeiro, que ficam ali mimetizando a sua estrutura, impedindo que os anticorpos ataquem o verme, já que não o reconhece como elemento estranho. Acontece que a oxamniquine, destruindo essa substância, faz com que as células de defesa vão para cima do bicho. Tenho experiência porque consegui tirar vermes ainda vivos e examinei-os no microscópio eletrônico, constatando que eles já apresentavam úlceras, por onde as células imunologicamente competentes penetram e vão absorver o parasita. O parasita, inicialmente absorve água por causa da perda dessa membrana. Nesse momento, o parasita fica como se fosse vitrificado. O granuloma produzido depois da morte do parasita é diferente daquele que foi tratado pelos antimoniais. Estes granulomas são mais suaves e o hospedeiro consegue absorvê-lo sem lesionar o vaso. Foi portanto introduzido esse novo medicamento, Mansil, pelo Ministério da Saúde, que lançou o "PECE", um programa especial de controle da esquistossomose, para o tratamento em massa da população e que ainda hoje é utilizado pelos serviços médicos. Se não fosse isso, o tratamento com base no antimonial teria sido um desastre.

O trabalho do LIKA e o novo convênio com a JICA

O LIKA é um centro de referência internacional. Recentemente, ele firmou um novo convênio com os japoneses através do JICA [Japan International Cooperation Agency], porque o convênio assinado em 1983 acabou em seis ou sete anos. Esse novo convênio com a Universidade forneceria provisões orçamentárias para que o LIKA, em contrapartida, recebesse pesquisadores que desenvolvessem projetos e pesquisas. Esse convênio foi uma ótima maneira de melhorar um pouco a situação do LIKA que hoje tem que sobreviver com verbas limitadas, que ele recebe da Universidade através de fontes financeiras. Hoje em dia, ele também recebe pesquisadores do mundo inteiro e oferece cursos no campo da saúde pública, em doenças parasitárias. Há estagiários do Japão, da Venezuela, da China, África, etc...

Recentemente, em São Paulo, durante as comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil houve um simpósio médico-científico em que o pessoal do LIKA apresentou trabalhos e teve informações de que foi um sucesso enorme. Os trabalhos apresentados ganharam destaque devido ao alto nível e superaram todos os outros apresentados, inclusive os do pessoal da USP.

O Instituto de Antibióticos é um grande exemplo de como é possível fazer ciência de qualidade quando se tem um grande ideal. O Osvaldo Gonçalves de Lima foi uma das figuras mais importantes da nossa universidade. Ele há 30 ou 40 anos idealizou um programa para fazer um laboratório de pesquisas e isolar antibióticos.

Nós tivemos muita coisa bonita na universidade. Eu inclusive disse num discurso, há pouco tempo, que a UFPE era o maior centro cultural, científico e tecnológico de toda a área do nordeste brasileiro. A Faculdade de Direito do Recife é uma das maiores do Brasil, tem uma história muito bonita semelhante às de Medicina e de Engenharia.

Quando ingressei na direção do CPqAM o ritmo de trabalho foi se tornando tão grande, tão puxado, tão desgastante sob certos aspectos maravilhoso, sob outros isso me consumiu muito. Desenvolvi um problema de hipertensão arterial e me apareceram dores de cabeça que às vezes me impediam de trabalhar. Eu chegava no Centro, fechava a porta do gabinete, tomava um remédio e ficava esperando que a dor de cabeça passasse para começar o expediente. Isso me atormentou muito. Então fui aconselhado pelo cardiologista a deixar o cargo de diretor.

Meu pai, que era sertanejo, gostava muito de dizer que "a coisa mais importante no homem era saber sair na hora oportuna". Portanto achei extremamente oportuno o momento para sair da direção e entregar o cargo para outro e continuar como pesquisador. Afinal, minha missão estava cumprida.

O relacionamento que tive com os funcionários durante o período em que fui diretor foi o melhor possível, pelo menos é o que sinto. Há um afeto, um carinho do pessoal do Centro por mim. Aprendi com meu pai a tratar os humildes melhor do que os indivíduos mais importantes. Acho que isso é uma das coisas mais importantes que você pode fazer por uma pessoa mais simples, dar-lhe uma atenção especial. Sempre fiz isso com os meus funcionários todos. No Aggeu Magalhães, eles me adoram e os adoro também.

Sua veia literária

Tive, entretanto, outro lado diferente do médico-científico que foi a parte literária, a parte humana, social que em certa medida me deixou frustrado, porque antes de estudar medicina, ia estudar direito, mas fui levado pela família a optar por medicina. No momento em que pretendi sair do CPqAM, levei isso em conta, pois uma vez aposentado teria tempo de me dedicar às leituras que sempre tive vontade.

Um fato que me influenciou a estudar medicina foi quando comecei a mexer na biblioteca de meu pai. Naquela época, médicos, engenheiros, advogados, todos tinham biblioteca em casa. Minha surpresa foi tamanha quando olhei e verifiquei que havia muito mais livros sobre literatura do que sobre medicina. Havia livros de escritores famosos, coleções inteiras sobre literatura. Então verifiquei que ele tinha uma base muito sólida para exercer o ofício de médico. Tinha um forte conhecimento de filosofia.

Quando fiz 15 anos, recebi de presente uma coleção ilustrada da obra de Machado de Assis, uns 21 volumes, se não me engano. Isso para mim foi importantíssimo porque quando comecei a ler Machado de Assis me apaixonei pelo seu estilo marcante, tão interessante. Ele conseguiu traduzir a atmosfera do Rio de Janeiro, do século XIX. Esse lado humanístico eu vivi durante a minha adolescência.

Dois anos depois de inaugurar o Centro de Pesquisas, colocando-o no campus da Universidade juntamente com o convênio firmado com o Japão, tive realmente uma visão de projeção para o futuro. Resolvi então me aposentar e abandonei totalmente a vida de pesquisador para entrar naquele outro lado que tinha guardado dentro de mim desde a infância que era o lado romântico e filosófico de conhecer a vida sob o ponto de vista social e humano e sobretudo histórico. Comecei a encontrar o outro lado de minha vida que não foi explorado, que é tomar ciência do grande patrimônio de que a humanidade dispõe, tanto na área da literatura quanto da filosofia. Então comecei a ler. Comecei com os *Diálogos de Platão*, aquela coisa fantástica; li e peguei vício. Daí em diante, fui lendo uma série de livros. Nunca pensei que a minha formação de biólogo fosse tão significativa, tão importante para entender o mundo, a vida. Porque na realidade a sociedade é um prolongamento do indivíduo. Comecei a ver isso e esse fato me deu uma facilidade de raciocínio, de compreensão.

Vou tentar realmente recuperar a minha memória, que hoje em dia alguns autores chamam de devaneio. Tenho lido muito Bachelard, que é um poeta fantástico e que escreveu a poética do devaneio e a do espaço. Vários psicólogos acreditam que, ao exercitar nossas lembranças do passado, conseguimos ir muito longe, ao início da própria vida, porque existe uma memória cósmica que vem da formação, que não depende de nós. Esta memória, portanto, está lá e se você fizer um exercício mental, consegue reavê-la e lembrar de coisas que você nunca imaginou. Então, fiz muito esse exercício. Isso me dá um devaneio muito grande.

"Vários psicólogos acreditam que ao exercitar nossas lembranças do passado conseguimos ir muito longe, ao início da própria vida porque existe uma memória cósmica que veio da formação, que não depende de nós."

Lembro-me que o Carlos Morei, um pouco antes da minha aposentadoria, me perguntou: "Como é que você, depois de fazer tudo isso, não vai usufruir?" Então eu disse: "Meu amigo, não fiz isso para que eu usufrísse, fiz isso para ser usufruído para os outros." Sempre tive essa idéia de que devia se fazer as coisas para os outros. Eu lhe disse: "Quando me aposentei deixei um grande amor e encontrei um outro, que é o amor pela cultura literária." Ele riu muito.

Então parei de ler medicina e fui ler um pouco de literatura. Fui descobrindo livros interessantes, como o *Les Chemin de la vie* [Os caminhos da Vida, de Joel de Rosnay- Ed. Suit Paris]. Esse escritor é francês, médico e biólogo. O livro tem dois volumes muito interessantes. Ele olha e descreve todos os problemas da vida, com os seus desajustes. Analisa o desequilíbrio social dos países, mostrando o lado psicológico e o biológico-ecológico. Essa leitura me deu a oportunidade de verificar e examinar o homem no seu conjunto social e ecológico. Depois li um livro muito interessante; os *Dragões do Éden*, Carl Sagan. Ele também é biólogo, formou-se em Havard e hoje é professor e procura estudar o cosmo, o universo. Mais recentemente, li Fritjof Capra que escreveu um livro muito importante que procura estudar o homem e sua personalidade. Li também *O acaso e a necessidade*, do Jacques Monod. Quando você lê um grupo de 8 a 10 escritores você constata que 3 ou 4 são biólogos e que de repente passaram a se preocupar com o homem social. A partir dessas leituras procurei redimensionar as minhas idéias e comecei a escrever alguma coisa sem nenhuma preocupação em publicá-las. Pensamentos e idéias que nós pegamos de um e de outro e que vamos armando uma espécie de quebra-cabeça para procurar encontrar a verdade.

Escrevi recentemente um artigo por insistência do professor Geraldo Pereira, então diretor do Centro de Ciências da Saúde no prefácio dos Anais da Faculdade de Medicina. O título é *A Saúde do povo brasileiro*. Nele procurei mostrar e esclarecer o que produzia a doença no povo brasileiro. Evidentemente, constatei o fato óbvio de que o problema da doença no Brasil é, simplesmente, de educação. Quer dizer, um homem educado se defende da doença. Então não há possibilidade de você atingir uma condição de saúde razoável se não há um padrão mínimo de educação, porque é o homem quem se defende das doenças sobretudo as transmissíveis. O hábito e a higiene alimentar e a higiene corporal são cuidados que se adquire com a educação e ela elimina uma quantidade enorme de doenças. Num posto de saúde do INSS, você fica horrorizado com a quantidade de pessoas doentes. O fluxo é enorme e não há dinheiro que consiga resolver o problema de saúde, porque o número de pessoas doentes é tão grande que se torna praticamente impossível. O motivo disso é porque as pessoas não sabem se defender da doença. Esse artigo foi enviado a um amigo meu, jornalista, que escreveu comentando esse artigo.

Depois me preocupei muito com o problema da violência. O homem tem um lado bom e outro mau. Deus, o criador universal, ao fazer o homem, dotou-o do livre-arbítrio, bem como de uma inteligência racional, com um pouco de criatividade. Esse homem, com a sua criatividade e inteligência, construiu o mundo em alguns milhões de anos e portanto deve ser considerado artífice da criação da natureza; ele é o continuador do Criador Universal. Nós saímos do período do nada para o de criador e o de agricultor, quando pela inteligência verificamos que os animais mais apetitosos não deviam ser pegos aleatoriamente, mas sim selecionados e criados num cercado. Da mesma forma com as plantas, o homem, ao mexer na terra, encontrou coisas que lhe pareciam diferentes. Mas, de criador e fazendeiro para a época atual, foram cinco mil anos. Então você vê que há uma aceleração, a inteligência do homem se desenvolve e obtém mais recursos técnicos e científicos.

A relação com o pai e a mãe

Tive da minha família uma formação humanista muito sólida. Absorvi muito do ambiente em que vivi desde a minha infância. Meu pai foi um homem que tinha uma sensibilidade enorme pela vida. Tem discursos

dele que são lindíssimos, que falam que a vida tem que ser vivida com otimismo. Segundo ele, você tem que procurar desenvolver a sua formação mental, que é o lado bom e esquecer o lado mau. Se você conseguir fazer isso você se tornará uma pessoa feliz. Porque você consegue viver bem com o mundo e com as pessoas, procurando, sobretudo, ajudar as pessoas e senti prazer nisso. Muitas vezes não é necessário dinheiro, mas um gesto, um afago, um carinho que você diz a uma pessoa na hora em que ela precisa; isso representa muito. Se durante a sua vida você cultivar esse lado bom do ser humano, do amor, você se transforma numa pessoa feliz. Aprendi isso com o meu pai. Lembro-me muito bem de uma passagem da vida dele, em que ele, exercendo o cargo de secretário de Saúde e Educação do Estado de Pernambuco, foi visitar os grupos escolares e os professores de Educação Física se queixaram que estava muito difícil trabalhar com as crianças porque, simplesmente, elas desmaiavam durante a aula. Ele mandou imediatamente suspender tudo e mandou verificar o que estava acontecendo. Foi verificado que a maioria das crianças iam à escola sem ter tomado a primeira refeição, em jejum. Então ele imediatamente criou a merenda escolar. Foi o primeiro a instituir a merenda escolar. Isso foi em 1946. A merenda escolar que ele idealizou foi um copo de leite, porque como médico ele sabia que um copo de leite tem tudo o que uma criança precisa; com proteínas, gordura, etc...

Mas meu pai, todavia, nunca ocupou cargo público durante o período de Agamenom Magalhães, porque Agamenom não permitia que nenhum parente ocupasse cargo público. Ele era de um puritanismo impressionante, não ajudava parentes, não admitia que nenhum tivesse emprego público. Foi inclusive criticado por parentes próximos. Tinha uma imagem completamente diferente da vida pública, do exercício do cargo público. Quando assumiu o cargo de interventor federal em Pernambuco, em 1937, depois do Golpe de Estado, ele encontrou meu pai como diretor da Faculdade de Medicina. A primeira coisa que fez foi pedir ao meu pai que se demitisse, embora a Faculdade de Medicina não tivesse nada a ver com o seu governo. Era apenas uma faculdade particular, subvencionada pelo Estado.

Minha mãe me contava que, quando eu nasci, em Olinda, meu pai foi perseguido politicamente, porque os políticos, contrários a Agamenom, quando subiam ao poder atacavam todos, inclusive os que não tinham culpa nenhuma. Quando meu pai chegou do Rio de Janeiro, foi nomeado para Diretor do Serviço de Profilaxia Rural, um cargo federal. Nes-

se período, durante o governo de Epitácio Pessoa, houve uma perseguição política muito grande aos adversários políticos do Presidente da República que morava em Pernambuco. Perseguiam tremendamente o Agamenom. A pressão foi tão intensa que o diretor de Saúde Pública mandou chamar meu pai para dizer que ele tinha que pedir demissão do cargo de diretor. Portanto meu pai ficou desempregado, abriu um consultório numa farmácia e foi clinicar. Antigamente era muito comum os farmacêuticos cederem um espaço para o médico poder clinicar, que aliás era uma coisa muito sadia. A pessoa chegava lá, fazia uma consulta com o médico e tinha o remédio. Hoje em dia, você vai à farmácia e se consulta, não com o farmacêutico, mas sim com o balconista, o que é muito pior.

Em Olinda, mamãe me contou que um dia chegou um homem, num sábado, e falou com papai que estava sem nenhum tostão, sem nenhum dinheiro para comprar comida para os filhos. Meu pai então meteu a mão no bolso e tirou o único dinheiro que tinha, que era uma cédula de cinco mil réis e entregou ao homem. Foi nesse clima que foi criado, dentro de um espaço onde a solidariedade humana existia.

Minha mãe era filha de senhor de engenho, numa época em que quase não existiam usinas de açúcar, mas engenhos. Na minha infância sempre brinquei lá. Normalmente o dono do engenho morava lá, não tinha casa no Recife e por isso minha mãe foi educada numa escolinha com uma professora contratada para ela e para os filhos dos empregados, dentro do engenho. Depois ela fez todo o seu curso no Colégio das Damas, no Recife, um colégio muito bom. O lado artístico da minha mãe foi o que mais me impressionou. Ela era uma pessoa que tinha um gosto muito apurado por música e pintura. Esse traço da sua personalidade saiu mais forte num dos meus irmãos, o Aluísio Magalhães, que foi uma pessoa que teve uma participação muito ativa na sociedade, durante um curto período da vida, pois ele morreu muito cedo.

Ele era um homem que tinha um conhecimento, uma visão artística da vida. Começou pintando quadros, depois foi embora para o Rio de Janeiro e lá começou a desenvolver um lado mais coletivo da arte, daí ele ter ingressado na Secretaria de Cultura. Numa das vezes que o visitei, perguntei-lhe preocupado o porquê de ele estar se esquecendo do seu lado de artista plástico e ele me disse: "Não se preocupe, acho que é muito mais importante que o artista participe na sociedade do coletivo do que simplesmente pinte um quadro".

A infância, os Colégios

O primeiro colégio em que estudei foi um colegiozinho particular que tinha no Recife, chamado Colégio Pestalozzi. Fiquei realmente encantado com o colégio porque logo nos primeiros contatos comecei a aprender o alfabeto através de objetos. Lembro-me que um certo dia a professora chegou e mandou que a turma toda ficasse quieta esperando, porque ia haver uma inspeção. Vinha uma professora para ver se o colégio estava indo bem e fazia parte dessa inspeção entrevistar alguns alunos. Na sala de aula havia um armário enorme onde se guardava o material escolar. A inspetora me perguntou o que eu entendia por um objeto opaco. Eu então olhei-a e disse: "Por exemplo, um corpo opaco é esse armário, porque a minha professora está escondida atrás para assistir à entrevista e a senhora não está vendo". Aí acabou a entrevista. Ela riu como o diabo, foi uma graça danada.

Lembro que me preocupava e me entristecia muito quando via uma pessoa sofrer, um pobre pedindo esmola. Uma vez, quando tinha uns sete anos, uma pessoa que morava próximo a minha casa, se feriu acidentalmente. A empregada foi me chamar para fazer um curativo, pois estava sangrando muito. Fui buscar mercúrio cromo, iodo, esparadrapo e gaze e fiz o curativo. A minha atitude foi uma coisa espontânea, um gesto que me deu depois muitas alegrias, porque a pessoa na qual fiz o curativo ficou muito grata. Ele me tratava tão bem que comecei a perceber o seu afeto por mim. Isso foi realmente uma coisa interessante na minha vida. Costumava dar os brinquedos aos meninos pobres que chegavam na minha casa, pedindo esmolos.

Costumava passar o meu período de férias escolares no engenho do meu avô. Esse lugar era deslumbrante para um garoto, passear a cavalo, tomar leite de vaca. Lembro que eu, meu irmão e um tio, um dia, em passeio, nos aproximamos de um casebre e ouvimos um ruído estranhíssimo dentro de casa. Nos aproximamos da casa fechada e descobrimos que estava cheia de crianças pobres que haviam corrido para se esconder quando nos viram. Percebemos que elas estavam todas nuas. Imediatamente fomos para a casa grande, pulamos a janela de nosso quarto, abrimos os gavetões, tiramos calças, blusas e entregamos aos meninos. Saímos felicíssimos por ter feito aquilo e ninguém soube. Depois é que descobriram, porque havia faltado algumas peças de roupa e então tivemos que contar a estória. Graças a Deus todo mundo apoiou e não houve castigos. Esse foi um gesto também que nunca esqueci, porque estou vendo aquele momento, aquele quadro terrível. Ficamos impressionadíssimos.

Durante o ginásio tive um período difícil porque meu pai saiu de um emprego público que ele tinha no Departamento de Saúde do Estado. Nós tivemos que sair do colégio e minha mãe conseguiu uma professora que ia na nossa casa. Passamos uns dois anos nessa estória. Isso foi muito prejudicial, nós perdemos muito. Mas um dia, de repente, meu pai chegou e disse: "Vocês estão matriculados no colégio, pelo menos os dois mais velhos, os dois menores não precisam".

Fomos para um colégio realmente muito bom, Colégio do Padre Félix Barreto, que foi um grande educador, um grande homem sobre todos os aspectos. Ele era sacerdote e formou muita gente boa. Às vezes, ele admitia rapazes que vinham do interior e não podiam pagar o colégio, mas estudavam recebendo casa, comida e trabalhando como sensor.

Meu pai me matriculou no Ginásio do Recife para fazer o curso de admissão, que naquela época era um exame pesado, difícil. Nós não tínhamos, realmente, condições de estar lá. Foi preciso um trabalho enorme de estudo para conseguirmos, dentro de um ano, recuperar o curso primário. Mas, fizemos admissão e passamos, eu e meu irmão. E daí por diante tomamos muito gosto por causa da qualidade dos professores. Havia um grande grupo deles, como por exemplo o professor de História, Álvaro Lins, que se tornou internacionalmente conhecido. Ele foi um grande sociólogo, historiador, escreveu um livro formidável e depois foi embaixador em Portugal. Quando dava aulas sobre História da Civilização nós, alunos, ficávamos como se estivéssemos assistindo a um filme; ficávamos inteiramente concentrados no que ele dizia, vivendo aqueles fatos que ele narrava. Ele era um contador de estórias muito bom. O professor de Geografia foi Dácimo Rabelo, um homem igualmente formidável - grande professor. O professor de Português foi Nilo Pereira. Ele, no primeiro ano ginásial, adotou no nosso curso *Os Lusíadas*, de Camões. E nós tanto analisamos o livro que eu já sabia muitas estrofes decoradas. Lembro que esse professor me entusiasmava muito; sempre sentava na primeira fila. Um belo dia ele disse: "Este poema é o mais bonito da humanidade, da literatura universal". Levantei e disse: "Professor, o senhor disse isso na semana passada com relação a outro poema". Ele deu uma risada enorme e ficou meu amigo depois disso; ficou me destacando muito e fomos amigos até o fim de sua vida. Era um homem realmente genial. Esse curso de humanidades, chamado curso ginásial do Ginásio do Recife foi fundamental. Estudei também como o Valdemar de Oliveira, que era o professor de ciências naturais.

Quando saí do Ginásio do Recife, em 1939, meu pai me matriculou imediatamente num outro colégio que tinha o curso colegial. Nessa época era obrigatório cursar três anos do colegial para ingressar na universidade. Quando cheguei no colégio, vários professores do curso pré-médico tinham sido professores do Ginásio do Recife. O Valdemar de Oliveira era conhecido por ser muito exigente e seu curso muito puxado, muito embora desse aulas maravilhosas. Já tinha sido aluno dele no ginásio de modo que já ia preparado. Lembro-me das questões de parasitologia, do terceiro ano médico, de classificação de mosquitos, de insetos, que me valia de conhecimentos adquiridos durante o curso colegial.

O curso médico

Quando estava cursando a Faculdade de Medicina, no segundo ano, fui convocado pelas Forças Armadas. Fui preparado nessa época para ir à guerra, entretanto não cheguei a embarcar para a Itália. Fiquei na Companhia de Guarda, fizemos um curso e quando nós estávamos treinados, a guerra acabou. Foi um período difícil pois não havia muito tempo para estudar as matérias da universidade. Eu estudava à noite. Depois disso conseguir ser transferido para o hospital, onde foi muito melhor porque tinha um expediente comum; saía de casa às cinco e meia da manhã e voltava às cinco e meia da tarde. De noite eu ia para a casa de um colega ver apostilas que eram as cópias das aulas que um dos alunos copiava e depois mimeografava e distribuía para a turma. Nesse período não assistia às aulas; apenas estudava pelas apostilas e fazia as provas. Durante o período da universidade tive um relacionamento muito bom com meus colegas. A minha turma era excelente. Várias pessoas ficaram notáveis no Recife; muitas já morreram. Lembro que entre nós havia uma amizade muito grande, fraternal, que nos unia. Eu procurava sempre me manter menos evidente, nunca quis ser representante de turma nem fazer parte do diretório acadêmico. O indivíduo que está no centro das atenções só pode se perturbar muito. Ele é alvo, às vezes, de perseguição, de inveja. De modo que se você está na sombra, sempre trabalhando, sem ser evidente, pode viver uma vida melhor.

Fui muito estimulado por meu pai a fazer pesquisa na área médica. Às vezes ele dizia que a pesquisa, a investigação científica, estava acima de tudo. E de fato, cabe ao pesquisador um papel decisivo na evolução da ciência. É a partir do seu estudo experimental que a ciência avança. Por isso resolvi entrar no trabalho de pesquisa, sobretudo no problema

da esquistossomose. Naquela época estava muito impressionado com os trabalhos do Bezerra Coutinho, do Raimundo Barros Coelho, que nos mostravam aspectos interessantíssimos das doenças. Foi o trabalho no Serviço de Verificação de Óbito que me deu a motivação para fazer a tese para professor livre-docente.

Realmente foi descoberto que o nosso cérebro tem dois hemisférios; um chamado intuitivo e o outro analítico. À medida que se começa a utilizar a intuição no trabalho de pesquisa ou no artístico o cérebro intuitivo vai sendo desenvolvido. Isso é uma arma maravilhosa para que você veja uma coisa e imediatamente consiga entender o fenômeno que você está procurando.

Eu andei muito de bonde quando era estudante, no Recife. O Curso de Medicina não era feito em um único hospital mas em quatro. No Hospital Pedro II havia algumas aulas da parte clínica; no Hospital do Centenário, técnicas cirúrgicas; no Oswaldo Cruz, doenças parasitárias e infecciosas; no Hospital Infantil Manoel Almeida, pediatria e no Hospital da Tamarineira, psiquiatria e neurologia. Então as aulas de medicina eram espalhadas. Nós andávamos o dia todo, de um lado para o outro. Esses hospitais eram ligados à Santa Casa da Misericórdia e ao Departamento de Saúde do Estado. O Hospital Pedro II era ligado à Santa Casa e o da Tamarineira era do Departamento de Assistência Hospitalar do Estado, bem como o do Centenário. O Hospital Infantil era uma instituição beneficente doação de um português chamado Manoel Almeida Alves. O Oswaldo Cruz era do Estado. Portanto, nessa época, ir às aulas era uma verdadeira peregrinação. Era até simpático, às vezes, ir a pé, por exemplo, do Hospital Infantil para a Tamarineira, atravessando dois quarteirões. Os horários eram colocados mais ou menos em conveniência com as distâncias. Era muito bem feita a programação. Andávamos em grupo e às vezes pegávamos um bonde. O bonde era uma coisa romântica, até silenciosa; o ônibus faz muito barulho e trepida. No bonde você podia até ler, fazer amizades com aquelas pessoas que normalmente andavam naqueles mesmos horários. Lembro que a faculdade de medicina era servida por um bonde chamado Bonde do Derby, que dava a volta na praça do Derby. Esse bonde era normalmente ocupado por estudantes e por isso mesmo havia uma grande brincadeira nele. Os estudantes, de vez em quando, paravam o bonde, cantavam, faziam bagunça. Era muito interessante. Lembro-me muito bem de uma estória muito engraçada. Tinha um professor com mania de usar um anelão e existia um banco no início do bonde que se chamava "cara dura", porque um banco era de frente para

o outro. Esse professor ficava ali naquele banco, segurando o guarda-chuva e sempre colocava o anel em cima da outra mão, para todo mundo ver. Então um colega nosso, muito espirituoso, sentou-se em frente a ele e de repente começou a aproximar a cabeça em direção ao anel, como se tivesse sendo atraído. Foi baixando, se aproximando em sua direção. O velho puxava o anel para o lado e a cabeça dele ia também acompanhando. Esse professor findou levantando-se do bonde e saiu zangado. Não havia nenhuma má-fé, eram apenas brincadeira muito interessantes. Uma vez, os alunos começaram a quebrar o bonde porque ele atrasou e foi chamada até a polícia. Os estudantes quando viram que iam ser presos correram em direção à faculdade. Nessa altura, meu pai, que era o Diretor, mandou que fechassem o portão da faculdade e foi para a frente esperar o comandante da polícia. Quando o comandante chegou, ele se apresentou e disse: "Se você quiser levar os estudantes, então eu vou na frente". O comandante bateu continência, pediu desculpas e foi embora. E os estudantes aplaudiram. Essa estória ficou famosa.

Eu me formei em 1947 e acho que até a gestão de Antônio Figueira, em 1953, o curso de medicina era feito em vários hospitais. Esse Diretor fez um acordo com a Santa Casa da Misericórdia e alugou o Hospital Pedro II, que sofreu uma reforma completa nas suas instalações, para receber o curso de medicina completamente unificado. Equiparam tudo e centralizaram. Só ficou fora do Pedro II um serviço em Santo Amaro, de pediatria. Depois que assumiu o dr. Fernando Figueira, ele constituiu o IMIP - Instituto de Medicina Infantil. A parte de ginecologia-obstetrícia foi para uma maternidade que hoje se chama Maternidade Oscar Coutinho. O Departamento de Anatomia Patológica, que era no Derby, mudou-se para um pequeno edifício nos fundos do Pedro II. Isso significou um grande passo para a faculdade de medicina. Tivemos pela primeira vez a convivência de todas as clínicas; da patologia, da radiologia, dos laboratórios, todos trabalhando praticamente dentro do mesmo teto. Houve portanto uma reorganização e participei desse processo como professor, dando aulas práticas com cadáveres de pacientes falecidos nas enfermarias. Estas tinham uma estória clínica muito boa, muito bem coordenada. Líamos a estória clínica e verificávamos o que tinha acontecido, o que estava certo e o que estava errado.

A formação dos irmãos

Meu segundo irmão é engenheiro, ainda está vivo e mora no Rio de Janeiro. O terceiro era arquiteto e faleceu. Chamava-se Paulo Maga-

lhães e estudou arquitetura no Rio de Janeiro porque não havia escola de arquitetura no Recife. Ele era realmente um artista. O Aluísio era o quarto, o mais moço. Os dois mais jovens puxaram muito a minha mãe; o seu lado artístico. Um era arquiteto e o outro, boêmio. O Paulo tocava violão, cantava e tinha uma cultura formidável. Ele foi para Brasília trabalhar com Oscar Niemeyer. Aluísio estudou Direito e era um artista plástico.

No início, meu pai se preocupou muito com Aluísio, pois não queria que ele se tornasse pintor. Ele fez diplomacia mas não conseguiu. No curso de Direito ele teve muita sorte, pegou uma turma muito boa, estudou com Ariano Suassuna e com Francisco Brennand. A formação cultural que o Aluísio teve fez com que ele se projetasse também no âmbito social e político. Ele definiu completamente a situação cultural do Brasil, criando o Pró-Memória e organizando o Patrimônio Histórico e Artístico que estava horrível. Ele mesmo disse que quando entrou lá "dava a impressão de que estava entrando numa casa funerária." Um dia ele estava em Ouro Preto visitando uma reforma numa igreja e de repente entrou uma velhinha que queria que ele fosse na casa dela. Ele achou aquela insistência curiosa e foi. Quando chegou lá, a senhora abriu um baú e mostrou a ele uns livros, uns cadernos. Eram os cadernos de caligrafia do imperador D. Pedro, quando menino. Na caligrafia que ele leu, verificou uma coisa importantíssima, o conteúdo que estava escrito eram as normas de comportamento. Então ele ficou muito motivado por isso. Antes de ele falecer, estava muito cotado para substituir o ministro da Educação, Eduardo Portela, do governo de Figueiredo. Eu levei o Aluísio na Fundação Oswaldo Cruz, quando eu era diretor do CPqAM, para fazer uma palestra a convite do presidente Guillard e ele fez uma palestra interessantíssima, de improviso. Foi ele quem tombou o Edifício de Manguinhos, a pedido do Presidente.

A boêmia na juventude

Meu pai me deu uma educação muito rígida. Apenas quando completei 18 anos é que tive licença para sair à noite, nos sábados, para ir ao cinema. Ele teve muito cuidado nessa parte. Antes de dar o grande passo do casamento, em 1951, eu depois de formado participei algumas vezes da boêmia do bairro do Recife. Nesse período, tive condição econômica para me divertir, passear. Fui um pouco boêmio. Gostei muito das noitadas, das brincadeiras no Bairro do Recife. No Recife havia uns cabarés onde existia respeito, era impressionante. As mulheres eram tratadas com muita atenção e eram pessoas boas, não eram pessoas de mau ca-

ráter. Eram, às vezes, moças desvirginadas pelos noivos que a família enfeitava e que elas saíam de casa e vinham do interior para entrar no negócio da prostituição.

Durante a guerra, os americanos montaram duas bases no Nordeste, uma em Natal e outra em Recife. A quantidade de marujos que chegavam aqui no Recife era uma coisa enorme. Eles gastavam dinheiro como o diabo e entravam numa verdadeira orgia. Isso atraía uma quantidade enorme de moças que vinham procurar a vida no Recife. Era uma coisa fantástica o Recife naquela época. Lembro que muitos soldados americanos e ingleses casaram com essas meninas e as levaram para os Estados Unidos e Europa. Eles eram pessoas que já estavam numa etapa social mais avançada do que os brasileiros. Eu notei isso porque quando fui para os Estados Unidos, em 1953, com a bolsa de estudo na Universidade de Washington, percebi, no próprio Departamento de Patologia, que as três pessoas principais, depois do professor titular, eram do sexo feminino: três professoras (três senhoras solteiras). Elas tinham uma vida formidável e eram altamente respeitadas. Elas viviam sozinhas, eram independentes, tinham seus carros, suas casas e naquela época isso não existia no Brasil. Fiquei, naturalmente, com essa imagem na minha cabeça e procurei educar minhas filhas dentro daqueles parâmetros. Eu me preocupava com o fato de elas terem independência mental e econômica, porque uma mulher que tem nível superior é respeitada. Então me preocupava com esse fato e procurava passar para as meninas esse senso de independência intelectual e econômica.

Suas reflexões filosóficas

Depois de ler muita coisa e de ter me afastado um pouco da parte de ciência pura, exata, e ter entrado na filosofia, me pergunto: "O que é que nós somos em relação à natureza? O que é a natureza em relação a nós? De onde viemos e para onde vamos? O que é realmente o Universo?" Lendo e vendo o avanço científico que existe, cheguei a uma conclusão: O Criador fez com que o homem evoluísse e comecei a perceber que esse comportamento dava sinais de que, ao contrário do que eu mesmo pensava, a ciência mostrava que o lado parapsicológico, religioso e do dogma não tinha nada a ver com o lado científico. Em decorrência disso o homem tornou-se um pouco materialista, uma vez que só pode entender aquilo que é visto. Comecei a reformular as minhas idéias e verificar que estava havendo uma coisa muito séria, pois a ciência estava começando a se aproximar da religião, do espiritual. A física nuclear pro-

vou que a matéria não existe, a matéria é energia, concentração de forças energéticas que estão circulando na coroa do átomo, mas que, de acordo com a velocidade e com o poder de coesão dessas partículas, faz com que se tornem materializadas, tenham forma física. A pedra, a madeira, tudo é energia.

No momento em que você tocou nesse átomo e viu em explosão é porque a velocidade com que essas partículas circulam em torno do núcleo é milhões de vezes maior do que a velocidade da luz. Então, por aí você tem idéia da força que existe ali e não é perceptível. No momento em que você conseguir desmanchar, romper aquela coesão, você tem uma bomba atômica. Então comecei a perceber a relação que existe entre o homem e a natureza, a relação que existe entre os animais e o homem e a sua complementaridade.

O verde da clorofila das plantas é uma coisa linda e é inclusive repousante, dá alegria e bem-estar ao homem. É um pigmento, uma porfirina que tem o poder de facilitar a fixação do carbono, liberando oxigênio, para que o carbono transforme a seiva mineral em seiva orgânica, que é a síntese da matéria orgânica e se transforma em glicose. No animal existe um outro pigmento, só que é vermelho, do sangue, mas muito próximo da clorofila. É uma porfirina também, que é a hemoglobina, só que ela faz exatamente o inverso. Ela fixa o oxigênio liberado pela planta, prende o oxigênio, libera o gás carbônico para a planta e leva até o nível da célula o oxigênio. Leva esse oxigênio para queimar a glicose. É uma coisa formidável. Isso é uma coisa que tem um sentido cósmico. Hoje se fala muito em inteligência cósmica, que é uma coisa que existe realmente, poderosíssima. Acredito hoje que o homem é uma escala ascendente de evolução científica, determinada pelo Criador Universal que o fez o artífice da natureza continuando o que ele fez.

Jesus Cristo consagrou uma partícula de pão e vinho e fez com que se comesse e se bebesse. Tenho a impressão de que aquela energia depositada naquela partícula de pão é introduzida como forma de uma energia salutar, para compor o organismo, o corpo da pessoa, a parte material que precisa muito, da mesma maneira, do sangue. Então é uma transferência de energia. Analisada por este ângulo você vê que ela tem um sentido bastante importante. Aquilo tem um sentido mais profundo. É uma forma de o homem colocar no seu organismo, no seu interior, uma partícula, um pouco de energia boa. Porque o que o Cristo fez foi só o bem. Essas coisas precisam ser realmente vistas e encaradas. Acho

que a ciência está começando a se encontrar com a religião. Muitos cientistas no passado, no fim da vida, se tornaram místicos e se encontraram realmente com Deus, com o lado espiritual da vida. Acho isso muito bonito. Acho que tanto o artista, quanto o cientista, têm uma participação divina, porque eles criam. O cientista está fazendo coisas que são boas para a humanidade.

A relação do pai com o irmão Agamenom

Meu pai, Aggeu Magalhães, foi o irmão mais próximo de Agamenom, tanto na questão de idade, quanto intelectualmente. Os dois foram os que se desenvolveram mais. Assisti muitas conversas entre os dois. Eles sofreram muito, porque o Agamenom, como político, queria sair de casa e não podia porque tinha um camarada seguindo ele. Meu pai também, foi perseguido pelos políticos que estavam no poder naquela época. A perseguição política foi muito grande. Assisti uma estória muito interessante: o meu avô, Sérgio Magalhães, foi o primeiro Magalhães que veio de Serra Talhada para o Recife. Formou-se em Direito e foi um homem ilustre, sendo inclusive juiz de várias comarcas. Um dia ele estava exercendo suas funções como juiz de direito na cidade de Delmiro Gouveia, que foi uma pessoa importantíssima, fez coisas maravilhosas, e ele teve um problema de ordem pessoal com o governador daquela época, pois casou não sei se com a filha ou a sobrinha do tal governador. Esse então telegrafou para Sérgio Magalhães pedindo que ele prendesse o Delmiro, e o velho Sérgio, que era muito amigo de Delmiro, mostrou o telegrama a ele, que então atravessou o rio e foi embora para a Bahia. Sabedor da estória, o governador, imediatamente, baixou um ato pondo em disponibilidade meu avô. Ele, portanto, veio de trem, com todos os filhos para o Recife, numa situação financeira muito difícil, começou a lutar para sobreviver, entrou na política e foi eleito deputado federal pelo distrito do Sertão.

Agamenom ia muito na minha casa, sentava num terraço onde havia algumas plantas e ficava conversando com meu pai. O Agamenom comentava com meu pai que se não houvesse o caso envolvendo o Delmiro Gouveia não teria havido a oportunidade de estudar no Recife. Em determinada ocasião, Agamenom disse: "Você ia ser um boticário, não teria outra coisa a fazer" e meu pai retrucou: " E você, Agamenom com um rifle nas costas ia ser um boiadeiro". Ele levantou-se e disse: "Ninguém pode brincar com você!"

Agamenom queria organizar Pernambuco. Os grandes usineiros não pagavam imposto, faziam o que queriam no Estado. E ele colocou esse pessoal na "linha", mas custou muito caro. Quando ele descobriu

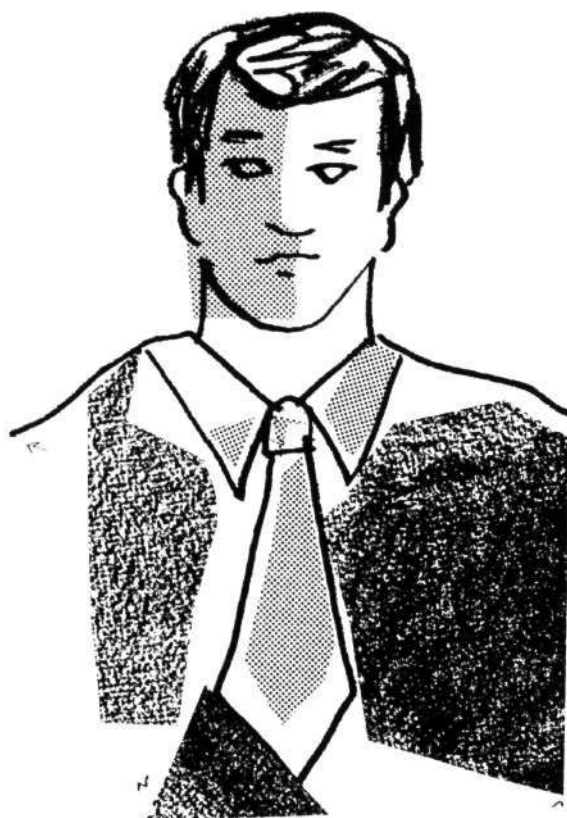
que havia no Estado uma pessoa influente que nunca havia pago imposto, ele foi na casa dele e disse: "Olhe, em 24 horas se não pagar, mando prendê-lo." Ele mandava prender mesmo. Agamenom se caracterizou como um homem justo. Ele era altamente popular, democrata. Ele foi eleito pelo povo e foi o primeiro homem público que, pela primeira vez, pensou no BNH [Banco Nacional de Habitação], quando criou a campanha contra os mocambos, que construiu casas populares, saneadas. Antes de ser governador ele foi Ministro da Justiça no governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Ele substituiu Bejamim Vargas no Ministério da Justiça e mandou buscar no Recife cinco pessoas de sua inteira confiança para substituir todas as Secretarias do Ministério. Estava apavorado com a corrupção, tinha horror a ela.

"Agamenom queria organizar Pernambuco. Os grandes usineiros não pagavam imposto, faziam o que queriam no Estado. E ele colocou esse pessoal na 'linha', mas custou muito caro".

Depois de meu pai morrer, o Agamenom, vez por outra, me chamava no Palácio do Governo, quando ele tinha um resfriado ou uma gripe. Eu ia à noite, oito e meia aproximadamente, quando acabava de jantar e ficava passeando no terraço, atrás do Palácio, sozinho. Quase ninguém ia lá porque ele não era de muita conversa, era muito calmo. Num determinado dia, nós conversamos muito e na hora em que eu me despedi, ele virou-se para mim e disse: "Se você souber que alguém está roubando no meu governo, mesmo que seja um Secretário de Estado, venha imediatamente me comunicar." E eu fiquei espantado com aquele gesto.

No dia em que morreu, um guarda do palácio foi me chamar em casa. Esse homem bateu na porta, eu acordei meio assustado e ele veio ao meu encontro aos prantos, chorando como uma criança. Eu pensei que ele estivesse alcoolizado.

Agamenom era um homem muito querido, porque ele atendia os humildes, dava-lhes muito mais carinho e atenção. Porque eles não conseguiram chegar onde nós chegamos. Muitos não terminaram primário, muito menos ainda o nível superior. Enquanto que nós tivemos a sorte de ter estudado. De modo que, nós temos um débito com eles. Nós temos que dar a eles respeito e compreensão. Isso existiu tanto no meu pai quanto no meu tio.





ALEXANDRE BEZERRA DE CARVALHO

A influência do pai na formação médica

Quando nasci em Campina Grande, em 1945, eu já tinha três irmãs. Meu pai é médico e todos os amigos do meu pai eram médicos também. Formou-se em Reife, em 1938, depois foi para Campina Grande e casou-se. É um dos maiores médicos que existem no Estado da Paraíba, e ele sempre foi uma espécie de pesquisador, o que me influenciou bastante profissionalmente.

Quando meu pai chegou em Campina Grande, apesar de ser clínico, montou um laboratório, porque não havia nenhum lá. Até hoje ele tem um laboratório muito bom. Foi sempre um clínico de grande nome, foi laureado de turma e tinha muitos amigos médicos de grande renome. Em minha casa criou-se um ambiente austero. Meu pai estudava diariamente até as quatro horas da manhã. Mandava buscar livros e revistas no mundo inteiro; freqüentava congressos. Isto nos influenciou de tal modo, que todos os meus irmãos fizeram medicina. De maneira que isto foi um certo "rolo" na minha vida, porque eu nunca defini muito bem o que queria.

Meu pai era pesquisador, mas um pesquisador alternativo, que se fez à própria custa. Nunca trabalhou em nenhuma instituição formal de pesquisa, sempre foi um sujeito de espírito muito independente. E esse espírito, muito independente, ele transmitiu para mim, sem querer.

A infância, os pais e irmãos

Tive uma infância muito feliz. Meu pai é um sujeito muito rigoroso, muito estudioso. Estudei o primário dentro de casa. Tinha uma professora que vinha nos dar o curso primário em casa. Fiz o exame de admissão com nove anos, concorrendo com mais de mil alunos, e passei em primeiro lugar. Depois do exame, comecei no colégio, descobri o mundo, porque vivia dentro de casa, trancado.

Meu pai criou, dentro da nossa casa, um mundo particular. Ele tem a maior discoteca de música clássica que conheço. Sempre criou passarinho do mundo inteiro, lê muito, tem uma biblioteca imensa. Na cabeça dele, criou os filhos para não fazerem parte daquele mundo que ele vivenciava em Campina Grande, que era uma cidade atrasada, no interior da Paraíba. E isso, evidentemente, não deu certo; não podia dar certo, e por isso tive algumas "turras" com meu pai.

Quando eu tinha 16 anos de idade, um dia discutindo com um de meus irmãos, de brincadeira, dei um tiro nele e o matei. Ele era pintor, tinha 13 anos, e já havia exposto em Paris, um pintor extraordinário. Papai estava dando aula em João Pessoa, porque ele era professor da Faculdade de Medicina em João Pessoa. Pensei que o revólver estava vazio, ele deu uns tiros em mim primeiro, dei um tiro nele e, para o meu azar, tinha uma bala no tambor que foi disparada e o matou. Esse fato provocou um desarranjo completo na família. Meu pai até hoje não se recuperou bem disso, ficou profundamente deprimido. No meio dessa crise, vim para Recife e, durante minha formação acadêmica, fiquei completamente desajustado. Fiz tratamento médico com um psiquiatra, porque não me conformava em ver uma família que era linda, de repente, desmoronar por conta de um acidente de que eu tinha participado. Hoje tenho absoluta consciência de que não tinha responsabilidade, mas na época não me sentia desse modo.

Minha irmã mais nova, que era brilhante, formou-se em medicina e foi para a Universidade de Harvard fazer doutorado em imunologia. Nesse período, o meu irmão caçula que havia passado em terceiro lugar no vestibular de medicina, morreu. Minha irmã, por conta disso, veio passar um mês com meus pais que, a essa altura, estavam mais emborcados ainda. Ela sofreu um acidente e também morreu. Foram, portanto, três irmãos mais jovens que morreram. A família desarranjou-se toda; hoje é que começaram a se recuperar um pouco. Esses fatos marcaram profundamente a minha juventude.

Minha mãe era uma boa pianista, na época. Tinha estudado até o 12- ano de piano e foi ela quem ensinou a mim e a minhas irmãs a tocar piano. Papai é louco por música, mas não toca nenhum instrumento. Ele adora música clássica. Acho que uma das coisas que aproximou papai de mamãe foi o fato de ela tocar muito bem piano. Todos nós tivemos uma formação musical muito forte. Estudei piano até 15 anos de idade,

quando vim embora para Recife; minhas irmãs estudaram bem mais. Larguei o piano completamente quando estava em São Paulo, porque ou eu resolvia ser pianista ou ia ser médico. Foi uma decisão pesada, porque tinha uma tendência muito grande para a boêmia. Então resolvi largar o piano e passei 30 anos sem me aproximar de nenhum instrumento; hoje eu toco um pouquinho, mas de brincadeira.

O ginásio e científico

Fiz o ginásio e o científico em um colégio estadual, em Campina Grande, muito bom. Quando terminei, vim fazer vestibular e passei em 14^º lugar porque o colégio em que estudava preparava bem para a seleção do vestibular.

Meu pai, quando eu tinha dez anos, me deu um laboratório de brinquedo completo. Montei-o dentro de casa e, desde esse dia, comecei a realizar experiências: misturava elementos químicos, soltava foguetes com grilos dentro da ogiva. Nessa época, eu era muito amigo do Agnaldo, que foi diretor do ITEP [Instituto de Tecnologia de Pernambuco] e atualmente está na Tchecoslováquia. Ele era muito pobre, mas muito entusiasmado e inteligente; trabalhávamos juntos nesse laboratório, fazíamos foguetes, aero-modelismo e estudávamos astronomia, pois eu queria ser astrônomo quando era pequeno. Depois passei para física nuclear. Resolvi fazer vestibular de medicina quando estava no terceiro ano científico. Ele fez vestibular para o ITA [Instituto de Tecnologia da Aeronáutica], e eu também iria fazer, mas quando aconteceu o acidente com meu irmão, resolvi fazer medicina. Tenho a impressão de que fiz medicina porque sabia que meu pai iria ficar muito feliz. Não me arrependo. Gosto da área biológica, mas queria fazer física nuclear.

A faculdade em Recife

Tinha três irmãs mais velhas que estudavam medicina em Recife. Seguindo o mesmo caminho, fui fazer vestibular em Recife, porque em Campina Grande não havia, na época, Faculdade de Medicina. Sempre tive uma relação muito turbulenta com as minhas irmãs e meus pais. Eu não me conformava, bebia muito, sobretudo durante a juventude, na época da Universidade Federal de Pernambuco.

Quando vim para Recife, morei no início com elas, mas, por conta das nossas desavenças, terminei indo morar numa república de estudantes, onde fiquei aproximadamente três anos. Nos últimos anos de medicina morei no Hospital da Aeronáutica, exercendo a função de estudante-residente. Foi um período interessante.

Era mantido financeiramente por meu pai. Depois fui morar no Hospital da Aeronáutica, que era gratuito, tinha direito a casa, comida, roupa lavada. Além disso, dava plantão em clínicas de psiquiatria. De vez em quando fazia as pazes com meu pai, passava um ano bem, depois passava mais dois brigado.

Quando me formei, fui trabalhar numa clínica em Boa Viagem, comprei meu primeiro carro. Durante o dia, fazia um curso de pós-graduação em medicina preventiva. O profissional especializado em medicina preventiva poderia atuar na Fundação SESP [Serviço Especial de Saúde Pública], órgão antecessor à Fundação Nacional de Saúde, ou poderia trabalhar nos quadros das estruturas estaduais e municipais de saúde. A Fundação SESP atuava mais na área de saneamento.

Li muita filosofia e teologia, durante a juventude. Tive uma formação humanística pesada. Isso, curiosamente, me tornou um cara apolítico, mas um pouco anarquista. Nunca entrei em grupos políticos. Sempre fui meio do contra. Fui preso durante a revolução; sempre participava de movimentos estudantis de massa. Fui preso quando estava no Hospital da Aeronáutica, acusado de ser comunista da linha chinesa. Passei 15 dias detido, porque estava lendo um livro de poesia de Mao-Tsé-Tung, no cassino dos oficiais. Mas, nunca me fixei formalmente num partido político. Sempre fui contra os partidos de esquerda radicais e contra os partidos de direita, ficava naquele jogo ambíguo, e isso não me fez bem na vida. Se você não tem uma definição partidária, fica sempre mal olhado por todo mundo; isso acontece comigo até hoje.

Quando fui convidado para exercer o cargo de secretário-adjunto na Secretaria da Saúde do Estado, durante o governo de Joaquim Francisco, disse, assim que conversei com o governador, que não havia votado nele, tampouco gostava dele, pois o achava arrogante e presunçoso. Ele disse: "Não estou convidando o senhor porque votou em mim, mas porque estou com um problema sério e quero que o resolva; tive as melhores notícias a seu respeito". Fui trabalhar no seu governo e me dei muito bem com ele. Ele tem uma maneira de trabalhar interessante.

Na época da universidade eu estudava bastante, mas não era nenhum "coirão". Tenho uma irmã que formou-se comigo, Valéria, que é cardiologista em São Paulo, casada com um, também cardiologista. Ela sempre foi a primeira de turma, passou em primeiro lugar no vestibular junto comigo; ela sempre foi a laureada da turma, até se formar. Nunca perdi um ano, mas passava brincando. Gostava muito de tocar piano, era boêmio, farreava muito, tocava violão, cantava em boate. Isso me proporcionou uma formação bem diferente daquela que minhas irmãs tiveram, porque convivía com uma turma de artistas que trabalhavam com teatro popular do Nordeste. Não tive uma vida árida.

Particpei de um grupo de teatro, TPN [Teatro Popular do Nordeste], juntamente com a Zélia Barbosa, Zé Dália, Teca Calazans, que cantava bossa-nova. Era um grupo forte, e nós chegamos a alugar uma casinha numa vila de pescadores na Praia de Enseadinha, hoje situada no bairro do Janga. Todo o pessoal do movimento da bossa-nova passou alguns finais de semana nessa casinha: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina. Atualmente tenho pena dos meus filhos, porque não vivenciam a riqueza cultural daquele período. Foi uma época muito rica em experiências pessoais, políticas também. Naquela época éramos ligados a dom Hélder Câmara, vivíamos conversando com ele, no auge da efervescência política e da repressão, em 1968. Conheci pessoas muito interessantes, apesar de não ser filiado a nenhum partido político. Eu, até certo ponto, comungava nas idéias das pessoas, sem ter entretanto posturas radicais. Não era fanático pelo socialismo.

Curiosamente fui o primeiro preso da revolução [de 1964], porque estava bebendo num bar, chamado La Cabana, próximo ao parque Treze de Maio. Estava com uns amigos, na véspera da revolução, tomando cervejas nesse bar. Saímos às três horas da manhã, a pé, porque na época ninguém tinha carro, e percebemos que a praça estava coalhada de soldados deitados no chão, armados com metralhadora. Havia também tanques de guerra. Passou um grupo de soldados marchando, e eu e um amigo meu, que formou-se comigo, saímos marchando atrás dos guardas. Isso foi o suficiente para que eles nos prendessem. Passamos a revolução presos, no quartel da Visconde de Suassuna. Depois nos soltaram, viram que era brincadeira. Esse fato aconteceu no início da revolução. Posteriormente, a revolução entrou numa fase mais repressiva, que teve seu apogeu durante o período de 1967 e 1968. Nessa época, eu vi-

via discutindo política com os oficiais e o diretor do hospital Coronel Silas. Algumas pessoas estavam de olho em mim, achando que eu tinha uma formação socialista. Quando o major Valdemar descobriu que eu estava lendo um livro de poesias de Mao-Tsé-Tung, me denunciou para as forças armadas, para o alto comando em Brasília. Fui preso, e o Coronel Silas, que era muito amigo, chegou para mim e disse: "Você tem que ficar preso, porque veio uma denúncia de Brasília, informando que você é comunista da linha chinesa".

Eu passei 15 dias preso, sem sair do quartel. Meu pai teve que falar com vários brigadeiros, e terminaram me tirando da prisão, mas fiquei sujo, como comunista da linha chinesa, até 1976. Em 1970, quando fui tirar um passaporte, não pude porque constava que eu era comunista da linha chinesa.

O itinerário profissional: Recife - São Paulo - Campina Grande - Recife

Fui para Recife em 1960. Fiz vestibular, me formei, e fiz um curso de medicina preventiva no CRIEHSP [Centro Regional de Investigação e Ensino de Higiene e Saúde Pública]. Era um curso em nível de mestrado e durou dois anos, lá no IMIP [Instituto Materno Infantil de Pernambuco], com um representante de cada estado brasileiro, financiado pela SUDENE [Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste]. Quando terminamos esse curso, fui embora para São Paulo com o objetivo de fazer minha pós-graduação na área clínica. Perdi dois anos em São Paulo para realizar esse curso em clínica, porque sempre admirei muito meu pai como clínico.

Cheguei em São Paulo, no mês de junho, sem nenhuma indicação formal, e resolvi fazer um estágio em gastroenterologia. São Paulo foi meio complicado, porque as coisas funcionam muito por indicação. Mas apesar de ter chegado no meio do ano, consegui me ligar ao "grupo de ponta" do Hospital das Clínicas, em gastroenterologia, e fiz concurso para o Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo. Para minha surpresa passei em primeiro lugar. Era um concurso disputadíssimo para assistente da cadeira em gastroenterologia, e passei na frente de várias pessoas que tinham uma formação muito boa. E isso foi de encontro a toda a "nata" da gastroenterologia em São Paulo. Na época, dr. Betarelli,

um dos "papas" da gastroenterologia, era inimigo do chefe da gastroenterologia do Hospital dos Servidores. Essa aprovação criou, portanto, um problema sério para mim, porque o pessoal de gastroenterologia me chamou e disse: "Você passou, e a partir de agora você não frequenta mais a cadeira no Instituto de Pontes, nem o Hospital das Clínicas de São Paulo". O Silvano Raia e Luiz Caetano estavam criando uma equipe de fígado, que até hoje permanece, ligada a uma cadeira de clínica cirúrgica do Hospital das Clínicas de São Paulo, em que fui trabalhar.

Quando fui para São Paulo comecei a levar uma vida muito desregrada, porque na parte da manhã eu trabalhava no Hospital das Clínicas, no período da tarde, no Hospital dos Servidores, e à noite tocava piano nas boates e cantava até cinco horas da manhã. Comecei a definir e tive que tomar uma decisão: música ou medicina. Decidi-me, portanto, por medicina.

Sofri um acidente, na noite de Ano Novo, no Rio de Janeiro, e tive 14 fraturas completas na mandíbula. Passei um ano me operando, com a boca toda "amarrada". Tive que pedir demissão e voltar para Campina Grande. Casei na Paraíba e, em 1976, vim para o Recife trabalhar em consultório particular. Na realidade, estava bem entrosado em São Paulo, não pretendia mais voltar. Mas esse acidente me fez voltar, em 1971.

Em Campina Grande, meu pai trabalhou muito com hematologia. A faculdade de lá era referência em diagnóstico de leucemia, na época um dos diagnósticos mais difíceis. Meu pai era quem fazia os diagnósticos. Essa especialidade não prosperou, porque para se trabalhar com hematologia, precisava-se de uma estrutura de hemoterapia, que não existia em Campina Grande, pois o banco de sangue de lá era muito precário. Não era possível, portanto, tratar um doente leucêmico, porque não havia condições de lhe fornecer os produtos hemoterápicos que precisava, como transfusão de plaquetas, de glóbulos brancos. Esse fato nos forçou a montar, em Campina Grande, um serviço de hemoterapia. Montamos na clínica de papai um pequeno banco de sangue, não para exploração comercial, mas para dar suporte aos doentes que precisavam de tratamento. Li muito, estudei muito, fui ao exterior e vi alguns serviços.

Durante o período em Campina Grande fui convidado pela Faculdade de Medicina, fundada inclusive pelo meu pai, para ser chefe do Departamento de Clínica Médica, e posteriormente me convidaram para ser coordenador do curso profissional, onde promovi uma reforma. Era uma

experiência-piloto, baseada na Universidade de Stanford e na UnB em Brasília. Logo que entrei na faculdade, começou a politicagem em Campina Grande e eu, portanto, resolvi sair.

Passados três anos resolvi voltar para o Recife, porque não havia me adaptado e pelo fato das minhas raízes profissionais estarem em Recife. Quando voltei, fui convidado por Luiz Gonzaga dos Santos, na época fundador do HEMOPE [Centro de Hemoterapia e Hematologia de Pernambuco], para trabalhar nesse órgão. Organizei todo o laboratório do HEMOPE e trabalhei lá até 1981, quando tive que sair por conta de discussões políticas com Luiz Gonzaga, pois não estava de acordo com alguns aspectos do programa que ele estava implantando: o Pró-Sangue. Por conta disso pedi demissão, mas permaneço com uma ligação muito forte com o HEMOPE, onde hoje em dia estou pesquisando um programa de qualidade total.

O HEMOPE nasceu como Fundação Estadual; o seu quadro de funcionários não era estatutário e por isso é que funcionava muito bem. Tinha autonomia de gestão e financeira. Era uma fundação ligada à Secretaria Estadual de Saúde, mas com autonomia de gestão e plano de cargos e carreiras próprio; todos os seus funcionários trabalhavam em tempo integral, obrigatoriamente.

O HEMOPE era um centro modelo para o Brasil, em hemoterapia. Sua trajetória, entretanto, está marcada por um declínio acentuado, porque o seu quadro de funcionários passou a ser estatutário, onde se trabalha apenas quatro horas. Precisou-se duplicar o pessoal e o salário baixou bastante. Isso desmotivou o pessoal.

Fiquei um ano sem emprego e depois me liguei ao Aggeu Magalhães [CPqAM].

O trabalho no CPqAM

O diretor [do CPqAM], na época, desejava desenvolver o núcleo de imunologia, e me convidou para chefiá-lo. Esse núcleo era anteriormente comandado por Dalair, ex-esposa de Luiz Gonzaga. A coisa estava se arrastando, então Aggeu Magalhães [Filho] me convidou para o cargo. Como na época não existia verba da Fiocruz [Fundação Oswaldo Cruz] para contratação de mão-de-obra, fiz um projeto sobre antígenos parasitários, com financiamento pelo FIPEq [Fundação de Incentivo à Pesquisa]. Consegui quase 500 mil dólares de recursos para o projeto, bem

como para a contratação de um grupo para a imunologia. Eram pessoas recém-formadas: Fred [Frederico Guilherme Coutinho Abath], filho de Eridan [Coutinho]; Gersa Dreyer; Lara Gomes e Silvia Montenegro, que hoje são fundamentais no CPqAM. Eu apostava nesse grupo; todos fizeram mestrado em bioquímica e hoje têm doutorado, com exceção de Gersa, que investiu muito na área clínica e não prestou muita atenção no currículo. A formação desse grupo foi evoluindo: Lara foi para Paris e fez uma tese muito bonita sobre doença de Chagas. Fred foi para Inglaterra, fez uma tese em biologia molecular, relacionada com esquistossomose.

Nos transferimos para o campus universitário, em 1986, sob a gestão de dr. André, que incentivou os profissionais do CPqAM a fazerem tese de mestrado e doutorado. Conseguimos, durante sua gestão, um projeto junto à RHAÉ [Recursos Humanos em Áreas Estratégicas], um programa do CNPq [Conselho Nacional de Pesquisa], para a formação de recursos humanos. Nesses últimos dez anos, o Centro de Pesquisas despontou. Eu diria que ainda falta muita coisa, mas hoje nós temos um núcleo de recursos humanos importante, pessoas capazes de desenvolver pesquisas, graças ao esforço que foi feito na época.

Mas tudo isso me deu muito trabalho. Eu nunca tive condições ou tempo para fazer mestrado, doutorado. Isso é uma vergonha. Eu sou pesquisador titular, mas não tenho mestrado nem doutorado porque não tive tempo de fazê-los, apesar de conhecer muito o campo de pesquisa e de ter conseguido vários projetos com financiamento de agências de pesquisa. Eu sinto falta do mestrado e doutorado; tanto que estou escrevendo, hoje em dia, um projeto de tese para fazer doutorado.

Minha irmã formou-se dois anos depois de mim e fez um bonito curso nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, com um dos melhores imunologistas do mundo. Ela me influenciou a trabalhar com imunologia. Ela trabalhou um período na faculdade com o Ageu Magalhães [Filho], que na época era patologista e não entendia muito bem de imunologia. Minha irmã era quem fazia a parte de imunologia com Ageu. Devido a essa ligação, o Ageu Magalhães, na época diretor do CPqAM, me convidou para desenvolver pesquisas na área de imunologia.

Nessa época o CPqAM funcionava na Rua do Espinheiro. Convidei André Furtado para trabalhar conosco, no Centro de Pesquisas, na área de imunologia dos insetos. Quando eu consegui a aprovação do projeto sobre doenças parasitárias, chamei o Hélio Coutinho para colaborar tam-

bém. Esses trabalhos, entretanto, foram desenvolvidos sem nenhuma relação formal com a universidade.

Eu trabalhava na área de imunologia e também mantinha trabalho de pesquisa ligado à Secretaria de Saúde do Estado. Algumas pessoas trabalhavam em parceria, como o grupo da esquistossomose. Otamires [Alves da Silva], também trabalhava com a Secretaria Estadual e com a Fundação Nacional de Saúde. Célio [Rodrigues], que desenvolvia projetos na área da peste, era muito ligado à Fundação Nacional de Saúde, uma vez que o governo federal era responsável, exclusivamente, pelo controle e combate de doenças endêmicas. O governo estadual, portanto, pouco atuava nessa área. Depois que montamos o grupo de imunologia, começamos a dar aulas na universidade. Esse fato propiciou uma ligação com a universidade federal, porque alguns estudantes começaram a nos procurar para desenvolver projetos de mestrado.

OCPqAMeolIKA

Quando o CPqAM foi transferido para o campus universitário [UFPE], devido ao acordo que Aggeu Magalhães [Filho] firmou com a universidade, a Fiocruz e o governo japonês, fomos pegos de surpresa. O pessoal do CPqAM não teve acesso aos detalhes do acordo. Eu ajudei no projeto de construção do prédio com o arquiteto da Fiocruz e, normalmente, vinha visitar a obra em execução, pois Aggeu não tinha tempo para fazê-lo. Quando estava tudo concluído, o Aggeu disse: "Parte é da universidade, parte é do CPqAM". Isso nos matou. Houve uma crise muito forte no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Pegamos uma briga, eu discuti com o Aggeu, foi uma confusão muito grande. Mas, enfim, viemos para o campus e atualmente, apesar do pouco contato institucional com a universidade, mantemos uma boa relação com algumas pessoas do LIKA [Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami/ UFPE]. No refeitório do CPqAM, todos almoçam na mesma hora, mas o pessoal do Aggeu [CPqAM] não se senta na mesma mesa que o pessoal do LIKA. Há, entretanto, uma tendência natural para que isso se acabe, pois as pessoas começam a estabelecer uma relação mais amistosa. Algumas pessoas mais antigas ainda mantêm um clima contrário.

"No refeitório do CPqAM, todos almoçam na mesma hora, mas o pessoal do Aggeu [CPqAM] não se senta na mesma mesa que o pessoal do LIKA".

Ingressei no CPqAM em 1981, sob a gestão de Aggeu Magalhães Filho. Quando o centro se transferiu para o campus universitário, André Furtado assumiu a direção.

O projeto para transferir o CPqAM da Rua do Espinheiro nasceu no Rio de Janeiro. Eu e o Wanderley Domini fizemos o projeto, que foi financiado com dinheiro do Fundo de Ação Social [FAS]. Conseguimos esse recurso e durante três anos planejamos, junto à Caixa Econômica, como conseguir recursos para concluir a construção do prédio, comprar equipamentos e móveis.

Quando nos transferimos para a cidade universitária, houve uma mudança na direção da Fiocruz. O Sérgio Arouca assumiu a presidência, e André foi convidado para ser diretor do CPqAM. Ele não era da Fiocruz, mas da universidade, e havia trabalhado no CPqAM, na antiga sede, na Rua do Espinheiro, comigo e com Hélio Coutinho. André convidou Hélio para ser vice-diretor e isso foi uma coisa muito boa para o centro. André fez uma gestão extraordinária, ele é um cara muito organizado, tem uma visão muito baseada na formação de recursos humanos. Foi a época áurea do CPqAM. Fazíamos projetos para o CNPq, incentivando o pessoal a sair, fazer curso de mestrado e doutorado.

Depois da gestão de André, assumiu em seu lugar a Eridan [Coutinho]. Nesse período eu estava trabalhando na Secretaria de Saúde do Estado. Sua gestão está caminhando muito bem, concluindo parte da expansão do prédio do CPqAM. Há na sua gestão uma fase de arrumação de casa, arranjar espaço para os profissionais que voltaram do doutoramento. Acho que tanto a gestão de André como a de Eridan foram muito boas.

O governo japonês não financiou nada no CPqAM. A única participação dos japoneses foram os equipamentos do LIKA e algumas bolsas que eles deram para o pessoal do LIKA. O negócio foi tão chocante que, na época, foram oferecidas cerca de 40 bolsas para a formação de recursos humanos no Japão, e o CPqAM não mandou um único profissional, porque só havia vaga para quem era da universidade. Foi mais um motivo para nos sentirmos traídos.

O convênio da universidade com o governo japonês previa a instalação de equipamentos no sétimo andar do Hospital das Clínicas, que estava sendo construído. Mas quando os japoneses vieram realizar uma vistoria na obra, constataram que o local era inapropriado para a instalação. A universidade, portanto, estava para perder esse convênio, quando Aggeu Magalhães [Filho] teve a idéia de formar um convênio tripartite: Uni-

versidade Federal, Fiocruz e JICA [Japan International Cooperation Agency]. Na época, pensamos em fundar um centro, trabalhando em conjunto com os equipamentos de microscopia, cedidos pelo governo japonês. Mas na cabeça dos japoneses sempre foi um convênio JICA - Universidade Federal [de Pernambuco].

"A universidade, portanto, estava para perder esse convênio, quando Ageu Magalhães [Filho] teve a idéia de formar um convênio tripartite: Universidade Federal, Fiocruz e JICA [Japan International Cooperation Agency]".

Como o Ageu era professor da universidade, ele fez esse convênio através da universidade, não da Fiocruz, apesar da Fiocruz ter entrado com toda a construção. De qualquer forma, foi uma coisa importante para o CPqAM, pois atualmente temos um centro magnífico; se tivéssemos ficado na Rua do Espinheiro, nos fundos do Hospital do IPSEP [Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco], não teríamos condições de expandir.

Quando nos mudamos, foi que o Ageu disse: "Aquela parte toda é da universidade". Tivemos, então, que nos apertar com todos os nossos departamentos num espaço reduzido.

Hoje já estamos nos adaptando por causa das reformas ocorridas, mas ficamos apertados durante um período muito grande. A área do laboratório do CPqAM é menor do que a área do LIKA.

O prédio foi todo construído pela Fiocruz, com verba do Fundo de Ação Social. A JICA só entrou com equipamentos e formação de recursos humanos do LIKA. Todos os equipamentos do CPqAM foram comprados através de convênios conseguidos por alguns profissionais do próprio centro. A FIPeQ financiou muitos projetos de grande envergadura. A Organização Mundial de Saúde forneceu uma série de equipamentos e material de consumo para o funcionamento do centro, mas o Japão nunca deu um tostão.

"A JICA só entrou com equipamentos e formação de recursos humanos do LIKA".

A experiência na Secretaria de Saúde

Isso também foi um hiato na minha vida, mas foi importante para mim, porque aprendi muita coisa. Foi uma experiência interessante, por-

que quando entrei no governo do estado, eu nunca tinha sido funcionário público. Entrei na época da cólera, período de grande crise. Fui convidado pelo governador para resolver o problema do cólera, ou pelo menos controlá-la, e fomos relativamente bem sucedidos no Estado de Pernambuco. Pessoalmente me sinto recompensado, porque tive a oportunidade de conhecer o outro lado da moeda.

Eu era médico da área privada e, dentro do meu consultório, não tinha percepção do que comanda os destinos dos profissionais que trabalham na área de saúde. Como secretário, fui para o outro lado do birô e comecei a ter uma percepção completamente diferente das coisas. Tive uma série de decepções. Amigos meus que eu acreditava, pessoas de alto nível: quando estamos do outro lado, percebemos a máfia que existe na relação com a máquina pública. Os problemas são tratados politicamente, negligenciando a parte técnica. Portanto, isso me trouxe uma série de decepções. Entretanto, foi uma fase importante na minha vida; eu não gostaria de voltar atrás, mas não me arrependo do que fiz.

Quando fui para a Secretaria de Saúde, havia um problema muito grande de cólera; o estado havia fechado as praias. O governador montou uma comissão de alto nível para enfrentar a cólera e me chamaram para ser o coordenador. Quando isso aconteceu, a Secretária de Saúde pediu demissão; saiu por causa do embaraço causado pela falta de controle do cólera. Foi uma experiência interessante para mim, porque eu estava na área de pesquisa básica. Apesar de ter participado do movimento de reforma sanitária, nunca havia me metido na área de saúde pública. Eu tive que mergulhar com profundidade no Sistema Único de Saúde [SUS]. Fui presidente da parte científica da Comissão Nacional de Cólera. Eu viajava pelo Brasil inteiro e exterior, por causa do SUS e da reforma sanitária. Foi uma época rica para mim. Mas, atualmente, voltei a me dedicar à pesquisa básica, que é o que eu gosto.

O Centro de Pesquisas não contribuiu no combate ao cólera porque não era da linha de bacteriologia do centro. Trabalhamos mais com doenças endêmicas parasitárias: chagas, filariose, esquistossomose, peste; mas na área de cólera não tinha ninguém. Enquanto eu estava na Secretaria, tive uma interface muito grande com o Centro de Pesquisas.

Eu fazia medicina privada, trabalhava na área de pesquisa básica e sempre tive tendência a colocar a culpa no governo por tudo que acontece de mazela no Sistema de Saúde; mas os problemas são muito maio-

res do que imaginamos. Tive que estudar como funcionava, em alguns países, o Sistema Único de Saúde. O Brasil, por se tratar de país de terceiro mundo, tem no setor da saúde o escoadouro natural de todas as más políticas governamentais. Eu entrei no bojo de uma epidemia de cólera e todos falavam mal da Secretaria de Saúde. Mas, que culpa tem a Secretaria de Saúde se não tem saneamento básico? Se não há água de boa qualidade? Se as pessoas não têm educação para cultivar a higiene do corpo e da cidade? Comecei a perceber a complexidade do sistema de saúde e constatei que a questão da precariedade da saúde no Brasil é resultado da ausência de políticas governamentais, no sentido de desenvolver uma política de saneamento, educação, transporte, emprego, renda. Todas essas mazelas terminam escoando para o sistema de saúde e ele é quem leva a culpa.

A estrutura do sistema de saúde brasileiro é muito vulnerável aos "abutres", aos "gaviões" da saúde. Grande parte do pessoal que trabalha no Congresso, deputados, senadores, são financiados direto ou indiretamente pelo Sistema Único de Saúde; de tal forma que não interessa a esse pessoal uma mudança radical no sistema.

As reformas sanitárias que o SUS propunha eram muito bonitas no papel, mas na prática pouco se implementou. Na prática, a descentralização das ações da saúde não ocorreu. Inventou-se os conselhos nacional, estaduais e municipais de saúde, mas eu os vivenciei durante quatro anos e constatei que não funcionam. Os conselhos, na realidade, quase viraram uma arena política para líderes comunitários se elegerem. É necessário que se aprenda, a partir da educação, a usar adequadamente a democracia, pois ela é uma conquista muito grande. O Sistema Único de Saúde é correto na sua doutrina, na sua filosofia, mas penso que sua implementação será muito complicada. Durante o período que eu passei junto à secretaria, em três anos e meio, passaram quatro ministros, cada um com uma cabeça completamente diferente, com diretrizes diferentes.

"As reformas sanitárias que o SUS propunha eram muito bonitas no papel, mas na prática pouco se implementou".

Por outro lado, no setor de saúde há problemas gravíssimos que eu nunca tinha imaginado. Tradicionalmente, o setor de saúde pertence a dois grandes grupos, um de médicos e um de enfermagem. Há, portanto, dois grandes grupos corporativos que se engalfinham. O grupo de medicina é fortíssimo por-

que tem mídia e ascensão social; o grupo de enfermagem tem um pouco menos de prestígio na mídia, mas é um grupo muito maior, em termos de quantidade. Estes dois grupos debatem permanentemente, sobretudo por salários.

De 1970 para cá, com a evolução da tecnologia, há muitas carreiras que começaram a existir dentro do setor de saúde. Atualmente, o biomédico, o farmacêutico, por exemplo, que não são médicos nem enfermeiros, vivem brigando por um espaço dentro da área de saúde. Esse fato provoca um conflito corporativo na área de recursos humanos, no setor de saúde, que é uma coisa impressionante. Qualquer gestor que atue no setor de saúde, enfrenta esse conflito. É um drama vivenciar este combate nas reuniões dos Conselhos de Saúde.

A classe médica não sabe o que é o Sistema Único de Saúde. Existe toda uma política econômica dos grupos privados que fazem seguro de saúde, para emperrar as engrenagens do SUS. Tudo isso é muito bem trançado, pois não há dúvida que interessa às seguradoras que o sistema de saúde piore. Se melhorar eles perdem clientela. Há também aqueles que vivem diretamente do Sistema Único de Saúde, são os donos dos hospitais privados, conveniados. A esses também não interessa que melhore, porque aumentaria a fiscalização.

"Existe toda uma política econômica dos grupos privados que fazem seguro de saúde, para emperrar as engrenagens do SUS".

No fim há uma grande luta contra o poderio econômico de grandes grupos. Ficamos, na maioria dos casos, imobilizados diante dessas circunstâncias, porque quem faz, aprova e regulamenta as leis é o Congresso Nacional. E a ele não interessa modificações. Trava-se uma luta inglória. Mas de qualquer jeito é um processo, uma discussão, uma negociação política de grande espectro.

A reforma sanitária na Itália começou há 100 anos e até hoje não se implementou completamente, mas avançou bastante. Vamos, portanto, trilhar por estes caminhos. Durante o meu exercício como secretário-adjunto tive a oportunidade de conversar com vários médicos, que eram amigos meus e grandes profissionais, extremamente éticos; mas quando estavam na secretaria foi que comecei a perceber que afloravam neles interesses pessoais e mesquinhos. Eles esquecem do conjunto da sociedade, da missão do médico, pela ambição de ganhar dinheiro. Nesse

caso, você começa a se decepcionar um pouco, não com a medicina, mas com a forma como ela é exercida no país. O mais complicado é que não é só o Brasil, mas o mundo inteiro que está passando por uma fase de rearranjo, com o afloramento do neoliberalismo. Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, os sistemas de saúde enfrentam uma fase difícil.

"Eles esquecem do conjunto da sociedade, da missão do médico, pela ambição de ganhar dinheiro".

O retorno ao CPqAM e à Fiocruz

Depois da minha atuação junto à Secretaria de Saúde, fui convidado para assumir alguns cargos no ministério. Mas a essa altura já estava cansado. Preferi não ir para o ministério e ficar no CPqAM, voltar à minha vidinha de pesquisador. Senão ia terminar sendo um burocrata o resto da vida. Quando se ingressa no sistema de saúde, faz-se cheio de boas intenções, mas termina se transformando num burocrata, assinando papel. Você faz algumas coisas, vem um outro e desmonta. É muito melhor trabalhar no seu cantinho fazendo pesquisa, que a coisa está crescendo debaixo da sua mão. Não gostaria de ter um cargo de comando na área de saúde.

Temos uma relação muito informal com as outras unidades da Fiocruz espalhadas pelo Brasil. A Fiocruz nunca conseguiu ser uma comunidade integrada. Os grupos são diferentes e existe uma espécie de luta interna dentro das unidades da Fiocruz. Cultivamos boas relações pessoais com alguns grupos, mas absolutamente pessoais, não há nada de institucional. A Fiocruz precisa ter uma unidade maior de pensamento. Há, atualmente, congressos internos que tem a intenção de promover uma integração maior entre as várias unidades, mas isso está em processo, não existe ainda uma integração. As parcerias existentes são reflexos de ações pessoais, não institucionais.

Eu e o Cláudio Ribeiro, que trabalhava comigo em malária, fizemos um projeto em conjunto. Através de um convênio, mandei alguns profissionais para a França. Temos uma grande quantidade de pessoas fazendo mestrado ou doutorado na Fiocruz e no IOC [Instituto Oswaldo Cruz]. Essas pessoas quando voltam deixam sempre algumas amarrações, convênios, parcerias. Mas seria necessário que existisse uma unidade maior entre os centros regionais.

A Fiocruz padece de uma definição de objetivos e essa temática é sempre revisada nos congressos internos. Ela nasceu com um perfil da época de Oswaldo Cruz. Ao longo dos anos foi inchando, surgiu o INCQS [Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde], Bio-Manguinhos virou fábrica de fármacos, possui duas unidades de assistência hospitalar. Enfim, a Fiocruz diversificou muito a sua atuação, mas não ficou claro qual é seu objetivo. Ficou uma dubiedade e os centros sentem essa falha.

As atividades desenvolvidas fora do CPqAM

Eu desenvolvo um trabalho sobre AIDS, com o pessoal do Hospital das Clínicas, mas o CPqAM não desenvolve esse tema de pesquisa. Na área de imunologia eu atuo pesquisando doenças parasitárias [helminthíases]. Trabalho com Hélio Coutinho na pesquisa sobre mucosa intestinal. Trabalho também na implantação de um programa para a melhora da hemoterapia no Brasil. Esse programa está evoluindo no HEMOPE. Toda semana há várias reuniões onde se pode observar o impacto do programa na qualidade da hemoterapia. Vou implantar esse programa também na UTI do Hospital Agamenom Magalhães. Esse programa tem uma percepção diferente daquilo que deve ser o serviço público. Políticas públicas na área de avaliação tecnológica me interessam muito, pois no Brasil existem ainda de forma incipiente. Estou começando a formar grupos de estudos na universidade, no HEMOPE, no [Hospital] Agamenom Magalhães e na Secretaria de Saúde do Estado.

Quando estava na secretaria tentei montar, em Camaragibe, um Instituto de Saúde de Pernambuco. Este instituto, na minha visão, abrigaria os diversos órgãos da área de saúde, tanto municipais, quanto estaduais e federais; porque há um hiato muito grande entre a formação e a prática de saúde pública no Brasil. As universidades formam pessoas sem saber para que as formam, e o poder público não diz do que é que está precisando. Como as universidades não têm controle social nenhum, vivem dentro de si, não estão interessadas em saber das necessidades da sociedade; perdem, com isso, o elo de ligação em relação ao SUS. Quando idealizei este instituto, contratei um pessoal e fizemos um projeto. Fui aos Estados Unidos, consegui verba, três milhões e meio de dólares, do Banco Mundial para financiar a reforma. A função desse instituto seria, principalmente, de carrear dinheiro para as universidades, formar

novos grupos de interesse, fomentar pesquisa na área do sistema de saúde, e ser capaz de dar treinamento às pessoas do interior.

"As universidades formam pessoas sem saber para que as formam, e o poder público não diz do que é que está precisando".

Fui a Washington discutir o projeto, na OPS [Organización Panamericana de la Salud] e a Universidade Johns Hopkins, onde conversei com o reitor e com um grupo de professores. Fechamos um acordo, onde a Universidade de Johns Hopkins seria a instituição-mãe desse instituto. Mas o projeto não foi aprovado, porque houve uma incompreensão do pessoal do Rio de Janeiro [Fiocruz]; acharam que eu desejava acabar com o NESC [Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva/ Fiocruz], em Recife. O diretor de recursos humanos da OPAS [Organização Pan-americana de Saúde], José Roberto, me disse que não podia mais me dar apoio porque haviam lhe telefonado do Brasil insinuando que eu desejava acabar com o NESC. Quando voltei para o Recife, tive algumas discussões com o coordenador do NESC, Eduardo Freeze. O resultado é que, apesar da aprovação do projeto, este não foi executado, devido à politicagem do Brasil.

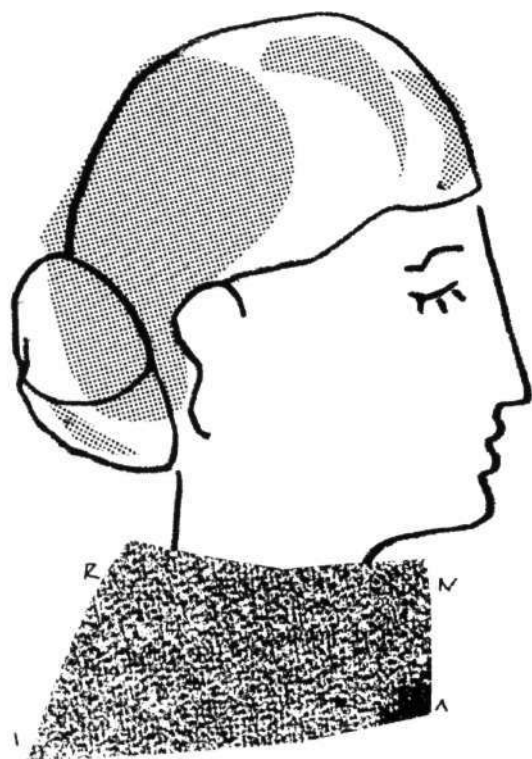
Uma das coisas mais críticas no setor de saúde é a legislação sanitária, pois não há advogados no Brasil que compreendam o Sistema Único de Saúde; a legislação do SUS é um desastre. Cheguei a conversar com o pessoal da Escola de Direito da UNICAMP, para que ela formasse legisladores na área sanitária.

Não há, também, na área de informática e engenharia clínica pessoal formado especificamente para a área de saúde, apesar de haver uma necessidade muito grande. Só a UNICAMP forma engenheiros clínicos, mas em quantidade reduzida para a demanda do país. Conversei com o pessoal da Faculdade de Engenharia e de Bio-Engenharia, para que montassem um curso de engenharia clínica. Eles aceitaram a proposta, mas como o projeto de criação do instituto não avançou, esses cursos não foram implantados.

Apesar das falhas do sistema de saúde pública, eu me interessei muito por ele. Por isso continuei com o pé em alguns projetos de pesquisa específicos nas áreas de formação e de reformas de currículos das universidades. Os currículos são ridículos em relação às necessidades do país. Continuei fomentando e me encontrando com os grupos que têm interesse em tentar desenvolver essas áreas.

Hoje resolvi não fazer mais clínica. Passei quatro anos afastado como secretário adjunto de Saúde do Estado; voltei no começo de 1995.

Esses altos e baixos, HEMOPE, Campina Grande, São Paulo, me tornaram uma pessoa mais ou menos independente, porque não sigo muito à risca os conceitos ou as normatizações de carreiras universitárias ou coisa desse tipo. Eu estou satisfeito porque, de alguma forma, me foi dada essa condição de independência que tenho até hoje. Isso é uma coisa importante.



i

A família e a infância

ALZIRA MARIA PAIVA VE ALMEIDA

L_u sou a irmã mais velha. Fui a única filha mulher de minha casa; tenho três irmãos homens. Tive uma formação exclusivamente católica e passei a vida inteira em colégios de freiras, porque meu pai achava que eu deveria ser educada assim. Depois que minha mãe faleceu, meu pai voltou a se casar e teve mais dois filhos; então tenho cinco irmãos homens. Morei em Palmares até os sete anos de idade, depois vim para Recife onde morei até os nove anos. Iniciei meus estudos no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Palmares, e depois fui para o Colégio Imaculada Conceição no bairro Barro, em Recife. Quando minha mãe morreu, fui interna no colégio Santa Sofia, em Garanhuns. Na época, todas as filhas, que não tinham mãe ou que os pais não podiam se dedicar muito a elas, eram colocadas neste colégio, porque, além de ter uma boa orientação, era da Ordem das Damas da Instrução Cristã, de influência predominantemente belga-francesa. O clima de Garanhuns era considerado muito bom para a saúde. Quando meu pai casou-se novamente, voltei para morar com ele, aqui em Recife, e fui estudar no Colégio Nossa Senhora do Carmo, de orientação alemã. Meus estudos nesses colégios foram custeados por bolsas de estudo que meu pai conseguia graças à influência de Luís Portela, um político de Palmares e amigo da família.

Minha formação no início foi para o magistério. Eu fiz o curso pedagógico, e deveria enveredar pela carreira do magistério. Mas eu tive influência de uma tia-avó (tia do meu pai), que tinha mentalidade muito aberta e era amiga do professor Nelson Chaves, diretor do Instituto de Nutrição. Na época, o curso de nutrição estava recém-criado. dr. Nelson era muito entusiasmado com o curso, e minha tia também comungava daquele entusiasmo. Então foi ela quem me sugeriu que fosse estudar nutrição.

Eu tive uma infância muito só, muito isolada, era muito presa e não tinha amizades. Meu pai era muito conservador, muito preconceituoso.

Eu vivia da casa para o colégio, do colégio para casa, e não tinha realmente contato com o mundo.

Meu avô paterno costumava conversar com os netos. Ele tinha sido da Guarda Nacional, e contava histórias da época dele na 'Guarda' e das revoluções em que ele participou, sempre do lado do governo. Um dos meus tios (irmão do meu pai) morava no Rio de Janeiro, e viajava muito porque era da Aeronáutica. Uma vez por ano, em Palmares, a família tinha o hábito de se reunir em torno de um peru de Natal. Meu tio chegava cheio de presentes e de histórias sobre suas viagens e recordações de sua participação na campanha da Itália, com a Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial. Meu pai também falava muito sobre a guerra e contava as dificuldades que se teve aqui no Brasil com o racionamento de alimentos. E minha mãe falava sobre as festas de Palmares quando terminou a guerra. Acho que tenho a memória muito boa, me recordo de coisas muito remotas de minha infância, das histórias que contavam.

A morte da mãe e de Evita Perón

A morte de minha mãe foi um fato marcante na minha vida. Ela morreu de câncer, quando eu tinha nove anos, na mesma época em que Eva Perón estava doente. Ela teve o mesmo quadro clínico de Evita. Minha mãe foi procurar tratamento em Garanhuns, porque lá tinha um médico que, além de ser seu parente, era o "guru" da família na época, dr. Luís Lessa. Depois ela foi operada no Recife, onde nós morávamos, e voltou para Garanhuns para se recuperar da cirurgia, sob os cuidados de dr. Lessa. Essa fase da doença de minha mãe foi muito difícil; meu pai, que já ganhava pouquíssimo, ficou sem dinheiro. Quando viram que não tinha mais jeito, ela foi para Palmares e ficou na casa da irmã mais velha do meu pai, que tinha uma boa situação financeira. Ela era viúva e seus filhos estavam internos nos colégios. Eu e meus três irmãos fomos para a casa do meu avô materno, no Engenho Areai. Durante toda a fase da doença de mamãe, nós rezávamos todas as noite pela saúde dela; todos da família e mais os agregados, primos, as tias solteiras, aquela família mesmo do tipo patriarcado. E, ao mesmo tempo, a revista *O Cruzeiro* noticiava a trajetória de Evita Perón, os tratamentos que ela fazia no exterior. Logo depois que mamãe morreu, Evita morreu também. Sou muito ligada à história mundial, eu associo a história de Evita Perón à morte de minha mãe.

"(...) a revista *O Cruzeiro* noticiava a trajetória de Evita Perón, os tratamentos que ela fazia no exterior. Logo depois que mamãe morreu, Evita morreu também".

Quando a Madonna veio à Argentina para filmar a vida de Evita, eu me lembrei da época da morte de minha mãe, que foi muito sofrida para a família. Eu vi também a peça *Evita*, na Broadway, e me lembrei daquela época.

Eu passei um período de seis meses, talvez um ano, estudando na escolinha do engenho, com minha tia, que era professora, e os alunos, que eram todos filhos dos moradores, filho do cortador de cana. Nesse período, eu tive uma situação privilegiada e recebia um tratamento diferenciado, porque, além de ser sobrinha da professora, minha mãe estava doente, morrendo, e todo mundo me poupava. Minha mãe morreu no meio do ano e em dezembro fui para o Colégio Santa Sofia fazer o exame de admissão. Passei no exame e depois fiquei interna no colégio, até quando meu pai se casou novamente e me trouxe de volta para o Recife.

O Engenho Areai não era do meu avô e sim arrendado. Era realmente das primas dele, que ele arrendava e tinha o compromisso de produzir e fornecer cana à usina. No engenho não tinha luz, serviço sanitário e de encanação, tudo era deficiente e muito desconfortável. Além disso eu havia me tornado a menina sem mãe, no meio de meus primos. Para mim, o internato em Garanhuns foi ótimo; ali encontrei outras meninas iguais a mim, órfãs de mãe ou de pai. O Colégio Santa Sofia e suas damas da instrução cristã, na época ainda havia algumas freiras estrangeiras e mesmo algumas brasileiras tinham nomes franceses. Tudo isso vinha satisfazer o potencial elitista, que me tinha sido inculcado pela influência da família do meu pai. Aquilo para mim foi tão bom, que eu tive dificuldades depois em me acostumar no Colégio Nossa Senhora do Carmo; porque viver no Colégio Santa Sofia me dava status. Quando eu vim para o externato no Colégio Nossa Senhora do Carmo, no início me considerava um pouco inferiorizada em relação às internas.

O vestibular e a formação em nutrição

A primeira mudança grande em minha vida foi através daquela minha tia-avó. Eu estava terminando o curso pedagógico, já praticamente na semana da formatura, quando minha tia falou sobre o curso de nutrição, na universidade, que era muito bom. Eu achava que não ia passar

no vestibular, mas minha tia me encorajou a fazer um cursinho à tarde na universidade para estudar para o vestibular e ir conhecendo a universidade. Eu comecei o cursinho no princípio de dezembro e foi quando realmente o mundo se abriu para mim e muitos dos meus conceitos foram modificados.

Quando cheguei no cursinho, encontrei algumas alunas que tinham saído do Colégio Nossa Senhora do Carmo, também. Elas tinham conceitos semelhantes aos meus, os mesmos padrões. Mas conheci também o pessoal que morava na Casa do Estudante, perto da igreja da Soledade, do Colégio Pernambucano.

No cursinho, vi que aquelas moças que não tinham estudado em colégio de freiras, também eram meninas direitas, de boa família. Na minha casa dizia-se que as meninas que estudavam em escolas públicas, no Colégio Pernambucano, no Colégio Pinto Júnior, não eram boas companhias. E foi graças às meninas do Pernambucano e de outros colégios, porque comecei a estudar com elas, que fui aprovada no vestibular naquele ano. Consegui do meu pai autorização para sair para estudar com as colegas do cursinho; ia na Casa da Estudante, e até na Casa da Universitária, na Avenida Paissandu. E fui aprovada no vestibular.

Foi uma transição muito grande, muito rápida. Terminei o curso pedagógico, e ao contrário da minha expectativa, passei no vestibular e entrei na faculdade com 18 anos. Fiz o curso de nutrição antes da Revolução (de 1964). Foi uma época boa porque embora o país estivesse passando por algumas dificuldades, por muita agitação, meu período de universitária foi bastante tranquilo; o Instituto de Nutrição estava crescendo. O dr. Nelson estava com muito prestígio, muito apoio, inclusive internacional. O curso funcionava no Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina, que era no térreo, mas depois mudamos para o prédio atual.

Logo no segundo ano comecei a trabalhar no Departamento de Nutrição Experimental, sob a orientação de Margarida Rego Barros, que trabalhava com a influência das misturas protéicas vegetais na nutrição. Foi quando o dr. Nelson fez um projeto apoiado pela FAO [Food and Agriculture Organization], que permitiu o desenvolvimento do Instituto, através da compra de equipamentos e melhoramentos do prédio, que de início foi destinado a ser biotério da Faculdade de Medicina e ainda hoje funciona como Instituto de Nutrição. Recebi uma bolsa de iniciação científica e fiquei trabalhando com o grupo do dr. Nelson, Margarida Rego Barros e Auxiliadora Lapa. As outras meninas que tinham vindo também do

Colégio Nossa Senhora do Carmo, e que passaram no vestibular no mesmo ano que eu, também solicitaram estágio e receberam bolsas de iniciação científica. Minha vida universitária foi muito ocupada. Como os trabalhos no instituto cresceram, a rotina era trabalhar durante toda a manhã, assistir aulas à tarde e estudar à noite.

Terminei o curso em 1964, no ano da Revolução; estava proibida a contratação de pessoal, apesar do curso de nutrição na época estar em plena ascensão. Antes o pessoal de cada turma estava automaticamente empregado, posto em hospital, em restaurante, em pesquisa, ia sendo absorvido. O ano de 64 foi o primeiro que não houve contratação, pois estava proibido pelo governo.

Mas eu continuei com bolsa de pesquisa da universidade. Nessa época eu já estava noiva de Célio (Rodrigues de Almeida), que trabalhava no Instituto de Micologia. Coincidiu que o dr. Frederico (Simões Barbosa, diretor do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães) tinha um grande projeto para o estudo da peste, com verba da OMS [Organização Mundial de Saúde], SUDENE [Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste], e com a possibilidade de contratação de pessoal por serviço prestado. Célio deixou o Instituto de Micologia e veio para o Aggeu [CPqAM]. Nós estávamos pensando realmente em casar, mas havia um problema relativo ao lugar onde iríamos morar. Célio deveria ir trabalhar em Garanhuns ou em Exu, dada a implantação do Plano Piloto de Peste em uma dessas cidades. Dr. Frederico era também diretor do Instituto de Higiene e como este instituto pertencia à universidade, ele sugeriu ao dr. Nelson que me pusesse à disposição do Instituto de Higiene para participar do Plano Piloto de Peste, com a mesma bolsa da universidade. Mas o dr. Nelson não concordou. Como a equipe dele era predominantemente feminina e jovem, casavam-se três ou quatro pesquisadoras por ano, logo em seguida engravidavam, e começava uma série de licenças (licença maternidade, acompanhamento de filhos etc.) e ele se via com a equipe sempre desfalcada. No meu caso seria pior, além do casamento, estava saindo do instituto e ainda pretendia continuar com a bolsa em outro projeto. Ele disse que não podia de maneira alguma abrir mão de minha bolsa e que precisava de mim e da bolsa lá no instituto. Por sorte o dr. Frederico tinha também verba para contratar por serviços prestados. Tive que renunciar ao Instituto de Nutrição, que foi um lugar onde me identifiquei bem; a equipe era muito boa, muito amiga. Sinto que também participei da criação desse instituto. Participei da mudança, de onde funcionava na Faculdade de Medicina, para o prédio onde funciona atualmente,

trazendo nas mãos as gaiola dos ratos. Deixar tudo isso foi bastante difícil, foi doloroso mas eu não tinha outra alternativa. Uma coisa interessante é que quando fui me despedir do dr. Nelson, ele me perguntou se eu sabia onde ficava Exu, e como eu realmente não sabia, ele apontou para um mapa que havia na parede e mostrou-me que Exu ficava a 700 km de Recife.

O trabalho em Exu

O trabalho em Exu teve grande êxito. Eu me empolguei com o projeto que estava sendo iniciado; todo material foi comprado e levado novo para Exu. Tivemos que desembalar, desencaixotar, montar e arrumar todo o equipamento, trabalhando com os consultores designados pela Organização Mundial de Saúde, que eram pesquisadores do Instituto Pasteur de Paris, Instituto Pasteur do Irã, Museu de História Natural de Paris e o pessoal do Ministério da Saúde (Brasil).

Depois de vários anos de pesquisas de campo sobre a ecologia da peste em Exu (1966 a 1974), o dr. Celso Arcoverde de Freitas, que era diretor do Instituto Nacional de Endemias Rurais [INERu], achou conveniente reduzir os trabalhos no foco de Exu e desenvolver outros estudos no foco de peste do agreste meridional de Pernambuco, com o laboratório sediado em Garanhuns. Exu era de muito difícil manutenção, muito afastado de outros centros científicos e difícil de atrair outras pessoas de nível universitário para trabalhar lá. Considerando que Garanhuns fica no epicentro da zona de peste e oferece uma condição melhor de vida em relação a Exu e que Célio e eu já estávamos sacrificados há muitos anos morando em Exu, ele resolveu nos transferir para Garanhuns, deixando uma pequena equipe para continuar os trabalhos em Exu sob nossa orientação, através de visitas periódicas.

"O diretor do Aggeu [CPqAM] era o dr. Saul Tavares de Melo, cunhado de dr. Celso. Eles se entendiam muito bem e gostavam muito de Garanhuns. Dr. Celso trabalhou em Garanhuns como médico recém-formado, no início da sua carreira de sanitário, e continuava interessado pelo problema da peste, principalmente naquela região".

Nessa época, o Aggeu [CPqAM] pertencia ao INERu, que era vinculado ao Departamento Nacional de Endemias Rurais [DNERu]. O diretor do Aggeu [CPqAM] era o dr. Saul Tavares de Mello, cunhado de dr. Celso. Eles se entendiam muito bem e gostavam muito de Garanhuns. Dr. Celso trabalhou em Garanhuns como médico recém-formado, no iní-

cio da sua carreira de sanitaria, e continuava interessado pelo problema da peste, principalmente naquela região.

O trabalho em Garanhuns e a sorologia em peste

Logo depois que fomos para Garanhuns, assumi como ministro da Saúde o dr. Paulo de Almeida Machado. Em uma das suas primeiras entrevistas na televisão, falando no Jornal Nacional sobre o problema das endemias, disse que peste não era mais problema, que tinha sido erradicada. Na mesma semana eclodiu um surto de peste em Araripina (PE). Depois de vários anos de silêncio, de ausência de casos humanos de peste na área endêmica, quando muitos já haviam esquecido que existia essa doença, ao ponto do próprio ministro dizer que a peste havia desaparecido, subitamente o Jornal Nacional noticiava a ocorrência de vários óbitos no hospital de Araripina, por peste. Almeida Machado exigiu o acionamento imediato de medidas de controle e vigilância. O pessoal do Ministério da Saúde estava bastante interessado na linha de trabalho do CDC [Center for Diseases Control], nos Estados Unidos, que faz também vigilância e controle de peste. Então o dr. Ernani Motta, superintendente da SUCAM (antigo DNERu) consultou-nos quanto ao interesse meu e de Célio em irmos ao CDC fazer um treinamento em vigilância de peste, pois pretendia intensificar a vigilância da peste em todos os focos do Brasil. Aceitamos e demos início à tramitação junto à OMS e ao MS [Ministério da Saúde], mas como já havia um processo anterior nosso, solicitando um treinamento e reciclagem no Instituto Pasteur de Paris, foi resolvido nos conceder a bolsa para Paris e enviar para o CDC dois jovens médicos: Ubiraci Guida (de Pernambuco) e João Batista Vieira (do Ceará).

"(...) assumi como ministro da Saúde o dr. Paulo de Almeida Machado. Em uma das suas primeiras entrevistas na televisão, falando no Jornal Nacional sobre o problema das endemias, disse que peste não era mais problema, que tinha sido erradicada. Na mesma semana eclodiu um surto de peste em Araripina (PE)".

Depois dos estágios, fizemos uma reunião, em Garanhuns, para discutirmos os rumos que o trabalho deveria tomar. A proposta do pessoal que foi ao CDC era fazer um inquérito sorológico, colhendo material e mandando as amostras para análise no CDC. Eu fui contra porque sempre atuei no laboratório, sempre fui de executar os exames, e não po-

dia aceitar mandar fazer no CDC o que achava que podíamos fazer aqui. O único problema era a obtenção do antígeno, uma proteína capsular, do bacilo da peste. Então eu disse que se me dessem condição eu iria ao CDC para aprender a técnica de extração do antígeno. Logo depois, recebi uma bolsa da OMS e fiz um estágio de três meses, quando aprendi a fazer a extração do antígeno e também a produção de conjugado para diagnóstico da peste por imunofluorescência. Quando voltei implantei em Garanhuns, em 1981, o trabalho de diagnóstico bacteriológico e vigilância sorológica de peste em todos os focos do Brasil.

O treinamento no CDC foi um marco na minha carreira profissional, pois me permitiu aprender a produção do antígeno. Isso era um verdadeiro tabu, uma vez que o comitê de *"experta"* da OMS, que se reunia periodicamente para discutir a metodologia de controle da peste, prescrevia um trabalho com alto nível de padronização para os resultados serem comparáveis a nível internacional. Recomendavam que o antígeno fosse produzido apenas em alguns centros. Sempre se produziu esse antígeno no CDC, nos Estados Unidos, e em Alma-Ata, na Rússia, pois lá havia um grande centro de pesquisas em peste. O pessoal do CDC fornecia antígeno para a América do Sul e para alguns países da África.

A sede principal do CDC é em Atlanta, mas também há uma divisão de peste em Fort Collins, no Colorado, que é centro de referência para o controle da peste nos Estados Unidos, e de lá emanam as normas a nível internacional. Embora essa divisão trabalhe, principalmente, com viroses, estudam vírus selvagens das Montanhas Rochosas; esta localização corresponde também ao centro da zona endêmica de peste nos Estados Unidos, pois ainda tem peste no centro-oeste americano, no Colorado, Novo México, Texas e outros estados.

Começamos os trabalhos em Garanhuns, no antigo Laboratório de Peste, criado na época do Serviço Nacional da Peste. Visando o melhoramento do programa de pesquisas e controle da peste, o ministro Almeida Machado resolveu construir um novo laboratório e enviou uma comissão do Ministério da Saúde para conversar conosco sobre a sua estrutura. Fui eu quem desenhou o "croqui" que serviu de base para o projeto das futuras instalações. Foi então construído ao lado do prédio antigo um novo pavilhão dotado de auditório e toda a estrutura necessária para os trabalhos.

Estávamos muito entusiasmados com o novo prédio em Garanhuns. Era muito confortável. Mas foi impossível equipar o laboratório

para produção de antígeno, porque precisava-se de equipamentos bastante sofisticados (*deep-freezer*, liofilizador, centrífugas etc). Quando o dr. Ageu Magalhães [Filho] assumiu a direção do CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães], elaborou um projeto de produção de antígenos parasitários para diagnóstico. Depois de uma visita ao laboratório de Garanhuns, constatando que era antieconômico equipar o laboratório de Garanhuns unicamente para a produção de antígeno de peste, dr. Ageu sugeriu nossa transferência para o CPqAM em Recife, para que pudéssemos utilizar as instalações e os equipamentos que estavam sendo adquiridos.

As equipes, os companheiros de trabalho

A equipe de Exu, inicialmente, contava em média com 25 pessoas, algumas vindas de Recife, a maioria recrutada na própria região. O nível de escolaridade do pessoal era muito baixo e nenhuma experiência anterior em laboratório. Ao longo dos anos muitos deixaram o emprego e a cidade em busca de outras oportunidades. Alguns morreram, outros se aposentaram, a equipe foi sendo desfalcada, a substituição cada vez mais difícil. Entretanto, alguns ainda permanecem em Exu e continuam os trabalhos de vigilância da peste na região, junto com servidores da Fundação Nacional da Saúde [FNS].

Tivemos uma colega que deu uma colaboração muito grande, Darci Pascoal Brasil, que tinha um grande espírito aventureiro e trabalhou conosco em Exu, Garanhuns e Recife. Ela foi para Exu em 1971 e ficou até 1974, quando nós fomos para Garanhuns e ela nos acompanhou. Ela era solteira e foi para Exu sozinha, apesar de ter um noivo no Recife. A saída de Exu favoreceu muito a Darci, pois então foi possível ao noivo dela encontrar trabalho em Garanhuns, como corretor de imóveis. Darci trabalhou conosco até o início do governo Collor, quando se aposentou. Nós estávamos na França, quando recebemos a comunicação que ela tinha pedido a aposentadoria. Ela também era bióloga, como Célio. Durante a graduação trabalhava no setor administrativo do Instituto de Pesquisas Agronômicas. Depois, começou um trabalho de pesquisa em botânica com o dr. Dárdano de Andrade Lima.

Após a construção do Laboratório Central em Garanhuns foram contratadas várias pessoas, todas ainda estudantes de curso médio, para trabalhar como técnicos de laboratório. Eu participei da formação desse pessoal, que hoje vive disperso. Um deles cursou a Faculdade de Odon-

tologia e fez pós-graduação, outros tomaram rumos na própria fundação [FNS]; da equipe original só um continua no laboratório de Garanhuns e outro continua conosco em Recife.

Chegados ao CPqAM, em Recife, encontramos a biomédica Maria Eliane Bezerra de Melo, do Departamento de Imunologia. Ela se interessou pelo nosso trabalho e prestou valiosa colaboração nas primeiras extrações do antígeno.

Depois a farmacêutica Nilma Cintra Leal, do Departamento de Microbiologia, também se entusiasmou pelo estudo da peste. Sob a orientação do professor Luís Carlos de Souza Ferreira (UFPE) desenvolveu uma tese de mestrado sobre a *Yersinia pestis* (o agente causador da peste) e foi dominando a metodologia relacionada ao estudo da peste. Foi Nilma quem assegurou a continuidade dos trabalhos sobre a peste no CPqAM, durante os quatro anos em que estivemos fora do Brasil.

A transferência para Recife e a produção de antígenos

O dr. Ageu estabeleceu contato com a SUCAM [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública] e acertou a nossa transferência para o Recife com a finalidade de produzirmos antígeno e conjugado para o diagnóstico da peste. Viemos em 1982 para Recife e logo comecei a produzir o antígeno. Isso permitiu ao MS [Ministério da Saúde] a manutenção do programa de vigilância sorológica da peste em todos os focos pestosos do Brasil, sem interrupção até hoje. Atualmente já existem pessoas treinadas aqui no CPqAM para continuar o trabalho depois que eu me aposentar.

"Viemos em 1982 para Recife e logo comecei a produzir o antígeno. Isso permitiu ao MS [Ministério da Saúde] a manutenção do programa de vigilância sorológica da peste em todos os focos pestosos do Brasil, sem interrupção até hoje".

A França sempre foi a paixão de minha vida. Desde criança, para mim, o mundo era como nos livros de Jorge Amado, a "Europa, França e Bahia", apesar de naquela época eu nunca ter viajado além de Palmares, Garanhuns e Recife. Quem me influenciou foi um tio, irmão de meu pai, que tinha ido no batalhão da FEB para a campanha da Itália, na Segunda Guerra Mundial. Fui criada sob a influência dessa guerra. Por causa do meu tio a família do meu pai "curtiu" muito a participação do Brasil na

campanha da Itália. Na casa do meu avô havia uns retratos do meu tio junto à Torre de Piza.

O meu bisavô, Fenelon Affonso Ferreira, foi quem criou a primeira biblioteca de Palmares. Era uma pessoa culta, mas que não cheguei a conhecer. A família de meu pai era ligada ao pessoal de cana-de-açúcar. Alguns dos meus tios e tias receberam educação requintada para a época; tiveram professores de francês e de piano. Meu pai foi mais sacrificado, porque era o primeiro filho entre 13 irmãos. Ele contava que teve que começar a trabalhar muito cedo, por isso não estudou. Meu avô na época era bem relacionado, e graças as suas amizades foi conseguindo emprego para os seus numerosos filhos, alguns deles na rede Great Western (atual Rede Ferroviária Federal).

O meu tio Gilberto, depois da guerra, sempre realizava viagens à Europa e nos trazia presentes, perfumes, coisas bonitas. Eu recebia muitos livros; acho que isso me influenciou, me fez sonhar. Depois tive a oportunidade de estudar no Colégio Santa Sofia, de origem belga, com as freiras com nome em francês. Quando eu fui trabalhar em Exu, em 1960, com orientação do Instituto Pasteur, falava-se francês no laboratório e escrevia-se anotações diárias do laboratório também em francês. Eu lutei bastante para conseguir o estágio de três meses na França. Depois do estágio solicitei dois meses de férias para passear e visitei vários países da Europa.

Inicialmente não havia muito incentivo no CPqAM para a realização de pós-graduação. Achava-se que o treinamento que tínhamos recebido dos pesquisadores estrangeiros em Exu era suficiente. Mas eu tinha vontade de sair, de ver como funcionavam as coisas em outros lugares. Não queria ficar limitada ao que nos era trazido de fora para Exu e sempre tive vontade de fazer pós-graduação e seguir uma carreira universitária. Minha primeira estada na França foi somente para aperfeiçoamento. Quando voltei não tive possibilidade de ingressar na carreira universitária, porque continuei trabalhando em Garanhuns. Sabia que todas as minhas colegas que tinham ficado aqui no Recife, no Instituto de Nutrição, já tinham concluído o mestrado. Então, quando cheguei no Recife, senti ainda mais a necessidade de fazer a pós-graduação. O dr. Ageu [Magalhães Filho], que era diretor do CPqAM, tinha muito acesso à universidade e incentivava o intercâmbio entre os pesquisadores do CPqAM e os professores da universidade, que eram mestres, doutores, enquanto que nós não tínhamos titulação, muito embora fosse reconhecida nossa competência profissional. Eu sou muito vaidosa e pelo fato de ter origem na no-

breza canavieira, embora no caso de minha família já em decadência financeira desde a geração dos meus avós, eu precisava de uma titulação, de um "baronato", e como não é mais viável conseguir um baronato, eu aspirava a uma titulação universitária. Mas, além de ter passado muito tempo em Exu e Garanhuns, sempre fui muito sobrecarregada de trabalho, por isto só recentemente é que consegui fazer a pós-graduação. Durante muitos anos, além de passar o dia inteiro executando trabalhos de bancada no laboratório, ainda levava trabalho para fazer em casa, precisava ler, estudar e aprender inglês e francês. Depois a própria fundação [Fiocruz] passou a exigir titulação e dentro de nosso próprio instituto e quem não tinha titulação ficou se sentindo discriminado. Nessa época, por uma feliz circunstância, foi criado o projeto RHAЕ [Programa de Recursos Humanos em Áreas Estratégicas], e o dr. André Furtado, então nosso diretor, conseguiu 18 bolsas para o CPqAM. Através das publicações que eu lia, percebia que muita coisa estava acontecendo e que eu não havia acompanhado devido ao isolamento em Exu e Garanhuns. Em nível internacional, meus contatos estavam limitados ao grupo de epidemiologia do CDC e ao grupo do Instituto Pasteur de Paris. Com a possibilidade de obter uma bolsa do RHAЕ, escrevi para o professor Henri Mollaret, chefe do Departamento de Ecologia dos Agentes Patogênicos, no Instituto Pasteur, pedindo uma reciclagem por um período de seis meses. Os outros colegas daqui de Recife que tinham mais contatos com pesquisadores no exterior estavam se preparando para cursar doutorado.

O doutorado na França

Através dos colegas que iam à Europa, percebi a possibilidade de fazer o dr.ado na França, embora não tivesse ainda cursado o mestrado. Nos Estados Unidos era impossível, nem se cogitava em fazer o doutorado sem o título de mestrado. Aqui no Brasil também ocorria o mesmo. Mas, por informação dos colegas, eu soube que as universidades francesas poderiam dispensar o mestrado mediante avaliação do *curriculum*. Então disse ao dr. André que se houvesse alguma desistência de pesquisadores do centro de alguma bolsa de doutorado, eu me candidataria. Pouco depois, dr. André me comunicou que havia uma bolsa disponível. Escrevi novamente para o professor Mollaret e ele me aceitou para o doutorado.

Mollaret já me conhecia, porque tinha sido aluno e colaborador do professor Mareei Baltazard, que foi o organizador do projeto para o Plano

Piloto de Peste em Exu. Quando o dr. Baltazard morreu subitamente de câncer no cérebro, Mollaret assumiu a continuação dos trabalhos. Foi Mollaret quem me recebeu para o estágio anterior no Instituto Pasteur. Dessa vez eu pretendia trabalhar na área de biotecnologia e de biologia molecular, e ele me aceitou novamente no seu departamento. Como o Instituto Pasteur tem alguns laboratórios credenciados às universidades e Mollaret também era professor credenciado pela universidade, eu fiz meu trabalho de tese no Instituto Pasteur. Durante o dr.ado na França o aluno não frequenta cursos como aqui, mas desenvolve um trabalho de pesquisas no laboratório até quando o orientador considera que os seus resultados são suficientes para a tese, não antes de dois anos de trabalho e da publicação de pelo menos dois artigos em revista científica.

A temporada na França foi muito difícil para mim, apesar do meu deslumbramento pela Europa. Eu sempre tive uma posição privilegiada durante minha vida profissional, mas sem nenhum apadrinhamento. Todo mundo pode testemunhar que eu trabalho muito e sempre me esforcei bastante. E além do meu esforço pessoal eu sempre estive, tanto em Exu quanto em Garanhuns, numa posição de comando, treinando o pessoal mais jovem, que cultural, social e hierarquicamente estava abaixo de mim. Naquela época havia um espírito menos competitivo no CPqAM, o grupo era menor e eu tinha também uma titulação mais alta do que muitos dos colegas. Até o ano de 1981 havia poucos pesquisadores no CPqAM, e eu e Célio sempre conseguimos promoção por produção. Eu saí daqui de Recife como pesquisador associado e quando cheguei em Paris perdi meu *status* e descí para o nível de estudante/ estagiária estrangeira. Nossa vida em Recife era bastante confortável, eu era muito paparicada e supervalorizada pela minha família (irmãos, cunhadas, amigos) e de repente me vi sozinha em Paris, naquela vida louca.

"Eu saí daqui de Recife como pesquisador associado e quando cheguei em Paris perdi meu *status* e descí para o nível de estudante/ estagiária estrangeira".

Eu fui sozinha, no mês de setembro, para poder organizar as coisas e porque o ano escolar na França começa em setembro. Aluguei uma casinha linda, com jardim; tinha dois pavimentos e era mobiliada, em Alfortville. A casa tinha tudo, inclusive o supérfluo, a antiga moradora era uma velhinha que havia morrido recentemente, e como os filhos não precisavam de nada que havia na casa, alugaram-na do jeito que estava:

com cristais, espelhos e quadros. Havia um colégio muito próximo da casa para os meninos e eles podiam ir a pé. Para Célio ir ao laboratório onde ele trabalhava também era fácil, ao contrário do Instituto Pasteur onde eu estava trabalhando. Não havia transporte direto de Alfortville para o Instituto Pasteur e eu precisava tomar um ônibus ou o trem e depois o metrô e fazer várias conexões. Eu resolvi me sacrificar pelo conforto da família, mas isso se tornou extremamente cansativo para mim, porque diariamente eu gastava uma hora para ir ao instituto e outra para voltar. Perdemos as mordomias daqui, como as empregadas, o carro, e enfrentamos metrô, ônibus. A família se deu extremamente bem; as crianças se deram muito bem, se adaptaram. Célio também, mas para mim foi extremamente cansativo.

Os meus filhos chegaram em Paris na semana de Natal e eu consegui uma semana de férias para recebê-los. Minha orientadora era bastante jovem, extremamente ambiciosa, muito nórdica e não tinha nada a ver com meu temperamento latino. Então nosso relacionamento não foi fácil. Ela jovem, com desejo de se afirmar e de mandar, e eu independente e acostumada a mandar. Quando cheguei lá, ela estava grávida e exigia que eu trabalhasse muito rápido, como se eu tivesse que terminar minha tese antes que ela terminasse a gestação. A palavra de ordem era correr, correr, correr. Enfim, consegui terminar a tese, cumprir todas as formalidades para sua apresentação (defesa). Obtive a aprovação da banca examinadora e recebi o grau de dr. em microbiologia pela Universidade de Paris VII.

Durante os quatro anos do doutorado não vim ao Recife nenhuma vez, pois optava por viajar pela Europa quando conseguia algumas férias. Nesse período o trabalho de peste no CPqAM ficou sob a supervisão da dra. Nilma Cintra Leal, uma colega que se entusiasmou pelo nosso trabalho sobre a peste. Uma vez que eu havia deixado o trabalho bem organizado e graças aos esforços de Nilma para dar-lhe continuidade, pude acompanhar tudo de longe. Mantinha extensa correspondência com Nilma e também constante intercâmbio por telefone ou fax; e sempre que encontrava uma nova técnica ou lia artigos que lhe interessavam, mandava para ela. Quando voltei da França para o Aggeu [CPqAM] me senti novamente em casa, como se nunca tivesse saído daqui. Nilma me enviava sempre os resultados dos seus trabalhos e relatórios. Quando voltei, continuei o meu trabalho aplicando os conhecimentos adquiridos no doutorado.

A ligação com a França foi interrompida. Na realidade eu não me entusiasmei muito com o trabalho lá em Paris, com a linha de pesquisa da minha orientadora, e durante o meu trabalho de tese fiz muita coisa em que não estava interessada

Eu gosto muito mais do trabalho no CDC, porque lá eles desenvolvem uma linha de pesquisa mais parecida com a nossa, aplicada na epidemiologia e controle da peste. Atualmente estamos aplicando as modernas técnicas moleculares no estudo epidemiológico da peste e de outras bactérias de interesse regional.

"Atualmente estamos aplicando as modernas técnicas moleculares no estudo epidemiológico da peste e de outras bactérias de interesse regional".

O trabalho no Peru

Finalmente uma das etapas mais gratificantes de minha vida profissional foi a consultoria que realizei no Instituto de Higiene do Peru a convite da Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], no período de novembro de 1995 a fevereiro de 1996, quando tive a satisfação de transmitir minha experiência através de aulas teóricas e demonstração prática no Centro de Produção de Biológicos, além de fazer várias palestras nas Universidades de Lima.





ANDRÉ FREIRE FURTADO

Infância e Trabalho

Nasci no Ceará em 30 de novembro de 1937, num sítio chamado Coqueiro, a 18 quilômetros da cidade de Varzea-Alegre. Nessa época Varzea-Alegre era uma pequena cidade do interior do Ceará, um beco sem saída, sua população devia ser de três a quatro mil habitantes. Quando tinha seis anos minha família mudou-se do sítio para a cidade. Meu pai era agricultor e as lembranças que tenho de minha infância são aquelas em que ficava pastoreando as plantações de arroz. Com seis anos já trabalhava.

Éramos onze irmãos, cinco homens e seis mulheres. Fui o oitavo. Foi uma infância como a da maioria dos nordestinos que viviam da agricultura em uma pequena cidade rural. Quando havia inverno, era a fartura, quando não, vivíamos da colheita do ano anterior. Quando ocorriam vários anos de seca, a coisa piorava. Lembro de meu pai, falando muito da seca de 1932, último ano de um período de cinco sem chuvas no sertão. Ele falava que as pessoas comiam até ratos.

Comecei os meus estudos no grupo escolar. O ensino era gratuito. No início, para mim, era apenas uma diversão. Jogava-se futebol e outras coisas. Quando concluí o quarto ano primário, estava formado, não havia mais o que aprender. A própria professora não sabia muito mais, além do que ensinava no 4º ano primário. Aprendíamos as tabuadas cantando debaixo dos pés de cajá. Um e um dois, dois e dois quatro, quatro e dois seis, etc. Era o que nós aprendíamos e era o suficiente para o que fazíamos e para nossa mentalidade da época.

Um dia, chegou à Varzea-Alegre um Marista: Irmão Joaquim. Ele era francês e chegou à cidade procurando meninos que quisessem se tornar Irmãos Maristas. Não são padres, são educadores católicos. Os

Maristas tinham um colégio na cidade de Missão Velha, Ceará. A Congregação dos Maristas foi fundada na França, pelo Pe. Champagnat, com o objetivo de oferecer educação cristã à juventude. Hoje, os irmãos Maristas são uma grande organização, com províncias espalhadas pelo mundo todo. Em Recife existe o Colégio Marista, o Colégio São Luís e o Colégio Conceição, em Apipucos.

Os irmãos Maristas usavam a batina preta e um "rabat"- um retângulo de plástico branco medindo mais ou menos 8 x 12 cm, - colocado por baixo do queixo. Aquela batina atraía a atenção, de modo que quando o Irmão Joaquim chegou à nossa casa, estava acompanhado por um grupo de meninos e até os vizinhos vieram ver aquele padre diferente com aquele objeto branco no pescoço. Ele perguntou quem queria ir para Missão Velha. Todos ficaram em silêncio, se entreolhando. Então eu disse: - "Eu quero. Eu quero ir para Missão Velha". E ficou por isso mesmo. Ele despediu-se e foi embora. O tempo passou e eu esqueci. Cinco, seis meses depois, ele voltou para me buscar. Lembrei de que tinha me comprometido a ir para Missão Velha. Minha mãe aprontou as malas e eu parti num daqueles caminhões com duas boléias e uma pequena carroceria, que se chamava "misto", no Ceará.

"Os irmãos Maristas usavam a batina preta e um "rabat"- um retângulo de plástico branco medindo mais ou menos 8x12 cm, - colocado por baixo do queixo. Aquela batina atraía a atenção, (...)".

A Vida Marista

Cheguei à Missão Velha em julho de 1949. Já estava com doze anos. Devia me preparar para fazer o Admissão. O colégio em Missão Velha tinha até a quarta série, mas o exame de admissão era feito em Recife. Nas férias de fim de ano voltei para Várzea Alegre.

No dia dois de fevereiro de 1950, estava chegando ao Colégio dos Maristas de Recife, situado em Apipucos, para fazer o exame de Admissão. Fiz o exame, passei e comecei o curso ginasial, como "juvenista", que é o nome que os Maristas dão aos seminaristas. No "juvenato" (seminário) havia adolescentes como eu, vindos de todo o Nordeste. Éramos cento e poucos juvenistas, em Apipucos. Esta escola Marista chamava-se Colégio Conceição, depois mudou o nome para Instituto de Magistério Pe. Champagnat.

No final do segundo científico, recebi a batina, e passei do juvenato para o "noviciado". O noviciado estava situado em Lagoa Seca/Campina Grande, PB. Durante um ano suspendiam-se todos os estudos, ditos profanos e os noviços dedicavam-se exclusivamente a estudos religiosos: teologia, filosofia, história das religiões e da Congregação Marista, à meditação e à oração. Preparávamo-nos para missão de educadores católicos, ensinar e transmitir a religião.

Quando concluí o Científico, fui ensinar no Colégio Marista de Aracati, Ceará. O colégio de Aracati era também um internato com aproximadamente 70 a 80 internos, crianças das cidades mais próximas: Russas, Itaiçaba, Limoeiro e mesmo de Fortaleza, e uns 400 alunos externos.

Estávamos no ano de 1956. Tornei-me o tutor responsável de uma primeira série. Ensinava todas as disciplinas, menos Matemática. Ensinava português, ciências, desenho, música, geografia, história e trabalhos manuais.

Fiquei em Aracati, os anos de 1956 e 1957, e em 1958 fui transferido para o Colégio Conceição de Apipucos para participar da formação dos futuros Maristas.

Roma e Paris

Em 1958 fiz o vestibular e ingressei na Universidade Católica. Cursei o bacharelado e a licenciatura em História Natural e concluí o curso em 1962. Permaneci como professor do Colégio São Luís até 1966, quando fui para Roma. O objetivo da viagem era cursar o doutorado em teologia na Universidade Laterana (São João de Latrão). Permaneci em Roma apenas um ano. Abandonei a Congregação Marista e fui para Paris, onde me matriculei no DEA [Diplome d'Études Approfondies] de Biologia Animal, sub-área Biologia da Reprodução, na "Faculte des Sciences".

No início, morava na Aliança Francesa onde pagava quinze francos por dia, (três dólares). Ganhava dezessete francos e cinquenta como *Baby Sitter* de uma família de americanos. Depois, nas férias, fui para Colônia, na Alemanha, onde consegui um emprego clandestino, para lavar pratos. O dinheiro que consegui economizar com estes "biscates" foi suficiente para cobrir minhas despesas em Paris, e assim pude terminar a minha tese.

Foi uma vida de atropelo. Para economizar algum dinheiro, ia para a Universidade a pé. Andava uns 14 a 15 quilômetros todos os dias.

Nada de cinema, nada de teatro. Visitar os museus só aos domingos, pois a entrada era grátis para estudantes. Mas tive muita sorte, encontrei uns amigos, uns padres operários franceses e um deles arranhou um "studio" para eu morar, que custava cem francos de aluguel. Equivaleria hoje a vinte dólares, mais ou menos vinte reais por mês. Pagar por uma moradia em Paris, esse preço, só tendo muita sorte e amigos muito bons.

Maio de 1968

No DEA de Biologia Animal (Biologia da Reprodução), tínhamos aulas todas as manhãs, e à tarde trabalho de laboratório. No final do ano tínhamos que apresentar a tese, chamada de "Memoire". Há muita discussão no Brasil a respeito desse DEA, se deve ser reconhecido como mestrado ou não. Depois do "DEA", vem o Doutorado de Terceiro Ciclo, também chamado de "Doctorat de Spécialité", (Doutorado de Especialidade), e em seguida vem o título mais alto concedido por uma Universidade Francesa que era o Doctorat d'État (Doutorado de Estado). Houve uma reforma no ensino superior francês e estes doutorados parece que não existem mais com estes nomes.

As aulas do DEA de Biologia Animal se caracterizavam pelo fato de os professores como Charniaux Cotton, Raab, Charles Tibaut, Panigel e outros, nos trazerem o resultado de suas pesquisas, o que estavam publicando. O DEA foi todo assim

Vários professores que fizeram o doutorado de Troisième Cycle, não foram reconhecidos como doutores pela Universidade Federal de Pernambuco. Outras universidades brasileiras que têm convênio com algumas universidades francesas, reconhecem esses diplomas, dando-lhes a equivalência aos brasileiros.

Vivi intensamente todos os acontecimentos de maio de 1968, em Paris: o movimento estudantil, a construção das barricadas, a invasão da Sorbonne, a renúncia de De Gaulle, a construção de uma nova mentalidade, a construção de uma nova universidade. Lá em cima, na cúpula da capela da Sorbonne, tremulavam a bandeira anarquista e a bandeira vermelha. Na porta da mesma capela escrito com letras garrafais "*C'est interdit d'interdire.*" -é proibido proibir-. Era uma embriagues de liberdade, de contestação. E as pessoas velhas, pela primeira vez, entrando na Sorbonne. Todas as salas, entupidas, superlotadas, discursos de todos os matizes, contra De Gaulle, contra o sistema capitalista, contra o sistema de ensino. O clímax desse mo-

vimento durou do dia 29 de maio até mais ou menos o dia 8 ou 10 de junho. Paris efervesceu.

Em maio de 1969 concluí meu doutorado de especialidade e voltei para Recife.

Ingresso na Universidade Federal de Pernambuco

Voltei de navio porque acumulara nestes pouco mais de dois anos, uns 600 quilos de material de pesquisa e separatas de trabalhos científicos e livros.

Fui convidado pelo prof. Aluizio Bezerra Coutinho, chefe do Departamento de Biologia e Patologia Gerais, para trabalhar com ele, assumindo a coordenação da disciplina Genética e Evolução. No dia 25 de agosto de 1969, assinei meu contrato com a UFPE. Antes, na reitoria, os acordos foram feitos para que eu fosse contratado por 40 horas semanais mas o contrato saiu com uma carga horária de 18 horas. Passei a trabalhar 40 horas mas ganhava apenas por 18. Em 1972 fui então contratado como professor no regime de 40 horas e posteriormente me foi concedida a dedicação exclusiva.

Nesta época conheci o Prof. Hélio Bezerra Coutinho, chefe do Departamento de Histologia. Ele tinha firmado convênio com a Universidade de San Juan de Porto Rico e, junto com o Prof. Norman Harris, estava desenvolvendo um projeto de Ensino Integrado/ Ensino Programado. Esse programa visava dar uma formação básica aos alunos de vários cursos nas áreas médica e biológica, bem como economizar tempo e uniformizar as informações. O Curso de Histologia foi assim preparado por eles. O Prof. Hélio sugeriu-me que fizesse o mesmo com a Genética. Faí com o Prof. Aluizio e começamos a escrever dois livros: um sobre Genética e outro sobre Evolução. Depois de prontos, assessorados por Hélio, o conteúdo científico foi organizado dentro dos cânones do Ensino Programado/ Ensino Integrado. Por falta de maior apoio das autoridades universitárias, e pela falta de professores melhor qualificados, o programa funcionou durante mais ou menos dois anos mas pouco a pouco foi ficando sob a responsabilidade de uns poucos (nessa época eu ministrava 32 horas de aulas teóricas e práticas por semana, para turmas de até 300 alunos), e voltou-se pouco a pouco ao ensino tradicional.

Em 1974 consegui uma bolsa do Ministério das Relações Exteriores da França (a bolsa era de 300 dólares mensais) e voltei a Paris para

fazer meu "Doctorat d'État" na Universidade Pierre et Marie Curie. O assunto de minha tese foi sobre "o controle endócrino da mitose e da meiose gonadais em larvas de quinto estágio em *Panstrogylus megistus*". Defendi a tese em 1976 e regressei para reassumir minhas atividades de Professor na UFPE.

OCPqAMeaOMS

Passei por várias fases do ponto de vista científico. Comecei como professor de biologia, depois professor de genética e evolução na universidade. Depois, quando fiz o doutoramento em Paris, comecei a estudar a doença de Chagas, em especial o controle do vetor.

Não temos hoje dados confiáveis sobre qual é a situação da doença de Chagas no Brasil. Foram realizados, há mais ou menos dez anos, dois grandes inquéritos epidemiológicos e sorológicos sobre esta endemia. Um, feito pela Fundação Nacional de Saúde e o outro pelo CNPq. Este afirmava que tínhamos nove milhões de chagásicos no Brasil, o da Fundação Nacional de Saúde dizia que eram cinco milhões. Se admitirmos que para cada indivíduo chagásico existem cinco correndo risco de se infectarem, devido às condições habitacionais, teríamos, de acordo com os inquéritos, seja 45 seja 25 milhões de brasileiros expostos à doença. Desde então não foram realizados novos inquéritos e a doença de Chagas passou a ser considerada como uma doença transmitida principalmente via transfusional. Há muito se repete que a cada ano, 20 mil pessoas são contaminadas pela doença de Chagas, nos hospitais, por transfusão sanguínea. Mas isto não seria mais válido hoje, devido aos cuidados que se vêm dispensando aos doadores e ao próprio sangue, nos hemocentros.

"Não temos hoje dados confiáveis sobre qual é a situação da doença de Chagas no Brasil".

Nessa conjuntura fica difícil avaliar qual a real situação da doença de Chagas no Brasil. No estado de Pernambuco, por exemplo, o vetor está presente em grande quantidade nos municípios de Araripina, Garanhuns, Salgueiro, Sertânia, João Alfredo e outros. Nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas, a incidência de doença de Chagas também não é desprezível.

Em decorrência de ter ocupado o cargo de diretor do CPqAM, deixei a pesquisa sobre a doença de Chagas de lado e iniciei as pesquisas

sobre filariose. Assumi a coordenação do programa de controle da filariose na cidade do Recife, com três projetos financiados pela Organização Mundial de Saúde.

Em 1987, quando havíamos conseguido as bolsas do RHAÉ, o Morei, que era o vice-presidente de pesquisa da Fiocruz e fazia parte de um dos comitês da OMS, em Genebra, sugeriu que enviássemos à OMS um projeto de pesquisa na modalidade de fortalecimento institucional (*Strengthening Grani*). Conseguimos os formulários e a própria Organização Mundial da Saúde, enviou assessores para nos ajudar a montar um "long term project", que teria a duração de cinco anos. Escolhemos dentre as várias endemias estudadas no CPqAM, a filariose como aquela que nos daria suporte para o financiamento da OMS.

No Centro, havia um pequeno grupo que já trabalhava com esta endemia, liderados pela dra. Gerusa Dreyer. Os dados por ela encontrados, divergiam grandemente daqueles divulgados pela SUCAM, depois FNS. Enquanto os relatórios da FNS diziam que a incidência da filariose em Recife era de 1,5%, Gerusa encontrara valores superiores a 17%.

"Os dados por ela [Gerusa Dreyer] encontrados, divergiam grandemente daqueles divulgados pela SUCAM, depois FNS. Enquanto os relatórios da FNS diziam que a incidência da filariose em Recife era de 1,5%, Gerusa encontrara valores superiores a 17%".

Montamos um programa de pesquisa para verificar qual era a real situação epidemiológica da filariose em Recife. Durou dois anos e ao fim dos quais tínhamos realizado um estudo abrangendo mais de dez mil pessoas em 31 das 46 ZEIS [Zonas Especiais de Interesse Social] da cidade do Recife. Enviamos a OMS o relatório circunstanciado dessa fase do programa e solicitámos uma prorrogação por mais três anos, para desenvolvermos um projeto piloto de controle da filariose. Nossa proposta foi aprovada e 250 mil dólares foram alocados para sua execução. O desenvolvimento deste projeto foi tão surpreendente que dois outros projetos nos foram encomendados pela própria OMS. Um sobre o controle do vetor, *Culex quinquefasciatus*, coordenado pela dra. Leda Régis e o outro sobre a construção de um modelo matemático para o controle da filariose, a ser desenvolvido em cooperação com pesquisadores da Erasmus University de Rotterdam, na Holanda. O total do financiamento de todos os projetos de pesquisa sobre filariose atingiu a soma de mais de 500 mil dólares. Com estes recursos foram adquiridos equipamentos e material de consumo para todos os departamentos e para o desenvolvimento de

todas as linhas de pesquisa em desenvolvimento no CPqAM. Os resultados destas pesquisas foram publicados em revistas nacionais e estrangeiras e foram objeto de uma dezena de teses quer de mestrado quer de doutorado.

O CPqAM realiza hoje, pesquisa de excelente nível, competindo com os centros mais avançados do país. Sua estrutura física, seus equipamentos e sobretudo pelos recursos humanos que possui, asseguram-lhe lugar de destaque entre os núcleos de excelência, nas pesquisas em saúde pública.

O CPqAM e a Sociedade

A questão que hoje se coloca, é qual a contribuição que nossas pesquisas trouxeram para sociedade ? Trabalhamos para diminuir a incidência e prevalência da filariose, da esquistossomose, da leishmaniose, da doença de Chagas, da malária, e exercemos uma vigilância sem tréguas, para evitar a ocorrência da peste bubônica no nordeste. Tem muita coisa ainda a ser feita. Não tenho o direito de ficar sentado lá na minha sala, pesquisando, escrevendo os meus papers, deixando que as autoridades continuem indiferentes aos resultados de nossas pesquisas. Cito como exemplo os resultados que obtivemos na pesquisa sobre filariose, onde demonstramos que ela pode ser erradicada, se houver maior sensibilidade e determinação das autoridades governamentais. Acredito que tenho obrigação de continuar mostrando que o método desenvolvido no CPqAM é eficiente e eficaz e precisa ser usado para erradicar a filariose.

"Trabalhamos para diminuir a incidência e prevalência da filariose, da esquistossomose, da leishmaniose, da doença de Chagas, da malária, e exercemos uma vigilância sem tréguas, para evitar a ocorrência da peste bubônica no nordeste. Tem muita coisa ainda a ser feita".

O fortalecimento do CPqAM, no que diz respeito quer à formação de recursos humanos quer no estabelecimento de sua infra estrutura, deveu-se ao Programa de Controle da filariose. Através deste programa é que surgiram os apoios da OMS, da FINEP, do MCT do Conselho Britânico e da Fundação Banco do Brasil, entre outros, além dos auxílios concedidos pelo CNPq e pela FACEPE. Posteriormente, cada pesquisador trouxe projetos menores de dez, quinze, vinte mil dólares. Houve uma

concatenação de ações e de resultados que levaram a esse crescimento. Hoje, no CPqAM, todo doutor tem seus estagiários ou orientandos e busca financiamento para seus projetos. O número de publicações há vários anos vem mantendo uma média de 30 papers por ano. Em 1995 foram 32 papers publicados em revistas internacionais.

Estamos trabalhando duro no CPqAM. Há pesquisadores de outras regiões e de outros países que solicitam nossa cooperação. O CPqAM é reconhecido, hoje, nacional e internacionalmente, inclusive por esse programa de fortalecimento institucional. A OMS publicou em um de seus relatórios uma matéria dizendo que éramos um modelo de instituição para o mundo pela maneira como havíamos aplicado os recursos do "*strengthening grant*".

Em cinco anos, de 89 a 93, passaram pelo CPqAM mais de sessenta pesquisadores visitantes, nacionais e estrangeiros. Uma média de um pesquisador por mês, que vinha conhecer o que nós estávamos pesquisando, apresentar o que estavam fazendo e onde é que alguém do CPqAM poderia se encaixar na área de pesquisa que eles desenvolviam.

Cheguei ao ponto de recusar dois milhões e meio de dólares, de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido em colaboração conosco. A parte que nos caberia na pesquisa consistiria apenas em infectar alguns sagüis (*Callitrix jacchus*) com o *Schistosoma* para de seis em seis meses vir o Dr. dos Estados Unidos, dissecar os animais e levar o material para ser estudado lá, em sua universidade. Depois seriam publicados artigos científicos onde constaria nosso nome, sem que tivéssemos dele participado mais intensamente. Disse ao ilustre pesquisador que não aceitávamos este tipo de colonização científica, e que só aceitávamos colaborar em projetos onde houvesse um compromisso de formação de recursos humanos de nosso *staff* e a concomitante transferência de tecnologia para o CPqAM. Ele não aceitou nossas condições e o convênio de cooperação não foi assinado.

Um dos pontos que mais fizemos questão, durante toda nossa administração foi de não aceitarmos que o CPqAM se transformasse numa *field station* de grupos de pesquisa de centros mais desenvolvidos. Tentamos preservar nossa identidade e nossa dignidade, como Instituição científica, desenvolvendo capacidade e competência de nossos pesquisadores, para que pudessem discutir de igual para igual com qualquer outra instituição.

Para garantir essa autonomia e independência era necessário oferecer-lhes todas as condições, para que eles fossem tão competentes quanto os outros. Iniciando pelos meios materiais, como ter uma máquina xerox que funcionasse, sem limite de cópias; ter acesso a telefone e fax para realizar ligações e discutir com seus colaboradores nacionais e estrangeiros os projetos em andamento. Uma vez alguém da administração chegou para mim e disse: "Professor, olha aqui essa conta. Foi doutora fulana. Trinta e seis minutos de ligação para os Estados Unidos. Custou 16 reais." Então eu disse: "Você sabia que esses 16 reais geraram 30 mil dólares para o Centro?". A pesquisadora usara o telefone por meia hora, discutindo um projeto de cooperação, com o seu "partner" que trouxe 30 mil dólares em equipamentos, drogas e material de consumo para o Centro. O pesquisador sentia-se prestigiado e ao mesmo tempo co-responsável.

Balanço de sua gestão

Em dezembro de 1986, fui nomeado diretor do CPqAM, pelo presidente da Fiocruz, dr. Sérgio Arouca. Uma das exigências que fizera ao Arouca foi a contratação do prof. Hélio Bezerra Coutinho para ser o meu vice-diretor. Quando assumimos a direção do CPqAM, diagnosticamos que havia uma grande endogenia nas pesquisas desenvolvidas e uma grande falta de estímulo, uma certa apatia entre os pesquisadores. Elaboramos então, com a colaboração de alguns pesquisadores e em especial do dr. Alexandre Bezerra de Carvalho, um planejamento estratégico para o CPqAM.

"(...) diagnosticamos que havia uma grande endogenia nas pesquisas desenvolvidas e uma grande falta de estímulo, uma certa apatia entre os pesquisadores".

Decidimos considerar como a primeira de todas as prioridades, o investimento na formação e qualificação dos Recursos Humanos. Caímos em campo e conseguimos 26 bolsas do programa RHAE (Programa de Recursos Humanos em Áreas Estratégicas), do Ministério da Ciência e Tecnologia. Eram bolsas para Mestrado, Doutorado, pós-doutorado, pesquisador visitante, treinamento de pesquisador, e outras modalidades apoiadas pelo CNPq, quer no país quer no exterior.

No que concerne à pesquisa, solicitamos a todos os pesquisadores que elaborassem seus projetos para serem submetidos ao CNPq. De 14 projetos enviados, nove foram aprovados e receberam auxílio correspondendo hoje a mais ou menos 80 mil reais.

Por sua vez, Hélio submeteu à Fundação Banco do Brasil, um projeto de pesquisa sobre a insulina exócrina no *Didelphis albiventris* (gambá) e conseguiu um auxílio de 311 mil dólares. Este projeto seria desenvolvido em cooperação com pesquisadores ingleses da Universidade de Leicester e posteriormente da Universidade de Aberdeen, na Escócia.

O CPqAM estava organizado em laboratórios. Ao assumirmos a direção implantamos a estrutura departamental. Foram criados os departamentos de Imunologia, Microbiologia, Parasitologia, Patologia e Biologia Celular e o NESC [Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva]. Mais tarde, devido à grande repercussão do programa da filariose e da importância dos insetos na transmissão de doenças, sentimos a necessidade de criar o departamento de entomologia. De modo que na atual estrutura, aprovada pelo CD do CPqAM e depois pelo CD da Fiocruz, temos seis departamentos, todos eles criados durante a nossa gestão.

Quando esses departamentos foram criados, necessitava-se lotar os pesquisadores de acordo com sua área de interesse. Eles foram convidados a escolher para qual departamento queriam ir. Após a escolha, elegeram um chefe e um vice-chefe.

Em decorrência das decisões do Iº Congresso Interno da Fiocruz, tanto o presidente como os diretores das Unidades passaram a ser eleitos pela comunidade. Na eleição de 1989, para um mandato de quatro anos, obtive 87% dos votos de toda a comunidade. Quando encerrou o meu mandato, (1993), os chefes de departamento foram à diretoria solicitar minha permanência. Houve até mesmo um abaixo-assinado de pesquisadores e funcionários, para que me recandidatasse. Tinha direito a concorrer a um terceiro mandato, pois o primeiro, de três anos, tinha sido antes das reformas estabelecidas pelo Congresso Interno. Apesar de envaidecido por estes sinais de simpatia e mais ainda de amizade, já havia decidido deixar a direção do CPqAM.

Após ocupar o cargo de vice-diretor por seis meses (maio a dezembro de 86) e o de diretor por sete anos (dezembro de 86 a dezembro de 93), voltei a desempenhar minhas funções de pesquisador. Acho isso a coisa mais natural do mundo. Era uma questão de princípio, pois sem-

pre critiquei o fato de reitores e pró-reitores quando terminavam o mandato, raramente voltavam para sala de aula. Sempre arranjavam uma bolsa para ficarem três, quatro anos no exterior. Quando retornavam, se aposentavam ou iam ocupar cargos burocráticos.

Quando tentamos compor a chapa para minha substituição, foi um pouco difícil, porque ninguém queria candidatar-se. Após longas negociações, a dra. Eridan Coutinho, chefe do departamento de Patologia e Biologia Celular, e o Rômulo Maciel, chefe do Departamento de Estudos em Saúde Coletiva [NESC], aceitaram compor uma chapa para disputar o cargo de diretor e vice, respectivamente. Ocorreu na véspera da eleição um caso interessante: dra. Eridan foi à diretoria, e disse: "André, se você disser que aceita ser candidato, eu reuno a comunidade e retiro a minha candidatura, porque o meu candidato é você". Mas logicamente não aceitei. Achei que já tinha dado a minha contribuição, além de considerar que seria muito importante para o CPqAM ser dirigido por outra pessoa com idéias e planos diferentes dos meus. Queria voltar à pesquisa com mais intensidade, pois em consequência das atividades burocráticas, havia reduzido bastante minha produtividade científica.

Estou atualmente numa fase de atividade científica muito intensa. Tenho catorze artigos publicados em revistas internacionais nos últimos três anos. Apesar do financiamento dos programas da OMS terem acabado em 1994, continuamos a desenvolver pesquisas para dar continuidade aos trabalhos dentro das favelas, como o controle do vetor da filariose, ou o projeto de Imunologia das poliverminoses gastrointestinais, financiado pela Comunidade Econômica Européia e desenvolvido em colaboração com pesquisadores da Universidade de Nottingham, na Inglaterra.

Quando terminamos nossa administração, o CPqAm já contava com 10 doutores e 13 mestres. Os outros, com raríssimas exceções, estavam engajados em cursos de pós-graduação. Em torno destes recém-doutores e recém-mestres, encontravam-se aproximadamente 50 bolsistas e/ou estagiários, sendo por eles iniciados na carreira científica. Além destes bolsistas/estagiários, foram implementadas oito bolsas dentro do programa PAP [Programa de Aperfeiçoamento Profissional] da Fiocruz, e dez bolsas dentro do Programa PIBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica] do CNPq. O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães cresceu, e cientificamente passou a ser respeitado pelos órgãos federais, estaduais e municipais pelo fato de suas ações e suas pesquisas estarem voltadas para solução dos problemas da saúde da população.

Em síntese, diversas metas prioritárias tais como a implantação de uma política de formação de recursos humanos e valorização do pesquisador, a reestruturação dos departamentos, a criação do núcleo de informática e informação, a assinatura de mais de uma dezena de periódicos, a contratação da bibliotecária em tempo integral, o aumento do percentual da dotação orçamentária (que passou de 1,2% para 2,8% da dotação global da Fiocruz), a reforma da estrutura física do biotério e a construção do infectório, a reforma dos laboratórios comuns e a construção de salas para os pesquisadores, propiciaram uma melhoria das condições de trabalho e maior intercâmbio científico com pesquisadores nacionais e estrangeiros. Foram celebrados quase vinte convênios de cooperação científica entre o CPqAM e Departamentos da UFPE, UFCE, UFAL, UFRJ, UERJ e vários Institutos ou Universidades estrangeiras, como o NIH, Univ. de Birmingham (USA) Universidade de Nottingham, Universidade de Aberdeen e Imperial College (U.K.), Hospital Pitié Salpêtrière e INSERM (França) e Erasmus Univ. de Rotterdam (Holanda) etc.

História Familiar

Conheci Anna Maria, minha esposa, quando estava voltando da França em abril de 1970. Ela ficou em São Paulo, enquanto eu vim para o Recife. Em dezembro nos casamos. Temos três filhos magníficos. Um deles, Patrícia, terminou a licenciatura em Biologia e está fazendo o doutoramento em imunologia e alergia na universidade de Nottingham, na Inglaterra. Sandra, tem dezoito anos, e está cursando o último ano do colégio e pretende prestar vestibular para medicina no final do ano. André Wilson está no segundo ano e pretende fazer vestibular na área de ciências exatas.

Minha esposa é paulista, estudou dois anos de sociologia, em São Paulo e terminou o curso na Universidade Federal de Pernambuco. Posteriormente fez outro vestibular e terminou o Curso de Educação Artística na UFPE. É artista plástica, faz pintura e escultura.

A Ciência Hoje no Brasil

A ciência no Brasil passou por várias fases, mas continua sendo uma ciência de país subdesenvolvido. O grande problema da ciência no Brasil, é a falta de financiamento. Além disso, tem as diferenças regionais. Você não pode comparar o Sudeste e o Sul, com o Centro-Oeste, o

Norte e o Nordeste. As diferenças econômicas regionais refletem-se com mais intensidade nas diferenças em relação à ciência nacional.

As medidas adotadas para resolver essas diferenças, são todas paliativas, esmolas, sem que se tenha notado até o presente uma vontade política séria ou a adoção de medidas concretas para diminuir estas diferenças. Enquanto 56% das verbas nacionais vão para o Sudeste, apenas 14%, vem para o Nordeste. Se houvesse vontade de diminuir essas diferenças regionais, se buscariam formas diferenciadas para os investimentos que são feitos atualmente em ciência e tecnologia. Pelas políticas adotadas até hoje, por todas as fontes financiadoras de pesquisa e pelo próprio Ministério da Ciência e Tecnologia, não vejo nem a médio nem a longo prazo que uma solução esteja a caminho. Pelo contrário, vejo que dia a dia mais aumenta o fosso, aumenta a disparidade entre os investimentos feitos nas regiões Sul/Sudeste e os das regiões Norte/Nordeste/Centro-Oeste.

"Enquanto 56% das verbas nacionais vão para o Sudeste, apenas 14% vêm para o Nordeste".

A ciência brasileira tem grandes cientistas. A qualidade das pesquisas é de bom nível para um país de Terceiro Mundo. Nós temos cientistas que competem em nível internacional. Não há nenhuma pesquisa de ponta feita nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, que não seja feita no Brasil. Em publicação recente, O Perfil da Ciência Brasileira o prof. Leopoldo de Méis, chega a conclusão que embora contribuindo com menos de 1% para a ciência mundial, a ciência brasileira se ressentir apenas do número de cientistas no país. E o prof. Mário Mares-Guia escreve que não é surpresa constatar-se que há uma concentração de cientistas na Região Centro-Sul, mas a surpresa preocupante é constatar que há muito pouca atividade científica ligada aos assuntos de meio ambiente. Acho que ele expressou o que pensa a grande maioria dos cientistas das regiões Centro-Sul: as diferenças científicas regionais não lhes causam nenhuma preocupação.

"Não há nenhuma pesquisa de ponta feita nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, que não seja feita no Brasil.

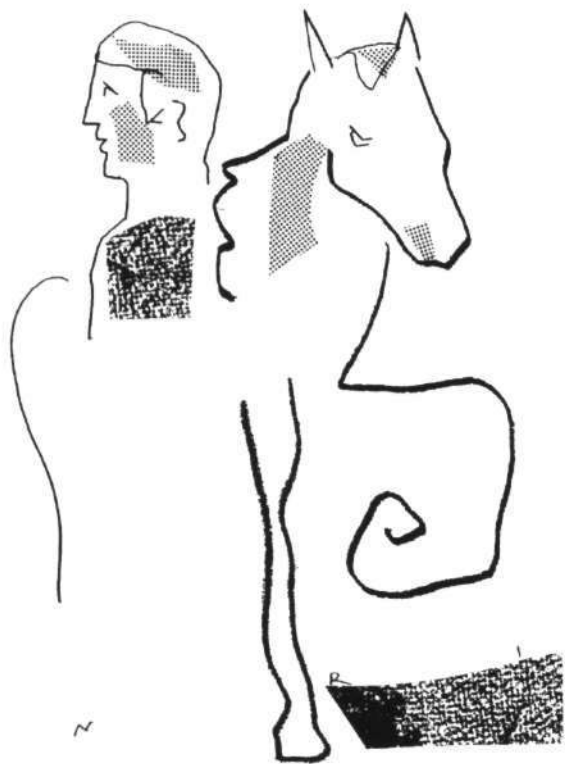
Durante os governos militares as universidades que vinham avançando na produção do conhecimento, foram cerceadas, foi um grande re-

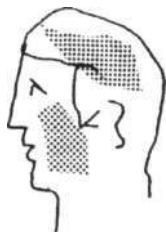
trocesso para a ciência brasileira. A maioria das universidades estava com 20 ou 30 anos de fundação e começando a desabrochar. Quando acabou o regime militar, as esperanças renasceram. Pensava-se que a ciência e a tecnologia teriam lugar de destaque. Mas o que estamos vivenciando diante das medidas que estão sendo tomadas pelo governo do Presidente Fernando Henrique é o desmonte das universidades. O número de pessoas que se aposentaram nas universidades e nas instituições de pesquisa nos últimos três anos é muito maior do que aqueles que foram expulsos do país na época da ditadura militar. A diferença é que após a anistia os expulsos voltaram, e muito mais capazes do que quando saíram. Reassumiram suas pesquisas e aglutinaram em volta de si o que tinha de melhor na ciência brasileira. Estes grupos estão sendo agora desarticulados pela política dita neoliberal do atual presidente.

"O número de pessoas que se aposentaram nas universidades e nas instituições de pesquisa nos últimos 3 anos é muito maior do que aqueles que foram expulsos do país na época da ditadura militar".

No governo militar havia até um certo orgulho que era ser um exilado político. Hoje em vez de exilado político, temos o aposentado político, um inativo. Um indivíduo com cinquenta anos se aposenta, recebe um crachá de inativo para circular no campus da universidade, ou como passaporte para poder entrar na reitoria.

Durante o governo militar havia a repressão política. Atualmente falamos em cidadania, democracia, liberdade para se dizer e pesquisar o que se quiser. No entanto, não se propiciam as condições de pesquisa. Antes havia um amordaçamento do pensamento científico, hoje se ameaça com medidas que visam usurpar direitos adquiridos. Antes se esterilizava, hoje se castra.





ARCELINO FERREIRA FARIAS

As lembranças da infância: a família, as secas, os estudos, a igreja

A

As lembranças que guardo de Baixio, cidade onde nasci, são as melhores possíveis. A única recordação má, que trago de lá, é o fato de meu pai ter perdido as terras, que comprou com sacrifício. Meu pai era fazendeiro e agricultor ao mesmo tempo e comprou, de um tio, uma propriedade de bom tamanho: 600 braças por uma légua de comprimento. A civilização não havia chegado ao interior do Ceará e demorou a chegar. Nós estávamos a 450 quilômetros de distância de Fortaleza, 700 de Recife e 600 de João Pessoa. Não havia justiça. Como meu pai havia comprado a terra na base da amizade, forjaram um documento e ele ficou só com uma parte da fazenda que era sua. Isso me traumatizou muito e o que não gosto da minha região é só isso; meu pai ter perdido aquilo que, com o suor do seu rosto, comprou e pagou.

"A civilização não havia chegado ao interior do Ceará e demorou a chegar. Nós estávamos a 450 quilômetros de distância de Fortaleza, 700 de Recife e 600 de João Pessoa. Não havia justiça".

Na minha infância todos tinham saúde; não se tinha o costume de ver uma pessoa passar em um carrão. Todos tinham o seu cavalo, comiam seu feijãozinho, sua rapadura e viviam mais ou menos felizes. Naquela época, não sei se por minha posição de filho de fazendeiro, a vida era boa, melhor do que seria nos grandes centros urbanos.

Papai achava que tinha que se esforçar para colocar os filhos para estudar e ir para os grandes centros, porque os produtos da propriedade não tinham valor comercial. Nós éramos 11 irmãos. De manhã, levantávamos e íamos a escola, que era um pouco distante. Quando estávamos com preguiça íamos à fazenda para pegar um cavalo, e estudar no grupo

escolar. À tarde tínhamos os deveres da escola, e se faltava um empregado um de nós ia cuidar da roça, do gado, ou outra coisa mais leve. O serviço mais pesado era feito por papai e os empregados da fazenda. Nossa propriedade é no limite do Ceará com a Paraíba e como não existe água dividindo os dois estados, podíamos correr para a Paraíba ou para o Ceará. Por falta de um riacho a nossa propriedade não tem açude. O único que foi feito, por causa de uma tromba d'água, a estrada de ferro condenou. Chove pouco e não tem água, mas essa é uma característica da região.

Na seca de 1932, papai e uns amigos, donos das propriedades vizinhas, reuniram-se, papai disse que, apesar da seca, ia ficar na fazenda. Houve muitas restrições; o queijo que comíamos era queijo fabricado no ano anterior, queijo de fazer tempero, o leite diminuiu e tinha um gosto desagradável, porque vinha do gado que comia a folha do Juá, que alimenta o animal, mas interfere no sabor do leite. Mas a seca foi passando, graças a Deus.

A seca de 1942 foi outra seca terrível; nessa vivi o drama mais de perto, pois fui trabalhar na inspetoria da seca, na construção de uma estrada de rodagem. Essa construção foi só um paliativo, porque construir com carrinho de mão, em uma terra seca, é quase impossível! Mas mesmo assim, vivíamos lá. Na seca havia muita miséria, vi criança morrer de fome, por que os governantes só mandavam alimento da pior qualidade; o salário era mínimo e toda a população vivia às custas dos cofres públicos. Por sorte nós não éramos dos mais pobres; tínhamos uma vida boa, uma casa grande na fazenda. Nessa época da seca haviam crianças recém-nascidas, com mães subnutridas que tinham pouco leite, e por isso as crianças comiam uma garapa de rapadura ou de açúcar com farinha e isso é terrível: uma mãe ver uma criança morrer. Não quer dizer que o governo tenha deixado faltar milho, feijão, rapadura, carne de gado magro, charque. Mas para nós cearenses comer carne de charque não é grande coisa, porque o seu sabor é bem diferente da carne de sol, a qual estamos acostumados. Matar um boi gordo na sua propriedade, preparar a carne-de-sol e comê-la assada na brasa não é a mesma coisa do que comer charque. Comíamos feijão preto com uma farinha amarelada, com um gostinho amargo, que vinha do Pará, entretanto estávamos acostumados com a farinha do Cariri, a rapadura, a carne e o arroz guisados, coisas que na época da seca não havia.

Existia um parente de papai que era franciscano e um parente de mamãe que era do Colégio Salesiano de Recife. Papai já estava velho, teve o problema da perda de uma parte da propriedade, e do que restou, ele tirava o sustento da família. O que poderia pagar a educação dos filhos era aquela propriedade que ele perdeu. Na falta dela, os parentes achavam que eu devia ir para um convento, e como naquela época tinha-se que obedecer aos pais, fui mandado para Lavras, cidade de dona Moreninha e dona Guiomar Ferrer. Lá estudava, para quando chegar num desses conventos, onde tivesse um parente de mamãe ou de papai, já entrar na hierarquia. Os meus estudos não foram realizados em ensino normal porque foi com professores particulares, dona Lídia e muitas outras; tanto é que na minha ficha sou analfabeto.

Fui morar em Lavras, em 1936, com meu irmão, pois nessa região existia curso ginásial. Meu irmão tinha uma sociedade numa mercearia; vendia bebidas, cereais. Em Lavras estudei muito, saía de manhãzinha para ir ao ginásio. Apesar de não estar matriculado, porque quando decidiram já havia iniciado o ano letivo, assistia as aulas e voltava para almoçar em casa; à tarde ia estudar com os professores da escola e à noite tinha os deveres. No interior, a vida era simples e calma. É tanto que dos meus parentes, das minhas tias, a que morreu mais jovem tinha 67 anos, uma outra com 105 anos e mamãe com 92. Entretanto meu pai morreu moço. Com 67 anos teve um problema cardíaco; mas era um homem forte, trabalhava na agricultura, cuidava do gado.

Fui coroinha, contra a vontade, porque não gostava de ser religioso. O padre da minha terra fez uma coisa que não devia, então aquelas senhoras respeitáveis exigiram do bispo tirar o padre e substituí-lo pelo pároco, que residia em Baixio. Este padre que veio era um homem que respeitava a igreja católica, e se chamava padre Santo. Nesse período, estava treinando telegrafia para trabalhar na estrada de ferro, onde meu cunhado era agente. Foi quando chegou à estação um trole motor do serviço de febre amarela, e fui eu quem o liberou para prosseguir viagem.

Nessa oportunidade, ouvi o motorista perguntar ao padre por que ele havia ido embora e deixado sua mulher sem dinheiro. Escutar isto para um jovem que teve formação religiosa e via os padres como santos na sociedade católica foi um problema sério. Para mim, que já não estava com muita vontade de ser seminarista, foi uma coisa terrível. Não vou citar o nome do padre que inclusive falou comigo para se explicar. Nunca

disse isso a papai para não entrarmos em choque. Ele fez um acordo com a minha família de ajudar nas atividades do padre, porque a paróquia era pobre e por isso fui ser coroinha e não gostei; mas quando contei aos amigos o que ouvi do motorista, eles se voltaram contra mim.

Na época da minha infância não existia luz elétrica, rádio. O primeiro rádio que apareceu lá além de ser caro, tinha que ter um cata-vento e uma bateria para recarregá-lo. Aos domingos vestíamos uma roupa e íamos à estação, para ver o trem passar. Nessa época, entrei na banda de música. Os filhos das chamadas famílias da cidade não eram músicos profissionais, mas tocavam pela arte. As pessoas eram meio preconceituosas com os músicos profissionais, que eram pobres e não tinham boa condição econômica. Não cheguei a tocar porque houve uma demora na importação dos instrumentos, mas ficamos estudando música porque a prefeitura pagou uma professora. Quando estava estudando foi nomeado um juiz de direito para Baixio. A cidade começou como uma aldeia, mas com o esforço de algumas pessoas foi crescendo. Fizeram a estação da estrada de ferro. Papai construiu uma casa, o irmão dele fez outra e o meu avô também, de aldeia passou a ser lugarejo e depois cidade. Mas o que aconteceu foi que o juiz não tinha onde morar e foi para a casa que pertencia ao meu tio, que morava na fazenda. Mamãe achou por bem que, ao invés de eu ficar na praça tocando, fosse ao salão de música na casa de dr. Genésio para ficar ouvindo música clássica executada por músicos que não tocavam profissionalmente, mas como arte para alegrar a sociedade; mas nada de ganhar dinheiro e bebida, porque a vida sertaneja era séria, séria mesmo. Estudei música e gosto de uma música mais caprichada.

As festas eram diferentes, ocorriam na praça do Correio onde todo mundo participava. Tinha o leilão onde um pregoeiro meio jocoso dizia palavrões que eram proibidos. A sociedade admitia porque o leilão era para arranjar dinheiro para a igreja. Eu não falava palavrões porque a família não permitia, mas o danado do pregoeiro dizia aquelas coisas, que nós não podíamos dizer. No circo os palhaços diziam suas loucuras e era admitido. A família sorria. Havia um pouco de hipocrisia e de contraste entre a vida do sertanejo, um homem simples, e o palhaço de circo que dizia: "O palhaço o que é? É ladrão de mulher". Na cidade não existia prostituição, nem outra religião além da católica. Na minha infância na cidade só havia a igreja católica e nada mais. Nada de protestante. Era a igreja católica quem mandava. A igreja realizava quermesse, leilão e baile, esse último no salão do Fórum, onde dançávamos. Quem era menor não

devia dançar e minhas irmãs também não dançavam, papai não admitia. A filha dele era para casar, ser entregue ao esposo. E a cidade foi crescendo. Em pouco tempo se formou uma cidadezinha que já tinha umas 500 casas.

Em 1922 chegou a estrada de ferro na região. Com ela vieram imigrantes e um parente nosso montou uma fábrica de beneficiamento de algodão, que o enriqueceu. Depois ele foi para Fortaleza fazer comércio e vendeu a fábrica a um rapaz da família Maia, de Ceará Mirim, que ao lado da fábrica começou a extrair o óleo do caroço de algodão. Mas paulatinamente, a gordura de coco foi substituindo o óleo de algodão. Lá em casa tudo que se comia era com gordura porco, por não haver coco no sertão. A fábrica também produzia a torta, que era vendida para alimentar os animais na época da seca, feita da sobra do caroço do algodão. Hoje o Brasil exporta muita torta de soja, que vai para a Europa, mas no passado era de caroço do algodão.

O governo de Getúlio Vargas

Em 1930 houve uma tristeza na política, pois apareceu a ditadura do Getúlio Vargas. Eu era menino, mas ainda lembro bem que papai era apolítico, vivia a vida dele, cuidava de sua família; seu maior orgulho era fechar a casa com toda a família dentro de seu lar. Era um lar sadio, respeitado. Lembro que as tropas do Exército passaram pela cidade, requisitaram alguns animais da propriedade e os cavalos novos, deixaram uns cavalos velhos e umas carroças quebradas que ficaram encostados, enferrujando. Naquela época o pessoal não tinha nada, mas não era ganancioso. O que era de terceiro era de terceiro. Aquelas carroças que pertenciam ao Exército, ninguém consertou para trabalhar na propriedade, porque era roubo e ninguém era ladrão. Fato semelhante aconteceu com o resto do material deixado para a reparação da estrada de ferro, que foi parcialmente destruída devido a uma tromba d'água que caiu em 1926. A tromba d'água ocasionou um grande prejuízo, pois estragou o solo, foi horrível. Com a construção da estrada de ferro, se não me falha a memória, o pai do dr. André Furtado, do CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães], esteve por lá e deixou carrinhos de mão e picaretas. Se forem lá hoje encontrarão todos esses instrumentos enferrujados, ninguém pegou nada, eles sabem ter dignidade e respeito. Naquela época não existia assalto. As tropas passaram, foi nomeado o prefeito e fomos vivendo. Naquele tempo ninguém ia brigar contra ninguém, todo mundo vivia na sua propriedade, trabalhando, comendo seu feijãozinho temperado

ou não temperado, ia levando a vida, simplesmente. Falava-se de Zé Pereira, que contava histórias de princesa que uns admitiam, outros não. Ele para mim foi um herói, mas para outros foi um covarde.

"Lembro que as tropas do Exército passaram pela cidade, requisitaram alguns animais da propriedade e os cavalos novos, deixaram uns cavalos velhos e umas carroças quebradas que ficaram encostados, enferrujando".

Havia no governo de Getúlio alguns contestadores. Inclusive o irmão de papai, que achou que devia contestar as autoridades e criou certos problemas. Esses contestadores do regime, devido à distância e ao fato de não haver nenhuma pessoa de influência no comando, passaram sem tumultuar o governo de Getúlio. A política no interior está muito violenta hoje, mas naquela época você não podia falar muita besteira, que o interventor do Ceará mandava para a polícia.

A morte do pai e o trabalho no IBGE

Papai morreu em 1938 e com sua morte tudo ficou mais difícil. Eu não queria ser religioso, mas com a morte de papai o dinheiro não dava para pagar o colégio, e estudo naquela época era caríssimo. Hoje se reclama bastante mas quem quer estudar, tem condições. Não sou defensor do governo nem de A nem de B, mas o estudo hoje é mais fácil do que na minha época. Meu pai deixou a propriedade e o gado para dividir com os dez irmãos, sendo a metade de mamãe. Apesar de ser menor deixei essa mania de estudar. Foi quando um parente nosso, que tinha uma propriedade muito boa, me levou para trabalhar com ele. Mas notei, que passados alguns meses o velho estava insinuando que fosse me preparando para casar com a filha dele e tomar conta da propriedade, enquanto ele iria tomar conta de outra, que valorizou com a estrada de rodagem que saiu de Mossoró para Fortaleza, naquela região do cruzamento com o rio Jaguaribe. Mas não queria casar e quando veio em 1940 o senso, fui ser agente de recenseamento. Passei o ano todo recenseando, como funcionário do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Depois desse trabalho me tornei empregado. Logo em seguida veio a seca de 1942 e fui trabalhar nas inspetorias de seca. Só agüentei esse tipo de serviço porque a vida estava muito difícil. Foi um trabalho meio cansativo e terminei voltando para a fazenda do meu pai

Em 1942, peguei todo o gado e vendi. Com o dinheiro fiz um grande roçado. Mas nesse tempo aconteceu a chamada seca verde, quando a chuva é insuficiente para a colheita. Essa seca verde foi a pior que vi, perdi todo o dinheiro e o gadozinho que tinha. Foi quando em 1943 mudei para Natal.

O emprego no Serviço Nacional de Malária em Natal

Estava na época da guerra [Segunda Guerra Mundial], mas em Natal tinha muito emprego e meu irmão tinha um pequeno negócio lá, além de trabalhar no Serviço Nacional de Malária. Contra a vontade de mamãe saí do interior para ir para a capital, na época da guerra. Foi difícil mas enfrentei, mesmo contra a vontade de meu irmão mais velho, que achava que eu devia ficar. O que papai deixou foi se acabando. Quando cheguei fui procurar emprego, mas a base já estava quase toda construída e os empregos começaram a diminuir. Foi quando surgiu o concurso para o Ministério da Saúde para trabalhar no Serviço Nacional de Malária. Tinha um irmão, que era muito amigo do diretor e me arrumou um emprego no escritório. Meu grau de instrução não era dos piores e o pessoal que tinha maior qualificação trabalhava para o Exército Americano e para as Forças Armadas. Na cidade, quem sabia ler e escrever estava bem. Então fiz o concurso e entrei para o serviço como concursado, em 1944, quando comecei a pertencer a tabela única de mensalista. Nós que tínhamos um bom salário. Não recebíamos nas repartições, mas sim na Delegacia do Tesouro.

Quando cheguei à cidade de Natal, no tempo da guerra, ela estava no escuro, em blecaute. Não estranhei muito, porque lá no Ceará não tinha luz. Os americanos que estavam aqui jogavam dinheiro à toa. Nós que não éramos do Exército americano nem das Forças Armadas ficávamos meio intrigados.

Antes de ir para Recife, em 1946, não gostava muito da cidade. Morei 47 anos em Recife e voltei para Natal agora porque me aposentei e hoje estou adorando. É uma cidade maravilhosa e muito boa.

No Serviço Nacional de Malária, no qual fui admitido, tinha a responsabilidade de dar proteção contra malária às bases aéreas, navais e aos quartéis. Tínhamos um regime semi-militar, o que era necessário porque se um soldado dos Estados Unidos adquirisse malária aqui, ao che-

gar na Europa seria um desastre. O serviço era perfeito e nós trabalhávamos muito. Me orgulho de ter trabalhado no Serviço Nacional de Malária. O DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais] combateu a malária, todos os ciclos de febre amarela, e a peste está mais ou menos controlada. Nosso trabalho foi tão sério que onde você passar e perguntar pelo antigo Serviço de Malária, Febre Amarela, Peste e pela DOS [Divisão de Organização Sanitária], terá boas referências.

Os tempos da política e o Partido Comunista

Em 1946, já com o advento da democracia, eu era jovem, longe da família e fui fazer uma "politicazinha". Como todo jovem idealista, me filiei a uma célula do Partido Comunista. Eu tinha 20 e poucos anos e era solteiro, mas não fui aceito por causa da ideologia. Mandavam fazer greve e eu não entendia; fazendo greve, como é que eu ia ter uma geladeira em minha casa igual a do americano. Então fui contestar, acharam que eu era reacionário e me tiraram do partido. E na célula estadual [Miguel Couto do Alecrim], em que militei, uma das pessoas influentes era um funcionário do Serviço de Malária, Francisco Carneiro, também cearense de Guatu, que ajudou a tomar o quartel da polícia. Francisco Carneiro me disse que tomou o quartel da polícia apunhalando o sentinela, e que não houve reação porque era hora de almoço. Mataram o sentinela a punhal. Isso não gostei, achei uma covardia. Mandaram-me fazer um curso com um cidadão que foi dono do café Grande Ponto, mas acabei me desligando definitivamente do partido.

O chefe do Serviço da Malária, que era do PSD, partido que apoiava Getúlio, achou que eu estava me juntando com outros colegas meio rebeldes. Não éramos mais aqueles funcionários; cumpríamos com nosso dever, mas tínhamos a nossa condição de independência, uma vez que pertencíamos a uma célula comunista.

Eu não sabia o que era o governo de Vargas e, tampouco, tomei conhecimento da Coluna Prestes, mas alguns funcionários, com alguns políticos, criaram a célula do Serviço Nacional de Malária. Foram Policarpo, Zé Nogueira, que chegou a ser vereador, e Carneiro, que tomou parte do governo provisório em Natal, onde ocorreu uma junta governativa do Partido Comunista em 1935. Esse pessoal foi quem fundou o Partido Comunista na cidade. E eles me convidaram, foi uma coisa séria, eu era um rapaz moço, trabalhador, bem-intencionado e fui para o partido, mas lá não me dei bem.

Depois, como todo jovem, para contestar o que acontece de errado na humanidade, passei para a antiga UDN que era contra Getúlio. Aí eu fiquei e houve um fato interessante. O brigadeiro Eduardo Gomes, dizem que queimou Parnamirim, mesmo sendo contra a sua vontade, a mando do dr. João de Barros Barreto, famoso sanitarista, por sinal de Engenho do Meio. Ele e o dr. Gerson, ambos sanitaristas, achavam que devia acabar com aqueles mocambos. Quando foram falar com Eduardo Gomes ele disse que essa região era militar e que não via sentido em acabar com os mocambos. Mas os sanitaristas, por intermédio de dr. João de Barros Barreto, dr. Pinoti e muitos outros, ouviram de Eduardo Gomes que só queimariam os mocambos se viesse ordem do Ministério da Aeronáutica. Getúlio ordenou a esse ministério, mas os políticos profissionais começaram a dizer que Eduardo Gomes mandou queimar Parnamirim e alegava-se que ele perdeu a eleição devido a esse fato. Realmente foi ele quem comandou, mas foi contra. Os arquivos do Serviço Nacional de Malária, se ainda existirem, poderão confirmar essa questão.

A transferência para Recife e o ingresso no CPqAM

Por motivo político fui transferido de natal para o Recife no lugar do Isnar, que viajou para o Estado do Mato Grosso. Isnar também era um bom funcionário, um sujeito trabalhador e oficial do Exército. Fiquei trabalhando no antigo Serviço de Malária e, em 1967, entrei no Aggeu [CPqAM]. Posso dizer que entrei em 1945, pois nessa época o Aggeu não existia, mas foi quem ficou com o Laboratório Regional de Malária onde eu trabalhava.

Em 1964 eu já pensava em me aposentar e achei que deveria pedir transferência para uma cidade onde não fosse muito exigido e lá cuidar de outra atividade para que, quando me aposentasse, não ficasse gordo e barrigudo. Em 1967 ocorreu que o Centro Aggeu Magalhães da Rua do Espinheiro, através de convênio internacional firmado entre a SUDENE [Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste] e a Universidade Federal de Pernambuco [UFPE], recebeu muito dinheiro.

O Aggeu [CPqAM] era uma repartição pequena, bem estruturada para pesquisas de esquistossomose e verminose, composto pelo dr. Frederico [Simões Barbosa], dra. Eridan [Coutinho], dr. Ageu [Magalhães Filho], dr. Arildo e tantos outros pesquisadores. Após esse convênio, dr. Frederico, que tinha uma estrutura pequena, bem montada, se viu com

muito dinheiro e outras atividades, precisava de mão-de-obra e não era fácil admitir gente, naquela época. Eu morava em Belo Horizonte e estava como chefe de gabinete de dr. Raimundo Siebra de Brito no DNERU de Minas Gerais. Dr. Frederico foi até Belo Horizonte e me convidou para trabalhar com ele no Aggeu. Eu me dava muito bem com ele. Na época em que trabalhava na SUCAM [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública], fazíamos muitos trabalhos em colaboração. O Aggeu [CPqAM] tinha crescido demais. A universidade, o Aggeu e a SUDENE fizeram um convênio para criação do CRIEHSP [Centro Regional de Investigação Ensino e Higiene em Saúde Pública]. Um órgão internacional realizou um convênio para apoiar as campanhas de peste e esquistossomose. Dr. Frederico tinha uma equipe própria composta por Diva [Cardin], Arruda, Carminha, Pacífico e Clemente. Mas o azar do serviço público é que a burocracia é meio emperrada. Não acho que burocracia seja desnecessária. Eu digo isso porque vivi 50 anos no serviço público.

Os planos de aplicação de pesquisa variam muito, não se pode fazer um plano de aplicação religioso. Não é uma repartição de rotina, como as que cobram imposto. Você pode fazer um plano, mas sempre há variação, porque pesquisa você avança hoje, mas amanhã tem que mudar. Então dr. Frederico me convidou para voltar a Recife, porque o Itamaraty [Ministério das Relações Exteriores] mandou um convênio para o Tribunal de Contas e o Tribunal de Contas registrou, como receita da União, o convênio que era global e o órgão internacional não queria saber de prestação de contas, queria o relatório das atividades, que é bem diferente. Quando menos se esperava, após vários meses de aplicação da verba, chegava o plano de aplicação, feito por esses burocratas de carreira, que ficavam em Brasília querendo fazer uma programação para um trabalho de peste ou de esquistossomose. Eles não entendiam nada do assunto, nunca tinham estado no interior. Entretanto, deveria haver prestação de contas dentro daquela sistemática absurda. Ela é tão absurda que, nesse plano de aplicação, colocaram a compra de um caminhão, com a contratação por tempo indeterminado de um motorista e dois ajudantes para transportar 250 kg de ração de Recife para o posto de Exu, quando tinha caminhão que podia levar aos poucos. As pesquisas no Aggeu além de complexas, variam muito. Se você já está combatendo um rato e vai procurar outra espécie de rato ou outro animal, tem que mudar tudo; mudar de lugar e de pessoal.

Quando eu aceitei a proposta do dr. Frederico, o Arruda estava na frente da aplicação desse dinheiro. Era um grande técnico, um rapaz

bom, inteligente, e estava fazendo tudo direitinho. Mas ele precisava cuidar do trabalho de São Lourenço. Então coube a mim "tocar o bonde" e fiquei cuidando da parte legal com dona Zélia e Carminha, além de dar apoio ao programa da peste em Exu, onde trabalhavam Alzira [Almeida] e Célio [Rodrigues de Almeida]. Eu não tinha outra alternativa, não podia me aposentar sem ter outra atividade após a aposentadoria, porque o salário na época do regime militar achatou demais. Então tive que ficar, apesar de não ter função gratificada.

Durante toda a minha vida do serviço público, uma das coisas que acho que fiz com mais perfeição, mais correta, mais em benefício da humanidade foi o trabalho no antigo Serviço Nacional de Malária. A finalidade do DNERu era aglutinar os agentes de saúde pública do Serviço de Malária, Febre Amarela, Peste e DOS, e fazer uma grande repartição. Mas, quando entrou política partidária, não deu certo.

Na época da guerra os americanos já tinham o DDT [diclorodifenil-tricloroetano] e conheciam o seu poder inseticida e larvicida. Na década de 50, os guardas que trabalhavam com DDT, diziam para a população que água de beber com algumas gotas de DDT era bom vermífugo.

O trabalho do Aggeu [CPqAM] é de grande utilidade para a humanidade, mas sobre os resultados financeiros dessas pesquisas, não sei pois não sou economista. Um ponto importante do Aggeu é que todos os trabalhos são publicados. Tenho uma nora que vive na Tchecoslováquia e lá nossas publicações são famosas. Os dados do Brasil são para a humanidade. Mas não somos nós que colhemos o lucro financeiro.

Quando cheguei ao Aggeu o diretor era o dr. Frederico [Simões Barbosa] que é um homem muito capaz, e o que ele não fez foi porque não pôde fazer. Quando o dr. Frederico se aposentou veio dr. Ageu [Magalhães Filho], que chegou numa época de "vacas magras". Mas antes teve um trabalho do dr. Durval e também do dr. Saul. Todos os diretores do Aggeu trabalharam com pouco dinheiro. Quando o Aggeu avançava nas pesquisas com um trabalho bonito, um trabalho perfeito, aí faltava a famosa verba. Na época do dr. Saul [Tavares], ele limitou-se a chamar dra. Eridan [Coutinho], dr. Arildo e uns poucos outros, dra. Eridan era muito compreensiva e não se importava com dinheiro. A verba era ínfima para a capacidade instalada. E o que eles podiam fazer com aquela pequena verba era muito. Eles tinham que passar para outro plano, mas não havia condições. O grande erro da administração brasileira é que

certas repartições deviam ser extintas e dar condições àquelas que de fato produzem, como é o caso do Aggeu [CPqAM]. Se tivessem dado condições ao Aggeu, a saúde pública no Brasil seria outra. Vi grandes oportunidades serem jogadas fora. Uma vez desliguei o ar-condicionado do gabinete de dr. Saul. Aí ele reclamou e eu disse que havia recebido uma conta e que não dava para pagar, por isso havia desligado o ar condicionado, então ele sorriu e aceitou. Não havia outro jeito, tinha mesmo que desligar o ar-condicionado do gabinete do diretor porque a verba não era suficiente.

O professore Zigman Brener fazia um trabalho muito bonito de Chagas; mas um certo dia faltou dinheiro para comprar os coelhos que eram usados na pesquisa. Então o dr. Zigman Brener me pediu para ir a Juiz de Fora comprar uns coelhos para pagar depois. É lastimável que se pare uma pesquisa importantíssima como essa do dr. Breno por causa de falta de verba para comprar 20 coelhos. O pior é que, comprando coelho para pagar depois, na outra vez você paga 40 coelhos e leva 20, o que pode suscitar comentários maldosos e suspeitas de desvio de verba. Um homem que chega de fora e é maldoso ou não gosta do administrador por alguma razão, vê uma nota de 40 coelhos e diz que foi roubo. As verbas deveriam ser como eram no antigo Serviço Nacional de Malária, a verba global que ficava no Banco do Brasil.

No convênio firmado com a universidade e o CRIEHSP, Diva [Cardin] era quem cuidava da administração dos convênios e Arruda cuidava da parte de São Lourenço e Pontezinha. Eu me dava muito bem com Diva, somos colegas desde o antigo DNERu. Então ela fazia o seu trabalho, mas na prestação de contas eu era convidado para dar uma vista. Quando chegavam os auditores eu era quem tinha condições de prestar conta. No entanto, apesar de supervisionar esta prestação de contas, isto não foi reconhecido para o Plano de Classificação [de Cargos].

Dr. André é uma criatura fantástica. Quando ele assumiu, disse: "Arcelino nós somos conterrâneos". Porque ele é de Várzea Alegre e eu sou de Baixio. Ele não tinha muita prática em burocracia e eu falei que tinha muita prática e que ele deveria aprender do início. Ele era diretor, mas eu estava lhe ensinando.

A Fiocruz mandou uma verba que vinha do Banco do Brasil e dr. André não ficou muito alegre, porque a mandaram no fim do ano e não dava para fazer um projeto nem uma licitação. Ele me perguntou o que fazer e o aconselhei a dar o parecer dizendo que devolvia a verba, por-

que havia chegado fora do tempo e não dava para fazer a licitação. Como é que no fim do ano, entregam esse dinheiro para você prestar conta no dia 25 de dezembro, que é o dia de fechar o balanço. E ele mandou o dinheiro de volta para o Rio de Janeiro. Isso está lá no arquivo da repartição.

Comecei a trabalhar na Inspetoria de Seca e no recenseamento de 1940. Fui admitido no Ministério da Saúde como guarda sanitário, em torno de 1943, e tomei posse como funcionário efetivo no ano seguinte. Vivo tranquilo com o salário de burocrata. Houve muitas injustiças que aconteceram comigo. Na época do governo do Juscelino [Kubitschek], ele mandou que todo mundo fosse reclassificado, e eu, que era concursado e tinha os privilégios da Constituição de 1946, não pude me reclassificar. Pessoas que haviam entrado como "afilhados" políticos, meus auxiliares, foram para o topo da pirâmide e eu fiquei lá embaixo.

Quando fiz o concurso para o Ministério da Saúde, no setor Rio Grande do Norte, na verdade estaria ligado depois da aprovação ao Ceará, porque o Rio Grande do Norte pertencia administrativamente ao Ceará. Mas quando fui aprovado e saiu publicado no *Diário Oficial*, o Rio Grande do Norte havia sido incorporado a Pernambuco. E por isso levei desvantagem. Pelo número de pontos que consegui, devia entrar logo, mas não entrei. Depois do período de Juscelino muita gente gritou sobre o processo de reclassificação do seu governo, e mandou que se fizesse outro concurso. Fiz prova de suficiência, lá no Recife, na Delegacia do Ministério da Fazenda, tirei boa nota, fiquei, e tive um bom salário.

Dra. Eridan é uma criatura, que eu acho, que deve ser uma boa administradora, porque ela é compreensiva e tem os "pés no chão". Uma vez ela me pediu para comprar charque e eu mandei Maurício. E ela me chamou e disse: "Oh, Arcelino tu estás endoidando, não era para comprar no supermercado e sim na feira". E eu disse: "Dra.. Eridan, na feira não se dá nota fiscal e se eu compro sem nota fiscal vão impugnar". Ela respondeu: "Arcelino, mas a do supermercado não serve para a pesquisa que estou desenvolvendo. O homem do campo não como este tipo de charque".

O trabalho em Exu

O DNERu mudou de nome e eu fiquei trabalhando com dr. Frederico, agora com um trabalho mais difícil, em Exu. Era um convênio internacional e tinha um pessoal da França em Exu para fazer aquele trabalho. Quando íamos fazer qualquer compra, qualquer despesa para amarrar no

famoso plano de aplicação, não era fácil remanejar. Mas eu já era um homem vivido. Célio era compreensivo e se privava de certas coisas contanto que nós fizéssemos um trabalho fantástico em Exu. Dar assistência administrativa a Exu e orientar a equipe do Aggeu foi uma das coisas mais perfeitas que eu já alcancei em todo o meu serviço no Ministério da Saúde.

Certa vez, veio um funcionário do Rio de Janeiro, um auditor, que eu esqueço o nome dele, um alagoano, reclamar que eu havia autorizado uma despesa lá em Exu, que não podiam ser feitas e que aquilo ia me custar caro. Eu já havia entrado em choque com ele no DNERu. Foi feita uma captura de mosquitos em Paulista e foi gasto um adiantamento de despesa. Ao chegar na mata mandamos consertar um lampeãozinho a álcool, para captura do mosquito. Era uma importância irrisória e o funcionário do Rio queria que eu fosse a Paulista pedir o recibo da mão-de-obra do fogareiro. Eu disse a ele que em adiantamento de despesas gerais não tinha sentido pedir nota fiscal, pois poderia passar cinco dias e não encontrar quem tinha feito o serviço, o que sairia muito mais caro. Quando ele viu que o recibo foi contabilizado, não gostou.

O pessoal do convênio, dr. Célio, dr. Frederico, dr. Arruda, todo mundo via que não se comprava o que não era necessário; a administração era transparente. E o trabalho que estava se fazendo era um trabalho fantástico, feito com decência e honestidade. Era um dos serviços mais perfeitos, mais organizados, tudo funcionava dentro do figurino no Serviço Nacional de Peste, onde havia a pessoa do dr. Celso Arcoverde, um dos homens mais íntegros que eu conheço, inteligente, trabalhador, com livros publicados. Dr. Celso é o orgulho da saúde pública do Brasil.

Acho que o trabalho de Célio entrava em choque com o pensamento oficial, mas não sei bem em que termos. O Laboratório de Peste, que era ali na Rua Fernandes Vieira, já estava anexado ao laboratório do dr. Frederico, mas ninguém foi de bom grado. O professor Valdemir Antunes tinha aquela perfeição de laboratório para diagnósticos da pesquisa que ele fazia; seu laboratório foi anexado ao Aggeu também, bem como o Laboratório Regional de Peste. E estavam lá em Exu dois meninos, Célio e Alzira, contestando. Dr. Célio e dr⁵. Alzira trabalhando com o grupo do [Instituto] Pasteur contestavam as teses oficiais sobre peste no Brasil. Houve uma reunião no Ceará e nessa oportunidade os dois grupos se confrontaram. No entanto, no final prevaleceu a posição do grupo de Exu.

O DNERu tinha caminhões, caminhonetes, vários médicos, laboratório de identificação e de diagnóstico nos municípios de Bodocó, Triunfo, Caruaru, Garanhuns e Pesqueira. Com estrutura perfeita, sede própria, bem montada, burocracia e tudo ajeitado. Isso custava muito ao Ministério da Saúde, mas o trabalho era reconhecido por grande parte do mundo e por isso valia a pena.

O Conselho de Vigilância do Ministério da Saúde gastava fortunas com o programa da peste em Exu, mas o que dr. Celso Arcoverde fazia era consciente e de acordo comum. Por isso é que me orgulho dos meus 50 anos de trabalho no Ministério da Saúde. O antigo Serviço Nacional de Malária, onde trabalhei, punia quem deixava a água correr pela rua. Era um serviço perfeito. Na minha opinião o que vai diminuir todos os pecados dos meus 74 anos é o trabalho de Exu. Se analisarmos hoje quanto a Sucam está gastando para manter a Campanha de Peste e quanto gastaria se fosse do modo antigo, apesar de toda sua perfeição, ficaríamos impressionados.

O Ministério da Saúde criou em Garanhuns um grande laboratório, que recebia verbas pelo Banco do Brasil. Nessa época fui trabalhar com Célio, em Garanhuns. O meu trabalho lá foi de coletar dados, mas não fui tão atuante como em Exu, porque existiam várias viaturas colhendo material. O trabalho era estafante porque íamos ao campo com viaturas em péssimo estado pegar rato. Às vezes se perdia uma pinça de aço inoxidável e não liberavam outra por que pinça era do material permanente. Mas em um jipe, na Serra do Araripe, é fácil perder uma pinça. Voltávamos de Exu depois de uma semana dessa loucura e íamos para Ouricuri. Uma vez quando chegamos em Ouricuri, o guarda disse a dr. Célio que tinha um caso de peste humana lá no limite do Ceará com Pernambuco, em um lugar horroroso. Eu estranhei e disse a Célio que ele não devia ir lá pois não era médico; e perguntei ao guarda se lá não havia médico. Mas ele disse que não. Ele terminou indo lá para ajudar no caso.

O trabalho de São Lourenço da Mata também foi um grande trabalho, paralelo ao de Exu. Mas em São Lourenço eu não tomei parte. A minha incumbência era dar assistência e fazer Exu funcionar, dar apoio ao dr. Célio e cuidar da papelada que ia para o governo.

Considerações Gerais: os amigos, o trabalho...

Tive bons colegas, quer no Serviço Nacional de Malária, quer no Departamento Nacional de Endemias Rurais em Belo Horizonte ou no próprio Rio de Janeiro, onde eu sempre ia fazer prestações de contas e

recebia planos de trabalho para aplicar. No Aggeu [CPqAM] eu destacaria Clóvis, que conheci jovem. Ele é uma pessoa muito leal, eu adoro Clóvis. Tinha um outro amigo no DNERu, que é Cesarino. Ele tinha um modo meio violento de dizer as coisas. Às vezes, ele brincava comigo dizendo que eu iria para a cadeia por ter assinado algum documento. Era o tempo do famoso Carlos Lacerda, que falava de "Deus e do mundo". E eu chamava Cesarino de Carlos Lacerda. Mas tiveram outros amigos, como Carminha, que hoje é aposentada, Diva e Arruda. No DNERu tinha Terezinha de Jesus Pinheiro, que eu conheci criança e hoje já é até avó. E ainda Pacífico e o Chico Teles. Eu estou revivendo a minha vida falando agora sobre meu passado.

Tivemos uma repartição de engenharia sanitária no DNERu, mas antes da sua criação éramos burocratas acostumados a matar mosquitos, e de uma hora para outra a repartição passou a trabalhar com engenharia sanitária. Era difícil suprir o Departamento de Engenharia, pois eu não tinha noção de engenharia. Se você não tem noção do que é a conta do material, da ferramenta, das máquinas que se utiliza para o abastecimento d'água, de abertura de vala, não consegue trabalhar. É por isso que não tive tempo de estudar, porque já trabalhei com engenharia, construção de fossa e muitas outras coisas.

No interior a situação é difícil. Você acostumado a ver hospital em Recife e no Rio e chegar em Araripina e ver se fazer uma micro-cirurgia no meio da feira ou às vezes num hotel... Chegávamos em Exu e não tinha hotel, íamos para o hotel de dona Amarali, quando a Alzira estava muito ocupada e não tinha empregado para fazer comida. No interior se aprende a comer arroz branco e ovo cozido. Tinha o Hotel Rio Branco, na estrada de Arcoverde, onde se comia a pior comida possível.

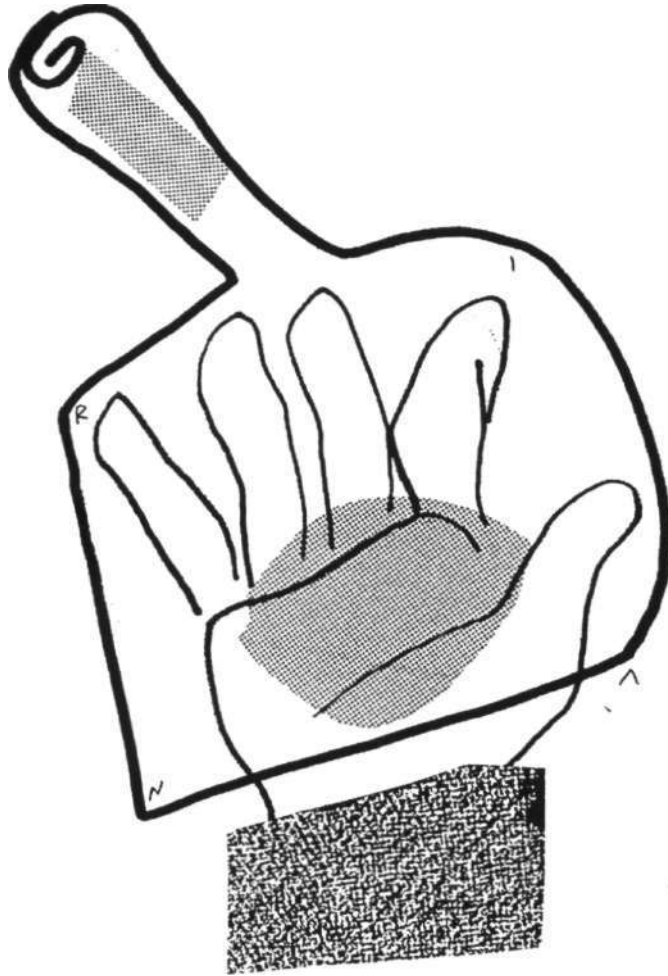
Acho que não fui claro no que diz respeito às condições de reclassificação. Para mim não vai acontecer mais nada, porque o que tinha que acontecer já aconteceu. Mas para os colegas do futuro, as condições precisam ser revistas. Na classificação de Juscelino, eu vi pessoas como dr. Jaime Dobin, professor do curso de malariologia, não ser reclassificado porque não tinha o diploma do curso. Eu estou dizendo isso porque é fácil de comprovar lá no Aggeu Magalhães. Dr. Dobin ficou com os médicos de nível 30 e aquele pessoal todo da Sucam, que foram alunos dele, ficaram com o nível 32.

Vários colegas meus, a maioria deles, estão hoje todos diplomados. Eu não sei se foi o destino ou foi a preocupação, a idiotice de viver

só para o serviço que me privou dessa condição. Para mim, se estou em um lugar, tenho que dar conta. Eu nunca tive tempo ou vida boa para fazer supletivo. Dos outros colegas que fizeram supletivo, hoje há bacharéis, médicos, engenheiros, todos que tiveram oportunidade junto comigo. Minha vida é um livro aberto, são 50 anos no Ministério da Saúde. O problema é que, ou eu fazia certo, ou não fazia. Sempre fui meio vaidoso. Mas não estou reclamando, digo isso porque se vai ficar para alguém ver depois, esse alguém não deve cometer a infantilidade que eu cometi; isso é mais um conselho do que um protesto.

O que me atinge mesmo são as coisas do passado, me magoa a comissão não ter considerado que fui chefe de administração do Instituto Nacional de Endemias Rurais. Houve outros casos famosos como o de estar num lugar de carreira e o outro que nem à carreira pertencia pegar um lugar melhor que o meu. Isso acontecia, mas a humanidade nem sempre é perfeita. Onde está o ser humano tem sempre essa imperfeição. Perguntam-me porque nunca fiz um supletivo, mas o Serviço de Malária me tomava muito tempo e sacrifício.

O diretor que mais produziu no antigo Serviço Nacional de Malária, com exceção da Bahia, que tinha uma verba maior, foi dr. Jeferson Carlos de Souza, um grande sanitarista. Um homem escolhido para acabar com a malária. Se você for em Recife encontra inúmeras avenidas que se chamam Canal da Malária, mas nunca o nome do dr. Jeferson. Há coisas que a gente vê que tem que dizer porque é injustiça, mas me deram bons salários no Aggeu como celetista; foi um dos meus melhores salários.



Air



CÉU O RODRIGUES DE ALMEIDA

A infância em Canhotinho: a família, o colégio, a igreja...

Nasci na zona da mata, em Canhotinho, estado de Pernambuco, em 1938. A minha infância, até os dez anos, foi nesta cidade onde fiz o curso primário. Daí partimos para a cidade de Garanhuns, para fazer o curso ginasial. O curso científico também foi feito na cidade de Garanhuns, no Colégio Diocesano. De lá partimos para Recife, eu tinha 19 anos e fui servir às forças armadas.

É difícil me lembrar da infância, porque ela sempre fica para o passado. As memórias são poucas. Por exemplo, na fase de colégio, na escola primária, se usava ainda um sistema que era a palmatória e uma régua longa para punir os alunos. Havia sabatina na sexta-feira, nas aulas de matemática, os alunos faziam uma roda e a professora começava a pedir as contas - $2 \times 2 = 4$ $x 4$ $x 5$... - e quando o aluno errava ele levava uma palmatória. A palmatória era de sucupira e em princípio o aluno que fazia a pergunta ao outro era quem batia. Surgiu uma série de brigas. Houve um caso interessante, relacionado à palmatória: lá em casa eram seis homens e uma mulher com uma faixa etária aproximada. Numa dessas sabinas a minha irmã, que tinha seis anos, ou sete e estava no primário, levou uma palmatória de um colega nosso. Nós nos revoltamos e daí em diante a professora resolveu que ela mesma iria aplicar a punição. Existem outras lembranças: a primeira maçã que comi em minha vida. Tinha sete ou oito anos, estudava em Canhotinho, que era uma cidade longe dos centros urbanos mais adiantados, e a filha da professora chegou de Recife, foi à classe olhou os alunos todos, pegou uma maçã, cortou em pedaços e entregou aos alunos mais privilegiados, mais bonitinhos ou mais interessantes para ela. Foi a primeira vez que provei uma maçã, nunca mais encontrei esse gosto de maçã em minha vida. Há uma outra

lembrança de escola primária: se o aluno precisasse sair para ir ao *toilette* tinha que deixar uma pedra negra que a professora colocava em cima do *bureau*, o outro só podia ir quando aquela pedra não estivesse mais naquele lugar. Um dia pedi à professora para ir ao *toilette*, e ela disse que era brincadeira e não acreditou; pedi novamente, mas quando ela resolveu ceder não tinha mais jeito, saí sujando a parede até chegar no *toilette*.

"Existem outras lembranças: a primeira maçã que comi em minha vida: tinha sete ou oito anos, (...) nunca mais encontrei esse gosto de maçã (...)".

Eu tinha um padrinho em Canhotinho que era o padre Antônio Calou de Alencar. Era um padre novo, andava de motocicleta na cidade, e foi o meu padrinho. Deve ter sido padrinho de batismo.

Todo domingo tinha o catecismo. Éramos obrigados a ir às duas da tarde. E o que marcou nesse catecismo é que era exatamente na hora da matinê do cinema. Só tinha uma matinê uma vez por semana à tarde, e com os seriado - zorro, a deusa de joba, a cavalaria montada. E eu vinha com os irmãozinhos, tudo direitinho, bonitinho, de mãos dadas, passava na frente do cinema, todo mundo ali vendo gibi, trocando as fitazinhas de cinema, e eu passava para ir à igreja que era uma quadra depois. Isso era um martírio. Era o único dia que tinha cinema para criança e era na hora do catecismo, não havia jeito de eles mudarem. Isso me marcou como revolta já em relação à religião, porque o catecismo podia ser depois ou pela manhã. Eu já ia obrigatoriamente a missa pela manhã, e ajudava na missa - era o coroinha - ajudava a rezar a missa em latim e era convocado para vender santo em toda festinha religiosa. Sempre estava ali e o padre me "ajeitando" para eu poder seguir a linha de padre. Isso me marcou muito porque ajudava ao padre. Ele ia fazer um batizado no lugarejo, eu ganhava 10% do batizado; tinha o dia do santo da igreja, ganhava um dinheirinho para vender os santos lá nas missões, recolhendo dinheiro para a igreja; nós tínhamos um dinheirinho. E participava também do vinhozinho. Na sacristia tinha um vinho, a garrafa era dele e ele permitia que provássemos. Eu ajudava a missa, comungava diariamente, sabia tudo "de cor e salteado".

Nosso divertimento em Canhotinho era aos domingos. A missa pela manhã, todos arrumados para ir à missa. Depois tinha o almoço em família, era um dia de festa. Tinha que lavar a casa todinha e trocar as cortinas na casa. Se tivesse uma galinha ou um peru, então o bichinho

era todo enfeitado de azeitona, os palitinhos todos ali ajeitados, o vinho de mesa, o vinho tinto. Não tinha refrigerador, quando tinha cerveja ou guaraná era tudo ao natural. À tarde, a família toda ia passear na cidade, geralmente pegava a linha do trem, a linha da ferrovia. Todos saíam acompanhando a ferrovia até escurecer e depois voltavam. Tinham as festas de São João e as festas de fim de ano, mas com outra conotação, era outra história. Os homens iam jogar futebol. Meu pai, por exemplo, jogava futebol e eu achava interessante ele usar caneleira, porque a turma errava, não batiam por gosto, é porque erravam a bola mesmo e acertavam na canela do outro. A bola era de couro, e tinha uma câmara de ar com "p/to". Na época, era uma *bexiga de boi que se enchia e colocava dentro do couro quando faltava câmara de ar, e aquela que já tinha câmara de ar nós enchíamos*. Ela não era toda redondinha. Enchia-se a bola que tinha um pito na câmara, que era enfiado por debaixo do couro, e depois fazia-se uma pontiação porque tinha um cadarço como o de sapato. Então fechava-se a bola toda e saía a pobre da bola toda torta, mas era a bola que existia. Muito tempo depois é que surgiu a bola sem pito, como chamavam, que se enchia pela valvulazinha, e a bola ficava toda redondinha. Os mais velhos jogavam futebol e criança era só "pelada" de rua mesmo.

O que me marcou também na infância e ainda hoje marca, mas é uma "marcação" gostosa, era o seguinte: minha mãe teve quatro filhos homens, não tinha tido nenhuma filha quando nasci; fui gêmeo - eram Célio e Silas. Ele morreu com sete meses, disseram que sou o Célio. Mas fico eternamente sem saber: será que quem morreu foi o Célio ou o Silas? Eu era Alvinho, cabelo loiro, era um cara todo bonitinho e fui logo aceito pela minha mãe, que não tinha ainda nenhuma menina. Ela, então, não cortou os meus cabelos. Com quatro ou cinco anos, eu tinha os cabelos cacheados enormes, parecia Jesus Cristo. Isso foi um trauma na infância, mas era gostoso porque eu era a atenção da família. Tenho a felicidade de ter ainda uma foto em casa: eu de pernas cruzadas, de "fofinho" e os cabelos longos. Mas um detalhe desse cabelo é que enquanto a meninada ia brincar na rua, de bola de meia (na época não existia bola de borracha, era de meia, que era a coisa mais gostosa do mundo) ou, quando não tinha bola de meia, com laranja mesmo, eu ficava sentado na mesa da cozinha e minha mãe com uns pauzinhos para fazer os cachos. Demorava horas para fazer os cachinhos todinhos, parecia Luís XV na corte. Eu saía desfilando pela rua, as roupas mais de menina do que de menino; parecia um "delfim" fofinho, todo bonitinho. A turma perguntava:

é menino ou menina? Ensinaaram-me a responder: "Olha o documento". Isso aí não me afetou, mas marcou para a família porque todos tinham essa foto. No ano passado, inclusive, minha família se reuniu, e uma prima levou essa foto para mostrar aos sobrinhos e dizia: "Olha o tio Célio". E estava eu lá, todo gordinho, bonitinho, com cada cachinho maior que outro. Mamãe guardou esses cachos com ela, até pouco tempo (ela faleceu no ano passado).

Tinham uns detalhes ainda da infância, na fase de descoberta da sexualidade. Tínhamos dez ou nove anos. Era uma precocidade imensa nos meninos do interior. Tínhamos que descobrir aquilo que todo mundo falava. Então utilizávamos as nossas primas para brincar, mas na maior inocência do mundo. Brincávamos de médico. Ficavam os quatro na salinha do canto e as meninas faziam fila, e entrava uma de cada vez, deitava numa mesa, tirava a roupa, para examinarmos. Existia aquela malícia mas sem maldade. Tinha também a brincadeira de boi, de cavalo. Nós fingíamos que éramos um boi e as meninas iam tomar conta do boi, tirar leite da vaca... Isso aí são experiências da descoberta do sexo entre as crianças, que ninguém ensinava. Mas quando descobriam era aquela confusão. Mas não havia perigo nenhum porque, não tinha idade para provocar alguma gravidez, e é por isso que deixavam. Mas na medida em que fomos crescendo, foram começando a nos separar e, por força mesmo da nossa psicologia de homem, a partir dos 12 anos, não se queríamos mais saber de meninas. Só queríamos saber dos amigos. Essa amizade era um negócio seríssimo, havia sempre uma tendência para o homossexualismo, porque a amizade de menino com menino chegava a uma amizade tão grande se tomávamos banho à vontade. Com menina não acontecia isso. E tinha umas brincadeiras: o mais velho se aproveitava dos menores. Brincávamos no sítio das bananeiras e tinha muita meninada e o mais velho queria se aproveitar do outro mais novo, porque ele já tinha sido subaproveitado também. E vinham as gerações; os meninos se libertavam iam atrás de mulher e aí vinham os outros mais novinhos. E tinha a brincadeira do zorro onde o maior dizia para o menor: "Se você gritar chamo o zorro" e ele se submetia porque também não sabia o que estava fazendo. O outro já sabia, porque já era mais safadão. E ficava essa história da sexualidade sem instrução, porque no colégio ninguém falava nada. Se o sujeito fosse forte e resistisse àquelas tentações, então tornava-se homem; aquele que não, se desviava mesmo e poderia se encontrar futuramente.

A mãe e o pai

Eu ajudava muito a minha mãe e me lembro dela esperando o último filho, na véspera de São João. Ela fazendo pamonha, canjica, e eu ao seu lado ajudando, e pouco tempo depois o menino nasceu. Eu ajudava muito minha mãe porque ela trabalhava muito. Ela tinha um jardim e nós é que tínhamos que mantê-lo para vender as flores. Ela costurava também e eu a ajudava nas costuras. Não tinha motor elétrico na época, então ela ficava de um lado costurando e eu do outro pedalando a máquina. Eu ajudava a lavar roupa e a fazer outros serviços. Um dia, ela foi a Garanhuns e descobriu que existia uma máquina de cobrir botões. Comprou a máquina, e eu ganhava meu dinheirinho cobrindo botões. Essa vida doméstica foi muito interessante, porque me ajudou, posteriormente, a sobreviver.

Com meu pai essa relação foi mais viril, embora nunca tenha apanhado dele, mamãe era quem batia em todos. Era uma casa grande, tinha um barreiro, um pequeno açude, tinha muita fruteira, e o jardim. Diariamente todos tinham que carregar água, e então íamos para o açude com a carroça de meu pai, enchíamos as latas e trazíamos para aguar as plantas de minha mãe, porque ela vendia flores.

Em algumas ocasiões papai viajava - ele fazia umas viagens pelo sertão - e mamãe ficava em casa sozinha; a casa era afastada do centro da cidade, na ponta de uma rua. Mamãe era muito valente, sabia atirar bem, montava a cavalo. Eu acho que foi a primeira mulher em Canhotinho que usou calça comprida, porque mulher que usava calça comprida era excomungada, não podia ir nem na igreja. Ela para cavalgar, tinha que usar calça comprida, porque havia um selim e de saia tinha que andar de lado. Quando minha mãe botava uma calça - de homem porque não existia calça de mulher - e saía na cidade, todos olhavam para ela, porque era uma mulher bonita. Nós nunca pensamos na nossa mãe como mulher, pensamos nela como mãe, mas ela se mostrava e sei que eu tinha ciúmes dela. No dia em que ela ia ao médico, passava a tarde todinha se arrumando, colocava perfume e a melhor roupa que tinha.

Meu pai era motorista, na época era chamado *chauffeur*. Tinha a única viatura de praça na cidade e essa viatura servia para tudo, para batizado, casamento... As pessoas de Recife que moravam nos engenhos, os donos das usinas e dos engenhos, vinham de trem. Não tinha outro sistema de locomoção mais rápido. Vinham de trem de Recife a Canhotinho, o que demorava cerca de oito horas de viagem. Passavam um telegrama avisando: - "Seu Augusto, esperar na estação para levar fulano de

tal", em tal engenho. Isto é o que ele fazia no inverno ou no verão. Embora ele fosse motorista, eu guardava aquela sensação de quem tem um carro em casa, um *Ford 36* que depois ele trocou. Ele era um homem religioso, não gostava que ninguém dissesse nenhum nome feio dentro de casa e conhecia toda a sociedade, porque todos dependiam dele, o padre, o delegado, o juiz, os visitantes.

Aconteceu um fato histórico com ele: existia em Pernambuco um poeta, o Ascenso Ferreira, que era um dos poetas máximos daqui [de Recife], mas para nós não existia isso, não sabíamos que era poeta, não sabíamos que era nada, era apenas um cidadão que chegava à cidade e que tinha o seu engenho. Vinha com um chapelão na cabeça, acompanhado da amante para passar o fim de semana ou a semana no engenho. Ele era desbocado e meu pai não gostava. Papai comentou com outras pessoas que não ia mais apanhá-lo na estação, porque ele era um homem desbocado e vinha com a amante (que também era uma coisa absurda: o sujeito andar com a amante). Um dia ele passou um telegrama, de Recife pedindo a seu Augusto para ir buscá-lo e o seu Augusto não compareceu à estação. Deram o recado a ele que o papai tinha dito que no carro dele não entrava rapariga. Quando ele soube disso, foi tomar satisfação com meu pai. Atravessou a cidade (nós morávamos na outra ponta da cidade) e veio tomar satisfação com meu pai (o homem pesava mais de cem quilos). Meu pai estava com o carro na oficina, e eu, que tinha aproximadamente 11 anos, estava ajudando a ele quando chegou aquele homenzarrão para discutir com meu pai. Meu pai era um homem tranqüilo, sereno. Ele estava tirando uma mola mestra do carro (que na época os carros não tinham amortecedor, era mola mestra, era fecho de mola). O sujeito chegou prepotente, com toda a autoridade do mundo e começou a discutir com meu pai, que pegou essa mola mestra e partiu para bater no homem. O homem correu e foi aquela confusão na cidade. Um belo dia, depois de vinte e tantos anos de existência, eu vim saber que esse homem era o Ascenso Ferreira, o poeta pernambucano. Inclusive quando contei este episódio na casa da família da minha esposa, fiquei sabendo que eles eram parentes de Ascenso Ferreira, que para nós era um homem comum.

Meu pai era original do sertão, de Pedra de Buíque, ele era sertanejo. O pai dele era fazendeiro e ele então resolveu sair de lá para não ser fazendeiro ou agricultor. Ele foi para Garanhuns, se empregou na época na João Tude de Melo, que era a única empresa que tinha transporte. Foi quando ele aprendeu a dirigir, tinha 17 ou 18 anos. Ele dizia

que ganhava na época cinco réis por semana. Foi trabalhar num caminhão no Engenho de Gravata, lá perto de Canhotinho. Foi quando conheceu a minha mãe, casou com ela e teve essa prole toda.

O que chamava atenção em relação a meu pai é que ele nunca frequentou uma escola, mas, fazia aqueles cursos técnicos [O Monitor] por correspondência. Quando meu pai saía de casa, eu me lembro bem, e ia levar, por exemplo, um padre ou um doente ou qualquer coisa num sítio daqueles, ele ligava o farol do carro e ficava lendo ali. Fez um curso por correspondência para consertar rádio, porque não tinha televisão na época. Ele fez vários cursos e por isso era uma pessoa considerada muito inteligente. Tinha o diploma dele e exercia a profissão, em cima daquilo ali, à luz do carro, porque em Canhotinho só tinha luz quando a prefeitura podia pagar o óleo (porque era motor movido a óleo); quando não, a luz era ligada de seis às oito. Tocava o sinal e todos acendiam o candeeiro.

"(...) em Canhotinho só tinha luz quando a prefeitura podia pagar o óleo (porque era motor movido a óleo), quando não, a luz era ligada de seis às oito. Tocava o sinal e todos acendiam o candeeiro".

Esse esforço do meu pai foi o que chamou muita atenção para nós estudarmos. Mas o esforço de estudo da minha família também foi muito por parte da minha mãe. O pai dela tinha um engenho, abandonou a família e deixou a sua mãe com nove filhos. Ela era a mais velha e foi viver de costura para sustentar os irmãos. Ela era muito sonhadora, lia muito. Em casa sempre tinha livros e ela queria que os seus filhos não fossem "moleques de rua" Para andar na rua tinha que andar direitinho, "engomadinho", dentro de suas posses. Ninguém podia brigar na rua. Brigou na rua, apanhava em casa para não ser "moleque de rua". Isso nos deu uma educação doméstica e a gente conseguiu ir superando os problemas de interior, de falta de cultura.

Quando eu tinha sete ou oito anos, apareceu um curso de esperanto em Canhotinho e ela nos colocou no curso. Esse curso foi montado na década de cinquenta na tentativa de se universalizar a língua. Nós começamos a aprender esperanto. Não sei para que serviria esperanto em Canhotinho. Tivemos que aprender um pouquinho de piano também. Difícil foi fazer o concurso de admissão para entrar no ginásio. Estudava em Canhotinho com uma professora particular e ia para a cidade grande para

fazer o admissão num colégio. Imaginem o que é um menino com 12 anos, numa cidade dessas, estudar aquele programa todinho do primário e fazer um concurso. Para mim, acho que foi mais difícil do que o vestibular. Fui o segundo filho a ir para o admissão, porque o outro ficou ajudando meu pai. Preferiu não estudar para ajudar a família. Até que a família foi obrigada a ir para Garanhuns para poder crescer. Tínhamos que estudar para ser doutor. O futuro, na época, era ser doutor. Hoje em dia não vale muita coisa não, mas na época ser doutor era o máximo que a família podia ter. Tinha que ser funcionário público, juiz, padre ou médico, porque as outras profissões não existiam na cidade.

"Tínhamos que estudar para ser doutor. O futuro, na época, era ser doutor. (...) Tinha que ser funcionário público, juiz, padre ou médico, porque as outras profissões não existiam na cidade".

Esta é a fase de Canhotinho, que é uma fase importante porque foi um sacrifício muito grande. Eram sete meninos e o mais velho teve que ser interno para fazer o ginásio em Garanhuns. A família fez esse sacrifício todo para se transferir para Garanhuns e nós tínhamos que estudar indo para o colégio um por um, até que fomos nos formando. Dos oito filhos, pelo menos quatro se formaram.

Os roubos e os castigos de Canhotinho

Toda vez que tenho problemas existenciais, dou uma "passada" pela Terra. Parece que absorvo toda uma energia. Depois que saí de Canhotinho, voltei umas três vezes só. Passava por lá e tomava carga de energia e a vida continuava, até que melhorava. Um detalhe chocante é que morávamos na entrada da cidade e tinha uma praça com uma castanhola enorme no centro, que era o ponto da chegada do pessoal que vinha dos sítios para a cidade. O pessoal que era assassinado, a faca ou tiro, vinha na rede e nós ficávamos da janela olhando carregarem a rede. Um atrás, outro na frente, o cara estirado na rede, a rede toda cheia de sangue. Chegavam e colocavam debaixo da castanhola e um ia no centro da cidade falar com o prefeito ou com o delegado para poder vir o caixão para levá-lo. Caixão ainda era caridade que a prefeitura dava. Quando chegava todo mundo corria. Realmente era uma emoção muito forte ver uma pessoa morta. E passou a ser quase diariamente. No fim de semana víamos aquela cena ali. "Lá vem um". "Mataram um". "Quem foi?"

Aquela história. Aquela festa. Eu era criança e vibrávamos porque não deixavam ir olhar. Diziam: "Menino não pode ver, menino não pode ver."

Um episódio que existia nessa região era a prisão de um ladrão de cavalos. Isso aí realmente era chocante. Era pior do que ver um cara assassinado de faca ou de tiro; era um cara com uma corda amarrada no pescoço, logicamente sem enforcar, amarrado no cavalo. Ladrão de cavalo não tinha piedade. Era o maior bem que o cara podia roubar. Não existia roubo de carro. Todos acompanhavam, o ladrão de cavalo já ia levando *porrada*, ia para delegacia, todos íamos para a delegacia ver a cena, mas não deixavam entrar. O interessante é que para ir da minha escola primária para casa eu passava quase defronte da delegacia e eles deixavam ver o preso; aquele ladrão, aquele preso apanhando era impressionante. Apanhava de palmatória de sucupira, era toda furada. Não sei porque ela era furada, não era compacta. A da escola era compacta. Chegávamos lá e nos deixavam ver: o ladrão dava a mão e o cara dava 12 doze bolos numa mão e depois 12 na outra. Escolhia-se o soldado mais forte que tinha para bater. No outro dia voltávamos para ver o resultado, o cara estava com a mão inchada, sem tratamento, sem nada. Isso aí era a palmatória e à noite era chibata. Chamava cipó de boi. Era o pênis do boi, a fibra dele colocada para secar virava uma chibata. Com medo mesmo todos ficavam era da chibata. Depois que arriava no chão com as costas toda estraçalhada, o soldado sacudia água, água com sal ou água pura. Era de dia bolo e à noite cipó de boi. O cipó nós não assistíamos. A palmatória era para se ver que cadeia era isso. E avisavam: "Vá fazer besteira agora". Palmatória a gente via, deixavam ver, mas o cipó de boi realmente eu nunca vi, só ouvia a gritaria.

Tinha os privilégios. Fulano de tal foi preso e imediatamente o padre lhe soltava, discussão de família, o juiz lhe soltava. E tinha um primo que era arruaceiro, iam lá em casa, chamavam seu Augusto para ir soltá-lo. Papai ia lá, homem direito, homem honrado, chegava lá para o delegado, ele dizia: "Eu vou soltar, mas antes ele tem que levar palmatória". "Certo". Aí dava as palmatórias no cara, 12 numa, 12 na outra e soltava o cara. Isso era a face da justiça para mim, porque se roubou era normalíssimo que apanhasse, que sofresse. O lado social ninguém via. "O cara roubou". "Por que é que o cara roubou?" Não, para nós o cara podia ser o que fosse, passar fome tudo, mas roubar nunca. Podia passar fome, morrer de fome, mas nada justificava o ato do roubo. Eu achava que o

roubo era por safadeza, não por necessidade, porque o cara era ruim mesmo. E ladrão de cavalo estava marcado para o resto da vida.

Outra cena que também me chamou atenção na infância é que meu pai tinha um carro e meu tio um caminhão. Eram dois irmãos casados com duas irmãs. Resolveram sair de Canhotinho para ir vender esse caminhão em São Paulo (isso é uma aventura que até hoje eu escuto e fico impressionado). Não tinha nem estrada para São Paulo. Eu me lembro dessa saída, também meninote, em 1948. O caminhão saiu, se despediram da família e foram para São Paulo. Um mês depois passaram um telegrama estavam em São Paulo, tinham vendido o caminhão e estavam voltando de avião. Era o sonho do meu pai. Estavam voltando de avião de São Paulo para Minas ou para o Rio [de Janeiro] e de lá iam de ônibus. Fizeram essa aventura, nunca tinham saído de Canhotinho. E chegaram ainda com dinheiro. Ninguém sabia o que era avião. O primeiro objeto que vimos no céu, que era um desses aviões passando em Canhotinho, eu era menino, todo mundo correu. Diziam: "Lá vem um pontinho luminoso passando pelo céu" Ninguém sabia o que era.

E o eclipse. Um deles apavorou Canhotinho. Em pleno dia o galo cantando, a galinha cantando. O eclipse total do sol deve ter sido em quarenta e poucos. Chamou a atenção, tinha gente chorando: "O mundo vai se acabar mesmo". Não sabíamos o que era eclipse. Hoje em dia não está intimidando mais ninguém.

"E o eclipse. Um deles apavorou Canhotinho. Em pleno dia o galo cantando, a galinha cantando".

E tinham várias histórias. Às 11 horas da noite não se via uma casa aberta. Oito horas, sete horas da noite a meninada ia dormir; todos de "quimono", camisolão para a cama, com sono ou sem sono tinham que ir para a cama. Os velhos ficavam conversando. Se um compadre chegava, nos batiam para não atrapalharmos a conversa. Depois todo mundo ia indo: a partir de nove horas da noite a cidade ficava completamente arrasada. Tinha uma história de lobisomem que ficava correndo a cidade; depois de meia noite o lobisomem ficava atravessando a cidade. Tinha a história desse lobisomem, todo mundo com medo. Quando dava meia-noite, meia-noite e pouca, vinha de um ponto da rua um barulho de chocalho. Todo mundo se trancava e o bicho passava. Um dia, juntaram-se quatro homens fortes, corajosos, bons de espingarda. Chegaram na

ponta da rua e ficaram esperando; quando deu 12 horas, 12 e meia, vinha o cara e se aproximaram os homens armados (na época eram aqueles papo-amarelo, rifle, bacamarte e revólver). Meu pai tinha um revólver, um 44. Mas isso não aconteceu com meu pai, era a história que se contava na cidade. Sacudiram as armas em cima do cara e ele gritou: "Não me mate pelo amor de Deus". Era o seguinte: o cara tinha uma amante na outra ponta da rua e se ele passasse todos iam ver que ele estava indo na casa da outra; então, ele botou (como se fosse hoje um papangú) o chocalho nas costas. Todos tinham medo, fechavam as portas e ele passava. Descobriram e acabou-se. Isso dizem que era verídico, mas pode ter sido "história de trancoso", que tem muitas, mas vou contar mais uma só.

Faz parte da nossa formação. Na rua onde eu morava tinha uma mulher muito faladeira. Ela passava a noite na janela para ver o movimento da rua para no outro dia dar a primeira notícia. Sabia quem saía mais; tinha que ter um assunto para movimentar a cidade. Numa noite ela estava (tudo acontecia depois de meia-noite) na janela olhando quando viu uma procissão. Não avisaram que tinha essa procissão essa noite. Ninguém estava sabendo. A procissão foi se aproximando, todos com a vela na mão e aquela cantoria. A procissão foi passando pela praça: aquela multidão, todos de vela na mão, cantando. Ela olhou assim e disse: "Não é possível. Ninguém estava sabendo dessa procissão. Como vou contar isso amanhã? Quem vai acreditar que houve essa procissão?" Passou alguém e ofereceu uma vela a ela. Ela pegou a vela e colocou em baixo da janela, fechou-a e foi dormir. Quando foi de manhãzinha foi a primeira a acordar e começou: "Você viu a procissão de ontem?" "Nada. Que procissão?" "A procissão que passou aqui, tinha um padre, todo mundo rezando" "Não. Ninguém ouviu nada". A mulher ficou, "Eu vou provar". E quando abaixou para apanhar a vela e que olhou, em vez de vela estava ali uma "canela de defunto" (Fêmur): a história era de "trancoso" mesmo. Desse dia em diante acabou-se a fofoca em Canhotinho, acabaram-se "histórias de trancoso".

Um outro fato marcante, já em Garanhuns foi a morte de Getúlio Vargas. Eu estava na cidade, eram dez horas da manhã. Tinham uns alto-falantes da radiodifusora, e anunciaram que Getúlio Vargas tinha morrido. Foi uma consternação, mas historicamente eu não sabia ainda quem era Getúlio Vargas. Na cidade foi um choro geral. Agosto de 1954, se eu não me engano. Foi uma consternação porque o pessoal acompa-

nhou a sua história. Eu não acompanhava a história dele. A minha história era outra em Canhotinho. Getúlio Vargas eu sabia que era estadista. Eu não tinha noção nenhuma do que era Getúlio Vargas.

Estou contando tudo isso para vocês verem como é que alguém consegue sair do enclausuramento para fazer alguma coisa na vida. Porque não tinha noção do estado, sabia que existia o mundo, sabia geografia, que tinha outros países, conhecia as capitais, conhecia todo o mundo. Não tinha idéia nenhuma de que podia passar além daquele limite geográfico.

Na fase de Garanhuns teve também a morte de Francisco Alves que chocou muito. Pesou mais, porque todo mundo cantava as suas canções. Morreu Chico; acho que sofreram muito mais do que com Getúlio. A minha impressão foi essa. A morte dele foi antes que a de Getúlio.

Outro fato em relação à música era ouvir as canções de Augusto Calheiros, porque era filho de Garanhuns. Tem um túmulo dele lá. Augusto Calheiros estava lá e ia cantar na radiodifusora. Todos de Canhotinho iam ver Augusto Calheiros, que na época além de ser cancionista regional, era reconhecido no Brasil todo.

Outra história é que fui a radiodifusora para ver Cauby Peixoto. Eu já estava com 17, 18 anos. Cauby vinha do Rio de Janeiro para cantar na radiodifusora de Pernambuco. Tinham mulheres se "rasgando". Ele era bonito; cheguei assim perto dele, rapaz moreno (na época era moreno, agora, está branco), com aquela cabeleira, todo arrumado, que ele sempre foi assim arrumado. Lembro-me daquela voz. Dizia-se: "É viado, é viado, é viado, é bicha, é bicha". Já se sabia que ele era assim. O povo dizia: "Cauby, Caubicha"! "Cauby, Caubicha"!

A minha fase de música me marcou porque gostava de dançar. O único esporte que tive na minha vida foi dançar. Ia às festas para dançar. Depois que cheguei aqui em Recife com 19 anos, ia para ver as festas, não bebia, não comia, só dançava. Abria o salão com o disco do Valdir Calmon. Os discos não tinham intervalo, a agulha tocava e ia até o fim; e tinha que escolher uma dançarina que soubesse dançar para ter prazer de dançar aquele disco todinho. Depois que começasse a dançar não podia dizer para a moça que não queria mais dançar. Tinha que esperar que ela dissesse que não queria dançar. Você não podia largar a moça. Você tinha que escolher uma boa dançarina para não passar constrangimento. A história da dança dessa época é importante porque tem todo

um histórico de como se vestiam as mulheres. Não se fabricava roupa íntima para vestimenta da mulher; não existia calcinha fabricada, era feita em casa e tinha de três a sete botões do lado (isso era mais um cinto de castidade do que uma calcinha). Por cima dessa calcinha tinha a combinação depois da combinação tinha a saia de anágua, toda engomada, que também dificultava muita coisa. Por cima da saia de anágua, a saia godê. Isso atrapalhava a dança, porque para você dançar bem você tem que colar para acompanhar os passos. Era uma dificuldade porque a saia de anágua complicava muito, atrapalhava os movimentos. A mulher não podia usar uma saia simples tinha que ter todos os componentes. E o sutiã era um desastre, porque o sutiã era de aspa de ferro. Uma vez eu estava dançando com uma moça, não sei se foi no Internacional [clube], já aqui em Recife, ou no Clube Português, senti uma pontada em mim. Nós, no ardor da dança, eu devo ter dado um "acochozinho" maior e uma aspa do sutiã saiu. Não chegou a furar, mas foi uma loucura. Essa minha vida de dançarino começou em Canhotinho onde tinha as matinês no clube. Era encerado, de cerâmica ou ladrilho, e colocavam folhas de eucalipto para dar cheiro. Aquela coisa gostosa da dança. Passava-se a manhã ali.

"A história da dança dessa época é importante porque tem todo um histórico de como se vestiam as mulheres. Não se fabricava roupa íntima para vestimenta da mulher; não existia calcinha fabricada, era feita em casa e tinha de três a sete botões do lado (...)"

O carnaval também marcou, porque se usava lança-perfume; todo mundo usava; se tomava aos "porres" sem saber porque, era bom, gostoso. Era o objetivo da lança-perfume. Era argentina e vendia-se na rua em caixa de cinco. Todo menino tinha que ter uma lança para ir ao clube. Com um oculozinho de plástico, chapeuzinho, uma lança (tinha que ter uma lança para mostrar que tinha dinheiro), um saquinho de confete... A lança-perfume era usada para refrescar, na realidade era isso. Era bom você lançá-lo no colo da moça que passasse, o perfume refrescava. Foi quando comecei a tomar uns "porrezinhos". Colocava um lenço, começava a cheirar e daqui a pouco sentia uma sensação que nunca esqueço: começava a sentir o corpo pesado e um sinozinho na cabeça tim, tim, tim, tim, assim, progressivamente. Chegava num ponto que nós parávamos por cinco minutos, passava aquilo, e cheirávamos de novo. E todos faziam isso. Um colega morreu no clube; ninguém sabia que era devido a lança. A proibição de lança no clube não era pelo cheiro da lança, era

porque quando tinha briga usavam a lança. Era de aço e aquilo era uma arma. Numa fase posterior começou-se a proibir a lança porque o pessoal estava cheirando e morrendo do coração.

Estou contando essa história para entrar num detalhe da minha vida; escapei duas vezes da morte na fase de Canhotinho. Meu pai, como já falei, tinha um carro, e não tinha bomba de gasolina na cidade. Comprava o tonei de duzentos litros, colocava na oficina e todo dia pegava a mangueira e colocava gasolina no carro. Eu ajudava; quando meu pai terminava de encher o tanque do carro eu pegava a mangueira, começava a inalar aquela coisa gostosa e fui me viciando. Um dia comecei a cheirar a mangueira da gasolina e sentir o corpo petrificado, como se fosse de gesso. Gritei e ninguém me acudiu. Quando me livrei do susto eu estava todo urinado e com o corpo formigando. Me senti petrificado. A outra história que escapei, foi durante uma das viagens de meu pai. Ele passou uma semana no sertão longe da família e mamãe ficou com os filhos. Mulher atirava bem, toda mulher que se prezava tinha que saber atirar de revólver e de espingarda (espingarda de cartucho). No quintal de casa tinha uma cajazeira enorme e a meninada, de manhã, disputava para ver quem apanhava mais cajá. Todos dormiam na cama com seu "litrozinho" de óleo vazio para de manhã encher de cajá. Um dia acordei e como a casa era de telha sempre tinha uns furozinhos (não era hotel cinco estrelas, era mil estrelas) por onde se via quando clareava. Eu disse: "Eta, tô perdendo a hora". Levantei-me, fui para a cozinha, abri a porta, saí para o quintal e enchi o caneco de cajá e quando voltei para a cozinha, vi minha mãe com o candeeiro na mão e a espingarda na outra. Ela disse: "O que é que você tá fazendo aí? Vá dormir menino". Fui dormir desconfiado e no outro dia vem a história da mamãe: ela disse que levantou-se com um barulho na cozinha, olhou o despertador e eram duas horas da manhã. Pensou: "É ladrão". Pegou a arma, engatilhou, chegou na cozinha, viu a porta aberta e um vulto entrando. Era uma mulher corajosa. Ia com um candeeiro de querosene, colocou-o em cima da mesa e resolveu clarear para ver a cara do "bicho", para poder queimar. Quando clareou, me viu. Realmente dessa aí eu escapei. Acho que tiveram outras também. Um dia nós estávamos brincando de *Cowboy* no açude lá perto de casa. Um ficava de um lado do açude e o outro do outro e nós, eu e meu irmão mais velho, sempre usávamos peixeira para chupar manga, caju... Um pegava no cabo da faca e sacudia com força para sair a bainha para o outro pegar e ficava com a faca na mão. Numa dessas, ele no lado de cá, eu do lado de lá, ao invés de ir a bainha foi a faca. A faca

passou no meu abdômen, nem saiu muito sangue, mas nos apavoramos. Teve outra, mas isso ai não vou contar.

A mudança da família para Garanhuns

A família toda mudou-se para Garanhuns em função do estudo. Minha mãe forçou e meu pai teve que ir. Mudou um pouco a profissão dele porque deixou de ser motorista e montou uma oficina. A oficina não deu e ele começou a vender ferro velho, o que era difícil na época. Mas conseguiu sobreviver, e nós continuamos estudando. Quando chegamos em Garanhuns (eu fui interno durante três meses, enquanto a família não chegava) eu já tinha 13 anos. Foi um salto que nós demos: sair de uma cidade pequena para uma cidade grande para estudar, com um pai sem posses, sem condições de manter todos os filhos no colégio. Quem ajudou muito foi o padre Ademar da Mota Valença (que ainda é vivo), fundador do Colégio Diocesano, porque quando chegava o fim do ano ele permitia que meu pai pagasse a conta de um ou do outro. Assim nós fomos conseguindo nos formar.

Padre Ademar da Mota Valença foi educador de várias gerações de pessoas ilustres do país. O colégio era religioso e só para homem. Muitos daquela redondeza, zona da mata e da zona do agreste, até de Recife, iam estudar em Garanhuns. Uns iam estudar lá porque não tinham outro lugar para ir, e outros, de famílias mais abastadas, quando os filhos davam problemas, começavam a ser os "boyzinhos" da época, colocava-os lá como uma prisão. Era um internato com um sistema militar, tinha farda e toda aquela história de internato. Não tinha palmatória, mas tinha um castigo. Por exemplo, depois de dez horas da noite todos os internos tinham que ir dormir, forrar a cama, tudo direitinho, as camas tinham que ser forradas impecavelmente. Tinha missa diariamente pela manhã e a comunhão era obrigatória. Uma vez por semana, todos tinham que se confessar. Isto já era outro drama: o sujeito confessar aquilo que nunca fez; não tinha pecado mas tinha que confessar alguma coisa.

O primeiro dia como interno no colégio em Garanhuns foi importante porque papai saiu de carro de Canhotinho para Garanhuns, hoje são 20 minutos indo de carro, mas naquela época se gastava uma hora porque era estrada (sem asfalto) e tinha o rio Canhoto que quando enchia, o carro não passava. Mas papai chegou lá. Mamãe tinha feito todo o enxoval, porque precisava de um enxoval para ser interno. Tinha uma relação

de não sei quantas fronhas ..., todos os colégios pediam. Meu pai me deixou na portaria e voltou e eu fiquei lá naquele mundo com 13 anos, sozinho. Pela primeira vez me senti sozinho no mundo. Tiveram muitas histórias interessantes. Eu tinha uma tendência a ser religioso na época, porque tinha tido meu padrinho que era padre.

cc
C
VÍ
p;
rr
a
f<
e
0
P

r
v

Garanhuns era a cidade mais fria de Pernambuco, na época, inclusive era chamada de a "Suíça pernambucana"; chegava a fazer nove graus. Tínhamos que acordar às cinco horas da manhã. O colégio ficava no alto, se não me engano tinham dois pavimentos. O alojamento ficava no último andar e tomávamos banho em fila, era uma fila para fazer medo. Tinham cinco chuveiros no banheiro, e tomávamos banho diariamente com nove, dez graus. Quando terminávamos o banho - isso tudo em fila, tudo organizadinho - íamos para a capela. Diariamente tínhamos que ouvir o sermão do padre. Depois passávamos pelo corredor e íamos tomar o café da manhã. Logicamente, nesse período entre cinco e meia, seis horas, já estávamos vendo anjinho, víamos Jesus Cristo andar, Nossa Senhora se mexer, nos sentíamos no céu, com hipoglicemia. Não tínhamos tomado o café e o jantar tinha sido às sete horas da noite anterior. As seis e meia da manhã esperar a comunhão, para depois tomar café, é lógico que a hipoglicemia levava a visões - Nossa Senhora cantava, brigava, falava com Jesus Cristo, era fácil bater um papo.

! O que me marcou no colégio era esse regime, se você risse ou brincasse o sensor lhe marcava e no domingo - que era o único dia que você saía para ir a um cinema -, dependendo da pontuação, você ficava de castigo. Tinha um pátio, reuniam em fila os alunos, dos maiores aos menores, e o padre lia o nome dos alunos que não iam sair naquele domingo porque tinham feito qualquer coisa. Era difícil porque durante a aquela rapaziada ficava, esperando para assistir a matinê e ver as meninas na cidade - e saíam em fila, com dois, três censores do lado - aí o sujeito era punido e ficava lá para estudar. A "gozação" era grande, a turma chegava lembrando, contando como foi o filme, se namorou ou não. Eu perdi três domingos consecutivos, porque era muito brincalhão, e as minhas brincadeiras eram, interpretadas como desobediência: eu começava a rir e não parava de rir brincando. Passei esses três meses no internato e saí quando papai foi morar em Garanhuns.

Compramos uma casa e ficou mais fácil para sentir a cidade. Mas a vida também lá em casa era meio rigorosa. Por exemplo, ninguém po-

dia chamar nome feio, não podia passar diante de uma casa de jogos onde tivesse uma sinuca. Essas lembranças de opressão de família, de religião, tudo pesou muito para mim.

A juventude em Garanhuns

O que me marcou em Garanhuns é que era uma cidade maior, com novos costumes; tinha cinema, clube e uma rádio para você assistir uns programas. Nós começávamos a nos soltar, mas para isso precisava de dinheiro, o gasto era maior. Durante as férias tínhamos que ajudar meu pai na oficina, no trabalho de lataria, mecânica de carro, e nós aprendemos muito. Eu estava com 14, 15 ou 16 anos, já terminando meu ginásio, e resolvi trabalhar para poder ter um dinheirinho, para pagar um cinema, namorar, comprar umas coisinhas de rapaz. O símbolo da riqueza da minha época era o sujeito ter um colchão de molas em casa, uma geladeira, uma caneta *Parker 51*, e um óculos *Ray-Ban*. Este era burguês. Quem não tivesse isso era pobre.

"O símbolo da riqueza da minha época, era o sujeito ter um colchão de molas em casa, uma geladeira, uma caneta Parker 51, e uns óculos Ray-Ban".

Por falar em geladeira me lembrei de uma história da geladeira. A primeira vez que vi um picolé foi em Canhotinho. Vinha da escola, com os colegas e um me chamou para irmos na casa do prefeito, porque tinha chegado lá uma geladeira. Fomos conhecer a geladeira, ser apresentado à geladeira. A geladeira era a querosene e quando o sujeito abriu a porta eu vi aquele fumaceiro, fiquei com medo. "vai que vou me queimar aí com essa fumaça toda". Fumaça para menino só podia ser fogo. Ele abriu a gavetinha lá em cima e trouxe uma caçambinha. Tinham feito suco de maracujá e colocado na caçambinha. Ele pegou um palito, colocou em cima, destacou um e me deu. Quando toquei naquele "bicho", fui queimando a língua e pensei: "vai me queimar todinho". Mas eu gostei e todo dia que passávamos lá tomávamos um picolézinho. Têm coisas que ficam na memória e não passam.

Quando cheguei no fim do ginásio eu tinha que fazer alguma coisa. A turma se projetando, uns pensavam em ir para o Recife, outros em fazer universidade. Nós não sabíamos o que era isso, ninguém tinha idéia do que era isso. Sabia que era para se formar, mas a palavra universidade não existia no vocabulário, nem os professores falavam em

universidade, faculdade. Nós estávamos ali estudando. Quando terminássemos o ginásio tínhamos que escolher ou o curso de contabilidade ou o curso científico. O curso de contabilidade era destinado às pessoas que não iriam mais continuar os estudos, acabava ali, e ia ser contador de firma, bancário, comerciário e ajudar os comerciantes. E tinha a turma do científico e da pedagogia, que era o caso de colégio feminino, porque no colégio masculino não tinha pedagogia porque homem não ia ser professor, porque não era profissão para homem. Aí logicamente como meu irmão mais velho já tinha feito vestibular no Recife, eu tinha que escolher. Como eu fazia o científico e gostava muito, principalmente de história natural, eu segui a carreira de naturalista.

Falo assim tudo junto porque não se pode separar colégio, não se pode separar religião, não se pode separar nada porque está se vivendo aquilo no "dia a dia".

As festinhas em Garanhuns

Arranjei uma namorada de Arcoverde que tinha vindo para Garanhuns passar o carnaval. Era muito bonitinha e o irmão dela era meu colega de colégio interno. Comecei a conhecer a menina, a conversar, e marcamos para namorar no carnaval. Nós íamos para um clube chamado AGA - onde freqüentava a elite da cidade. Quando cheguei em casa mãe não deixou, não deixava ninguém sair depois das dez horas. Dizia que era um perigoso estar na rua. Até as dez horas ela deixava, era a hora que coincidia com o término do cinema; dava para fazer um lanche na cidade, comer uma cartola, um maltado e ir para casa correndo. Na época de carnaval isso não alterava nada, dez horas tinha que estar em casa. A namorada marcou comigo no clube e é lógico que no primeiro dia eu não pude ir. Como eu ia sair de casa? Tinha medo, porque apanhava mesmo. Passou o sábado, o domingo, a segunda e eu não fui. Na terça-feira pensei: "Vou ter que fugir de casa". Fugi e fui para o clube. Quando cheguei lá, a namorada já estava com outro, é lógico, ela não ia esperar. A festa no clube terminou quatro, cinco horas da manhã e saiu uma passeata, a banda toda tocando, todo mundo pela rua. Quando terminava o carnaval, no último dia era assim. Eu cheguei em casa às sete horas da manhã. Foi a primeira vez que passei uma noite fora de casa e com um chifre que eu tinha levado - isto pesa na vida do homem, foi a primeira dor que eu senti. Cheguei em casa escondido, fui dormir e minha mãe di-

zendo "ele hoje se levanta, ele hoje vai comer". E quanto mais ela dizia isso, mais eu roncava. Passou oito, nove horas e ela lá no corredor esperando. Foi uma confusão, levei umas cipoadas boas pela desobediência total. Eles diziam: "Não avisar ao pai nem a mãe e ir para o carnaval sozinho, um menino de 18 anos; nem era um homem, era aquela mistura de menino".

Tinham as festinhas, também, os chamados "assustados". Toda semana tinha um "assustado", nós nos ajeitávamos; todos andavam de gravata e paletó, ninguém andava sem gravata e paletó.

As primeiras tentativas profissionais

Quando terminei o ginásio, surgiu uma propaganda na cidade sobre o curso de cadete da Aeronáutica. Me inscrevi num grupo de Garanhuns e fomos para o Recife fazer esse curso. Foi a primeira vez que vim para o Recife. Tinha 16 ou 17 anos. Foi maravilhoso. Passei uma semana no cassino dos oficiais, uma mordomia maior do mundo. Não sabia que era tão bom ser militar. Fiquei até empolgado.

Vieram os exames, e quando chegou na prova de matemática, eu tinha que calcular um polígono de "n" lados e eu não sabia o que era "n" lados. Eu tinha terminado o ginásio, era considerado um dos melhores alunos; quando tirava uma nota oito, eu chorava quando chegava em casa, só tirava nove ou dez. No fim do ano, vinha a classificação do aluno, disputava o primeiro ou o segundo lugar. Aquilo motivava o aluno a estudar mais no próximo ano. Mas aí veio a prova de matemática, eu tinha estudado o programa, mas aquele ensino bitolado, decorado, eu não sabia o que era um polígono de "n" lados. E esse "n" eu demorei muito para entender que era uma incógnita, que era um símbolo. Eu não fui classificado, não sei se foi por isso ou não, mas me deu uma impressão no futuro de que realmente os meus conhecimentos ainda eram insuficientes para passar no curso. Eu não sabia o que era um polígono de "n" lados. Esse "n" até hoje me marcou.

Voltei para Garanhuns porque não passei no concurso. Tinha terminado o ginásio e precisava fazer alguma coisa. Apareceu um concurso nos Correios, o salário era de seis mil cruzeiros por mês, dava para comprar uma bicicleta; a prova era fácil, de geografia, conhecimentos gerais. Fui aos Correios para me inscrever no concurso público e um sujeito me chamou e disse: "Você sabe o que vai fazer? Você vai entregar cartas,

f vai ser carteiro, andar de bicicleta, de casa em casa". Comecei a pensar:
 £ "Não é mole não, está tão boazinha a minha vida e desisti".

£ Fiz o primeiro ano científico, mas quando cheguei no segundo a
 ^ necessidade financeira foi aumentando e resolvi trabalhar. Saí de casa,
 c eram onze horas da manhã, o dia eu não me lembro, era um dia de se-
 * mana, e tinha uma sapataria - Sapataria Popular. Me apresentei, e disse:
 N "Eu quero trabalhar aqui". O dono da sapataria me conhecia, e pergun-
 ' tou: "Você é filho de seu Augusto, não é? Você é mais o quê?" Eu disse:
 1 "Sou estudante". Ele disse: "Você quer trabalhar aqui para quê?" Eu res-
 pondi: "Para ganhar dinheiro e sobreviver". Ele disse: "O seu trabalho
 tem que ser assim, todo dia você tem que limpar o lugar todinho, atender
 os clientes..." Ele me chamou em um canto e disse: "Você volte para
 casa, vá estudar, porque isso aqui não tem futuro não". Eu voltei para
 casa e foi a minha sorte, porque se eu tivesse conseguido esse emprego
 eu não tinha saído do interior. Depois que eu voltei a Garanhuns, já com
 esse emprego na fundação [Fiocruz] - como pesquisador, chefiando o la-
 boratório, e vi os colegas da época de ginásio em balcão, vendendo bugi-
 ganga na rua ou em banca de bicho. Aquilo me chocou muito porque to-
 dos eles tiveram a oportunidade que eu tive; tinham os mais ricos, mas
 isso não conta. A elite no Brasil nasceu para aquilo, se o sujeito se desvia é
 problema dele, mesmo tendo chance. Mas da classe média para baixo, na clas-
 se pobre todos tiveram a mesma chance, se eu tive os outros tiveram também.

No primeiro ano ginásial, fui com uma carta de recomendação de
 um padre de Garanhuns para me apresentar no seminário local. Hoje ele
 é o bispo de Palmares. Foi criado com meu pai também, porque quando
 ele era pequenininho e andava no carro de papai, no colo de papai. Hoje
 é bispo. O seminário era cheio de menino - foi quando eu endoidei - che-
 guei lá batendo bola, todo mundo correndo, na mesa uma comida especta-
 cular. Mandaram uma relação do enxoval, e quando mamãe viu a rela-
 ção, constatou que não tinha condições de comprar aquilo tudo. Escapei
 de ser padre porque minha mãe não tinha condições de comprar o enxoval
 para ser seminarista.

Mas continuei ligado à religião, no colégio Diocesano. Como eu era
 muito católico, o Santa Sofia, um colégio feminino de Garanhuns, na Se-
 mana Santa, mandava pedir ao colégio masculino, que era religioso tam-
 bém, uma relação de dez alunos para poder participar e ajudar. Eu era
 escolhido, porque era um aluno todo direitinho, achavam que eu era direi-

tinho. Tinha o privilégio de entrar no internato feminino e via aquelas meninas, recebia recado, namorava pela janela. Em compensação tinha que passar três horas de joelho, uma missa inteirinha, uma missa cantada. Era bonito, mas não era mole. Essa fase religiosa foi gozada, participava de teatros junto com o pessoal do mosteiro, do colégio.

A primeira vez que eu participei de um teatro eu tinha nove anos e morava ali em Canhotinho. A professora resolveu fazer um teatro. Eu era um padre no teatro, minha irmã também participava (ela era mais nova do que eu dois anos), e participamos de uma exibição desse teatro numa cidade próxima chamada Paquevira. Ela só tinha duas ruas, mas o trem passava por lá. Era ponto de parada obrigatório porque Paquevira ficava na bifurcação do trem para Maceió e Garanhuns. Pela primeira vez eu ouvi a palavra piquenique. Era um piquenique de escola e deveria ser na fazenda Asa Branca do padre de Canhotinho. Para chegar tínhamos que ir de trem. E todos foram à estação para embarcar no trem. Todos de chapéu de palha para não pegar sol. E o que me chamou mais atenção, e até hoje me marca, é que eu estava dentro do trem, levantaram as vidraças das janelas e quando eu olhei para fora eu vi o Célio do outro lado, de chapéu. Eu fiquei chamando a mim mesmo. Era o vidro que formou-se como se fosse um espelho, e eu chamando a mim mesmo: "Vai perder". Foi a primeira sensação que eu tive, talvez, de imagem. Fiquei preocupado porque ele estava do lado de lá e o trem já ia sair. Interessante, não percebi que eu era eu mesmo. As ilusões do espelho são gozadíssimas.

Teve uma história muito particular. A família não tinha [conta em] Banco. Não havia banco em Canhotinho, todos tinham que ter o dinheiro em casa. Mamãe tinha um miaeiro para guardar o dinheiro para comprar, por exemplo, uma casa quando fôssemos para Garanhuns ou para o papai comprar um carro melhor. E eu me lembro que juntaram dinheiro durante sete anos. Um dia abriram o miaeiro e tinha sete mil contos de réis e papai conseguiu trocar de carro com essas moedas. Não existia crediário. É por isso que não existia inflação. Economicamente era isso, você só podia comprar quando tivesse o dinheiro. Sem dinheiro você não comprava nada. Mas o detalhe do miaeiro é que aprendemos a fazer o "furtinho do miaeiro". Nós sabíamos onde estava o miaeiro, usávamos uma faca, colocávamos na brecha do miaeiro e a moeda caía. Tirávamos uma ou duas para comprar pirulito. Um dia coloquei a faquinha lá e veio uma prata de dois mil réis, era a moeda mais cara que existia. Como não tinha

noção de dinheiro, fiquei na rua, e quando passou um "cara" vendendo pirulito (aquele de mel enroladinho), perguntei: "E o pirulito? Dois, quanto custa?" Ele respondeu: "Dois tostões". Eu disse: "Me dê dois". Dei a moeda para ele trocar. Ele estranhou a moeda, e me deu um mil e oitocentos reais de troco. Valia dois mil a moeda de prata. Era de prata mesmo a moeda (nós não sabemos mais o que é moeda de prata). Ele estranhou e me deu o troco. Quando olhei, minha mão estava cheia de moeda. Alguém viu e foi em casa avisar a minha mãe: "Célio tá com muito dinheiro na mão ". Mamãe chegou: "Que dinheiro é esse aí?" Respondi: "Foi meu padrinho que me deu". Meu padrinho era capitão da Guarda Nacional, capitão Caseca, inclusive pai de Costa Porto, que foi jornalista, deputado e chegou a ser ministro da Agricultura. Eu freqüentava muito a casa dele. Foi quando, pela primeira vez, comecei a ler jornal; ele recebia jornal de Recife, e eu ia lá ver a parte de "Flash Gordon", dos quadrinhos, do jornalzinho. Nunca tinha visto jornal na minha vida, mas ia atrás da historiazinha que vinha no encarte, da historiazinha em quadrinhos que ainda hoje continua. Era uma beleza. Aí vinha o seriado. Todo domingo tinha que ler o jornal e ver aquele seriado.

Mamãe mandou uma pessoa na casa do capitão Caseca saber se ele tinha me dado o dinheiro. Fiquei aguardando a resposta. O cara foi lá, voltou e disse: "Não, ele não deu dinheiro". Mamãe perguntou: "Onde você arrumou o dinheiro?" Aí eu tive que abrir a jogada. Disse: "Eu tirei do miaeiro, querendo comprar ..." Ela perguntou: "Faz muito tempo que faz isso?" Respondi que não era só eu. "A turma todinha faz isso". Entreguei logo o pessoal também. Aí logicamente veio a punição. Ela confiscou o dinheiro inteiro, o pirulito e levei uma "pisa", porque realmente era um princípio de desonestidade.

Um dia, um cidadão, o seu Genú, que morava defronte da mina casa estava lendo jornal e quando olhei vi um submarino bombardeado. Foi a primeira vez que vim entender que estava havendo uma guerra. Eu nasci em 1938 e em 1945, 1946, eu devo ter visto o jornal. Nunca ouvi o comentário na cidade que estava havendo guerra em canto nenhum. E Canhotinho era uma cidade grande, ela abrangia vários povoados que foram desmembrados posteriormente; são oito municípios hoje que pertenciam a região de Canhotinho. Não me lembro de em casa, na cidade, ou na escola falarem de guerra. Tinham pessoas ilustres, inclusive o Costa Porto que já era estudante de direito ou já estava formado. Tinha um den-

tista que era formado, que ia passar as férias lá. Nasci em plena guerra, 1938. Uma guerra, um conflito, e não tinha idéia nenhuma que estava havendo essa guerra.

E a outra lembrança que eu tenho foi da Copa [do mundo] de 1950. Eu era menino, estava com 12 anos; mas 12 anos na geração antiga, era menino hoje de sete anos. Quem tem a mentalidade de 12 anos hoje, tinha que ter quinze, 16 anos. O de hoje com onze anos já tem a mentalidade de 16. Eu estava em casa e todo mundo se reuniu para ouvir o jogo da seleção brasileira. Colocamos um rádio e todos *no "pé do rádio"*, a menina, os amigos ... Daqui a pouco aquele silêncio, todo mundo se acalmou. E eu gritei: "O Brasil perdeu." O Brasil perdeu a guerra, não sabia nem que existia guerra; imagine o Brasil perdendo na Copa de 1950. Eu só vim ter detalhes do que significou a Copa de 1950 quando já estava aqui em Recife e vim saber que realmente houve um transtorno nacional.

Não se falava de política. Se falava nas campanhas. Pelo que eu me lembro, nas primeiras eleições que foi Eduardo Gomes e o general Dutra, uma marchinha, que era um frevo pernambucano. Eu me lembro das eleições que existiam em Canhotinho; o pessoal vibrando, bandeirinha A pessoa saía de casa com o voto no bolso, que era um papelzinho impresso com o nome do candidato. Saía de casa e ia para a casa do capitão Caseca ou dos outros que manobravam a política, e tinha um almoço.. Matavam um boi e todos iam comer de graça. Quando chegava na hora de votar, não sabia nem em quem estava votando. Chegava lá, colocava na urna. Isso era marcante porque tinha muita briga. Lá em casa, chegavam: "Vote em mim"; "Eu voto em fulano". Entregava um pacotezinho como se fosse cartão de visitas. Lembro-me: ele era branquinho com o número do candidato. Sei que lá eles falavam na UDN, no PSD. Existiam conflitos e eles falavam em brigas.

Não se falava em comunismo. Eu sei que se falava mais na direita. Por exemplo, o pessoal de Plínio Salgado - integralista - usava a camisa dele. Eu me lembro que meu pai participava disso. Meu pai participou daquelas caravanas da Revolução de 30, mas deve ter sido do lado do governo. Eu sei que tinha o vermelho e verde.

K

O crime do padre Hozana

F

£

Í

\

(

(

l

1

Eu morava em Garanhuns, estava cursando o científico. Deve ter sido em 1958 ou 1957, porque saí de Garanhuns em 1958. Conhecia padre Hozana e o bispo. Meu irmão foi testemunha ocular do crime e ninguém sabe que ele estava na história. Meu irmão mais novo, vinha passando na avenida Santo Antônio, ouviu os tiros e viu o padre, que estava de batina, sair subindo a ladeira que dava para o mosteiro, com um revólver na mão. Ele chegou em casa apavorado dizendo que viu aquela cena. Trancaram o menino em casa para ele não falar para mais ninguém. Começou a circular a notícia de que mataram um bispo e que foi o padre Hozana. Mas o menino era menor e diziam: "Você fica em casa e não vai abrir a boca".

Eu me lembro. Eu achava, na época, que ele, o padre Hozana, estava certo. Porque ele foi muito oprimido. Na época ele como padre, para o nosso conceito moral, ele não valia nada: tinha mulher. O fato em si era que, como estudante, eu já estava discutindo o problema: ele matou porque foi coagido. Tiraram o poder dele e ele então não suportou. É aquela célebre frase dele: "Quando cessa a força do direito começa o direito da força". Foi o argumento que ele usou para matar o bispo. E essa frase marcou muito a nossa mocidade, embora já estivesse mais rebelde, já estava participando do movimento estudantil.

O Exército

Terminei o segundo ano científico e foi a época de servir o Exército. Tinha o tiro de guerra em Garanhuns e meus três irmãos mais velhos tinham feito o tiro de guerra. Senti que era a única oportunidade de sair do interior. Meus pais já estavam sustentando o meu irmão porque ele estava cursando medicina aqui no Recife, o que era um sacrifício enorme. Tudo era carregado para ele e nós ficávamos à míngua. A única saída para vir para Recife era servir o Exército. Eu vim me alistar em Recife. No primeiro exame fui desclassificado porque não tinha peso, estava com 50 quilos e o mínimo era 51 ou 52. O sujeito disse: "Você tem que ser apresentado aqui no próximo ano. Volte para se reapresentar". Comecei a me alimentar melhor, consegui os dois quilos, vim para Recife e passei. Foi quando conheci o primeiro pistolão (não tinha idéia do que era pistolão). Lá tinha um primo do meu pai que era oficial do Exército e disse: "Vou

cuidar do menino. Manda ele vir para Recife que cuido dele; vou colocá-lo em um quartel bom". Fui encaminhado para o melhor quartel, com três meses no quartel de treinamento fui levado para outro melhor ainda. Era só um expediente. Começou o pistolão, mas eu descobri qual era o interesse do capitão: ele era "bicha". Não sei porque ele desistiu, eu não sabia o que era isso. De qualquer maneira foi o primeiro pistolão e me ajudou muito, porque eu passei somente três meses de caserna, depois fui para o quartel da CRC . Comecei a sentir a mordomia da cidade grande. Passei só um ano.

O início em Recife

Vim para Recife para servir o Exército. Gostei, foi interessante, não fazia nada, além dos exercícios militares. Nos sábados e domingos não tinha nada. Então o sujeito chegava e dizia: "Fazer a mudança do sargento". "Fazer as compras do oficial". Eu era o primeiro a subir no caminhão, porque era a maneira de sair. Morava no interior, não conhecia ninguém aqui. Depois de três meses de fase de treinamento aconteceu outro fato na minha vida. No último dia de treinamento de tiro me levaram para Jaboatão para fazer o treinamento de artilharia, porque o quartel verificou que até então ninguém tinha dado um tiro precisavam gastar as balas. Cada um tinha que disparar o fuzil para poder constar. Era tão magro que era difícil equilibrar o fuzil no ombro e o sargento sempre dizia: "Soldado número sete equilibre o fuzil". Não tinha jeito. Nesse dia demos tanto tiro que eu terminei ficando com uma infecção ocular devido à pólvora e fui parar no hospital. Como eu, disse escapei de muita coisa.

Fiz um curso para ser cabo e passei, mas não quis ficar. Foi quando apareceu um capitão e me levou para a moleza, que era trabalhar somente pela manhã. Mas tinha que ir para algum lugar, não tinha casa. Um primo do meu pai que era deputado aqui em Recife, deputado Bezerra, era de Buíque, e toda família do interior que vinha ia para a casa dele; um casarão lá em Casa Forte, na rua do Lameirão. Fui para esse casarão. Foi a primeira vez que vi um sobrado, tinha um quarto para cada pessoa, tinha banheira. Era uma mordomia. Fiquei servindo o Exército e morando ali durante um bom tempo.

Depois eu saí do Exército e precisava estudar. Vim de Garanhuns com o segundo ano científico. Me matriculei no Colégio Pernambucano, o

mais sério daqui, mas foi a vaga que arrumaram para mim. Logicamente repeti o ano. Um amigo disse para mim: "Você tem que ir para o Carneiro Leão, porque lá é pagou, passou". O meu problema todinho era a matemática, e eu precisava terminar porque eu teria que fazer vestibular para justificar que estava na Casa do Estudante; com dois anos na casa do estudante, sem estudar, perdia a vaga. Quando chegou na última prova, na prova oral (porque tinha prova oral e escrita), o professor colocou a mão na sacola para ver o meu ponto e tirou as derivadas. Exatamente a parte que eu não sabia nada, que nunca aprendi. Falta mesmo de base. Na álgebra, eu dava um "Show", mas quando entrava trigonometria, desde o "n" do polígono de "n" lados (eu já contei) que não sabia. Ele olhou e disse: "Terminou o tempo. Terminou o seu tempo". Eram vinte minutos para a prova oral de matemática. Tinha a escrita, que eu já tinha "dançado". Ele disse: "Me dê a sua prova. De quanto é que você precisa." Eu respondi: "Estou precisando de nove". Ele disse: "Vá embora. Eu lhe dou nove". Passei no terceiro ano científico.

Já estava pensando no vestibular. O meu irmão estava saindo da Casa do Estudante, estava fazendo medicina, e estava no hospital da Tamarineira fazendo estágio lá. Deixou essa vaga, e na Casa do Estudante irmão deixa vaga para o outro. Mas eu tinha que trabalhar, tinha que pagar. Meu pai não tinha mais condições de mandar dinheiro para dois "ababacados".

O primeiro emprego

Arrumei o primeiro emprego da minha vida no Instituto de Micologia, da Universidade Federal de Pernambuco, com o prof. Chaves Batista, o homem mais rigoroso que já vi na vida. Foi a época em que aprendi mesmo a ter uma vida profissional. Cheguei no Instituto de Micologia e encontrei a secretária bonita, boazuda. Eu, bonitinho, engraçadinho; o pessoal me chamava, nessa idade, de leite ninho, porque era branco e gostoso. Sempre tive aparência de mais jovem; já estava com quase 20 anos quando saí do Exército, mas parecia um menino de 16 ou 17 anos. Ela se engraçou, foi falar com o diretor, ele me chamou e disse: "O que você faz"? Respondi: "Eu sou estudante". Ele disse: "Estudante aqui não vale nada, meu filho. Você veio aqui para trabalhar não para estudar, porque aqui não é lugar de estudo. É para trabalhar." Respondi: "Não, eu quero trabalhar, agora sou estudante". Ele disse ainda: "O regime aqui é esse: de oito horas da manhã às seis da noite". Tinha carteira de formado

em datilografia e um curso de taquigrafia, que no caso não me apaixonei. Quando cheguei em Recife, tinha cursado até o terceiro ano do científico, e tinha o diploma do curso de datilografia, que tinha um valor impressionante. O diretor do instituto disse: "Bom, tem uma vaga aqui de datilografia?". Chamou a secretária, Lizete Cardoso, olhou para mim e disse: "Você tem que bater esse ofício aqui e mostrar ao diretor. Em tantos minutos". Eu peguei o papel e datilografei. Ela puxou assim e disse: "Bate outro, porque esse aqui está ruim". Eu já senti que ela se engraçou. Terminou saindo uma cópia boa e ela foi lá mostrar ao diretor. Foi o meu primeiro emprego, de datilografia.

Entre na universidade em 59 [1959], com contrato de serviço prestado. Essa é uma história que vai levar ao Aggeu Magalhães [CPqAM], posteriormente. Pouco tempo depois eu assumi o lugar da secretária. Fui secretário do Instituto de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco. Todos tinham que usar paletó e gravata, exigência do diretor. Só assinavam o ponto com paletó e gravata. Eu ameaçava: "Risco o ponto e perde o dia". Tinha um francês estagiando e ele chegou na portaria sem gravata; eu não deixei *entrar*. *Foi uma confusão, mas não deixei ele entrar*. Era naquele prédio em frente ao Hospital do IPSEP [Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco], n- 347, se eu não me engano o antigo Hospital Centenário. Eles colocavam a gravata na escada, assinavam o ponto, cochichavam no corredor e tiravam as gravatas. Mas só passavam ali com gravata. Ai começaram alguns problemas: o professor Batista era um cara inteligentíssimo, mas tinha os problemas dele, no plano particular. Não sei qual foi a sua desventura com os que estavam acima dele, mas ele descontava tudo. Quando chegava seis horas da noite, terminava o expediente e os pesquisadores e o secretário tinham que ficar na ante-sala e, um por um, prestar conta a ele do trabalho do dia. Isso terminava às oito, nove horas.

Depois fui trabalhar com o *dr. Leal*, que era responsável pela parte de redação e datilografia. No Instituto de Micologia uma impressora, uma off-set, onde se faziam os impressos das publicações científicas. O nosso trabalho era datilografar a máquina as publicações do instituto. E tinha que sair perfeito para poder ir para a impressora. Não tinha computador.

Eu passei um ou dois anos nessa brincadeira, morando na Casa do Estudante, no Derby. Não tinha condução para a micologia. Tinha que sair a pé, porque tinha um canal ali atrás. Pela manhã saía da Casa do

Estudante, ia para a micologia; voltava ao meio-dia para almoçar, para uma hora estar lá e às seis horas voltar.

O tempo foi passando e entrei na vida mundana mesmo: dinheiro no bolso, funcionário público, salário mínimo, tranqüilo, 36 mil reais, na época, era dinheiro que dava para farrear e pagar tudo. No fim do mês pegávamos um táxi e íamos receber o dinheiro lá no Banco do Brasil, na Rio Branco. Fim de mês na Rio Branco! Recebíamos o dinheiro e de lá mesmo já subíamos numa pensão. Tinha uma pensão lá esperando pela gente, com as meninas todas novinhas aguardando. Era farra o dia todinho. Já voltávamos de ônibus. íamos de táxi e voltávamos de ônibus, mas nesse dia se fazia farra.

Um belo dia, me disseram: "Você precisa fazer um vestibular, se não perde a vaga na Casa do Estudante". E os colegas já estavam entrando na universidade; já tinham dois ou três que estavam fazendo história natural ou medicina. Tinha três meses para declarar para a Casa do Estudante que era estudante universitário. Isso foi no mês de dezembro. Fui à Católica [Universidade Católica] e perguntei: "Qual é o curso que tem aí para eu me inscrever?" O rapaz disse que tinha a segunda chamada; tinha a primeira e a segunda fase do vestibular, e quem não passava na primeira, se inscrevia e fazia a segunda. Eu disse: "Qual o curso que tem aí?" Ele disse: "Tem vaga aqui para biblioteconomia". Vou fazer isso aí, disse: "Me dê um programa". Fazia dois anos que eu não estudava. Isso era em dezembro e a prova era em fevereiro. Comecei, trabalhando na micologia e à noite estudando na Casa do Estudante. Tomava Perventim para estudar a noite toda, e de manhã estar no trabalho. Não podia estudar no trabalho nem faltar. O Perventim era gostoso demais, fazia um efeito espetacular. Devorei o programa todo. Fiz vestibular e passei em segundo lugar; só tinham dois candidatos. Me matriculei, entreguei o atestado de aprovação na Casa do Estudante e não pisei mais no curso; não era aquilo que eu queria fazer.

Eu pensei: "Agora tenho direito a mais um ano de descanso". No fim desse ano, influenciado pelos trabalhos de pesquisa, comecei a trabalhar no laboratório de Fitopatologia, como laboratorista. Mais tarde me entregaram a chefia do Laboratório Central, que era o laboratório de meio de cultura, onde tinham mais quatro pessoas trabalhando comigo.

A promoção para técnico no Instituto de Micologia

Surgiu um concurso para técnico de laboratório, nível II. Não sei se prestei concurso, eu sei que fui promovido, saiu no *Diário Oficial*: técnico de laboratório, nível II. Já estava na minha carreira de técnico de laboratório. Tinha trabalhado como auxiliar de pesquisador, fazendo desenho de ascomicetos (fungos). Estava bem como técnico de laboratório nível II. Resolvi fazer o vestibular. Os colegas estavam fazendo história natural, era um curso bom, e eu sempre gostei de história natural (que é o equivalente ao curso de biologia atualmente). Foi uma das últimas turmas de história natural.

A minha família já estava aqui; trouxe todos para Recife. Nessa fase da micologia, trouxe meu pai, minha mãe, meus irmãos e conseguimos emprego para todos aqui em Recife. Já tinha um conhecimento grande aqui. Ganhava salário mínimo: seis mil. Dava mil a meu irmão, que estava fazendo medicina, e ficava com cinco. Dos cinco pagava a faculdade, a Casa do Estudante, as farras (eu nunca deixei de fazer minhas farras). E para poder participar da elite, um dia por mês escolhíamos um restaurante para almoçar. Eu não podia cair de classe social, se caísse era arrastado pela multidão. Tinha que dar uma de burguês, de vez em quando para poder conhecer as manias do burguês.

O ingresso na história natural

Fui para a Católica [Universidade Católica de Pernambuco]. Fiz o vestibular seriamente. E esse vestibular também marcou uma série de coisas. Eu passei em 16º lugar. Foi considerado bom, porque fiquei dois anos sem estudar e tinha prova escrita e oral. Padre Mosca, que era o reitor na época, foi me argüir numa prova de geografia prova oral de geografia. Ele era professor de português, de lingüística, estava "tapando buraco". Aí olhou para mim e perguntou: "Nós vivemos na atmosfera, na biosfera ou na estratosfera?" Eu disse bem sério: "Vivemos na estratosfera". Ele olhou para os alunos (ele era baixinho, era gaiato, um cara alegre). Ele disse: "Olhem, esse rapazinho aqui disse que mora na estratosfera. Já viu homem morar na estratosfera, meu filho?" Aí me deu aquele estalo. Eu disse: "Padre, o senhor está tão desatualizado, porque Yuri Gagarin esteve agora há pouco tempo lá." Ficou um silêncio na sala. Ele *não disse mais nada. Porque ele colocou uma premissa que era falsa,*

mas verdadeira. A minha resposta era totalmente errada, mas passei no vestibular. E a redação, essa eu nunca esqueço: "Homem nenhum é uma ilha". Eu me soltei na redação. Fiz boa prova de história, de zoologia. O que mais me impressionou desde o ginásio foi história natural, eu conhecia tudo. Fiz umas provas boas de história natural e biologia. Fiz o primeiro, segundo, terceiro, quarto ano. Nessa época não existia o sistema semestral, fazia-se primeiro ano, segundo, terceiro e quarto ano de biologia; primeiro, segundo e terceiro ano de zoologia; primeiro, segundo, terceiro ano de botânica, mineralogia geologia. Via-se todo o programa dentro dos quatro anos, não era em cada seis meses.

Comecei a me aplicar, já visando um cargo de pesquisador no Instituto de Micologia. Eu via os pesquisadores ganhando mais, participando de congressos. Vivendo bem, um deles comprou um Dolfine...

Tem uma história interessante; um dia eu estava na micologia e alguém veio me avisar que na Conde da Boa Vista [rua] havia um desfile de um Gordini [carro da Renault] e um Dolfine. Ninguém sabia o que era: um carrozinho pequenininho, bonito, que ia acabar com o Volkswagen. Todos saíram do trabalho para ver o Dolfine e o Gordini, e um dos pesquisadores comprou um.

Tinham esses fatos aqui em Recife. Depois do Gordini e do Dolfine, teve outro caso; eu estava lá na Casa do Estudante, num dia de domingo pela manhã, e de repente chegou alguém correndo, dizendo que tinha uma moça de biquíni desfilando na praia de Boa Viagem. Todos pegaram o ônibus, foram para Boa Viagem para ver a moça de biquíni. Tem um outro fato que também me chamou atenção em Recife; me chamaram e disseram: "Estão começando a abrir a avenida Conde da Boa Vista, a rua parece que vai cortar aquilo tudo". Era estreitinho ali, mais largo era na frente. Fomos olhar e eu ficava imaginando: "Esse governo corrupto, safado, como é que gasta um dinheiro desse? Não está vendo que isso aqui nunca vai encher de carro". A Av. Caxangá, onde eu morava, por exemplo, só tinha mão única; era um carro de um lado e um carro do outro, quando tinha um engarrafamento ficava-se ali preso, no meio da Caxangá. Alargaram a Conde da Boa Vista. Realmente o progresso sempre nos marca naquele momento.

Os estudos e os primeiros congressos

Comecei a me empolgar com os estudos na Católica e com o trabalho de pesquisa no Instituto de Micologia. Começaram a me chamar

para participar de congresso. Lembro-me que o primeiro trabalho que apresentei foi num congresso em 1961: Congresso de Botânica, em Manaus. O diretor me chamou e disse: "Você vai participar, agora tem que decorar isso tudinho aqui!" Era a apresentação do trabalho que eu tinha feito. Todo dia, a uma determinada hora, ia para o gabinete dele para ler o resumo, para sair bem bonitinho, para na hora não fazer vergonha.

Minha primeira viagem: Recife-Manaus, Panair, quatro motores! O diretor disse para mim: "Tome cuidado porque lá tem uma hora de diferença. Presta atenção no relógio porque quando aqui são cinco horas, lá são seis horas". Eu não estava muito preocupado com esse detalhe". Ele disse: "Estude bem esse trabalho no avião, tem que apresentar no congresso". Meu primeiro congresso. Eu tenho essa foto em casa até hoje: congressista. E teve uma vantagem: conheci o Amazonas, vi cavalo, vi onça e vi um "bocado" de coisa interessante, muitas árvores, a mata amazônica, o encontro das águas...

Cheguei em um restaurante sozinho e disse: "Aqui tem peixe?" Disseram que tinha muito peixe. Perguntei: "Qual o peixe que o pessoal come mais aqui?" Responderam: "Tucunaré." Eu pedi: "Coloque um para mim!". Quando eu olhei, era o maior peixe do mundo. Tive a maior vergonha. Eu estava sozinho e um peixe inteiro na minha frente. Eu sozinho para comer um Tucunaré. Muito gostoso, por sinal.

Apresentei o trabalho. Foi quando eu recebi meu primeiro convite para ir trabalhar fora [de Recife]. O dr. Willames, que era o diretor do IPA [Instituto de Pesquisa da Amazônia] me convidou para ficar no instituto. Perguntou se eu não queria ficar lá. Eu me animei e disse que ia dar uma resposta, mas voltei para Recife.

Depois teve um congresso na Bahia; o segundo congresso. Eu já estava experiente, já tinha ido ao primeiro. Aí fui para a Bahia. Era o Congresso Brasileiro de Botânica, em Itabuna. Fomos em um avião da FAB [Forças Armadas Brasileiras], sem pressurização. Tinha um colega que sofria de claustrofobia, tinha vertigem de altura. Ele ficou deitado no banco do avião e nós com os pés em cima dele, porque quando olhava pela janela, ficava gritando: "Vou morrer, vou morrer!" Seguramos ele no avião até chegar em Itabuna. Ocorreu outra experiência muito interessante lá: também recebi um convite para trabalhar no Instituto do Cacau. Estavam carentes de pessoal. Estávamos terminando história natural e os centros de pesquisas estavam procurando naturalistas. Todos os meus colegas, que terminaram no período de 1962 a 65 tinham emprego garantido, por-

que era o início da pesquisa. Foi quando descobriu-se que não era somente o médico que fazia pesquisa e aliás, o médico não tinha uma formação de biólogo para ser um pesquisador na área, todos sabem disso. Ele não estudou para fazer pesquisa, ele estudou para fazer medicina. Mas diretor de instituição de pesquisa tinha de ser médico, obrigatoriamente. Ninguém podia ser diretor de um centro de pesquisa se não fosse médico. Tinha que ser médico, porque o médico era doutor, administrador, era tudo. Realmente, não eram bons administradores. Nós vibrávamos com história natural. Quando terminou o curso de história natural, eu era técnico de laboratório da Universidade Federal de Pernambuco, no Instituto de Micologia. Me especializei em Fitopatologia. Mas se fazia de tudo lá; era como em um banco. Você trabalhava num laboratório, ia para outro, de acordo com as necessidades do Instituto.

"Todos os meus colegas, que terminaram no período de 1962 a 65 tinham emprego garantido, porque era o início da pesquisa. Foi quando descobriu-se que não era somente o médico que fazia pesquisa (...)".

Um belo dia, o diretor me disse: "Célio, vai chegar um indiano e você vai recebê-lo no aeroporto. Como está seu inglês?" Respondi: "Eu tive umas aulas de inglês mas não dá para muita coisa". Fui recebê-lo. Chamava-se Upadhyaya, era um pesquisador. Terminou ficando aqui no Brasil, na universidade; ainda hoje está na universidade; está com a cabeça branquinha! Vim de ônibus com ele do aeroporto para a micologia, porque o Instituto estava sem carro naquele dia. Eu não disse nada e ele também não. O Batista disse: "Você precisa aprender inglês. Aqui é obrigado, todos têm que saber inglês". Chamaram uma professora do curso de inglês Brasil-Estados Unidos que começou a dar aula na micologia para as pessoas interessadas, técnicos e pesquisadores. Eu não saí do "bê-a-bá". Entendia porque tinha que ler as publicações, mas para falar era uma dificuldade danada.

Na micologia era pesado. Fiz a maior festa do mundo quando disseram que tinham abolido o expediente da tarde no sábado, na universidade. Conseguiu-se trabalhar de 8 às 12 horas no sábado. Foi uma festa! O funcionário público não tinha poder de nada, os reitores e os diretores é que mandavam. Conseguimos derrubar o trabalho de sábado à tarde. Foi muito alívio.

A sua participação política

Particpei de um movimento [clandestino] em Garanhuns sem saber o que era. Só descobri quando vim para Recife. Um belo dia disseram que chegou um cara no hotel, em Garanhuns, convidando aquela turma, os jovens, a militância para uma reunião e nós fomos. Ele começou a falar que os comunistas tinham queimado a bandeira brasileira e que ele precisava se vingar. Era o MAC - Movimento Anti-Comunista. Começou a propaganda do pessoal da direita. Foi a primeira vez que comecei, já com 17 anos, a saber que existia comunismo. "Poxa, queimar a bandeira brasileira, ser contra padre, contra igreja ..." Foi o contato que tive com a política em Garanhuns. Não tive mais contato. Era só para estudar mesmo, vivendo no interior não se faz parte da comunidade política, fica-se alienado, quase na periferia em termos de cidadania. Não participava da cidade grande.

Na micologia, era muito ligado ao diretor, ao secretário... Quando tinha eleição para reitor íamos para a casa do reitor e eu participava das "cabalas". O reitor, prof. Amazonas, morava no Espinheiro, se não me engano. Eu o acompanhava, porque não podia andar só. Tinha que ter um "cupincha" ao lado. E quem estivesse ao lado dele estava morto, tinha que acompanhá-lo até o fim, sábados, domingos, feriados, dias santos. Para se livrar disso tive que brigar com ele. Para ter minha liberdade, comecei a contestar sua administração. Era 1961, 64, na universidade, comecei participando de comício de estudantes, lendo livros, participando na Casa do Estudante de reuniões com a turma da pesada. Já estava no movimento político. A universidade fechou as portas, prenderam padre e estudantes. Eu sei que um belo dia, um colega estava fazendo um comício não me lembro quem era, e um amigo ao meu lado disse: "Célio, corre!" Quando olhei, tinha um soldado atrás com um cassetete "deste tamanho". Eu só fiz me curvar. Foi a primeira lapada oficial que eu levei. Eu levei uma cacetada! Por sorte era cassetete de borracha. Ele me deu uma lapada. Eu já era forte para suportar. Ele deu a primeira, eu saí "catando milho" no chão.

Eu dei uma carreira da Universidade Católica até a av. Caxangá onde morava. Cheguei em casa com uma dor nas costas... Coloquei a camisa para ninguém saber o que estava acontecendo e fui tomar um banho. A mancha roxa passou mais de uma semana sem sair e ninguém

em casa sabia que eu estava envolvido. Em um outro dia estávamos de frente a Fafire [Faculdade de Filosofia do Recife] todos cantando a Internacional. Gritavam: "Vamos acabar com os reacionários! Vamos acabar com essa porcaria toda! Vamos fechar essa universidade! Aí só tem padre safado e reacionário, comendo o nosso dinheiro! Vamos!" Daqui a um pouco alguém disse: "Lá vem a polícia!" Com bala, com tudo; eu estava em pé, no calçamento, e ouvíamos pipoco na parede. Era de fuzil mesmo, não foi brincadeira, não! Quando olhei e vi o reboco caindo, a cavalaria em cima de nós... A turma dizendo: "Sacode as bolas de gude!" Cada um que se "virasse". O pessoal começando a se apavorar, vendo que o movimento estava grande nos dispersamos.

Aí veio o John Kennedy para o Recife convidado para fazer uma palestra. Um "cara" novo, vibrador e grande. Nós pensamos: "Vamos com esse cara". E ele estava era dando corda para nós nos enforcarmos, e nós pensando que ele estava defendendo os pobres.

Foi muito dinheiro que entrou nesse país para acabar conosco. E eu que não era comunista, não era nada, era como se diz, simpatizante. Comecei a ler quando estava na universidade; li Marx, Engels, mas não entrava nada. Comprei o livro "A Origem da Vida", de Oparin.

Estava na micologia fazendo contestação e caí no movimento dentro da micologia, com o Batista já em cima de nós. Quando estourou a Revolução em 64 eu estava terminando o bacharelado e em 65 terminaria a licenciatura. Em 64, no mês de março, a Revolução estourou. Fomos todos para a rua. Quando deu meia noite, veio alguém dizendo: "Olhe, Arraes mandou dizer que todos fossem para casa, porque não tem mais para onde correr. Não adianta." Acho que foi uma grande coisa que ele fez na época. Todos caímos fora, e o "pau começou a cantar". Quando cheguei em casa peguei meus livros todos e enterrei no quintal: *Origem da vida*, Lênin, Marx, sei lá! Escondi. "Olha, é para não sair de casa para canto nenhum !" A ordem foi essa: "Não saia de casa!" Eu só ouvia as notícias, só via "o pau cantando".

Estourou a Revolução e o Batista me chamou, doido para me pegar, e disse: "Venha cá. Chegou aqui um major do Exército pedindo nome de subversivos. Eu não dei o seu nome ainda porque você presta serviço aqui. Você vai ficar como eu quero aqui dentro? O que você escolhe?" Eu disse: "Como o senhor quiser. Eu sou um criado à sua disposi-

ção!". Aí eu amoleci, me entreguei a ele, comecei a servir ao homem, vi-rei serviçal dele.

Meu nome não tinha nenhum envolvimento, eu não era ligado a nada. Só fazia parte da massa; era um estudante que vinha do interior, que não tinha nenhum conhecimento político. Para se ter uma idéia, chegaram para mim e disseram: "Você vai entrar na chapa de Marco Maciel para o Diretório de Farmácia". Marco Maciel aparece lá, ele e Tinoco. Tinoco era bonito e Marco Maciel não era bonito, não, mas era bom orador. Me apresentaram a Marco Maciel e disseram: "Esse aqui é nosso candidato na Católica, na chapa para entrar no Diretório de Farmácia ". A chapa era Marco Maciel e não sei quem mais. Foi quando estourou a Revolução. A eleição era em abril e estourou em março, aí acabou-se. E eu deixei de ser companheiro de chapa dele, mas toda vez que eu encontro com Marco Maciel ele se lembra de mim porque participamos também de outros encontros. Um dia, muitos anos depois, eu estava com meus dois meninos (já tinham nascido os filhos) no Jockey Club. Era dia de eleição, um deles estava com a chapa da esquerda na mão. O Marco Maciel chegou e disse: "Célio, como vai? Tudo bom? E as crianças com as chapas da oposição balançando entre as mãos, fiquei encabulado, afinal Marco Maciel era candidato a deputado Federal, e eu ali votando na oposição que era o M D B. Nos encontramos outra vez em Garanhuns, quando eu dirigia o Laboratório Central de Peste e ele estava, como governador de Pernambuco, realizando inaugurações na cidade. Foi a última vez que conversei com ele.

O ingresso no CPqAM

Em maio de 1965, eu estava trabalhando no Instituto de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco quando um colega me disse: "Célio, o dr. Frederico Simões Barbosa, diretor do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], está precisando de alguém que entenda de roedores para trabalhar no sertão." Eu perguntei: "Quanto estão oferecendo?" Ele respondeu: "Duzentos e cinquenta mil cruzeiros como pesquisador e duzentos e cinquenta mil cruzeiros pelo convênio com a SUDENE [Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste]: quinhentos mil cruzeiros". O salário como técnico de laboratório, nível II, no laboratório onde eu trabalhava era de 136 cruzeiros.

Eu olhei assim e disse: "Roedor, o que é roedor?" Eu sabia pela zoologia, mas pensei: "Vou lá !" O dr. Frederico Simões Barbosa estava lá, moço ainda, e me perguntou: "Topa morar no sertão, trabalhar no sertão?" Respondi: "Agora mesmo! Quando começa o trabalho?" Estávamos no mês de maio e ele disse: "Em junho. Topa?" Respondi: "Onde assino?" Voltei para o Instituto de Micologia pensando: "agora dá para comprar um Gordini [marca de automóvel em moda, na época]. Não é possível que eu não compre um Gordini!" Fiz um ofício. "Ao magnífico reitor da Universidade Federal de Pernambuco. Eu, Célio Rodrigues de Almeida, técnico de laboratório nível II, matrícula ... lotado no Instituto de Micologia, tendo ingressado desde 1959 nesta universidade e tendo concluído o curso de bacharelado e licenciatura em história natural ... como a universidade não tem condições de me absorver e de me oferecer outras condições, solicito a minha demissão do cargo público."

"Voltei para o Instituto de Micologia pensando: agora dá para comprar um Gordini [marca de automóvel em moda, na época]. Não é possível que eu não compre um Gordini!"

Vejam a petulância do sujeito novo. Chegar a um lugar de técnico de laboratório nível II, da Universidade Federal de Pernambuco, por concurso público federal, e sair com um contrato através de serviços prestados no Aggeu Magalhães [CPqAM]. O diretor não aceitou. Mandou me chamar. Eu disse: "Estou saindo porque a universidade não tem condições para absorver a minha capacidade de trabalho". Só um mês depois a situação foi definida. Aí começou a minha história no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

O estágio no Rio de Janeiro

Era junho de 1965. A primeira data, se não me engano, é 1⁵ de junho. Cheguei lá [no CPqAM] e me explicaram: "Precisamos de um biólogo. Está chegando uma equipe francesa para fazer uns trabalhos sobre a peste no Brasil. Você vai ficar aqui no Aggeu. Vai fazer um levantamento bibliográfico do que existe sobre peste." Eu fiquei na biblioteca e comecei a fazer esse levantamento, esperando a equipe francesa.

A equipe francesa chegou e definiu-se que o trabalho ia começar em Garanhuns, Pernambuco. Comecei a ler, estudar tudo sobre o assun-

to. Começaram a aparecer as visitas e acompanhei toda a honra o dr. José Rodrigues da Silva, que era diretor do Pavilhão Carlos Chagas, no Rio de Janeiro; e ele veio para Recife com a equipe francesa. Fomos para Garanhuns e ele disse: "É necessário que você faça um estágio no Rio de Janeiro antes de começar esse trabalho" Mandaram-me para o Rio de Janeiro, para o Museu Nacional. Cheguei lá, me apresentei ao dr. Rodrigues e ele me mandou falar com o prof. Moojen de Oliveira, naturalista, o maior conhecedor da fauna rodentia, um homem espetacular.

Era a primeira vez que eu ia ao Rio de Janeiro. Foram trinta dias de aula e treinamento. Hospedei-me no Hotel Ferreira Viana, na rua Ferreira Viana, um hotelzinho ao lado do Palácio do Catete. Cheguei na varanda, abri a porta, olhei para a rua e todo mundo cantava "O calhambeque", música de Roberto Carlos. Eu nem sabia quem era Roberto Carlos, não era desta geração, estava com vinte e poucos anos... E todo mundo no Rio cantando "... meu calhambeque... meu calhambeque".

O museu ficava na Quinta da Boa Vista. Comecei o trabalho. O professor me recebeu e disse: "Aí está a coleção de roedores do Brasil. Em 1941 foi feito um levantamento: cinqüenta mil exemplares, de todo o Nordeste. Está aqui o material. Você tem um mês para aprender a sistemática dos roedores". Entregou-me ao sr. Cruz, que era o técnico.

la de manhã e voltava à noite. Havia um detalhe com o qual eu vivava: era o que se chamava paquera no Rio de Janeiro. A paquera, na época, não era como hoje. Tinham os "cabras" transando ali nos jardins, atrás do museu e nós, no intervalo, à tarde, olhando com o binóculo lá do segundo andar. Ficávamos olhando a turma por detrás das árvores. Então nós chamávamos de paquera. Era o *voyeur*. E eu solteiro, passei a gostar mais ainda do museu. A turma mais antiga dava dicas: "Sábado e domingo é que é bom !" Foi uma fase gostosíssima...

Quando faltavam quatro dias para terminar o estágio, o prof. Moojen, que ia sempre lá e orientava tudo, perguntou: "Já está pronto? Já conhece?" Eu disse: "Conheço de tudo aqui". Ele abriu a gaveta, pegou uns animais, espalhou na mesa e disse: "Agora você vai me dizer que animais são esses aí." Saí "desfiando". Ele me abraçou, deu parabéns e disse: "Você pode voltar para o Nordeste. Você já sabe muito!" Apresentei-me ao sr. Rodrigues da Silva e me mandaram de volta.

O início em Garanhuns

Foi um salto no escuro! Era um convênio com a SUDENE, a verba era, se não me engano, duzentos milhões de cruzeiros. Era dinheiro que não acabava mais! O maior dinheiro que já entrou no Aggeu Magalhães: duzentos milhões. O meu vínculo era por serviço prestado. Tinha um documento que dizia: "serviço prestado, sem vínculo empregatício, de acordo com uma lei de 1966". No fim do mês, eu assinava um recibo, nem imposto de renda descontava, e tinha um carimbo em cima, vermelho: "A Revolução é irreversível". Todo documento tinha este carimbo vermelho.

"A Revolução é irreversível". Todo documento tinha este carimbo vermelho".

Passei a ganhar quinhentos mil cruzeiros na época. Era muito dinheiro. Voltei para Recife com status de estágio no Museu Nacional do Rio de Janeiro e com uma declaração do professor de que eu estava apto a exercer a pesquisa. Cheguei a Recife e cadê o trabalho? Os pesquisadores só vêm no próximo ano. E me disseram: "Você vai para Garanhuns para estudar, ver o local de trabalho e começar a pesquisa" Tinha um laboratório de peste em Garanhuns, no extinto Serviço Nacional da Peste.

Fui para Garanhuns na segunda-feira de jipe, com o motorista. Ia segunda-feira à tarde e voltava sexta-feira. Ficava no Hotel Tavares Correia, mesmo tendo um irmão morando em Garanhuns. Tinha casa para morar, mas tinha que mostrar o status. Não pensei em economia, só em aproveitar aquilo que eu não tinha. Pesquisador não podia estar na casa de parente. Tinha que mostrar que era pesquisador e que era melhor do que todo mundo. Então o pessoal começou a me chamar de doutor. E perguntavam: "És médico?" "Não, biólogo." "O que é biólogo?" Aí eu tinha que explicar. "Mas por que te chamam de doutor?" "Não sei, não sou doutor! O motorista chamou, o outro ouviu e pronto. Os documentos oficiais tinham: "dr. Célio Almeida". Acharam-me com cara de dr. Célio Almeida. O apelido pegou.

Comecei a montar o Laboratório de Peste e iniciei a construção de um biotério, mas sem saber realmente o que queriam. E correu muita história até chegarem os franceses.

O prefeito doou o terreno, montamos a base, mandei cercar e esperei que eles enviassem o dinheiro do material. Foi no ano de 1965, de

65 até junho de 66. O ano todo para implantar esse laboratório em Garanhuns, para receber em 66 os franceses que viriam iniciar a pesquisa. Eu tenho ainda fotos da maquete, Esse laboratório foi comprado no Rio de Janeiro, pré-fabricado, e deveria ser transportado do Rio de Janeiro para Garanhuns. Ninguém sabe o que aconteceu, mas esse material começou a chegar em Garanhuns aos pedaços, horrível, com material mal feito. Nesse intervalo chegaram os franceses e não encontraram condições de trabalho. Até hoje ninguém sabe do destino desse material. Eu não mexi em dinheiro, não mexi em nada, apenas estava lá, como administrador do Aggeu Magalhães. Ia para lá fazer os pagamentos, fazia tudo e não tocava em dinheiro. Recebia minhas diárias, recebia meu salário para estar lá administrando.

O Aggeu Magalhães [CPqAM] comprou na época, com esse dinheiro, um caminhão, seis jipes e uma Rural Willis. O Aggeu Magalhães foi montado com esse projeto. Ficava na rua do Espinheiro e estava caindo aos pedaços por falta de verbas.

Quando os franceses chegaram, eu já estava em Garanhuns esperando. Não encontraram o biotério, mas um laboratório que não era o que esperavam. Reavaliaram e resolveram pelos estudos epidemiológicos que o trabalho ia ser em Exu.

Me mandaram fazer o levantamento em Exu. Lá tinha uma escola agrícola [construída na década de 50] com uma área de 106 hectares na reserva florestal, vários pavimentos, pátio central, todo equipado: caneta, mata-borrão, clipe, cama, cozinha, roupa de cama, talher. Tinha tudo e não funcionava. O francês, muito vivo, dr. Baltazar, que era o chefe da equipe, tinha quase sessenta anos, homem forte, chegou, fez um levantamento epidemiológico da história da peste em Exu e verificou que era semelhante ao trabalho realizado no Irã. Eles tinham um trabalho muito profundo de pesquisa sobre a peste no Irã. Escolheram Exu como ponto de partida para essa pesquisa sobre a peste no Brasil, primeiro, porque ficava afastado dos grandes centros e, segundo, porque era afastado dos olheiros — aqueles pesquisadores que se aproveitam da situação e aparecem no trabalho. Ficava longe de tudo e dispunha dessa estrutura.

"Escolheram Exu como ponto de partida para essa pesquisa sobre a peste no Brasil, primeiro, porque ficava afastado dos grandes centros e, segundo, porque era afastado dos olheiros - aqueles pesquisadores que se aproveitam da situação e aparecem no trabalho".

Não tinha estrada nem asfalto para Exu, ficava a setecentos quilômetros de Recife. Era o fim do mundo, tinha até história de briga de família. Eu disse: "Vou para esse trabalho, mas antes vou me casar. Não vou para Exu solteiro." Já estava noivo e disse: "minha esposa vai trabalhar comigo." Em 1965, quando estava montando a estrutura, pediram dois biólogos e o rapaz que foi era muito burguês. Não estava acostumado à vida dura. Quando foi visitar Exu, desistiu. Minha noiva entrou substituindo este colega. Pensei: "Agora dá certo, ela com o seu salário, eu com o meu. Os dois formados, querendo fazer pesquisa. Começaríamos bem uma vida."

A mudança para Exu

Um dia cheguei no Aggeu [CPqAM] e encontrei o diretor, dr. Frederico e Arruda, o administrador, com o caminhão cheio de material para levar para Exu. O dr. Frederico disse: "Você tem que ir hoje para Exu. Eles vão chegar [os franceses] e tem que estar tudo em Exu esperando." Eram 11 horas da manhã e quando terminaram de carregar o caminhão eram cinco horas da tarde. Apanhei minha esposa. Já eram sete horas da noite e na boléia do caminhão íamos eu, Alzira [Paiva de Almeida] e o motorista. Este com a maior raiva do mundo — funcionário público, já estabelecido, oito horas da noite saindo de Recife num caminhão para Exu.

É uma coisa que até hoje não entendi. Parece que escolheram o pior motorista para essa viagem. Quando chegamos em Vitória de Santo Antão, a quarenta quilômetros de Recife, o motorista disse: "Bom, eu não viajo à noite." Saí daqui, num caminhão, oito horas da noite, para chegar em Vitória de Santo Antão e o motorista parar e dizer: "Eu não viajo de noite, só viajo de dia." Eu respondi: "Rapaz, por que você não disse isso lá? Agora vamos procurar um lugar para dormir." O cara foi parar em uma pensão, para dormir, dentro da zona de Vitória de Santo Antão! Eu não sabia de nada. Aí descobrimos que era uma pensão de rotatividade. Ficamos eu e a minha mulher sentados numa cama, os dois de lado, porque a cama era horrível, até que o dia amanhecesse para seguir viagem. Estávamos amarrados na mão do motorista. Eu não tive idéia nenhuma de dizer: "Não! Você fica aqui, eu vou pegar um carro, um táxi." Estava tão doido para chegar a Exu! Gastamos dois dias para chegar a Exu. Viajavamos durante o dia e à noite parávamos numa cidade. Chegamos em

Ouricuri, a quase seiscentos quilômetros de Recife, faltavam sessenta para chegar a Exu, tudo de terra batida. Aí apareceu um rapaz vendendo um gato maracajá. Eu comprei o gatinho e chegamos a Exu: eu, Alzira, o motorista e um gato. Chegamos puxando um gato pela corda. Não foi nem um cachorrinho. Quando chegamos lá na casa que eu tinha deixado para pintar, ela estava do mesmo jeito. Aí a mulher olhou assim, sentou na bagagem, começou a chorar: "Quero ir para casa! Voltar!" Eu disse: "Agora não volta mais não, já veio até aqui."

O começo em Exu

Começou então um trabalho muito pesado, porque era uma região completamente inóspita. Na época, 1966, não existia eletricidade, não existia água, e ninguém sabia o que era televisão.

Dentro desse contexto de falta de tudo, de comunicação até com a administração do Aggeu Magalhães [CPqAM] em Recife, utilizava-se um sistema de radioamador ou telegrama. Recife ligava para mim, comunicando algum detalhe do trabalho ou da parte administrativa, um rapaz recebia o recado e mandava o moleque lá me chamar. Eu me deslocava da escola agrícola, onde estávamos situados, que ficava mais ou menos a um quilômetro - a escola agrícola não era no centro da cidade - e ficava aguardando esse telefonema.

Imaginem a dificuldade que tivemos para administrar um projeto com uma equipe de fora, estrangeira, que escolheu essa área pela dificuldade geográfica e também porque no levantamento epidemiológico da história de casos humanos de peste no Brasil ficou demonstrado que, toda vez que ocorria peste, os primeiros casos eram naquela região.

A escolha dessa localização foi porque lá parecia ser um foco fechado de peste que se poderia estudar devido a barreiras ecológicas em torno da área. A cidade de Exu fica localizada no pé da serra do Araripe, uma chapada sedimentar com duzentos quilômetros de extensão e quarenta de largura, e a uma altitude de aproximadamente setecentos metros. No sopé dessa chapada, que é uma zona agrícola, tinham os brejos onde ocorriam os casos de peste. Historicamente, desde 1917, os primeiros casos de peste aconteceram em Exu. Essa chapada era circundada pela caatinga, pelo sertão.

"A escolha dessa localização foi porque lá parecia ser um foco fechado de peste, que se poderia estudar devido a barreiras ecológicas em torno da área".

E qual era o objetivo desse trabalho? Na época, existia uma controvérsia entre os pesquisadores, os pestólogos brasileiros. Aliás, era dogma mundial que a peste era uma doença de roedores domésticos e não de roedor silvestre. Os roedores silvestres se contaminavam a partir dos roedores domésticos. Então todo caso humano de peste no Brasil, historicamente, era doméstico. Até esse grupo comandado pelo dr. Baltazar, da Organização Mundial de Saúde [OMS], no trabalho no Irã, demonstrar que a peste era silvestre. E era por isso, talvez, que todas as campanhas contra a peste no Brasil ainda não tinham surtido efeito, nem evitaram grandes epidemias, porque o trabalho era estritamente direcionado aos roedores domésticos. E ele queria provar que a peste no Brasil estava relacionada à transmissão por roedores silvestres.

Os pestólogos brasileiros formados pela escola de Manguinhos, em 1941, no grande curso de microbiologia para médicos, iam fazer esse curso para trabalhar na campanha contra a peste, que era isolada, anteriormente. Era a Campanha Nacional contra a Peste. As campanhas eram baseadas no trabalho de combate à febre amarela, na época comandado pela Fundação Rockefeller. Era um sistema paramilitar. Era um trabalho ritual; só seria modificado de cima para baixo. Nenhum guarda, nenhum médico, nenhum técnico poderia fazer nada que não estivesse dentro das normas, dos parâmetros estabelecidos pelo superior.

A entrada da peste no Brasil

Vou começar por uma história, para podermos chegar ao estudo que foi realizado em Exu. A peste no Brasil foi 'importada' na última pandemia, em 1898. Entrou pelo porto de Santos em um navio vindo da Argentina, que já tinha ido a outros lugares. Morreram várias pessoas. No Brasil, ninguém sabia que doença era essa que estava grassando em Santos. E a peste é milenar. Estava presente na Europa, Ásia e África, mas o médico brasileiro não sabia o que era peste. Escreveram para o Instituto Pasteur, em Paris, pedindo um microbiologista de lá para vir estudar isso. Eles escreveram dizendo que não precisava mandar ninguém de lá, porque no Brasil tinha uma pessoa que conhecia o assunto e chamava-se Oswaldo Cruz.

O presidente do Brasil na época era, se não me engano, Rodrigues Alves. Rodrigues Alves perguntou ao ministro: "Quem é esse Oswaldo Cruz?" Localizaram Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e então ele foi desvendar o mistério daquele mal. Ele realmente chegou lá [em Santos] e conseguiu isolar o bacilo pestoso, provando que era peste. Foi então que a Fiocruz começou, na realidade, a grande pesquisa, o grande trabalho. A primeira publicação foi sobre a peste. Então foi fundado o Instituto de Soroterapia, porque o único tratamento que existia era o soro. A peste foi a mola mestra.

E a peste então se alastrou a partir do porto de Santos, logicamente por via marítima, e em todos os portos do Brasil houve casos de peste. Começou por Santos, depois Rio de Janeiro. Com uma centena de casos logo no começo do século, em 1901, Oswaldo Cruz apavorou-se e teve que fazer uma campanha para combater a peste bubônica, uma coisa nova. Começou a estudar, ler e verificar que realmente era uma doença que tinha matado um quarto da população da Europa, na Idade Média. E essa se caracterizou como a última pandemia, a terceira que atingiu realmente todos os continentes, inclusive o americano.

Acreditamos que isto não irá acontecer mais, porque a Segunda Guerra Mundial veio resolver esse problema da importação da peste. Antes os navios eram de madeira, não havia higienização nem trabalho de dedetização, não sabiam o que era inseticida. Esses navios eram portadores de ratos, e principalmente ratos domésticos que vinham da África para o Brasil, ou da Europa. Com a Segunda Guerra Mundial, esses navios foram todos remodelados.

Mas a peste estava também no Rio de Janeiro, cidade turística, capital do Brasil, e era preciso combatê-la. Já se sabia, logicamente, que a transmissão era através das pulgas, através dos roedores: o roedor está doente, a pulga pica o roedor e daí pode picar qualquer mamífero, transmitindo a peste.

Inúmeros casos humanos ocorrendo dentro da cidade do Rio de Janeiro. E o que chama atenção na campanha de Oswaldo Cruz é que ele começou a fazer um trabalho de desratização, no Rio de Janeiro. E não existia dedetização, não tinha nada, era na base de matar os ratos e, para isso, teria que capturar o animal. E como era impossível fazer esse trabalho foi criada uma campanha em que as pessoas entregavam o rato à carrocinha ou ao guarda. Os guardas sanitários da época vinham pela cidade recolher os ratos que a população ia entregando, e se pagava um tostão por cada rato. Em um belo dia, um sujeito chegou em um órgão

público com um recibo, eram os vales para receber a quantia de dez mil contos de réis pelos ratos, imagine! O rato custava um tostão. E perguntou-se: "Como é que ele conseguiu capturar todos esses ratos?" Foram verificar e ele tinha uma criação de ratos em Niterói e todo dia entregava os ratinhos lá. Essa história ficou célebre e pararam a campanha, porque não havia dinheiro para pagar tanto rato. Era uma mina, na realidade, criar ratos e entregar na carrocinha.

O que também chamou atenção nessa grande campanha, que vamos chamar de desratização mecânica, era que vinha um sujeito com uma cometa, uma flautazinha, tocando, avisando que a carrocinha ia passar. E isso foi até motivo, se não me engano, de uma marchinha da época, acho que dos primeiros anos desse século. Se não me engano a música era assim: "Rato, rato, rato, por que motivo tu roeste o meu baú?". Ela foi baseada no cara da flautazinha que vinha, anotava, dava um recibozinho para depois receber o dinheiro.

A campanha estava paralisada e a peste continuava. Não tinha meio nenhum, ninguém sabia como tratar. Não tinha antibiótico. O tratamento era na base da soroterapia ou outros medicamentos paliativos como tratamento de febre etc. E a peste começou a se alastrar, chegou aqui em Pernambuco. O primeiro registro foi num escritório de advocacia. O advogado contraiu peste e morreu, em 1902. Aí surgiram outros casos e então Pernambuco começou a entrar nas estatísticas de casos de peste no Brasil.

Em todo o Brasil ocorreram esses casos. Então essa primeira fase, que chamamos de fase portuária da doença, começou a se alastrar por via férrea, para o interior do país. Então veio a chamada fase urbana ou urbanização da peste. Ocorreram casos de peste em 1902, 1911, 1914, 1917 desde Recife até municípios distantes, a trezentos ou setecentos quilômetros da capital. Em 1927, ocorreu a peste de Triunfo, onde morreram mais de mil pessoas. Um município pequeno, uma área de agricultura exclusivamente canavieira - porque a serra do Triunfo fica dentro do sertão - era mata, mata e zona canavieira.

"Ocorreram casos de peste em 1902, 1911, 1914, 1917 desde Recife até municípios distantes, a trezentos ou setecentos quilômetros da capital. Em 1927, ocorreu a peste de Triunfo, onde morreram mais de mil pessoas."

E a peste continuou, apareceu lá no fim do estado, já no Piauí, no Ceará. Então encontrou a chapada do Araripe, que era lugar ecológica-

mente favorável à manutenção dessa doença. Tinha clima favorável, um período de inverno bom, lavoura boa, água, tinha roedor silvestre e a peste passou a coexistir com as populações silvestres.

O surto da década de 1930 e a criação da Campanha Nacional contra a Peste

Entre 1930 e 1936 aconteceu um grande surto. Muita gente morreu de peste no Brasil, o índice de mortalidade foi alto. Aí chegou o antibiótico, o inseticida, e se racionalizou mais o trabalho. Era um trabalho muito rigoroso. O material era coletado e vinha para o laboratório urbano, em Recife, para examinar. Quando davam o resultado é que iam tratar. A peste é uma doença de alta mortalidade, com um período de incubação de seis dias, os primeiros sintomas surgem em 48 horas e o indivíduo pode morrer em cinco dias. Muitos pacientes morreram sem tratamento porque o guarda não podia administrar o medicamento e o médico também não; era um caso suspeito, tinha que ter a comprovação laboratorial para tratar e isso causou muitos mortos.

"A peste é uma doença de alta mortalidade, com um período de incubação de seis dias, os primeiros sintomas surgem em 48 horas e o indivíduo pode morrer em cinco dias."

Mas toda campanha no Brasil ocorreu, principalmente, depois da criação do Serviço Nacional de Peste, com a grande campanha em 1941, porque até 1940 eram os estados que cuidavam da doença no país. Não havia um sistema formal de campanhas.

Em 1941 foram criadas as campanhas nacionais [Campanha Nacional contra o Câncer, Campanha Nacional contra a Tuberculose, Campanha Nacional contra a Peste etc] e, em 1960, se não me engano, foi criado o DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais] e depois a SUCAM [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública], atual Fundação Nacional de Saúde. Então, essas campanhas foram sendo verticalizadas. E a campanha de peste foi muito importante. Foi feito um grande trabalho de levantamento de roedores, pelo dr. Moojen, em todo o Brasil. Foram coletadas mais de cinquenta mil espécies de roedores. Todos esses exemplares foram classificados. A maioria deles está no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Foram preparados grandes laboratórios nas regiões onde havia peste, com toda uma estrutura só para isso: guardas, médicos. E então

começou um trabalho de combate a peste, porque ela já estava se alastrando em todo o interior de Pernambuco. O trabalho consistia no tratamento do doente, notificação de tratamento de doente e desratização, que era feita caçando o animal, porque não tinha outra maneira. Utilizava-se, também, o lança-chamas. Quando surgia algum doente, ele era tirado de casa, metiam o lança-chamas e acabavam com a casa, porque tinham que acabar com o foco de peste. Então a pessoa perdia a casa. Não sei se era indenizada ou não.

Esse lança-chamas era utilizado para destruir as tocas dos roedores ou queimar a casa dos pacientes pestosos, porque não tinha inseticida para acabar com as pulgas. Depois disso usava-se o querosene com sabão e água, colocavam na casa para matar as pulgas. Com a Segunda Guerra Mundial surgiu o antibiótico, depois o inseticida principalmente o DDT [diclorodifeniltricloroetano]. Em 1947-49 o Brasil já o estava utilizando. Começaram a utilizar o DDT para acabar com a pulga e, posteriormente, todas as campanhas passaram a utilizá-lo. Era altamente poluente, causava intoxicação e poluía o ar. Muitos guardas ficaram completamente inválidos pela ação tóxica do DDT. A campanha ficava restrita aos laboratórios de Recife, Garanhuns e Triunfo, voltada para os exames dos roedores domésticos e dos doentes, toda vez que surgia esse ciclo. A peste obedece a um ciclo sazonal e histórico, que varia de dois a dez anos. Por isso a epidemia tinha períodos de interrupção e talvez não fosse nem o controle, mas a própria doença que havia completado esse ciclo.

A incorporação da Campanha Nacional contra a Peste ao DNERu

A campanha estava assim: tinham muitos médicos, todas as equipes formadas, viatura e um laboratório bem montado. Como a peste deu uma 'esfriada' acharam que tinham controlado a doença no Brasil. Ao ponto de o ministro da Saúde, em 1958, se não me engano era Mário Pinoti, decretar que não tinha mais peste no Brasil. Os casos que aparecessem esporadicamente não seriam notificados; erradicaram a peste no Brasil. Isso significou a quebra dos laboratórios, a retirada dos médicos para outras campanhas e a permanência de um serviço muito elementar mantido por guardas ou algum médico dedicado dentro de cada distrito que atendia esses casos. A Campanha Nacional contra a Peste foi incorporada ao DNERu, fazendo parte de uma das endemias. Perdeu a força de campanha isolada com toda a sua estrutura básica.

Em 1961, a peste recomeçou nas mesmas localidades aqui em Pernambuco, no sertão e no agreste. Mas encontrou despreparados os laboratórios, o guarda e o médico. O gráfico do número de casos, no Brasil, em 1964, já estava no mesmo patamar das ocorrências de 1935. Nesse período de silêncio, pelo uso de inseticida e antibiótico, a peste diminuiu mas o trabalho também foi desativado; então ninguém sabe quantos casos ocorreram e não foram registrados.

"Em 1961, a peste recomeçou nas mesmas localidades aqui em Pernambuco, no sertão e no agreste. Mas encontrou despreparados os laboratórios, o guarda e o médico."

Os pesquisadores franceses em Exu

Quando surgiram esses casos de peste o dr. Baltazar, do Instituto Pasteur, foi convidado para investigar a questão da doença no Brasil. Ele veio, fez uma visita a todos os focos e terminou escolhendo Exu — a chapada do Araripe — como o ponto inicial de sua pesquisa. Isso gerou um problema administrativo, uma ciurme com os pestólogos daqui, porque mandaram buscar uma equipe de fora para estudar a peste no Brasil. Já havia a história do prof. Atílio Maquiarello, um argentino que veio ao Brasil fazer um estudo semelhante, que gerou polêmica com os pestólogos brasileiros. Quando os dois pesquisadores da França, chefiados pelo dr. Baltazar, encontraram essa animosidade dos pestólogos, os médicos antigos que eram os donos, os "papas" da peste no Brasil.

Os objetivos deste trabalho eram exatamente determinar se a peste no Brasil era doméstica ou silvestre. Isso era uma polêmica, porque os médicos desde 1941 trabalhavam num outro sistema. Mas o detalhe, na parte administrativa, é que o dr. Baltazar chegou certo de que estava tudo arrumado no Brasil e que ia encontrar médicos — os pestólogos — para trabalhar com ele. Mas a turma se reunia no Rio de Janeiro e, na hora que ele escolheu Exu, deixaram o homem sozinho.

"Os objetivos deste trabalho eram exatamente determinar se a peste no Brasil era doméstica ou silvestre."

Ele chegou a Exu, encontrou eu e Alzira, que tínhamos sido contratados como biólogos para aprender, para começar o trabalho junto com ele. Era a turma nova que iria fazer escola, e ele contava comigo, conta-

conosco. E o que aconteceu? A nossa malandragem de brasileiro - faz parte de nossa índole -, a maioria deles, não vou citar nomes porque não interessa, se utilizou desse projeto para ir visitar a Rússia, o Irã, passear em Paris, e prometendo mundos e fundos. Foram a Exu, inclusive, chegaram lá, acompanharam a equipe, e com oito dias desapareceram. Ficaram o dr. Baltazar, o dr. Bhamaniar, médico iraniano, o dr. Petter, ecologista do Museu Nacional de História Natural de Paris, o prof. Claude Quentin, parasitologista, o dr. Y. Karimi, médico iraniano, eu e Alzira. Nós sem sabermos falar francês.

Cheguei a Exu e contratei praticamente vinte pessoas para fazer o trabalho de campo. Depois o dr. Baltazar começou a orientar. Imagine, a setecentos quilômetros, os homens querendo comunicação com o Brasil, com o Rio de Janeiro ou com Recife e todas as dificuldades que tínhamos. Então começamos a improvisar o trabalho.

"E eu no meio dessa guerra sem saber do problema. Assisti a tiroteio e fui a muitos velórios."

E as polêmicas foram grandes. Eu e Alzira, numa situação difícil, tínhamos que agradar os brasileiros e a equipe francesa mesmo com as dificuldades que eles encontravam nesse trabalho. Mas o trabalho foi desenvolvido e ocorreu um problema seríssimo, porque nós chegamos na época das grandes brigas de Exu. Sem conhecer nada, sem conhecer as famílias - Alencar e Sampaio - ele nos chamavam para render homenagens: "doutor" para lá, "doutor" para cá; cada um queria mostrar serviço, e a briga entre eles pesava mesmo. E a equipe que eu formei foi contratada com pessoal das duas famílias; e eles andavam armados dentro da viatura. Tinha a escalação dos sítios: para tal sítio, tal guarda não podia ir porque era do outro. E eu no meio dessa guerra sem saber do problema. Assisti a tiroteio e fui a muitos velórios. Como já tinha uma certa experiência de cidade do interior, fazia amizade com um e com outro. Logicamente não podia ficar no meio do caminho, tinha que tomar um partido (não um partido político) e me aproximei de uma das famílias. Um dos meus colegas lá da Casa do Estudante era filho de Exu e médico; e estava trabalhando lá como médico. Depois ele foi obrigado a fugir da cidade. Então, realmente, encontrei apoio nessa família, e a outra ficava tentando me conquistar.

A caça ao rato silvestre

Nosso trabalho era pesado. Saíamos de manhã com duas mil ratoeiras, distribuíamos as ratoeiras no campo e à tarde voltávamos. Imaginem: uma região sem estrada, com "caminhos" para chegar em determinado ponto, e a dificuldade desse pessoal trabalhar. Era um pessoal sem instrução, já numa faixa etária de mais de vinte anos, agricultores sem instrução nenhuma. As ratoeiras eram distribuídas por um critério de varredura: colocava-se uma ratoeira numa localidade, no outro dia mudava-se para outra localidade e assim pudemos ir conquistando esse espaço. Chegamos à conclusão, como resultado do trabalho, que já conhecíamos a principal espécie de roedores em área rural e qual o tipo de armadilha, de ratoeira, que seria importante para esse animal. Só esse tipo de trabalho levou uns dois anos de pesquisa.

Nós detectamos peste silvestre, isolamos o bacilo pestoso (*Yersinia pertis*) entre as várias espécies de pulgas dos roedores silvestres, e ficou definido, nos primeiros relatórios, que a peste no Brasil era silvestre. Isso já causou rebuliço. Tinha também um trabalho de epidemiologia: rastreamento dos casos humanos de peste e conhecimento do foco de peste, porque ninguém conhecia um foco de peste no Brasil. Não existia nenhum trabalho de foco mostrando a propagação de peste no Brasil.

"Nós detectamos peste silvestre, isolamos o bacilo pestoso (*Yersinia pertis*) entre as várias espécies de pulgas dos roedores silvestres, e ficou definido, nos primeiros relatórios, que a peste no Brasil era silvestre. Isso já causou rebuliço."

Então os franceses se revezaram, a cada ano voltava um. Eu e Alzira ficamos lá "tocando o barco". Não tinha nada lá, então passamos a ser médicos, passamos a ser tudo na vida. Nós mesmos atendíamos os doentes, tratávamos e colhíamos o material. Tinha a parte de laboratório e a parte de campo. Eu fiquei com a administração do pessoal de campo, porque era a minha área, de ecologia e roedores, e Alzira ficou com a parte de microbiologia, no laboratório, realmente do que ela gostava. Então o trabalho ficava dividido e a rotina era pesadíssima, porque chegavam com essas ratoeiras todas, mais ou menos às nove, dez horas da manhã no laboratório, descarregavam e voltavam para fazer nova mudança. Tínhamos que trabalhar com esse material à tarde porque à noite não tinha eletricidade. Nós tínhamos um motor a óleo diesel da própria

escola, e conseguíamos ter umas duas horas de eletricidade durante a noite. Aí fazíamos trabalho de bacteriologia, mas no começo não tinha chegado estufa, e improvisamos. Tinha muito trabalho improvisado. Mas tinha o microscópio, que era a base, o mais importante, e tinha o meio de cultura, e começamos o isolamento. Desse modo, nosso trabalho começou a ser divulgado, e passamos a trabalhar e a expandir as ações em torno da chapada do Araripe, atingindo o Piauí, o Ceará e a serra do Triunfo.

A crise financeira

Surgiu um detalhe administrativo. Um belo dia recebi um telegrama dizendo que não tinha mais dinheiro para pagar o pessoal. Eu, com vinte homens trabalhando, senti que não podia parar, porque eu trabalhava com responsabilidade, não só internacional, mas perante os outros. Fui ao comércio local, falei com os fornecedores que me responsabilizaria; quando chegasse o dinheiro do pessoal eles seriam pagos. Poderiam vender na base da "caderneta" (anotado para pagamento posterior). Foi um ato muito perigoso, mas eu confiava. Para encurtar a história, passamos sete meses sem receber dinheiro. Com vinte homens trabalhando, todo mundo comprando na caderneta em cada local. Um belo dia foi resolvido, se não me engano só se passaram sete meses, e conseguiram uma verba. Depois passou para a Fiocruz e melhorou, já se conhecia o pessoal do Rio de Janeiro, já havia um relacionamento bom, porque tinha o dr. Celso Arcoverde [sanitarista do DNERu, especialista em peste], e o diretor do INERu [Instituto Nacional de Endemias Rurais], médico e um dos maiores pestólogos que o Brasil teve. Arcoverde era contra esse trabalho, mas dava todo o apoio. E tivemos visitas importantes em Exu: o pessoal do Rio de Janeiro, para conhecer esse trabalho, como críticos, por curiosidade, ou se aproveitando da coisa toda. Em Exu não tinha hotel, e quando iam visitas, logicamente, tinham que ficar na nossa casa.

Na época eu era empolgado, novo, com um trabalho direito, que eu gostava, um trabalho de campo. Trabalhava sábado, feriado, dia santo, quando se parava algum dia era quando o trabalho diminuía, porque não tinha realmente o que fazer. Então, fim de semana, um sábado e domingo, ia tomar banho numa bica, ia a uma fazenda convidado para o almoço. Era o máximo que fazíamos. O que ajudou muito na parte comercial do trabalho foi o Crato, que era próximo, a 60 quilômetros, e já tinha certa

estrutura. Não tinha asfalto, era estrada de barro, mas íamos toda semana, fazer compras, consertar o carro etc. Porque Exu não tinha nada; nenhuma loja que emitisse nota fiscal. Para fazer qualquer compra lá, usávamos uma "química" para transformá-la em serviço de terceiros para facilitar.

Tinha uma feira no Crato onde fazíamos compras. Pedíamos ao mascate, que trazia mercadorias para a feira de Exu, que trouxesse verduras. O pessoal da cidade não sabia o que era uma cenoura ou batata-inglesa! Começamos a tentar modificar um pouco essa estrutura. Fomos obrigados a ensinar no colégio. Ensinávamos francês, matemática, biologia, tudo para ajudar o colégio a formar aquele pessoal.

A ausência dos pesquisadores franceses

O trabalho foi prosseguindo, com dificuldades desse nível, e em 1967, ou 1968, não me lembro mais, foi se desenvolvendo e começamos a escrever um relatório. Até 1967, ou 1968, os franceses estavam lá. Depois ficamos sozinhos: eu, Alzira, os guardas e o motorista para "tocar" esse plano de trabalho. Todo mês mandávamos os relatórios para a França e, circunstanciados nos resultados, eles nos orientavam de lá no que íamos fazer.

Em 1971, o dr. Baltazar morreu. Ele esteve em Exu, fez uma visita e, de volta para a França, teve um câncer pulmonar e morreu em dois meses. Ficamos órfãos, pois ele era o único que nos defendia. E entre os iranianos, com a Revolução do Irã, um foi exilado e outro ficou sem poder sair de lá, porque era a favor do Xá. Aí perdemos o contato com esse pessoal. Quem assumiu no Instituto Pasteur a parte de epidemiologia foi o dr. Mollaret, epidemiologista, substituindo o dr. Baltazar. Mas não contribuiu com muita coisa.

"Modificamos com essa pesquisa todos os tabus que existiam no trabalho sobre a peste. Muita gente ficava criticando, não gostava do trabalho ou queria acabar com ele."

Esse trabalho saiu do perímetro de Exu. Fizemos toda a chapada do Araripe e trabalhamos em Triunfo. Fizemos expedições à serra da Ibiapaba, no Ceará, onde estava ocorrendo outro surto de peste. Saí de Exu com duas viaturas, o microscópio, todo o material e fomos a Guara-

ciaba do Norte (CE). Passamos um mês lá na chapada da Ibiapaba, encontramos roedores infectados, elucidamos o problema e voltamos.

Modificamos com essa pesquisa todos os tabus que existiam no trabalho sobre a peste. Muita gente ficava criticando, não gostava do trabalho ou queria acabar com ele.

O primeiro congresso científico na área de peste

O que modificou muita coisa foi o Congresso Brasileiro de Medicina Tropical em Fortaleza, em 1971. Congresso de doença tropical. Fui convidado, já com o pessoal cobrando que tínhamos que apresentar o resultado do trabalho. Preparei, se não me engano, sete trabalhos. Peguei o carro do Aggeu Magalhães [CPqAM] e saímos de Exu para Fortaleza, para o congresso. Era a primeira vez que ia apresentar os trabalhos de Exu. Cheguei lá e estavam todos os pestólogos reunidos: a turma que estava criticando, mas que não conhecia o trabalho de Exu. Uns conheciam, outros não.

Inocente, cheguei, e estava o diretor do Aggeu Magalhães [CPqAM] da época, o dr. Saul Tavares de Melo, e esse pessoal todo reunido para acabar com o trabalho. Eu era um palestrante numa mesa-redonda. Comecei a traçar os tópicos do que se fizera em Exu até aquele momento: era uma prestação de contas à sociedade científica, e senti que o circo estava armado. Quando terminei minha palestra, o dr. Marcelo Guimarães levantou-se e desceu a lenha no dr. Baltazar e no trabalho de Exu. Ele era do Ceará, foi delegado federal de saúde e pestólogo e era dele o único livro sobre a peste no Brasil, *A peste bubônica*, onde retrata toda a história da peste no país. Acompanhou as epidemias de peste no Ceará e era um dos que não acreditava que a peste era transmitida através da pulga do roedor silvestre. Senti que tinha caído numa armadilha. Eu, um homem experiente, do ponto de vista do trabalho, saí para o congresso vibrando, para mostrar o que se fizera, chego lá e encontro um negócio pesado desse. Senti o problema, me levantei e disse: "Bom, a partir de hoje, não vou participar mais do congresso. Os sete trabalhos que eu trouxe não vou apresentar, porque não fui convidado para ouvir coisas contra aquela pessoa [dr. Baltazar] que ajudou o trabalho em Exu. E o senhor, que nunca foi a Exu, não pode discutir o trabalho dele, não pode dizer que está errado. O que eu posso fazer é convidá-lo para ir a Exu ver os nossos trabalhos."

A discussão era sobre a transmissão. Diziam que a peste não era silvestre, que a pulga silvestre não era boa transmissora. O dr. Rolando Simon, de Maceió, tinha feito um trabalho experimental provando que essas pulgas não tinham valor nenhum, não podiam ser consideradas um bom vetor. Mas era somente uma questão de metodologia. Nós tínhamos uma criação de pulgas que se encontrava na 18- geração, para fazer teste de sensibilidade a inseticida. Essa criação de pulgas existe ainda hoje no Aggeu Magalhães [CPqAM]. Não as mesmas de Exu, lógico, mas outras para trabalhos experimentais. Então tínhamos um embasamento científico muito grande, porque era um trabalho do dia-a-dia. Diante disso, falei que não iria mais freqüentar o congresso.

Peguei o carro e fomos para a praia. Estávamos eu, Alzira, Darci Pascal Brasil, biólogo contratado para compor nossa equipe e que tinha ido conosco ao primeiro congresso, e o motorista. O carro na porta e a gente comendo uma "peixadazinha". Quando eu olho, aparecem três carros pretos oficiais: um do diretor regional da SUCAM do Ceará, no outro o dr. Celso Arcoverde, e um terceiro com o dr. Saul Tavares. Chamaram-me para apresentar o trabalho. Eu disse: "Não, não vou não. Não vim aqui para isso. Não tenho obrigação de acompanhar vocês. Não vou de jeito nenhum!". Aí foi um "bate-boca" com o dr. Celso Arcoverde. E à noite as autoridades foram lá no hotel me chamar para participar, dizendo que o dr. Marcelo iria rever aquela sua posição. Respondi: "Não vou mais de jeito nenhum. Agora eu já disse e não vou mesmo. Vou recolher o meu trabalho para Exu." Deixei que terminasse o congresso, não apresentei nenhum trabalho e voltamos para Exu. E pensei: "agora seja o que Deus quiser". Já estava sem muita estrutura, com dificuldades para conseguir dinheiro para continuar as pesquisas.

O reconhecimento científico

Voltamos para Exu e um belo dia chegaram, no fim de semana, o dr. Frederico Simões Barbosa, o dr. Celso Arcoverde - que estava respondendo pelo INERu - e outro pessoal para avaliar os trabalhos. Expus todos aqueles trabalhos que iam ser apresentados no congresso. Eles fizeram um plano de levantamento dos dados e voltaram para o Rio de Janeiro. Conseguiram mais verba e daí em diante o dr. Celso [Arcoverde] começou a nos ajudar, tornou-se um grande amigo nosso. Ele nos convi-

dou para ir ao Rio de Janeiro, para conhecermos o INERu, e nos propiciou uma viagem a Friburgo para conhecer um foco de peste. E então começou essa aproximação. Aí viram a necessidade de melhorar o pessoal de Exu, dar maior qualificação para continuar com esse trabalho. E a missão dele em Exu, ele me disse depois, era acabar com o trabalho, mas quando chegou lá, em um dia de domingo, e nos encontrou trabalhando, desistiu. Que condições esse homem tinha para acabar com um trabalho desses? E ele passou a ser um padrinho nosso.

"Hoje em dia, se a pessoa fechar os olhos, em qualquer lugar desses, não sabe se está em Exu ou em Minas Gerais, porque a metodologia foi a mesma, visando colher dados e obter resultados científicos, para se entender os focos de peste no Brasil."

Começaram a perceber que o trabalho de Exu tinha consistência e estava começando a servir de modelo em nível nacional. Começaram a depender de nós: entrávamos com a orientação científica e a SUCAM com a estrutura logística. Dentro desse contexto, nós organizamos toda a estrutura do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco. A Bahia já tinha uma estrutura muito grande, mas ajudamos. Em Alagoas, tentei montar o esquema, mas não funcionou porque não tinha pessoal. E por último tinha o Rio de Janeiro, lá no foco de Friburgo que visitamos. A estrutura de lá também foi montada sob nossa orientação. O foco de Minas Gerais estava abandonado. Em 1989 estivemos lá, preparamos o pessoal que agora está com um trabalho independente. Hoje em dia, se a pessoa fechar os olhos, em qualquer lugar desses, não sabe se está em Exu ou em Minas Gerais, porque a metodologia foi a mesma, visando colher dados e obter resultados científicos, para se entender os focos de peste no Brasil.

Começamos a ser conhecidos pela Fiocruz, graças a um dos maiores presidentes da fundação, o dr. Vinícius da Fonseca, economista, mas um homem que teve visão administrativa. Pegou a fundação acabada, depois da gestão do dr. Rocha Lagoa. A fundação estava morta, não tinha mais nada lá e ele a dinamizou. Se não me engano, ele era afilhado de um ministro, que era seu parente e deu toda a força. Eu chegava ao ponto de receber telegrama em Exu convidando para reuniões no Rio de Janeiro. Inclusive, quando o Aggeu Magalhães ficou sem diretor e o dr. Dirceu Pessoa substituiu o dr. Saul [Tavares], nós fomos convidados, eu e Eridan [Coutinho], para indicar o novo diretor do Aggeu Magalhães. Indicamos o prof. Aggeu Magalhães Filho, que ainda estava na universida-

de, para ver se ele, junto com a universidade, poderia melhorar o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

Foi o grupo de Exu que manteve o Aggeu Magalhães [CPqAM] durante quase dez anos, publicando trabalhos científicos. O Aggeu Magalhães tem dez anos na sua história sem publicar trabalho, sem nada, e nós é que mantínhamos a produção. Com poucos pesquisadores, porque o Aggeu Magalhães foi desestruturado, muitos pesquisadores saíram e o substituto do dr. Frederico [Simões Barbosa] foi um sanitarista indicado pelo dr. Celso Arcoverde: dr. Saul Tavares de Melo, que era um homem direito, um sanitarista, mas não era um pesquisador. Ele dirigiu o Aggeu Magalhães durante um grande período e realmente houve uma queda da produção científica. Era pequeno o número de pesquisadores, tinham quatro, cinco ou seis: eu em Exu com Alzira, depois colocaram mais dois pesquisadores para nos ajudar em Exu e tinha aqui no Aggeu Magalhães, se não me engano, a dra. Eridan, o dr. Dirceu, poucos pesquisadores.

Uma das medidas econômicas mais importantes desse projeto foi a eliminação da aplicação de inseticida, como se utilizava rotineiramente: passamos a utilizá-lo somente quando era necessário. Baseado no teste que realizamos em Exu, de sensibilidade ao inseticida, demonstramos que as pulgas de casa estavam resistentes ao inseticida, ao DDT. Aí fizemos uma rotatividade no inseticida: passamos do DDT para um derivado do carbonato. Tinha um efeito residual mais curto, mas funcionava como inseticida. Outra coisa também é que, com a metodologia do trabalho, já sabíamos qual o roedor mais importante da transmissão da peste no campo. Em Exu hoje, uma equipe com viaturas, quatro guardas e seis ratoeiras cobre praticamente o município todo. Pela metodologia aplicada não precisaria trabalhar em toda a área, apenas por amostragem.

"No início do trabalho, quando colocávamos as duas mil ratoeiras, dependendo da época do ano, chegávamos a ter uma média de 40% de captura de roedores, isto é, cerca de 800 animais por dia."

A experiência em Paris

O trabalho começou a dar frutos, frutos nem sempre econômicos; fomos viajar para a França.

Na realidade, era para termos ido à Rússia. Existia um congresso itinerante na Rússia, não sei se quinquenal ou bienal. A Rússia é um dos maiores focos naturais de peste do mundo, atingindo parte do Irã, e lá tinha um instituto com pesquisadores trabalhando somente em peste. Os pesquisadores faziam essa reunião para conhecer tudo que se fazia na Rússia. O nosso diretor [no INERu], não me lembro no momento se foi dr. Celso Arcoverde, fez uma solicitação para que participássemos desse curso. O pessoal da França também estava interessado que fôssemos conhecer mais um foco de peste, que era semelhante, inclusive, ao do Nordeste do Brasil.

Dr. Baltazar, que fazia parte da equipe francesa, do Instituto Pasteur de Paris, receberia um prêmio pelos seis ou sete anos que ele estava trabalhando em Exu. Nos preparamos, a documentação foi enviada, e um belo dia chegou a resposta dizendo que estava tudo pronto para irmos a esse congresso. Nós, "presos" em Exu, não tínhamos idéia do que podia ser uma viagem dessa. Estávamos vibrando com a oportunidade de conhecer a Rússia. Mas no momento que a documentação estava para ser preparada (como aqui em Recife não tinha consulado da Rússia, tinha que ser em Brasília), então as coisas começaram a complicar. Nós nos preparamos, preparamos *slides*, o material todo que podia apresentar, resumo dos trabalhos que já tínhamos apresentado aqui... Estávamos ansiosos para fazer essa viagem. Na hora do passaporte, recebemos a ordem para vir a Recife ver a "papelada". Nesse intervalo de vibração com a viagem surgiu o impasse: brasileiro nenhum, naquele momento, poderia ir à Rússia. Estava proibido, pelo sistema da Revolução. Brasileiro não poderia ir. Então nós ficamos com a passagem, sem saber o que fazer. Para não perder a passagem, resolveu-se que deveríamos ir para a França para fazer um estágio no Instituto Pasteur.

Fui com Alzira a Paris fazer esse estágio de três meses. Na realidade, oficialmente eram três meses, mas passamos seis meses na França. Alzira foi também como pesquisadora. Fomos trabalhar no Laboratório de Microbiologia do Instituto Pasteur com Michel Alonso, que hoje é um dos "papas" na área de biologia.

Passamos três meses fazendo turismo e trabalhando no laboratório. Comecei lá, nesse período, um trabalho de campo mesmo, no interior. Têm mais histórias. Um camponês me apresentou a uma pessoa: "Esse aqui é brasileiro". Ele olhou assim e perguntou: "E o Brasil tem

gente branca, é?" Perguntou onde eu morava, se o pessoal não tinha medo de andar na rua e encontrar jacaré, onça. Para o francês de classe média, agricultor, o pessoal do campo que nem sabe que existe Brasília, sabe que existe Brasil, mas não tem idéia nenhuma de capital, de área geográfica, isto aqui é terra de índio. Isso em 1975. Aí me perguntou: "É verdade que vocês lá usam café para aquecer as locomotivas?" E realmente aconteceu isso no Brasil. Eu disse: "Do mesmo jeito que nós, lá de Pernambuco, achamos que vocês em casa abrem a torneira e tomam vinho, que isso é mineral encanada". Ele começou a rir. Mas realmente houve esse processo no Brasil. No auge da produção de café, a safra era imensa, o preço ia lá embaixo e tinha que diminuir o estoque. Na França eles fazem muito isso com os cereais: sacodem no mar para poder controlar a produção. No Brasil usava-se o café nas "maria-fumaças" para queimar e servir de lenha para as caldeiras. Isso é o que se conta. Depois vem a parte da erradicação do café: erradicaram o café do Brasil todo para alguém poder ganhar dinheiro com isso. Agora estão replantando o café no Brasil.

Bom, tem um detalhe da França. Nós estávamos num laboratório e, nesse dia, avisaram que o ministro da Saúde do Brasil estava visitando o Instituto Pasteur. Era Paulo de Almeida Machado. Pela primeira vez fui apresentado a um ministro. Foi preciso ir até a França para ver um ministro do Brasil. O dr. Almeida chegou lá, nos apresentaram e ele se entusiasmou. Começamos a contar a história de Exu e ele perguntou: "Vocês têm condições de trabalho lá?" Eu respondi: "Não, trabalho na base do sacrifício, da disponibilidade do Aggeu Magalhães [CPqAM], da Fundação Oswaldo Cruz." "E o que vocês pretendem fazer?" "Estamos pensando em sair de Exu e ir para Garanhuns." Porque Garanhuns ficava mais próximo de Recife, a poucos quilômetros, e era também uma área de peste que não tinha sido estudada e tinha um laboratório de apoio. Aí ele disse: "Vou mandar construir um laboratório para vocês lá."

O laboratório de Garanhuns e a técnica americana

Fomos transferidos para Garanhuns e o plano era o seguinte: montar um laboratório central. A SUCAM, assumindo um contrato junto à Fiocruz, aparelhava o laboratório, e a fundação - o Aggeu Magalhães - daria a estrutura.

Fomos para Garanhuns. Um belo dia chegou um sanitarista de Brasília dizendo que tinham dado carta branca para construir um laboratório, no terreno que nós já estávamos trabalhando. Ele chegou e perguntou: "Como é que vocês querem o laboratório?" Traçou logo o mapa, me baseei um pouco no laboratório da [Universidade] Gama Filho. Traçamos um croqui do que era e entregamos a ele. Pouco tempo depois começou a se construir esse laboratório. Em menos de um ano estava construído e montado para fazermos pesquisa no campo da peste.

"Vieram pesquisadores dos Estados Unidos para fazer a parte de sorologia, porque o francês não acreditava na sorologia, na época um teste de cunho inespecífico."

Eu era coordenador do projeto. De vez em quando era chamado ao Rio de Janeiro para participar daquelas reuniões que seriam as câmaras técnicas hoje. Vieram pesquisadores dos Estados Unidos para fazer a parte de sorologia, porque o francês não acreditava na sorologia, na época um teste de cunho inespecífico. Mas o americano já estava fazendo a sorologia, que era identificação passiva, que dá o diagnóstico da peste sem precisar utilizar a bacteriologia, mais demorada, mais complicada. Surgiu, então, uma bolsa para Alzira estudar a parte de sorologia nos Estados Unidos e ela passou um mês lá.

Garanhuns começou a ser o ponto de atração. Já se podia ir visitar, tinha hotel cinco estrelas, era cidade de veraneio. Todo mundo começou a se interessar. Já valia a pena sair do Rio de Janeiro para ir a Garanhuns.

Chegamos em Garanhuns e começamos a pesquisar toda a área: 23 municípios. Comecei a andar e entender por que a peste tinha desaparecido da região do agreste. O último caso tinha sido em 1964, estávamos em 1975 e ainda não tinha nenhum registro de peste em Garanhuns. Começamos a trabalhar. Um trabalho também pesado, porque eram 23 municípios para se trabalhar ao mesmo tempo, e eu com apenas duas equipes. Mas tinha a experiência de Exu, já passei por tudo. A região de Garanhuns é uma região de transição: tem uma parte do sertão, outra do agreste e uma parte da mata.

Um dos motivos da peste não ocorrer mais no agreste é porque houve uma mudança de atividade: deixou de ter agricultura para ter atividade pastoril, por causa das fazendas. O pessoal comprava os sítios e transformava em fazenda. No momento em que compravam os sítios, tor-

nava-se um latifúndio e a primeira coisa que faziam era destruir as casas dos moradores. Não iam plantar nada, não precisavam ter casas. Contratavam um administrador a cavalo para tomar conta do gado, no máximo duas ou três pessoas. A área agrícola foi desaparecendo; os pés de serra que eram o celeiro de Pernambuco, de cereais, feijão, milho, foram desaparecendo. Encontramos ainda bolsões de agricultura, onde chegamos a encontrar peste. Mas, caso humano mesmo não ocorreu. Mas a peste não desapareceu.

Através da sorologia, mostramos que a peste estava circulando, e continua a circular em toda essa área do Brasil. Onde teve história de peste, ela continua circulando num nível muito baixo, que não dá para atingir a população humana. É um fenômeno ainda a ser estudado: você faz sorologia em carnívoro, principalmente gato e cachorro, e dá positivo. O americano utilizava esse método para pesquisar a epidemiologia. Em vez de capturar o roedor, o que dá mais trabalho, fazia a enquete sorológica. Então começamos a usar a sorologia também como uma arma para a pesquisa biológica. Acho que atualmente já existem mais de cem mil soros coletados, desde 1984, quando começou mesmo a fase da sorologia.

"Através da sorologia, mostramos que a peste estava circulando, e continua a circular em toda essa área do Brasil."

Nesse período Alzira foi para os Estados Unidos aprender a técnica de desenvolvimento do antígeno. Implantou-a no Brasil e conseguiu então, pela primeira vez na América do Sul, preparar o antígeno da fração F1 de peste. Neste ano [1966], ela passou quase dois meses no Peru, e lá foi produzido o antígeno. Na América do Sul, não conheci nenhum foco de peste.

A história de Garanhuns foi isso. O Laboratório Central de Peste de Garanhuns era uma mistura administrativa do Aggeu Magalhães e SUCAM. Começou a ser um laboratório-escola. Dávamos cursos em Garanhuns para o pessoal de todo o Brasil que estava interessado em peste e a profissionais que trabalhavam com roedores, em zoológicos. Tinha auditório, sala, tudo estruturado. Permanecemos em Garanhuns até 1982. Aquela foi uma fase áurea. Ficamos conhecidos e éramos chamados para dar palestras, e todo o pessoal do Brasil ficava sabendo que existia o laboratório com cursos e mais cursos. Convergiu o pessoal que trabalhava em outras áreas, em outras áreas de foco de peste, Ceará, Paraíba, Minas Gerais, Bahia, e o foco situado no Rio de Janeiro, na Serra dos Órgãos.

Esse pessoal começou a fazer estágio no laboratório de Garanhuns. Anualmente, se fazia um curso, não era propriamente um curso do ponto de vista acadêmico, mas era um curso de reciclagem, era um curso básico, de formação básica, de preparo, desde o guarda de campo, da captura de roedor, coleta de material, até o último nível de pesquisador. Todo o pessoal que começava a iniciar o trabalho em peste tinha que passar obrigatoriamente por Garanhuns, porque era onde tinha toda a estrutura montada, desde o trabalho de campo, de criação de animais, biotério, criação de pulgas, a parte de bacteriologia e de diagnóstico sorológico. Mesmo hoje pode-se considerar que todo o pessoal engajado na campanha de peste no Brasil passou pelo Laboratório Central de Garanhuns ou pelo Laboratório do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Com a nossa vinda para Recife, Garanhuns deixou de ser um laboratório de referência, do ponto de vista científico, e continuou a ser laboratório regional para diagnóstico. O Aggeu Magalhães [CPqAM], começou a centralizar a parte mais científica, mais dinâmica do programa, passou a ser o Centro Nacional de Referência.

O trabalho continua em Recife, desenvolvendo tecnologia de ponta, já com um trabalho mais avançado na área de genética, ou na área de biologia molecular, com a Alzira, que foi fazer o doutorado na França, com uma tese sobre biologia molecular. Depois da minha saída continua um grupo pequeno, mas é um grupo que é detentor hoje em dia dos conhecimentos básicos do que se fez e do que se faz em peste no Brasil.

Acho que essa contribuição foi muito grande e tenho a impressão de que, dentro do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, afora outras endemias que passaram a ser o ponto alvo do trabalho pelos novos pesquisadores, a peste deu uma grande contribuição o seu desenvolvimento. Pelo menos eu posso garantir que nos anos que se passaram, no período de 67, 68 até 70, até a transferência do Aggeu Magalhães da antiga sede do Espinheiro para a universidade, o maior conteúdo científico de publicação (que era exigência da Fundação), relatórios, foi minha contribuição. Eu posso dizer hoje, sem falsa modéstia, que nós garantimos a continuidade do Aggeu Magalhães naquele período em que a produção científica foi muito baixa. Foram quase dez anos do Aggeu Magalhães com problemas financeiros, com problemas de pesquisadores, de diretor, que talvez não fosse um verdadeiro pesquisador.

"As pesquisas em peste realizadas em Garanhuns e em Exu contribuíram muito para o progresso do Aggeu Magalhães."

Naquele momento, na gestão de dr. Saul [Tavares de Melo] e depois dr. Dirceu [Pessoa], tinha somente um trabalho com a dra. Eridan, que era voltado à pesquisa de nutrição, utilizando dietas em camundongos, analisando o questionamento de nutrição do homem. Havia também e o trabalho de esquistossomose realizado por dr. Dirceu e dr. Aggeu Magalhães [Filho], que era orientado por dr. Frederico [Simões Barbosa], que foi o trabalho de genética sobre colonização de caramujos, visando o controle ambiental, utilizando espécies resistentes. Esse trabalho durou mais de dez anos e foi um paralelo em relação à peste. Na realidade só tinham dois grandes projetos: esquistossomose e peste. Foi um período muito morto, se trabalhava muito, mas o trabalho científico chegou a um nível muito baixo. Com o aumento de pesquisadores, a partir de 82, 83, se desenvolveram outras atividades de pesquisa: a filariose, leishmaniose, doença de Chagas.

De volta a Recife

Garanhuns chegou num ponto que também não tinha mais condições para evoluir em pesquisas de ponta nas áreas de bacteriologia e biologia molecular. Precisava de tecnologia de ponta. Foi quando a fundação começou a se modificar também, na gestão do dr. Sérgio Arouca.

Quem não fizesse biologia molecular não era pesquisador. Aí começaram os meus problemas do ponto de vista psicológico: senti minha defasagem.

"Enquanto os colegas obtinham títulos fazendo mestrado, doutorado, estávamos em Exu; nosso "mestrado" foi em Exu."

Pedimos transferência para Recife. Em Garanhuns ficava o laboratório central e em Recife, no Aggeu Magalhães [CPqAM], seria o laboratório de referência, que ainda não foi montado.

Vimos para o Aggeu Magalhães; voltamos à origem. Deixamos Garanhuns [o laboratório] estruturado com a pesquisadora bioquímica, que nós formamos, na chefia. Em Recife assumi a chefia do Departamento de Microbiologia. Fomos designados pela Fundação Nacional de Saúde [FNS] para coordenar a Campanha contra a Peste em Pernambuco e coordenávamos também os laboratórios regionais de peste da SUCAM; todas as ordens e normas eram mandadas do Laboratório Central, daqui

do Aggeu [CPqAM]. De Recife começamos a coordenar todo o Nordeste. Onde tinha peste no Brasil enviavam material para ser diagnosticado, porque era o único lugar que fazia diagnóstico sorológico. Depois começaram a dar cursos para descentralizar.

O projeto inicial do Plano Piloto de Peste era permanecer seis meses ou um ano em Exu, realizar as pesquisas básicas e estava encerrado. Nós passamos 30 anos. A criação da Fiocruz absorveu o pessoal do Aggeu Magalhães que era do INERu, e passamos a ser funcionários da fundação. Dos três pesquisadores de Exu, eu me aposentei, Darci também, e Alzira continua de pé.

"O projeto inicial do Plano Piloto de Peste era permanecer seis meses ou um ano em Exu, realizar as pesquisas básicas, e estava encerrado. Nós passamos 35 anos."

Os focos de peste e o controle dos roedores

A ecologia da peste está relacionada a fenômenos mesológicos, e o recrudescimento dos surtos endêmicos e epidêmicos ocorrem em ciclos sazonais. Os focos naturais da peste no Brasil encontraram-se limitados em suas bases geográficas, desde sua origem.

No Brasil acham-se localizadas na região Nordeste, nos estados do Ceará, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais. Existe um outro foco de peste localizado na Serra dos Órgãos no Estado do Rio, nos municípios de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, focos esses sem ligação aparente com o foco mais próximo de Minas Gerais. Esses focos não se expandiram no decorrer dos anos, porque estiveram sempre limitados por condições geográficas e climáticas. Os principais focos são situados na região semi-árida.

Existe o que chamamos de barreira ecológica, por exemplo, nos focos daqui do nordeste eles estão situados em serras, que são circundadas por caatingas ou área inóspitas para a progressão de populações de roedores. Como exemplo citamos o foco na chapada do Araripe em Pernambuco e Ceará. Desde 1919, já havia história de peste nesta área e não conseguiu expandir-se além de seus limites geográficos.

Nenhum foco de peste foi extinto no Brasil. Não há possibilidade de se erradicar a peste. Em todo o mundo o que se faz é o diagnóstico da

infecção e o seu controle. Ela está ligada às faunas de roedores e pulgas, que enquanto existirem numa determinada região propícia à ecologia do bacilo, não se pode eliminá-la. Por exemplo, na Rússia se tentou fazer isso; tinha uma área na Rússia que sempre ocorria peste. Naquele momento se dizia que a peste estava contida no solo da toca dos roedores, que era uma das hipóteses para explicar a conservação do bacilo durante quase um milênio. Como era um governo totalitário que poderia mexer com todo o sistema administrativo, deslocou-se todo o pessoal da área e passou-se o trator em toda região agrícola daquele foco. Usou-se petróleo para poder eliminar essas tocas de roedores e eliminar assim as pulgas.

Dez anos depois, não sei precisar quanto tempo depois, a peste surgiu no mesmo lugar, da mesma maneira. É possível fazer um trabalho de desratização, que também foi usado muito nos Estados Unidos. Na Rússia foram usadas iscas envenenadas lançadas através de avião para diminuir a população de roedores. Realmente diminuí a população, a peste aparentemente desaparecia, porque se diminuía a população, diminuía a probabilidade de contato desses animais com o bacilo pestoso. Mas assim que essa população de roedor se recompõe, a peste retorna. A peste na Europa ocidental desapareceu porque eram os roedores domésticos os responsáveis pela manutenção da peste na área urbana. A peste de Londres, de 1665 era a peste negra, peste pneumônica; o bacilo pestoso infectava os pulmões e com a transmissão direta as pessoas morriam do dia para a noite. Naquela região, a peste não teve condições ecológicas de se manter. Mas aqui no Brasil não existe nenhum foco natural onde ela tenha se extinguido. Ocorreu como por exemplo na Paraíba, dez anos sem nenhuma ocorrência de caso humano, mas a peste está lá todo dia.

Hoje nós atravessamos uma fase de silêncio. Esse silêncio no Brasil tem variado de dez a 15 anos. Um belo dia, quando todas as condições forem propícias, um bom inverno, bom período agrícola, muitos cereais, população densa de roedores, população de pulgas, ocorrerá de peste. A dificuldade em relação à peste é porque se liga muito ao homem. Só se dá atenção quando o homem é acometido esquecendo-se dos roedores silvestres. É por isso que esse trabalho, se mantém, precariamente, hoje em dia no Brasil. Nos estados onde existe história epidemiológica de peste humana, encontram-se vestígios, através da sorologia em carnívoros. Os cães e gatos são como animais sentinelas, porque são resistentes ao

bacilo da peste e então, em qualquer momento, no campo eles podem entrar em contato com a pulga ou com roedores que tenham morrido de peste.

"Os cães e gatos são como animais sentinelas, porque são resistentes ao bacilo da peste."

Desde que a peste foi introduzida no Brasil, vai fazer um século em 1998, não se conseguiu extinguir nenhum foco. Só nas cidades portuárias é que o roedor não conseguiu manter a peste como no interior, porque não eram focos, eram áreas que foram contaminadas. A formação do foco natural, desde o início onde foi fixado, permanece até hoje. Deve-se tomar todos os cuidados e manter essa vigilância. É caro, custa altíssimo para o país, mas tem que se manter essa vigilância para que a peste não venha atingir as cidades, como ocorreu no passado.

A sucessão no CPqAM em 1986

O prof. André Furtado foi indicado como vice [diretor] do Aggeu [CPqAM]. Foi vice para poder assumir a direção. Ele entrou no Aggeu [CPqAM] como pesquisador para substituir o dr. Dirceu Pessoa de Moraes, já falecido. Ele foi escolhido pela presidência da Fiocruz como diretor do Aggeu Magalhães [CPqAM].

Em 1986, ele foi nomeado diretor do Aggeu Magalhães sem eleição. Em 89, ele se candidatou com mais três candidatos: dra. Otamires Alves da Silva, dr. Hélio Coutinho e dra. Eridan Coutinho. Tinha que mandar uma lista de três nomes para a fundação, os mais votados. Se fosse falar em votação o nome mais votado seria o da dr. Otamires. O sistema foi por escrutínio: votava-se em todos os quatro e quem tivesse maior número de votos ficava como primeiro indicado. No primeiro escrutínio, quem teve mais voto foi André. No segundo, ele já não participou. Participaram dr. Hélio, dra. Otamires e dra. Eridan. Aí dr. Hélio foi o mais votado. Houve o último escrutínio e Otamires foi a mais votada. Foi formada a lista tríplice o prof. André foi escolhido pela presidência da fundação. Ficou mais quatro anos como diretor, de 1989 a 1994.

Na eleição de 1994, dr. Eridan Coutinho se inscreveu como candidato. O diretor, dr. Hélio e dr. André, convidaram dra. Eridan para ela ser candidata única e ela foi eleita diretora do CPqAM.

A vida de casado, os filhos...

Essa história é maravilhosa. É a mais gostosa de se lembrar. Nós casamos em 1966. E em 66 fomos para Exu e ficamos até 75. Casados, sem poder pensar em família, porque o trabalho não permitia isso. A cidade não tinha estrutura para se criar uma criança. Nenhuma maternidade, não tinha hospital, não tinha escola. Quando viemos para Garanhuns, em 77, sem programação nenhuma, os meninos apareceram. Alzira estava grávida e eu tinha ido a um congresso no Rio. Resolvi ir à Mesbla [loja tradicional no Rio de Janeiro] fazer uma compra do enxoval. A moça que me atendeu, perguntou: "É menino ou menina?" Eu disse: "Não sei se é menino ou menina não. A mulher ficou lá. Está esperando um filho. E eu queria levar o enxoval". Quando cheguei em casa de volta a Recife, encontrei a mulher meio sem graça. Eu disse: "O que houve". Ela respondeu: "São dois". Eram gêmeos, um casal: uma menina e um menino. Passamos 11 anos de casados sem filhos. Foi na época da inflação: veio com juros e correção monetária. Estão com 19 anos; Domingos Augusto está fazendo o segundo ano do curso de direito, e Célia Maria, jornalista, são os meus amores.

Eles nos acompanharam na viagem da França, saíram daqui com 12 anos e voltaram com 16. E estudaram lá. Para essa viagem da França nós tivemos que vender carro, vender casa para poder fazer a viagem. Alzira tinha a bolsa do CNPq, mas eu não tinha bolsa, cursei a especialização como estagiário não remunerado do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina. O Ministério da Saúde permitiu a minha saída do Brasil através de licença com vencimento. Passamos quatro anos na França. Foi um período muito importante nas nossas vidas. Conhecemos toda a Europa, estivemos no Egito e na Grécia. Foi um banho de cultura, um sonho de brasileiro.

A capacitação: mestrado e doutorado

Sobre o doutorado ou mestrado, eu tive uma oportunidade antes de ter ido a França, com dr. Vanzolin, do Museu de História Natural de São Paulo. Eu estava em Exu e apareceu o dr. Aristides que era, se não me engano, o presidente da Academia Brasileira de Ciências. Conheci-o em Exu durante uma visita que ele fez, acompanhado de pesquisadores americanos. Estive no Rio de Janeiro e ele me incentivou muito a conhe-

cer Vanzolin em São Paulo, que era ecologista e zoologista. Os dados que eu havia mostrado a ele sobre dinâmica de populações de roedores em Exu ele considerou suficientes para fazer o mestrado. Retornei à São Paulo, aproveitando uma viagem do Aggeu Magalhães [CPqAM] a Fiocruz no Rio e dei uma escapada a São Paulo. Conheci Vanzolin, que me disse: "Você vem aqui fazer o mestrado". Me deu a relação de livros, comprei os principais. Ele me orientou para fazer o Mestrado, inclusive, me enviava livros e esteve em Exu, posteriormente.

Eu achava que se saísse de Exu o trabalho não iria andar. Eu poderia perder o trabalho todo. Só tinha eu para comandar o barco do ponto de vista administrativo e orientar o trabalho de campo. Alzira trabalhava no laboratório e a outra colega, Darci, também. Achei, além disso, que com a idade de 36 anos, já como pesquisador, no último nível da fundação e com a situação financeira boa, o mestrado não iria significar muita coisa, e psicologicamente, eu não estava mais a fim de enfrentar aula nem professor. Já tinha sido professor de faculdade, tinha sido tudo e voltar... Eu não achava necessidade de fazer mestrado e doutorado.

Meu campo de atividade, que era a minha vida, estava resumido em Exu, Garanhuns e Pernambuco. Quando retornei ao Aggeu Magalhães [CPqAM], em 1981, é que senti a necessidade, profissional e acadêmica do mestrado e doutorado, porque eu nunca havia pensado nisso. Era para ter mais *status*, ter mais acesso a projetos, a verba, a tudo, na qualidade de chefe de departamento. Oportunidades eu tive, na Fundação [Fiocruz]. Na França, pensei: "Eu não vim aqui para ser estudante". A maioria dos estudantes de doutorado era humilhado, rebaixado. E eu queria tomar conta da minha família e fazer meu estágio. Eu trabalhava um expediente e tomava conta da família no outro. Alzira foi fazer o doutorado. Eu sei a humilhação que os brasileiros passavam por conta do doutorado. Ouvi muitas histórias. Porque estudante é para ouvir coisas e estar pronto para tudo. Eu tive um colega do Maranhão fazendo doutorado na França, no laboratório de parasitologia, onde eu estava. Ele era reitor ou pró-reitor da Universidade do Maranhão, não me lembro, e eu vi a humilhação que esse homem passou, que não justificava, para a idade e o *status* dele. E isso pesou muito em mim. Via o sofrimento dessas pessoas, e achava que não se justificava. Era um sacrifício muito grande para pouca coisa. Se eu não tivesse atingido o *status* que atingi como pesquisador titular, então seria uma fonte de renda. É a carreira que está

em jogo é o emprego. Não é pelo conhecimento, porque o doutorado não dá o conhecimento que se espera ter, é um trabalho a mais. E, às vezes, você nem aplica aquilo que sabe. Na maioria dos doutorados que eu vi, as pessoas não fazem aquilo que foram fazer, mudam os objetivos completamente. A prova é que poucas teses de doutorado são publicadas. Não é você quem escolhe o objetivo, ou o objeto da sua tese; é o professor que vai dizer: "Você vai fazer isso". E você diz: "Mas eu trabalho em peste". Ele insiste: "Mas você vai fazer esquistossomose. Depois você volta para peste". Eu tenho uma visão muito ampla disso, de ver outros colegas. Mas eu acho que foi moleza minha. Eu estou sendo sincero; foi moleza minha, falta de vontade, falta de motivação. Eu não sentia necessidade disso. Oportunidade eu tive e havia material que não precisava nem estudar muito para isso. Mas me submeter àquelas condições, àqueles constrangimentos: "Está errado, volta para casa, faz certo". Isto é para estudante! Não é para uma pessoa já com uma certa posição. Eu não queria me sujeitar. Em resumo, não quis me submeter a esse constrangimento.

O retorno da França e a decisão pela aposentadoria

Voltei da França todo animado, com nova motivação, pensando inclusive em realizar pesquisas na área de esquistossomose, principalmente no que se referia ao papel dos roedores, como reservatórios naturais da esquistossomose, no Nordeste brasileiro. Entretanto, a política governamental em relação aos funcionários públicos não nos dava mais segurança de nos mantermos no trabalho; a inflação tinha corroído os salários, as instituições estavam sem verbas, além das ameaças sobre as aposentadorias e a estabilidade. Junta-se ainda, o fato de não haver interesse programático, por parte do CPqAM, no desenvolvimento desta pesquisa, porque exigia trabalho de campo, viaturas, diárias etc.

Ao lado dessas dificuldades, a campanha contra a peste em Pernambuco, desenvolvida pela SUCAM durante tanto tempo, estava sendo desativada, e os laboratórios de peste, que deixei implantados, estavam desaparecendo.

Desse modo, me sentia completamente fora do trabalho que havia implantado durante tantos anos. Nem peste, nem esquistossomose.

Estava desmotivado no Aggeu Magalhães [CPqAM] pela política que estava em desenvolvimento que eu não estava participando. Não es-

tava por dentro do esquema; acho que o problema foi de exclusão. Quando você se sente fora do esquema, você acha que está excluído e que está no ostracismo. Não sei se, na realidade, não procurei ou achei que teria que me submeter a certas coisas. Ficar 30 anos sem chefe. Nem o diretor [do CPqAM], nem o presidente de fundação [Fiocruz] influíam; nada influía no meu trabalho, nunca recebia uma ordem de ninguém. E de uma hora para outra, com uma personalidade já toda formada, se sujeitar a certas coisas que acha errado. A pessoa passa a ser contestadora e começa a ser vista como "quadrado", que está fora do esquema. O dr. Vanzolin classificava pesquisador em dois tipos: pesquisadores de unha suja é aquele que está aqui dentro do campo trabalhando, e o pesquisador de unha limpinha é aquele que faz doutorado, mestrado.

O governo Collor foi o governo que mais me favoreceu. Eu sou grato a ele. Primeiro, eu não vi o governo dele, o que já foi uma sorte muito grande; eu saí daqui em dezembro de 89 e quando voltei ele não era mais presidente. Eu não tive o constrangimento de ver esse homem como presidente da República. Quando viajei para a França, tive que tirar todas as minhas economias. A bolsa do CNPq não pagava a passagem das crianças. Tive que pagar tudo, para manter o *status* de pesquisador na França. Tirei todo o dinheiro, vendi casa, vendi carro, tirei o que tinha no banco. Viajei em dezembro e em fevereiro esse homem confiscou tudo. Então já foi outro benefício que ele me fez. E o terceiro benefício, que eu agradeço a ele, é ter liberado o fundo de garantia para pagar o imóvel com 50% de redução. Tinha comprado um apartamento, faltavam oito anos para pagar. Juntei o fundo de garantia meu e da Alzira, e liquidamos. Fui altamente beneficiado, principalmente porque não participei do governo. Não sofri, nem meus filhos sofreram. Já tinha votado contra ele.

"Fui altamente beneficiado [no governo Collor], principalmente porque não participei do governo. Não sofri, nem meus filhos sofreram."

Quando estava na França, fui convidado para apresentar um trabalho sobre esquistossomose aqui no Recife, no Congresso de Esquistossomose, no princípio de 91, eu e o professor H. Picot, meu orientador. Ele foi convidado, era *expert* em malacologia. Vim eu e o professor (ele faleceu no ano passado). Ele veio com passagem aérea de ida e volta, ficou num hotel cinco estrelas em Boa Viagem financiado pelo congresso. Eu vim por minha conta, com o dinheiro do meu trabalho. Não fiquei em ho-

tel, e para comer, durante o congresso, eu pegava um táxi e ia para casa almoçar, porque eu não podia almoçar lá, não estava dentro do esquema dos convidados, mas tinha um grupo que participava do congresso (que era promovido pelo Aggeu Magalhães) que tinha umas senhas para almoçarem no hotel. Eu tive que ir a um dos pesquisadores, que era responsável pela coordenação do congresso e perguntei: "E a senha para almoçar?" Ele respondeu: "Só se for para motorista, porque a pesquisadores eu não posso dar. Se o sr. fosse motorista, eu lhe dava". Foi a resposta que eu tive. Teria a senha se fosse motorista. São detalhes pequenos, rancores. Fiquei chocado: trabalhando de graça para o professor em Paris, porque decidi estudar na França para trabalhar com ele e ele ficar em hotel cinco estrelas, "numa boa", e eu "pagando o pato". Um dia, quando saí do congresso vi o carro do Aggeu Magalhães [CPqAM] com o motorista encostado esperando. "Você vai para lá"? Ele disse: "Vou, mas estou esperando o dr. Fulano de tal", que era o coordenador do congresso e era do Aggeu Magalhães. Ele disse: "Fica aí, aguarda, que eu te dou uma carona". Eu estava encostado no carro quando chegou o "dito cujo" e perguntou o que eu estava fazendo ali. Eu disse: "Estou esperando para pegar uma carona". Ele disse: "Não, o carro já está cheio, não cabe mais ninguém". Pegaram os americanos e os franceses que tinham ido para o congresso e foram para uma churrascaria. Eu peguei um táxi e vim para casa.

São detalhes desse tipo que vão machucando. Eu retornei para a França, terminei o meu curso e cheguei de volta com a família. Encontrei o Aggeu Magalhães [CPqAM] assim, me desentrosei completamente.

Cheguei em janeiro, anunciando que ia me aposentar, dizia abertamente que ia me aposentar e que a vida lá fora era melhor. Era para poder tomar a decisão; mas em nenhum momento, durante o ano em que passei no Aggeu dizendo que ia me aposentar, na direção ou na Fundação Oswaldo Cruz, uma pessoa foi capaz de me chamar e dizer: "Não, você fica. Se aposenta e o recontratamos". Me aposentei em setembro, com 39 anos e quatro meses de trabalho. Eu estava trabalhando há cinco anos de graça e eu queria voltar a ser chefe de departamento. Cheguei a falar com o vice-diretor. Passei um ano e cada dia que passava eu ia ficando mais "ranzinza", mais difícil, mais crítico. Cada vez que eu criticava com palavras, as coisas iam complicando mais. Assim é que não iriam me chamar mesmo. Ninguém ia me chamar. Mas é assim, a mágoa que

eu tenho em termos administrativos é isso. Em nenhum momento ninguém me chamou para dizer: "Célio você quer 'esticar' o serviço?"

Eu tenho essa mágoa, mas pode ser até que as pessoas pensem o contrário: "Não o cara criticando aqui. Falando de todo mundo, falando da nação, falando do Aggeu Magalhães. Para o quê ele queria que fosse chamado para trabalhar aqui?" Estava demonstrando que eu não queria mais ficar. E ao mesmo tempo lá "dentro" era aquela dúvida.

Eu mesmo pedi minha aposentadoria. Não foi compulsória. Estava pagando para trabalhar. Montei uma firma de material hospitalar, médico, científico, principalmente a parte de microscopia de laboratório.

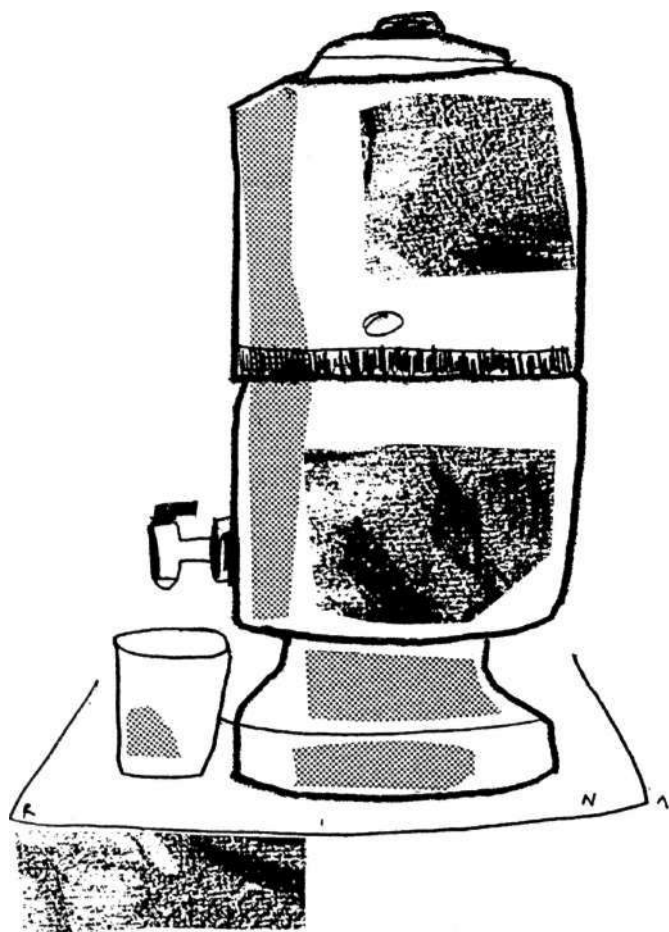
Agora no mês de março completa um ano que eu me aposentei. Hoje eu entro no Aggeu Magalhães [CPqAM], até levando material para lá, e não sinto nada. Vejo o meu gabinete, a mesa. Não tenho a menor paixão. Não sinto nada. Eu estou realmente curado. Mas me prontifiquei para o que precisassem.

Entre com vinte e poucos anos e saí com 57. E só tive esse emprego. Não tive. Eu não tivera nenhuma facilidade. Dei muito de mim mesmo. Acho que em alguns momentos passei dos meus limites, mas acho que valeu a pena. O que eu tinha de usufruir, usufruí. Eu "pendurei a chuteira" na hora exata. Foi também por conta do governo dessa política do governo que não deixa ninguém seguro. Realmente, o que me motivou a sair foi a idéia de continuar sendo funcionário público, porque há mais de dez anos eu tenho pesquisado nos jornais e todos os dias sai uma notícia sobre funcionário público; a idéia neoliberal é de acabar com esse sistema, não é nem com o sistema público é com o servidor público. Todo dia sai uma nota de desprestígio; você não tem mais valor nenhum, perante a opinião pública, porque um pesquisador que está há 30 anos na Fundação Oswaldo Cruz, que era a instituição que melhor pagava entre todas as instituições -municipais, estaduais e federais- se aposentar com a renda líquida de 2000 reais, não existe isoo em país nenhum. A primeira vergonha que tive quando estava na França foi quando vi que um técnico de laboratório de lá ganhava mais do que um pesquisador brasileiro.

E assim decidi me aposentar após 36 anos de serviços prestados ao meu país, certo do dever cumprido. Durante todo esse tempo fui alvo de todas as atenções por parte dos colegas de trabalho quer sejam da

SUCAM, do Ministério da Saúde em Brasília, do CNPq, do qual fui bolsista-pesquisador durante 14 anos, e principalmente do CPqAM.

Finalizando, agradeço a todos aqueles que me incentivaram e que contribuíram para o meu desenvolvimento científico e espiritual, e estarei sempre à disposição de todos.





VIVA VITÓRIA CARVIM

A infância e as brincadeiras

Nasci Engenho Uchôa, bairro de Tejipió, subúrbio da cidade do Recife-PE. Meus pais tiveram três filhos legítimos: duas mulheres (eu sou a mais velha) e um homem que é o caçula e criaram um sobrinho e mais três crianças pobres, dando-lhes também educação e instrução.

Meu pai era auxiliar do comércio e trabalhava como escriturário na firma Alves de Brito & CIA, da qual chegou à chefia do escritório. Tinha o diploma de guarda livros, obtido em 1932.

Minha mãe, filha de pais que haviam conhecido a riqueza como senhores de engenho, da família Gonçalves da Rocha por parte de mãe e Leão de Castro do lado paterno, foi a 5ª dos seis filhos do casal, mas nascida quando, por um infortúnio, a pobreza havia batido à porta.

"Meu avô paterno, da família Cardim, chegou a Coronel do Exército, ganhando algumas medalhas de condecoração por atos de bravura, tendo lutado na guerra de Canudos, onde foi gravemente ferido pelo inimigo".

Minha avó paterna, descendente de índios, da família Mata Ribeiro, casou aos 14 anos e teve 15 filhos. Faleceu aos 40 anos, vítima de um erro médico.

Minha avó materna, com tempera de aço, soube reagir galhardamente aos reveses da sorte. Aos 8 anos de idade minha mãe assumiu o controle da casa enquanto minha avó, costurando pra fora, ia conseguindo o necessário para criar os 6 filhos, desde que meu avô caiu numa depressão da qual não conseguiu sair.

Dela, mamãe herdou a sua coragem e heroísmo. Casando com um rapaz pobre, passou para os filhos o seu espírito de mulher forte e com-

bativa que, somado ao senso de extrema justiça e honestidade de papai, lhe permitiu educar e dar instrução aos filhos, formando uma professora, uma contadora e um dentista, que chegou a professor da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Para tanto, cozinhando muito bem - aptidão herdada da sua mãe - além dos afazeres domésticos - sem nenhuma auxiliar - aceitava encomendas de bolos para fora, exatamente para ajudar o custeio dos nossos estudos.

Apesar de tudo, tivemos uma infância feliz e tranqüila sem nenhuma revolta por desejar aquela boneca e não poder comprá-la, ou um vestido novo e não poder obtê-lo. Não havia luxo em casa mas graças a Deus nunca passamos fome.

No Natal havia sempre um esforço maior do nosso "Papai-Noel" e os nossos sapatos nunca ficaram vazios. Para mim, que sempre gostei muito de ler, a escolha não era difícil, ganha sempre o "Almanaque do Tico-Tico".

Morávamos numa casinha muito modesta mas com um sítio enorme, onde obtínhamos não só as frutas, como o milho e a cana Caiena para as encomendas de canjica e outros quitutes das festas juninas ou o rolete de cana e o sorvete que mamãe vendia para auxiliar a renda familiar.

Nunca fomos crianças trelosas ou trabalhosas e encontrávamos nossas distrações no sítio, subindo nas árvores e lá no topo colhendo a manga, o caju ou a goiaba que nos deliciava. Pulando de galho em galho, brincávamos de "pega". Eu fazia também a festa das minhas bonecas (bruxas de pano compradas nas feiras) - "batizado, aniversário, casamento" e de vez em quando um "cozinhado" ao qual os primos compareciam.

Uma rede de voleibol armada atrás da casa revelava em todas as partidas que eu jamais seria um "atleta da bola" e sempre acabava "expulsa de campo" pelas péssimas jogadas. Não havia televisão àquela época e nunca participávamos de festinhas ou íamos ao cinema.

Desfrutávamos, também do sítio dos meus avós maternos, vizinho ao nosso e bem maior, que nos oferecia outras oportunidades de distração.

À noite, cumprida as tarefas escolares, eram as brincadeiras comuns à infância: roda, peia quente, academia (amarelinha), boca de forno, etc. Em nenhum momento das nossas vida sofremos qualquer tipo de castigo físico.

Os Estudos

Comecei a estudar aos quatro anos de idade com as minhas tias que eram professoras mas, àquela época, não se "estudava" com recursos oferecidos hoje nas escolas maternas. Era o bê-a-bá mesmo e a tabuada. Depois de alfabetizada tive uma professora extremamente competente - Dona Nadeje Pimentel - com quem fiz todo o curso primário preparando-me para o exame de admissão.

Naquela época eram cinco anos de curso primário, e mais cinco anos de ginásial, com o aprendizado aferido por quatro provas parciais, através das quais teríamos de alcançar a nota estabelecida para a aprovação. Terminado este período, o aluno teria de fazer mais dois anos de estudo (clássico ou científico) que o preparava para o vestibular e ingresso na Faculdade, no curso superior, de acordo com a vocação escolhida, ou também mais dois para outro curso de nível médio.

Nunca fui reprovada durante todos os estágios do Curso e após mais dois anos de curso pedagógico, em 1941, com 17 anos de idade recebi meu diploma de professora primária.

Primeiro Trabalho e a Secretaria de Educação

Comecei logo a trabalhar como secretária do Comércio Varejista do Nordeste, matriculando-me em seguida em um curso de especialização para professoras recém-formadas, promovido pela Secretaria de Educação.

O referido curso, de Pré-orientação Profissional, teve duração de um ano, em tempo integral. Tendo obtido boa classificação fui logo nomeada e passei a exercer a minha profissão. Desde menina tinha vontade de fazer o Curso de Direito. Mas, àquela época não era muito comum mulher cursar Faculdade, os recursos continuavam poucos e a necessidade de mais alguém contribuir para a renda familiar ainda era grande. Todas as mulheres da minha família eram professoras e este fato como tradição - também pesou na decisão.

A primeira escola onde ensinei foi o Grupo Escolar Vidal de Negreiros. Não lembro mais a ordem cronológica dos acontecimentos de minha vida como professora, mas algumas foram marcantes.

Quando o dr. Barbosa Lima Sobrinho foi governador de Pernambuco, fui convocada para supervisionar a creche Nossa Senhora do Carmo, mantida pela Campanha Pernambucana Pró-infância, trabalhando em tempo integral. Outra atuação veio do convite para professora do Preventório Bruno Veloso, que abrigava crianças sadias filhas de hansenianos, onde acumulei a função de professora com a de diretora por ocasião das férias da titular.

Para mim não foi fácil exercer o magistério por questões de saúde, o que depois de 10 anos de regência da cadeira fez-me aceitar o convite para trabalhar no Departamento de Educação Escolar, da própria Secretaria de Educação. Passei então a ocupar o cargo de Assistente Social Escolar, trabalhando no grupo escolar Pedro Celso, no bairro de Beberibe - Recife. Pouco tempo passei nesta função pois logo fui chamada para serviço interno na própria secretaria, como chefe da seção das caixas escolares.

Naquele tempo o Secretário de Educação era o dr. Aderbal Jurema que empreendeu várias viagens visitando todo o Estado de Pernambuco a fim de conhecer de perto as escolas e suprir as suas necessidades. Particpei, com uma nutricionista e uma Assistente Social de duas daquelas viagens para também melhor conhecer a situação das caixas escolares, fundando muitas outras, onde elas ainda não existiam. Na oportunidade era dada orientação às professoras que ficavam responsáveis pelas mesmas e fornecido o material de que careciam, pois nessas viagens sempre nos acompanhavam dois caminhões carregados de material escolar.

Prestei também colaboração como secretaria do Departamento de Educação Média e nesta minha permanência na Secretaria de Educação, longe das salas de aula uma fortuita descoberta foi feita - fiquei praticamente curada da rinite alérgica que tanto me atormentou - era alergia ao pó de giz.

A mudança para a área de Saúde

Estando ainda na Secretaria de Educação atendi a duas senhoras casadas com expoentes do poder legislativo, procedentes do Rio de Janeiro, com o fim de aqui implantarem uma campanha contra a esquistossomose, envolvendo escolares. Deviam eles catar, nas coleções d'água, os caramujos hospedeiros do "esquistossoma mansoni" e por cada cara-

mujo apanhado receberiam uma recompensa em dinheiro. E pela primeira vez ouvi falar no DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais] e do seu Diretor - dr. Airton Maia Vilela - a quem deveria procurar para esclarecimentos de quaisquer dúvidas. Não assumi nenhuma responsabilidade argumentando que só não teria tempo, pois dava horário integral na Secretaria, como não entendia nada do problema.

Elas se foram e eu continuei minhas atividades rotineiras na Secretaria de Educação.

E um dia aconteceu...

Alguns meses depois, recebi do Rio de Janeiro, das senhoras que havia atendido, dois arquivos de mesa para "iniciar a campanha de combate a esquistossomose". Surpreendida, pois havia deixado bem claro que não poderia assumir aquela responsabilidade, fui procurar o dr. Airton Vilela, a quem entreguei os arquivos, e por ele fui informada de que o Ministério da Saúde iria promover um Curso para Formação de Educadoras Sanitárias, oficialmente ministrado por médicos sanitaristas capacitados, chefes do serviço de combate às várias endemias rurais e coordenado pela chefe do Serviço de Educação Sanitária - dra. Hortência de Holanda. A sede do Curso seria Recife - PE e cada Estado da Federação deveria mandar um representante. Até aquele momento o dr. Vilela não tinha ainda um representante para Pernambuco e me fez a afirmação de que eu seria a escolhida, caso me interessasse, o que realmente aconteceu depois de pouco tempo, e assim entrei para o Ministério da Saúde.

Educação Sanitária

Da Secretaria de Educação, solicitada pelo dr. Vilela, foi-me concedida uma licença a fim de que ficasse à disposição do DNERu pelo tempo de duração do Curso, após o qual, tendo obtido boa classificação, fui nomeada para a campanha contra a Filariose, que iria ser implantada no Recife.

Legalizada a minha situação funcional sem ser considerada acúmulo de atividades públicas, pude assumir no DNERu a função de auxiliar de Educação Sanitária continuando na Secretaria de Educação, pois ambas eram funções educativas. Apenas tive de, na Secretaria de Educação, deixar o trabalho interno e voltar à regência de cadeira em horário noturno.

A campanha contra a Filariose repousava num tripé: exame de sangue da população, a fim de detectar os casos positivos; combate ao "culex pipiens fatigans" (mosquito), transmissor da Filariose; educação sanitária da população para obter a compreensão e participação na campanha.

Todas as etapas foram realizadas concomitantemente. As duas primeiras eram chefiadas por médicos que contavam com a colaboração de guardas sanitários do próprio DNERu. Para a descoberta dos portadores da filariose, os guardas saíam à noite a partir das 19:00 horas colhendo uma gota de sangue da polpa digital, que era examinada no laboratório do próprio DNERu. Descobertos os casos positivos, voltavam os guardas às residências distribuindo a medicação - naquela época o hetrazan para uso do paciente.

"A campanha contra o 'culex' foi fundamentada no combate ao mosquito na sua fase larvária, bem mais fácil de combater-lo do que na fase alada e, para tanto, atacando-se as coleções de água, principalmente as mais sujas e paradas ou quaisquer outros focos passíveis da reprodução, atirando-se larvicidas nos mesmos".

À Educação Sanitária cabia assessorar estas duas fases da Campanha para vencer as resistências daqueles que não permitiam a coleta do sangue, bem como as dos que se negavam a tomar o medicamento.

De igual modo havia muitos que não consentiam que os guardas entrassem nas suas residências para a aplicação do inseticida nos focos ali encontrados (fossas, vasos com água, etc), enfim em todos os locais onde o mosquito (chamado muriçoca, no Recife) pudesse depositar os ovos, dos quais eclodem as larvas.

Para tanto a educação sanitária deveria dispor principalmente de material audiovisual, mais convincente do que a simples palavra.

Dai todo o empenho foi feito a fim de produzir o respectivo material. Em primeira instância procurei o Professor Rinaldo José Soares de Azevedo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que em 1955 havia concorrido à cátedra de Doenças Tropicais, da referida Universidade, com a tese "Contribuição ao Estudo da Bancroftose". Dele recebi um exemplar dessa tese e todos os negativos das fotos que ilustravam.

Na Faculdade de Medicina da UFPE por nímia gentileza do seu diretor - dr. Antônio Figueira - consegui a confecção de "Slides" e pelo dr. Airton Vilela foi comprado um projetor que me permitia exibir estes "slides" nas palestras que fazia para a população, em grupos de comunidade (morros e alagados), alcançando toda a rede escolar, pública e particular, bem como as forças armadas: exército, marinha, aeronáutica e corporação de bombeiros. Estas palestras foram muito positivas e o seu retorno muito significativo. As recusas caíram sensivelmente e o número de convites para outras palestras foi crescendo.

Aos "slides" outro material audiovisual foi somado: uma cartilha, cartazes, flanelógrafo, flip-book, folders, etc, todos por mim idealizados e confeccionados, enquanto continuava a fazer as visitas domiciliares, de grande valia para os casos de recusa. Todo o apoio foi dado pela imprensa falada, escrita e televisionada e pelo Centro de Diretores Lojistas. Nos jornais saía diária e gratuitamente um "conselho" sobre a campanha. Na televisão demos várias entrevistas, e na quase totalidade das lojas do Recife, foi afixada, junto aos caixas, uma cartilha com fácil manuseio dos fregueses.

A companhia de eletricidade de Pernambuco patrocinou uma campanha com publicação diária, durante sete dias, de um folder ilustrado sobre os meios de combate à endemia, premiando com eletrodomésticos, em sessão solene, àqueles que apresentassem a coleção completa.

Também anexar às contas de água, luz e telefone conseguimos, sem nenhum ônus, "espalhar" por todos os usuários, esclarecimentos e orientação sanitária. A rede ferroviária do Nordeste contribuiu com todo o óleo queimado retirado das máquinas a vapor, o que em muito diminuiu a despesa com larvicidas, pois ele opera como tal.

O Sonho de um Filme Educativo

Precisava renovar o material audiovisual embora o público fosse sempre diferente, mas, alguma coisa nova, com maior poder de penetração - e o sonho virou realidade - produzimos um filme colorido de 16 mm e 20 minutos de duração. Escrito o roteiro, saí em busca do cineasta, a verba e dos "atores". Cheguei a tentar Jean Manzon no Rio de Janeiro, porem o seu preço foi muito alto. Descoberto um cineasta amador - Armando Laroche - que se "apaixonou" gratuitamente pela idéia; formei o elenco: duas misses

Pernambuco, alguns guardas do DNERu, além de outros "atores estreados" da minha família. Tendo conseguido do Secretário de Saúde do Estado - dr. Luiz Siqueira Carneiro a importância de trezentos cruzeiros - iniciamos as filmagens, pois roteiro enviado ao dr. Renê Rachou, coordenador geral do Ministério da Saúde para os assuntos da filariose já havia sido aprovado e assim . . . nasceu "Tocaia Sinistra". Não foi fácil fazer este filme, mas com muita garra e tenacidade conseguimos realizá-lo.

Foi um sucesso a sua apresentação e por mais de uma vez ele foi exibido gratuitamente nas televisões.

Infelizmente com a doença do dr. Airton Vilela, a nova Diretora não deu continuidade à Campanha contra a Filariose.

Deste modo foi-me concedida a permissão para atender ao convite do Professor Joaquim da Costa Carvalho (Diretor do Instituto de Higiene do Nordeste), para secretariar o XV Congresso Brasileiro de Higiene que seria realizado no Recife - PE, sob a coordenação do Professor Bertoldo Kruse Grande de Arruda.

Terminado o Congresso, fui posta à disposição da Secretaria de Saúde do Estado a fim de chefiar um grupo de visitadoras sanitárias, num trabalho de campo, visando com mais enfoque, o combate ao Culex, na fase larvária, denominada OPEMU (Operação Muriçoca). Foi um trabalho muito bom e rentável. Usamos o mesmo material e as mesmas técnicas da Educação Sanitária e desenvolvemos, concomitantemente uma campanha para a aquisição de filtros desde que a água que a população bebia não era recomendada.

Dos trabalhos da OPEMU fui requisitada pelo Professor Gilberto da Costa Carvalho, Delegado Federal de Saúde, da 4ª Região, que precisava dos meus trabalhos como secretária da Sociedade de Higiene de Pernambuco e, como sócia da Sociedade de Hansenologia de Pernambuco participei da organização de um seminário para universitários, sobre Hanseníase. Estas sociedades funcionavam na Delegacia Federal de Saúde.

Uma nova Diretora assumiu o controle do DNERu e fui transferida, revelia, para o CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães] do DNERu [Instituto Nacional de Endemias Rurais].

No CPqAM as atividades eram apenas de pesquisa e nada havia de concreto sobre Educação Sanitária. Ainda o seu Diretor, dr. Frederi-

co Simões Barbosa, estava concluindo uma pesquisa sobre a esquistossomose, mais especificamente sobre os caramujos - seus hospedeiros - e eu fui prestar a minha colaboração no que dizia respeito à população e seu comportamento, desenvolvendo um trabalho educativo, tendo como principal objetivo afastá-la do contato com as coleções hídricas.

Conseguí a ligação da água para uma lavadeiras já construídas e a utilização das fossas feitas de acordo com o modelo adotado pela FSESP (Fundação Serviços Especiais de Saúde Pública). Deste modo havia água limpa para o banho, as lavadeiras foram afastadas dos rios infestados e as fossas seriam o destino correto dos dejetos.

De permeio com estas atividades continuava dando minhas aulas de Educação Sanitária para o Curso de Visitadoras Sanitárias, como professora do Instituto de Higiene do Nordeste.

Terminado o trabalho do dr. Frederico, continuei na área de Pontezinha, distrito do município do Cabo - PE, onde se desenvolveu a pesquisa, realizando atividades de educação sanitária e auxiliando o médico do Posto de Saúde nas recusas apresentadas pelos portadores de esquistossomose, ao uso da medicação indicada.

Paralelamente a esta atividade que não era feita em tempo integral e em alguns dias acontecia à noite (dependendo do horário do médico) permitiu a Chefia do CPqAM que, no horário disponível fosse eu atuar como secretária do Curso de Pós-Graduação em Química da UFPE, atendendo à solicitação do Diretor do Curso dr. Ricardo Carvalho - possibilitando com a minha atuação a inauguração do Curso na data prevista.

Terminado prazo concedido para que eu ficasse à disposição da Escola, vários apelos foram feitos pelo Reitor da Universidade - dr. Marcionilo Lins - o Vice Reitor - dr. Paulo Maciel - o Diretor da Escola de Química - dr. Ricardo Carvalho, ao Ministério da Saúde no sentido de que eu passasse a pertencer ao Ministério da Educação, porém nada foi obtido. Voltei ao CPqAM.

Ali fui designada como chefe da administração e logo em seguida responsável pela execução de dois convênios firmados com a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) para o desenvolvimento de duas pesquisas sobre esquistossomose e peste. A primeira de-

envolvida em Viçosa, município de Alagoas e a segunda em Exu, município do sertão pernambucano.

Esgotadas as verbas, as pesquisas foram interrompidas e eu voltei ao CPqAM.

Era o centenário de Oswaldo Cruz e o Secretário de Saúde da Prefeitura do Recife - dr. Valério Rodrigues - resolveu comemorá-lo promovendo uma campanha de desratização na cidade. Em contato com a SUCAM [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública] o trabalho foi planejado para que, sob a chefia de um médico daquela Instituição, fosse utilizados os seus guardas sanitários a fim de procederem a distribuição do 1080, raticidas de alto poder letal. Na ocasião o dr. Gilberto da Costa Carvalho, Delegado Federal de Saúde da 4^a Região, sugeriu ao dr. Valério que a campanha não estaria completa se não se fizesse um trabalho de educação sanitária, evitando que os guardas sanitários matassem os ratos de hoje e a população criasse os ratos de amanhã. Daí houve um entendimento entre as chefias e eu fui escolhida para ser a educadora que faltava.

As técnicas que usei nesta campanha foram as mesmas: palestras, visitação domiciliar, os meios de comunicação, rádio, jornal e televisão e mais treinamento de garis. O material audiovisual teve que ser adequado, mudando-se da "muriçoca" (culex) para o rato.

Trabalhando em tempo integral até a noite, como acontecia na campanha contra a Filariose, consegui organizar, recolher vários depoimentos e ensinamentos, uma monografia que teve larga aceitação e mereceu boas referências do Prefeito da Cidade - dr. Augusto Lucena - do dr. Valério Rodrigues e do dr. Gilberto da Costa Carvalho.

Esgotada a primeira tiragem foi feita a reedição quando o Secretário de Saúde já era o dr. Achiles Moura de Amorim.

Como deputado federal, num discurso proferido na sessão de 19.06.75, na Câmara dos Deputados em Brasília o dr. Valério Rodrigues, fez alusão a citada monografia, denominada "Risque da sua Cidade este perigo", com referências elogiosas (publicação: Desratização: aspectos econ micos e sanitários, 1975, pp. 10-11).

Deste discurso nos permitimos transcrever os t picos referidos: "Ainda no ano passado foi divulgada uma monografia sobre tal programa,

organizada por Diva Vitória Cardim, com o subtítulo 'Risque da sua Cidade este Perigo', em cujo prefácio o atual Secretário de Higiene e Saúde do Recife, dr. Achilles Moura de Amorim, advertia: 'Obviamente esta monografia não é um compêndio completo sobre o combate a essa espécie de roedores, mas o que ela encerra nada tem de supérfluo ou inútil, vez que, salvo melhor juízo, ela é um caminho curto e eficiente, cujas características levou-nos à sua reedição'. Para tal fim, serviria de instrumento aquela plaqueta, elaborada por uma educadora sanitária da competência de Diva Vitória Cardim, conterrânea que homenageio, neste instante, pelo alto tirocínio e profunda dedicação ao trabalho. Considero, nessa monografia, principalmente importantes as 'Sugestões para o Magistério', contendo 'temas para o trabalho de classe', dirigidos à juventude escolar, cuja mobilização é, sempre, exigível em todo o trabalho educativo".

A secretaria dos Cursos Regionalizados de Especialização em Saúde Pública

Após algum tempo de campanha intensiva, o trabalho de desratização prosseguiu em ritmo mais lento, muitos dos guardas voltaram à SUCAM e o atendimento passou a ser feito por guardas da própria Prefeitura, devidamente treinados, atendendo não mais em ritmo de "arrastão" como de início, mas às solicitações feitas - frutos do trabalho de educação sanitária que continuava com muita aceitação.

Bem situada no meu trabalho e com excelentes relacionamento entre chefes e colegas, estava eu quando a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz] resolveu em meados de 1975 implantar no Recife o Curso Básico Regionalizado de Saúde Pública, aberto, inicialmente, para médicos, odontólogos e enfermeiras.

Para coordenar este curso foi designado o Diretor do CPqAM - dr. Dirceu Pessoa Pereira da Costa que determinou fosse eu a Secretária do mesmo.

Houve muita relutância da Secretaria de Higiene em me deixar voltar ao CPqAM - interrompendo minhas atividades na Campanha de Combate ao Rato - mas não havia outra opção. Eu era funcionária do CPqAM e apenas estava "emprestada" à PMR, Prefeitura Municipal do Recife, hoje PCR - Prefeitura da Cidade do Recife.

Embora preferindo o trabalho de campo ao trabalho burocrático, com boa vontade, logo me adaptei à função de Secretária que me foi destinada.

A programação do curso e a seleção dos alunos foram feitas, inicialmente pela ENSP, que sempre mandava um dos seus representantes para esse procedimento.

Para a sua instalação foi firmado um convênio entre a Fiocruz, UFPE e Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco. O primeiro curso abrangia apenas os Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, abrindo-se o leque, posteriormente, para outros Estados e profissionais de nível superior. Os professores, na sua maioria, vinham da ENSP e alguns da UFPE.

O curso tinha como objetivo a preparação de profissionais de nível universitário para ações organizadas de planejamento administração, supervisão e avaliação em programas de saúde pública, formando sanitaristas, constituindo-se em um pré-requisito para os Cursos de Especialização em Epidemiologia e Saúde Pública, ministrados pela ENSP, no Rio de Janeiro. Dois alunos do primeiro curso foram à ENSP para esta especialização.

O curso tinha uma carga horária de 800 horas das quais 200 eram destinadas a trabalho de campo, a frequência era obrigatória nos dois expedientes e seria reprovado o aluno que excedesse ao número de faltas tolerável.

A seleção constava de uma prova escrita, uma entrevista e análise do "curriculum vitae". Nas 200 horas destinadas ao trabalho de campo os alunos eram divididos em grupo e enviados a Unidades de Saúde, muitas vezes até no interior do Estado.

Inicialmente nos instalamos no Centro de Saúde Lessa de Andrade, da Secretária de Saúde do Estado, onde ficamos quase dez anos, após os quais permanecemos por ligeiro período na Delegacia da Saúde da 4ª Região, até a mudança para a FSESP, enquanto eram concluídas as obras no antigo Hospital Dom Pedro II, onde estamos instalados até hoje com o nome de NESC (Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva), isto porque além do Curso de Saúde Pública muitos outros cursos ali têm sido ministrados.

De 1976 até o ano de 1991, quando aconteceu a minha aposentadoria foram ministrados os seguintes cursos, contando eu apenas com a ajuda de uma auxiliar datilógrafa: 12 - Cursos de Especialização em Saú-

de Pública 1976 -1988; 01 - Curso de Especialização em Epidemiologia, no ano de 1988; 01 - Curso de Atualização em Planejamento de Sistemas Integrados de Saúde - CAPSIS, também no ano de 1988; 02 - Cursos de Atualização em Desenvolvimento de Recursos Humanos CADRHU, um em 1988 e outro em 1989; 01 - Curso Regionalizado de Especialização em Planejamento de Sistemas de Saúde em 1989; 02 - Programas de Residência Médica Multidisciplinar, um em 1990 e o 2º em 1991.

Aposentadoria

Já muito cansada e com sérios problemas cardíacos, aposentei-me em junho do ano de 1991 e em julho do mesmo ano, após um enfarto, tive de ser submetida a implantação de três pontes safenas.

Hoje, com 72 anos de idade, resta-me apenas a consciência do dever cumprido, sinceros agradecimentos a todos quantos me ajudaram e uma profunda saudade.





ERIVAN COUTINHO

A infância e a figura do pai

Nasci em Recife no dia 7 de agosto de 1931, à rua Princesa Isabel 113, centro da cidade, filha de uma mãe de família pernambucana e de um pai cearense. Sou filha de um guerreiro! Meu pai teve uma atuação muito destacada na Revolução de 1930. Foi pessoa de confiança do general Juarez Távora, na época coordenador nacional da revolução. Ele casou com a minha mãe no dia 22 de novembro de 1930, com as glórias da época. Viveu até os 82 anos absolutamente lúcido. Morreu repentinamente de um ataque cardíaco.

Foi um homem muito autêntico e extremamente patriota. Sempre sonhou com um Brasil justo e honesto. Era um homem extremamente honesto, traço que imprimiu de uma forma muito marcante nas três filhas. Eu sou a mais velha.

Começou a carreira militar "sentando praça", como se dizia na época. Foi ex-seminarista, fugiu aos 16 anos do seminário em Sobral, no interior do Ceará. Filho de um fazendeiro, numa época em que os filhos adolescentes eram colocados, com ou sem vocação, nos seminários. Fugiu de batina, apenas com a roupa do corpo, para o Amazonas, com outro colega, que também estava insatisfeito. Meu avô ficou revoltadíssimo e o deserdou. No Amazonas, trabalhou como seringueiro, exerceu vários tipos de atividades para poder se manter, e finalmente entrou para o Exército, quando chegou a época de fazer o serviço militar.

Tinha um tipo físico muito bonito, pele alva, de olhos verdes, cabelos pretos, uma figura bonita além de muito inteligente e poeta. Este seu aspecto e a maneira de tratar os superiores chamou atenção no quartel e o deslocaram para uma função de escritório. Os superiores começaram a

orientá-lo no sentido de ir ao Rio de Janeiro fazer um curso de sargento, o que realizou na primeira oportunidade. Quando voltou para o Recife, ficou como instrutor nos chamados Tiros de Guerra, que eram antigamente os locais que forneciam as carteiras de reservistas; foi quando começou a namorar minha mãe. Era instrutor de educação física em várias faculdades, inclusive de medicina. Muitos de meus ex-professores de medicina foram alunos dele quando estavam tirando a carteira de reservista.

Voltando a 1930, o fato é que meu pai se envolveu com a Aliança Liberal. Quando casou com minha mãe estava no apogeu, tanto que os padrinhos de casamento foram o governador da época, Carlos de Lima Cavalcanti, e outras pessoas cujas fotos estão depositadas na FUNDAJ [Fundação Joaquim Nabuco]. Porém, em 1931, houve uma tentativa de contra-revolução. Ele foi procurado durante a noite por um grupo de colegas que o acordaram, segundo depoimento da minha mãe. Não estava nem sabendo exatamente do que se tratava, mas por uma questão de lealdade aos colegas envolveu-se no movimento. A argumentação dos companheiros de farda foi tão convincente, que ele, uma pessoa muito leal aos amigos, concordou em participar do movimento de oposição ao governo, que ele próprio tinha ajudado a colocar no poder um ano antes. No entanto, esse segundo movimento de 1931 não teve sucesso e todos foram presos. Meu pai foi excluído do Exército e enviado para a ilha de Fernando de Noronha, que na época era um presídio político. Ele havia casado com minha mãe em 22 de novembro de 1930 e eu nasci em 7 de agosto de 1931. Quando nasci ele estava preso na ilha de Fernando de Noronha, por isso não assistiu ao meu nascimento. Uma das coisas que mais me emocionaram foi quando, já médica, descobri no meio de documentos da minha mãe (que guardava tudo, inclusive as cartas do tempo de noivado e namoro) uma carta que ainda hoje conservo. Ele escreveu para mim da prisão. Me emociono muito todas as vezes que relembro o fato, porque descobri a ternura que existia naquele coração de guerreiro. Nunca imaginei que ele fosse tão terno. A carta é um poema, escrito para mim quando nasci. Minha mãe, para visitá-lo, tinha que obter uma licença especial. Ia de navio. Naquela época, o acesso a Fernando de Noronha era apenas por mar. Esteve lá uma vez ou duas, no máximo. Ele esteve prisioneiro durante um ano e meio, aproximadamente. Foi um excelente pai a vida inteira. Muito ligado às três filhas, todas mulheres, tendo sido uma figura que marcou muito as nossas vidas.

Quando houve a anistia para os presos políticos meu pai foi anistiado, mas continuou excluído do Exército. Ao voltar para casa eu já tinha mais de um ano. Foi quando o conheci. Minha mãe tinha ficado na casa dos pais dela. Nesse período, José Américo de Almeida, que tinha sido um grande amigo na época da revolução, era ministro de Viação e de Obras Públicas, conseguiu um emprego para ele como civil, em Sergipe. Mudamos para Sergipe, onde nasceu minha segunda irmã. Ficamos lá uma boa temporada. Posteriormente a anistia foi ampliada e ele foi reintegrado às Forças Armadas, onde permaneceu até ir para a reserva. Morreu como oficial da reserva. Logo após a Revolução de 30, em face da sua atuação, ele havia sido promovido a oficial do Exército por bravura. Isso é uma coisa extremamente importante. Sou filha de um militar, de um guerreiro, como sempre digo, promovido por bravura a oficial. A partir daí, voltando a ser militar novamente, a vida da família voltou a se regularizar.

"Sou filha de um militar, de um guerreiro, como sempre digo, promovido por bravura a oficial."

Moramos em Sergipe e depois fomos para Salvador. Todo militar vivia sendo transferido, nunca ficava muito tempo num mesmo local. Em Salvador passei uma boa parte da minha infância. Estudei em vários colégios e finalmente de Salvador voltamos para Recife, onde nasceu minha terceira irmã, em Olinda. Ficamos um tempo com a minha avó e depois fomos para Maceió. Em Maceió permanecemos durante uma longa temporada; desde o exame de admissão (quinta série, atualmente), todo o ginásio e a metade do primeiro científico eu cursei em Maceió. Foi uma temporada muito boa; de boas lembranças e de vida serena; nossa família toda era muito bem relacionada. Papai era um homem que fazia amizade com facilidade, muito querido por todos; minha mãe também. Foi um período muito feliz da minha vida.

A adolescência

Sempre fui uma estudante brilhante. Isso me valeu muito em termos de conceito por parte das minhas colegas, como também dos meus professores. Mas por outro lado havia um lado jocosos na minha personalidade. Meu pai também era um pouco assim, herdei muita coisa dele.

Papai gostava muito de contar anedotas, brincadeiras irônicas, era muito engraçado, enquanto minha mãe era tímida e discreta.

Lembro-me, inclusive, de um episódio que se passou na escola em meu tempo de curso ginásial no Colégio São José, em Maceió. Havia uma freira muito exigente - irmã Ferraz -, muito disciplinadora, muito rígida. E havia sempre aquele grupo de colegas, as chamadas "caxias", que ficavam bajulando as freiras. Eu sugeri: "Vamos pregar uma peça". Havia aquelas "certinhas" que ficavam logo na frente da classe, bajulando a madre. Combinei com a turma: "Vamos prender Judite hoje". Essa moça depois foi chefe do Serviço de Enfermagem do Ministério da Saúde. Ocupou um cargo muito importante e deu grandes risadas quando se encontrou comigo, mais de trinta anos depois. Mas na história, ela era uma das "certinhas". Ela tinha o hábito de, ao ouvir o primeiro toque do sino, quando terminava o recreio, ir rápido ao banheiro se aprontar e correr para fila. Eu então propuz: "Vamos prendê-la nessa hora"; quando ela correu nós já estávamos "de olho", seguimos atrás e fechamos o ferrolho da porta do banheiro. Fomos para fila, organizamos tudo direitinho e subimos. Quando subimos para a sala, cadê a menina? Nada da menina! Daqui a pouco chegou o professor e perguntou: "Cadê fulana?" Várias carteiras estavam vazias, a dela e de outras que minhas colegas prenderam. Eu prendi a Judite Feitosa. Foi um negócio terrível. Depois de uns 15 minutos, a aula já tinha começado, pedi licença para ir ao banheiro, e chegando lá abri a porta e deixei-a sair. Quando ela foi chegando na classe é que foi a gozação. Ela voltou, já danada da vida, e disse para mim tudo o que tinha direito. Mas ainda levou um "esporro" da madre, que estava na porta. Ela nunca tinha feito isso. "O que aconteceu? Você? 15 minutos e o professor em sala de aula?" Ela muito acanhada, tímida, não sabia nem como se defender. A defesa dela foi ficar com raiva de nós. Desnecessário dizer que ela intrigou-se comigo por muito tempo.

Minha nota em comportamento caiu para oito ou para sete, porque nós subíamos as escadas fazendo barulho, o que era proibido, porque a escada era de madeira, essas coisas de colégio de freiras. Nós ficávamos por último. Era uma turma de meninas estudiosas, mas também brincalhonas. Sempre fui profundamente estudiosa. Mas era ao mesmo tempo brincalhona e sempre me relacionei muito bem com meu grupo.

Um acontecimento que me marcou na transição de menina para adolescente, na fase dos meus 12, 13, 14 anos, foi a Segunda Guerra

Mundial. Acompanhava as notícias, pelo rádio, um rádio antigo que papai possuía. Papai sempre aquela figura de pessoa superinteressada nos problemas mundiais e nacionais. Lembro-me muito da imagem dele, de ouvido colado no rádio, porque a transmissão da BBC de Londres era muito cheia de ruídos. Nós não tínhamos ainda esses programas de satélites e as facilidades que temos hoje. Papai ouvindo o noticiário e eu ali junto, pegando as notícias em segunda mão. "Papai, hoje o que aconteceu? A França se rendeu?" Lembro-me do meu interesse muito grande por essas coisas que me marcaram tanto, que sabia de cor os nomes daqueles políticos importantes da época.

Estudava inglês com muito afã, com muito carinho. Sempre gostei muito de estudar inglês, tive tantos professores ao longo da minha vida, que não sou capaz de dizer quantos. Mas lembro que aproveitei a temporada da Segunda Guerra, e o fato de haverem muitos estrangeiros circulando pela cidade, para conversar em inglês. Tínhamos um vizinho que promovia com frequência jantares e convidava oficiais americanos. Convidava-me sempre nessas oportunidades.

A Segunda Grande Guerra realmente teve uma influência muito marcante; inclusive como acontece com a maioria dos adolescentes, eu fazia algumas pequenas poesias. Lembro de alguns poemas épicos que escrevi. Não tenho mais de cor, mas na época escrevi e papai tinha muita vaidade e comentava com os amigos. Houve um fato relacionado com a Segunda Guerra, que também causou uma grande emoção; papai foi convocado para integrar o contingente da Força Expedicionária Brasileira [FEB]. Isso, todavia, aconteceu no final porque o governo inicialmente deu preferência aos militares que eram solteiros ou os que não tinham filhos. Os casados ficaram para o fim, e no último contingente da FEB papai foi escalado. Guardo a lembrança de papai preparando o uniforme. Ele mesmo gostava de engraxar as botas e o talabarte, um cinto de couro que passava no ombro. Ele chegou a partir. Foi um momento de muita emoção, minha mãe chorou muito e nós ficamos na expectativa. Confesso, talvez pela minha pouca idade na época, ter sentido um misto de saudade e ao mesmo tempo de orgulho. Conhecia o pai que possuía e sabia que ele também estava sentindo isso. Não tinha ido antes porque não tinha sido convocado. Era pai de família. Na hora de partir não houve hesitação, nem houve nenhuma ponderação negativa. Partiu para cumprir com o dever. Por felicidade, quando estava em Natal para embarcar para a Itália, foi assinado o armistício. O último contingente da tropa brasileira da FEB que ia seguir voltou do meio do caminho. Isso deu um alívio mui-

to grande a minha mãe e, evidentemente, a toda família. Lembro que comentava com as minhas colegas; sentia saudade, tinha receio do que pudesse acontecer a ele, mas ao mesmo tempo era um sentimento de saudade muito misturado com vaidade, com orgulho por ter um pai que ia lutar e representar o Brasil.

Quero também destacar o fato de que, tendo sido sempre extremamente estudiosa, coisa de que me orgulho, era tratada de maneira um tanto diferenciada dentro da família, por ser considerada a intelectual entre as irmãs. Meu pai e minha mãe investiram muito em mim, nunca me faltou nada. Embora como meninas de classe média não tivéssemos automóvel, essas coisas que hoje são características da classe média, estudávamos nos melhores colégios da cidade, tínhamos professores particulares de inglês e de música. Isto demonstra a visão que eles tinham a respeito de educação.

Do período em Maceió ficou também, uma recordação muito profunda e muito boa da educação musical complementar que me foi oferecida. Estudei violino clássico durante oito anos e cheguei a tocar em orquestra sinfônica. Minhas irmãs estudaram piano, e apesar de nós sermos de classe média, meu pai fez um esforço e comprou um bom piano de segunda mão. Os professores vinham em casa e davam as aulas. Eram freqüentes, nos nossos aniversários, pequenos festivais organizados pelos professores de violino e piano. Reuníamos os coleguinhas e o aniversário era comemorado com aquele *show*, ao qual os vizinhos e amigos assistiam. Abríamos a sala de visitas, era dessas casas chamadas na época "de porta e janela". Foi um tempo de muito investimento em educação, muita seriedade e muita disciplina, coisas que eu valorizo profundamente.

Quando a guerra terminou, em 1945, terminei o curso ginásial. Em 1946, comecei o curso científico e fiz as provas até o meio do ano, mas papai foi novamente transferido, dessa vez para Fortaleza. Sou uma pessoa extremamente disciplinada, e devo muito a meus pais, sobretudo meu pai, essa maneira de ter sido educada. Embora fosse uma disciplina com muita ternura; ele era um homem muito compreensivo. Não tive uma adolescência reprimida. Sempre fiz o que queria.

Com 17 anos viajava de navio de Fortaleza para Recife. Vinha encontrar minha avó materna para passar as férias. Viajava sozinha, já àquela época, num navio. Demorava dois dias e meio para chegar; meu tio ia me esperar no cais, não tinha o menor problema. Não tivemos uma

adolescência, nem eu nem minhas irmãs, de pai que fica fiscalizando. Era um pai "legal" e moderno. Com isso construiu realmente um caráter forte em cada uma de nós e nos ensinou a cultivar os valores positivos que o seu exemplo de vida nos legou.

Quando cheguei a Fortaleza, vinda de Maceió, completei 15 anos. Fiz o curso científico todo num colégio de alto nível, o Colégio Imaculada Conceição, onde também estudou Rachel de Queiroz. Lembro-me que havia na parede o quadro de formatura de Raquel, que nessa época já era uma jornalista de destaque com alguns livros publicados. As freiras francesas, irmãs de caridade, apontavam com muito orgulho para aquela ex-aluna. Fiquei até os 17 anos no Colégio Imaculada Conceição, onde fiz todo o curso científico. Foi um privilégio, porque essas mudanças no meio do ano, por transferências de papai, muito me desgastavam. Tinha que me adaptar ao desenvolvimento de programas que estavam em níveis diferentes, a livros geralmente diferentes. Era um esforço muito grande da minha parte, embora nunca tenha sido reprovada nem deixado de ser aprovada "por média". Fui o tipo de menina extremamente dedicada aos estudos. Do contrário, certamente, teria tido problemas.

Maceió é um local de vida muito tranqüila. Tinha muitas amigas e muitos amigos. Nessa idade, tinha uma série de fãs, talvez pela minha maneira assim de liderança; fui oradora da turma na conclusão do ginásio, na conclusão do científico, depois na faculdade, em episódios de participação em política estudantil, na União Estadual de Estudantes. Despertei várias paixões. Uma delas foi um professor de história, formado em direito, filósofo uma pessoa muito competente. Mas havia uma diferença de 16 anos dele para mim. De minha parte nunca houve nenhum entusiasmo. Era, simplesmente, uma boa aluna e ele se apaixonou muito. Hoje isso não vale nada, há diferenças maiores. Mas, naquela época, para mim, era uma coisa importante. Sentia uma distância tremenda, e por outro lado tinha um ideal muito forte de estudar. Jamais me imaginaria dentro de casa criando filhos, somente. E esse era o pensamento vigente na época; de maneira que não deu certo, apesar de minha mãe ser uma grande entusiasta desse casamento, pelas qualidades que ele possuía de inteligência, de competência, de situação já estável na vida (era professor da Faculdade de Direito em Alagoas). Foi uma pessoa muito distinta, muito boa, mas realmente, de minha parte, nunca despertou nada. Quando viajei para Fortaleza, nos correspondemos por um período

do. Eu respondia por delicadeza. Depois parei, porque já ia virar casamento, noivado, e não estava interessada.

A opção pela medicina e o curso médico

Terminei o científico no Colégio Imaculada Conceição e estava pensando em estudar direito.

No terceiro ano científico, porém, optei pela medicina. Achei que biologia, o estudo de história natural, me sensibilizava mais. Além disso, comecei a acumular algumas decepções em relação ao comportamento dos políticos, que na sua maioria eram formados em direito. Desiludi-me um pouco com essa área e optei pela medicina em caráter definitivo. Preparei-me para o vestibular e fui aprovada. Aliás foi a única vez em que passei em terceiro lugar, pois sempre era aprovada em primeiro. Fiz vestibular em 1949, para a Universidade Federal do Ceará [UFCE]. Nessa época participei muito de política estudantil; fui vice-presidente do Diretório Acadêmico Doze de Maio duas vezes; presidente do diretório e vice-presidente da União Estadual dos Estudantes do Ceará ao lado de colegas brilhantes, como o [hoje] senador Mauro Benevides. Mauro foi meu contemporâneo; ele estudava direito e eu medicina. Ele já era um pouco mais adiantado, mas fez parte da mesma diretoria da União Estadual dos Estudantes (Ceará), presidida por Tarcísio Oliveira Lima, outro amigo que formou-se em direito na UFCE e hoje vive no Rio de Janeiro.

Lembro-me do *stress* do vestibular, depois da aprovação; foi um vestibular difícilíssimo. O convívio com os colegas da faculdade foi uma coisa também muito agradável; fazíamos belas comemorações, inclusive nos meus aniversários lá em casa. Ainda hoje tenho fotos desses encontros. Era realmente um convívio muito agradável. Tive a oportunidade de participar intensamente das atividades do Diretório Acadêmico Doze de Maio, que era assim chamado em homenagem ao dia em que houve a inauguração da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Esse diretório teve uma época de muito esplendor, durante as diretorias que tive oportunidade de integrar, não pela minha participação propriamente, mas por ter tido a felicidade de reunir um grupo de estudantes muito idealistas. Criamos, inclusive, um jornalzinho para a faculdade chamado *A Caveira*. Ainda tenho esse jornalzinho. Participava de tudo, fazia até um pseudo-jornalismo, escrevendo artigos. Fiquei muito em evidência

no meio acadêmico, e através do diretório participava intensamente da vida estudantil da cidade.

Em Fortaleza, cursei o primeiro, o segundo e o terceiro ano de faculdade, quando senti despertar um interesse pelo trabalho de laboratório. Comecei a achar que na área de pesquisa precisava me desenvolver mais e ter alguém como orientador para poder seguir minha carreira como pesquisadora. Havia bons professores, mas o ambiente para pesquisa ainda não era o desejável. Pensei: "O que eu faço?" Tinha uma vontade muito grande de estudar na Faculdade de Medicina da Bahia. Então não tive dúvidas; consegui umas passagens gratuitas na FAB [Força Aérea Brasileira] e fui para Salvador, "sem lenço e sem documento". Apresentei-me, procurando vaga na Faculdade de Medicina. Inclusive fui conversar com o reitor, que era Edgar Santos na época. Infelizmente, havia sempre uma reação muito grande dos estudantes contra alunos transferidos de outras faculdades. Como a transferência era só minha e não do meu pai, o reitor não me facilitou nada e não consegui a desejada vaga. Se tivesse me transferido com a família, como filha de militar, teria automaticamente direito à vaga.

Meu sonho era me formar pela Faculdade de Medicina da Bahia, que tem uma longa tradição, inclusive foi a primeira escola médica do Brasil. Aprecio certa pompa, cerimônias bonitas, valorizo muito a tradição. Este era meu sonho mas não consegui. Aproveitei a viagem e não desisti. Pensei: "Em segundo lugar fica Recife. Vou tentar em Recife".

Na viagem de volta parei em Recife, me hospedei em casa de parentes e fui tentar a vaga. Essas coisas acontecem quando nosso destino está reservado. Não houve a menor dificuldade em conseguir a vaga em Recife, apesar de se tratar de uma turma que já tinha 138 alunos. Estive na faculdade, que nessa época funcionava no prédio do Derby, onde hoje é a Academia Pernambucana de Medicina; um prédio tombado pelo patrimônio histórico. Por coincidência, havia um aluno dessa turma que na época trabalhava como funcionário na Secretaria da Faculdade de Medicina. Acho que isto hoje nem é mais permitido, mas naquela época era. Recomendaram-me que falasse com o Rui Pinto Cunha. Disseram: "Há aqui um colega que é estudante e pode lhe dar as indicações". Eu conversei com Rui e ele disse: "Não tem problema nenhum, você me manda tais e tais documentos e eu falo com o diretor". Perguntei: "Eu preciso falar com o diretor?" Ele respondeu: "Não, eu falo com o dr. Figueira". Dr.

Antônio Figueira era o diretor na época. "Eu falo com o dr. Figueira e lhe informo, se há vaga na turma, pois parece que alguém se transferiu. Não há problema algum, mando-lhe a resposta até o dia tal". Parti de Recife já reservando pensão para morar quando voltasse. Fui para Fortaleza, solicitei os documentos à faculdade e me transferi em 1952.

Cursei no Recife, o quarto, quinto e sexto ano de medicina. Quando cheguei, me relacionei muito bem com os colegas e comecei a me encaminhar profissionalmente. A essa altura já tinha vindo de Fortaleza com a idéia de que queria não só fazer pesquisa, mas fazer pesquisa em área básica. E mais ainda, queria fazer anatomia patológica, uma especialidade que na época contava com poucas mulheres; talvez uma ou duas no Sul do país. A disciplina de anatomia patológica era lecionada no quarto ano. Tive a oportunidade de ser aluna do prof^o Raimundo de Barros Coelho, que tinha como um dos assistentes Ageu Magalhães Filho, filho do patrono do CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães].

Comecei a gostar de anatomia patológica. Passei a vivenciar e a freqüentar o serviço, inicialmente na condição de estagiária, gratuitamente, depois como monitora, com o título oficial por indicação do professor. Ao mesmo tempo senti necessidade de aprender algumas coisas básicas de disciplinas que são pré-requisito para anatomia patológica, e uma delas era a histologia, que comecei a freqüentar com o prof^o Hélio Mendonça. Como era uma estudante diferenciada, em pouco tempo consegui dominar as técnicas práticas e passei a ministrar aula prática para estudantes mais atrasados; a essa altura já estava no quinto ano. Entre o quinto e o sexto tornei-me monitora, também de histologia. Ministrava aulas práticas em histologia e anatomia patológica. Participava dos plantões, das necrópsias, das revisões de lâminas, das aulas práticas para estudantes, ao lado dos assistentes da época que eram Ageu Magalhães Filho, segundo assistente, e Humberto Menezes, primeiro assistente. Este depois tornou-se prof titular em Ribeirão Preto [USP]. No ano seguinte, já monitora, dominava as técnicas de bancada. Fugia das aulas que considerava sem muito interesse para ficar no laboratório e adquirir mais prática. Tive oportunidade, também de tomar conta de um laboratório de histopatologia e citopatologia, no Hospital Santo Amaro, com o prof. Rosalvo Cavalcanti, que depois se tornou titular da disciplina de ginecologia. Foi um grande professor da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa fase, encontrava-me já no sexto ano e estava fazendo até diagnósticos para as

doentes internadas no hospital. Não podia assinar os exames, mas dava o diagnóstico e ele assinava.

A iniciação científica no IAM

Em 1953, através do meu colega de turma dr. Marcelo Vasconcelos Coelho, um excelente aluno na faculdade e que foi trabalhar diretamente com dr. Frederico Simões Barbosa, soube da existência do Instituto de Pesquisas Ageu Magalhães [IAM], do Ministério da Saúde. Na época Marcelo me disse: "Eridan, foi criado um centro novo, fundado há dois anos e estão precisando de pessoal. Dr. Frederico, professor também aqui da faculdade, é o diretor e lá é o local certo para você trabalhar. Se você quiser eu a apresento a ele". Eu estava louca por um local que oferecesse realmente esse tipo de espaço. Nós combinamos, vim e me apresentei ao dr. Frederico, que me recebeu muito bem, sem me conhecer. Nessa época, em 1953, o Departamento de Patologia do instituto [IAM] era chefiado pelo prof^o Barros Coelho e tinha como assistente o dr. Ageu Magalhães Filho. Eu já tinha sido aluna de Barros Coelho e era monitora dele. Então falei: "Prof^o, gostaria muito realmente de trabalhar na seção de patologia do instituto, que soube estar só com o senhor e com Ageu [Magalhães Filho]". Ageu na época estava fazendo um curso nos Estados Unidos e tinha ido passar o ano fora. Ele respondeu: "Vá lá que eu falo com Frederico". Realmente a apresentação que prevaleceu foi a de Marcelo, que já era, a essa altura, um assistente por quem Frederico tinha muita consideração. Entrei no departamento de patologia, que não tinha quase nada. Tinha uma mesa longa com um microscópio em cima e um técnico de excelente nível, subutilizado. Foi uma pessoa excelente e hoje trabalha comigo um filho dele, como técnico. Nós fizemos crescer o departamento. Comecei a fazer, inicialmente, alguns trabalhos com o dr. Barros Coelho, e com o dr. Ageu, mas passei a me diferenciar fazendo também trabalhos sozinha.

"Arregacei as mangas", treinei o técnico e comecei a trabalhar com ele na bancada. Primeiramente solicitei equipamento. Dr. Frederico disse: "Peça o que você achar que é necessário". Como já tinha vivência dos laboratórios em que estava trabalhando, só fiz relacionar marcas, equipamentos e montei o mínimo necessário para o laboratório funcionar. Equipei o laboratório. Em seguida treinei o técnico nos métodos mais impor-

tantes que eu tinha aprendido e começamos a trabalhar juntos. Nesse período eu ainda era estudante do quinto ano médico.

Quero também registrar que fui colega de José Carneiro da Silva Filho, que depois transferiu-se para a USP, onde foi professor titular de histologia, inclusive autor de um livro que está traduzido em 12 línguas e é considerado, se não o melhor, um dos melhores tratados de histologia dos tempos atuais. Ele trabalhou com o prof Luís Carlos Junqueira que é um "AZ" da histologia e da histoquímica, conhecido mundialmente. José Carneiro quando estudante tinha se diferenciado muito precocemente; era bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa [CNPq] e dizia que queria ser um histoquímico. Quando entrei no laboratório, como monitora [na universidade], fiz parceria com Carneiro e aprendi com ele muito sobre metodologia científica. Ele tinha começado o curso em Recife. Tinha uma vivência de três anos dentro do laboratório. Convivi muito com o Carneiro e foi muito útil. Quando vim trabalhar no Aggeu Magalhães [IAM] já tinha domínio de técnicas que, habitualmente, um estudante comum não possuía.

Em 1954 coleei grau em medicina pela Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco. Apesar de ter vindo transferida, tinha muitas notas boas em Fortaleza e continuei a tê-las em Recife. Passei por média em todas as disciplinas e, conseqüentemente, fui a primeira aluna da turma, conquistando, nessa época, todos os prêmios que distribuíram na ocasião.

Durante minha vida acadêmica, talvez um pouco em decorrência do convívio com José Carneiro da Silva Filho e Marcelo Coelho, que eram pessoas muito diferenciadas que já se revelavam vocacionadas para a pesquisa, a minha preocupação era de me concentrar dentro do laboratório para produzir cientificamente. Comecei a me agregar às sociedades acadêmicas, de caráter científico. Minha preocupação era sempre produzir trabalhos científicos para serem apresentados nas reuniões.

Abandonei completamente, em Recife, a política estudantil, com a qual estive envolvida em Fortaleza. Passei a ficar no laboratório a maior parte do tempo. Em Fortaleza, cheguei a participar inclusive de comício. O que não se faz aos 17 anos! Entrei na faculdade com 16 anos, e participei de comício pela candidatura do dr. Paulo Cabral da Araújo, que era um dos diretores dos Diários Associados. Dr. Paulo foi candidato a prefeito de Fortaleza, e eu era presidente da Ala Feminina da UDN (havia uma ala feminina estudantil). Participei dessa campanha falando em palanque,

de improviso. Foi nessa fase que cheguei ao cargo de vice-presidente e oradora da União dos Estudantes. Particpei do congresso da UNE que houve na Bahia, na companhia de colegas que hoje são deputados e senadores, como Mauro Benevides. Mas chegando ao Recife abandonei completamente essa atividade política e me engajei realmente, com toda a alma, no meu preparo profissional e na obtenção de meus títulos, porque queria ser pesquisadora e professora universitária. Essa foi a vocação que realmente despontou. Na época professor universitário era uma categoria muito respeitada. Os grandes professores que conheci, tanto na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, quanto na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, foram figuras exponenciais. Entre eles os saudosos professores Saraiva Leão (anatomia); Livino Pinheiro (anatomia patológica); Jorge Lobo, Nelson Chaves e Barras Coelho. Estes últimos já na Universidade Federal de Pernambuco.

Outro nome da Faculdade de Medicina da UFPE que destacaria é o do professor de clínica propedêutica Arnaldo Marques, que foi uma pessoa profundamente injustiçada no movimento de 1964. Tinha uma vocação autêntica para o magistério. Foi formador de várias gerações e não tinha nada do que foi acusado. Foi uma injustiça inominável a acusação feita a ele. Embora tivesse morrido muitos anos depois, aquela injustiça contribuiu, sem dúvida, para o seu envelhecimento precoce. Foi cassado, preso, humilhado. Foi aposentado precocemente, o que não poderia ter acontecido. Foi um professor que me marcou. O outro foi o prof^o Fernando Simões Barbosa, da clínica cardiológica, pela elegância da palavra, pela competência profissional, inclusive era um homem de formação médica francesa. Antigamente, os grandes clínicos freqüentavam as academias francesas. A medicina francesa imperava sobretudo na área clínica.

Recordo-me, também, do professor de técnica operatória. Embora não tivesse propensão para ser cirurgia, era boa aluna em todas as disciplinas e isso fazia com que me destacasse. Tive um convite para trabalhar na equipe do prof^o Eduardo Wanderlei Filho. Ele chefiava um grupo de muito destaque na época, e me lembro que a primeira nota dez dessa cadeira foi dada a mim. Ele era um homem que gostava das coisas com muita pompa e publicidade. Lembro-me que depois da prova ele reuniu todos os alunos para comunicar que, pela primeira vez, tinha dado uma nota dez. A disciplina que ele ministrava tinha fama de durona. Caiu para mim na prova prática fazer uma amputação de perna em um cadáver,

evidentemente; fiz, com todo o rigor técnico que tinha aprendido. Isso valeu um dez, com grande espalhafato. Ele reuniu todos os assistentes (oito ou dez) e todos os alunos para dizer que pela primeira vez, na história da faculdade, a cadeira de técnica operatória concedia um dez a um aluno. Isso me valeu o convite para trabalhar na equipe, mas declinei porque já estava absolutamente consciente de que não queria trabalhar em atividade privada, nem em clínica, nem em cirurgia. Queria trabalhar em laboratório, ser pesquisadora na área biomédica básica.

A formatura e o ingresso no Aggeu [IAM] como pesquisadora

Depois, chegou a época da formatura e, como já narrei, conquistei os todos os prêmios da época. O primeiro prêmio era uma bolsa de estudos de seis meses na USP; era o prêmio Praváz Laboratório S.A.. Fui para a USP estagiar no Departamento de Fisiologia com um professor muito famoso, na época: o prof^o Franklin Augusto de Moura Campos. Com o prof^o Moura Campos aprendi uma série de técnicas básicas, que eram importantes para minha atividade de pesquisa. Esse professor era uma autoridade reconhecida na área de nutrição experimental. Permaneci em São Paulo durante seis meses e estive também no Hospital das Clínicas. Nas horas vagas, comecei a freqüentar o hospital que ficava em frente ao Departamento de Fisiologia. Com isso, treinei bastante em citologia exfoliativa e, quando voltei, o prof. Barros Coelho me convidou para participar com ele do consultório, desenvolvendo a especialidade que ninguém fazia na época, em Recife. Colocou-se um dilema que, de imediato, resolvi. Entre a clínica particular e a pesquisa, escolhi a última. Então me ofereceram a bolsa de tempo integral pelo CNPq, para complementar meu salário. Eu já tinha um cargo, de médico epidemiologista, e passaria, com a bolsa, a trabalhar o dia todo no Aggeu Magalhães [IAM].

Entre fazer muito dinheiro e me sentir frustrada no futuro e fazer pouco dinheiro mas sentir-me realizada, preferi a segunda opção, e nunca me arrependi. Fiquei no Aggeu [IAM] com a equipe do dr. Frederico [Simões Barbosa]. Nesse período dr. Ageu Magalhães Filho tinha voltado do curso nos Estados Unidos e o dr. Barros Coelho, pouco tempo depois, pediu para sair da chefia porque desejava assumir tempo integral na universidade. Ele era professor catedrático, como era chamado na época o professor titular de hoje, e Ageu Magalhães, então, assumiu a chefia do

Laboratório de Patologia. Ficamos trabalhando dr. Ageu Magalhães [Filho] e eu, como pesquisadora assistente.

Nessa época, o Instituto Ageu Magalhães era dividido em laboratórios: tínhamos um laboratório de parasitologia, chefiado por dr. Frederico; um de malacologia, onde o Marcelo trabalhava; de patologia, onde sempre trabalhei e ainda estou hoje; de bioquímica de caramujos, chefiado por dr. Bento Magalhães Neto, com os assistentes dr. Arildo Almeida e dra Jandira Barbosa, que foram também pesquisadores muito expressivos; um laboratório de estatística, chefiado pelo dr. Gervásio Melquíades da Silva, que era médico, com formação de sanitarista e um laboratório dirigido pelo dr. Antônio Souto Neto. Creio que tínhamos um laboratório de entomologia também, com o dr. James Dobbin Júnior. Afora isso, contávamos freqüentemente com a presença de pesquisadores estrangeiros. No período em que comecei a trabalhar, haviam dois americanos o dr. Louis Olivier, do National Institutes of Health dos Estados Unidos, e o dr. Charles Dobrovlny, que desenvolvía trabalhos de campo com moluscicidas. Dr Oliver, na parte de laboratório, e dr. Dobrovone ensaiava substâncias moluscicidas, que naquela época estavam tendo prioridade como estratégia de combate aos caramujos vetores da esquistossomose.

Um fato curioso, naquela época, era que a maioria dos pesquisadores eram médicos, embora tivéssemos também pesquisadores de outras profissões. A seção de bioquímica era chefiada por dr. Bento Magalhães, que também foi depois professor de bioquímica na universidade e era médico. O dr. Arildo Almeida era bioquímico e a dra Jandira Barbosa era química industrial. Na patologia, éramos todos médicos: era o dr. Barros Coelho, prof. da faculdade, dr. Ageu Magalhães Filho e eu. No setor de parasitologia era o dr. Frederico, dr. Marcelo Coelho também médico, colega de turma e o dr. José Carneiro Filho, que trabalhou aqui durante um ano, também na parte de malacologia. Em histoquímica de caramujos, dra Ivete Barbosa, que foi também assistente de dr. Frederico e trabalhou com caramujos na parte de parasitologia geral e em trabalhos de campo, e a dra Elisabete Carneiro, irmã do dr. José Carneiro Filho, que também esteve conosco num período talvez de uns três anos e depois foi para USP, onde aposentou-se recentemente. Trabalhava com o irmão José Carneiro.

O então instituto [IAM] pertencia ao DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais], tanto que nós participamos muito dos antigos Congressos Brasileiros de Higiene.

Nossas pesquisas eram realizadas em função das grandes endemias do momento. Começamos com a esquistossomose e durante muito tempo fomos conhecidos como "Instituto de Esquistossomose", porque praticamente só trabalhávamos com essa endemia. Dr. Frederico, na área do transmissor, e depois, com a nossa vinda, começamos a estudar patologia.

"Começamos com a esquistossomose e durante muito tempo fomos conhecidos como "Instituto de Esquistossomose", porque praticamente só trabalhávamos com essa endemia."

O estágio nos Estados Unidos

Voltando ao fio da minha história, depois do regresso de São Paulo, em novembro de 55, casei-me com um ex-colega de turma e, em 1957, nasceu meu primeiro filho, Frederico Guilherme Coutinho Abath, hoje pesquisador no Aggeu Magalhães e atual chefe do Departamento de Imunologia.

Em 1957 logo depois dele haver completado 4 meses de idade, fui para os Estados Unidos. Ele ficou com os meus pais, para que eu pudesse fazer o meu treinamento profissional com uma bolsa de estudos concedida pela W. K. Kellogg Foundation. Fomos para os Estados Unidos, eu e o marido com o qual estava casada na época. Inicialmente fui para Universidade de Michigan, em Ann Arbor, onde tive a oportunidade, inclusive, de freqüentar curso de língua inglesa, no Instituto de Língua Inglesa da Universidade de Michigan, que era dirigido pelo dr. Robert Lado, na época autor de vários livros didáticos sobre inglês para estrangeiros. Foi uma experiência muito boa e tive ótimo desempenho. Participei de um curso intensivo durante quatro meses. De lá fui para a Universidade de Harvard, em Boston, Massachusetts, onde permaneci um ano e meio trabalhando na Harvard School of Public Health, sob a orientação do prof^o dr. Frederic Stare, que era o diretor. Trabalhei mais intimamente com o prof Stephen Andrews, que era patologista, e com o prof. Stanley Gershoff, bioquímico de nutrição.

Foi um convívio extremamente valioso, porque se tratava de um grande centro médico nos Estados Unidos, com a presença de vários cientistas detentores de prêmios Nobel lá trabalhando e, portanto, mun-

dialmente reconhecido. Para uma recém-graduada (fazia dois anos apenas que havia terminado meu curso), estar em uma pós-graduação com um grupo destes era algo extraordinário. Aproveitei muito; participava ativamente das atividades de pesquisa do dr Andrews e do dr Gershoff, dos quais tornei-me colaboradora inclusive em trabalhos publicados. Não perdia oportunidades de assistir numerosos cursos de extensão, além das reuniões semanais de apresentação dos trabalhos científicos. Convivia com uma equipe de altíssimo nível.

Meu marido também era médico e fazia neuro-patologia. Ficou estagiando no Massachussets General Hospital, que ficava em Cambridge. Além do estágio na Harvard School of Public Health (Department of Nutrition - Labt. of Pathology), eu aproveitava e assistia o curso de patologia, ministrado aos estudantes de medicina na Harvard Medical School. Na hora do almoço, realizavam-se as chamadas CPC, Clinical Pathological Conferences. Eu não almoçava. Pegava um sanduíche e uma coca-cola e aproveitava o intervalo do almoço no laboratório de pesquisas para ouvir as conferências clínico-patológicas do Peter Bent Brigham Hospital, pertencente à Harvard University, onde haviam patologistas famosos, como o dr. Gustav Damian. Foi uma temporada muito frutífera. Tenho recordações muito boas dessa época. Freqüentava, também, os museus aos domingos e feriados.

O retorno ao CPqAM e o ingresso na universidade

Voltando ao Brasil, como meu treinamento havia sido principalmente na área de nutrição, procurei harmonizar as três áreas do conhecimento: nutrição, patologia e parasitologia. Queria trabalhar nas interrelações entre desnutrição e parasitose, e a primeira parasitose a ser estudada seria a esquistossomose, principal endemia então pesquisada no Aggeu Magalhães.

Nessa época o prof. Nelson Chaves convidou-me para colaborar, como professora no curso de nutrição que ele estava montando na universidade [UFPE]. Fui uma das professoras fundadoras do curso de nutrição. Ensinei várias disciplinas, como pode ser visto no meu currículo. Até estatística ensinei durante oito anos a alunos de medicina, enfermagem e nutrição.

Quando me divorciei e precisei aumentar o orçamento doméstico, ensinei à noite durante quatro anos estatística e demografia para alunos dos cursos de pedagogia, psicologia e ciências sociais, na Universidade

Católica. Além de trabalhar de dia, trabalhava à noite até 11 horas dando aulas. Acredito que toda experiência que temos na vida não deve ser rejeitada, negligenciada e nem lamentada. Porque, se temos um pouco de inteligência, sempre conseguimos tirar coisas positivas de fatos que são aparentemente negativos. Aprendi estatística e a utilizei nas minhas pesquisas. Naquela época não tínhamos a facilidade de hoje dos *softwares* de computador. Tínhamos que fazer as continhas na mão. Fiquei trabalhando no Aggeu e depois assumi a vice-chefia algumas vezes (naquela ocasião se chamava substituto eventual do diretor), principalmente no tempo de Frederico Simões Barbosa, depois também na gestão de dr. Durval Lucena. Aliás, se não me engano, se chamava chefe - chefe do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. O cargo era substituto do chefe do Centro de Pesquisas, depois é que passou a diretor.

O Laboratório de Patologia do CPqAM expandiu-se muito a partir dessa época. Iniciamos os primeiros levantamentos de campo. Uma das primeiras coisas que fiz foi estudar o padrão alimentar das populações em áreas endêmicas de esquistossomose e seus reflexos sobre o estado de nutrição dessas populações. Não tínhamos estas informações e comecei a conduzir, paralelamente, trabalho de bancada. Depois o prof^o Barros Coelho me convidou para voltar à Faculdade de Medicina em tempo parcial; os salários começaram a defasar; o CNPq às vezes atrasava e a suplementação salarial era muito pequena. Como gostava de ensino não foi tão ruim, mas jamais pensaria em abrir um laboratório particular. Criei o Setor de Patologia Pediátrica do Departamento de Patologia da UFPE e participei, durante quatro anos, das principais atividades do IMIP [Instituto Materno Infantil de Pernambuco]. Aceitei o convite para começar como instrutora de ensino remunerada. Trabalhava vinte horas na Universidade Federal e 20 horas no Aggeu Magalhães. Só que as vinte horas daqui rendiam bastante. Foi a minha época de maior produtividade. Depois fiz um acordo para que toda a minha atividade de pesquisa na universidade fosse desenvolvida, através de convênio, no laboratório do Aggeu. Trazia estudantes e professores para trabalharem comigo, e fazíamos uma pesquisa de muito bom nível. Quando não estava ensinando, vinha para o laboratório. Fiquei trabalhando nesse regime até me aposentar na universidade.

"O Laboratório de Patologia do CPqAM expandiu-se muito a partir dessa época. Iniciamos os primeiros levantamentos de campo. Uma das primeiras coisas foi estudar o padrão alimentar das populações em áreas endêmicas de esquistossomose."

Ao longo da minha vida acadêmica, fui ascendendo na carreira docente. Na minha época não havia mestrado na minha área. Fazíamos estágios no exterior. Fui para os Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Kellogg. Depois passei a professor assistente na UFPE. A progressão se fazia com base nos títulos que iam sendo acumulados. Algumas vezes era publicado um decreto onde éramos promovidos por tempo de serviço. Depois veio a exigência de mestrado e doutorado. Eu ensinava no curso de medicina, desde a época em que tinha chegado dos Estados Unidos.

O Conselho Federal de Educação pediu para analisar o currículo dos professores do mestrado de nutrição da UFPE, e no parecer, considerou um grupo (onde eu estava incluída) com nível não só de mestrado, mas de doutorado. De posse desse documento, dei entrada a um pedido de reconhecimento de equivalência a mestrado, no Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal. O relator, prof. Heraldo Souto Maior, fez um documento de várias páginas analisando meu pedido e argumentando que em função daquele tipo de currículo, eu merecia equivalência a doutorado. Nesse período houve abertura de concurso de livre-docência. Constava de uma prova escrita, uma prova de títulos e uma aula (prova didática). Submeti-me a todas essas provas, inclusive a prova escrita de sete horas de duração, da qual foram meus examinadores Ageu Magalhães Filho e Barros Coelho, entre outros. Beneficiei-me de uma lei que existia na época, que permitia fazer simultaneamente o doutorado e a livre-docência. Preparando a tese e submetendo-me a todas essas provas (escrita, oral, prática e didática), obteria o título de doutor e professor livre-docente.

Dessa forma, em 1977, tendo sido aprovada nesse concurso público de títulos e provas, conquistei o título de professor livre-docente em patologia da nutrição, pela Universidade Federal de Pernambuco, e o título de doutor na mesma área.

No começo da minha carreira quando estava ainda como instrutor, ensinava no Departamento de Anatomia Patológica da UFPE. Trabalhei 11 anos nesse departamento, ensinando processos patológicos gerais e anatomia patológica, sob a orientação do prof. Barros Coelho. Depois me

transferi para o Instituto de Nutrição. Quando fiz a livre-docência, já estava no Instituto de Nutrição, onde permaneci até me aposentar.

A relação do CPqAM com a Secretaria de Saúde e o panorama sanitário de Pernambuco

Um aspecto que quero destacar é quanto à relação do Aggeu [CPqAM] com a Secretaria de Saúde. Curiosamente, ao contrário do que hoje se verifica, até onde me recordo, esse relacionamento era quase nenhum. As políticas de saúde eram todas ditadas de cima para baixo. A ordem vinha do Ministério [da Saúde] e a articulação se fazia com o DNERu, que era uma parte do ministério. Não havia uma discussão sobre política regional de saúde, exceto pela presença entre nós (talvez não tanto na área profissional, mas na área afetiva) do dr. Gilberto Costa Carvalho, que era o delegado federal de Saúde, em Pernambuco.

"As políticas de saúde eram todas ditadas de cima para baixo. A ordem vinha do Ministério [da Saúde] e a articulação se fazia com o DNERu, que era uma parte do ministério."

O dr. Gilberto era um sanitarista ilustre, formado no Rio de Janeiro, que foi delegado federal de Saúde durante muito tempo. Morreu há poucos anos. Era amigo do dr. Frederico, participou da inauguração do CPqAM [ainda IAM] e teve inclusive uma participação muito grande na criação do instituto [IAM], além do Aggeu Magalhães (pai), naturalmente, e do dr. Barca Pellon, outra figura que embora tenha morrido quando o centro foi inaugurado, também colaborou bastante. Mas não havia uma política de saúde sendo discutida a nível regional. Havia mais a interação, de pessoa a pessoa, com base na amizade que cada um tinha. Nós mesmos não éramos integrados no espírito de saúde pública.

Na década de 60, por volta de 1966, o dr. Frederico [Simões Barbosa] submeteu-se a um concurso para professor titular de medicina preventiva, na Universidade Federal de Pernambuco. Nessa época frequentei o curso de saúde pública, pela necessidade que estava sentindo de integrar minha pesquisa básica com a saúde pública. Sentia, inclusive, necessidade de um treinamento maior em disciplinas como epidemiologia e estatística, que teria oportunidade de aprender neste curso. Acho que o curso de saúde pública devia ser obrigatório. Todo médico, independente

da sua especialidade, deveria fazer um curso de saúde pública, mesmo um curso de seis ou quatro meses. Fiz este curso e ele me proporcionou uma visão de conjunto, que sempre desejei ter na área de saúde.

As pesquisas desenvolvidas no Aggeu [CPqAM] eram baseadas nas endemias (doenças que existiam cronicamente na região) e não nas epidemias. Eram chamadas as grandes doenças endêmicas. O que se conhecia como doença endêmica no Nordeste, naquele período, era principalmente a esquistossomose, além das parasitoses intestinais.

Havia no Ministério da Saúde um serviço chamado Serviço Nacional de Peste, que foi desativado. Algum tempo depois, dr. Frederico conseguiu, junto com o dr. Celso Arcoverde, que era sanitарista e chefe da campanha de peste no Brasil, transferir o acervo [do SNP] para o Aggeu [CPqAM] e iniciar o laboratório de peste. Este depois se expandiu através da criação de uma estação de campo em Exu, zona endêmica de peste no Nordeste. Ainda hoje, mantemos uma estação de campo para vigilância contra a peste em Exu, que está localizada há seiscentos quilômetros do Recife.

As grandes campanhas contra endemias eram definidas pelo Ministério. O orçamento era discutido e repartido entre elas. Havia campanha contra esquistossomose, contra a peste, contra a doença de Chagas. As verbas vinham, prioritariamente, para as campanhas maiores, definidas em função das grandes endemias.

Há doenças que hoje nos preocupam, porque irrompem em caráter epidêmico, como a dengue, a cólera, consideradas praticamente erradicadas. A própria malária, por volta da década de 70, foi considerada erradicada; só existia a malária silvestre. Estas doenças agora voltaram a ser preocupação. O panorama sanitário do país, na época, era diferente do que foi no começo do século e nos tempos atuais. Em alguns aspectos nós involuímos apesar do progresso tecnológico.

"Há doenças que hoje nos preocupam, porque irrompem em caráter epidêmico, como a dengue, a cólera, consideradas praticamente erradicadas."

A criação do CRIEHSP

Uma experiência importante no final da década de 60 foi a criação do Centro Regional de Investigação e Ensino de Higiene e Saúde Pública

[CRIEHSP]. O dr. Frederico [Simões Barbosa] conseguiu recursos com a Sudene [Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste] para a criação deste centro, um nome bastante longo, cuja sigla era CRIEHSP. Fui convidada para colaborar; era uma espécie de *holding*, do qual participavam o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, a Universidade Federal de Pernambuco e a Sudene.

O CRIEHSP tinha por finalidade formar recursos humanos, como também desenvolver pesquisas. Tive uma participação grande, porque fui coordenadora de ensino do CRIEHSP e depois coordenadora de pesquisa. Com a saída do dr. Frederico, quando foi trabalhar na Organização Mundial da Saúde em Genebra, a falta de amadurecimento de nossa equipe, ainda muito jovem, e sobretudo, a progressiva perda de prestígio da Sudene, fizeram o projeto definhar. Os recursos começaram a escassear, a universidade começou a perder força e a própria Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz] entrou em colapso. Foi o período pós-64, e com isso o CRIESHSP desapareceu.

Era um projeto com perspectiva de se impor no futuro como um centro para o Nordeste, baseado no *holding* de três instituições. Nessa época, trouxemos para Recife vários professores, de São Paulo e do Rio. Oferecemos cursos de educação sanitária com a prof³ Ruth Sandoval Marcondes (USP), cursos de epidemiologia e de estatística com os *experts* da OMS [Organização Mundial de Saúde]: dr. José Augusto Coll, dr. Ernesto Giraldo e outros. Foi um período muito bom em termos de formação de recursos humanos. Posteriormente, a Fundação Oswaldo Cruz estabeleceu cursos de saúde pública regionalizados e, finalmente, foi criado o NESC [Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva], atualmente Departamento de Saúde Coletiva do CPqAM.

A relação do IAM/ CPqAM com DNERu e INERu

O Aggeu (IAM/ CPqAM) no início estava ligado à Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Saúde, depois ao Departamento Nacional de Endemias Rurais e por último passou à órbita do chamado Instituto Nacional de Endemias Rurais. No entanto, o DNERu como o INERu foram meras reformas internas no Ministério da Saúde. Teoricamente, sempre fomos considerados um órgão de pesquisa do Ministério da Saúde, em Pernambuco.

Na época do INERu melhorou um pouco, porque muitos diretores eram pesquisadores de carreira. Recordo-me do prof. José Rodrigues da Silva, professor catedrático de doenças tropicais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que antigamente chamava-se Universidade do Brasil. Dr. Rodrigues, apesar de ser professor de clínica, era um pesquisador. Era professor catedrático em tempo integral e atendia seus doentes no consultório, dentro da universidade. Tinha essa característica de acadêmico, que faz ensino e pesquisa e não tem muitas preocupações mercantilistas. Era um homem que estudava, promovia cursos e se preocupava em formar pessoal. Salvo algumas exceções, como o dr. Manoel Ferreira, que era um homem brilhante, a maioria dos que dirigiam as circunscrições do DNERu eram homens práticos, técnicos competentes na sua área porém mais voltados para a literatura ou para a política. Diziam: "Vamos aplicar moluscidas. Vamos jogar moluscidas no rio. Vamos aplicar inseticidas para combater o barbeiro transmissor da doença de Chagas". Mas faltava a eles essa formação científica que se adquire, geralmente, estando ligado a atividades de ensino ou a uma instituição de pesquisa. Nós começamos a melhorar muito depois da criação do INERu, que reuniu pessoas com essas características.

A incorporação do CPqAM à Fiocruz

A última grande reforma foi a que houve em torno de 1970, quando fomos incorporados à Fundação Oswaldo Cruz, que congregou tudo que se fazia em matéria de pesquisa na área médica e biomédica do país. Colocaram o Instituto Oswaldo Cruz como célula *matere* atrelaram a ele todos os outros centros de pesquisa.

No começo nós éramos Instituto Aggeu Magalhães [1950-58] e depois passamos a Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [1958-96]. A incorporação oficial à Fiocruz foi em 1970, mas o vínculo empregatício dos funcionários deu-se entre julho e agosto de 1975.

Vale destacar, inclusive, que foi uma reforma realizada inicialmente só no papel. A Fiocruz vivia no Rio de Janeiro isolada dos Centros Regionais. Naquela época, não existiam todas as unidades que a compõem atualmente. Ninguém se conhecia.

Nunca fomos visitados por qualquer presidente, vice-presidente ou quem quer que seja. Por uma questão de justiça histórica, devo dizer que

o primeiro presidente, legitimamente constituído depois da criação da Fundação Oswaldo Cruz e do nosso atrelamento funcional e científico à referida fundação, a nos visitar foi o dr. Vinícius da Fonseca. A visita foi nos seguintes termos: ele subiu direto, com hora marcada, para o gabinete do diretor que, na época, se não me engano, era o Ageu Magalhães Filho. Foi quando a fundação começou a se recompor, depois de longo período de colapso. Ele veio numa visita ultra-rápida, passou com a comitiva pelo corredor, eu vi de longe, subiu para o gabinete do diretor, onde reuniram-se a portas trancadas. Ninguém sabe, até hoje, o que foi conversado. Em termos funcionais, para nós pesquisadores, não representou absolutamente nada. No entanto, acho que o dr. Vinícius da Fonseca, um economista, teve o grande mérito de tirar a intuição dos escombros, não somente do ponto de vista físico, como também científico e financeiro. Ele começou a reconstruir alguns edifícios, a reorganizar a estrutura funcional e a melhorar o orçamento. A fundação veio à tona. Acho que o mérito desas medidas, no entanto, só teve reflexo a nível central. O CPqAM em nada se beneficiou. Depois, foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz o dr. Oswaldo Cruz Filho, que também esteve conosco numa visita do mesmo tipo. Subiu, reuniu-se com o diretor da época e foi embora.

A primeira diretoria [da Fiocruz] a preocupar-se com os nossos problemas específicos, a estabelecer diálogo com os pesquisadores, visitando, permanecendo mais de um dia, inspecionando laboratório por laboratório, vendo as dificuldades e anotando as reivindicações, foi representada pelo prof. José Rodrigues Coura, que era vice-presidente do dr. Guilardo Martins, na época.

Na minha avaliação, na gestão do dr. Martins houve uma série de erros gravíssimos. No entanto, a figura do vice-presidente de pesquisa, dr. José Rodrigues Coura, visitando e inteirando-se dos problemas junto aos pesquisadores, sinalizou uma mudança radical. Recordo que nós estávamos a zero, com os equipamentos todos quebrados. Fiz uma queixa violenta, reivindicando um micrótomo. Disse a ele: "Coura, para um clínico o estetoscópio é o instrumento básico. Para quem trabalha num laboratório de histologia e patologia, é o micrótomo, o aparelho que corta, que prepara as lâminas. Nós não temos um micrótomo". Depois de trinta dias, recebemos um micrótomo novo do IOC [Instituto Oswaldo Cruz], que tinha chegado e nos foi doado, porque nós estávamos numa carência que exigia isso. Realmente é uma questão de justiça histórica, e esse fato eu

gravei muito bem. Depois dele veio a gestão de [Sérgio] Arouca, com reflexos positivos muito grandes para o Ageu [CPqAM].

Na gestão de Arouca, esse processo de articulação do ponto de vista científico se consolidou e se expandiu de maneira fantástica. Devemos muito à atuação do seu Vice-Presidente de Pesquisa e depois Presidente da Fiocruz [Carlos] Morei, que ultrapassou as expectativas.

Arouca esteve aqui várias vezes. Ele e Morei deram um balanço nas atividades da instituição e começaram a fazer o CPqAM "entrar nos eixos". Foi no período em que Ageu [Magalhães Filho] ainda era diretor.

Ageu veio para cá como pesquisador, inicialmente. Depois, trabalhou uns dez ou 11 anos e saiu, passou muitos anos fora daqui. No fim da gestão de Guillard [na Fiocruz] subscrevemos um abaixo-assinado, indicando Ageu para diretor. Subscrevemos o documento para o ministro depois de ter falado com o Ageu, e argumentei com ele na época: "Você é ligado ao centro, tem a história de seu pai. Vamos salvar a instituição. Você é o homem indicado, você tem prestígio político, nós queremos que você volte para lá, você já foi de lá..." Ele não se mostrou muito interessado, mas depois acedeu. Esta era uma fase em que o Instituto [CPqAM] estava decadente. Eu não queria assumir, ninguém queria, porque achávamos que estava num período onde a instituição corria o risco de fechar e nós não queríamos "pegar na alça do caixão", como costumávamos dizer. Enviamos o documento e Guillard, então, aprovou a escolha e o indicou, pois ainda não havia eleições na Fiocruz. A situação era tão crítica que realizávamos reuniões à noite para discutir como salvar a instituição. Então Ageu tomou posse como diretor [do CPqAM]. Recebemo-lo muito bem, todo mundo satisfeito, e começavam a ser tomadas algumas providências.

Logo depois veio a presidência de Arouca e André Furtado foi colocado na vice-diretoria [do CPqAM] com plenos poderes, para decidir inclusive sobre questões orçamentárias.

O convênio com o governo japonês e a criação do LIKA

Um acontecimento significativo na história do Ageu [CPqAM], em termos de convênio, foi aquele assinado com a Universidade Federal de Pernambuco. É importante que fique documentada a verdade com total transparência. Inicialmente este não tinha nenhuma relação com a Fun-

dação Oswaldo Cruz nem com o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Esse convênio pretendia ser estabelecido por vários anos, através de uma doação que envolvia milhões de dólares, firmado pelo governo japonês, através da JICA com a Universidade Federal de Pernambuco. No entanto, os japoneses exigiam, para que fosse viabilizado, um espaço físico adequado para alojar os equipamentos que seriam doados por eles. Esses, em sua maioria, eram de alta sensibilidade e precisão, o que exigia local sem trepidação e com boa ventilação. A comissão da UFPE encarregada do estabelecimento do convênio era chefiada pelo prof^o Rui Marques, professor da cadeira de Doenças Tropicais e Infeciosas. Depois o dr. Rui Marques, próximo de se aposentar, convidou o dr. Aggeu Magalhães [Filho], também professor da universidade para substituí-lo.

A missão japonesa esteve em Recife várias vezes e, em todas elas, conversavam com a reitoria à espera de que a área física fosse indicada. Nessa época as universidades estavam em crise; foi o famoso período pós-revolução de 64. Não havia a menor condição de construir coisa alguma. Durante as primeiras visitas da comissão japonesa, Aggeu Magalhães [Filho] estava ainda representando, apenas a UFPE. Não era, ainda, nosso diretor.

Depois de numerosas visitas a missão japonesa não concordou com os locais disponibilizados pela universidade. Havia sido reiniciadas as obras do Hospital das Clínicas, e a universidade reservara determinado andar do hospital para instalar os equipamentos. Convidaram os japoneses para conhecer o prédio: "Vamos visitá-lo que agora está resolvido o problema. Há um andar todo no novo hospital só para colocar os equipamentos que virão do Japão. A construção esteve paralisada por quase trinta anos, mas foi reiniciada".

A comitiva foi conhecer o local. Aggeu desempenhava, agora, um duplo papel, pois já tinha sido nomeado diretor do CPqAM. Quando a comitiva chegou ao andar onde os equipamentos seriam instalados, passou um caminhão "jamanta" carregado, pela frente do hospital, e estremeceu tudo. Foi uma tragédia! A comitiva japonesa disse: "Impossível! É este o local que vocês reservaram para colocar os equipamentos? Não pode. Temos microscópios eletrônicos, um de transmissão e um de varredura, além de outros equipamentos sofisticados altamente sensíveis, que não podem ficar em local que tenha qualquer vibração". Houve um mal-estar geral.

Eu não estava presente nesta visita. Este é um relato do meu dileto amigo Ageu Magalhães Filho, que estava com a comitiva. Ele ficou muito preocupado e no dia seguinte me disse: "Eridan, não consegui dormir. Fiquei louco". A essa altura a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal da Paraíba estavam torcendo para que não desse certo e fazendo pressão para levar o convênio para uma das duas. Já era a quinta ou sexta visita que a missão japonesa fazia ao Recife.

Ageu contou-me que de repente sentiu acender uma luz, veio uma idéia: "Por que não fazer um convênio com a Fundação Oswaldo Cruz?" Um convênio com o governo japonês e a universidade para abrigar esses equipamentos. E levou à frente essa idéia. Na época, ele tinha um apoio político muito grande, porque o governador de Pernambuco, naquela ocasião, era o prof. Roberto Magalhães, que hoje é deputado federal, o ministro da Educação era o dr. Marco Maciel, que é cunhado de uma filha dele, além do deputado Ricardo Fiúza, cunhado e líder no Congresso. Enfim, eram três personalidades políticas da terra, de altíssimo prestígio no governo daquela época. Ageu tinha todas as chances de conseguir os recursos necessários. Conversou com Guilardo, e este concordou inteiramente. Dirigiu-se aos políticos nos quais se apoiava e obteve um empréstimo enorme para a Fundação. O Ministro da Fazenda, na época, era o dr. Delfim Neto, muito amigo de Ricardo Fiúza. Este agendou uma audiência de Ageu com Delfim para tratar do problema da liberação de recursos.

O fato é que os recursos foram liberados, mas com ônus para a Fundação Oswaldo Cruz.

"A universidade se beneficiaria do convênio, mas quem pagaria o empréstimo, ou está pagando até hoje, era a Fundação Oswaldo Cruz."

Na fundação [Fiocruz] acredito que estivessem imaginando que o lucro seria o acesso a equipamentos modernos, sofisticados e abundantíssimos, o que significava uma economia para a instituição. Essas coisas todas foram resolvidas sempre em nível de cúpula. Na fundação não me consta que algum conselheiro, na época, deliberasse sobre isso; não houve outras cabeças para opinar. O próprio vice-presidente de Pesquisa, o dr. Rodrigues Coura, já me afirmou duas vezes que não sabia de nada. Acredito que isso até possa ser verdade, porque o dr. Coura é um homem sério. Então a coisa foi resolvida entre Guilardo, os políticos que apoiavam Ageu, o próprio Ageu e o pessoal da universidade - Maria

Antônia McDowel, vice-reitora na época, e o reitor que era George Brown.

É desnecessário dizer que não houve participação de nenhuma comissão, nenhum comitê deliberativo dentro da fundação, muito menos no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Primeiro o conselho não se reunia com regularidade. Era uma coisa esporádica. Segundo, ninguém foi chamado, mesmo em caráter isolado. Eu, como pesquisadora mais antiga, não fui ouvida.

Ageu Magalhães [Filho] foi à universidade e comunicou ao reitor que a fundação estava de acordo em se responsabilizar pela construção do prédio, e que a proposta era de que a universidade cedesse uma área. O Instituto Aggeu Magalhães [CPqAM] sairia do Espinheiro e viria para o campus [da universidade], e nessa construção haveria uma área para os equipamentos japoneses.

"(...) a proposta era de que a universidade cedesse uma área. O Instituto Aggeu Magalhães [CPqAM] sairia do Espinheiro e viria para o campus [da universidade] (...)"

Houve uma festa, lançaram a pedra fundamental; eu participei, tem até fotografia. Só que não apareço, porque já estava vendo que o negócio não ia dar certo; fiquei por trás, na segunda fila, mas estava presente, ao lado de outros colegas. Aparece em primeiro plano o deputado Ricardo Fiúza, o dr. Guilardo e o dr. Ageu. Lançaram a pedra fundamental e a partir desse momento todo ônus foi da Fundação Oswaldo Cruz. dr. Ageu estava muito otimista; ele é uma pessoa extremamente otimista, sempre vê tudo azul, no máximo cor-de-rosa.

Tudo caminhou sem sabermos dos detalhes da construção, continuamos trabalhando no Espinheiro, no prédio velho, e assistindo àquele movimento - os engenheiros que vinham do Rio [de Janeiro] fiscalizar a obra, a angústia pelos recursos que demoravam para serem liberados pela Caixa Econômica...

Nós estávamos muito satisfeitos, porque vínhamos para cá. O dr. Ageu, naquele otimismo que lhe é característico, dizia que ia ser um "celeiro" de pesquisadores. Esse foi um dos argumentos que ele me afirmou ter usado com o dr. Guilardo: que a partir do momento em que o Aggeu [CPqAM] ficasse no campus [da universidade], a Fiocruz durante longos

anos não precisaria se preocupar em pagar pessoal. Ia gastar com a construção, mas em compensação ia economizar em recursos humanos. Porque quando os pesquisadores da universidade vissem isso construído, iam todos correr para cá. Uma história realmente emocionante! Todos se emocionaram, era natural com essa perspectiva.

Quando se aproximou a época da inauguração, começamos a elaborar o organograma. Discutimos e organizamos um organograma moderno, inclusive com a proposta de criação de alguns setores que não tinha sido possível criar no prédio do bairro do Espinheiro, mas que acreditávamos teriam condições de serem organizados nas novas instalações, com os equipamentos que vinham e com as pessoas que imaginávamos que iam trabalhar conosco.

Depois do organograma concluído, tive a idéia de convidar um consultor que pudesse avaliar nosso projeto. Fui ao dr. Ageu e disse: "Ageu, como nós não somos técnicos em organograma, que tal se chamássemos uma pessoa que tenha uma formação em administração de serviço de saúde e que possa opinar se tecnicamente esse organograma está perfeito, para depois encaminharmos à fundação?" Ele disse: "Ótima idéia! Quem é que você sugere?" Eu respondi: "Sugiro o nome do prof. Bertholdo Kruse; é um sanitarista de renome, já foi secretário estadual de Saúde no governo de Cid Sampaio, um homem sério, honesto e além disso é meu colega de magistério em nutrição". Kruse foi presidente do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição em Brasília durante muitos anos, era um técnico de administração de serviço de saúde e podia opinar muito bem. Telefonamos para ele: "Bertholdo, você pode perder uma tarde conosco?" Ele achou ótima a idéia.

Bertholdo compareceu; essa é a parte do "X" do problema. Lembro-me como se fosse hoje: dr. Ageu na cabeceira, dr. Bertholdo sentou-se junto, sentei-me em frente a Bertholdo, do lado de cá outros pesquisadores, dra. Otamires [Alves da Silva], dr. Célio [de Almeida], dr. Alexandre Bezerra de Carvalho, enfim, o que era mais expressivo na época dos remanescentes do grupo inicial e alguns novos. Começou a reunião, dr. Bertholdo analisando o organograma, em certo momento disse: "Tem um ponto aqui que acho que não está correto tecnicamente". E fez uma proposta de mudança. Depois observou: "Mas eu não sei exatamente como é esse convênio. Como é esse convênio?"

Nós imaginávamos que os equipamentos japoneses iriam se reunir com os equipamentos que já eram do Aggeu Magalhães [CPqAM] de acordo com as habilidades técnicas e que seria formado um grupo de pesquisadores do Aggeu com um grupo da universidade. A única diferença que existiria era no fim do mês quando cada um receberia seu contra-cheque de uma folha diferente. Nosso organograma tinha sido feito dentro dessa concepção.

Bertholdo sentiu que algumas coisas não estavam claras e disse: "Mas eu não estou entendendo bem. Eu poderia ver como é o convênio?" Perguntou para nós se sabíamos responder suas dúvidas e nós não sabíamos. Ele disse: "Ageu, o convênio já está assinado. Há algum documento escrito?" Ageu relutou um pouco. Ele continuou: "Eu poderia ver o convênio?" Ageu chamou a secretária e disse: "Localiza o convênio". A secretária localizou o convênio e trouxe. Bertholdo pediu para que fosse lido: "Lê aí o que é que a fundação fará". Ageu começou a ler e a coisa estourou. Nós tomamos conhecimento de uma realidade que era completamente diferente do que até então se sabia. Primeiro a universidade entrava cedendo em comodato, que é uma linguagem técnica que significa "emprestar um terreno de uma determinada área". Em troca, a Fundação Oswaldo Cruz se comprometia em construir todo o prédio, e no ato da inauguração ceder logo, antes de ocupar, 1.300 metros quadrados de área construída, para nela se instalar os equipamentos que seriam doados através de um convênio estabelecido entre o governo japonês e a Universidade Federal de Pernambuco. Além de construir o prédio, a fundação também ficaria encarregada de assegurar a manutenção de todos os equipamentos, garantir os serviços de conservação e limpeza, fornecer aproximadamente 11 funcionários das categorias: técnicos de laboratório, secretárias e motoristas, colocar um carro e um motorista à disposição e mais alguma coisa de que eu não estou lembrada.

Quando foi lido em voz alta, foi o "estouro da boiada". A partir daí o clima ficou horrível. Nós ficamos advertidos para o fato e começamos a promover reuniões, procurando "defender a pátria". Dr. [Carlos] Morei inclusive esteve conosco, nessa época, e tomou conhecimento da situação. Só que a coisa era tão absurda, que ele não acreditou. Começamos a pedir que houvesse reuniões e houve várias, com a presença do dr. Luís Bezerra de Carvalho, que ia ser o coordenador do LIKA [Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami] e que ainda o é até o presente momento.

Ficou bastante claro que a universidade defendia a separação das atividades. Luís Bezerra chegou a dizer, numa reunião conosco, que seria bom que as coisas fossem mantidas de forma individualizada. Nós começamos a ver a criação dos mesmos laboratórios em duplicidade.

Fizemos várias reuniões a partir do momento em que tomamos conhecimento do que estava ocorrendo, só que descobrimos muito tarde. A essa altura, a inauguração já estava marcada, o prédio já estava no acabamento final. E estava tudo no papel, com assinatura das autoridades responsáveis.

Há um parágrafo do convênio que afirma que os pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz dependendo da disponibilidade, do equipamento, e da concordância dos pesquisadores da universidade, poderiam por bem utilizar os equipamentos. Mas está bastante claro que o convênio foi feito entre o governo japonês e a Universidade Federal de Pernambuco; a Fundação Oswaldo Cruz entrou apenas para dar o suporte necessário à concretização do convênio. Éramos eu e Alexandre [Bezerra de Carvalho] brigando pela fundação: "Não pode ser! Tinha que ser um convênio tripartite!" Mas esse não era nosso, papel pois não éramos diretores. Nosso diretor, infelizmente, falhou na defesa dos interesses da Fiocruz. Os japoneses vieram para determinar até as dimensões das salas e as subdivisões internas.

Depois da inauguração, os japoneses reivindicaram outras dependências do prédio fora dos mil e trezentos metros quadrados previstos no convênio. Como Ageu [Magalhães Filho] ainda era diretor, atendeu. Pediram o almoxarifado; nós só tínhamos um almoxarifado, porque a idéia de Cristina, a arquiteta [da Fiocruz responsável pela obra], era de um almoxarifado comum, eram várias coisas comuns. Resultado, foi entregue o almoxarifado. Nós ficamos sem almoxarifado nenhum. André Furtado, quando diretor, preparou uma saleta estreita para poder estocar as coisas que tinham que ser guardadas. O almoxarifado foi feito agora na minha gestão, lá atrás na antiga garagem. Pediram, depois, mais uma sala, por fora da área acordada, e Ageu também concedeu. Acredito que nós só salvamos a parte do prédio do auditório para cá, porque foi a fase em que Arouca entrou em cena; nomeou André Furtado como vice-diretor e colocou Ageu em situação desconfortável, que culminou com o seu pedido de exoneração. Do contrário ele tinha doado o auditório e tudo que fosse pedido.

Acredito que realmente a fase da modernidade começou na gestão de André Furtado [no CPqAM] e nós devemos muito à gestão do Arouca e do Morei [na Fiocruz]. O próprio Morei, no começo, achava que nós éramos um pouco exagerados. Morei é muito político, procura ouvir uma coisa e outra para ver o equilíbrio. Mas houve um fato terrível no ato da inauguração. O Arouca, que era o presidente [da Fiocruz], não pôde comparecer, parece que estava na Nicarágua. Enviou o Morei com o discurso para ser lido na inauguração. Tenho o vídeo da inauguração que o Ageu Magalhães [Filho] doou ao nosso acervo. Então no vídeo você vê claramente que foi uma festa da universidade e do governo japonês, onde o Aggeu [CPqAM] entrou por acréscimo. Na inauguração do prédio do Aggeu no campus da universidade, só se falava em LIKA.

Um ponto altamente dissonante foi, na véspera da festa, quando dr. Morei chegou, pediu para ver a programação e constatou que tinham se esquecido de reservar espaço para o presidente da fundação na mesa de honra. Foi quando dr. Morei começou a se aperceber da gravidade da situação; até então ele achava que éramos muito inflamados. Ficou revoltadíssimo. Protestou junto ao cerimonial e, por causa da reclamação, no dia seguinte arranjaram um lugar na mesa. Mas você vê no vídeo que ele não está no lugar que devia. O presidente da fundação e o reitor da universidade deveriam estar ao lado do governador do estado e, em seguida, as demais autoridades. Essa era a composição correta. Mas ele ficou lá no sexto ou oitavo lugar da mesa, e isto porque reclamou. Ainda disseram para ele que teria no máximo 15 minutos para o discurso e que não se excedesse. Ele abreviou o discurso, cortou umas coisas e fez o discurso lá humilhadinho no cantinho dele, representando o presidente.

Isso me doeu na alma! Principalmente pelo fato de ter dedicado dois terços da minha vida a esta instituição. Entrei com 21 anos e estou até hoje, ininterruptamente. Doeu muito em todos nós que defendíamos a instituição. Ficamos muito constrangidos. No vídeo da festa, nós sempre aparecemos em segundo plano. Ninguém vibrou, porque não foi uma festa nossa. Foi uma festa da universidade com o Japão. E a situação permanece até hoje.

Uma coisa é importante que seja dita, resgatando a verdade dos fatos. O governo japonês não tem nenhuma responsabilidade. Os japoneses queriam apoiar uma universidade do Nordeste, fazendo uma primeira etapa de um convênio de cinco anos, nas matérias básicas, doando

equipamentos em troca de instalações físicas. Ofereceram bolsas [de estudo] para o Japão, que foi outra coisa que nós reivindicamos, mas a concessão das bolsas também foi feita da maneira mais aleatória possível.

A instituição japonesa que apoia o projeto é a JICA [Japan International Cooperation Agency]. Na inauguração veio o cônsul, do Rio de Janeiro, embaixador, de Brasília. Eles não sabiam nem o que era Fundação Oswaldo Cruz. Depois que estavam instalados é que começaram a sentir o clima de reação e foram entendendo o mecanismo. Hoje eles entendem.

O coordenador japonês é uma pessoa muito cordial. Eles ficaram com vergonha e chegaram a dizer (a secretária dele que nos transmitiu) que não sabiam da história e começaram a exigir da universidade o nosso apoio. Nessa segunda parte do convênio, eles estiveram aqui antes, eu já estava na direção, para perguntar se a Fundação Oswaldo Cruz, o Centro Aggeu Magalhães concordava com a passagem deles por aqui. Eu disse: "Nós concordamos e estamos aqui para qualquer apoio. Agora, na primeira parte nós não fomos consultados e não temos nenhuma relação, mas não temos nada a opor à JICA em relação a esse tipo de apoio".

Essa foi a história real desse convênio. Não cabe aos japoneses nenhuma responsabilidade. Este é o ponto onde sou mais rigorosa: acho que nos faltou, na época, a figura de um diretor forte que defendesse os nossos interesses. Porque aconteceu que a negociação foi toda feita dentro de um grupo que lutava apenas por um lado. Nós continuamos ainda com o ônus de pagar a firma de limpeza, energia elétrica, telefonia e manutenção predial.

André teve um papel muito importante na redefinição dessa relação. Com a saída de Ageu, ele cortou primeiro o carro e o motorista, pois nós não tínhamos motorista nem para o nosso trabalho. As viaturas eram todas velhas e quebradas, o que nos impedia de deixar uma viatura exclusiva só para o LIKA. Cortamos a viatura. Mantivemos outros benefícios. A manutenção dos equipamentos não estamos fornecendo, porque também não temos dinheiro. Foi feito um levantamento pelo próprio Morei, na época, e o que ia ser pago para manter dois microscópios eletrônicos e outros aparelhos sofisticados da imunologia, era equivalente ao orçamento do Aggeu. Ceder 11 funcionários, também, era impossível, porque estávamos em crise de ampliação do quadro técnico. O convênio está sendo desenvolvido, mas estas coisas deixaram de ser cumpridas. Em troca disso, nós não podemos nos mexer aqui dentro. Para fazer um

primeiro andar foram mil licenças; fui chamada no setor de planejamento para fornecer explicações detalhadas. A sorte é que o pró-reitor era o dr. Bertholdo Kruse, amigo de longa data, essa figura que presenciou todas essas coisas. Nos visitou então uma arquiteta da Pró-Reitoria de Planejamento da Universidade, examinou, viu que era apenas uma expansão para cima. Porque pelo convênio a nossa área vai até próximo a esse riacho, que passa ao lado. Construimos, recentemente, um espaço externo para lazer. Comuniquei-me com o LIKA e expliquei que era um espaço que ia servir aos funcionários das duas instituições. Consegui em minha gestão, como diretora, delimitar o terreno que ocupamos, o que nos dá uma condição de maior segurança. Mas a desejada integração científica com o LIKA ainda não ocorreu nos moldes em que seria necessário, decorridos 10 anos do acordo firmado entre a Fiocruz e a UFPE.

A família: pais, irmãos e filhos

Retomando minha história familiar, como relatei no início, sou filha de um pai cearense de profissão militar, oficial do Exército. Guerreiro por vocação, geneticamente patriota e nacionalista, e de mãe prof, pedagoga que exerceu suas atividades profissionais até o momento do casamento, que felizmente, com a graça de Deus, perdurou por toda a vida. Foram mais de cinqüenta anos de vida em comum. Dessa união resultou o nascimento de três filhas, todas mulheres.

Sou a mais velha, me formei em medicina, uma segunda irmã estudou até o curso científico e depois casou com um médico, formado em Recife. E uma terceira, se formou em biblioteconomia e exerce ainda hoje funções importantes na Fundação Joaquim Nabuco. Ela foi chefe do Departamento de Documentação. Aposentou-se, há cerca de dois anos, e, no momento, chefia o Memorial da Fundação Joaquim Nabuco a convite do presidente Fernando Freire, considerando, como ele diz, as excelentes qualidades que ela possui como funcionária. Isso é, sem dúvida, um reflexo do tipo de criação que nós tivemos. Um exemplo cotidiano de honestidade, de patriotismo, de dedicação ao trabalho que nós nos acostumamos a vivenciar e que papai personificava na sua vida e mamãe também. Esta era uma pessoa de temperamento mais tímido e que completava o guerreiro. Papai era extrovertido, um poeta, inteligente, vivo, de relacionamento fácil. Mamãe era tímida mas ocupava dentro da família um

espaço, como todas as boas mães, o que nós fomos capazes de avaliar em maior plenitude depois do seu falecimento. Meu pai faleceu repentinamente quatro anos antes dela. Ela faleceu de uma cirurgia para corrigir um problema benigno, uma hérnia umbilical, por uma complicação cirúrgica que não devia ter ocorrido.

Das minhas irmãs, uma reside em Fortaleza e é casada com um médico, Francisco Sampaio Oliveira. Tenho três sobrinhas, filhas dessa irmã, e aqui em Recife tenho outra irmã casada com o Luís Gonzaga dos Santos, advogado e administrador de empresas, e três sobrinhos, um rapaz e duas meninas, Luís Eduardo, Gisele e Denise. A maior parte dos meus tios já desapareceu.

Nossa infância foi toda muito movimentada, como já me referi, pela condição de papai ser transferido freqüentemente. Completava dois, três anos em cada local, então era obrigado a se transferir, principalmente quando recebia uma patente a mais, quando tinha uma promoção. Esta implicava automaticamente na remoção do militar daquele local. Isso nos trouxe, por outro lado, uma experiência boa porque estávamos constantemente nos deslocando. Moramos sempre nas capitais.

Lembro-me dos nossos períodos de férias na praia, das nossas saídas a pé, sem perigo de violência, sem perigo de agressões. Nós não tínhamos carro, porque naquela época poucos privilegiados possuíam. São lembranças muito gostosas; um pai e uma mãe extremamente dedicados e que viveram o tempo todo em função de sua família. Papai era exemplo de um patriarca, muito querido, inclusive, no fim da sua vida pelos genros. Ele casou todas as três filhas. As outras duas mantiveram os maridos, eu me divorciei em 1969.

Os dois pólos da minha vida se consubstanciaram realmente nas figuras, em primeiro lugar, dos meus filhos, e, em segundo lugar, do meu trabalho. Hoje os filhos cresceram, casaram e atualmente resido sozinha. Consegui uma façanha nessa fase da vida: transformei em condomínio aquilo que era nossa casa inicialmente. Esta foi demolida e nós a transformamos em quatro apartamentos. Eu resido em um e os filhos residem nos outros três. Então, estamos todos no mesmo prédio; embora independentes, guardamos uma relação muito boa de proximidade e de amizade. A essa altura, tenho cinco netas, duas do filho mais velho e três do segundo filho.

Meus dois filhos mais velhos, como já disse, formaram-se em medicina, sendo que o primogênito, Frederico Guilherme, ia ser cardiologista, mas depois de fazer mestrado em bioquímica foi fazer doutorado em biologia molecular, na Inglaterra. Voltou, e atualmente é chefe do Departamento de Imunologia do CPqAM, eleito pelos colegas.

Nunca tive problemas de estudo com os três meninos. Todos foram alunos excelentes; nunca perderam um ano escolar, sempre foram aprovados por média. Essa marca consegui imprimir nos meus filhos. Fred, no vestibular, tirou o primeiro lugar da área de medicina e o segundo lugar geral. Dois anos depois, quando Carlos Gustavo fez vestibular, tirou o primeiro lugar geral entre quarenta mil estudantes; isso foi um sucesso. Foi uma das coisas que me deu mais alegria como mãe e como profissional. Tenho jornais da época. Ele saiu em manchete de primeira página em vários jornais. Na hora em que o resultado foi publicado, naquele tempo demorava três, quatro dias, foi aquele suspense; o resultado saiu às 11 horas da noite. De imediato, a minha casa ficou cercada com três ou quatro carros de reportagem de TV. O repórter que esteve lá em casa para entrevistá-lo foi Francisco José, ainda me lembro. Carlos Gustavo com 17 anos, passou em primeiro lugar geral com uma média altíssima, 98, 99. Ele é muito brilhante. No momento, ele está nos Estados Unidos, fazendo uma especialidade que é muito rara no Nordeste: radiologia intervencionista. Ele foi pioneiro, fez pós-graduação em São Paulo e em Brasília. Vai freqüentemente aos Estados Unidos manter contactos com um ex-professor. Tem uma vida muito equilibrada. Casou-se muito jovem com uma menina que é a filha que eu não tive. Deu-me três netas, que são minha alegria. Aliás, tenho noras maravilhosas. O terceiro é o Ronaldo César, que é formado em ciência da computação e é consultor atualmente da Unissys. Uma firma que substituiu a antiga Borrows. Essa é a minha família.

Lá em casa sempre houve um "clima" muito propício. Havia um local reservado para escritório. As paredes eram cercadas de estantes com livros. Há um detalhe curioso, que depois comecei a me impressionar. Usava-se fazer os retratos de formatura em tamanho grande e com uma moldura bonita e eu não fugi à tradição. Ficavam as estantes e o retrato grande, eu sentada, vestida com a beca de arminho da formatura. Não sei se isso teve uma influência muito forte sobre os meninos, a tal ponto que quando o primeiro escolheu medicina, e depois o segundo também,

só restava o terceiro, eu tirei o retrato da parede. Coloquei-o de costas, no chão. Eu não queria o terceiro também fazendo medicina...

À noite, quando eu chegava do trabalho, ficava na mesa da sala de jantar preparando minhas aulas, redigindo trabalhos, e deixava o escritório para eles ficarem concentrados. Cresceram vendo sempre a mãe estudando. Isso foi muito importante na formação deles. Nunca tive o menor problema de estudo com nenhum dos três. Nunca precisaram de professor particular; só na fase do vestibular é que, em algumas matérias, preferiram ter algum reforço de cursinho. Acho que foi uma coisa importante que consegui na vida: ter tido três filhos que hoje são reconhecidos como competentes, de bom caráter, muito queridos, muito respeitados nos locais de trabalho. Com nove ou oito anos de idade começaram a estudar inglês; de modo que todos falam, escrevem, traduzem, não têm nenhuma dificuldade. A formação que dei a eles, tanto do ponto de vista profissional como moral, tenho absoluta consciência de que não poderia ter sido melhor. Sinto-me orgulhosa de, a essa altura da vida, poder dizer que coloquei na sociedade três homens de bem.

Casei-me um ano depois de formada, em novembro de 1955, na Igreja das Fronteiras, em Recife. Vivemos razoavelmente durante 11 anos, mas por incompatibilidade de pontos de vista preferimos nos separar. Meu ex-marido, Guilherme Montenegro Abath, era professor da faculdade. É uma pessoa extremamente inteligente, competente, neuropatologista; trabalhou algum tempo, com medicina preventiva. Comandou um projeto importante chamado Projeto Vitória. Hoje é presidente da União Brasileira de Escritores Médicos. É uma pessoa voltada para as letras, filosofia. Tive algumas oportunidades de voltar a casar, mas as que apareceram não foram satisfatórias. Preferi continuar só.

À noite, apesar de não terem o pai em casa, meus filhos tiveram em contrapartida a figura do avô, meu pai. Era ao mesmo tempo carinhoso, terno e muito firme. Dois contrastes que nele se harmonizavam muito bem. Tiveram como figura masculina a presença constante do avô, que morava perto de mim. Minha mãe ficava com eles, quando eram pequenos, para eu ir trabalhar.

A repressão do regime militar e o CPqAM

No período de 1964 a 1972, o mais repressivo do regime militar, não houve interferência direta na vida do Aggeu [CPqAM]. Nessa época, estava casada, tinha filhos pequenos. Acompanhei de muito perto todo esse processo, mas sem maiores envolvimento. No entanto, aconteceu um fato comigo relacionado com o problema da perseguição política a todos que eram considerados subversivos. Foi um fato relativamente pequeno, mas está associado a um manifesto de apoio ao trabalhador rural, manifesto de apoio a Arraes. Nesse tempo eu trabalhava um turno no Aggeu [CPqAM] e um turno na universidade federal, como instrutora de ensino. Esse manifesto foi chamado "o manifesto dos intelectuais". Circulou no hospital, e nós tínhamos um colega que trabalhava inclusive no mesmo grupo, pertencente ao Partido Socialista. Foi Secretário Municipal de Saúde; estou esquecida do nome dele. Esse colega circulou o manifesto. Pelos termos do manifesto, era uma coisa justíssima. Todos nós assinamos. Foram raras as pessoas que não assinaram. Por conta dessa assinatura, me vi fichada no DOPS, com a pecha de subversiva. Era a única coisa que tinham contra mim. Não participei de nenhuma atividade política, inclusive nunca freqüentei reuniões políticas. Não tinha tempo, trabalhava e os filhos eram pequenos. Apenas assinei, subscrevi esse manifesto ao lado de tantas outras figuras ilustres; foi até uma honra. Por conta disso, fiquei fichada no DOPS, de tal forma que todas as vezes que precisava de uma viagem ao exterior, de uma certidão de bons antecedentes, esta me era negada.

Ser fichada no DOPS como subversiva, quer dizer, ser subversiva no bom sentido, isso sempre serei. Querer o que é certo, o que é justo, o que é correto; então, se isso subverte a ordem vigente, então quero ser eternamente subversiva.

Já no final do regime militar, através de um advogado, que era marido de uma colega do Instituto de Nutrição e conhecia pessoas do DOPS, a certidão negativa saía, tendo ele como responsável. Foi uma pessoa muito distinta, nunca teve o menor escrúpulo de assegurar que eu era uma pessoa de bem. Mas isso realmente me chateou durante muito tempo. Depois saíram no jornal críticas do nosso saudoso intelectual Gilberto Freyre, dizendo que aquilo não era "manifesto dos intelectuais", era "manifesto dos intelectuários". Mas, seja como for, dos intelectuais ou

dos intelectuários, subscrevi um manifesto que era justo, que era coerente com o que as pessoas de bem e patriotas pensavam no momento, e não me arrependo de tê-lo feito.

Em relação a reflexos que o movimento de 64 possa ter tido no Aggeu Magalhães [CPqAM], posso afirmar que não teve repercussão. Não contávamos, naquela época, com pessoas que fossem militantes na política. Acho que isso nos salvaguardou de certa forma. Por outro lado, a direção do Aggeu também não estava em mãos de pessoas ligadas à política e, antigamente, a direção era um cargo indicado pelo Rio de Janeiro, com aprovação do ministro da Saúde. Hoje depende de uma eleição interna, em seguida é submetida ao presidente da fundação, que por sua vez submete ao ministro, que homologa ou não. Naquela época tudo partia de cima para baixo; eram indicações de natureza política. Nós recebíamos um diretor que nos era imposto, e talvez por essa razão não houve motivos para perseguições. Havia algumas dificuldades orçamentárias de caráter geral por conta da desarrumação administrativa que o país sofreu, como um todo. Mas creio que não ocorreu nenhuma situação de constrangimento relacionada com demissão ou perseguição de colegas.

A gestão de Sérgio Arouca na Fiocruz e de André Furtado no CPqAM

A entrada de [Sérgio] Arouca, transformou a fundação, virando-a pelo avesso ou recolocando-a no caminho certo. Arouca e seu vice-presidente de Pesquisa, o dr. [Carlos] Morei foram as figuras de que a Fiocruz, como um todo, precisava naquele momento. Foram profundas as transformações operadas em todas as áreas, da administrativa até as vice-presidências, que foram trocadas de nome e, obviamente, de pessoas.

Esse processo representou o soerguimento do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães. Posso falar com mais detalhes da situação que vivenciei localmente. Foi o soerguimento do centro, que passou, como chamei no texto que escrevi por ocasião da comemoração dos 45 anos do CPqAM, da decadência à modernidade. Após dr. Arouca e dr. Morei terem assumido, lembro que eles fizeram uma viagem a Recife e discutiram na diretoria a possibilidade de fechamento do Aggeu Magalhães [CPqAM]. A questão que se colocava era se valia a pena, ou não, continuar distribuindo, gastando recursos. Houve uma discussão muito gran-

de, uma argumentação muito forte, e nessa decisão tiveram um papel importante a figura do Morei, como pernambucano, e as figuras do próprio André Furtado, que se tornaria diretor em seguida, e do dr. Hélio Bezerra Coutinho, que o assessorou na condição de vice-diretor. Quando assumiram, tomaram uma série de medidas importantíssimas.

Além de iniciarem a reestruturação administrativa, restauraram o prestígio dos pesquisadores. Durante certo período houve uma inversão, o pessoal da administração passou a ser mais importante e se esqueceram que eles eram uma atividade meio. Os diretores anteriores tomaram uma série de medidas que levaram a uma situação de verdadeiro desrespeito por parte do pessoal da administração em relação ao pessoal que fazia pesquisa. Isso acabou de imediato durante o período de André na direção do centro. Ele restabeleceu a autoridade e o prestígio da figura do pesquisador e iniciou a reestruturação administrativa do CPqAM.

André fez muitas modificações e acho que uma coisa importantíssima, por ele realizada, foi estimular a qualificação dos pesquisadores. Naquela época só tinham o doutoramento André, Hélio, que era o vice-diretor, Ageu, que ainda estava aqui, e eu. Apenas quatro pessoas possuíam título de doutor. Com mestrado havia somente uns dois. A equipe não estava qualificada. Ele conseguiu, de uma única vez, 16 a 18 bolsas e mandou a maioria para o exterior, principalmente para a Inglaterra e França. Hoje nós temos um quadro grande de doutores e mestres e o investimento nessa área continuou na minha gestão. Não houve tempo para cuidar da qualificação de pessoal de nível intermediário. Havia queixas e estamos procurando corrigir agora. No ano passado organizamos 16 cursos de capacitação para a equipe administrativa e técnicos de laboratório. Estamos procurando atingir agora todos os demais setores que ainda não tinham recebido treinamento.

Outro fato que marcou muito a gestão de André, além de alguns acontecimentos menores, foi a retomada do intercâmbio com os grandes centros do exterior. Consegui convênios dos quais nós ainda hoje nos beneficiamos, promoveu a aproximação com a Organização Mundial de Saúde, que tinha existido na época do dr. Frederico. Naquela época só o dr. Frederico tinha titulação para conseguir grandes convênios. Nós hoje temos uma situação privilegiada de contato com 16 a 17 organismos internacionais. Alguns deles subvencionando projetos grandes, realmente importantes para a instituição. Essas duas iniciativas marcaram a administração de André: a qualificação de pesquisadores e a aproximação

com organismos nacionais e internacionais de fomento à pesquisa. Naturalmente, ficou ainda muita coisa para fazer e é isso que nós estamos procurando consolidar. Adotamos a política de que não devemos destruir o que de bom foi feito antes, independentemente de concordarmos ou não com a política instituída por quem nos precedeu. Acredito que devemos sempre visar a instituição como um bem maior.

As mudanças no CPqAM e a sua gestão

Acompanho esta instituição desde os três anos após sua fundação. Sem dúvida alguma, nunca houve um movimento de ampliação e de produção científica na proporção que existe hoje. Isso não é um mérito meu, propriamente. Evidente que tenho uma participação ponderável nesse processo, mas também é fruto da coincidência de ter ao meu lado, por exemplo, um vice-diretor que é muito bem ajustado comigo, com excelente formação de administrador. Ele é economista e sanitaria, Rômulo [Maçiel Filho]. Por outro lado a Fundação Oswaldo Cruz tem hoje um presidente, Carlos Morei, e um conselho [Conselho Deliberativo] muito sensível às nossas reivindicações.

Enfim, minha diretoria no Aggeu [CPqAM] coincide com uma fase muito positiva da fundação, apesar dos problemas internos que em toda instituição existem e que, inclusive, aqui continuam existindo. Nós temos pessoas que atrapalham o andamento do que é bom e do que é coletivo. Há pessoas personalistas, individualistas, mas isso não chega a ofuscar o trabalho geral, que é um trabalho de todos. Eu compreendo essa instituição como uma obra de todos e tenho tido muito apoio, inclusive dos pesquisadores mais representativos. Temos procurado construir tudo com base na opinião de todos. Os nossos conselhos funcionam.

Eu sempre digo: a instituição não é o diretor. Essa é minha filosofia desde o momento da campanha. A instituição somos nós quem a fazemos. O diretor é alguém que, escolhido pelo grupo, permanece no cargo por um curto período de tempo na missão de servir aos demais. Portanto, tudo que nessa gestão for feito de grandioso, de admirado, de comentado e de elogiado, esse mérito é igualmente repartido com a direção e com todos que aqui constróem essa obra. No entanto, também diante de qualquer fracasso ele atinge a todos. Isso eu repito em todas as reuniões e todo mundo está imbuído dessa filosofia. Conseqüentemente, estão to-

dos lutando para que as fatias a serem repartidas sejam de vitórias e não de fracassos.

O quadro de funcionários é um problema muito sério. Temos sobrevivido graças a artifícios como, por exemplo, a utilização de estudantes do PAP [Programa de Aperfeiçoamento Profissional]. Quando assumi, verifiquei na reunião do CD/Fiocruz que nossa unidade figurava com um zero na tabela de distribuição do programa PAP; nós não tínhamos bolsas PAP. Alguns diretores [de outras unidades da Fiocruz], inclusive, queriam aumentar seu número de bolsas, mas o presidente na hora bateu a mão na mesa e disse: "Não, eu não posso permitir que uma instituição continue com zero, e outra que já tem duzentos e tantos, receba mais 17 ou 15". Com isso conseguimos 17 vagas PAP, o que tem nos valido enormemente.

Antes de tomar posse falei com o diretor da época, que era André, e pedi que fizéssemos algumas reuniões, que chamávamos "reuniões de transição". Queria, quando assumisse, para não perder tempo, já ter algumas coisas colocadas no "tabuleiro de xadrez", nas posições corretas, para começar o "jogo". Tive da parte do André uma recepção muito boa. Fizemos várias reuniões, eu, Rômulo e ele, antes de tomar posse. Ele foi passando aos poucos as informações, nos cedeu uma sala, onde eu fazia reuniões com Rômulo, para discutir as diretrizes da administração. Eu disse a Rômulo: "Vamos partir logo de uma coisa que eu considero básica: a discussão do organograma". Foi a primeira coisa que nós começamos, ainda no período de pré-administração. Sentei-me com Rômulo e começamos a discutir: "isso aqui vai para cá, vamos trocar isso, vamos suprimir aquilo, juntar esses dois". Dessas discussões resultou uma composição, inicialmente na área administrativa, que considero bastante razoável. Representa o organograma que nós temos no presente.

Muito importante também eram os cargos comissionados e as funções gratificadas. Em conversa com André, eu disse: "Olhe, o pessoal está com uma cultura que imagina que cargo de confiança ou função comissionada significa uma gratificação para aumento de salário. Mas o espírito não é esse". No Aggeu Magalhães [CPqAM] chefia de departamento ou cargo de confiança não recebia nada. Quando as primeiras gratificações foram concedidas, André com receio de perdê-las, porque se não as utilizássemos passariam para outras unidades, indicou as pessoas de uma maneira quase aleatória: fulano era um assessor bom, fulano estava

em tal lugar. Mas não houve uma distribuição racional, por falta de tempo e talvez de experiência nessa área. Então eu disse a André: "Antes de tomar posse quero que você solicite as pessoas que têm cargos ou funções comissionadas, que entreguem os mesmos". Quero estar na mesa com todos os cargos de comissão e as funções, para instituímos uma cultura diferente; a cultura da necessidade pelo que exerce. Ele me entregou uma pasta com os pedidos por escrito de exoneração de todos.

Discutimos o organograma e passamos a analisar quantos cargos existiam e as necessidades. Nós tínhamos observado, numa mesma linha de organograma, uma pessoa que recebia uma função gratificada maior e o outro menor, estando no entanto, em funções equivalentes. Acabamos com isso tudo. Passamos a distribuí-los dentro dos critérios estabelecidos no organograma. Começamos a chamar as pessoas individualmente. Alguns foram conservados, muitos foram destituídos e, inclusive, ocorreu de pessoas que participaram da nossa campanha, que podíamos confiar, terem sido substituídas. Perderam a gratificação ou passaram para um nível de gratificação menor, porque tudo tinha que ser feito em função do organograma estabelecido. Chamávamos as pessoas, conversávamos sobre o organograma, o que tinha nos levado a fazer aquele organograma, qual era o sentido que tinha para a instituição e, que conseqüentemente, as funções iam ser distribuídas a partir da posição estratégica que a pessoa ocupasse. E caso não se desincumbisse a contento, mesmo durante a nossa gestão, poderiam ser afastadas e substituídas por outras. Até o momento, isso já aconteceu em dois ou três casos.

Através dessa política criamos o Núcleo de Apoio Técnico-Científico, em substituição ao incipiente serviço de manutenção e contratamos Carlos Egberto, engenheiro aposentado da Universidade Federal de Pernambuco para ocupar cargo comissionado e desenvolver o setor. Uma pessoa de alta competência, um engenheiro eletrônico com doutorado na França. É o chefe da manutenção. Ele instituiu a política de ir à Escola Técnica de Pernambuco para selecionar os melhores estudantes nas áreas de refrigeração, de edificações, de eletrotécnica e assim por diante. Com isso nós captamos, através da bolsa PAP, estudantes da Escola Técnica de Pernambuco de último ano, indicados pela própria escola como melhores alunos e que vêm para uma fase de aprendizado com

pessoas de alto nível. São estudantes fantásticos! Tem só o inconveniente de, ao final de dois anos, nós perdermos essas pessoas.

Está ocorrendo também, em nossa gestão, um fenômeno extremamente interessante. Setores que inicialmente foram instituídos com o objetivo de servir de apoio, estão se interessando pela pesquisa. É o caso do Núcleo de Informação Científica e de Comunicação e do próprio Núcleo de Apoio Técnico-Científico. Está sendo uma coisa fantástica. Carlos Egberto como tem doutorado em engenharia biomédica, está trabalhando no aperfeiçoamento de equipamentos, construção de gaiolas luminosas para captura de insetos... O pesquisador interessado vai a ele e diz: "Preciso construir um instrumento desse tipo". Resultado: há um projeto do dr. Carlos Egberto, assessorado pelos estudantes do PAP que trabalham com ele, encaminhado à Fundação de Amparo à Pesquisa de Pernambuco, a Facepe, solicitando apoio para um projeto visando várias coisas desse tipo, como construção de equipamentos, melhorias de equipamentos. Esse é um processo que nós consideramos muito positivo. Inicialmente havia o problema de um local adequado para trabalhar. Tinham apenas uma sala muito pequena. Com a construção do primeiro andar do bloco A do prédio-sede do CPqAM, conseguimos colocar o Núcleo de Apoio Técnico-Científico em um espaço magnífico e equipar oficinas especializadas.

Na gestão de André foi criado o Serviço de Estatística, com a chegada de dois pesquisadores de Brasília, duas pessoas de alta competência. Foi uma sorte também para o Aggeu [CPqAM]. A partir deles nós incorporamos bolsistas do PAP, da área de informática e pesquisadores cedidos de outras instituições. Assim surgiu o atual Núcleo de Informação Científica e de Comunicação, ao qual temos dado apoio ilimitado.

Também não nos descuidamos da qualificação de recursos humanos. Continuamos com o programa de incentivo à saída de vários pesquisadores para mestrado e doutorado no Brasil e no exterior. No Aggeu mantemos numerosos estudantes ligados aos cursos de doutorado e mestrado da própria fundação [Fiocruz], das universidades locais e todo ano são defendidas teses orientadas por nossos pesquisadores.

Independente da administração, continuo atuando na pesquisa, orientando teses de alunos e mantendo cooperação científica com centros dos EEUU e da Europa. A Universidade me convida freqüentemente para participar de cursos de mestrado e doutorado. Aposentei-me da universidade, mas dou minha colaboração eventual.

O desenvolvimento das áreas de pesquisa no CPqAM

Quando o Aggeu foi fundado as atividades centrais eram em parasitologia e epidemiologia, formação básica do primeiro diretor dr. Frederico Simões Barbosa. Posteriormente, na medida em que iam se agregando à equipe pesquisadores com experiência e habilidades em outras áreas, surgiram trabalhos baseados em outras tecnologias e outras endemias, além da esquistossomose. Um exemplo maior desse fato é o que aconteceu com a peste, as leishmanioses e outras doenças.

No Ministério da Saúde existia o chamado Serviço Nacional de Peste. Esse Serviço Nacional de Peste no começo do século teve uma grande importância. Depois foi dissolvido e substituído pela Campanha [Campanha Nacional contra a Peste], como havia a Campanha Nacional contra a Esquistossomose, contra a doença de Chagas. A partir dessa época através de entendimentos entre o dr. Celso Arcoverde, do Ministério da Saúde e responsável pela Campanha Nacional contra a Peste no Brasil, e o dr. Frederico Simões Barbosa, foi construído com verba do ministério um laboratório de primeira qualidade especializado em trabalhos sobre peste. Esse laboratório foi mantido durante muitos anos, no prédio antigo do CPqAM, e ampliado com uma estação de campo que foi montada em Exu, em funcionamento até hoje.

Pesquisadores jovens foram deslocados para Exu. Esses pesquisadores foram os drs. Célio e Alzira Almeida, um casal de jovens cientistas que aceitaram morar em Exu. Permaneceram cerca de dez anos, residindo e coordenando a estação de campo. Nessa época, havia também um convênio muito importante que foi firmado, ainda na gestão de Frederico Simões Barbosa, com o grupo do dr. Baltazar. Era uma equipe de pesquisadores franceses do Instituto Pasteur [de Paris] que fez os primeiros projetos numa colaboração conjunta entre pesquisadores do Instituto Pasteur e pesquisadores do Ministério da Saúde, através do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Esse convênio possibilitou muitos trabalhos importantes. Alguns desses pesquisadores vieram pesquisar no laboratório do Aggeu em Recife, mas a maioria foi trabalhar diretamente na unidade de campo em Exu, que fica há uns seiscentos quilômetros da capital. Lá encontraram esse casal de jovens cientistas pernambucanos, o Célio e a Alzira, como também o pessoal de apoio, de nível médio. Os primeiros técnicos foram cedidos pela SUCAM [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública], antigo DNERu, e hoje FNS [Fundação

Nacional de Saúde]. Era uma equipe constituída e fixa em Exu. Dessa época datam trabalhos da maior importância, publicados em revistas internacionais, produzidos por este grupo de pesquisadores. Muitos franceses se revezaram durante a execução do projeto. Vinham, passavam um ano e voltavam. Houve também alguns pesquisadores do Irã.

O fato é que esses dois jovens tiveram a felicidade de conviver com pesquisadores de altíssimo nível na área de peste e eles próprios se tornaram as duas maiores autoridades na área de pesquisa em peste no Brasil. Dr Célio aposentou-se recentemente e trabalha em atividade privada, enquanto dra Alzira ainda é nossa pesquisadora; voltou há pouco de um doutorado na França, em biologia molecular e continua trabalhando em peste. No momento ela se encontra no Peru, dando assessoria ao governo peruano em relação à vigilância de área pestosa.

De certa forma foi um crescimento natural da esquistossomose à peste. Depois da peste começaram a ser feitos alguns trabalhos com relação à doença de Chagas, e isso coincidiu com a gestão de dr. Durval Lucena. Este, em verdade, foi o pesquisador a quem se deve os primeiros levantamentos sobre a doença de Chagas em Pernambuco. Quando eu era estudante de medicina se dizia que doença de Chagas era uma doença só do sul do país.

Ainda hoje mantemos um pequeno grupo trabalhando com doença de Chagas, chefiado pela dra. Iara Gomes. Mas é um grupo pequeno. Os maiores grupos são os de esquistossomose, filariose e peste. Além da doença de Chagas, nós temos, também, os estudos sobre leishmaniose tegumentar, isso como resultado de um convênio que foi estabelecido com a França através do dr. Loïc Monjour. Muitos dos nossos pesquisadores têm realizado seu doutorado no laboratório do dr. Monjour, lá em Paris. Há, inclusive, uma vacina produzida através do isolamento de uma proteína feita no laboratório do dr. Monjour e que está sendo testada em nossa área endêmica. Na parte de leishmaniose visceral, eu própria fiz uma tese para professor titular na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco. Foi meu concurso de titular, em que fui aprovada com uma tese sobre "*Aspectos da Patologia da Leishmaniose Visceral em Pernambuco*". Reuni 37 casos em Pernambuco e por correspondência com patologistas de todo o país obtive cepas de outras áreas endêmicas. Fiz um estudo comparativo para saber se haviam diferenças que pudessem ocorrer por conta de cepas locais e no final não encontrei

diferenças. A patologia realmente é única, provavelmente é uma única cepa que provoca a doença. Depois disso, escrevi um capítulo no livro de patologia de Luígi Bogliolo, que já está na quinta edição. Ele é um professor italiano que naturalizou-se brasileiro e ensinou na Universidade Federal de Minas Gerais. Reuniu um grupo de patologistas brasileiros para cada um escrever um capítulo. Como tinha acabado de defender minha livre docência, fui convidada para escrever o capítulo sobre leishmaniose visceral. É um livro didático que circula em toda a América Latina.

Depois veio a era da filariose, sobre a qual Gerusa [Dreyer] vai falar mais especificamente. Nessa área só existiam um ou dois trabalhos isolados que tinham sido feitos no passado pelo dr. James Dobbin Jr., na época de Frederico. Foi um trabalho pequeno, onde ele apenas detectou que havia filariose num percentual determinado da população, em Olinda. Realmente podemos dizer que uma pesquisa sistemática sobre filariose foi iniciada no Aggeu [CPqAM] com Gerusa Dreyer. Cabe a ela o mérito de ter iniciado o grande programa de filariose. Hoje já não é mais ela sozinha. Uns dois anos depois, o dr. André começou a trabalhar no aspecto de vetores da filariose, já que ele é entomologista. Hoje nós temos no Aggeu dois grupos trabalhando com filariose: o grupo de Gerusa, que trabalha com aspectos clínicos e terapêuticos, e o grupo do dr. André, que trabalha com aspectos de controle de vetores. Ela trabalha mais com pacientes ambulatoriais, e dr. André mais no campo, com o vetor. Ambos extremamente úteis e respeitados dentro da instituição, com uma produtividade muito boa, com relações internacionais e apoiados pela Organização Mundial de Saúde.

Uma outra linha de pesquisa está voltada para os aspectos imunológicos das helmintoses intestinais. Este é um projeto que está sendo desenvolvido em convênio com a Universidade de Nottingham na Inglaterra. Este convênio iniciou-se na gestão de André Furtado e se consolidou na nossa. A partir desse convênio, temos um intercâmbio freqüente entre o Aggeu Magalhães [CPqAM] e a Inglaterra, com os cientistas da Universidade de Nottingham e também da Universidade de Abberdeen, na Escócia.

Atualmente o Aggeu é constituído pelos seguintes departamentos: imunologia, parasitologia, microbiologia, entomologia, patologia e biologia celular e saúde coletiva (antigo NESC). Além disso, mantemos as duas estações de campo: a estação de São Lourenço da Mata, numa área endêmica de esquistossomose, e a estação de campo de Exu, numa área

endêmica de peste. Temos, também, a relatar as helmintoses intestinais, que é uma outra área de estudo que está se desenvolvendo.

A estação de campo de São Lourenço fica situada há vinte minutos da sede do Aggeu. Foi instalada em área endêmica de esquistossomose com o objetivo de promover estudos de malacologia e epidemiologia. Foram produzidos importantes trabalhos, não somente sobre epidemiologia da esquistossomose de um modo geral, epidemiologia descritiva, como também trabalhos de malacologia, onde foram feitos estudos, e também aplicações de moluscidas, para o combate ao molusco transmissor. Atualmente a estação tem sido utilizada por alguns pesquisadores do IOC [Instituto Oswaldo Cruz], que aqui vêm realizar a sua tese. Recebemos no momento o dr. Otávio Pieri e a esposa dele que também é bióloga.

Mantemos intercâmbio também com o Centro de Pesquisas Gonçalo Muniz, de Salvador. Meu grupo está trabalhando com o dr. Zilton Andrade num projeto de esquistossomose e desnutrição. O Aggeu [CPqAM] vem se relacionando também com Far-Manguinhos, através dos Departamentos de Entomologia e Parasitologia. Alguns testes biológicos estão sendo feitos com inseticidas elaborados em Far-Manguinhos, e também com determinadas formas medicamentosas que estão sendo usadas no tratamento da filariose.

Mantemos um estreito intercâmbio com o Centro de Pesquisas Gonçalo Muniz, da Bahia, com o IOC, com Far-Manguinhos, com a Casa de Oswaldo Cruz, através do Projeto de História e Memória do CPqAM, e com a ENSP na área de ensino. Nossos cursos sempre têm a participação de professores da ENSP e muitos dos nossos alunos estão defendendo tese de mestrado e doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública.

Hoje nós conhecemos as pessoas da Fiocruz, o intercâmbio está sendo uma coisa cada vez maior, e a cada diretor que se sucede estamos contribuindo para o fortalecimento desse espírito de colaboração e participação científica e administrativa.

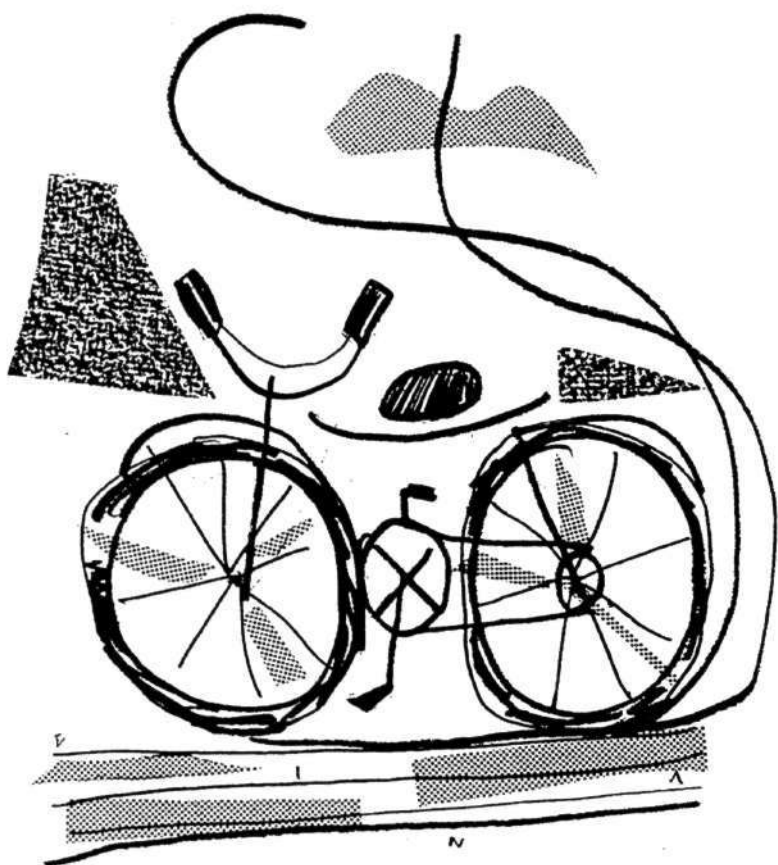
Na Fundação Oswaldo Cruz integramos, inclusive, grupos de estudo, como o de esquistossomose. Este talvez seja o mais antigo; vem atuando há mais de dez anos. Somos também colaboradores da OMS em esquistossomose. Temos esse título; nós [o CPqAM], os centros regionais e também o IOC. A cada dois anos realizamos um simpósio internacional e já estamos no quinto. Nos intervalos do simpósio promovemos

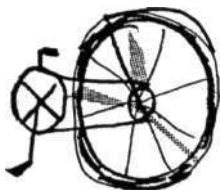
reuniões de todas as Unidades Técnicas que trabalham com esquistossomose na Fundação Oswaldo Cruz. É um encontro informal em torno de uma mesa, realizado geralmente em um hotel de alguma região serrana. Debates os trabalhos em andamento, dificuldades encontradas e também a distribuição de recursos. Muitos dos estudantes, que estão fazendo pós-graduação conosco, participam desses eventos.

Considerações finais

Para concluir quero reafirmar minha alegria por essa oportunidade que nós estamos criando de resgatar nossa história. Isso era uma preocupação que eu sempre tive porque em todo o país, de um modo geral, não existe uma preocupação com a memória. E um país ou uma instituição sem memória não tem passado, não tem uma experiência e uma sabedoria com a qual possa aprender. Eu notava que fragmentos das coisas que aqui aconteceram estavam espalhados e ninguém valorizava. Sempre tive a preocupação de juntá-los e prometi a mim mesma que se um dia tivesse a oportunidade de ter qualquer papel maior em relação ao destino dessa instituição, um projeto que não poderia faltar era esse do resgate da sua memória e da sua história, que vejo nesse momento, com muita felicidade, ser concretizado em benefício da instituição e das gerações futuras.

Apenas como apêndice quero lembrar que sou a única pesquisadora, a única funcionária que o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães teve até hoje que vivenciou ininterruptamente a história da instituição desde 1953 até o momento atual e espero ainda continuar vivenciando por mais alguns anos. É um testemunho ininterrupto de quarenta e três anos de serviços prestados, vivenciando todos os momentos da história da instituição. Isto é muito importante como informação para os pósteros.





REVER/CO ADOLFO SIMÕES BARBOSA

Lembranças da infância

As lembranças de minha infância são muito agradáveis. Meu avô chamava-se Adolpho Simões Barbosa. O ambiente familiar foi sempre muito tranqüilo. Vivi uma infância, como todo garoto, jogando futebol, correndo de bicicleta. Isso com muita liberalidade. Meu pai e meu avô eram homens profundamente liberais, no sentido não-político. Eram abertos, condescendentes, na época em que a educação era muito severa, formal. Lá em casa era ao contrário, nós fomos criados com muita liberdade.

Minha mãe era carioca, muito ligada à família, ao pai. Este morreu muito cedo e o trauma foi muito grande. No casamento com meu pai houve também uma transição muito violenta, naquela época, do Rio de Janeiro para o Recife. Lembro que minha mãe se queixava muito de que o sanitário era fora da casa (normalmente as casas tinham o sanitário fora da casa), e pequenas coisas desse tipo que me marcaram e me fizeram entender o mundo melhor.

Recebi uma influência muito grande do meu avô. Muito respeito, com uma clínica diferenciada, um profissional liberal. Sempre me impressionou essa expressão, "profissões liberais". Quando comecei a entender a profissão do meu pai e do meu avô, compreendi que eles eram escravos, devotos de seus clientes. Isso me impressionou muito e fez com que não me tornasse médico.¹ Não sentia em mim a grandeza e a vocação que meu pai e meu avô tinham com sua clientela. Atendiam a um cliente

1 O entrevistado, mesmo formando-se em Medicina, nunca clinicou, voltando-se integralmente à pesquisa.

rico como a um pobre, da mesma maneira. Meu avô não cobrava a ninguém. Era um homem que foi presenteado com três automóveis, a casa em que morava, tudo era doado pelos amigos, pelos clientes. Era uma medicina realmente em termos muito liberais.

Os meus primeiros estudos foram feitos numa escola particular de uma professora que não lembro mais o nome. Passei um ano e meio ou dois anos, depois o curso primário. O curso secundário foi no Colégio Nóbrega. Neste tivemos conflitos com os jesuítas, principalmente o meu irmão. A educação jesuíta, naquela época, ao contrário do que é hoje, era muito repressiva e hipócrita. Nós fomos obrigados a sair do colégio no fim do ano e terminar o secundário no Carneiro Leão, no antigo Pedro Carneiro Leão. Terminamos os estudos em 1932.

Recife era uma cidade tranqüila. Extremamente tranqüila. O transporte coletivo era feito de bonde, não havia ônibus. Meu avô foi uma das primeiras pessoas a ter automóvel.

Um fato na minha juventude que me marcou foi em relação à prática do remo. Meu pai deve ter lido alguma coisa na literatura nacional ou internacional, que o remo como esporte fazia mal ao coração. Nos proibiu de praticá-lo, mas nos surpreendeu correndo uma regata que se fazia no Rio Capibaribe. Nessa ocasião, nós prometemos que jamais voltaríamos a competir nas regatas. Mas novamente isso foi infringido, e meu pai ficou, pela primeira vez, furioso. Desse dia em diante, nós deixamos de remar. Isso me marcou muito, e eu pedi desculpas a ele por ter mentido.

Um outro acontecimento que ficou marcado na minha memória foi a inauguração do Hospital Centenário, que hoje é o atual Hospital do IPSEP [Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco]. O nome Centenário foi uma homenagem ao centenário da independência. Mas ele só foi inaugurado dois anos mais tarde, em 1924, com recursos do estado (o governador na época era Sérgio Loureto) e principalmente da área privada. Clientes amigos contribuíram e ajudaram a construir o hospital, que foi o melhor do Brasil, na época. Essas coisas menciono, porque me lembro da festa. Recordo que meu pai levou o piano dele para tocar durante a inauguração e caiu uma tempestade. No dia seguinte à festa, o piano estava destruído. Ele gostava de tocar, tocava bem, tocava clássicos. Essa época no Brasil, 1924, era de muita turbulência política. Eu ainda era muito pequeno para tomar conhecimento das coisas, mas senti atra-

vés do meu pai e do meu avô. Meu avô foi político, senador e deputado. Meu pai nunca foi político militante.

"Recordo que meu pai levou o piano dele para tocar durante a inauguração [do Hospital Centenário] e caiu uma tempestade. No dia seguinte à festa, o piano estava destruído."

Memórias da década de 1930

Em 1930, houve a revolução. Foi muito marcante para mim também. Nós morávamos nos Aflitos [bairro do Recife], próximo ao clube Náutico. Eu tinha 14 ou 15 anos, e lembro de o meu pai ter que sair no carro dele para o Hospital Centenário, que era pertinho. Nossa casa era de dois andares. Passamos a dormir no chão do pavimento térreo. As balas chegavam até lá. Preocupava-me também porque meu pai escondeu, em nossa casa, um irmão médico de Carlos Lima Cavalcanti² durante quatro ou cinco dias. Depois de restaurada a paz, a luta continuou no sul do país e foi formado um batalhão em Recife. Meu irmão era muito agitado! Eu era quietinho. A Revolução de 30 foi até certo ponto, realmente, uma revolução popular. Lembro do povo saindo nas ruas, assalto às casas dos que eram contra a Aliança Liberal... Houve muita invasão de casas. Lembro que o palacete de Pessoa de Queiroz³ foi muito visado. Estado Coimbra, governador na época, fugiu de barco por trás do palácio. O povo foi todo armado pela revolução, houve troca de tiros durante muito tempo. Até que serenou a paz novamente com a deposição de Estácio Coimbra.

"A Revolução de 30 foi até certo ponto, realmente, uma revolução popular. Lembro do povo saindo nas ruas, assalto às casas dos que eram contra a Aliança Liberal..."

Nesse intervalo, as tropas do sul que apoiavam Getúlio Vargas se aglutinavam para enfrentar a resistência do sudeste, nas famosas batalhas que nunca ocorreram. Os estados onde a revolução havia vencido,

2 Carlos de Lima Calvacanti apoiava a Revolução de 1930 e substituiu Estácio Coimbra no governo do Estado de Pernambuco, com a vitória de Getúlio Vargas.

3 F. Pessoa de Queiroz era proprietário do *Jornal do Comércio*, foi senador da República e apoiava o governo de Estácio coimbra.

Paraíba, Pernambuco, chegaram a constituir uma força popular para apoiar Getúlio. Não se imaginava que a revolução acabasse rapidamente. O quartel do Derby era o centro da formação civil, onde as pessoas que queriam participar da revolução deveriam comparecer.

Poucos dias depois do período de maior agitação, eu e meu irmão Otávio estávamos no cinema na Rua do Hospício. Quando terminou a sessão, às seis horas da tarde, um alto-falante na rua anunciava que tinha partido do Rio de Janeiro uma esquadra comandada por um tal de "Rapa Coco", e iria desembarcar na Baía de Tamandaré. Convocava o povo para reunir-se em vários locais, um dos quais a Faculdade de Direito. Como era próximo de onde nós estávamos, então o Otávio disse: "Eu vou! Se você quiser ir você vai, se você não quiser". Em solidariedade fui também. Meu pai chegou tarde em casa, não nos encontrou e saiu à nossa procura. Nós ficamos até meia-noite. Mandaram buscar lanche, eu lembro muito bem. À meia-noite eles comunicaram que foi um alarme falso. Mas a ameaça continuava, e em qualquer outro momento poderiam convocar a população novamente. Isso foi a Revolução de 30. A revolução vitoriosa, muita festa, muita coisa. Meu pai era muito amigo de Carlos Lima Cavalcanti, mas nunca aceitou nenhum cargo político. Meu avô era deputado federal, foi cassado nessa ocasião porque eles fecharam a Câmara quando Getúlio assumiu.

Seguiu-se então um período pós-revolucionário de muita festa, de muita alegria, até a revolução constitucionalista de 1932. Nessa época, estava em casa com meu pai, quando o telefone tocou. Era um amigo avisando que meu irmão tinha se alistado nas tropas revolucionárias, que iam marchar pelas ruas do Recife. A cidade era muito pequena, todo mundo se conhecia. Vivíamos numa elite dos profissionais liberais bem-sucedidos. As pessoas se conheciam. Meu pai nunca foi rico, mas ganhava o essencial.

Esse alistamento era uma coisa muito amadorística. Meu irmão se apresentou e naquela mesma hora lhe deram uma faca, um fuzil e o colocaram em um pelotão. Não se sentiu a falta dele em casa, porque não deu tempo. Meu pai foi lá, encontrou com esse amigo, falou com o comandante, e conseguiu retirá-lo.

Os principais acontecimentos de 1930 e 1932 são esses. A ditadura Vargas foi muito violenta. Pode ser um ponto de vista, porque sofreu muito, com a prisão do meu pai. Meu avô, de barbas e cabelos brancos,

levou a cadeira e sentou-se na rua defronte à entrada da Casa de Detenção⁴, onde ele estava preso. Nessa vigília, acabou desmaiando, e os amigos o levaram. Depois, através das ligações políticas, com uns e outros, acabaram soltando meu pai.

Agamenom Magalhães tinha um jornal - *Folha da Manhã* - onde escrevia diariamente. Em alguns desses artigos atacou meu pai, com ódio, fazendo intrigas. Ele era um homem odioso. Nesse período, ele chegou a mandar que se ocupassem militarmente o Hospital Centenário. Depois de toda essa campanha de difamação e perseguição política, quando o governo se tornou liberal novamente, sugeriram a meu pai retornar o Hospital Centenário. Ele afirmou que o Hospital Centenário não era dele! Era de uma associação. Ele não era nem o presidente, ele era o diretor nomeado por esta fundação, por este conselho, embora o diretor do hospital que foi quem realmente construiu o hospital. Havia até um depósito em dinheiro do Hospital Centenário, no Banco de Pernambuco, mas Agamenom nunca teve acesso.

"Agamenom Magalhães tinha um jornal - *Folha da Manhã* - onde escrevia diariamente. Em alguns desses artigos atacou meu pai, com ódio, fazendo intrigas. Ele era um homem odioso."

O episódio contra Agamenom Magalhães

Houve ainda um fato muito marcante em relação a Agamenom. Eu estava numa aula, 7:00 horas da manhã, no Hospital Pedro II. Era uma aula muito monótona, cochilava-se até, porque era muito cedo, quando um colega me passou um jornal, *Folha da Manhã*. O Agamenom escrevia um artigo curtinho cada dia. Neste havia um ataque muito grosseiro a meu pai. Fiquei fora de mim, completamente. Saí à rua e fui, praticamente correndo, até a *Folha da Manhã*, que era no bairro do Recife. Subi as escadarias altas que levavam ao primeiro andar do jornal. No fundo da sala, o redator da folha, não me lembro o nome. Entrei na sala, quando me viu - eu devia estar como um louco -, não sei se ele me reconheceu

4 Casa de Detenção era um dos presídios que existiam na cidade do Recife. Há alguns anos foi restaurado e transformado na Casa na Cultura

ou não, mas começou a correr. Saí atrás dele dentro da redação e senti que a redação estava gozando com a história. Ele trancou-se numa outra sala, que não consegui derrubar a porta. Irritei-me com um funcionário qualquer que foi pegar o telefone, arranquei, quebrei o telefone, quebrei vidraças, derrubei as mesas com máquina de escrever, uma cena de louco, e saí tranqüilamente. Desci tranqüilamente as escadas do jornal, sem nenhum ferimento, e caminhei de volta até o largo do *Diário de Pernambuco*, onde meu pai tinha consultório. Ele passava todas as manhãs para pegar meu avô e eu. Meu avô clinicava ainda no mesmo consultório pela manhã e ele nos apanhava quando ia almoçar em casa. Quando entrei no carro, absolutamente tranqüilo, e contei a papai o que tinha acontecido, ele disse: "Você não vai para casa, já deve ter polícia lá". Nós sempre tivemos policiais nas imediações da nossa casa, anotando o número dos automóveis que chegavam. Ditadura mesmo, toda ditadura é igual!

Nessa época nós tínhamos nos mudado dos Afritos e morávamos na Avenida Boa Viagem, 3058. Meu pai então disse: "Vou levá-lo em casa de um amigo nosso. Para você ficar escondido por enquanto. Vamos ver o que vai acontecer". E de fato o Agamenom ficou furioso e dizia que ia pegar esse moleque, escrevia no jornal. Escreveu vários artigos sobre meu pai. Tinha isso tudo guardado, perdi ou rasguei, não sei.

"Nós sempre tivemos policiais nas imediações da nossa casa, anotando o número dos automóveis que chegavam. Ditadura mesmo, toda ditadura é igual!"

Otávio, meu irmão, nessa época, era associado ao movimento integralista. Depois de 1938, houve uma perseguição muito grande aos integralistas, e ele teve que fugir para não ser preso. A fuga dele é outra epopeia. Ele fugiu com mais dois ou três. Eles foram se escondendo de casa em casa, viajando, até que chegaram ao Rio de Janeiro.

Voltando a mim, fiquei escondido na casa do diretor da Fábrica Ta-caruna. Ele morava perto da fábrica num grande terreno, onde fiquei escondido por alguns meses. Não saía nem para o terreno. Estava no sexto ano de medicina, e deixei de me formar por causa dessa fuga. Perdi a terceira prova parcial. Antigamente, no curso superior, eram feitas três provas parciais, onde devia-se obter média sete. Se não alcançasse média sete fazia exame final. Tinha notas boas; nunca fui um aluno brilhante, mas passava com facilidade.

Ficava lendo o tempo todo, era o que tinha para fazer. Até que chegou um aviso que eu não podia mais ficar naquele local. Não sei se o Agamenom suspeitou ou qualquer coisa. Então eles organizaram uma estratégia de fuga minha do Recife. Fugi sentado ao lado do motorista. Este simplesmente era um delegado de polícia.

Lembro muito bem quando chegamos na fronteira de Pernambuco com a Paraíba, os guardas reconheceram o delegado que me acompanhava e nos deixaram passar sem problemas. Ele me deixou na estação ferroviária em João Pessoa. Tinha o horário de um trem já confirmado. Em Natal, fiquei em casa de um médico famoso, dr. Januário Cilo. Fiquei novamente enclausurado, na casa desse médico. Tinha sido colega de turma de meu pai no Rio de Janeiro. Tinha o compromisso de não sair. Mas confesso que fiz um pecado, já não agüentava mais e andei fazendo umas vigílias noturnas.

Agamenom soube e mandou dois policiais de Recife para me prenderem. Mas o governador do Rio Grande do Norte estava avisado e, ao saber que Agamenom enviara policiais para me prenderem, comunicou a sua guarda, que teve tempo de deter a polícia de Pernambuco, enquanto eu era transferido para um outro esconderijo. Fui para a fazenda dos Pedrosa. Fiquei relativamente tranqüilo, porque morava na casa da fazenda, e a cidade próxima era muito longe. Um filho dos Pedrosa morava nessa fazenda. Mas novamente descobriram que eu estava na casa dos Pedrosa. E montou-se outra estratégia. Recebi uma identidade com um outro nome. Seria transferido para o Rio de Janeiro, onde as coisas ficariam diluídas. Mas não existia viagem direta, Natal/Rio de Janeiro, de navio. Então tinha que passar por Recife. Foi acertado com o médico de bordo que ele me receitaria algum remédio por estar passando mal, e assim ficava justificado não descer quando o navio atracasse no Recife. Fiquei no camarote a noite inteira, e de madrugada o navio partiu. Foi parando em outros portos, a viagem durava entre cinco e seis dias. Cheguei ao Rio de Janeiro e fiquei na casa de um tio. As coisas foram se tornando mais tranqüilas, mas a ditadura ainda era feroz.

Mas em política há sempre o jogo do poder, de muitos interesses contraditórios que permitiram que me formasse. O Agamenom proibia a minha entrada no estado. Meu avô era amigo do conde Pereira Carneiro, do *Jornal do Brasil*. O conde e a condessa Pereira Carneiro tinham uma casa em Recife onde passavam as férias de Natal e Ano-Novo.

A condessa foi a Agamenom - eram amigos - e comunicou que iria mandar me buscar no Rio de Janeiro para fazer as provas e me formar. Mobilizou toda a Faculdade de Medicina - por isso digo que hoje não se sabe, mas era uma coisa da época. Foi me buscar no porto, entrou com o carro no cais do porto. Tinha feito duas provas e perdi a terceira. Mas não tinha tirado a nota máxima, dez e dez, que no entanto somariam vinte e dividido por três não daria a média sete que era a necessária para passar sem fazer a prova final. Naquela época, o sexto ano era uma série de especialidades clínicas. Os professores se reuniram para me examinar. Fiz cerca de seis exames num dia só. Basicamente foi uma barbada. Os professores foram colocando notas e notas, e fui assinando; no dia seguinte voltei para o Rio de Janeiro. Começa então minha vida profissional propriamente dita.

Outras lembranças escolares

Naquela época, todas as provas dos colégios particulares eram feitas no Ginásio Pernambucano. Nesse período, tive minha primeira reprovação em aritmética, não era matemática, era aritmética. Estava no primeiro ano do secundário, que antigamente eram cinco anos. Era possível matricular-se com 16 anos na faculdade. Quando se era reprovado, havia um sistema chamado de segunda época, onde se tinha uma segunda oportunidade de passar de ano, fazendo uma prova em março, antes de começarem as aulas. Colocaram-me com professores particulares e passei facilmente.

Uma outra passagem marcante na minha vida, a que me referi no início, foi a minha definição como médico. Não tinha vocação, nem as qualidades de médico do meu pai e do meu avô, para uma profissão que era realmente, naquela ocasião, um sacerdócio.

A medicina era um sacerdócio. Mas também a vivência das caveiras, das cirurgias, me chocava muito, como me chocou o anfiteatro de anatomia. Naquela época predominava o aspecto clínico da medicina. A escola francesa e a escola alemã influenciavam muito a cultura médica em todo o mundo. Os Estados Unidos ainda não tinham a expressão que têm hoje. A literatura médica a que tínhamos mais acesso era em francês. Quase todos dominavam a leitura em francês, ou então umas tradu-

ções espanholas da *LABOR*, dos livros alemães. Em resumo, tínhamos acesso à cultura médica francesa e alemã.

"A escola francesa e a escola alemã influenciavam muito a cultura médica em todo o mundo. Os Estados Unidos ainda não tinham a expressão que têm hoje."

Optei pela medicina, porque, para fazer ciências biológicas, precisava ir morar em São Paulo, e meu pai não deixou. Então não tive outra alternativa senão fazer o curso médico. Inscrevi-me e cursei medicina em Recife sem maiores problemas. Entrei na faculdade em 1933 e concluí em 1938. Foram seis anos.

Posso citar alguns nomes importantes da clínica médica; meu pai, por exemplo, era muito bom no seu trabalho como clínico. Barros Lima tinha muito valor como ortopedista. Outro nome era Mário Ramos. Mas o ensino em si era muito fraco e, como já observei, muito voltado para a parte clínica. Mas o que eu queria era aproveitar o ensino básico da medicina para fortalecer minha formação biológica. Passei pelas disciplinas clínicas, gazeando o máximo possível, tanto que de clínica médica não entendo nada. O laboratório, que encontrei para me debruçar sobre a pesquisa, foi o do Hospital Centenário, que estava de posse da associação mantenedora. Lá estagiei durante cinco anos. Uma influência muito grande também que recebi ocorreu no meu quinto ano médico, de um professor da Universidade de São Paulo, Samuel Pessoa. Este veio a Pernambuco e ministrou um curso de parasitologia durante dois meses. Esse curso influiu diretamente na minha escolha por trabalhar com doenças parasitárias. Foi um curso realizado de maneira muito racional, com coisas que nós não conhecíamos.

Ele limitou a turma para esse curso em dez ou doze alunos, cada um sentava com seu microscópio, toda aquela rotina da Universidade de São Paulo. As aulas práticas eram muito importantes, não as esqueço. Marcaram-me definitivamente na carreira como biólogo e, principalmente, como parasitologista. Fiz esse curso completo e ao final cada um recebeu uma caixinha de lâminas.

Uma outra coisa que quero citar é minha repugnância, no primeiro ano da faculdade, pelos exames de anatomia patológica. Aggeu Magalhães (pai) era o professor de anatomia patológica, fundador da anatomia

patológica, e não posso deixar de citar Ulisses Pernambucano, fundador da psiquiatria em Pernambuco. Cheguei a pensar em fazer psiquiatria.

Também me interessei pelas ciências sociais, via antropologia ou antropologia ligada à psiquiatria. Mas depois constatei que era um devaneio juvenil, não havia curso de ciências sociais em Pernambuco, e tinha que assegurar minha formação. Fundamos uma Sociedade de Biologia de Pernambuco, como filial da Associação Brasileira de Biologia, essa experiência durou alguns anos.

"Não me considero nem nunca fui comunista, mas sempre atuei na frente esquerda. Considero-me hoje um socialista utópico."

Um fato importante nesse período foi a Aliança Nacional Libertadora, composta por comunistas, socialistas e liberais. Era uma grande frente. Nós, na Faculdade de Medicina, tínhamos um grupo de estudantes que apoiava. Fazíamos as reuniões na própria faculdade, numa salinha que tinha que abrir a porta por fora do prédio, de modo que nós não entrávamos na faculdade para participar das reuniões. Foi um dos exemplos de união mesmo. Depois foi reprimida, prenderam Ulisses Pernambucano, o pai de Gilberto Freyre, houve uma série de perseguições. Nunca fui militante, nunca pertenci a nenhum partido, e acho que pertencço e devo militar na área intelectual como professor. Não me considero nem nunca fui comunista, mas sempre atuei na frente esquerda. Considero-me hoje um socialista utópico.

Os tempos do Rio de Janeiro e São Paulo

Voltando às minhas memórias da conclusão do curso de medicina, quando tive que voltar para o Rio de Janeiro, o fato importante foi minha inscrição numa pós-graduação. Arsênio Tavares, um grande cirurgião, pai do Luís Tavares, que faleceu há pouco tempo, instituiu com Assis Chateaubriand bolsas de estudo para seis alunos pernambucanos. Estes passariam um período de um ano a dois em São Paulo. Estava no Rio, soube dessas bolsas, fui a São Paulo e me inscrevi. Foram concedidas seis bolsas. Passei apenas uns dias no Rio, e no mês de janeiro estava em São Paulo, onde estagiei com Samuel Pessoa, um profissional que teve grande influência na minha vida. Uma excelente pessoa, comunista, mas isso é outra história que vem depois.

Samuel Pessoa era uma figura ímpar, um carisma extraordinário, uma produção científica enorme. Chefiava a cadeira de parasitologia da USP, e era professor titular. Uma pessoa por quem tomei uma grande afeição, e tornou-se um grande amigo. Me lembro que, em 1939, quando realizei esse curso de pós-graduação na USP, ele não era ainda comunista de carteirinha, mas era um homem de esquerda

A manutenção desses seis nordestinos no curso de pós-graduação a que me referi era pago por Assis Chateaubriand. Recordo muito bem de algumas entrevistas com Chateaubriand. Nós íamos juntos todo mês buscar o dinheiro, e ele fazia questão de conversar conosco, de nos pagar pessoalmente, a não ser que estivesse viajando. A bolsa mensal que ele nos dava era suficiente para pagar a pensão, alimentação, ir ao cinema e outras despesas menores. Fiquei totalmente independente de meu pai. Cada um de nós era mantido por um empresário. Lembro de uma conversa telefônica dele com um desses empresários dizendo: "Você não mandou o dinheiro da bolsa de fulano de tal", cobrando. Ele pagava mas recebia. Era a maneira dele trabalhar. Era um homem bom, cheio de carisma, uma inteligência impressionante.

Eu morava numa pensão mantida por uma inglesa, e a primeira decepção foi com a dona, que queria marcar a hora para eu tomar o banho da semana. Foi um choque, porque continuei tomando banho todos os dias de manhã. Me levantava muito cedo, às 6:00h; não tinha ninguém, no banheiro localizado no fundo. Luís Tavares foi meu colega de quarto.

Essa fase em São Paulo foi muito agradável. Trabalhei num laboratório de parasitologia que era o maior da América Latina. Samuel Pessoa criou uma escola (no sentido acadêmico) de parasitologia, para fazer pesquisa, e foi o fundador da parasitologia no Brasil. Tinha vários professores assistentes, quatro ou cinco da Faculdade de Medicina de São Paulo trabalhando com ele.

"Samuel [Pessoa] só usava aliança de cobre. Tinha doado a aliança de ouro para a Revolução Constitucionalista de 1932."

Memórias Militares

Terminado o curso de pós-graduação, continuava sem poder voltar para Pernambuco. Então fiquei morando no Rio de Janeiro, e indo periodicamente

a São Paulo para contatar o grupo de Samuel Pessoa. E, de repente, através das ligações de amizade, o diretor médico do Hospital Militar, Herbert Vasconcelos, que tinha sido colega de turma de papai, avisou-o que estavam abertas as inscrições para contratação de médicos. Se eu quisesse voltar para Pernambuco, deveria me inscrever como voluntário, que ele garantia que o governo não ia me molestar. De fato foi o que fiz. Fui a uma junta de convocação militar no Rio, me apresentei, dei meu nome, e em poucos dias estava convocado; voltei fardado para Recife. Passei muitos anos fardado, convocado, conseguindo trabalhar um pouco na Faculdade de Medicina, nas horas vagas.

Herbert Vasconcelos era tudo menos um militar. Ele era uma pessoa muito bondosa, e o hospital militar tinha mais médicos convocados do que médicos da ativa. Eu vivia um certo conflito, essa sensação de que uma autoridade é necessária, mas eu duvidava disso. Ainda duvido hoje. Vivía submetido a essa autoridade forçada, associada a uma vontade muito bondosa do diretor e a imbecilidade da ditadura, e os excessos de interesses particulares.

Tem um fato que vou relatar: fazia parte de uma junta, de três membros, que selecionava os soldados da primeira divisão que iam para a guerra. Isso por volta de 1943. Éramos eu, um coronel e mais um capitão.

Todo aquele que era convocado passava pela junta. Os americanos eram muito exigentes em matéria de saúde, não podia ter malária, não podia ter esquistossomose, hanseníase, amebíase, uma série de restrições. Os americanos controlavam esse setor responsável pela saúde dos soldados a serem enviados para guerra. Havia um grupamento de americanos aqui em Recife.

Nesse período entrou no Hospital Militar, como doente, o filho do professor Álvaro Figueiredo, com quem eu trabalhava na cadeira de parasitologia. Este rapaz estava convocado como soldado, pracinha. Fazia visitas diárias a ele, para saber se estava melhor. Numa ocasião, ele virou-se para mim e disse: "Doutor Frederico, o capitão tal - eu não estou querendo omitir o nome, mas é porque não me lembro mesmo - me pediu um pouquinho das minhas fezes". Fiquei desconfiado. Ele tinha amebíase, diagnóstico feito por mim no laboratório. Minha primeira reação foi que ele estivesse desconfiando que eu estava protegendo esse rapaz e fornecendo exame falso. Pedi mais exames de fezes, confirmei, já estava quase bom. A pessoa cura da fase aguda mas fica mantendo os cistos. Ele

ficou no hospital muitos dias. A cura foi demorada. Eliminei a hipótese que tivesse havido algum engano meu. Quando voltei a visitá-lo, ele me disse: "O que é que eu faço agora? Ele pediu novamente as minhas fezes". Nesse momento, comecei a desconfiar de outra coisa, que depois se confirmou. Ele estava vendendo essas fezes. Perdi a cabeça na hora. Depois foi confirmado por outras pessoas que haviam recebido fezes dele, e se descobriu que era uma quadrilha dentro do hospital. Subi ao quarto dele, estava dormindo; era um jogador, divorciado, muito preguiçoso. Jogava roleta no Grande Hotel. Bati na porta e disse a ele que sabia que ele estava vendendo fezes dos pacientes, e iria naquele exato momento comunicar ao diretor do hospital. Tenho como filosofia se você fizer suas coisas sem me envolver, não sou de fazer delações. Mas quando envolve a minha pessoa vou até as últimas conseqüências. Fui diretamente ao diretor do hospital. Foi um escândalo, e ele morreu de um enfarte. Eu carrego esse peso na consciência. Abriu-se um inquérito policial militar, que foi fechado com a morte dele, mas ficou provado que ele comercializava. Esse foi um acidente muito desagradável que enfrentei e não podia esconder.

Em 1945 estava cansado daquele trabalho no Hospital Militar e fiz uma carta ao ministro da Guerra, solicitando meu desligamento e, ao mesmo tempo, inscrição na divisão que ia para a Itália. Quando comuniquei ao meu pai, ele ficou desarvorado, mas não podia fazer nada. Fui desligado do hospital, passei pela junta militar, e incluído na segunda divisão. No entanto, não embarquei porque a guerra acabou antes.

Um fato que me marcou e nunca esqueci ocorreu um pouco antes do meu desligamento como médico do Exército. Um colega me convenceu que devíamos nos transferir para o Rio de Janeiro. A farra era maior, a alegria e o ambiente muito melhor, menos cansativo, menos trabalho. Concordei, pedimos transferência e esta foi concedida. Em seguida comuniquei a meu pai. Ele tinha pavor de avião e me convenceu a voltar atrás. Fui muito constrangido conversar com o diretor do hospital, que era amigo do meu pai, e consegui a anulação da minha transferência. Estava de passagem marcada no avião da Aeronáutica. Era muito amigo do piloto. Esse avião da Aeronáutica levantou vôo uma semana depois e sumiu. Nunca foi achado com esse colega, o piloto e mais outros ocupantes.

O pós-guerra e o mestrado nos Estados Unidos

Depois de 1945 vivemos um período de muita alegria, de satisfação e de união, com o reconhecimento da Rússia, a legalização do Partido Comunista e a presença de Luiz Carlos Prestes na política. Foi a primeira vez que a Rússia assumiu um destaque internacional no mundo ocidental. Essa fase foi muito ativa, muito agradável. Eu estava me formando filosoficamente. Foi quando comecei realmente a estudar Marx, a fazer leituras socialistas e me decidir, também, no papel de professor da faculdade. Fui assistente do professor Álvaro Figueiredo, na parasitologia.

"(..) vivemos um período de muita alegria, de satisfação e de união, com o reconhecimento da Rússia, a legalização do Partido Comunista e a presença de Luiz Carlos Prestes na política."

Nesse período foi desenvolvido um projeto para integrar as áreas de Ciências e Letras. Vivi uma experiência fantástica nesse projeto. Transferi-me para a Faculdade de Filosofia, onde fui nomeado professor titular interino. Mas essa experiência foi interrompida com a reforma universitária, no final da década de 60, e nunca foi feita uma avaliação.

Voltei ao Rio de Janeiro quando acabou a guerra, a fim de conseguir uma bolsa para o exterior. Fui à Fundação SESP [Serviço Especial de Saúde Pública]. A fundação tinha como um de seus projetos um programa de saúde pública para o Norte e Nordeste com apoio dos Estados Unidos. Com o passar dos anos, este programa passou a ser todo financiado pelo governo brasileiro.

O Rio [de Janeiro] era a capital do Brasil, e assuntos de cursos no exterior se decidiam preponderantemente lá. Fui então informado de que a Fundação SESP (que foi substituída hoje pela Fundação Nacional de Saúde) iria mandar para os Estados Unidos um grupo de funcionários para fazer o mestrado. Tive uma entrevista com o superintendente e ele informou que seria enviado um número limitado de funcionários, médicos e enfermeiros do SESP. Nem todas as vagas eram preenchidas, e que então seria feita uma seleção. Esta foi realizada, fui aprovado, e viajei como técnico da Fundação SESP para fazer o mestrado nos Estados Unidos.

Nessa minha primeira viagem aos Estados Unidos, uma coisa que me impressionou foram as comemorações pelo fim da guerra. Participei da euforia americana pelo término da guerra com o Japão. Estava nos

Estados Unidos durante o lançamento das bombas atômicas no Japão. Houve muita discussão nos jornais sobre a bomba. Mas a alegria com a vitória foi enorme. Fui para rua. Beijava e abraçava todo mundo. Foi um espetáculo que nunca tinha visto dentro dos Estados Unidos.

Mas me choquei com a questão racial, que ainda era gravíssima naquela época. Numa ocasião entrei num cinema, com a sessão já iniciada, e me sentei no escuro. Quando a tela ficou branca, descobri que estava num cinema de negros. Saí rapidamente. Dias depois, estava numa esquina esperando o sinal abrir, pára um carro, atrás pára outro carro, na frente uma negra com um carrinho. Você via o carrinho muito bem, atrás parou um carro com um casal de brancos e o casal bateu. Ele achou que o culpado era o da frente, saltou do carro, abriu a porta, no centro de Washington. A mulher começou a gritar, ninguém atendeu, ninguém socorreu. Eu vi várias cenas.

No ônibus, os negros ficavam da metade para trás. Tinha uma placa que anunciava metade somente para pretos. Mas nem sempre os ônibus circulavam com lotação completa, 50% de um, 50% do outro. Às vezes tinha muito homem branco, minoria de preto; às vezes tinha mais preto do que branco. Então mudavam as placas para poder sentar. Os brancos costumavam sentar logo nas primeiras fileiras e deixavam uma fila vaga. Comecei então a questionar a democracia americana.

A saúde pública era uma área de muito prestígio nos Estados Unidos. Passei então a conciliar minhas pesquisas na área biológica com uma perspectiva social, ou melhor, com os problemas sociais.

Um fato que me marcou muito como professor, desde o início na Faculdade de Ciências Médicas que hoje pertence à FESP [Fundação Universidade Estadual de Pernambuco], foi o laboratório. Havia um microscópio para cada aluno, ou cada dois alunos, e eles trabalhavam de forma autônoma. Tinham apenas o acompanhamento de um professor assistente. Os alunos tinham liberdade para poder pesquisar os ovos dos parasitas. Quase todos tinham caldo para poli-parasitismo. Desenvolvemos o hábito da discussão, e um aluno (que esqueci o nome), revirando aquelas fezes, ficou cansado e disse: "A quem pertence essas fezes?" E eu fiquei embaçado, sem resposta. A partir desta pergunta, criei um trabalho de campo com os estudantes para colher fezes, voltar para o laboratório, fazer o diagnóstico, depois voltar e medicar as pessoas.

"Eu liguei a parasitologia de campo à parasitologia de bancada. Antes eram duas coisas independentes."

A vida do jovem naquela época era muito diferente de hoje. A iniciação sexual era pela prostituição. Só tinha vida sexual com a namorada depois que casava. Em solteiro, tive doenças venéreas fortes. Mas sempre contava a papai, e ele me levava aos médicos amigos. Vivia assim até 1949, quando casei e parei a vadiagem.

A fundação e desenvolvimento do Aggeu Magalhães [Instituto/CPqAM]

Quando voltei dos Estados Unidos, com o diploma de mestre em saúde pública pela Universidade John Hopkins, já tinha alguma atividade de pesquisa, inclusive publicada. Nesse período, Aggeu Magalhães (o pai), fundador da anatomia patológica em Pernambuco, vinha desenvolvendo uma série de investigações nessa área, e criara o Serviço de Verificação de Óbitos. Um espírito extremamente extrovertido, culto, um homem de muito valor, que pleiteava há muitos anos, desde a década de 30, a instalação de um centro de investigações de endemias. Houve um embrião desse centro, com a vinda ao Recife de Evandro Chagas, irmão de Carlos Chagas Filho. E com ele se fundou, temporariamente, um centro de estudo de grandes endemias no qual trabalharam Aluísio Bezerra Coutinho, o próprio Aggeu Magalhães (pai) e alguns pesquisadores locais, que se agruparam e produziram um estudo sobre a esquistossomose. Este foi o embrião da criação do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. No entanto, esse trabalho foi interrompido com a morte de Evandro Chagas em desastre de avião na Bahia.

Em meados da década de 40 houve contatos entre Amílcar Barca Pelon e Aggeu Magalhães (pai) para a construção e instalação de um centro de pesquisas, com estudos voltados para as endemias, particularmente para a esquistossomose e as parasitoses intestinais. Esses contatos foram avançando, o prédio começou a ser edificado na rua do Espinheiro, 106, num terreno cedido pelo antigo Hospital do Centenário, atual Hospital do IPSEP [Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco]. Nesse momento, Aggeu Magalhães (pai) faleceu. Abriu-se, no entanto, o debate de quem é quem, em Pernambuco, para assumir a direção do instituto. Acredito que nessa escolha houve uma influência muito

grande de Gilberto da Costa Carvalho, porque ele era o representante local, técnico e político do Ministério da Saúde, e mantinha uma relação muito estreita com Amílcar Barca Pelon. Eu não conhecia Amílcar, mas é provável que o Gilberto tenha feito a indicação do meu nome.

Sua primeira gestão no IAM

Acredito que minha indicação não foi uma negociação fácil. Houve um impasse, porque não era "persona grata" ao governo daquele momento, que era o de Barbosa Lima Sobrinho. Ele era do PSD [Partido Social Democrático], o mesmo partido de Agamenom. Hoje é um socialista, mas naquela época colaborou com Agamenom. Hoje não perco o artigo do domingo que ele escreve.

Fui então indicado para diretor [do Instituto Aggeu Magalhães]. As instalações do futuro instituto de pesquisa ainda estavam em construção. Meu nome foi levado ao governador Barbosa Lima Sobrinho, que não teve dúvida em aceitar, apesar das prováveis objeções de Agamenom Magalhães. Com a aprovação do meu nome, passei a acompanhar a construção do instituto, que já estava no fim, e a coordenar a compra do material do laboratório. No dia 2 de setembro de 1950, fui nomeado diretor do instituto, e este encontrava-se completamente mobiliado e equipado para pesquisa.

Foi uma grande vitória para Pernambuco. O Instituto Aggeu Magalhães ficou então subordinado ao Ministério da Saúde, construído num terreno cedido pelo governo do estado. No início, era constituído de quatro pessoas: eu, um motorista, uma secretária e um servente. A conquista de novas nomeações foi se fazendo ao longo do desenvolvimento do trabalho. Um sinal de precocidade do instituto foi o fato de ser fundado no dia 2 de setembro, e na semana seguinte estar capacitado para oferecer um curso de especialização sobre bouba no seu laboratório, com o pessoal de fora convidado, e duração de cerca de três ou quatro semanas.

Há uma coincidência, que nunca foi investigada, mas consta no *Jornal do Comércio*, onde a data de fundação do Instituto seria a mesma do Joaquim Nabuco [Fundação Joaquim Nabuco]. Seriam então dois centros de pesquisa, um na área médica, outro na área social, que embora nunca tivessem tido realmente uma ligação muito estreita, contribuíram

para fortificar, criar mecanismos e formar pessoas na área das ciências sociais e na área da saúde, bastante interligadas, haja vista a relação das endemias com a questão social.

Os primeiros anos foram difíceis. Procurei traçar uma estratégia de desenvolvimento. No início ele se chamava Instituto Aggeu Magalhães, depois [em 1956] é que passou para Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

Minha linha de pesquisa era endemias de modo geral. Dei início e tracei uma estratégia de começar pelos vetores, pelos transmissores da esquistossomose. Foram feitos estudos de sistemática dos moluscos, depois a biologia e ecologia dos moluscos, a epidemiologia, e o controle da esquistossomose. Houve realmente uma estratégia de desenvolvimento, porque naquela ocasião pouco se sabia sobre a esquistossomose "mansonii" e outras endemias no Brasil. A fundação desse instituto de pesquisa, e dos outros dois que se seguiram, em Belo Horizonte e na Bahia, foi uma enorme contribuição para o esclarecimento das endemias rurais, que eram e são problemas de muita importância no país.

Para ampliar e consolidar o instituto, fomos absorvendo a "prata da casa". Na impossibilidade de outra estratégia, nós começamos a selecionar o pessoal mais jovem, que já tinha alguma experiência em pesquisa, em parasitologia. Houve uma época de dificuldade de obtenção de recursos muito grande. Aliás, isso é crônico no Brasil. Funcionávamos com a chamada verba três; uma verba orçamentária extra que atravava três, quatro, cinco meses. Era uma luta manter o pessoal e manter a pesquisa. Ninguém no Brasil realiza pesquisa se não tem auxílio de instituições nacionais e particularmente estrangeiras. Entre as nacionais, obtivemos apoio do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], e entre as estrangeiras, da OMS [Organização Mundial de Saúde]. Esta tinha um departamento de endemias, com programas de auxílio à investigação.

Recebemos também uma enorme colaboração dos institutos nacionais de saúde dos Estados Unidos, que tinham um programa de auxílio à pesquisa na América Latina. À medida que saíam publicações das nossas pesquisas em revistas estrangeiras, isso foi despertando o interesse das organizações, e eles começaram a investir no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

As pesquisas em esquistossomose e os moluscidas

Os primeiros resultados das pesquisas em relação à esquistossomose, os trabalhos de laboratório, de sistemática, foram realizados com uma certa brevidade. Não se conhecia nem a estrutura anatômica do caramujo transmissor; isso é uma coisa que se faz em dois, três ou quatro dias, e mais três ou quatro dias para se escrever um artigo com os resultados. De modo que eles começaram a sair rapidamente.

Como relatei, fiz contato com os institutos nacionais da saúde e a Organização Pan-americana da Saúde, que é uma extensão da Organização Mundial da Saúde para as Américas. Precisava de dois pesquisadores visitantes com o perfil das nossas necessidades naquele momento, para ajudar na formação dos pesquisadores jovens recém-nomeados. Bento Magalhães Neto era um dos nossos recém-nomeados.

Finalmente foi feito um acordo entre o governo brasileiro e o governo americano, e conseguimos dois pesquisadores com formação em biologia dos moluscos, que era o que estávamos precisando. Chamavam-se Louis Olivier e Charles Dobrovolny, passaram dois anos trabalhando conosco. Dobrovolny era especialista em moluscida, a substância que destrói o caramujo. Na época, era um dos meios considerados mais eficientes no controle da endemia. Dobrovolny era de origem húngara, mas naturalizado americano. Esses homens contribuíram de maneira notável para o desenvolvimento da pesquisa no Aggeu Magalhães [CPqAM]. Não só pelo conhecimento, como também pelas ligações científico-políticas com o primeiro mundo. Essas relações nos levaram então à criação de parcerias e apoios à pesquisa de enorme importância. Hoje, financiamento do exterior para pesquisa está extremamente difícil a não ser em certas áreas, como no caso da AIDS.

Durante muitos anos, o uso persistente de moluscidas foi considerado pela OMS como o melhor método de controle da esquistossomose. Isso perdurou durante muito tempo, criou interesses econômicos e políticos, e o Brasil comprou várias toneladas de Bayluscid, um moluscida produzido pela Bayer. Foi a primeira tentativa de erradicar o molusco em todo mundo, mas não foi possível. A pesquisa se dirigiu toda nessa direção. Nos baseávamos no trabalho de um pesquisador egípcio, Farooq, que tinha o aval da OMS. O Egito é considerado a pátria da esquistossomose, e foi lá que nasceram os primeiros trabalhos. Entramos por esse caminho durante vá-

rios anos, mas desde os primeiros trabalhos produzidos aqui por Dobrovolny, passei a desconfiar da eficácia dos moluscicidas para controle da esquistossomose.

"O Egito é considerado a pátria da esquistossomose, e foi lá que nasceram os primeiros trabalhos."

Havia sempre a esperança de se desenvolver um novo moluscicida que não fosse poluente e mais eficaz. Mas nós não tínhamos condições tecnológicas para isso. Estava nas mãos das grandes empresas, Bayer e outras. No entanto, até hoje não se desenvolveu nada melhor ou pior do que o Bayluscid. Houve muita pesquisa em torno dos moluscicidas, incorporados numa matriz de química à borracha, que não fosse poluidor e capaz de matar os caramujos, mas não se obteve resultado.

Esse engano desviou (isso é muito comum em pesquisa), durante muitos anos, o estudo do caramujo. O controle da endemia foi desenvolvido muito depois, a partir da pesquisa do ciclo biológico dos moluscos. A sistemática, a biologia, e a ecologia dos moluscos nós começamos a conhecer muito depois.

O Instituto Aggeu Magalhães passou a se chamar Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], e ficou subordinado ao Ministério de Saúde. Nessa época, o diretor do Instituto de Endemias Rurais [INERu] era o dr. José Rodrigues da Silva. Foi uma época muito útil, porque associamos serviço à pesquisa, diretamente, e o INERu passou a desconfiar, talvez por influência minha e de outras pessoas, da eficácia dos moluscicidas no combate à esquistossomose. Foram então desenvolvidos quatro trabalhos de pesquisas, nos estados de Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. Estes trabalhos, infelizmente, só se desenvolveram em duas áreas: Pernambuco e Belo Horizonte, que eram os que tinham maior suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

O grupo de Belo Horizonte apresentou resultados que considero um pouco dúbios, ao mostrar certas vantagens no uso de moluscicidas. Meu trabalho em Pernambuco se desenvolveu durante 11 anos. Onze anos para desfazer um equívoco científico, mundialmente reconhecido. Mas provamos a ineficiência dos moluscicidas de por si só isoladamente controlar a esquistossomose. Publicamos os resultados *numa revista do exterior*.

O moluscicida é um pó que é dissolvido nas águas paradas. É um tóxico vigoroso, porque mata os caramujos numa concentração bastante elevada. Mas ele é caro, sobretudo a mão-de-obra para aplicá-lo. Implica em uma sofisticação muito grande, aparelhos de gotejamento regulares que mantenham as distâncias. Como os focos estão mais entre os pequenos riachos do que propriamente nos alagados, essa técnica se torna extremamente cara. E depois foi mostrada que ela é praticamente ineficiente para o controle. Inclusive, deve-se destacar que ele mata também os peixes, tornando difícil aplicar nos açudes particulares, face à resistência dos proprietários. Além da morte dos peixes, causa problemas à saúde do homem e adoce o gado. Apenas tinham uma vantagem: ele era biodegradável. Ele praticamente hoje está abolido no Brasil e em quase todos os países do mundo. Mas foi uma luta política minha durante uns 30 anos.

Desde 1960 já estava criticando o uso deste moluscicida, procurando outras saídas. Trabalhei com moluscicidas por via digestiva, com o carbonato de cobre. O primeiro moluscicida empregado era feito de sais de cobre, o sulfato de cobre, que é solúvel. Tive a idéia de misturar, à lama dos criadouros, o carbonato de cobre com os moluscos. Mas, de qualquer maneira, o cobre é um metal pesado, de modo que é persistente nas águas, e não é indicado, e desisti dessa operação. Fiz tentativas com moluscicidas de origem natural por via oral. Utilizei várias plantas do Nordeste, mas todas foram insatisfatórias.

Por outro lado, a divulgação destas pesquisas para o primeiro mundo foi complicado. A publicação em revistas estrangeiras era muito difícil, devido à pressão política dos próprios países e das indústrias produtoras desses produtos.

Embora nossa área de pesquisa prioritária na década de 1950 e parte de 1960 fosse a esquistossomose, nós mantínhamos bastante liberdade de pesquisa. Fizemos trabalhos sobre leishmaniose, sobre filariose. Foram trabalhos pioneiros. Foi o primeiro trabalho de filariose feito no Brasil, em campo. Um trabalho de epidemiologia da filariose que deu subsídios ao grande desenvolvimento que o Centro de Pesquisa hoje tem nesta área. Peste bubônica foi uma outra prioridade.

Hoje o Aggeu [CPqAM] está dividido em departamentos, mas antigamente não, era muito pouca gente, éramos no máximo sete ou oito pesquisadores. O trabalho era dividido em programas e alguns laborató-

rios básicos, como de exames de fezes e exames de caramujos. As pessoas, para compor a equipe de trabalho, eram escolhidas geralmente por mim. Não havia nenhuma influência política nas nomeações. Estas eram feitas na circunscrição do departamento, em Pernambuco, e foram sempre respeitadas. Pernambuco tinha uma circunscrição que cuidava dos problemas de endemias.

"Hoje o Aggeu [CPqAM] está dividido em departamentos, mas antigamente não, era muito pouca gente, éramos no máximo sete ou oito pesquisadores."

Naquela época, conciliava minhas aulas na universidade com o Aggeu [CPqAM]. Como não exigiam horário, dava as minhas aulas práticas, aulas teóricas, mas 80% do meu tempo dedicava ao Aggeu Magalhães [CPqAM].

Por volta de 1961, fui exonerado da direção do Aggeu [CPqAM] por Lobato Paraense. Era um pesquisador que trabalhava na área de esquistossomose. Eu estava na direção do Aggeu Magalhães [IAM/ CPqAM] desde a fundação. Com as mudanças no governo federal na época, estive com Lobato logo que ele foi nomeado, e coloquei o meu cargo à disposição. Ele me comunicou que não haveria nenhuma substituição, que eu seria mantido. Acreditei nisso, e uma semana depois recebi um telegrama me destituindo da chefia, e nomeando um outro. Ele era muito amigo do ministro da Saúde, colegas muito íntimos, ambos eram do Pará. Assumi então o Durval Lucena, que ficou dois anos, até que José Rodrigues da Silva assumiu o INERu e me convidou para voltar.

Durval Lucena permaneceu de 1962 a 1964, quando então voltei, e permaneci até 1969.

Recebi nessa época um convite para ir trabalhar na Organização Mundial da Saúde. Me aposentei precocemente, uma aposentadoria especial com 25 [anos] de trabalho, através de uma lei que permitia àqueles que combateram ou que atuaram em áreas consideradas zona de guerra usufruir dessa vantagem. Como o Nordeste do Brasil foi considerado zonas de guerra, e eu havia sido convocado na época, pude ser enquadrado na lei.

A Organização Mundial de Saúde

Em 1970, deixei Pernambuco e fui trabalhar na Organização Mundial de Saúde, em Genebra. Uma dificuldade foi de fato conseguir traba-

lhar com o propósito de condenar os moluscidas, porque a mentalidade toda ainda era da eficácia destes. Logo que cheguei à Genebra, o governo egípcio, desconfiado dos resultados excelentes publicados por Farooq, que havia morrido recentemente, pediu à Organização Mundial de Saúde a nomeação de uma comissão para fazer uma avaliação do trabalho. Eu era o único na OMS responsável pelo problema da esquistossomose, dentro de uma unidade de doenças endêmicas, então fui indicado. Passei 45 dias com um pesquisador inglês, e três pesquisadores egípcios que se juntaram a nós para fazer uma avaliação. Visitamos a área, fizemos uma checagem toda da área, e mostramos que os moluscos estavam lá, passados alguns anos. O fato é que os moluscos não resistem à aplicação imediata do moluscicida. Você aplica dentro de um riachinho, no dia seguinte retorna, não encontra nenhum. Um mês depois está cheio de moluscos. Eles se reproduzem, conseguem escapar enterrados na lama. Também do lado de fora eles resistem à dessecação de uma maneira extraordinária, e repovoam rapidamente. Têm uma capacidade de reprodução de 35 dias. A cada 35 dias geram os primeiros ovos, de modo que a coisa é geométrica, ultrageométrica.

Voltando à história do Egito, eu e Gilles, da Escola de Saúde Pública de Liverpool, na Inglaterra, depois de fazermos o trabalho de campo, fomos comparar com os protocolos de pesquisa do Farooq que estavam lá depositados. A decepção nossa foi enorme. O Gilles foi quem redigiu o trabalho, e como tinha um certo comprometimento científico, foi claro, mas não o bastante, a ponto de condenar definitivamente o uso de moluscidas. Por outro lado, as revistas estrangeiras não aceitariam um artigo com esse caráter, de modo nenhum. O texto final desse trabalho saiu com meu nome, com o dele, e o dos egípcios. Com a publicação desse artigo, as coisas ficaram balançadas; mas um artigo com o resultado dos meus trabalhos em Pernambuco ainda tiveram que esperar, porque minhas pesquisas ainda estavam em andamento. Só saíram depois, quando voltei para o Brasil.

"Este caso da esquistossomose evidencia a lentidão de mudar o pensamento científico, quando ele está associado a fortes interesses econômicos. O que a Bayer ganhou com o moluscicida deve ter sido alguns bilhões."

Nós terminamos, então, a avaliação, mostrando os riscos do uso de moluscidas. Um técnico do laboratório, egípcio, nos confessou que

melhorava o resultado na pesquisa para agradar o Farooq. Isso não está escrito em lugar nenhum, mas é comum em laboratórios os próprios subalternos, os técnicos, sabendo qual é o interesse do pesquisador, redirecionar a pesquisa. É preciso ter muito cuidado.

"(...) é comum em laboratórios os próprios subalternos, os técnicos, sabendo qual é o interesse do pesquisador, redirecionar a pesquisa."

Quando iniciei meu trabalho na OMS, havia uma prática de visitar os vários setores para conhecer os problemas da Organização. O primeiro choque que tive foi numa dessas reuniões, quando um dos instrutores, descrevendo o papel da Organização Mundial da Saúde, disse textualmente que o papel nosso era trabalhar pela instituição. Interrompi (minha primeira desavença em Genebra foi essa) e disse: "Pensei que nós estávamos defendendo os interesses das nações, afinal somos um órgão das Nações Unidas". Ele ficou vermelho, branco, de todas as cores. E acrescentei: "Devemos defender os interesses, mas não esquecer que a Organização Mundial da Saúde é um conselho internacional, e devia ser uma organização independente". E não era.

O segundo desapontamento meu foi numa reunião externa com um grupo de peritos. A Organização tem um grupo de peritos que se reúne à medida que surge alguma necessidade. Foi feita uma reunião sobre biologia de moluscos. Quando entrei na sala de reuniões, onde haviam oito a dez pessoas na mesa, tinham duas pessoas que eu não conhecia. As outras convidadas eu conhecia. Perguntei então ao meu chefe, dr. Ansari, um iraniano, quem eram aquelas duas pessoas, e ele respondeu: "São técnicos da Bayer". Eu disse: "Mas dr. Ansari, essa é uma instituição independente. Como é que nós vamos permitir a participação de dois funcionários de uma empresa privada?" Eu havia organizado a reunião, e ele não tinha me informado que convidaria estas duas pessoas. E justificou: "Não, convidei apenas como ouvintes para dar algum esclarecimento sobre os trabalhos da Bayer e tal". O fato é que eles participaram da reunião e opinaram o tempo todo como qualquer membro. Foi um desapontamento enorme para mim.

Durante o período em que estive na Organização Mundial da Saúde, realizei uma porção de tarefas como responsável por todos os programas de pesquisa e controle da esquistossomose. Viajei muito, principal-

mente para a África, que era a região que mais solicitava apoio da Organização Mundial da Saúde, e onde esta mantinha três trabalhos de pesquisa.

O contrato na OMS era de dois anos, renováveis por mais dois anos, se houvesse interesse mútuo. No entanto, depois do segundo ano eu não quis mais continuar. Era um trabalho muito burocrático, além das posições um pouco incômodas que eu tinha assumido, e a necessidade de retomar as minhas pesquisas no Brasil. Isso tudo me fez voltar, em 1972, depois de dois anos e dois meses.

Trabalhar numa organização internacional em Genebra, não apenas pelo fato de viver no primeiro mundo, mas do ponto de vista científico e político, foi uma experiência de vida muito rica. Apesar dos problemas de divergência com meu chefe, tive oportunidade naquele período de dois anos de encontrar todo o mundo científico da minha área.

Enfrentei um problema muito grave, porque nas minhas consultorias não indicava os moluscidas. Todos os meus relatórios feitos na Organização Mundial da Saúde foram carimbados como reservados. Se alguém for lá hoje e quiser ver estes relatórios, não vai ter acesso a não ser que obtenha permissão do diretor geral. Era uma plutocracia. Interesses industriais, comerciais muito grandes em jogo. Os países todos já estavam com alguma consciência voltada para os malefícios produzidos pelos moluscidas. De modo que eu associava minhas conclusões científicas a uma certa expectativa dos países onde atuava como consultor. Politicamente, não podia visitar um certo país e querer impor nenhuma condição.

"Enfrentei um problema muito grave, porque nas minhas consultorias não indicava os moluscidas. Todos os meus relatórios feitos na Organização Mundial da Saúde foram carimbados como reservados."

Na minha visita ao grande projeto que estava começando a se desenvolver em Gana, financiado pela Organização Mundial da Saúde, de controle da esquistossomose no grande lago que corta o país, eu explicita e politicamente interagi com a secretária de Saúde local, no sentido de não aplicar moluscidas. Naquela época era o maior lago do mundo em extensão, e a esquistossomose rapidamente se desenvolveu. Era um lago muito piscoso, e a população rapidamente se estabeleceu nas suas margens. Tive muita dificuldade em explicar na minha volta a Genebra, através do meu relatório, que não se deveria aplicar o moluscida no

lago porque seria uma tragédia. O governo de Gana apoiou meu relatório e o projeto não usou moluscicida na área.

A OMS, provavelmente, não ficou muito satisfeita. Mas as coisas eram feitas num manto de hipocrisia. Quando informei ao meu chefe, no final do meu contrato, que não desejava renová-lo, ele insistiu comigo para que o renovasse. Ele tinha a fama de muito briguento, de temperamento muito difícil, e era. Estava muito visado porque ninguém ficava lá trabalhando com ele mais de dois anos. Esse episódio de Gana foi um dos acontecimentos no início da minha instalação em Genebra que deu muito problema.

Foi muito intensa a minha vida na Organização. Tinha muito trabalho para fazer. Tudo sobre esquistossomose vinha para a minha mesa. Até um estudante da Universidade de Bombaim, na Índia, que desejava saber como se controla a esquistossomose, vinha parar na minha mesa. Como ia para a mesa dos outros assuntos na especialidade de cada um. Me mantive na linha de adversário do uso de moluscicidas, participei do trabalho com o professor Gilles, de Londres, mostrando o pouco valor que tem o uso de moluscicidas. Voltei para o Brasil com uma soma enorme de experiência em administração, técnica, pesquisa, avaliação de programas no campo internacional. Eu era quem avaliava todos os programas da Organização na área da esquistossomose. Viajei muito.

Os convites para universidades e a escolha por Brasília

Quando decidi voltar para o Brasil, contatei alguns amigos para saber que possibilidades tinha no meu retorno. Surgiram três: um convite da Universidade de Brasília [UnB], um da Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], e outro da USP [Universidade de São Paulo], Campus de Ribeirão Preto. Foram convites informais. Depois de muito pensar, e também em sintonia com os interesses da minha segunda mulher, escolhi Brasília. Houve também um outro fator que concorreu para minha escolha: estava muito envolvido com o ensino médico. Fui presidente da ABEM, Associação Brasileira de Educação Médica.

Brasília me despertou pelo interesse de um novo modelo de educação médica que estava se instalando na UnB. Hoje posso avaliar como tendo sido um erro grande, porque na UFMG ou na USP eu teria tido mais tranquilidade, não teria enfrentado os problemas políticos que tive na UnB.

O ingresso na UnB realizou-se através de uma seleção de currículos. Fui nomeado nos primeiros meses de 1972 para professor titular do setor de medicina comunitária. Antes de ir para Brasília, passei em Pernambuco para resolver alguns problemas. Minha primeira mulher, que morava em Recife havia falecido; também precisava visitar o Aggeu [CPqAM], com quem mantinha uma ligação através das minhas pesquisas de campo e de laboratório na área de esquistossomose. Sempre tive o apoio dos diversos diretores do Aggeu [CPqAM] que me sucederam para dar continuidade a este meu trabalho. Aplicava os financiamentos conseguidos na continuidade desta pesquisa. Minha outra área de interesse, como já me referi, era a educação médica e comunitária - trabalho de comunidade - que comecei a desenvolver em Pernambuco antes de viajar.

Minha equipe em Pernambuco era constituída por duas pessoas fantásticas, que faleceram há pouco. Francisco Arruda, uma pessoa interessantíssima, com uma memória muito boa, um técnico em laboratório de alto nível, que foi trabalhar comigo no projeto de Gana. Trabalhou um ano para OMS, depois teve malária e voltou. Um outro foi o médico sanitário Dirceu Pereira da Costa, que foi inclusive vice-diretor do Aggeu [CPqAM]. Eles mantinham um grupo de cinco ou seis auxiliares muito experientes na área de esquistossomose.

Voltando ao meu período na UnB, me instalei em Brasília no início de 1972. Eu sabia que a Universidade de Brasília era uma das mais repressoras instituições públicas do país. O vice-reitor, e depois reitor, se chamava José Carlos de Almeida Azevedo. Era um contra-almirante, reformado. Ele era um intelectual da Marinha. Tinha PhD em física nos Estados Unidos. No início foi muito amável.

O reitor era Amadeu Cury, um microbiologista famoso com grande projeção, mas também conservador. A Universidade de Brasília foi construída a poucos quilômetros do poder central. Era uma universidade muito vigiada, para que não houvesse movimentos de protesto ou resistência ao regime militar então dominante.

Eles sabiam da minha condição de convidado do professor Aluísio Prata, uma pessoa de muito valor científico, mas um conservador com quem briguei violentamente logo no início. Mas as relações com a reitoria eram muito boas, a ponto de eu ter aceito a diretoria da Faculdade de Ciências da Saúde por dois anos. Mas então começaram os primeiros problemas, que hoje relatando parece absurdo que tenham ocorrido. Es-

tava na época da indicação de um novo chefe para o Departamento de Clínica. O regimento recomendava uma lista de seis nomes, escolhida pelo Conselho Departamental, e o José Carlos de Almeida Azevedo escolheria um. Levei a lista, ele olhou, olhou, e disse: "Mas aqui não tem nenhum nome da minha confiança". Realmente, o departamento trabalhou politicamente para eliminar o candidato que ele queria, então eu disse: "É uma lista aberta, feita pelos componentes do Conselho Departamental". Então ele perguntou: "Quem é que você quer dessa lista?" Eu disse: "Nenhum, todos eles são de minha inteira confiança". Ele respondeu: "Não, eu não assino isso não, mas para a coisa não ficar assim, você volte aqui amanhã". Eu voltei no dia seguinte e ele disse: "Olha, eu pensei e vamos fazer outra eleição". Para não brigar de cara, como eu era mais velho do que ele, apenas disse: "Vou sair para não lhe dar uma resposta, mas só digo uma coisa, você não me conhece". Saí e não voltei mais lá. Passaram-se uns dois ou três meses, ele então mandou me chamar e disse: "Pensei um pouco e quero nomear". Voltou então com a mesma pergunta: "Qual o nome que você quer?" Eu disse: "Qualquer um que você indicar" Ele escolheu um nome ali e indicou. Começaram as pequenas rixas desse tipo, e eu contornando como podia, mas sem ceder nos pontos essenciais. Terminei os meus dois anos de mandato e não aceitei reeleição. Foi eleito outro, e a coisa continuou, ele já como reitor da universidade. Houve então uma grande greve na universidade, quando foi criada a Associação dos Professores da Universidade de Brasília (ADUnB).

Particpei da fundação mas não aceitei cargo nenhum. Nunca tive partido político. Não tenho carisma para a política. Fiquei sempre na área mais intelectual da resistência. Com a greve dos alunos na UnB, tive que trabalhar mesmo na periferia. Formamos uma comissão de cinco professores para intermediar a greve, mas torcendo pelos estudantes, é claro. Tive que manter contato com José Carlos várias vezes durante a greve, onde ocorreram discussões de toda a natureza possível.

Nessa ocasião, a universidade foi invadida. Esse fato eu não assisti, porque estava trabalhando num prédio um pouco distante. Mas a descrição que foi feita por vários professores é que entrou uma missão comandada por um capitão. Agachados em posição de guerra, esvaziaram os pneus dos automóveis, como estratégia para ninguém fugir de automóvel. Foi ao meio-dia, exatamente na hora em que os professores estavam saindo para o almoço. Todos foram colocados em linha contra a pa-

rede, com o fuzil apontado, inclusive mulheres, esposas de professores e filhos menores. Fomos protestar contra isso, e na discussão com José Carlos indagamos como é que ele permitia a entrada das forças armadas no Campus. Ele respondeu: "Não, eu não posso fazer nada". Eu disse: "Você pode, o seu prestígio no núcleo conservador do governo é enorme. E outra coisa, é o seguinte: você não desceu para defender seus alunos que estavam lá embaixo, e você aqui em cima". Nós sabíamos que ele estava na reitoria, que era em cima. As discussões com ele eram muito violentas. Eu estava partindo para deixar a universidade.

Durante a greve, ele me telefonou se dirigindo a mim como coordenador desse grupo, e dizendo: "Os professores não estão na sala de aula". Eu disse: "Olha, não é isso que me consta; os alunos é que estão em greve, os professores não". Não estavam ainda em greve. Ele então disse: "Não, mas você está na comissão, você tem que olhar esses problemas". Eu respondi: "Eu não sou bedel para olhar problema dessa natureza". Então ele insistiu: "Porque o lugar do professor é em sala de aula". O sangue subiu e desceu, e eu disse: "Vou agora em sua casa com a comissão que está reunida comigo para lhe dizer onde é o lugar do professor, que você não sabe". E fomos na casa dele dizer onde era o lugar do professor. Depois desses episódios, as coisas ficaram extremamente perigosas.

Quando terminou a greve dos estudantes (não me lembro como), os trabalhos voltaram ao normal, viajei para os Estados Unidos e demorei um pouco.

Tínhamos um programa de medicina comunitária numa cidade satélite de Brasília, Planaltina, que estava sendo financiado por duas organizações internacionais - uma delas a Fundação Kellogg - além de organizações nacionais. Obtivemos um financiamento de um milhão e 200 mil dólares, e encontrava-se na fase de avaliação.

Era um projeto interdisciplinar, que reunia professores da área de saúde, ciências sociais, e de outras áreas. Quando cheguei em Brasília, da viagem aos Estados Unidos, encontrei um clima de denúncia em relação aos convênios. Eram seis ou sete convênios, e ele denunciou todos, alegando irregularidades, e que iria fazer reformas estruturais na universidade para depois recomeçar. Me senti sem chão, ele havia puxado o tapete. Daí por diante as coisas pioraram.

Ele fazia coisas primárias, tirava a secretária, o telefone, e começou um outro processo que me deixou perplexo. Rasguei este processo há pouco tempo. Era um volume grosso, que atribuo ao que se poderia chamar de tortura psicológica. Depois de encerrados os convênios, fiquei dando aulas - de epidemiologia - apenas. Logo em seguida recebi um primeiro ofício dele: "Ao senhor professor Frederico Simões Barbosa", depois soube que ele fez isso com outros professores, "desejo saber o que é que o senhor está fazendo depois que o programa Planaltina foi extinto. A relação das suas atividades". Eu pensei: "É um chato. Esse homem está me chateando". Então respondi: "Estou ministrando aulas. Na ausência do programa Planaltina foram fechados três postos rurais, que nós mantínhamos, e as ligações com o Hospital de Planaltina foram interrompidas, por isso estou apenas nessa função de dar aula". Três, quatro dias depois, outra coisa. E essa correspondência se estabeleceu durante uns dois ou três meses, fazendo um volume enorme, para responder coisas que ele perguntava. "Quantos trabalhos publicou, onde é que estão os trabalhos publicados, me mande as cópias dos trabalhos". A coisa foi se avolumando. Comecei a me envolver e ter prazer naquela coisa, e lembrei de ter lido alguma coisa sobre tortura, quando o torturador se envolve com o torturado e o torturado com o torturador. Tinha um prazer mórbido de estar respondendo, buscava literatura para responder. Lembro que uma das coisas que mencionei ficou meio infantil.

Uma vez o professor Carlos Chagas Filho, que era muito meu amigo, voltando de Roma, onde era membro do Conselho de Ciência do Vaticano, me trouxe uma coisa recentíssima, que foi a declaração do papa absolvendo Galileu de culpa, porque ele era excomungado pela Igreja.

Percebi que estava tomando interesse nessa discussão e isso me enojava, me dava náusea, e não podia continuar mais e, finalmente, pedi demissão da Universidade de Brasília, antes que fosse demitido. Pedi demissão em 1982. Depois de Brasília fui para a Universidade de São Carlos.

Uma coisa que havia esquecido, e que tem importância do ponto de vista político, ocorreu em 1969, após a promulgação do famoso artigo 477, que punia os estudantes universitários de um modo geral por crimes políticos. Esse fato foi muito marcante na minha vida, porque era professor titular da então Faculdade de Medicina da UFPE [Universidade Federal de Pernambuco]. Em determinado momento, a diretoria da Faculdade de Medicina, após a promulgação do artigo 477, anunciou uma reunião

para discutir uma lista de alunos da Faculdade de Medicina que tinham cometido delitos ditos políticos. Essa relação descrevia cada crime, considerado político, que estes estudantes haviam cometido, e pedia apreciação da congregação. Esta era naquela época o conjunto maior de professores, o órgão mais elevado administrativo e político da Faculdade de Medicina da UFPE. Essa foi um das cenas mais aviltantes que já vivi e assisti na minha vida. O diretor, antes de começar a reunião, conversou separadamente, explicando a situação e dizendo claramente que a região militar estava recomendando que nós cassássemos aqueles alunos. O assunto, em seguida, foi exposto na reunião sob uma áurea de neutralidade.

Procedeu-se então a eleição, e a grande maioria dos professores votou pela cassação. A congregação era composta por professores catedráticos, os representantes dos docentes livres, dois representantes dos estudantes e um representante administrativo. Naturalmente, os dois estudantes fizeram um enorme esforço para defenderem todos da lista das acusações. Quando esgotou-se o tempo que eles tinham para falar, nenhum professor proferiu qualquer palavra, e a matéria foi para votação. Votaram contra apenas dois professores - eu e Fernando Figueira -, o representante dos docentes livres e os dois estudantes.

Logo depois do golpe de 1964, um domingo depois, fui convidado para almoçar na casa de um colega da Faculdade de Medicina. Quando cheguei, este professor era muito próximo aos militares, e estava presente um tal capitão Bismarck. Ele está citado em todas as listas de torturadores políticos em Pernambuco. Estava exultante, tomando um chopezinho antes do almoço, estava alegre, satisfeito, começou a comentar a revolução e eu encolhido, calado. Sabia que devia ficar bem comportado. De repente, ele se vira para mim e diz "Você não está satisfeito, não está contente?" Eu respondi: "Não, eu estou normalmente satisfeito. Sou de temperamento muito retraído". Ele disse: "Que é que há? Você parece que tem algum problema. Qual é o problema que você tem?" Eu respondi: "Eu não tenho problema nenhum". Ele retrucou: "Se tiver algum problema e quiser aproveitar e pegar alguém que você não gosta, que seja seu inimigo, este é o momento". Nesse momento, puxou a camisa e exibiu um corte que afirmou ter sido de facão de um soldado, que ele partiu para cima para tomar a faca e ela foi costurando, de cima até embaixo. Esse foi um fato que me marcou. Eu disse a ele que não tinha inimigos, que vivia muito bem, e fui embora.

A saída da UnB e a mudança para São Carlos

Após pedir demissão da UnB, continuei em Brasília e fiquei desempregado, talvez pela primeira vez na minha vida. Mas em pouco tempo fui chamado pelo Ministério da Educação, para trabalhar com Cícero Adolfo da Silva, que era coordenador da área de educação para a saúde. Não estava com desejo de sair de Brasília, de modo que fiquei um ano e meio. Nesse período, lancei um programa de medicina comunitária, de visitas às escolas, que por sinal não saiu do papel. Talvez pela minha curta permanência, mas de modo geral não era para sair do papel mesmo. Foi publicada uma monografia com o nome de Programa de Integração Docente Assistencial.

As perseguições continuaram. Como não podiam ser feitas a mim diretamente, no Ministério da Educação, foram sobre minha mulher, que era da universidade. Nenhum pedido de licença era encaminhado, nenhum pedido para viajar particularmente para o exterior era despachado; de modo que chegou o momento em que a situação para ela não era favorável, então ela também pediu demissão. Ela era professora do Departamento de Ensino Comunitário. Nesse momento, eu me articulava no CNPq, como membro de um daqueles conselhos de pesquisa, na área de medicina, que se reúnem para julgar projetos. Fiz boas relações com o professor William S. Hossne, da Universidade de Botucatu, que era no momento reitor da Universidade de São Carlos, em São Paulo. Ele há algum tempo insistia para que eu fosse para São Carlos. Acabei aceitando o convite. Minha mulher foi nomeada professora titular, e eu fui pelo Ministério da Educação, para implementar um programa de Integração Docente Assistencial.

Passei em São Carlos cerca de um ano e meio. Nesse período houve muitos movimentos políticos estudantis, greves, de modo que isso atrapalhou muito meu trabalho. Finalmente chegou a época de eleição do reitor da Universidade de São Carlos. O reitor era muito querido pela comunidade acadêmica, tanto docente quanto discente, e teve uma votação unânime, e enviaram a lista apenas com o nome de William S. Hossne. Ester Figueiredo, ministra da Educação na época, não aceitou a lista com um único nome e a devolveu. Uma nova lista foi então feita com o William, em primeiro lugar, e mais cinco professores, inclusive fui votado em terceiro lugar da lista. Mais uma vez a ministra recusou a lista, e foi nomea-

do um interventor, professor da USP de São Paulo, que no momento não recorde o nome. A participação ativa em todo esse processo tornou a minha situação insustentável em São Carlos, e como também, naquele momento, estava me separando da minha segunda mulher, fui obrigado a procurar outro local de trabalho.

A nomeação para a ENSP

Surgiu então o Ernani Braga, meu colega na Organização Mundial da Saúde, um dos maiores sanitaristas brasileiros, diretor da Escola Nacional de Saúde Pública [ENSP/ Fiocruz], e que insistia comigo há anos para ir trabalhar com ele. A nomeação era feita por concurso público. Telefonei e disse que aceitava o convite dele para me inscrever no concurso. Fiz o concurso com mais dois candidatos, fui classificado em primeiro lugar, e nomeado professor da disciplina de epidemiologia na Escola Nacional de Saúde Pública. Mudei para o Rio de Janeiro, já separado, e iniciei uma nova fase da minha vida, que durou 11 anos. Nesse período continuei a trabalhar em minhas pesquisas de campo em Pernambuco, aliado ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

No período em que estive no Rio de Janeiro, fui chefe do Departamento de Epidemiologia, e depois diretor da Escola Nacional de Saúde Pública. Dediquei uma parte do meu tempo ao ensino médico, quando fui vice-presidente e depois presidente da Associação Brasileira de Educação Médica, sucedendo Fernando Figueira. Foi uma época em que estive muito ocupado, exercendo duas atividades que não eram opostas, mas caracteristicamente diferentes nas suas aplicações. Com o trabalho de pesquisa que desenvolvia tive que assumir a coordenação da pós-graduação da escola [ENSP], porque esta encontrava-se numa situação muito deficiente. Dirigindo a Escola de Saúde Pública, sendo presidente da Associação Brasileira de Educação Médica e administrando a pesquisa, cheguei a ter quatro gabinetes, com quatro secretárias, em dois andares diferentes. Terminados os meus mandatos, voltei as minhas atividades regulares de professor e pesquisador. Fiquei na Escola de Saúde Pública durante alguns anos.

"Dirigindo a Escola de Saúde Pública, sendo presidente da Associação Brasileira de Educação Médica e administrando a pesquisa, cheguei a ter quatro gabinetes, com quatro secretárias, em dois andares diferentes."

O trabalho de pesquisa continuou normalmente, com minha equipe trabalhando em Recife, para onde viajava com relativa freqüência. Redigia artigos e controlava o trabalho, sem complicações. Mas a Escola de Saúde Pública era uma instituição muito complexa, com interesses de toda ordem e fundamentalmente política. O grupo de esquerda atritava com o grupo de direita, e havia ocasiões em que tinha que interferir com muita firmeza. Foi um período também muito rico na política, com o movimento da anistia e a abertura política. Houve posicionamentos firmes da Fundação Oswaldo Cruz, que era presidida por Sérgio Arouca.

A eleição de Arouca foi outro momento muito conturbado. Na Fundação Oswaldo Cruz, as nomeações eram por indicação do ministro e não por eleição. Pela primeira vez nós redigimos um estatuto da fundação, incluindo o item em que as eleições seriam por votação universal. O presidente, na época em que lançamos a candidatura de Arouca, através da Escola Nacional da Saúde Pública, era um militar reformado que tinha sido professor da Universidade da Paraíba, no Campus de João Pessoa. Fazíamos as reuniões de campanha dentro da ENSP, para o visível mal estar da situação política dominante. Houve um trabalho muito grande junto à classe política, aproveitando a abertura que se iniciava. Ulysses Guimarães teve um papel importante nesse processo, conseguindo que o nome de Arouca, depois de eleito, fosse levado ao ministro da Saúde e nomeado.

Arouca na presidência mudou a face da Fundação, adotando uma política mais abrangente, mais sólida, no sentido de encarar a saúde como um dever do Estado e um direito do cidadão. Constituíram-se então as novas diretorias, e fui diretor da Escola Nacional de Saúde Pública, num período de quatro anos, de acordo com os estatutos, que até hoje não foram aprovados. Através de reuniões permanentes e assembléias anuais, esse estatuto foi examinado e aprovado, mas até hoje não foi reconhecido pelo Ministério da Saúde.

Um pouco antes de terminar meu mandato como diretor, criamos um núcleo de estudos, e demos o nome de Samuel Pessoa, em homenagem ao emérito professor da USP, já falecido. Esse núcleo transformou-se recentemente no Departamento de Endemias Samuel Pessoa.

Aos 70 anos fui aposentado compulsoriamente, e passei a trabalhar na escola como professor visitante, recebendo uma bolsa do CNPq. Embora não tenha havido nenhuma restrição ao meu trabalho, pelo contrário, continuei a ser muito bem recebido nessa condição de professor

aposentado, inclusive fui nomeado para um DAS [cargo comissionado] pouco antes de sair do Rio. Como já estava decidido a voltar para Recife, fiquei com esse DAS por uns seis meses.

De volta a Recife

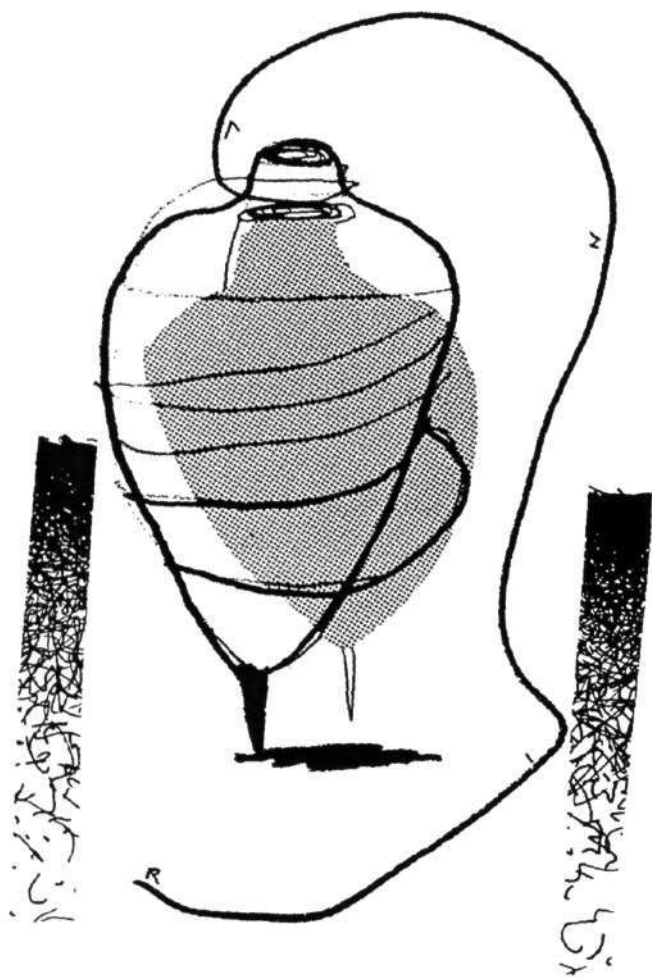
O meu retorno ao Recife ocorreu por motivos familiares - tenho duas filhas que moram em Recife - por ligações com a terra natal, e cansaço de viver no Rio de Janeiro, que já foi um privilégio, hoje é um desafio.

A situação de aposentado é sempre uma situação *gaúche* de esquerda. Mas não no sentido político. Em agosto de 1994, me instalei novamente no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, onde fui extremamente bem recebido, com muita alegria, muito prazer, muita satisfação, também da minha parte. Me associei a um grupo que trabalha com o controle da esquistossomose, onde inclusive participa minha filha, Constança [Clara Gaioso Simões Barbosa], e continuamos a desenvolver trabalho nessa área.

Tenho recebido muitas homenagens, em Recife, em Brasília e no Rio de Janeiro. Em Recife, houve a comemoração dos 45 anos da fundação do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, e foi colocado meu nome no Anfiteatro Geral, do edifício do Centro de Pesquisa, uma das unidades regionais que pertence à Fundação Oswaldo Cruz.

Uma outra homenagem, que muito me comoveu, foi na Escola Nacional de Saúde Pública. Fui convidado para proferir a aula inaugural de abertura dos cursos, e o último número dos *Cadernos de Saúde Pública* foi um número especial tratando de epidemiologia das endemias, em minha homenagem.

Em terceiro lugar, me foi conferido o título de professor *Honoris Causa* da UnB, numa cerimônia presidida pelo reitor Todorov, onde estiveram presentes vários professores de Brasília e de fora. E finalmente, ainda em 1995, há poucas semanas atrás, viajei ao Rio de Janeiro para autografar um livro que coordenei, chamado *Tópicos de Malacologia Médica*, onde escrevem vários pesquisadores.





**FREDERICO GUILHERME
COUTINHO ABATH**

A infância e a família

Durante toda a minha infância morei sempre no Recife, na área de Casa Forte, Parnamirim e arredores. É difícil, para mim, recordar alguns fatos da infância, mesmo não sendo tão velho assim. Mas há algo curioso que diz respeito, talvez, à carreira que segui posteriormente: é que sempre fiz parte e convivi no meio acadêmico-científico, porque minha mãe e meu pai, casados na época, depois se separaram, eram ambos parte da comunidade científica; eram professores, ensinavam na universidade e, portanto, sempre tive contato com o meio acadêmico. Tive acesso às conversas relacionadas à ciência, à pesquisa, à intelectualidade científica e acadêmica. Este convívio, seguramente, deve ter influenciado na minha decisão, mais tarde, de fazer vestibular e entrar na universidade.

Tanto meu pai quanto minha mãe eram patologistas. Depois da separação dos dois, em alguns fins de semana livres, papai às vezes gostava de me chamar, juntamente com meus dois irmãos, para ver algumas autópsias que ele fazia em cadáveres. Ele nos colocava na sala de autópsia e ia fazendo o trabalho dele e explicando a doença; e assim nós aprendemos. Eu tinha 14 ou 15 anos de idade e já assistia autópsia; era algo que já fazia parte da nossa vida. Com relação a minha mãe, ela também, desde muito cedo, se incorporou ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães e algumas vezes me apanhava na escola e me levava ao trabalho dela, onde tinha a oportunidade de ver aqueles equipamentos que eles utilizavam, e seguramente isto me influenciou bastante no que se refere a decisões profissionais.

Durante a vida escolar sempre fui bastante dedicado, mas mantive uma certa versatilidade, que até surpreendia alguns colegas de classe, porque geralmente a pessoa era estudiosa ou era da farra e eu conse-

guia conciliar as duas coisas. Estudava o suficiente para tirar nota muito alta, participava dos jogos de futebol e gostava um pouco de farra também, de conversar com o pessoal que era mais da pesada mesmo, sempre mantive esse lado multifacetado.

A primeira recordação que tenho de criança foi na Rua Agrestina, que fica no bairro de Parnamirim. Lembro-me das brincadeiras de bola de gude, pião, de polícia e ladrão, jogo de carrapateira com bodoque. Havia uma brincadeira que um menino aprisionava o outro com cordas e cada um escondia uma gilete no calção, para quando fosse aprisionado se soltar e voltar a brincar. Tinha uma casa ao lado que passou um tempo deserta, então subíamos no telhado e brincávamos. Me lembro também de uma menina, uma vizinha que eu achava muito bonita, mesmo sendo muito pequeno; acho que eu tinha seis anos e brincava muito com ela. Tinha uma planta grande e fofo, e nós brincávamos assim: ela vinha correndo de um lado, eu vinha correndo do outro, me abraçava com ela e pulava em cima desse arbusto.

Meus pais viajaram para um treinamento, uma pós-graduação no exterior, não sei se na Harvard University, e eu só tinha dois anos de idade. Não sei se nessa viagem, ou outras que eles fizeram, eles trouxeram coisas que tinham comprado, *souvenirs*. Um dia fomos assaltados, me lembro bem desse assalto, do ladrão escondido na árvore. Essas são as recordações mais remotas da minha infância na Rua Agrestina.

Depois me mudei para um outro local também próximo. As recordações que tenho de lá são das brincadeiras, foi quando passei a jogar e gostar de futebol e botão; havia campeonatos de botão. Por coincidência, nessa mesma rua moravam alguns primos meus, e freqüentemente ficava na casa deles por um tempo prolongado. Foi nessa época que aconteceu o desquite dos meus pais.

Além de jogar botão e futebol, nós também colecionávamos carteira de cigarro. Havia uma série de carteiras de marca exótica que nós achávamos, cortávamos de uma maneira apropriada e guardávamos num álbum. Depois nos reuníamos para mostrar as nossas raridades.

Depois desse período me mudei para a rua onde atualmente moro. Antes era uma casa e durante o período em que estive em Londres ela foi reformada e agora é um prédio com um apartamento para cada um

dos filhos. Minha mãe mora num deles e meus outros irmãos moram nos outros apartamentos.

Após a separação, meu pai teve dois outros filhos com a nova esposa. Nosso relacionamento com estes irmãos é bom, embora a intimidade não seja tanta, como com os irmãos do primeiro casamento, que nós convivemos mais. Esses novos irmãos vejo esporadicamente, quando vou visitar meu pai. Além disso, há também uma diferença de idade muito grande entre nós.

A rua onde eu morava era habitada por pessoas ricas, mas tinham também pessoas pobres. Eu morava na última casa e ao lado dela havia um bequinho, onde havia um tipo de favelinha com, pelo menos, três casabres. Portanto, vivia diante das duas realidades. O pessoal do meu nível sócio-econômico e o pessoal mais pobre. Isso foi uma experiência extremamente interessante, porque do ponto de vista de brincadeira mais física, eu gostava de ficar com o pessoal mais pobre, que era a parte do jogo de futebol, por exemplo. Assim tinha trânsito livre entre as duas tribos. Ficava entre duas culturas, porque nos programas, tipo festinha para dançar e conhecer meninas, preferia ficar com o pessoal mais próximo de mim.

De fato, esse aspecto da minha adolescência achei interessante, pois pude construir um contexto maior da realidade, baseado nesses dois mundos: o da pobreza e o da riqueza.

A juventude

A primeira experiência sexual que tive, acredito que tenha sido com 17 ou 18 anos de idade. Evidentemente, naquela época, as coisas não eram como são agora. Então essa experiência foi com uma prostituta ali no baixo meretrício, no bairro do Recife. Levado pelos amigos, fui com um amigo meu do [Colégio] Nóbrega.

Minha primeira experiência sexual foi lá, mas não fui muitas vezes ao bairro do Recife; talvez tenha ido lá cerca de cinco vezes ao todo. Nessa época, quando eu era solteiro, os barzinhos estavam se proliferando. Havia rotas específicas a seguir, primeiro ia-se para um determinado bar, depois para o [bar] "Depois do Escuro", que ainda hoje funciona. Muitas vezes a preferência era sair com amigos ou amigas para esses barzinhos, já em busca de relacionamento mais consistente com meninas, porque eu queria realmente namorar, não sair com aquelas prostitutas.

No Colégio Nóbrega tive algumas namoradas, uma delas, a mais fixa, com quem namorei até entrar no curso de medicina e só depois da formatura foi que nós nos separamos; ela continuou em São Paulo, eu retornei.

Foi exatamente quando estava decidindo que não gostaria de continuar na área de clínica e cardiologia. Eu gostava de coisas mais objetivas. Mas muitas vezes você tinha que fazer entrevistas com o doente e ele, às vezes, não era tão objetivo quanto nós queríamos. Achei que não era exatamente isso que eu procurava. Passei então a me dedicar à ciência, que julguei que era baseado em parâmetros mais objetivos. Foi quando entrei no centro [CPqAM] para trabalhar com imunologia parasitária.

A relação com a política

Na época de 1964 eu não tinha consciência política nenhuma; tinha 16 anos, e realmente não estava envolvido com política. Meus pais me aconselhavam para não me envolver em nenhuma dessas conversas sobre política, porque a coisa estava muito dura. Na época havia uma certa dicotomia entre a intelectualidade e a não-intelectualidade. Geralmente os meios acadêmicos estavam mais à esquerda. Papai tinha vários livros de Marx e livros relacionados à teoria marxista, e me lembro que em 1968 papai queimou os livros no quintal; ele queimando uma série de livros e eu não entendia, e dizia: "pô o cara tá queimando os livros dele, pô". Eles tiveram dificuldade em viajar para o exterior por muito tempo, apesar de não serem ativistas, militantes, ou terem sido guerrilheiros, mas simplesmente porque tinham esses livros, conversavam sobre essas idéias e estavam mais a esse lado; e parece que apoiaram Miguel Arraes quando ele estava para ser deposto."

"Papai tinha vários livros de Marx e livros relacionados à teoria marxista, e me lembro que em 1968 papai queimou os livros no quintal (...)"

No Colégio Nóbrega em uma aula de geografia, a professora estava, provavelmente, abordando de maneira convencional a coisa, talvez como o governo quisesse, e um colega se levantou no final da fila e começou a esbravejar e ter reações que eu achava que era uma super-reação. Ele dizia que não era nada disso, que as estatísticas estavam erradas e que aquilo

que ela estava fazendo dava sustentação àquele governo que estava cometendo uma série de injustiças e crueldades. Na época eu não entendi nada do que ele disse, na verdade eu fiquei pensando: "esse cara está doido". De fato eu não tinha conscientização política alguma. Atualmente estou numa posição meio isolada, na verdade criticando os dois lados; algumas vezes apoiando um lado e às vezes apoiando o outro.

"(...) com relação a essa questão de sonho, também mantenho aquele sonho da década de 60 que eu não vivi. Acho que foi uma das década mais maravilhosas e produtivas que o mundo já experimentou; às vezes, lamento muito não estar lá naquele momento e ter oportunidade de sonhar o quanto se sonhou naquela época."

Ainda com relação a essa questão de consciência política, de engajamento, algumas vezes cheguei a pensar que gostaria de ter vivido aquela época com a cabeça que tenho agora. Talvez eu tivesse participado, não de uma forma tão violenta, mas mais ativamente, tentando influenciar no processo político que se estabeleceu nos anos de 64, 70, 76. Ainda com relação a essa questão de sonho, também mantenho aquele sonho da década de 60 que eu não vivi. Acho que foi uma das década mais maravilhosas e produtivas que o mundo já experimentou; às vezes, lamento muito não estar lá naquele momento e ter oportunidade de sonhar o quanto se sonhou naquela época. A década de 60 foi uma época em que as pessoas tentaram fazer dos sonhos a realidade, e a década de 80 mostra que alguns sonhos de fato não foram atingidos. Essa década em que vivemos é uma década muito chata; você perdeu a crença em muitos dos sonhos que você gostaria de *ter* tido, porque você não *Viveu*. Você está proibido de sonhar, o que havia em 60. Eu acho isso muito ruim do ponto de vista da criatividade, talvez interfira nas novas gerações de cientistas em termos de idéia e criatividade. Não sei se a nova geração de cientistas é tão criativa como a geração de cientistas anteriores. A coisa está caminhando para o "tecnologismo" e às vezes não sobra muito espaço para idéias criativas, o que acho que caracterizou a década de 60 em vários aspectos: musicais, costumes, literatura etc.

Música e artes

Não tive a oportunidade de aprender a apreciar a arte como eu queria, embora me lembre da época em que era adolescente e às vezes me reunia com amigos para beber uísque, escutando grandes sinfonias,

Beethoven e vários outros autores famosos. Entretanto, a minha formação não foi sólida, porque para você apreciar a música de Beethoven é preciso saber em que condições ele a fez, que motivações ele teve para fazer aquela música e essa oportunidade eu não tive. Gostaria, sob o ponto de vista artístico, de ter sido mais enriquecido. Gosto de fazer algumas poesias e lê-las, às vezes, dois ou três anos depois. Na verdade, acho que elas têm valor intimista. Gosto também de ler poesia, mas não com avidez, de citar inúmeros autores com detalhes de estilo. Esse meu lado artístico foi tolhido, em parte, pela ênfase da educação formal que a escola incutiu, com uma visão mais tecnicista, priorizando o estudo de química, física e matemática. Por isso, não tive tempo de me dedicar à leitura de romances. Às vezes, fico lembrando das músicas de rock'n'roll dos anos 70, e confesso que gostaria de ter vivido aquela época, e quando digo isso a alguém, as pessoas se surpreendem. Tenho um particular gosto das músicas produzidas pela banda The Doors, que têm um conteúdo triste, mas são músicas muito bonitas, com letras que expressam um elevado grau de intelectualidade, sobretudo as composições do Jim Morrison.

Passei a ouvir essas músicas através do meu irmão mais novo, o Ronaldo, e foi exatamente nessa época que achei a minha formação artística fraca. Eu estava tentando alargar a minha visão de mundo, e como tinha passado a minha época, peguei os "ventos" dele. Então tive a oportunidade de ouvir algumas coisas que ele escutava. A maioria eu não gostava, mas algumas me chamavam a atenção e eu ia "fundo"; comprava vários discos e lia um pouco. Curiosamente, um grande inspirador de Jim Morrison foi Aldous Huxley. Um dos livros dele foi *The Doors of Perceptions*, retratando as experiências desse intelectual com drogas psicodélicas. Li também alguns versos de William Blake, poeta britânico. Esses autores ajudaram-me a destruir alguns mitos e arranhar alguns dogmas, e por isso eles merecem a atenção que tiveram. Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e alguns textos de Nietzsche; esses autores meio malditos, eu sempre fui atraído a ler um pouco. Outro lado forte em mim é não gostar muito de mitos. Isso faz parte de uma tendência que tenho de não me apegar a dogmas, embora tenha que trabalhar com alguns, mas até como parte da profissão tento destruí-los.

O avô materno

O meu avô, ex-militar e hoje já falecido, exerceu muita influência sobre mim. Lembro-me que na época em que já tinha consciência política, tecia algumas críticas ao regime militar. Ele não podia ser alvo das críticas que se fazia, de maneira generalizada, ao autoritarismo, à crueldade, à arbitrariedade, à desonestidade, nada disso. Porque o conheci muito bem. Quando eu era pequeno ele ficava contando histórias, ele era uma pessoa extremamente patriota, honesto e até "aberto". Ficava triste quando via que algo estava acontecendo e que era culpa dos militares. Depois que se aposentou, todo dia 7 de setembro, assistia na televisão os desfiles militares e chorava durante os desfiles. Ele não chegou a lutar na Segunda Guerra Mundial. Estava, no momento do término da guerra, em pleno vôo atravessando o oceano quando veio a notícia de que a guerra tinha terminado, e então ele voltou. Achava vovô um homem realmente completo, porque aos 13 anos ele saiu da casa do seu pai e sobreviveu sozinho. Foi para a Amazônia, trabalhou muito tempo lá como seringueiro, pegou malária na Amazônia. Depois voltou, entrou para o Exército, não na Academia Militar, mas entrou por baixo e conseguiu ir até a patente de capitão e coronel, realmente por mérito pessoal. Ele participou da Revolução de 30 em apoio a Juarez Távora. E por conta disso eu gostava de ouvir ele contar suas histórias; via as marcas de bala no corpo, e achava uma coisa sensacional. Ele contava que tomou um quartel que havia próximo à Soledade, com poucos soldados, mas o pessoal do quartel achava que ele tinha muitos soldados. Quando ele me contou essa história, acrescentou que: "Agora vejo que foi um loucura, porque não tinha contingente para invadir um quartel com poucos homens". Eu perguntava também a ele: "Vovô você já matou alguém?" Mas isso ele nunca me respondeu. Estas histórias faziam cada vez mais eu admirá-lo. Acho que foi nesse evento, da tomada do quartel, que ele teve o comandante do quartel sob mira. E na hora de atirar, ele não conseguiu, desviou e atirou longe do alvo. Havia um sentimento de lealdade. Na verdade estava ali um colega dele, um militar como ele, e ele não conseguiu atirar no comandante sob mira. No final, tomou o quartel e o comandante veio a ele e disse: "Tudo bem, é seu, você pode dar as ordens que você quiser ao meu pessoal, pode ordenar para eles entrarem na prisão, pois você tomou o quartel". E ele respondeu ao comandante: "Não, comandante, tomei o quartel, mas seus comandados continuam seus comanda-

dos, dê você essa ordem a eles, deles irem para as prisões se trancarem porque essa ordem eu não vou dar, porque você é comandante do quartel. Estou tomando só o quartel, não estou tomando seu comando".

Ele realmente marcou muito minha vida. Há na minha formação dois tipos de influência: primeiro o lado dos meus pais, da intelectualidade e do academicismo, e a outra parte a da ação, da aventura, do meu avô.

O ingresso na Universidade e a cardiologia

Inicialmente estudei no Instituto Capibaribe, que acho que ainda existe na Rua das Graças, e fiz o curso equivalente ao ginásio no Colégio Nóbrega da Soledade e lá fiquei até o científico. Não fiz cursinho, fiz vestibular para medicina e entrei na universidade em 1976, me formando em 1981. Acho que a influência daquele ambiente acadêmico teve algumas conseqüências em minha vida. Fui o segundo lugar no vestibular, no curso de medicina e acabei como laureado de uma turma de mais ou menos 120 pessoas. Ao me formar em 1981, estava inclinado a fazer cardiologia. Sempre pensei em universidade e vida acadêmica mas, naquela época, estava direcionado para fazer cardiologia, e de fato cheguei a fazer seis meses de residência no Instituto de Cardiologia Dante Pazzanesi, em São Paulo. Mas achei que não era exatamente aquilo que eu queria, embora houvesse aspectos muito interessantes naquela profissão.

A incorporação ao CPqAM

Surgiu a oportunidade de me incorporar ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], que funcionava no Espinheiro. Não havia muita segurança no início, porque na verdade eu não era funcionário efetivo. Comecei contratado como biotécnico, um cargo que exigia graduação, mas não pertencia à carreira de pesquisador. Passei a ser funcionário da Fundação Oswaldo Cruz em 1983 e a partir daí, fazia parte do Laboratório de Imunologia, sob a chefia de Alexandre Bezerra de Carvalho.

Estávamos engajados em um projeto que visava identificar antígenos estratégicos para diagnóstico de doenças de interesse regional. Começou uma nova vida profissional para mim. Eu havia concluído o curso de medicina e tinha sido treinado para fazer determinadas coisas, mas a vida de pesquisador exigia algo um pouco diferente. Então comecei a me

preocupar com a formação. Engajei-me em um curso de especialização em saúde pública, posteriormente um mestrado em bioquímica na UFPE e, finalmente, em 1989 me casei e segui para Londres para fazer meu curso de PhD, no Instituto Nacional de Pesquisas Médicas de Londres. Concluí esse PhD em 1992. Isso resume a minha vida acadêmica e minha trajetória. É claro que durante esse período tive outras motivações. Por exemplo, quando comecei tinha uma dependência muito grande do grupo porque estava iniciando, mas logo cedo eu queria mais em termos de produção científica, e foi necessário traçar caminhos e elaborar metas próprias.

Nessa época o Laboratório de Imunologia começou a se fragmentar. Cada um estava procurando linhas de pesquisa mais afinadas com as suas motivações. Eu, inicialmente, trabalhei com doença de Chagas, por conta da sua relação com a cardiologia, e com *Tripanossoma cruzi* a nível experimental. Isto antes do mestrado, porque durante o mestrado mudei a minha linha de pesquisa e comecei a me interessar por imunologia e por proteínas. Trabalhei com outro modelo de doença: a peste bubônica.

O doutoramento

No doutorado, mudei mais uma vez a minha linha de pesquisa. Meu interesse pela imunologia continuou, mas comecei a me aproximar da biologia molecular parasitária e engenharia genética e passei a trabalhar com o *Schistosoma mansoni*, que causa a esquistossomose. Minha tese de doutorado foi caracterizar o gene que codifica uma proteína que fica na superfície do parasita. Na tese de mestrado também trabalhava com proteínas de membranas externas de bactérias, porém mais a nível de análise de proteínas. Naquela época eu não trabalhava com DNA [ácido desoxirribonucléico]. Comecei a trabalhar com DNA durante o doutorado. Passei algum tempo em Londres, cerca de três anos, e quando voltei o CPqAM já havia mudado de sede.

Muita gente pensa que fazer pós-graduação fora é necessariamente divertimento, pode até ser que seja para algumas pessoas; para mim não, pois fui com minha esposa e tive uma filha que nasceu lá. Então de fato foi duro fazer o doutorado, porque tínhamos também o lado pessoal, o casamento e depois ainda nasceu a Katarina, que é minha filha mais velha, agora com cinco anos. Durante o doutorado, muitas vezes você se sente como se estivesse numa batalha que quer vencer a todo custo e às

vezes pensa em se dedicar de uma forma quase integral mesmo. Foi uma experiência muito interessante desse ponto de vista. Foi enriquecedora, porque tive acesso a um instituto de alto nível, um dos maiores da Grã Bretanha. Vi como se faz ciência a nível competitivo e super-profissional, mas também foi difícil em termos pessoais; o preço de ter um título de PhD, as questões pessoais que tínhamos que balancear, o tempo que devia me dedicar ao trabalho. Foi uma experiência que causou muita satisfação e ao mesmo tempo teve momentos de muita dor e esforço excessivo.

O retorno ao CPqAM

Quando voltei ao Brasil, a sede do CPqAM já estava no campus universitário e se trabalhava em condições bem melhores do que quando iniciei. Mas mesmo assim o choque foi muito grande. A diferença de estrutura era notável. Retornei há quatro anos e agora é que comecei a fazer algumas coisas que fazia lá como rotina. Grande parte desses quatro anos foram gastos em estruturação e readaptação ao ambiente de trabalho. E não é só em relação à estrutura física, aos equipamentos e reagentes que se sente a diferença quando se passa um tempo fora; três anos como foi o meu caso. Você vê também que as pessoas encaram o trabalho e a ciência de forma diferente. Senti-me e me sinto, ainda, um pouco estranho.

"Além do profissionalismo com que eles [instituto de pesquisa em Londres] encaram a ciência, o esforço também parte do fato de eles estarem lutando pela própria vida e pelo próprio emprego, o que faz com que eles trabalhem mais, inclusive a maioria é submetida a uma avaliação de dois em dois anos, ou três em três anos, e pode perder o emprego."

O sistema de emprego lá não é como aqui. Aqui se consegue com certa facilidade uma posição permanente, e lá, nas universidades e institutos de pesquisa, um percentual mínimo do corpo docente, eu estimaria em 10% ou 20% possui contratos permanentes e geralmente essas pessoas são bastante experientes nas respectivas áreas de atuação. Aqui, é relativamente fácil conseguir isso, e talvez você não lute pelo seu posto como lutaria se não houvesse segurança. Além do profissionalismo com que eles encaram a ciência, o esforço também parte do fato de eles estarem lutando pela própria vida e pelo próprio emprego, o que faz com

que eles trabalhem mais, inclusive a maioria é submetida a uma avaliação de dois em dois anos, ou três em três anos, e pode perder o emprego. Aqui, principalmente nos serviços governamentais, dificilmente se é colocado para fora e isso, inevitavelmente, leva a uma certa acomodação.

Minha relação objetiva com o CPqAM é muito forte. Comecei a trabalhar nessa instituição recém-formado em medicina. Foi já como pesquisador do CPqAM que me especializei em saúde pública, e a seguir concluí meu mestrado em bioquímica e subseqüentemente o PhD em Londres, na área de biologia molecular parasitária. Como resultado disso tudo, publiquei mais de 35 trabalhos científicos em meios nacionais e estrangeiros.

A chefia do departamento no CPqAM

Assumi a chefia do departamento [de imunologia] em 8 de fevereiro de 1994, mas mesmo antes de assumir, comecei a tentar influenciar os rumos do departamento e a questão de como encarar o trabalho. Tive a oportunidade de exercer isso de uma maneira mais direta, como chefe de departamento, mas tive também uma decepção a nível administrativo. Tomei consciência de que nós do sistema governamental, funcionários públicos do governo ou do Estado, quando assumimos a posição de chefia ou coordenação, não temos os instrumentos gerenciais para fazer com que o "barco ande" na direção correta, o que causa uma frustração muito grande; porque você quer fazer a coisa, mas é como se tivesse que negociar e convencer o funcionário, o técnico ou o pesquisador a cumprir sua função de pesquisador, técnico, cientista, professor etc. Além disso, também notei que há um certo grau de burocratização nos cargos, que faz com que você se afaste um pouco da parte científica. Sou chefe do departamento e fui reeleito por mais dois anos, só que agora estou com a cabeça diferente, estou chamando mais a participação das pessoas e tentando fazer com que elas vejam que na verdade o destino disso aqui depende delas. A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição de pesquisa fortíssima e o nosso centro agora acho que está num patamar diferente de dez anos atrás. Houve aqui uma modificação muito grande. Estou otimista e acho que é possível fazer pesquisa aqui de nível alto em algumas áreas, como nessa que nós atuamos, trabalhando com doenças de interesse regional, doenças tropicais. Acho até que, em algumas áreas, é possível competir com laboratórios grandes do resto do mundo.





GERUSA DREYER

A infância e a relação com a família

Quando nasci era, segundo minha mãe, o bebê mais feio da maternidade, parecia muito com Agamenom Magalhães. Fui realmente um bebê muito feio e a única coisa que chamava atenção eram minhas pernas, que eram muito grossas e as pessoas diziam: "Bem, pelo menos tem alguma coisa para compensar". Lembro que fui a menina mais obediente de todas as redondezas. Ficava na calçada com a boneca no braço e se a boneca caísse seria incapaz de sair para apanhá-la sem permissão. Sabia seguir as regras.

Sou uma pessoa que desde pequena respeito muito a hierarquia e as regras, desde que sejam explicadas, mostrando o que não posso fazer e o por quê. Quando minha mãe falava que determinado espaço era perigoso, pois poderia me machucar, isso tinha sentido para mim. Acho que isso foi uma das coisas mais marcantes na minha vida, esse processo de obediência racional. Às vezes, me proibiam, por exemplo, de sair de casa, caso não houvesse uma explicação racional da proibição, eu realmente não obedecia. Mas, me tornava uma pessoa muito comportada, se eu incorporasse aquilo como um fato racional.

Sempre fui uma pessoa extremamente curiosa e minha mãe me chamava, quando eu era criança, de pequena cientista, porque todos os meus objetos eram submetidos ao que chamamos hoje de "grupo controle". Tudo o que eu fazia, as brincadeiras de bonecas, sempre tinha alguma coisa que fosse neutra para comparar com o que eu estava obtendo na época. As pessoas apostavam que eu seria cientista quando crescesse.

Sou oriunda de uma família muito pobre, meus avós maternos e meu pai foram imigrantes; minha mãe era filha de alemães e meu pai era

romeno. Vieram para o Recife durante a Segunda Guerra Mundial. Meus avós também eram muito pobres e passamos por dificuldades financeiras muito grandes. Hoje, sou uma pessoa que sei a diferença entre o apetite e a fome. Quando escuto alguém dizer que está morrendo de fome, eu digo: "Não diga isso, porque você fez, pelo menos, a última refeição". A fome dói muito, não só a dor física que realmente incomoda, mas a dor do seu significado, de não ter o alimento.

Minha mãe era funcionária pública, e uma coisa que ela sempre teve muito cuidado foi guardar o leite do menor. O filho mais moço tinha sempre a prioridade; precisava de mais cuidado e tinha sempre o leite garantido. No final do mês ela saía, comprava todo o dinheiro em leite. O resto nós nos virávamos fazendo serviços para fora, lavando casas, fazendo pães e costurando. Uma coisa que hoje marca muito a minha vida é o excesso de vida boa que os meus filhos têm, comparado ao que tive.

Quando era criança, não tínhamos cadernos, fazíamos os deveres em papel de embrulho. Eu grampeava as folhas e levava as coisas com muita seriedade. O colégio do Estado foi uma constante na minha vida. Adquirir livros era muito difícil. Tinha que estudar nas bibliotecas públicas. Nunca tive direito às apostilas que os cursinhos [que preparavam para o vestibular] distribuíam, com os assuntos "bizurados". Eu tenho quatro irmãs e desde os 14 anos de idade tive que ajudar em casa, de uma maneira ou de outra, e todos os meus irmãos seguiram a mesma linha. Todos nós ajudávamos em casa, porque, além das dificuldades financeiras, meu pai adoeceu de uma doença muito severa e ficou sem poder trabalhar, quando ainda éramos muito pequenos. Nesse caso, minha mãe era quem sustentava a casa, além de comprar todos os remédios necessários para o meu pai. Esse período foi marcado por uma união familiar muito grande, em especial com a minha mãe.

O espírito dos meus avós foi talvez o exemplo mais marcante na minha vida. A determinação, principalmente da minha avó, uma mulher que veio da Alemanha sem saber ler, e aprendeu a língua portuguesa. Ela não tinha nem o curso primário na Alemanha, pois fugiram muito cedo e lá também passavam muitas dificuldades. Aprendeu a nossa língua de uma forma autodidata, com o jornal. A sua tenacidade era um negócio impressionante.

Na nossa família havia várias regras, uma delas era: "Problema apareceu, resolveu", não importava qual a sua intensidade, mas teria

que ser resolvido. Se não soubéssemos resolver, teríamos que desafiar a nossa criatividade para resolvê-lo. O problema não podia ser deixado para depois. Isso foi uma coisa que existiu, como uma das maiores heranças da família: a capacidade de tomar iniciativa. E outra coisa que foi herdada do tempo da guerra, vivenciada pelos meus avós, foi a pergunta: tem bombardeio? Se a resposta fosse positiva era porque o negócio realmente era grave. Isso era um código que tínhamos para saber da gravidade da situação. Se disséssemos que tinha bombardeio, então toda a família se mobilizava, pois a coisa era na realidade muito grave. Mas, felizmente, sabíamos tanto o significado disso, que raras foram as vezes que dissemos: "Tem bombardeio".

Eu comecei a viajar muito pela Organização Mundial de Saúde, e numa dessas vezes, fui roubada no aeroporto. Levaram meu passaporte e fiquei absolutamente desnorreada. Estava viajando há 48 horas, estava muito cansada, uma enxaqueca terrível. Lembrei-me da minha mãe, sentei no chão do aeroporto, comecei a chorar e pensei: "Meu deus, que bombardeio". Minha avó explicava, quando eu era criança, que, durante um bombardeio, numa cidade em que não havia abrigo antiaéreo, não adiantava correr para procurar proteção, pois o bombardeio era muito destrutivo e não havia condições de se defender. Uma das coisas que ela dizia e que me marcou muito foi: "Quando houver uma situação dessas, nunca se deite no chão, porque a área que o bombardeio pode lhe atingir será menor se você estiver em pé". Metaforizando a nossa vida, ela nos ensinava, na nossa linguagem, que nunca deveríamos nos abaixar e nos expor. Por pior que seja a situação, sempre devemos tentar nos manter de pé, porque, às vezes, para se levantar é muito mais difícil. Isso me ajudou muito. Sempre usávamos expressões figurativas, a família sempre foi muito rica nesse sentido. Acho que fui uma felizarda por ter nascido em uma família que tinha uma estrutura emocional tão boa, com valores bem diferentes dos materiais.

Quando eu era pequena, passava as férias com a minha avó, num lugarejo próximo de Palmares. Eles tinham um pedaço de terra. Ficava encantada como eles conseguiam tirar tanto da terra, e isso foi uma coisa muito importante para mim. O florescer, o nascer; esse processo foi uma coisa muito gratificante. Tínhamos uma lei dentro de casa que se chamava "desperdício igual a zero". Eles me ensinaram a diferença entre o que era ser mesquinho e o que era ser econômico. Uma coisa é ser mesqui-

nho, guardar, não distribuir, não compartilhar e outra coisa é ser econômica. Ao lado disso, a sensação de que o desperdício é uma das piores coisas que existe na vida, é não valorizar aquilo que a natureza dá. Eles sempre me diziam que a natureza não dá nada de graça. Nem o sol que você recebe é de graça, tudo é, portanto, uma troca. Deveríamos, nessa troca, evitar o desperdício. Isso, de uma folha de papel até um corte de uma peça de roupa. Esse ensinamento foi extrapolado e eu comecei não só a economizar aquilo que era meu, mas principalmente o que era dos outros. Acho que todos os irmãos cresceram nessa linha de raciocínio. A genética deve ter feito a sua parte, mas o meio ambiente contribuiu com uma parcela muito grande.

"(...) o desperdício é uma das piores coisas que existe na vida, é não valorizar aquilo que a natureza dá. (...) a natureza não dá nada de graça. Nem o sol que você recebe é de graça, tudo é, portanto, uma troca."

Na minha família era proibido mentir. Isso me impressionou muito e refletiu na minha vida adulta, principalmente na relação com os meus filhos; acontecesse o que acontecesse, a mentira era absolutamente imperdoável. Porém, existiam certas situações em que a exceção cabia, havendo o caso da "mentira branca". Porque muitas vezes a criança não pode receber a verdade da maneira como ela é, e muitas vezes é necessário omitir-se a verdade. Incorporei isso com muita garra e levei essa postura para minha vida profissional. Existe uma regra básica com meus doentes, que aconteça o que acontecer, nunca minto para eles. Em algumas situações posso omitir a verdade, na medida em que eles se tornem incapazes de recebê-la, sobretudo quando soa de maneira grosseira, monstruosa. Esse procedimento dá uma facilidade, uma harmonia muito grande no trabalho com os doentes, pois eles confiam em nós; existe uma homogeneidade no tratamento do paciente, sobretudo no que diz respeito a informação. O paciente é sempre informado da sua situação. Acho que isso é uma das coisas mais importantes da vida, tanto na cabeça de uma pessoa que está em formação, quanto na de um paciente que é atendido. Essa postura eu adquiri a partir da educação e acho que consegui passar isso para os meus filhos de maneira muito similar.

Não existia superproteção na nossa família. Na realidade, minha avó e minha mãe diziam que o mais amado é aquele que está doente ou longe de casa, portanto, sempre havia um revezamento. O filho que fica-

va doente era o que os pais mais gostavam. Esse revezamento de afeição ou proteção foi um aprendizado muito grande na minha vida. Consegui absorver esse comportamento na minha relação com meus filhos. Um outro aspecto era a independência. Por exemplo, quando eu ia a festas de aniversários com meus filhos, meu filho pequeno chegava e dizia: "Mami, eu queria tomar um refrigerante, estou com sede". Eu dizia: "Vá procurar a cozinha, lá há uma pessoa que está servindo, vá e se vire porque você não vai ter mami a vida toda para ir buscar refrigerante para você". As pessoas interpretavam muito mal esse fato e diziam: "Gerusa, isso é uma coisa tão simples, você não pode se levantar e resolver?" Meus pais, meu avós sempre diziam: "Se você quer, vá e resolva". Hoje, meus dois filhos são capazes de falar com qualquer pessoa, entrar em qualquer ambiente, fazer qualquer coisa, sem absolutamente nenhuma intimidação. E isso ficou marcante também em todos os meus irmãos. Acho que foi por isso que nós conseguimos sobreviver, porque nesse país existe muito o chamado "quem indicou". Às vezes, precisava de um estágio e me perguntavam durante a entrevista: "Foi mandado por quem?" Eu retrucava: "Não. Eu não fui mandada por ninguém". E tentava convencer o entrevistador que eu merecia o estágio por mérito próprio.

A minha família era muito pequena e o respeito mútuo era muito grande. Era proibido magoar; esse conceito ficou muito explícito. Não se podia usar o pressuposto de que alguém lhe ama muito e, portanto, se você magoá-lo ele vai lhe perdoar. Isso foi uma coisa muito importante, porque acho que o respeito na relação entre mãe e filho, irmão e irmã é o que dá sustentação para um relacionamento saudável. Posteriormente, a minha vida cotidiana ficou inundada por este comportamento, porque eu respeitava as pessoas que me cercavam.

Fui a primogênita e talvez tenha sofrido a maior carga de coisas ruins e boas, ao mesmo tempo. Nasci no Recife, mas passava as férias no interior, de onde tenho as melhores recordações da minha infância: o contato com a terra, o candeeiro de noite, acordar com as galinhas, ver o sol nascer. Quando amanhecia meu avô me levava para ver o orvalho e acompanhar o crescimento das plantinhas. Com isso fui incorporando o conceito do ciclo da vida; o que é importante para a formação das pessoas. Acho que isso está sendo negligenciado hoje em dia. O tempo é tão corrido, que só se vê o nascer e o morrer, esquece-se o processo que prepara para o nascimento e para a morte. As crianças perderam esse entendimento.

"O tempo é tão corrido [hoje], que só se vê o nascer e o morrer, esquece-se o processo que prepara para o nascimento e para a morte. As crianças perderam esse entendimento."

Minha mãe casou, fez vestibular e passou em biblioteconomia. Ela queria fazer medicina e acho que seria uma das maiores cirurgiãs do mundo. Quando meu pai adoeceu, logo depois que eles casaram, ela teve que trabalhar e deixou de estudar. A família era muito pequena, muito pobre, não tinha como um ajudar ao outro no sentido financeiro. Posteriormente, quando todos os filhos já estavam formados, ela voltou a estudar. Fez enfermagem e trabalhou durante muitos anos como enfermeira; hoje está aposentada. O desempenho dela era fantástico, porque na realidade ela tinha talento para ser cirurgião. Ela fazia sutura e improvisava, tinha uma capacidade com as mãos muito grande. Uma coisa que me chama muito atenção é que minha mãe é uma mulher do campo, que se descrevia como rude porque não gostava de ler poesia. O negócio dela era resolver; se uma coisa está quebrada ou mal feita, ela ia consertar, pintar. Ela faz marcenaria como ninguém, costura, faz trabalho pesado. A capacidade dela de consertar é muito grande. Minha tia [irmã dela], por outro lado, é uma mulher extremamente fina, muito culta. Gosta muito de "batizar" com frases certos acontecimentos marcantes. Quando nasci, me "batizou como primeiro enlevo"

Toda minha família tem o dom de cozinhar muito bem, mas minha *tia cozinha como ninguém e pinta de maneira extraordinária*. A música foi muito cultivada na minha casa desde criança, *principalmente a música clássica*. Minha mãe, depois de 60 anos, resolveu aprender a tocar piano; hoje toca com muita desenvoltura. Aprendeu a tocar como autodidata, não conhece as notas musicais e não compreende partitura, mas senta ao piano e toca de maneira impressionante. Hoje em dia, minha filha está colocando na cabeça dela: "Voinha você tem que aprender um pouco de partitura". Ela está aos poucos cedendo e vendo como é importante a parte teórica. Ela é uma mulher extremamente prática, possui uma inteligência impressionante. Infelizmente a diversidade da sua vida não permitiu que ela evoluísse, mas acho que conseguiu passar muita coisa para os filhos e para os netos. Meus filhos são privilegiados de tê-la, apesar de seus quase 70 anos. Ela é uma mulher extremamente ativa, tem uma saúde muito boa.

Aprendi que o verdadeiro tesouro de uma pessoa está na saúde, enquanto você a tem pode se considerar a pessoa mais feliz do mundo, não precisa de outra coisa; porque quem tem doença em casa, sabe

como as coisas são, você deixa de viver a vida, de participar, porque o corpo não funciona bem. Na minha família ninguém fuma e a bebida só é ingerida socialmente; parece que falta em mim uma enzima, pois eu não consigo beber absolutamente nada. Considero-me uma pessoa privilegiada, pois posso participar das comemorações conscientemente; só ir até onde estou tendo prazer, sem me iludir com o falso prazer da bebida. A minha família é muito comedida neste sentido. Existiu um alcoólatra na família, isso marcou muito e minha avó sempre dizia: "Vocês tenham cuidado". Depois aprendi que é preciso ter uma certa predisposição para se tornar um alcoólatra.

O grave acidente na juventude e o primeiro curso médico

Quando tinha 18 anos, logo depois que fui aprovada para o curso de medicina, fiquei muito feliz e fui descansar no interior na casa de uns amigos; na volta tive a falta de sorte de me acidentar. Acho que a única coisa que foi poupada nesse acidente foi o meu cérebro, meu rosto foi completamente destruído. O meu braço esquerdo teve que ser totalmente recomposto. Fiquei hospitalizada durante um ano sem me levantar da cama e fui vítima de uma das maiores iatrogenias médicas; passei um ano no hospital, sendo vítima de erros médicos. O maior erro cometido foram as oito transfusões incompatíveis que recebi. Sou Rh negativo e recebi oito transfusões positivas. Isso refletiu na gestação da minha filha, pois ela nasceu severamente afetada. Esse período de hospitalização, acho que foi o estágio mais importante que fiz em medicina; aprendi tudo que um médico não deve fazer, todas as coisas erradas, as faltas de atenção, as grosserias.

Quando estava hospitalizada, tive a oportunidade de ler um livro que relatava a história de dois generais, que tinham cada um 100 homens e que foram para guerra. O general "A" fez uma manobra e perdeu 95% dos homens, e o general "B" fez outra manobra, mas praticamente não houve perda e voltou como vitorioso. Na realidade, ele não ganhou a batalha, mas o fato dele não ter tido perdas fez dele um herói. O general "A" foi julgado e condenado pela corte marcial, mas ele pediu para se defender com o seguinte argumento: todo o julgamento foi feito comparando-se o general "A" com o general "B". Ele disse: "Eu admitiria ser julgado, ser comparado com o general "B", se tivéssemos nascido dos mes-

mos pais, comido da mesma comida, lido as mesmas poesias e amado o mesmo Deus". Depois da sua fala ele foi absolvido. A partir desse dia, passei a exigir menos das pessoas, no sentido de só exigir aquilo que elas têm condições de fazer.

Dessa maneira, consegui aceitar muitos dos erros médicos durante o restante do tempo em que passei no hospital. Eu os perdoei, mas aprendi o que não deve ser feito. Depois de curada, comecei a freqüentar o curso de medicina numa cadeira de rodas. Tive um amigo muito importante na minha vida, que me ajudava muito, me transportava, e assim pude levar o curso. O seu apelido era IKO. Além dele, uma outra pessoa muito importante na minha vida: minha amiga Cláudia. Posso dizer que foi a melhor amiga, e companheira de sonhos que uma jovem pode ter. Nada era impossível. Com ela pude sonhar todos os meus sonhos até então desejados.

Na última transfusão de sangue que fiz, contraí uma hepatite quase fulminante e, por isso, tive que parar todas as atividades novamente. Os médicos achavam que eu não ia sobreviver. Passei quatro meses, além de um ano que havia passado no hospital, sem fazer nada, na cama. Perdi o ano letivo, e quando fui me matricular novamente em medicina, o diretor da faculdade disse: "Você não pode se matricular em medicina, você pode entrar em enfermagem, odontologia, nutrição, mas medicina não". Penso que raras foram as pessoas no mundo que fizeram vestibular, passaram naquilo que queriam e tiveram que fazer novo vestibular. Portanto, começou tudo de novo. Voltei a estudar para o vestibular, porque eu queria era ser médica.

O ingresso no curso médico pela segunda vez

Felizmente fiz vestibular de novo e consegui passar, mas o curso foi muito atribulado. Eu não decorava as coisas, pois tenho uma péssima memória. Não decoro um número de telefone. Mas o interessante é que posso passar dez anos sem ver um paciente, mas na hora em que ele entra na minha sala sei exatamente quem ele é e o caso que ele teve, porque o meu envolvimento com o doente é único, é como se fosse guardado em compartimento blindado, que não sofresse ação do tempo. A relação que mantenho com o doente é muito forte, e acho que a recíproca é verdadeira. A relação médico-paciente no CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães] é algo ímpar. Conseguimos fazer coisas im-

pressionantes, como um doente se deslocar a pé de Olinda, sair de casa às 3 horas da manhã porque não tem a passagem, mas ele não deixa de vir para a consulta. Se estiver chovendo ele vem na chuva, as faltas são muito raras, só em caso de morte ou doença grave. Eu gosto de gente e jamais poderia trabalhar num laboratório entre quatro paredes. O sentido da vida está respaldado no relacionamento interpessoal.

Quando entrei na escola de medicina, os dois primeiros anos básicos foram muito fáceis, nas matérias teóricas, principalmente fisiologia, que era a matéria que eu mais gostava. O trabalho com indigentes em tanques de formol me fez entrar num "parafuso" terrível, pois não consegui aceitar o sistema. Na hora em que entrei na enfermaria para trabalhar com o doente, foi muito difícil. Acho que o estudante deveria estar melhor preparado para trabalhar com o paciente, sobretudo com os pacientes terminais.

O curso de Psicologia e a estada no Texas

Posteriormente, comecei a pensar em estudar psicologia. Na época, eu era o arrimo da família. Trabalhava no laboratório e dava plantão de 48 horas, nos sábados e domingos, durante pelo menos, oito anos. Todos achavam o final de semana uma beleza, mas eu havia desaprendido o que era final de semana. Para poder pagar a faculdade de psicologia, tive que arrumar outro emprego, porque teria que pagar uma faculdade particular já que não havia terminado o curso de medicina e na UFPE [Universidade Federal de Pernambuco], os horários se chocariam. Minha vontade foi tão grande que comecei a lavar banheiro, arrumar casa à noite e passar roupa para conseguir um dinheiro razoável. Fui juntando durante o ano em que estudava para o vestibular. Fiz vestibular de psicologia e comecei a estudar. Foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Os psicólogos, normalmente, não são pessoas fáceis de se lidar, porque eles precisam entender tudo, isso é, se uma pessoa dá um sorriso para outra tem que ter alguma razão por trás disso. Para eles nada ocorre por acaso. Isso, às vezes, dificulta muito, porque eles querem descomplicar tanto, buscando explicações racionais para a vida, que chegam a complicar. O que me impressionou é que sempre passava por média e as outras alunas não conseguiam passar, apesar de só estudarem. A diferença era que eu tinha interesse em aprender; não estava ali para mais um curso

universitário, mas para ter uma fonte de aprendizagem. Foi com isso que consegui muita coisa, pois passei a trabalhar muito meus doentes com testes, joguinhos. Comecei a levar alguma alegria para examiná-los. Quando tomava conta das enfermarias, mesmo antes da evolução do paciente na parte da manhã, todos os doentes já estavam de banho tomado, as camas limpas, as janelas abertas, o sol entrando, Aquele doente que tinha condição de se levantar, ia tomar o banho no chuveiro, porque isso fazia uma diferença muito grande para eles. O que estava melhor limpava a cama do que estava mais doente. No final de semana eu sempre promovia visitas, ia buscar visitas de outros pacientes para aqueles que não recebiam visitas. Isso me ajudou muito; a empatia com o doente, a troca de emoções foi uma coisa que me marcou muito.

A única coisa que não consegui fazer bem foi a parte cirúrgica. A primeira vez em que fui colocada numa sala de cirurgia foi para assistir uma amputação de membro. Acho que não existe coisa mais grosseira, parece um açougue. Me senti mal, desmaiei e aquilo foi uma vergonha, porque como estudante de medicina não poderia ter esse procedimento. Ainda tentei uma segunda vez, no Hospital do Câncer, com uma operação de mastectomia, que também se revelou numa coisa muito grosseira, muito mutilante; portanto desisti da parte cirúrgica. Fiquei com uma formação clínica muito boa nas áreas de endocrinologia, oftalmologia, reumatologia. Mas quando chegou o quinto ano médico, me decepcionei muito com os professores, devido a falta de compromisso deles com o aluno e com o doente; me desencantei tanto que resolvi trancar a matrícula da faculdade.

Trabalhei, juntei dinheiro e fui para os Estados Unidos. Eu disse: "Quero ver o lugar onde existe medicina de verdade. Eu quero saber como é". Tive a sorte de me submeter a um concurso promovido para latino-americanos, na universidade do Texas. Foi lá que descobri que a universidade não está na universidade, mas dentro de nós. Vi que o sistema brasileiro era realmente muito ruim, mas os americanos também possuíam problemas, sobretudo no modo de tratar o paciente. Nos EUA o paciente era chamado de um número e isso me perturbou muito. Voltei, abri minha matrícula e continuei, com a intenção de tratar de filariose.

Acho que a natureza é burra ou é ingrata, pois quando uma pessoa está apta para produzir mais e melhor em todos os sentidos, a saúde física começa a declinar. Parkinson, diabetes tardia, osteoporoso-

se, as funções físicas cada vez mais limitadas e a cabeça "a mil". Para mim é muito difícil aceitar que a natureza não seja coerente.

"(...) a natureza é burra ou é ingrata, pois quando uma pessoa está apta para produzir mais e melhor em todos os sentidos, a saúde física começa a declinar."

Os primeiros contatos com a elefantíase

Descobri que é o relacionamento interpessoal que dá sentido à vida; quando você compartilha algo com alguém, consegue obter momentos mágicos. Fui uma pessoa extremamente feliz porque consegui trabalhar com uma doença chamada "mundo de ninguém", que só atinge pessoas pobres. E apesar disso, consegui me encontrar com pessoas que justificam qualquer coisa em termos de riqueza emocional. Considero-me feliz por ter tido a oportunidade de, nesse caminhar, encontrar essas pessoas. Tenho pacientes com elefantíase de perna que desenvolveram a doença aos 17 anos e que hoje, aos sessenta, chegam para mim e dizem: "Eu sou feliz". Há pessoas que agradecem a Deus por nascer, viver e ter conhecido uma pessoa que a ama, independente da sua perna.

A minha primeira doente de elefantíase no CPqAM foi dona Maria José; ela tinha os olhos verdes, deve ter sido uma mulher muito bonita. A perna dela era uma coisa muito feia, mas ela nunca colocou uma calça comprida para escondê-la. A aceitação que ela tinha do seu problema era impressionante. Ela cooperava bastante e dizia: "Estou entregando o meu corpo para a senhora fazer pesquisa. Se a senhora quiser tirar a minha perna, pode tirar, para eu colaborar para que outras pessoas não tenham o que tenho, porque talvez pessoas jovens não tenham a capacidade que tive para superar o problema". E realmente não têm. Uma coisa que nos estressa muito é quando chega uma pessoa jovem, deformada, que sabe que dificilmente irá se casar. A elefantíase tem o cheiro da morte. Há pessoas que chegam no ambulatório em processo de decomposição. E por isso eles são marginalizados pela sociedade, pelos familiares.

"A elefantíase tem o cheiro da morte. Há pessoas que chegam no ambulatório em processo de decomposição."

Quando cursava o quarto ano médico vi o primeiro doente de elefantíase. Era uma mulher. Fiquei chocada e perturbada, e perguntei ao

meu professor o que é que se poderia fazer pelo doente. E ele disse: "Isso é um problema político e nós não podemos fazer nada". Antes de terminar a consulta voltei a perguntar: "O que podemos fazer para evitar que outras pessoas cheguem a esse estado?" Ele disse: "Nada minha filha, pois a filariose é uma doença que existe nas áreas carentes e a política é que vai resolver". Nesse dia não assisti mais à aula. Passei mais de quatro horas pensando o que eu poderia fazer, e, a partir daquele momento, resolvi estudar filariose. Tive promessas para ir estudar no exterior ou fazer outras especialidades que davam mais dinheiro.

"Isso é um problema político e nós não podemos fazer nada".
 (...) a filariose é uma doença que existe nas áreas carentes e a política é que vai resolver."

O ingresso no CPqAM

Depois de formada submeti-me a vários concursos, mas não consegui passar em nenhum. O meu desespero foi aumentando. Até que surgiu uma oportunidade para entrar como bolsista de projeto no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Devo essa oportunidade ao Alexandre Bezerra de Carvalho que foi a pessoa que decidiu o curso de minha vida profissional, porque talvez não pudesse desenvolver um nível de pesquisa tão alto em outro lugar quanto o desempenho no CPqAM. Poderia até montar alguma coisa pequena, mas não ia chegar aonde cheguei se não fosse a Fiocruz [Fundação Oswaldo Cruz], uma entidade de pesquisa real no meu país.

O Alexandre me indicou para bolsista e depois de três ou quatro meses a Fiocruz me contratou. Isso foi em 1983. Passei dois anos estudando toda a literatura que existia sobre a doença, e o pessoal dizia: "Você só faz ler, só faz estudar, trabalhar que é bom, nada". Levei mais seis meses para escrever o projeto, com doze subprojetos. Nós estamos fazendo dez anos de pesquisa e dos doze subprojetos nós já realizamos dez. Vi todas as lacunas que existiam na literatura e construí o projeto. O último subprojeto, e o sonho maior era de desenvolver uma vacina.

O nascimento dos filhos e mais um erro médico

Nessa fase engravidei, e passei muito mal durante a gestação. Sentia como se alguma coisa fosse explodir dentro do meu abdome; me

sentia incomodada, desconfortável. Ao mesmo tempo, ficava num conflito muito grande porque o que eu mais queria era uma filha. Tinha sonhado muito em ser mãe e queria realmente uma menina, não sei se era pelo fato de ter sido a primogênita e ter ajudado tanto a minha mãe e meus irmãos. Talvez isso tenha influenciado muito meu desejo de que meu primeiro filho fosse mulher.

Levei a gestação com muita dificuldade, edemaciei muito. No quinto mês, eu não podia mais me deitar, porque a barriga era tão grande que o diafragma não podia abaixar. Tinha que me sentar para poder dormir. Os médicos não encontravam nada de errado em mim e diziam que eu estava rejeitando o bebê, que não queria ter o bebê. Minha família foi chamada pelos médicos e eles disseram que eu estava passando por um processo de rejeição inconsciente do feto. Só levei a gestação a termo porque realmente queria ter o bebê, mesmo me sentindo muito mal, com uma sensação de morte iminente e um desconforto muito grande.

Querida ter um parto normal fui preparada para isto, mas foi feito um bloqueio peridural e na hora que a placenta saiu entrei em pânico, porque achava que estavam fazendo transfusão de sangue em mim e me lembrava muito do acidente. Como gritava muito, pedindo para pararem a transfusão, o anestesista me sedou e não consegui ver o nascimento da minha filha. Foi na hora exatamente em que ela estava sendo aspirada. Depois de algum tempo acordei, minha mãe estava junto e eu disse: "Mãe, por favor, tire o sangue que está em mim." E ela disse: "Minha filha, não tem sangue, é só soro."

Fui sedada várias vezes pois os médicos achavam que eu estava com distúrbio de comportamento por causa da minha insistência em acreditar que estava sendo transfundida. Quando mandei buscar a minha filha, achei-a muito estranha. Mas todos justificavam que a cor da minha filha era porque geneticamente ela nasceu com a cor dos ancestrais índios do meu marido. Querida ver a cor dos olhos da minha filha e quando os abri, estavam absolutamente amarelinhos, ela estava com icterícia. Mandei chamar o pediatra, mas ele disse que aquilo não era nada. Eu tinha sido sensibilizada anteriormente, durante o acidente que sofri, e ninguém sabia disso. Minha filha tinha Rh positivo e eu negativo, na hora que a placenta descolou, o sangue dela passou para mim e era realmente como se eu tivesse sido transfundida porque, existe uma transfusão feto-matema du-

rante a retirada da placenta. E aquilo foi muito amplificado porque o meu sistema imunológico já estava hiperimunizado contra o Rh positivo.

Levaram muito tempo para fazer o diagnóstico da minha filha, porque todos os exames de Rh deram negativo. Existe um erro laboratorial muito grave que ocorre quando há excesso daquilo que se procura; ele bloqueia e é como se aquilo não existisse. Foram feitos mil e um diagnósticos para a menina, mas finalmente uma pessoa que estava de fora, médico recém formado, pediu para fazer um exame do meu sangue que até então não tinha sido estudado. Ele mandou o resultado selado, era mais ou menos meia-noite, e ele mesmo fez o teste. Quando abri percebi que o problema era incompatibilidade de RH. Eu havia feito um estágio nos Estados Unidos, antes de engravidar, sobre como manusear as crianças com seqüelas dessa incompatibilidade. Na hora tive realmente um distúrbio de comportamento, quebrei tudo o que estava ao meu redor, quando percebi que todo o erro havia sido do obstetra, absolutamente tudo havia sido feito errado e minha filha estava com uma lesão cerebral por isso.

Me mandaram para casa com minha filha e passei um mês com ela chorando de dia e de noite, 24 horas por dia. Só parava de chorar na hora de mamar, mas mesmo assim engasgava. Uma das seqüelas chama-se choro ou grito encefálico; a criança grita o tempo todo. Os vizinhos não agüentavam mais, eu estava exausta e não dormia. Todos tiveram que ajudar; nos revezávamos: meu irmão, minha mãe, meu marido, minha tia e eu. Até que um dia eu estava com ela no colo e de repente ela parou de chorar. Não consegui me mexer, achava que ela havia morrido ou entrado em coma, fiquei com medo de olhar para ela. Mas quando olhei, ela estava com o semblante mais descansado do mundo, dormindo um sono profundo, respirando normalmente, quentinha, coloração normal. De repente senti algo quente na minha perna, e quando olhei estava saindo uma secreção purulenta do seu ouvido. Na realidade ela não chorava por causa das seqüelas da doença, ela fez uma otite, e drenou quase meio copo de secreção purulenta; desde esse dia Patrícia nunca mais chorou, dormia e comia normalmente.

Minha filha teve atraso motor em consequência da lesão cerebral, mas nós começamos a estimulá-la, especialmente meu irmão Mareei, que foi uma pessoa muito importante na minha vida. Ele achou que a parte do cérebro de Patrícia que não tinha sido lesado poderia ser recuperada, e assim fizemos. Hoje, a minha filha tem 17 anos e é considerada não

normal, mas até mais do que normal. Ela foi tão estimulada que conseguimos reverter um distúrbio de linguagem seríssimo; não era para ela ter falado ou andado, mas nós fazíamos muitos exercícios com ela, ela dormia só duas horas por dia para tentar recuperar parte de seu cérebro que não havia sido lesado. Hoje é uma menina normal. Aos cinco anos de idade lhe dei alta.

Muitos pediatras que acompanharam o caso na época, acham que *Patrícia morreu*. Que eu adotei outra criança e chamei de Patrícia. Os cinco anos posteriores ao nascimento de Patrícia, foram dedicados a ela, para recuperá-la; só quando ela estava bem, voltei a seguir o meu caminho da filariose.

Tentei mais um filho mas a criança morreu, porque Patrícia havia estimulado muito meu sistema imunológico. Queria realmente outro filho e como meu marido, que era heterozigótico, tinha 50% de chance de ter um filho negativo, resolvi tentar novamente porque queria saber o que era uma gravidez normal, "curtir" um filho na barriga; achava que tinha esse direito. Depois de reunir a família, nós tentamos, e no terceiro mês já sabia que Víctor era compatível. Tinha certeza que ele era Rh negativo. Os médicos foram contra, mas não abri mão.

A melhor época da minha vida foi quando estava grávida de Víctor. Trabalhei até o dia de ir para a maternidade. Era uma mulher normal, feliz, bonita, não engordei. Eu tinha uma vida; me sentia muito bem, fiz uma barriga bonita. Realmente merecia saber o que era uma gravidez normal, me dei esse presente. Víctor nasceu Rh negativo, perfeito. Tive que fazer a ligadura porque outro filho seria arriscado demais e a natureza já havia me dado muito. A amizade entre os meus dois filhos é um negócio impressionante. Eu disse a eles que cada um era um prêmio para o outro; dei Víctor a Patrícia e Patrícia a Víctor. Expliquei a eles a situação em que eles nasceram e hoje o relacionamento entre eles é mágico. Quando alguém vai a minha casa fica admirado com o entrosamento dos dois. Minha tia, novamente os batizou: Patrícia foi chamada de minha gontinha de milagre e Víctor, de minha medalha de ouro nas olimpíadas da vida.

Hoje a minha filha é minha melhor amiga. Converso coisas com ela que não converso com a minha mãe. A única coisa realmente ruim no meu acidente foi o que houve com a minha filha. Mas acho que me fiz gente pelo sofrimento de ficar sem perspectiva de andar; uma jovem que era atleta, fazia pulo ornamental, nadava muito, jogava voleibol e de re-

penete me vi em uma cama, sem perspectivas, porque ninguém achava que eu fosse voltar a andar. Tive que reaprender a andar.

A pesquisa em filariose no CPqAM e o perfil científico

Eu vim para o Aggeu [CPqAM] junto com um grupo de pessoas para fazer parte de um projeto, visando a criação de antígenos estratégicos em doenças parasitárias; logo depois a Fiocruz nos contratou. Com o trabalho que desenvolvemos em filariose no Aggeu [CPqAM], conseguimos não só melhorar os pacientes de elefantíase em até 90% sem cirurgia, como prevenir que outras pessoas a partir de hoje tenham elefantíase. Conseguimos descobrir o que causa a elefantíase. Essa descoberta foi uma coisa que "virou o mundo de cabeça para baixo" por ser tão simples; através de água e sabão, chama-se limpeza. Se tiver higiene, 90% das doenças não proliferam. Existe um vídeo bem curtinho da OMS que trata sobre isso. Quando lancei a idéia, o pessoal de fora veio aqui, fez um filme e lançou para o mundo todo. Hoje, acredito, que sou a pessoa que mais recebe cartas, de todas as partes do mundo, de pessoas com elefantíase. E cada uma delas tem resposta.

"Conseguimos descobrir o que causa a elefantíase. Essa descoberta foi uma coisa que "virou o mundo de cabeça para baixo" por ser tão simples; através de água e sabão, chama-se limpeza."

Os conceitos sobre filariose mudaram muito nos últimos anos, estamos reescrevendo o capítulo de filariose no mundo graças à determinação de uma equipe. A evolução que houve nos últimos cinco anos é incomensuravelmente maior do que nos últimos 40. Com o mundo todo trabalhando não se conseguiu superar o nosso trabalho de equipe. Conseguimos localizar o verme adulto vivo, o que ajudou muito nos diagnósticos e melhor compreensão da doença. Hoje se pode remover esses vermes por cirurgia sem prejudicar o organismo do indivíduo, e acredito que a vacina está garantida na próxima geração, estamos chegando lá.

"Conseguimos localizar o verme adulto vivo, o que ajudou muito nos diagnósticos e melhor compreensão da doença. Hoje se pode remover esses vermes por cirurgia sem prejudicar o organismo do indivíduo (...)"

Descobrimos que a elefantíase não é causada diretamente pela filariose. A filariose predispõe o indivíduo a infecções secundárias, causa

uma lesão no vaso linfático que é por onde são retiradas do nosso organismo as bactérias que entram no corpo. Quando o vaso linfático está danificado pela doença filarial, as bactérias invadem e causam erisipelas e infecções, que levam à elefantíase. A filariose foi culpada, durante muitos anos, de algo que não dizia respeito só a ela. Era dado remédio contra filariose e nenhum paciente evoluía bem, todos, predispostos, progrediam para a doença, independente das toneladas de remédios antifilarioses que tomassem. Os cientistas concluíram erradamente que a evolução da doença era proveniente de uma resposta imunológica que não tinha como deter sua evolução. Isso transformou-se em um dogma, ninguém poderia alterar o curso da doença.

"Descobrimos que a elefantíase não é causada diretamente pela filariose. A filariose foi culpada, durante muitos anos, de algo que não dizia respeito só a ela."

Hoje existe uma lei: Ninguém mais pode ter elefantíase. Nós criamos essa lei. Nós estamos educando a população e meu sonho é levar tudo isso para as comunidades. Já criamos aqui um projeto; em cada comunidade terá um Clube da Elefantíase, e isso vamos difundir para o mundo todo.

Os impasses burocráticos atrapalham muito o nosso trabalho. Nosso "calcanhar de Aquiles" se chama pessoal. Filariose é uma doença difícil, o paciente cheira mal. Como a microfilária só sai à noite, temos que trabalhar em condições inóspitas para ir aos lugares e coletar o sangue do doente. Uma grande dificuldade é que a filaria não dá dinheiro, já que só a população de baixa renda contrai a doença. Por isso é preciso realmente ter pessoas dedicadas. Existe uma seleção natural no trabalho; só fica quem, não só é muito bom profissional, mas muito gente. A equipe a que pertenco me ensinou o porquê do todo ser maior do que a soma das partes. A equipe representa o todo e com ela a veracidade do trabalho que fazemos.

"Uma grande dificuldade é que a filaria não dá dinheiro já que só a população de baixa renda contrai a doença."

Quando fui convidada para expor o problema da elefantíase em Genebra, tive uma quantidade enorme de doações em potencial, e por isso pensei em criar uma fundação para podermos receber esse dinheiro, empregar gente, ter condição de dar uma assistência melhor. Mas a parte

burocrática é tão difícil, tão trabalhosa, que eu teria que deixar a pesquisa que está numa fase muito crítica. Se me afastar, perdemos um elo muito grande para o próximo passo, que seria o controle e a erradicação da doença, com ou sem vacina. Por tudo isso a minha idéia agora é criar uma ONG [Organização Não-Governamental] que é um sistema onde posso dispor do dinheiro de doações mais livremente.

No sistema atual não podemos fazer as coisas como queremos, e muito dinheiro é gasto sem necessidade. Às vezes pedimos um determinado material, talco para colocar nas luvas por exemplo, pode ser o talco mais barato que tem, mas como eles "fecham o pacote" com determinadas empresas, colocam o talco mais caro que tem; e colocam o material mais necessário, de qualidade inferior, porque o "pacote" é fechado. É impossível trabalhar desse jeito. Além do mais, o ano fiscal é muito curto e muitas vezes não temos dinheiro por três meses, o que dificulta muito a compra de medicamentos essenciais. O sistema é muito ingrato e fazer o que temos feito não é mérito; mérito é fazer o que temos feito nas nossas condições. Hoje nós somos o centro de referência internacional; vem gente de todo o mundo para aprender conosco, nada se faz em filariose no mundo sem a nossa opinião.

No início foi muito duro porque ninguém acreditava em nós, eu dava aula à noite para conseguir dinheiro para colocar na pesquisa. O primeiro simpósio que fizemos (em 1987), passei quatro anos pagando dívidas, do meu próprio bolso. Dividia o meu salário com as pessoas que trabalhavam na pesquisa comigo. Até sábado e domingo nós estamos trabalhando, porque o doente precisa de nós. Não são muitos os pesquisadores que trabalham com pesquisa clínica humana.

Uma pessoa que nos ajudou no início foi Morei [Carlos Médicis Morei]¹. Acho que ele poderia ter ajudado mais, e ele sabe disso. Ele teve medo de investir numa pessoa desconhecida, sem pós-graduação, louca de esperança. Morei foi um mito para mim. Tive tão pouca ajuda, de tão poucas pessoas, que mesmo aqueles que me ajudaram muito pouco significaram muito, dentro de um contexto. Foi como se nos tirassem da posição de deitada para sentada. Eles nos ajudaram a ficar sentados, porém nós nos levantamos sozinhos.

1 Carlos Médicis Morei é pesquisador da FIOCRUZ e foi Presidente da fundação na gestão 1992-1996.

A diferença entre a nossa pesquisa e as outras é que, muitas vezes, eles já têm o peixe para cozinhar, e nós precisamos ir pegar a árvore para fazer a vara e então pescar. Hoje agradeço a todas as pessoas que nos ajudaram a ter o conceito, a nível internacional, inabalável, que temos. Foi muito difícil ter credibilidade suficiente para convencer a todos que a elefantíase não era causada por filariose. Atualmente recebemos cartas do mundo todo pedindo esclarecimentos sobre a doença e amostras de sangue dos nossos pacientes para pesquisa.

A filariose ocorre, basicamente, em áreas tropicais e subtropicais. Dois terços da doença está na Índia e existem 120 milhões de pessoas doentes no mundo. No Brasil, existe filariose basicamente em Recife e Maceió, e dizem que em Belém está sob controle.

O fato de estarmos aqui na Fiocruz [Fundação Oswaldo Cruz/CPqAM], numa área endêmica, e poder estudar a doença de uma forma pura é excelente, pois o que pensamos não é só a nível de Recife. Se forem à Índia, como eu fui, verão o que é sofrimento. O doente com elefantíase tem cheiro de necrotério, cheiro de morte, a pessoa torna-se um morto-vivo. 80% da população masculina infectada é afetada na área urogenital, é muita coisa. O lado psicológico fica muito comprometido com a elefantíase. Tenho um paciente com 47 anos que não se lembra o que é ejaculação desde os vinte. Ele tem o pênis mergulhante, pela elefantíase, e não consegue nem se masturbar. O sexo faz parte da vida normal da pessoa, não pode ser abolido, não pode ser tirado dessa maneira.

Muitas mulheres começaram a estudar depois que elas melhoraram da elefantíase, começaram nova vida. Os homens começaram a ter novas perspectivas, começaram a recuperar o que eles tinham perdido antes da elefantíase. Pessoas altamente cultas são tidas como débeis-mentais, porque a doença inibe de tal maneira a auto-apreciação, que tem-se verdadeiros monstros.

O momento em que o doente está conosco é algo mágico, porque nós o tratamos como ser humano individual. Gostaria muito de poder transportá-los para a comunidade, para que tenham a sua própria realidade e possam criar o clube deles. É uma doença que tem muitas facetas, é incrível. Na hora que se descobrir a relação parasita-homem, a medicina geral vai evoluir muito. O que o parasita consegue fazer no ser humano e o que o ser humano consegue fazer no parasita é uma relação que precisa ser explorada.

"Na hora que se descobrir a relação parasita-homem, a medicina geral vai evoluir muito. O que o parasita consegue fazer no ser humano e o que o ser humano consegue fazer no parasita é uma relação que precisa ser explorada."

Fora do Brasil muitos me chamam de feiticeira por causa dos avanços com a filariose. Conseguimos melhorar a elefantíase em até 90% dos casos. Antes achava-se que o único tratamento para a doença seria cirurgia, mas no nosso país a hospitalização é muito difícil e o paciente tem que ficar hospitalizado de seis meses a um ano. Eles têm que sobreviver, têm família para alimentar, fica muito difícil. Em psicologia eu aprendi que o todo é infinitamente maior que a soma das partes, que integração multidisciplinar é fundamental; sozinhos nós não somos ninguém. Isso é muito importante, cada um da minha equipe sozinho vale muito pouco, mas em conjunto, somos uma fortaleza. Hoje somos uma verdadeira família, ninguém pode imaginar o envolvimento emocional que temos. Tem uma pessoa que trabalha comigo, ganha pouco, passa necessidades e disse: "Daqui eu não saio, é a minha felicidade, eu não troco isso por nada." É o prazer que eles sentem em começar a trabalhar em algo útil. Trabalhamos pelo prazer de fazer bem feito. Estamos todos muito entusiasmados com a idéia da Organização Não-Governamental, e eu acredito que isso vai ser um passo importante para a filariose no mundo.

A base fundamental do nosso trabalho não é tecnologia de ponta nem material caro, e sim observação clínica e paciência, a natureza dá a resposta nas coisas mais simples. Todo o nosso trabalho foi construído com subsídios dados pelos próprios pacientes. Quando eu prescrevia a droga antifilarial e ocorria uma reação inflamatória na região escrotal, a biópsia era feita e encontrávamos vermes mortos ao lado de vermes aparentemente intactos. Nós não entendíamos porque alguns vermes não morriam com a droga e durante quatro anos tentamos convencer os ultrasonografistas a fazer uma ultra-sonografia escrotal, mas eles diziam que o ultra-som só visualizava o paciente com elefantíase ou hidrocele já com a patologia, onde o verme já havia morrido. Até que um dia veio uma doente para mim, mandada por um ultra-sonografista. E eu disse a ele: "Não tem problema, eu atendo, mas você vai ter que atender os meus doentes". Ele trabalhava muito no Hospital da Restauração e, ao acompanhar os doentes à noite, fui assaltada três vezes. Certa vez levaram até meu tênis.

O uso do ultra-som para diagnóstico de filariose bancroftiana está consolidado. Já veio gente de vários lugares para aprender como se retira os vermes resistentes ao tratamento. Vencemos e tudo foi baseado na observação clínica. Foi o doente que nos disse tudo, desde o início. Nós só tivemos a sensibilidade de poder perceber. Infelizmente o médico hoje não sabe usar intuição no diagnóstico, ele diagnostica somente pelos exames laboratoriais.

"O uso do ultra-som para diagnóstico está consolidado. Já veio gente de vários lugares para aprender como se retira os vermes adultos resistentes ao tratamento."

O patologista e o urologista que fazem parte da equipe são os únicos no mundo que trabalham em pesquisa prospectiva em filariose linfática. Estes profissionais são verdadeiros tesouros que têm que ser mantidos, esses homens têm que ser motivados. Faço questão do reconhecimento, de "massagear o ego" das pessoas e descobrir qual é a área de talento de cada um, proporcionar condições físicas e emocionais para que eles fiquem satisfeitos e trabalhem da melhor maneira possível. Quando chego e vejo o laboratório impecável de limpo, procuro a pessoa e elogio o trabalho deixando claro a importância daquilo para o trabalho como um todo. Todos que fazem a equipe são pessoas extraordinárias, fortalecê-los é uma obrigação minha; pelas dificuldades, eles já teriam desistido há muito tempo, se não fosse a força motriz maior.

Eu descobri o conceito de imortalidade com a equipe que nós formamos. É através da continuidade do que realiza que você realmente se torna imortal. Não é necessário ter filhos, netos e bisnetos. Desde que compreendi isso fiquei preparada para morrer. Antes tinha muito medo de morrer e deixar o meu trabalho pela metade. Mas hoje estou realmente segura de que nós vamos chegar ao chamado produto final e o que constitui o significado maior da vida é você começar e terminar uma tarefa. Esse foi outro conceito que ficou muito impregnado na minha vida, finalizar. Uma coisa muito gratificante para a equipe hoje é finalizar as tarefas e pensar que um dia a filariose vai acabar e nós vamos partir para outras áreas. Nós já temos, inclusive, algumas áreas alvo em vista. Quando eu digo nós, é porque, uma vez que me tornei imortal, vou estar aqui com eles para sempre.

Uma coisa fantástica, que ocorreu conosco, foi ter tido o privilégio de conhecer e conviver com uma pessoa fabulosa chamada Amaury

Coutinho. Ele havia se aposentado, estava em casa, já com uma série de reações pelo grande número de remédios que estava tomando e nós fomos buscá-lo dizendo que seu cérebro era muito precioso, porque ele foi a primeira pessoa a descrever uma forma muito rara da doença, há muitos anos, chamada eusífilia pulmonar tropical. Ele era pioneiro aqui no Brasil e nós não poderíamos deixá-lo de fora, queríamos que ele compartilhasse conosco das descobertas que fizemos. Foram seis anos de convivência e troca. Era o homem que tinha a cabeça mais brilhante que já conheci na minha vida; de uma sabedoria inigualável. Ele foi nosso "abre-alias". Foi ele quem começou a desbravar o terreno espinhoso, para que a equipe pudesse aparecer, pudesse fazer o próprio caminho. Foi ele com o seu prestígio e respeitabilidade quem conseguiu nos projetar. Ele reconheceu o valor da equipe, independente da nossa ausência de pós-graduação. Nós o perdemos no dia 26 de abril de 1995, mas ao menos tenho certeza que ele conseguiu vislumbrar o futuro. Ele nos deixou em pessoa, mas se tornou um imortal através de nós. Posso dizer, sem sombra de dúvida, que mesmo com 70 anos ele ainda conseguiu aprender muita coisa conosco em termos de vida. Foi um privilégio, um presente que toda a equipe recebeu; ter a chance de conviver com ele durante esse período. Muitos amigos dele perguntavam o que é que nós fazíamos com ele, porque sua vitalidade era tão grande que a motivação de vir trabalhar, viajar, ler, discutir, participar era igualável à sua juventude. Hoje todos nós sentimos saudade, uma saudade confortável, gostosa; porque a natureza dá e tira. Mas nós conseguimos burlar essa retirada da natureza, pois ele saiu em pessoa física, mas seus ensinamentos e sua figura permanecem e vão ficar para sempre. Mesmo as pessoas que não conheceram o Amaury Coutinho, o respeitam, e falam dele com certa intimidade.

Quanto mais elevado o nível das pessoas, mais existe diferenciação. Há pesquisadores que compartilham das coisas, mas outros, talvez por um mecanismo de defesa, preferem se manter distantes do que está acontecendo. Para os que vêm de fora, parece que sou uma escrava do trabalho. É que adoro fazer o que faço. Gosto tanto, que a maioria das horas considero um lazer. A minha felicidade, o meu prazer não está em ir para uma festa e dançar a noite toda. A minha felicidade está em passar a noite acordada trabalhando, diagnosticando doentes; a minha escala de valores é diferente. Não me realizo entrando numa boutique e comprando uma roupa cara; a minha felicidade é pagar uma publicação, pagar o remédio do indivíduo que não tem como fazê-lo. Procuro viver in-

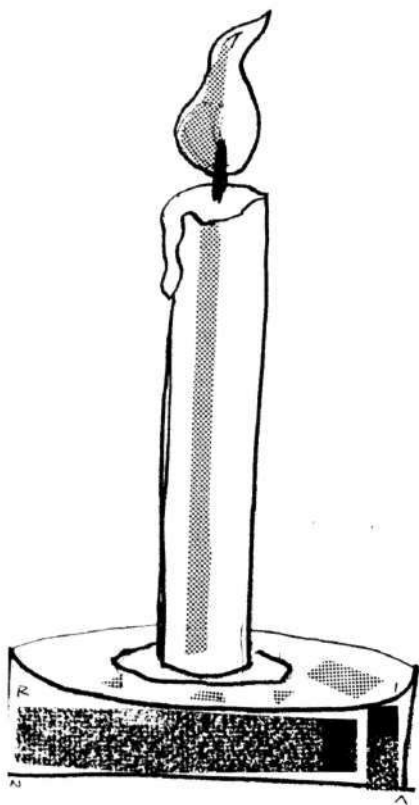
tensamente os momentos e acho que isso é privilégio de poucos. Poucos pesquisadores são felizes, na realidade, com o que fazem. Não há muitos pesquisadores por vocação. Como temos um sistema distorcido no país que gera desemprego, o indivíduo, muitas vezes, é obrigado a fazer pós-graduação para sobreviver. O sistema criou o pesquisador artificial, que é empurrado para determinadas profissões por questão de sobrevivência.

Uma coisa que existe e notamos é a pontinha de inveja. Mas ela não é ruim de todo, se bem dosada é um dos sentimentos do ser humano que tem que ser respeitado. Procuramos, na medida do possível, contornar essas coisas, cortar as arestas e as malícias, mas isso às vezes cria em nós um pouco de rudeza. Para sobreviver também temos que reagir.

Uma das coisas que algumas pessoas do CPqAM acham muito feio e ridículo é o fato dos pacientes de elefantíase ficarem aqui esperando. É feio para a instituição, mas essas pessoas têm direito a um espaço, a um lugar, e aqui é a acolhida deles. Aqui é que foi criado o sistema para eles. Se é feio o doente esperar junto com os outros, é mais feio ainda o doente ter a doença. Penso que ao invés de reclamar porque o doente está aqui com elefantíase, temos que evitar a elefantíase. Os doentes são muito discriminados, pois o cheiro e o aspecto são terríveis. Esse é um preconceito muito grande que sentimos no próprio Centro de Pesquisas. As pessoas se sentem incomodadas com o doente; para eles seria muito melhor que ficássemos num quarto de trás e eles não tivessem acesso. Mas a realidade tem que ser enfrentada, não pode ser escondida. A minha maior tristeza no Centro de Pesquisas é que, em todos os níveis de instrução e de cargos, existem pessoas que acham que é feio, que é ruim, que não é bom para o centro o doente estar à vista. Infelizmente não contaminamos os indivíduos só com motivação e alegria, mas também com vergonha, tristeza e discriminação. Isso é para nós uma aprendizagem diária. Faz parte do próprio processo da vida, são os equilíbrios *in e yang*.

Essa ambigüidade é o ponto que reflete todo o sistema. São dois pesos e duas medidas. Quantas arestas são criadas e quantos obstáculos são colocados pelos próprios pesquisadores para que um trabalho desse tipo não tenha a fluência desejada.

Acho que não quis trabalhar com camundongos porque não há possibilidade de comunicação, e além do mais gosto muito de ser cobra-da, de ser desafiada. Adoro quando um estudante chega para mim e diz: "Doutora, a senhora está errada", porque sei que só assim posso crescer.





HÉLIO BEZERRA COUTINHO

Lembranças da infância e da família

Sou o filho caçula de uma família de seis irmãos. Quando nasci meu pai já tinha uma situação econômica bastante estável, o que não aconteceu com meus irmãos. Não tive problema nenhum financeiro na minha infância. Todavia, tive um problema sério porque nasci no que sempre considerei uma família de pessoas estudiosas e inteligentes.

No quintal da minha casa, havia um sítio com muitas árvores frutíferas. Tive uma infância maravilhosa, e meus irmãos diziam: "Você foi um privilegiado, nós não tivemos nada disso". Nunca tive problemas, minha família era extremamente equilibrada; papai e mamãe se tratavam com respeito, com carinho, eram figuras maravilhosas.

Sempre tive um temperamento muito alegre, muito brincalhão, enquanto meu pai era um homem extremamente sério e meus irmãos viviam para os estudos. Era considerado a ovelha negra da família. Meu pai sempre dizia que eu devia estudar para ser livre ou iria ser empregado dos outros toda minha vida.

Nasci na Rua Amaro Bezerra, na Capunga, em uma casa que foi demolida. Hoje existe lá um edifício chamado Senhor de Engenho; ali vivi até os cinco anos de idade. Mudamos para Olinda, em 1930, onde meu pai comprou uma casa na Rua do Sol, número 271. Vivi em Olinda até os dez anos, quando meu pai resolveu voltar para Recife a fim de morar perto das escolas. Voltamos para a Rua Amaro Bezerra.

Quando era criança, alguns fatos me marcaram muito. Lembro que quando estourou a Revolução de 35 [1935] eu era menino, tinha dez anos e torcia muito por Cristiano Cordeiro, que era meu parente. Chegavam notícias de que Alcedo, Lamartine, e outros membros da família

Coutinho, estavam presos. Minha mãe, coitada, muito católica, sempre às seis horas reunia os filhos menores, acendia uma vela para Nossa Senhora e rezávamos para que meus irmãos não fossem presos. Era eu quem puxava a reza, porque minha mãe acreditava que Nossa Senhora só aceitava os pedidos dos inocentes, e o único suposto inocente que havia em casa era eu. Portanto, eu começava o terço. Durante a reza passava por menino inocente. Mas à noite, quando ia dormir, pedia a Deus perdão pela mentira que tinha pregado para não contrariar minha mãe.

Quando eu era da segunda classe primária, estudava numa escola pública que funcionava próxima à casa em que eu havia nascido. Naquele tempo fazia-se um teste para todos os alunos matriculados, em escola pública do Estado. Submeti-me ao teste de múltipla escolha para onde, fui morrendo de medo e levando um tinteiro, um mata-borrão e uma caneta com pena. Quando saiu o resultado do teste eu havia sido o primeiro colocado no Estado. Minha professora, uma velhinha maravilhosa, dona Lília Temporal, foi então promovida por merecimento, como prêmio pela minha classificação. Ela chegou lá em casa delirando de felicidade para me abraçar. Ela era uma figura humana extraordinária. Essa senhora ensinava todas as classes ao mesmo tempo. Eram uns 30 meninos endiabrados, dentro de uma sala, onde havia um filtro com uma jarra de água e um coco para tirar a água da jarra e matar a sede. Nunca vi uma pessoa tão organizada. Ela dava aulas para todas as turmas: do jardim de infância à quarta classe primária.

Estudei no Colégio Americano Batista, onde fiz amizade com dois meninos que eram filhos do pastor Munguba Sobrinho, que morava na Rua da Baixa Verde e era pastor da Igreja Batista da Capunga. Eu ia à casa de Silas e samuel para estudar e brincar à tarde. Nos fundos do quintal havia o mangue e lá jogávamos futebol quando acabavam os estudos; pescávamos camarão e capturávamos guaiamuns; era uma maravilha, tive uma infância extremamente divertida.

Fui matriculado no Colégio Americano Batista, que era um colégio externo misto, mas também funcionava em regime de internato. Havia, portanto, muitos meninos e moças que vinham do interior para estudar, com uma cultura diferente. Lá conheci Zé Dantas e Hélio Peixoto. Havia professores bons, fracos, justos, prepotentes, grosseiros. No Colégio Americano Batista aprendi a sobreviver. Conheci o mundo, não na extensão e profundidade do personagem de Raul Pompéia, mas conheci.

Quando papai me matriculou, disse que eu era católico. E durante o período em que lá estudei, não houve nenhum tipo de pressão para que me convertesse ao protestantismo. O colégio era extremamente liberal, o que não ocorria com os colégios católicos.

No meu tempo, estudávamos cinco anos de ginásio e depois mais dois anos de curso preparatório, direcionado para o curso superior que se pretendia fazer. Matriculei-me no Ginásio Pernambucano para o pré-médico, onde fui um bom aluno no primeiro semestre, em todas as matérias, com exceção de matemática, que sempre detestei. Estava desesperado com o curso de matemática do Ginásio Pernambucano, onde só tirava notas baixas e, por isso, me transferi para o Oswaldo Cruz, onde a Matemática era uma tranquilidade. Fiz o vestibular e passei.

O curso *médico* e o *exército*

A minha vocação era a pintura, eu desenhava muito bem e queria aprender a pintar. Mas meu pai era um homem muito experiente, muito vivido e dizia sempre que eu devia procurar uma profissão que me rendesse algo que garantisse o meu sustento para depois pensar em pintar. Um dia meu pai me disse: "Você deve cursar medicina porque tem irmãos médicos e um deve seguir nas águas dos outros, além dos livros já estarem em casa". Segui a medicina, mas logo no início vi que não tinha nenhuma vocação para médico. O que realmente me encantava era a biologia. Interessei-me pelo aspecto biológico da medicina, me vinculei ao Departamento de Histologia, como estudante, e comecei a estudar essa matéria numa época em que poucos sabiam, no Recife, o que era histologia nem para o que servia.

Na faculdade tive professores excelentes. Entre eles, os professores Mário Ramos, Álvaro Figueiredo e o meu irmão, Aluísio. Os três ensinavam no terceiro ano. Os alunos diziam que quem passasse pela mão desses três já era doutor. Na minha opinião, o melhor professor que tive, em todo curso médico, foi Jorge Lobo que ensinava dermatologia. Eram aulas maravilhosas. Pela sua singular erudição, pela sua dedicação e pela justiça do seu julgamento, ele era uma pessoa impecável. Mas era um sofrimento, porque tínhamos aulas no Hospital Santo Amaro, das nove às dez, do Santo Amaro corríamos para o Hospital Oswaldo Cruz, e desse último para a faculdade, que ficava no Derby. Era uma correria de-

senfreada. Todo o percurso era realizado de bonde ou a pé. Apenas dois colegas tinham automóvel.

Quando atingi o quarto ano médico, fui convocado para o Exército. Nesse período minha calma vida se complicou tremendamente porque optei pelo CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva], onde o serviço coincidia com o horário de aula. O Exército garantia a nossa frequência, ou seja, eu tinha frequência para prestar exames. Mas a matéria, o conteúdo ficaram negligenciados. Considero-me um aluno muito bom até o terceiro ano médico, mas a partir do quarto, caí vertiginosamente, porque tinha que estudar por livros e apontamentos de colegas. Não podia ir às aulas, por estar no quartel. Foram dois anos e 13 dias de Exército. Esse período poderia ter me proporcionado uma experiência singular, uma vez que desejava ficar lotado no Hospital Militar, realizando exames de laboratório. Entretanto, o comandante negou, afirmando que isso não era possível.

No CPOR deram-me três opções: fazer o curso de infantaria, o de artilharia, ou o de intendência. Mas sempre fui um homem que gostava de ficar sentado lendo. Minha distração sempre foi a leitura. Nunca fui dado a grandes exercícios físicos, então eu não podia servir na infantaria. Na artilharia era exigido que o indivíduo soubesse equitação, e como eu era péssimo em trigonometria, tampouco podia calcular os ângulos de tiro dos canhões. Restava a intendência. Assim, durante dois anos e 13 dias, fui uma figura totalmente inútil para o Exército brasileiro. Eu não aprendia, nem eles ensinavam. Os nossos comandantes não tinham o entusiasmo dos comandantes da artilharia ou da infantaria; vivíamos em completa ociosidade dentro do quartel. Não se fazia nada a não ser conversar. Tenho grandes amigos daquela época. Foram dois anos e 13 dias que prejudicaram minha vida, porque deixei de me tornar um bom médico.

As atividades político-partidárias

Estava na passeata onde Demócrito morreu. Estava no meio daquela confusão. Nós fizemos um comício na Faculdade de Direito, em 3 de março de 1945. Comício muito perturbado por provocadores. Lembre-me deles vindo vestidos com fardas da *Tramways* [empresa de bonde], motorneiros, gritando: "Queremos Getúlio". Mas ninguém aceitou a provocação e saímos numa passeata para o *Diário de Pernambuco*. Quando

chegamos no meio da ponte da Boa Vista, Gilberto Freyre subiu num carro e fez um discurso exaltado. Ele liderava aquele movimento e orientava os estudantes da Faculdade de Direito, que eram mais politizados do que nós, da Faculdade de Medicina. Descendo a ponte, Geraldo de Andrade, nosso professor, apareceu em cima de uma marquise e fez um discurso, onde disse que nós íamos ser emboscados na praça do *Diário de Pernambuco*. Ele tinha recebido informações seguras de que a polícia ia nos massacrar, mas ordenou que a passeata prosseguisse. Empunhamos a bandeira do Brasil e fomos cantando o Hino Nacional. Na praça do Diário, fomos emboscados. Hoje, acho que as mortes de Demócrito e de Elias podiam ter sido evitadas se Gilberto e Geraldo tivessem tomado outra atitude, nos mandando para casa.

Posteriormente, filiei-me ao Partido Socialista onde, na época, tive uma atuação discreta. O partido era uma cabeça sem corpo; tinha uma direção muito boa, mas não tinha votos. Naquele tempo, a direita dizia que os socialistas eram comunistas disfarçados, e os comunistas diziam que nós éramos a muleta da reação. O partido estava, portanto, sob fogo cruzado, não havia quem o sustentasse.

"Naquele tempo, a direita dizia que os socialistas eram comunistas disfarçados, e os comunistas diziam que nós éramos a muleta da reação."

Agamenom [Magalhães] candidatou-se ao governo e queria ter o respaldo da esquerda. Para tanto, propôs ao PSB, através de Julião, eleger Baltar deputado estadual, com o voto de cabresto do sertão, em sessão presidida por Sócrates Times de Carvalho, que era na época o presidente do partido. Houve oposição à proposta de Julião, pois alguns companheiros argumentavam que não podiam apoiar Agamenom, uma vez que ele havia prendido e torturado durante o seu governo no Estado Novo. Outra questão levantada dizia respeito à falta de garantia que o partido tinha sobre a eleição de Baltar. Outros não compreendiam como o partido, que combatia o voto de cabresto, poderia aceitar um deputado eleito por esse tipo de voto. Eu me lembro que Julião disse: "Vocês estão pensando que partido político é uma sociedade fabiana? Não é nada disso. Visamos o Poder. Proponha votação". Pôs-se em votação, e eu me lembro que votei contra, Sócrates não votou, pois presidia a sessão. Jarbas Pernambucano, Newton Maia e Aluisio votaram contra. O partido terminou apoiando Agamenom, e me desliguei dele, e me afastei completa-

mente da política. Nessa sessão, Baltar disse que era contra a proposta de Julião, mas acatava a decisão da maioria do partido por disciplina partidária. Essa decisão foi também, se não me falha a memória, a posição de Sócrates. Mas Julião controlava os diretórios municipais e distritais, tinha a maioria e ganhou tranquilamente. Por fim, Baltar não foi eleito deputado estadual.

Esse apoio a Agamenom foi uma decepção muito grande, porque fui um militante consciente e participativo. Quando estudei no Rio de Janeiro, em 1950, fiz contatos com o Comitê Nacional, onde conheci João Mangabeira, Hermes Lima, Domingos Velasco e Osório Borba.

Na época da passeata em que Demócrito morreu, o PC ainda não havia se pronunciado a favor ou contra Vargas. O PC estava dividido em duas facções. O chamado Comitê de Ação, que era um grupo mais liberal que apoiava a formação de uma frente ampla nos moldes da Aliança Nacional Libertadora, e o grupo chamado de CNOP [Comissão Nacional de Organização do Partido], que era um grupo extremamente sectário. Cristiano era do Comitê de Ação. O grupo de Pernambuco era, predominantemente, do Comitê de Ação. Cristiano, então, foi a Prestes, que estava preso, para saber qual seria sua posição. Prestes defendeu a linha de apoio a Getúlio, mas Cristiano foi contra. Prestes, para resolver a polêmica, expulsou o grupo que queria apoiar Eduardo Gomes. Foi esse o motivo pelo qual o Cristiano foi expulso do partido.

Cristiano Cordeiro foi preso varais vezes. Ele contava que havia coisas importantíssimas para se fazer antes de ser preso. Ele já conhecia quando a polícia ia lhe prender, pelo modo como batiam na porta. Então pegava o seu pijama, toalha, pasta de dentes, escova, aparelho de barba, sabonete e um tamanco. Perguntei por que um tamanco. E ele respondeu que o tamanco era um objeto muito importante para um preso. Porque o tamanco você pendura na grade da cela pelo salto, e ali você pode guardar o sabonete, a escova de dente, a pasta, guarda tudo no tamanco, e quando de manhã você vai tomar banho, os banheiros são imundos, você então usa o tamanco para não sujar os pés. O tamanco era, portanto, o utensílio mais útil para um preso.

Tive algumas conversas com o Cristiano, mas não muitas. O seu filho, Marcelo Cordeiro, foi quem me aproximou de Cristiano. Ele era uma figura maravilhosa. Nunca reclamou do que havia sofrido, nem da postura do Partido Comunista. Ele contava os fatos que haviam acontecido, mas nunca reclamava nem acusava ninguém.

Na Revolução de 64, eu estava em casa trancafiado, estudando dia e noite para o concurso de professor catedrático, de maneira que não fui incomodado. Até porque eu não era perigo para ninguém.

A juventude

Como todo rapaz, tive muitas namoradas. Mas eram namoros medievais, platônicos, que nem se comparam com os de hoje. Todo fim de semana ia com os colegas para o bairro do Recife, onde fazíamos as nossas noitadas. Entretanto, nunca fui boêmio, porque meu pai era um homem que gostava de dormir cedo e quando todos os filhos estivessem em casa. Não podia chegar depois das dez horas da noite. Era uma questão de consciência. Ele sabia que eu podia chegar na hora que quisesse, porque tinha a chave da casa. Mas eu sabia que papai não dormia, ficava preocupado. Isso limitou muito as minhas atividades boêmias.

Fui sócio membro do Clube de Xadrez, que funcionava em cima da Leitaria Vitória, na Rua do Imperador. Nunca participei de atividades literárias, minhas leituras eram orientadas por meus irmãos. Desde cedo comeci a ler Monteiro Lobato, Júlio Verne, Eça de Queiroz e Machado de Assis; fui muito bem orientado.

Gostava muito de cinema e as idéias do meu irmão Evaldo me influenciaram bastante. Ele não abria nenhuma concessão ao cinema falado; ele dizia que a linguagem do cinema é a pantomima

Havia vários cinemas naquela época: Parque, Moderno, Royal, na Rua Nova, que eu apreciava, porque passava muitos filmes de *cowboy*. Havia cinemas nos subúrbios. Depois construíram o Art Palácio e o Trianon.

O trabalho na universidade e os cursos nos Estados Unidos

Quando voltei, em 1953, para a universidade, vindo dos Estados Unidos, sabia que meu caminho era a dedicação exclusiva na universidade. Entrei em 1971, nesse regime de trabalho, como um dos pioneiros, com bolsa [de estudos] do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] suplementando meu salário, sem nenhum vínculo empregatício, sem garantia nenhuma. A bolsa do CNPq atrasava até três meses o pagamento. Mas fechei o consultório, deixei tudo e passei a fazer aquilo que desejava.

Formei-me em 1948. Desde o segundo ano médico ajudava meu irmão no seu laboratório de análises e quando que me formei continuei trabalhando com ele por algum tempo.

Depois fui para Chicago, nos Estados Unidos, onde após dois meses o edifício em que morava incendiou e só consegui salvar minha mulher vestida de camisola. Perdi passaporte, dinheiro, tudo. Depois disso quis voltar para o Brasil, mas minha mulher disse: "Não volta não. Se você voltar vai ser um indivíduo frustrado a vida toda e jamais conseguirá se libertar". Resolvi seguir os conselhos dela e fiquei até o fim. Completei a minha bolsa outorgada pela Fundação Kellogg; só não defendi a tese de mestrado, porque o mestrado, naquela época, não era reconhecido no Brasil. Trouxe a tese e usei-a para um concurso de livre-docência, definindo minha posição na Universidade [Federal de Pernambuco].

Quando ocorreu o incêndio, ficamos durante cerca de um mês comendo uma vez por dia por falta de dinheiro. E só tínhamos essa refeição porque havia um brasileiro, Metry Bacila, que hoje é professor de bioquímica no Paraná, que nos convidava para a sua casa. Ninguém sabia da nossa situação; sabiam que estávamos apertados, mas não até aquele ponto. Perdemos todas as roupas e minha esposa usava vestidos doados pela Cruz Vermelha, enquanto eu vestia roupas emprestadas do Metry, que pesava mais de cem quilos; suas roupas davam três voltas no meu corpo. Mas com o passar dos tempos, consegui me equilibrar.

Terminei meu período em Chicago, onde fiz um treinamento em histoquímica, com George Gomori que era, então, a maior autoridade do mundo nesse assunto. Depois, me transferi para a Universidade de Michigan, e fui aprender embriologia humana com Braley Patten e histofisiologia de glândulas endócrinas com Burtan Baker. Foram dois anos de muita luta, não foi fácil. Era bolsista da Kellogg Foundation.

Fui uma criança criada sob a proteção de uma estrutura familiar rígida; meus irmãos se consideravam meus pais e eu tinha que pedir licença a todo mundo para tudo que quisesse fazer. O período que passei nos Estados Unidos, longe da estrutura familiar, valeu como uma psicanálise porque fui obrigado a resolver meus problemas sem ajuda de ninguém. Quando saí do Brasil era uma criança, quando voltei era um adulto.

O trabalho na Faculdade de Odontologia

Fiz um concurso de catedrático na Faculdade de Odontologia e fui aprovado com distinção. O diretor da Fundação Kellogg, que me acompanhava muito de perto, veio a mim e disse: "Hélio, agora você é o chefe. Nós podemos equipar o seu laboratório e dar tudo que você precisar para o ensino e para pesquisa. Mas há um problema, você foi treinado para ser professor em medicina e está com a cátedra em odontologia. Nós só daremos o material se você concordar em ir para os Estados Unidos para um treinamento intensivo em histologia dentária. Após esse treinamento, quando você voltar, nós equiparemos seu departamento". Larguei minha clínica e fui passar mais seis meses nos Estados Unidos e de lá fui a Inglaterra a convite do professor Pearse e do Conselho Britânico, por igual período.

Quando voltei ao Brasil, a Fundação Kellogg deu tudo o que eu precisava e montamos um Departamento de Histologia, na Faculdade de Odontologia da UFPE, que foi considerado, pela ABENO [Associação Brasileira de Ensino Odontológico] e pela CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior], como a cadeira padrão do Brasil. Recebíamos professores de várias faculdades de odontologia brasileiras para serem treinados e adestrados por nós. Realizamos essa façanha graças ao apoio da Fundação Kellogg.

Depois houve uma reforma universitária que me frustrou muito porque a odontologia acabou como curso. A integração que nós tínhamos com os colegas clínicos desapareceu; foi criado um fosso muito grande entre as cadeiras clínicas e as básicas, o que na minha opinião, foi extremamente destrutivo. Além disso, o fato de juntarem odontologia com medicina não foi na minha opinião nada proveitoso, pois isso trouxe uma série de problemas de relacionamento humano.

O trabalho com ensino programado

Em 1967, recebi uma carta vinda de Porto Rico, do professor Norman Harris, dizendo que tinha recebido 250 mil dólares do governo americano para desenvolver uma experiência educacional com o ensino programado em histologia. Ele era professor de histologia em Porto Rico e tinha solicitado à OEA e à Fundação Kellogg que indicassem um especialista sul-americano para acompanhá-lo nesse trabalho, que estava previsto para

ser realizado em dez anos. As duas instituições indicaram o meu nome. Na carta ele me convidava para ir a Porto Rico e a passagem já estava na agência da PanAm, no Recife. Como eu não sabia o que era ensino programado, perguntei na universidade. Mas só uma única pessoa me deu alguma informação. Foi um amigo meu, Romildo Pessoa, que era do Departamento de Matemática. Eu disse: "Romildo, você já ouviu falar nisso? Leia esta carta". E Romildo disse: "Hélio, eu não sei, mas já ouvi referência, isso é um novo método de ensino. Agora o que este método é, eu não tenho a mínima idéia". Terminei trabalhando dez anos junto com Norma.

O ensino programado mostrou que se pode aumentar, consideravelmente, a produtividade do ensino. A idéia é que ao invés de o professor dar aulas, a aula passaria a ser apresentada com recursos audiovisuais. Usávamos um sistema de aferição contínua, que naquela época era extremamente difícil de operar pois não tínhamos ainda os recursos que hoje a informática oferece. As aulas eram preparadas por um especialista da equipe e revistas por 14 professores, para, então, se chegar a um acordo sobre o roteiro definitivo. O interessante é que os alunos de Pernambuco tiveram o mesmo aproveitamento dos alunos de Porto Rico e outras universidades americanas. Depois levei o método para testar em Moçambique, Angola e Coimbra, e os resultados foram idênticos.

Apesar da aceitação por parte dos alunos, houve uma reação contrária muito forte dos professores brasileiros, que diziam que nós íamos desempregá-los. Nessa época Marcionilo Lins resolveu fazer um inquérito para saber o que os alunos achavam dos cursos e, na área médica, eles foram unânimes em dizer que a cadeira de histologia superava as outras, e que estas deviam adotar a mesma metodologia. Imaginei que o resultado desse inquérito iria ser bom para o nosso trabalho, mas aconteceu o contrário.

O trabalho foi interrompido. Cortaram a verba de que dispunha e tudo ficou muito difícil, já que aulas audiovisuais necessitavam de reposição imediata, quando quebrava ou falhava o material. Quando pensei que me fossem dar meios para sublimar o trabalho, tudo foi destruído.

A experiência em instituições internacionais

Em 1968, fui para a Inglaterra e passei seis meses trabalhando no Hospital Hammersmith, com Pearse. Ele tinha estado no Recife, visitando nosso laboratório na Faculdade de Odontologia, que se localizava no Derby, onde hoje funciona o Restaurante Spettus. Eu estava aplicando,

no Recife, uma técnica, que tinha aprendido nos Estados Unidos com Robert Hunter. O Pearse não tinha essa técnica montada no hospital. Ele era, na época, inegavelmente o maior especialista em histoquímica do mundo e me convidou para ir a Londres, passar seis meses, para repassar essa técnica. Estava acostumado a ir aos Estados Unidos e trabalhar naqueles laboratórios americanos onde a fatura era muito grande. Mas no Hammersmith não era bem assim; as verbas eram poucas, o laboratório era muito pobre e pequeno, com diversos estagiários que congestionavam o próprio laboratório. Nos seis meses que estive em Londres, não só montamos as técnicas, mas realizamos dois trabalhos de pesquisa que foram publicados em conjunto com Pearse e outros colegas brasileiros, que trabalhavam no laboratório.

Um dos estagiários em Londres era um assistente de histologia de Coimbra. Fizemos uma excelente amizade, durante os seis meses em que trabalhamos juntos, e ele insistiu para que eu fosse a Coimbra. Quando fui a Coimbra, ele me apresentou ao catedrático, que era o professor Tavares de Sousa. Este era presidente da Sociedade Anatômica Portuguesa, e naquela época eu era o presidente da Sociedade Brasileira de Anatomia. Foi uma alegria muito grande e ele me convidou para proferir a conferência de abertura no congresso de anatomia da Sociedade Anatômica Portuguesa, que seria realizado no Porto. Eu fui e levei toda a experiência que havia adquirido nos trabalhos com Norma Harris sobre ensino programado.

Tavares de Sousa era também professor de histologia, na Universidade Lourenço Marques, hoje chamada de Maputo, em Moçambique. Ele não gostava de viajar, e tinha que sair todo mês de Lisboa, voar mais de 10 horas até Moçambique, dar uma ou duas aulas, e voltar para Portugal. Ele desejava usar nosso método de ensino programado para se livrar desse sofrimento.

O método já havia sido testado no Brasil, na cidade do Recife, em Porto Rico e em outras universidades americanas, e Norma Harris queria saber como esse método funcionaria em situações sócioeconômicas, étnicas e culturais, completamente diferentes. Portanto, a África era o ideal para nós.

Tavares de Souza arranhou com o Ministério do Ultramar português as minhas passagens e hospedagem. Fiz uma cópia dos *slides* e das fitas magnéticas, levei todo o material programado para lá. Quando cheguei, fui recebido pelo diretor da Faculdade de Medicina. Esse senhor

disse: "Professor, eu vou te prevenir, não fiques sentido, mas o teu método vai fracassar com uns dez ou doze alunos que temos aqui e que representam a escória da universidade. São 12 negros da Suazilândia que não podem estudar na África do Sul, por causa do *apartheid*, mas, devido a convênios com o Governo português, vêm estudar em Moçambique. Eles são péssimos alunos, não aprendem nada". Quando acabou a primeira aula, perguntei a um deles o que tinha achado e senti que o rapaz não falava português. Mandei buscar as matrizes em inglês, com Norma Harris e, a partir desse momento, dei um curso bilingüe. Quando fizemos a prova, estatisticamente, não havia nenhuma diferença entre o aproveitamento dos brancos portugueses e dos 12 negros.

Nessa época, eu já conhecia os anatomistas portugueses devido a esse trabalho em Moçambique e à participação em congressos. Tinha criado junto com eles, a Sociedade Luso-Brasileira de Anatomia. O professor Nuno Grande, diretor da Faculdade de Medicina e vice-reitor da Universidade de Luanda, sabendo do sucesso em Moçambique, me convidou para ditar o curso em Luanda, onde encontrei os melhores alunos que vi em toda a minha vida. Ao contrário de Moçambique, onde havia muita segregação racial e a influência da África do Sul era muito forte, Luanda era diferente. Posso mesmo dizer que cerca de um terço dos alunos era brancos, um terço negros e um terço mestiços. Luanda parece muito com Salvador. A escola era pequena e o laboratório também. Eram cerca de 150 alunos, e existiam poucos microscópios. Mas histologia ninguém aprende só com aula teórica, tem que se facultar o laboratório para os alunos, fora do horário de aula. Os alunos propuseram estabelecer um horário, onde um grupo ficaria de 18 às 22h; outro grupo de estudantes ocuparia o laboratório das 22 às 2h. da madrugada, e o outro, de 2h da madrugada até as 6h da manhã. Não acreditei que isso funcionaria. Para mim eles estavam brincando comigo. Fui ao cinema com um amigo, e à meia-noite fomos fiscalizar o laboratório. Estavam todos estudando; eu nunca vi uma coisa daquelas. Eles aceitaram o método com muito entusiasmo. É um método muito interessante, porque o professor não é a figura principal; o que interessa não é o brilhantismo do professor, mas sim o aproveitamento dos alunos. Resultado: foi um sucesso tão grande, que me convidaram para ficar lá definitivamente. Entretanto, havia a guerra civil e eu não nasci para ser herói. Voltei para o Brasil.

Depois veio a Revolução dos Cravos em Portugal e um belo dia chegou, no Recife, o Tavares de Sousa. Ele tinha vindo para um congresso em São Paulo, pensando em lá me encontrar, mas não fui a esse congresso. De São Paulo veio ao Recife e disse: "Hélio, eu vim ao Brasil para falar com você. A situação em Coimbra está muito séria porque houve a revolução e os alunos estão cheios de poderes nesse período de es-querdismo pós- revolucionário. Eu quero que você leve seu método para lá".

Ele me convidou para ser catedrático em Coimbra. Como nessa época eu estava muito contrariado no Recife, achei que era uma ótima oportunidade para passar um período fora. Mas a minha licença da uni-versidade foi negada, apesar do pedido formal de Coimbra. Resolvi ir de qualquer forma. Não poderia perder essa oportunidade. Tirei minha licen-ça-prêmio, e fui para Portugal.

Quando cheguei em Coimbra, a situação política era muito mais séria do que havia previsto. O Tavares de Sousa era um homem de direita e não era estimado pelos alunos. Como cheguei em Portugal trazido por ele, os alunos concluíram que eu estava ali por um pedido feito aos gorilas brasileiros, a fim de liquidá-los com uma metodologia diabólica. Marquei uma reunião com os alunos para discutirmos o ponto crucial da discórdia. Exigia aulas e provas práticas. Eles diziam que nunca, na história de Coimbra, tinha sido feita uma prova prática de histologia. Eu reu-ni os 250 alunos e disse: "Se eu colocar uma laranja sobre a mesa e in-dagá-los se ela é doce ou ácida, sem provar, vocês identificariam? Poderiam dizer com certeza absoluta? Não. Assim não podem prejudicar se essa prova será para liquidá-los, ou não, antes de se submeterem a ela".

A nota passou a representar a média aritmética da prova escrita, que era uma prova de múltipla escolha, com a da prova prática, onde nós colocávamos 50 microscópios, cada um com uma estrutura dife-rente, e dávamos um minuto para ser diagnosticada cada estrutura. Sugerí que, ao invés de estabelecer a média aritmética, iríamos tomar as notas separadamente. No término do curso, os alunos decidiriam se deveria ser considerada apenas a nota da escrita ou a média aritméti-ca. Eles aceitaram a proposta.

Quando fizemos a primeira prova, as notas foram equivalentes. Es-tatisticamente, não havia nenhuma diferença significativa entre os resul-tados da prova prática e da escrita. A média aritmética da prática era até um pouquinho mais alta. Dois alunos conseguiram o valor máximo. Afixei

os resultados e eles ficaram muito contentes. Disseram-me que eu havia me equivocado na correção, porque, em Coimbra só se outorgava o valor máximo aos filhos de professores. A universidade havia se transformado numa estrutura feudal. Mesmo o grupo novo que estava assumindo seus destinos ainda não tinha experiência, nem iria conseguir destruir aquela estrutura, com facilidade. Não consenti que modificassem as notas outorgadas. Nessa ocasião, para os alunos, me transformei num reformador social, quando nunca fui nada disso.

Quando o curso terminou, as notas da prova prática estavam muito acima das da prova escrita, como sabia que iria acontecer. Para eles, foi um resultado surpreendente. Apliquei então um questionário para os alunos avaliarem o curso. Naquela efervescência política, os alunos disseram que aquele era o único método socialista que eles tinham conhecimento, porque era dado o mesmo material a todos os alunos e todos tinham as mesmas possibilidades de aprendizagem. Tudo era absolutamente igual para todos, podia ser pobre ou rico. Levei para Norma Harris, em Porto Rico, o resultado desse questionário. Ele ficou felicíssimo.

Nesse período, fui eleito para o Conselho Pedagógico da Universidade, onde contribuí para reestruturar o ensino universitário na faculdade de medicina. Tinha a experiência adquirida em Porto Rico e no trabalho feito junto com Heleno Castelar, na Pró-Reitoria de Planejamento da UFPE.

Desejava permanecer em Portugal porque, pela primeira vez na vida, estava tendo todas as condições ideais de trabalho que desejava.

Eu estava satisfeitíssimo, mas minha senhora não se adaptou em Portugal. Os filhos ficaram no Brasil e ela entrou em depressão. Ou eu ficava lá com a sua saúde se agravando progressivamente, ou rescindia o contrato voltando para o Brasil. Voltei e reassumi no Recife. Mas não posso negar que essa estada em Portugal foi uma experiência muito boa para mim. Aprendi muito.

A atualização na Inglaterra

Havia passado dez anos fora da bancada, sem trabalhar em pesquisa. Nesse período havia surgido o microscópio eletrônico, a imunocitoquímica, e me sentia completamente desatualizado. Consegui, graças ao Conselho Britânico, uma reciclagem na Inglaterra. Essa atualização foi

extremamente útil para mim, mas trouxe-me grandes constrangimentos, porque, quando solicitei as passagens ao CNPq, já que o Conselho [Britânico] arcaria com a minha hospedagem, eles negaram. Bloquearam a minha licença de afastamento do país por anos sucessivos, até que soube que estava sofrendo uma cassação branca no DSI, sob a alegação de que eu havia assinado um manifesto favorável a Fidel Castro. Sabendo disso, fui à Brasília, conversei com o coronel do DSI e provei que, simplesmente, não podia ter assinado nenhum manifesto a favor de Fidel, porque naquela época estava nos Estados Unidos estudando. Fui retirado da lista e me reembolsaram o pagamento das passagens à Inglaterra, que eu tinha feito anteriormente.

Prefiro não saber quem fez essa denúncia, por pensar que deve ter sido alguém muito ligado a mim. Após a anistia, um amigo meu, que é deputado, se ofereceu para procurar saber quem tinha feito a denúncia, mas não quis. Suspeito que deve ter sido alguém da universidade. Monsenhor Ferreira Lima, então pároco da Catedral de Brasília, me disse certa vez: "Hélio, meu filho, eu acho que você é a única pessoa que conseguiu se safar dos arquivos do DSI".

Minha experiência na Inglaterra, nessa época, foi muito útil. Desenvolvemos uma linha de pesquisa sobre a secreção de insulina em marsupiais; timbu e gambá. Esses animais por serem muito primitivos, têm um tipo de secreção diferente. Publicamos diversos trabalhos no exterior sobre o assunto.

As relações de interesse na universidade

Cometi um erro de avaliação muito grande na universidade. Pensei que se produzisse cientificamente, teria reconhecimento. Não queria reconhecimento em termos de cargos administrativos; isso nunca desejei. Mas gostaria que me fosse dado material que permitisse melhorar a minha produção científica. Achava que, publicando como sempre publiquei, nas melhores revistas do mundo, fosse merecedor de melhores condições para desenvolver projetos mais complexos. Mas, ao contrário, nunca recebi nada especial. Entretanto, vi indivíduos medíocres serem amparados, terem verbas especiais, montarem laboratórios magníficos; simplesmente porque viviam bajulando os reitores e as direções que imperavam na universidade. O preço que teria que pagar para ter equipamentos sofisticados, adquiridos pela universidade, era um preço muito alto. Nunca paguei

esse preço. Para mim, essa moeda ainda hoje não foi cunhada. Então, comecei a lutar para conseguir subvenções próprias. Obtive fundos da Fundação Kellogg, do Conselho Nacional de Pesquisa [CNPq], da CAPES, da FINEP, do Conselho Britânico, da União Européia e da Fundação Banco do Brasil. Essa última fundação creio que investiu cerca de um milhão de dólares em equipamentos para meus trabalhos. Tudo conseguido a fundo perdido, custo zero para a universidade. Mas ela nunca me deu um muito obrigado.

Quando fiz a minha livre-docência em odontologia, as escolas de medicina e odontologia foram separadas. Fiquei como catedrático interino, até que fosse realizado o concurso. Fui para os Estados Unidos, fiz nova tese e fiquei aguardando o concurso. Mas, devido a problemas de ordem burocrática, o concurso só foi realizado seis anos depois. Quando eu estava há cinco anos na interinidade, o presidente da República, Juscelino Kubitschek, assinou um decreto efetivando na função todo funcionário público que estivesse interino há mais de cinco anos. Mas, não sei se por excesso de vaidade ou infantilidade, mandei um ofício à Reitoria, renunciando aos direitos que o decreto de Juscelino me dava e pedi abertura do concurso público de títulos e provas. Fiz o meu concurso e passei com distinção. Portanto, não devo nada a ninguém e isso me deu a liberdade de ser muito franco, de discordar e questionar. As minhas divergências não eram doutrinárias, mas operacionais. Nunca me encaixei dentro do sistema imperante da Universidade [Federal de Pernambuco].

A aposentadoria na universidade

Na minha opinião a reforma universitária destruiu a universidade brasileira porque extinguiu a cátedra. Não é que o catedrático fosse uma figura fundamental, mas havia alguma disciplina e hierarquia científica dentro dos departamentos. Com a reforma, eu que tinha dez anos de aprendizagem no exterior, havia trabalhado nas melhores universidades do mundo e era bolsista nível "A" do CNPq, tinha a minha opinião contestada por recém-contratados. Como as soluções que propunha nem sempre eram as de mais fácil execução, era sistematicamente derrotado. Foi isso que me levou à minha aposentadoria da universidade. Quando me convenci de que estava fingindo que ensinava e os alunos estavam fingindo que aprendiam, fui à Reitoria e pedi minha aposentadoria.

Quando levei meu pedido de aposentadoria à universidade, solicitei ao reitor que me permitisse continuar a trabalhar no laboratório da universidade, como bolsista do CNPq. Ele argumentou, dizendo que eu estava pedindo aposentadoria para ser recontratado, a fim de receber dois salários. Respondi que a idéia de ser recontratado nunca havia passado pela minha cabeça, e que ele podia ficar tranqüilo. A minha aposentadoria foi assinada num tempo recorde: 48 horas.

O grupo com que trabalhei em Leicester, na Inglaterra, transferiu-se para Aberdeen, na Escócia. De lá me escreveram convidando-me para continuar a antiga cooperação científica. A essa altura eu não ensinava mais na universidade, estava no Aggeu Magalhães [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães] e por isso foi tudo muito mais fácil. Eu era o vice-diretor e André Furtado era diretor do Aggeu, nós falávamos a mesma língua, sentíamos que estávamos necessitando de um arejamento. Fechamos o convênio, fui para Aberdeen várias vezes e numerosos trabalhos passaram a ser publicados.

Fazemos uma pesquisa integrada, onde o trabalho não tem dono, mas representa o pensamento de um grupo heterogêneo de especialistas. Assim conseguimos fazer trabalhos com pesquisadores europeus e norte-americanos, mas jamais com brasileiros. O pesquisador brasileiro sofre de uma endogenia terrível. Ele se acha o dono de tudo, na sua maioria. Não tem mentalidade para participar de um projeto de pesquisa integrado. É muito difícil conseguir alguém que não seja contaminado por essa "doença". As tentativas que fiz de trazer colegas de São Paulo ou do Rio para a nossa pesquisa sempre resultaram em fracasso. Eles queriam impor condições absurdas como grandes quantias em dinheiro ou a autoria do projeto, quando a autoria principal, em toda parte do mundo, é do dono da idéia.

"O pesquisador brasileiro sofre de uma endogenia terrível. Ele se acha o dono de tudo."

No Reino Unido nosso trabalho em grupo conseguiu prosperar. Desenvolvemos no CPqAM um projeto de pesquisa sobre as funções das glândulas de *Brunner*. Estas glândulas existem no duodeno e ninguém sabia a sua função. Nós descobrimos, trabalhando em conjunto com o grupo de Nottingham e de Aberdeen. Sozinho jamais teria conseguido fazer esse trabalho. E nenhum deles, também, jamais poderia tê-lo feito,

porque são excelentes patologistas, imunologistas e bioquímicos, mas não são morfologistas.

O ingresso no Aggeu [CPqAM]

Quando me aposentei na universidade, sabia da existência do Aggeu Magalhães [CPqAM], mas nunca imaginei a possibilidade de nele trabalhar. Nessa época, o Aggeu Magalhães não era instituição que atraísse ninguém.

Depois de aposentado, com as minhas economias, comprei um terreno na Praia de Tamandaré, construí uma casa à beira-mar e fui para lá terminar os meus dias em Tamandaré. Todavia, um certo dia, André Furtado foi a Tamandaré e solicitou que eu voltasse ao Recife, pois Sérgio Arouca e [Carlos] Morei, presidente e vice-presidente da Fiocruz, respectivamente, estavam à minha espera. Eles iam desativar o Aggeu Magalhães por falta de produtividade científica, argumentando que o gasto com a sua manutenção não era compensado pela sua produção científica. Morei pediu a Arouca uma última oportunidade, pois ele, como pernambucano, não se sentia bem vendo o Aggeu Magalhães acabar durante a sua gestão.

"Eles [Morei e Arouca] iam desativar o Aggeu Magalhães por falta de produtividade científica, argumentando que o gasto com a sua manutenção não era compensado pela sua produção científica."

Resolveram, portanto, chamar uma pessoa de fora, com reconhecida capacidade administrativa, para colocar a casa em ordem. Essa pessoa foi o André Furtado, que foi escolhido como diretor do Aggeu Magalhães. Mas ele condicionou a sua contratação para o CPqAM à minha, para exercer o cargo de vice-diretor. Primeiro, porque ele não era médico, mas biólogo e, segundo, porque queria uma pessoa de sua confiança entendida em planejamento, e eu tinha dez anos no Projeto de Porto Rico.

Pedi um prazo para pensar. Fui para casa "aperriadíssimo", contei tudo à minha mulher, e no mesmo dia, às 7h da noite, fui à casa de André, onde Ana, sua esposa, tinha preparado um jantar muito bom para mim, Arouca e Morei. Ao sair de casa, Jaci, minha esposa, perguntou: "Você aceita ou não aceita?". Eu respondi: "Não, eu não aceito. Já tive raiva demais na universidade. Não vou me meter numa confusão dessa ordem agora que estou com minha casa em Tamandaré e gozando a vida que pedi a Deus". Mas André só aceitaria se eu aceitasse. Ou iam

os dois juntos ou não ia ninguém. Então Jaci disse: "Sabe qual é a minha impressão? Vocês vivem falando de todo mundo na universidade. Não há reitor nem administrador que preste, na opinião de vocês, e, na hora que aparece uma oportunidade de administrarem um centro de pesquisas em dificuldades, vocês recuam. Veja bem o que você vai fazer". Eu saí no carro para casa de André e no caminho fui pensando: "Meu Deus, o que é pior para mim? Enfrentar esse desafio ou agüentar minha mulher me arrojando o resto da vida?". Então aceitei. Arouca nos deu dois anos para pôr a casa em ordem. Aí André disse: "Está muito bem, mas preciso de dinheiro, porque as verbas de que dispomos são insignificantes". Arouca replicou textualmente: "Não vão receber um tostão a mais. Eu seria um irresponsável se alocasse recursos da Fiocruz numa massa falida. Vocês dois não vão pôr esse Aggeu em ordem. Nem Jesus Cristo, se descer na terra, conserta aquilo. Eu só estou atendendo um pedido de Morei. Agora, vocês virem-se".

Inicialmente, elaboramos um planejamento, baseado nos estudos de John Barson, da Universidade de Oklahoma. Nós diagnosticamos as deficiências do CPqAM, levantamos as nossas metas e objetivos, criamos a estratégia a ser seguida e criamos os instrumentos de avaliação. Com isso começamos a trabalhar. Quatro anos depois, a Organização Mundial de Saúde considerou o Aggeu Magalhães como exemplo para o mundo. Outrossim, fomos parabenizados pelo Oversea Development Agency. Considero-me extremamente recompensado. Acho que essa também é a opinião de André Furtado.

Um dos pontos da estratégia de ação elaborada no planejamento era a formação de mestres e doutores, para melhorar o nível de recursos humanos. Na época, só havia um livre docente no Aggeu Magalhães [CPqAM]. Ninguém tinha mestrado nem doutorado. Nós conseguimos bolsas e mandamos pesquisadores para o exterior. Só não foi quem não quis. Até esses que não foram, não podem se queixar, pois nós trouxemos o exterior para cá. O Conselho Britânico possibilitou que Aberdeen e Nottingham, todo ano enviasse um grupo de pesquisadores para treinar o nosso pessoal, que por dificuldades financeiras, problemas familiares, idade, ou falta de domínio da língua inglesa não tenha condições de sair do país. Hoje o CPqAM é uma honra para todos nós. A atual diretoria está levando o nosso projeto para frente de uma forma muito competente e responsável. Cuida de ampliar o espaço físico, que era a última das nossas prioridades.

Na época em que Arouca queria fechar o CPqAM, todos os pesquisadores iam ser demitidos. Conseguimos aperfeiçoar esses colegas e são eles que hoje fazem o Aggeu. Não foi milagre de André ou de Hélio Coutinho. Nós demos o impulso inicial, oferecemos bolsas, contatos etc, e eles tocaram para frente e se dedicaram de corpo e alma. Chega a haver uma emulação exagerada entre alguns pesquisadores, que ficam disputando espaço. Há uma concorrência, que é o sinal de vitalidade da instituição. São essas pessoas, que iam ser demitidas por falta de produtividade e que hoje estão aí, pontificando, no cenário científico nacional.

Estou felicíssimo e acho o CPqAM uma instituição maravilhosa. Eu tenho mais de 70 anos e continuo indo lá, fazendo minhas pesquisas, meus trabalhos, só que não pertenço mais ao quadro do Aggeu, trabalho com uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa.

Quando me aposentei na universidade, houve uma verdadeira luta de pessoas querendo se apropriar dos meus equipamentos. Na realidade, esses equipamentos eu os consegui em regime de comodato e era responsável pela guarda dos mesmos. Quiseram tomá-los mas, felizmente, consegui que a lei prevalecesse e os transferi para o Aggeu Magalhães. Tudo o que tinha conseguido, através de convênios para a universidade [UFPE], está no Aggeu. Fiz um levantamento do material, junto com pessoas da própria universidade, designadas pelo reitor, provei que todos aqueles equipamentos haviam sido adquiridos em regime de comodato e os transferi para o Aggeu. Brincava muito com Morei, dizendo que o melhor negócio que a Fiocruz podia ter feito havia sido a minha contratação, porque eu trouxe para cá cerca de dois milhões de dólares em equipamentos e material de consumo. De acordo com o salário que me pagavam, para chegar aos dois milhões teria que viver mais de 200 anos.

Isoladamente, ninguém pode fazer nenhuma pesquisa séria. Nenhuma pesquisa de alto nível é feita por um único pesquisador. Você tem que se reunir em equipes multidisciplinares, com a participação de pesquisadores locais, nacionais ou estrangeiros, tendo como unidade integradora o projeto de pesquisa. Entretanto, a pesquisa brasileira carece dessa integração. Eu li há alguns anos uma entrevista de Zeferino Vaz, criador de universidade em Ribeirão Preto e Campinas, onde ele dizia que a solução do problema da pesquisa no Brasil era simplíssima. Bastava que se estabelecesse algumas prioridades e a primeira delas seria o cérebro. No Brasil ocorria exatamente o oposto. Edificavam-se prédios

para depois pensarem em equipamentos, bibliotecas e, por último nos pesquisadores.

"Isoladamente, ninguém pode fazer nenhuma pesquisa séria. Nenhuma pesquisa de alto nível é feita por um único pesquisador. Você tem que se reunir em equipes, com pesquisadores locais, nacionais ou estrangeiros, tendo como unidade integradora o projeto, a pesquisa."

Foi baseado nessas prioridades de Zeferino Vaz que nós montamos o projeto de recuperação e otimização do Aggeu Magalhães, que foi todo centrado, inicialmente, no material humano, no adestramento dos cérebros. Depois, para a compra de equipamentos conseguimos verbas da OMS e de outros convênios. Nós precionávamos todos os pesquisadores a mandarem seus projetos ao CNPq, a fim de obterem os seus próprios recursos e não ficarem dependentes da instituição. Nenhuma instituição de pesquisa do mundo pode manter seus pesquisadores. O pesquisador é que tem que estar preparado para solicitar os recursos que precisar, e para isto tem ter bom CV para poder angariar recursos junto a agências de fomento à pesquisa.

A atual gestão, tem se empenhado em concluir a última etapa dentro das prioridades de Zeferino Vaz: já tínhamos pessoal treinado, a biblioteca informatizada e os equipamentos que permitem realizar pesquisas do mais alto nível, faltava espaço. Foi então que a nova diretoria resolveu lutar por mais espaço. Quando fomos convocados para administrar o CPqAM, o prédio estava pronto mas não tinha nada; nem gente, nem material, nem coisíssima nenhuma. Era uma tristeza.

No Aggeu Magalhães de hoje, para qualquer pesquisador, só há uma limitação: a capacidade da sua inteligência. Evidentemente, cada indivíduo tem as suas limitações, portanto, cada um progride até um certo ponto. Claro, que há desentendimentos, brigas, discussões; isso existe em qualquer lugar. Mas, cientificamente, o indivíduo só tem uma limitação que é a sua própria capacidade. Ignoro se nas demais unidades da Fundação Oswaldo Cruz ocorre isso também .





JOSÉ CARLOS DE MORAES

A infância em Quipapá

Nasci numa pequena cidade que fica na Zona da Mata de Pernambuco, chamada Quipapá, em 20 de dezembro de 1944. Terrinha boa, onde tive uma infância agradável e sadia. Acredito que a maioria das pessoas que nascem no interior tem uma vida agradável.

Cresci praticamente dentro do trabalho. Com pouca idade, talvez sete ou oito anos, comecei a trabalhar com o meu pai em atividades comerciais, pois o meu pai foi comerciante, tinha uma mercearia, e também explorava o famoso "jogo do bicho" lá no interior.

Estudei no Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira, onde fiz parte do curso primário.

A cidade de interior oferece uma série de vantagens com relação à criança, porque todos se conhecem; a maioria das pessoas ou são amigas, ou são conhecidas, ou são parentes. No grupo escolar sempre tive boas amizades. Nessa época havia os namoros e as paqueras inocentes, principalmente nas festas de São João e São Pedro, no encerramento do ano letivo, Natal e Ano Novo. São momentos inesquecíveis da minha vida.

Depois chegou à cidade um professor, veio assumir o cargo de agente de estatística do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. O nome desse professor é Amaro Matias Silva. Faço questão de registrar porque é uma pessoa a quem devo muito pelos seus ensinamentos e experiência de vida transmitidos com firmeza, inteligência e bondade, a mim e à maioria dos meus colegas de infância, ao longo de alguns anos. Uma figura humana ótima. Ele fundou em Quipapá, nos anos 50, o Externato Anchieta, e a partir dessa criação começou a haver disputa e rivalidade sadias entre o grupo escolar e o externato, assim como entre o

alunado. Minhas boas lembranças são exatamente em cima dessas disputas que existiam entre os alunos do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira e os alunos do Externato Anchieta; uns querendo ser melhores que os outros. Os alunos do grupo escolar eram o que naquela época nós chamávamos de "bossais", isto é, cheios de bossas, os modeminhos, enquanto os do Externato Anchieta eram considerados os mais estudiosos e educados. Bobagens da irreverência dos anos 50. No Externato Anchieta tínhamos que ter um tratamento diferenciado com relação as pessoas, éramos educados para respeitar as pessoas, as instituições, as datas nacionais, e o prof. Matias era muito rígido em relação a isso. Ao lado da rigidez, ele tinha o lado esportivo, coisa que não fazíamos muito no grupo escolar, como passeios a sítios e a engenhos de cana-de-açúcar em piqueniques, tomar banho de rio, escorregar nas corredeiras naturais dos rios, pois nessa região tem muito água. Se não tivesse acontecido na minha infância e adolescência esse Externato Anchieta e esse professor, eu teria pouquíssima coisa da minha infância para recordar, porque tinha o outro lado, o do trabalho, da responsabilidade com meu pai, de viajar de trem, de "jipe", de cavalo e de burro, para resolver as missões que ele me determinava. Ele tinha filiais da banca de "jogo do bicho" nos, então distritos do município chamados de Igarapeba, Periperi, Barra de Lama, São Benedito. Eu viajava para esses lugarezinhas com sete, talvez oito anos, saindo de Quipapá para resolver os negócios de meu pai. Sempre fui criado dentro dessa responsabilidade, é por isso que tenho essa rigidez comigo mesmo no cumprimento do horário de trabalho e esse vício de responsabilidade naquilo que assumo.

Na infância, por conta do trabalho, eu não tinha tempo de exercitar certas atividades desportivas como o futebol ou o voleibol, a não ser andar de bicicleta, porque quando não tinha filme no domingo, eu saía de bicicleta. Uma das grandes frustrações da minha vida é a de não saber jogar futebol. Outra é a de não saber dançar, pois não tinha tempo de ir às festas, aos bailes. Só dançava um forrozinho, mas ainda hoje tenho essa frustração de não saber dançar outros ritmos, comparando-me aos meus irmãos que são "pés-de-valsas", como o pessoal chama no interior.

O meu pai explorava também o negócio de mesas de bilhar e sinuca, consumindo com mais essa atividade o meu tempo de lazer, uma vez que eu tomava conta desse negócio com um irmão chamado Orlando. O meu pai foi o pioneiro no interior em muitas dessas coisas. Por exemplo,

o primeiro televisor instalado na cidade foi o lá de casa. O pessoal da rua entrava em nossa casa para ver televisão e minha mãe se aborrecia muito porque algumas pessoas tinham o hábito de cuspir muito no chão por causa do cigarro de palha. Esse primeiro aparelho de televisão foi um assombro, principalmente nos dias de sábado em que chegava aquele pessoal do interior, das feiras, para assistir, e ficava perguntando como é que podia uma pessoa estar falando dentro do aparelho, como podia a cabeça estar ali dentro como se fosse um milagre. Era uma coisa de admirar. E na época a transmissão era em preto e branco e, se eu não me engano, foi a TV Rádio Clube a pioneira. Essas coisas me marcaram muito porque eu ria demais com os matutos falando e comentando: "Como diabo é que pode ser um negócio desse, vem uma pessoa pelo ar, não sei como diabo entra nesse caixote".

"Esse primeiro aparelho de televisão foi um assombro, principalmente nos dias de sábado em que chegava aquele pessoal do interior, das feiras, para assistir, e ficava perguntando como é que podia uma pessoa estar falando dentro do aparelho, como podia a cabeça estar ali dentro como se fosse um milagre."

Da infância também me recordo dos famosos banhos de rio lá do interior com os colegas do grupo escolar ou do externato. Tinha um banho muito bom chamado Arieiro e também o banho do Choque. O rio era dividido em banheiros, de um lado o das mulheres, que ficava um pouco acima, e do outro, o banheiro dos homens que ficava embaixo. Todo garoto era sem-vergonha, como eu, e queria tirar uma casquinha para ver as mulheres nuas; mas era curiosidade de criança. Fora esses banhos de rio, a garotada da minha época também gostava de fazer carrinhos de rolimã, correr feito doido pelas calçadas. Cada um tinha um apelido, como: Paulo Xexéu, Boi Mamão, Nego Dito, Carrinho de Dona Guiomar, Lambú, Punaré, Tipife, Gorila, Paulo de Duvá, Zezé de Alice, Branquinha e Nitada. São tantos apelidos que não me recordo de todos. Engraçado era no dia de feira, aos sábados, nós fazendo "anarquia" com os pobres matutos que vinham à cidade.

Lembro-me também de algumas pessoas, muito conhecidas na cidade, que tinham nomes muito folclóricos e que nós, garotos, gritávamos bem alto seus nomes só para vermos as suas reações. Alguns riam, outros nos xingavam. São apelidos que jamais esquecerei: Mane Pé-de-Quengo, Lula do Gato, Zé de Moça, Xinxá, Zé Pinincha, Sebastião Tara,

Quitêra Passo-Largo, Seu Zumba, Chico Xaxá, Júlio de Bigula, Tinto, Zé Sapecão, Zé do Fuá, Ramiro Mudo, Zé do Quebra-Queixo e Porcina do Birro (bilro).

Na época da pré-adolescência eu era coroinha e ajudava na missa. Havia também uma disputa muito grande entre os coroinhas, porque cada um de nós queria falar melhor o latim, uma vez que naquela época as missas eram celebradas em latim. Todos tinham que estar com o latim muito aguçado para poder ser escolhido pelo padre, porque cada domingo ele escolhia o melhor da semana, isso era uma rivalidade sadia que contribuiu muito para o meu aprendizado.

O assassinato do bispo de Garanhuns

Nessa fase em que fui coroinha, uma das coisas que marcou minha adolescência foi o assassinato do bispo de Garanhuns, dom Expedito Lopes, pelo padre Hosana, a quem eu ajudava na missa. Isso ocorreu em 1º de julho de 1957, e repercutiu no mundo inteiro, apesar de ter acontecido em Quipapá. Eu tinha nessa data 13 anos, já era um rapazinho, e esse fato me marcou muito porque fiquei buscando um motivo e uma explicação para um padre assassinar um bispo. Naquela época, Quipapá era muito atrasada, não tinha água encanada, esgotos, maternidade e ginásio, e a energia elétrica era produzida lá mesmo, através de uma barragem no Rio Pirangí e uma turbina montada por uns americanos que por lá estiveram algum tempo. As luzes das ruas eram acesas às 18:00h e apagadas às 22:00h. Havia nas pessoas uma religiosidade muito grande, com muitas festividades na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Quipapá, em homenagens aos mais diversos santos. Hoje é dia de "São Fulano", amanhã de "São Cicrano" e tome "terço", missas, ladainhas etc. Existiam também as famosas "beatas" e algumas pessoas que até se sentiam donas da Igreja Matriz. Daí ocorriam divergências de algumas pessoas ou mesmo de famílias inteiras com o padre Hosana, por motivos que desconheço. Muitas fofocas, muitos "leva-e-tráz" ao bispo de Garanhuns, dom Expedito Lopes. Diziam: "o padre tem uma mulher, o padre fez isso e aquilo, o padre só vive viajando etc", era o que os "coroinhas" ouviam. Por diversas vezes o quiseram transferir para outra paróquia de outro município e ele sempre resistiu; daí o conflito com o bispo.

Há dois anos foi lançado um livro no mercado, que ainda não tive oportunidade de ler, sobre o assassinato do bispo de Garanhuns pelo padre de Quipapá, mas cheguei a ler no jornal a entrevista da escritora que escreveu esse livro intitulado "A Bala e a Mitra", sobre a trajetória do padre Hosana que culminou com o assassinato do bispo. Se não me engano, a escritora é filha de um dos juizes que presidiu um dos julgamentos. Pelo que li nos jornais, uma matéria muito extensa sobre o livro deu mais ou menos para entender, mas ficou uma nuvem nessa história.

Tive a oportunidade de visitar o padre na prisão numa das minhas vindas ao Recife, pois, nessa altura, eu já morava no Rio de Janeiro. Ele estava no quartel da Polícia Militar onde hoje funciona a Secretaria de Educação, atrás dos Correios, no Centro de Recife. Vivía numa prisão especial. Esse encontro foi interessante porque imaginava que ele não se lembrasse mais de mim. Eu era menino, rapazinho de 13 anos, quando o ajudava na missa. Quando cheguei eu disse: "Padre Hosana!". Ele respondeu: " Carlos, você veio me visitar?" Eu disse: "Sim, com o maior prazer". Fiquei admirado de ele ter-me reconhecido depois de tantos anos, 14 ou 15 anos depois. Então conversamos bastante. Ele disse que estava fazendo trabalhos dentro da prisão para ajudar os próximos, dando aulas aos colegas detentos, ensinando religião etc, porque nunca deixou de ser padre. Isso é um lado muito triste porque me marcou muito. Estar ali diante de uma ser humano que havia assassinado outro, hierarquicamente superior, o bispo de Garanhuns.

Melhor é passar uma esponja no quadro negro do tempo e esquecer episódio tão triste e marcante.

A divisão social em Quipapá

Em Quipapá tinha um clubezinho chamado Clube dos 58, que hoje tem o nome de Clube dos Veteranos; era o clube social da cidade. Naquela época, existiam realmente algumas castas; os "moleques-de-rua", os "filhos-de-pobre", os "filhos-de-família" e os "filhos-de-rico". Só se misturavam os "filhos-de-família" com os "de rico". Os "moleques-de-rua" eram o que hoje podemos considerar de "cheira-cola". Os "filhos-de-família" se misturavam com os filhos-de-rico que freqüentavam o mesmo clube social; já os filhos de pessoas pobres freqüentavam o Clube de Seu Arsênio. Na idade escolar tínhamos que acordar cedo para chegarmos à escola às sete horas

da manhã; era das sete às doze, não era brincadeira, com meia hora de recreio. A responsabilidade era muito grande, cantávamos todos os dias o Hino Nacional, comemorávamos toda festa cívica: Dia da Bandeira, o Hino da Bandeira, o Hino da Escola, o Hino de Pernambuco, e o hasteamento da Bandeira, Dia da República, Descobrimento da América, dia Pan-Americano, Tiradentes, Descobrimento do Brasil, Dia dos Pais, Dia das Mães, principalmente o Dia da Independência, o Sete de Setembro. Para nós era uma coisa de respeito, tínhamos sessões solenes. Também cultivávamos muito amor às árvores, tinha o famoso Dia da Árvore. Cada um tinha que levar uma árvore para plantar no quintal do grupo escolar, que era muito grande; e então passávamos a ser o dono daquela árvore, a ter respeito por ela e mantê-la para um dia colhermos os seus frutos.

Quando terminavam as aulas eu voltava para casa e almoçava, depois ia para a mercearia e banca do meu pai, eu e meu irmão chamado Orlando; éramos dos homens os mais velhos, mas éramos ainda crianças. Mamãe quase todo ano tinha um filho, era uma máquina. Teve 12 filhos, um faleceu aos sete anos de idade. Chamava-se Clóvis.

Depois chegou a fase dos namorinhos com as colegas de sala de aula, que marcam a vida da gente. O primeiro beijo, o primeiro "sarro" etc. Tempos bons aqueles! Era a Idade da Inocência.

Outra coisa que marcou muito minha infância foi com relação às perdas de pessoas que eu gostava: avós, tios, outros parentes e de amigos. Em linhas gerais, era criança e praticamente adulto ao mesmo tempo, porque tinha a responsabilidade do trabalho, tinha horário para tudo, menos para brincar.

Fui uma criança que praticamente não teve tempo de lazer, mesmo de ir ao cinema. Eu e meu irmão vivíamos revoltados porque quase nunca assistíamos a um filme, sempre ficávamos perguntando aos colegas quando terminava a sessão de cinema, como tinha sido o início do filme. Era esse sufoco. Às vezes meu pai dizia: "Vá você hoje ao cinema, no próximo sábado vai Orlando", mas nunca deixava nós dois irmos juntos, um tinha que ficar trabalhando. Meu pai falava que a única sorte dele foi ter criado os 11 filhos; ter feito o maior esforço para todos estudarem, porque todos os meus irmãos estudaram. Uma boa parte dos meus irmãos tem curso de nível superior. Começamos em Quipapá, depois em Caruaru, Recife, Palmares, Garanhuns e Rio de Janeiro, mas a maioria em Caruaru.

Quando foi criado o primeiro cinema em Quipapá, anterior ao meu nascimento, a informação que tenho é que foi criado pela paróquia. Chamava-se Cine Teatro Quipapá. Depois passou a ser de um particular, por sinal casado com uma tia minha. O nome dele era Edson Lira, ele explorou o cinema por muitos anos. E tinha uma coisa interessante no cinema, é que enquanto a família "tal" (ricaça) não chegava para se sentar na única fila que tinha cadeira (o resto era banco), o filme não começava. Se essa tal família ricaça se atrasasse no jantar ou qualquer coisa, mandava recado dizendo "daqui a pouco chegaremos para começar o filme".

Quipapá era sede de vários distritos, apesar de ser pequena, com quatro ou cinco mil habitantes. Era dominada pela Usina Asa Branca, na época muito grande, hoje no entanto está falida. A maioria das pessoas que viviam em Quipapá dependia economicamente dela. Tanto do emprego, quanto do comércio.

A mudança para Caruaru

Quando saí de Quipapá para Caruaru, já era um adolescente. Tinha feito o quinto ano primário em Quipapá, com o professor Amaro Mattias. Fui fazer o admissão em Caruaru, que era uma espécie de vestibular, e fiquei colocado em vigésimo-segundo lugar, para um universo muito grande de concorrentes. Quipapá não tinha colégio, tinha só o grupo escolar e o Externato Anchieta. Saí direto do quinto ano, fiz o admissão e passei, parece que foi em novembro ou dezembro de 1957, e no ano seguinte já estava cursando o primeiro ano ginasial. Foi uma glória para mim.

"A inauguração do posto de saúde foi um fato muito marcante para a cidade [Quipapá], porque até então a cidade não tinha um médico permanente, dependia muito do farmacêutico, um homem excelente, de uma cultura fora do comum para a época."

Nos anos 50 foi inaugurado em Quipapá o primeiro posto de saúde, pelo Secretário Estadual de Saúde, e se não me falha a memória o nome dele era dr. Petronilo Santa Cruz. O posto pertencia ao antigo Serviço Especial de Saúde, o famoso SESP, hoje Fundação Nacional de Saúde. A inauguração do posto de saúde foi um fato muito marcante para a cidade, porque até então a cidade não tinha um médico permanente, dependia muito do farmacêutico, um homem excelente, de uma cultura

fora do comum para a época. Ele não era médico, mas era mais que um médico e parteiro também. O nome dele era Cláudio Lopes; ele foi o parteiro da maioria das mulheres da cidade; inclusive a maioria dos meus irmãos nasceu com o auxílio dele. Ele tinha um espécie de laboratório, onde manipulava as drogas para fazer remédios, e todo mundo se receitava com ele e se dava bem.

A partir dos anos 60/70 Quipapá cresceu bastante em função das estradas que foram construídas ligando Maceió a Garanhuns e Maceió a Recife, da luz elétrica de Paulo Afonso, água encanada, calçamento, pequeno hospital, maternidade etc. Hoje tem até telefone DDD.

A pré-adolescência e os primeiros empregos

Mas voltando um pouco a minha pré-adolescência Tinha uns lances engraçados, porque no interior ficávamos doidinhos que a luz se apagasse, para mostrar no escuro quem tinha a lanterna mais bonita, maior número de pilhas e de melhor foco de luz. Acendíamos as lanternas à noite e tinha uma pracinha e um bar que chamávamos de "Pavilhão", que só era freqüentado pelos "filhos-de-família" e pelos "de ricos", onde nós, os "lantemeiros", nos encontrávamos para fofocar. E, quando a luz elétrica era apagada às 22: 00 hs., a dona do Pavilhão acendia um daqueles candeeiros a querosene e filamento (vela). Iluminava tudo ao seu redor. A praça era bem arborizada, com banquinhos e caramanchão. E uma das coisas que eu achava mais bacana ainda, era quando a luz elétrica apagava e cada um tinha suas paqueras para sarrar debaixo das árvores, naquele escurinho gostoso, sempre com a lanterna na mão para melhor iluminar, poder ver e tocar aquelas partes sensuais das meninhas que gostavam muito do "sarro" e nos deliciavam com os seus carinhos, nem sempre inocentes. Tempos bons aqueles!

Em Caruaru estudei em três colégios. Primeiro, comecei no Colégio Diocesano, depois no Sete de Setembro, e por último no Colégio Lia Salgado, que era público, onde terminei o ginásial. Cheguei em Caruaru com uns 13 ou 14 anos mais ou menos, e meus pais resolveram que eu deveria morar na casa de uma tia, para poder estudar. Fiquei um ano mais ou menos morando na casa dela. Com 14 anos passei a ser independente, resolvi não depender de favores de parentes para estudar, e fui trabalhar para me manter com o produto do meu esforço. Nessa épo-

ca tive alguma dificuldade com relação a questão da alimentação, tinha dia que não almoçava ou jantava, mas sobrevivi.

Comecei a trabalhar numa livraria que chamava-se Livraria Conceição e ficava na Rua da Conceição. Nessa época trabalhava o dia inteiro e de noite ia para o colégio. Na Livraria Conceição comecei varrendo o salão. Se não me engano, naquela época, nem existia salário mínimo, mas recebia o equivalente para me manter.

Morava numa pensão em cima de uma sorveteria, na Rua dos Guararapes; um barulho danado, era um quartinho muito pequenininho, com uma cama, um guarda-roupa. Só servia para dormir, pois o café da manhã era num botequim, com pão e manteiga, um pedaço de queijo ou um ovo. Comecei a ver que não dava "pé" para mim o trabalho na livraria e comecei a me interessar pela gráfica dessa livraria. Falei com o patrão, e ele me permitiu treinar uma hora por dia na gráfica. Passei a ser um bom impressor, rápido. Trabalhava por produção. A situação financeira melhorou muito. Fui chamado depois para trabalhar numa outra gráfica, a da Livraria Estudantil, que até hoje tem propaganda na televisão. Nessa gráfica fiquei um bom tempo, mas achei que deveria procurar um lugar para trabalhar em escritório, porque nesse meio tempo já estava começando a fazer o primeiro ano de contabilidade.

Minha namorada era uma menina fantástica, e um amigo meu namorava uma prima dela, e saíamos os quatro. Meu sonho era comprar uma lambreta, que estava na moda, mas não pude realizar esse sonho. Eu tinha outras prioridades.

Quando terminei o ginásio comecei a fazer contabilidade, o meu sonho era trabalhar em escritório. Foi quando saí da Livraria Estudantil e o diretor do Colégio Sete de Setembro, prof. Rubem, que também era o contador-geral de uma fábrica de estopas à base de caruá, me colocou como Auxiliar de Contabilidade, ganhando menos do que na gráfica; mas eu tinha um objetivo a atingir. Trabalhei na contabilidade da fábrica. Meses depois terminei saindo desse emprego, porque o salário era baixo.

Posteriormente fui trabalhar na primeira distribuidora de veículos em Caruaru, do famoso D.K.V. VEMAG. Em princípio como recepcionista, mas comecei a estudar caixa de marchas e a aprender a sua montagem e desmontagem. Os mecânicos a tiravam e botavam na bancada para eu mexer, com aquelas ferramentas; e eu me sujava todo, vivia com

a mão muito melada de óleo. Eu achava que era um emprego humilhante para mim, porque já estava "metido a besta". Se não fossem essas besteiras talvez hoje eu fosse um bom mecânico, não teria problema, porque um mecânico poderia ganhar mais desde que fosse um especialista. Por conta disso, saí da D.K.V. VEMAG em 1963. Nessa época eu pensei: "Vou embora para Recife, terminar o último ano do curso de contabilidade".

A mudança para Recife e o sonho com São Paulo

Cheguei em Recife em 1963 para procurar emprego, e do Recife minha meta era São Paulo. Então, Quipapá, Caruaru, Recife, São Paulo. Tinha estabelecido mais ou menos essa meta. Morando no Recife, fui trabalhar, por incrível que pareça, na montagem da COPERBO, no Cabo de Santo Agostinho, numa empresa montadora chamada Montreal Engenharia. Nessa Empresa comecei como apontador de peão, ganhava bem porque fazia hora extra e também trabalhava aos sábados e domingos, alternados.

Gostava de ir aos clubes nos fins de semana livres, paquerar e sair. Tinha, nessa época, namorada à vontade, porque era um cara bem apresentado, me vestia bem, me produzia.

O movimento de 64 em Quipapá

Nessa empresa Montreal, trabalhei na época em que Arraes era governador. E já havia todo um movimento reformista-esquerdista em Pernambuco. Em pouco tempo chegou o Movimento das Ligas Camponesas, do Francisco Julião, e o pessoal ia lá para o Cabo. Tinha muitas greves e nós fazíamos muitos comícios na COPERBO. Mas quando chegou a tal Revolução de 31 de Março de 1964, eu estava saindo da Montreal. Quando houve a deposição de Arraes eu estava lá para ver. Vi quando Arraes saiu preso do Palácio. Colocaram-no dentro de um fusca branco. Anos depois, por encantamento, Arraes voltou e está sendo governador pela terceira vez. Política é assim mesmo! Eu não tinha simpatia política por Francisco Julião, mas pelo Movimento das Ligas Camponesas.

O meu pai, apesar das suas atividades de mercearia, de banca de jogo do bicho, jogos de sinuca e de bilhar, sempre foi uma pessoa muito voltada para as questões sociais. Inclusive, quando da deflagração da Revolução de 31 de Março, meu pai foi perseguido porque tinha instalado

na cidade um serviço de som com alto-falantes colocados em postes de luz. *A história é mais ou menos assim: existia na cidade um socialista famoso, sr. Álvaro de Assis. Ele usava o serviço de som do meu pai para ler a Crônica do Meio-Dia. Todo o meio-dia ele ia lá e fazia a propaganda de sua padaria e aproveitava para ler a crônica, sempre de cunho político. Ele era jornalista autodidata. Soube que ele morreu na época do Movimento de 31 de Março, não me recordo o ano. Ele era muito voltado às questões sociais e muito ligado ao Movimento Arraes e aos Movimentos de Cultura Popular e das Ligas Camponesas. Em Quipapá ele era um líder, e meu pai gostava muito dele, admirava muito as suas idéias.*

Nessa época, quando eclodiu o movimento de 1964, Quipapá era um pólo de agitação por causa da Usina Asa Branca. Ela e a Usina Catende eram muito próximas, daí existir constante movimento dos camponeses buscando as suas reivindicações, sendo que o Francisco Julião foi mais de uma vez lá para aquelas bandas, o que arregimentava grandes contingentes de camponeses. No início do Movimento de 1964 o meu pai foi "denunciado" por um vereador, foi perseguido, e teve que se ausentar da cidade, passou uma temporada boa lá no sítio. Alguns que não conseguiram sair foram presos, como o Álvaro de Assis, o Luís Camarão, o prefeito Athos, e outras pessoas que saíram ou sumiram da cidade e ninguém nunca mais teve notícias delas. Essas pessoas eram voltadas às questões sociais. Comenta-se que algumas morreram na prisão, ninguém sabe porém as circunstâncias. O que se sabe é que houve um período negro na época do Movimento Militar de 1964, atingindo algumas pessoas daquela cidadezinha interiorana.

Bem próxima a Quipapá existe uma cidade chamada Angelim, na qual está instalada uma central de distribuição de energia elétrica para o Nordeste, receptora e distribuidora direta de energia de Paulo Afonso. No curso da Revolução de 1964, surgiu um boato de que os camponeses iriam sair de Quipapá para invadir a CHESF [Companhia Hidroelétrica do São Francisco], em Angelim, tocar fogo naquelas instalações para faltar energia no Nordeste todo. O Exército tomou conhecimento disso e invadiu Quipapá, com muitos carros, caminhões e soldados. Ficou de prontidão. Meu pai ficou alguns dias ausente da cidade, mas quando voltou não foi preso e nem abriram processo, porque muitas pessoas depuseram em seu favor; não havia motivo pelo simples fato dele deixar usar o seu serviço de som, uma vez que ele alugava o horário aos interessados.

Do sonho de São Paulo para o Rio de Janeiro

No início de 1965, já disposto a ir embora do Recife, pensei primeiro em viajar para São Paulo. Mas o destino me colocou nas mãos uma carta de elogios que recebi do Sr. Walmir Ramos, coordenador técnico da Empresa Montreal Engenharia. Eu havia sido para a empresa um empregado exemplar e, por reconhecimento, ele me convidou para trabalhar no Rio de Janeiro, na obra de ampliação da Refinaria Duque de Caxias, na parte de planejamento de obras, para saber o custo de homem/ hora, quantos peões na obra no dia tal, dia de chuva, dia de sol, equipamentos etc.

Cheguei ao Rio de Janeiro exatamente no dia 31 de março de 1965, quando o governo militar comemorava o primeiro ano da revolução. Eu ainda não completara 21 anos. Cheguei com um colega que trabalhou comigo na Montreal Engenharia, na obra da COPERBO. Ele era de Limoeiro; eu namorava a irmã dele e ele namorava a minha irmã. Além de amigos, éramos cunhados. Ele era um "bacana", o nome dele era Eraldo, mais que um irmão para mim. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, trazíamos um objetivo estabelecido de ganhar dinheiro e voltarmos depois para Caruaru ou para Limoeiro para montarmos uma lavandaria automática de roupas, porque naquela época era um movimento muito grande, moda das pessoas lavarem suas roupas nas lavandarias, a tal lavagem a seco. Pensávamos que era um filão de ouro.

No Rio de Janeiro, ficamos uma semana em Caxias passando fome, porque só comíamos uva. Era baratinha, aquela uva escura, preta. À noite comíamos sanduíche e de dia procurávamos emprego. Em princípio não quis procurar "o meu amigo da carta de elogios dada pela Empresa Montreal Engenharia", porque sabia que a Refinaria Duque de Caxias ficava muito distante do Centro do Rio de Janeiro. Queria viver na cidade e descobrir o Rio de Janeiro. Saímos de Caxias e passamos um tempo na casa de uma prima dele, no bairro de Bangu, e lá começamos a procurar emprego.

Meu primeiro emprego no Rio de Janeiro foi numa imobiliária. A minha vida era ir aos bancos pagar as coisas da empresa, manter contato com pessoal que comprava imóvel. Mas eu vi que o negócio ali era uma "barra pesada", uma espécie de arapuça. Era bem instalada, num dos melhores edifícios comerciais do Rio, no Edifício Avenida Central, recém-

inaugurado; era uma coisa fantástica. Trabalhei algum tempo sem carteira assinada.

Comecei a procurar outros empregos nas horas vagas, até que surgiu uma oportunidade de trabalhar no jornal *Última Hora*. Esse jornal já estava em decadência porque serviu muito a Getúlio Vargas. Mas eu fui trabalhar primeiramente como revisor, uma vez que lia bastante e tinha uma facilidade muito grande de descobrir erros no jornal, depois fui para a contabilidade. Trabalhei lá e coloquei como meta que: se em um ano eu não fosse descoberto pela empresa onde estivesse desenvolvendo a minha atividade, eu saía. Havia uma facilidade de emprego na época e eu nunca trabalhei mais de um ano na mesma empresa. Sempre procurava uma melhor e que me pagasse mais. Eu era o cara que mais respondia a anúncio de jornal; mandava *curriculum*, escrevia bem. Mas o tempo muda e eu fui trabalhar numa empresa chamada Construtora Rabelo, também na contabilidade. Me dei muito bem nessa empresa, pois me desenvolvi na parte de contabilidade e tive a oportunidade de ver um computador. Era um computador quase do tamanho de uma sala, ainda com cartões perfurados, parecia um "monstrengo" dentro de uma sala, mas era um computador e eu ficava doido para trabalhar naquilo; nunca consegui. Não tive muita oportunidade em termos de aumento de salário na Construtora Rabelo.

Comecei a remeter *curriculum*", e surgiu uma oportunidade de trabalhar no Lloyd Brasileiro, uma empresa pública. Nesse meio tempo eu trabalhei como auxiliar de escritório, depois como auxiliar de contabilidade, mas eu queria era ser técnico em contabilidade, queria ter na minha carteira o registro de técnico de contabilidade, como eu tenho até hoje. E foi no Lloyd Brasileiro que eu passei a exercer essa função. Isso respondendo a anúncio de jornal, fui fazer um teste e passei. Mas fiquei apenas um ano no Lloyd, ele também já estava em decadência, pré-falido, e eu vi que não tinha futuro. Comecei então a mandar mais e mais cartas para jornais.

Depois trabalhei na MONEP, uma subsidiária da Montreal Engenharia. Trabalhei um ano e pouco nessa empresa, e o gerente, um paulista, muito "bacana", tornou-se meu amigo e depois padrinho de casamento. Fazia muita amizade naquela época, porque era muito extrovertido, ao contrário do que sou hoje, totalmente introvertido. Mas comecei a colocar na cabeça que tinha que trabalhar por conta própria.

O meu amigo, que veio de Pernambuco comigo, o Eraldo, foi trabalhar numa empresa famosa, uma multinacional chamada Estacas Franki, que ainda hoje domina o mercado de estacamento de construção no Rio de Janeiro, São Paulo e, talvez, Minas Gerais. Ele trabalhou do dia 2 ou 3 de abril até o dia 13 de agosto de 1965, quando veio a falecer afogado na Prainha de Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, no sábado, dia 14. Foi uma das coisas que me chocou profundamente. Ainda hoje lembro muito desse meu amigo. Nessa época nós já morávamos em Ipanema, num pequeno apartamento. Num certo dia, a tia dele, que morava em Bangu nos convidou para passarmos um fim de semana na praia. Eu insisti muito: "Vamos, Eraldo!". E ele: "Não, não estou com vontade de sair de casa". E eu insisti muito para ele ir. Ele foi para morrer, e eu fiquei com o maior complexo de culpa por ter insistido tanto para ele ir comigo passar o fim de semana nessa praia. Foi um fato traumatizante! Fomos pescar, mas para pescar teríamos que subir numas pedras bem altas, e o mar estava muito bravio lá embaixo. Depois da subida, desceríamos até uma chapa-da, local onde as pessoas podiam pescar. E então resolvemos descer. Aconteceu que na parte mais perigosa da descida, eu estava com óculos escuros, cheguei para o Eraldo e disse: "Segura esse óculos aí um momentinho". E fui desatacar a camisa. Ele pegou os óculos, e na hora que botou no bolso, o óculos caiu e ele tentou apanhá-lo. Foi quando o vimos descendo pelas pedras, meu amigo correndo, tentando apanhar o malsinado óculos, e não parou mais, não tinha como parar, saiu embolando e bateu numa espécie de plataforma de pedra que tinha limo, escorregou e caiu no mar bravio. Ele não sabia nadar. Aconteceu de o vimos se debater, tentando se salvar, depois sumir e morrer sem podermos fazer nada. O corpo dele veio aparecer uma semana depois numa praia bem distante, lá no Recreio dos Bandeirantes, talvez levado por uma corrente marítima. Fizemos o enterro dele, sem a presença sequer de um membro da sua família. Foi um fato traumatizante. Fiquei com esse peso na consciência até hoje, e ainda me lembro dele, de o ter induzido a ir pescar, a perder a vida. Isso foi chocante. Fiquei com esse trauma muitos anos. Só parou quando fizemos a exumação dos ossos dele, alguns anos depois, no Rio de Janeiro, para levarmos para Limoeiro, para perto da sua família. Foi o destino. Enquanto o corpo não apareceu, vivi os piores momentos da minha vida, porque eu não dormia, sempre naquela esperança da chegada dele batendo na porta: "Os pescadores me salvaram". Eu ficava na expectativa de encontrá-lo vivo em algum lugar, todo sujo, barbado ou

arranhado, ou machucado, mas vivo. Era a minha última esperança. Mas Deus traçou outro destino para ele. Depois do enterro começamos a nos acalmar, começando a ver que a realidade é outra. Ainda teve o trabalho de convencimento da família, através de telefonemas e telegramas, pois ninguém aceitava uma morte trágica dessa. Mas a família dele é muito religiosa. Inclusive tem um padre, que na época era seminarista, e foi esse padre, chamado Emerson, que começou a botar na minha cabeça para eu acabar com o sentimento de culpa. Fizemos a exumação, uns dez anos depois, acho que em 1975, quando então o irmão dele levou os ossos para serem enterrados no jazigo da família, em Limoeiro.

No ano de 1968 eu já estava cursando direito, na Faculdade de Direito Cândido Mendes. Foi um ano terrível, escuridão total para a história política do Brasil. Polícia correndo atrás de estudantes, repressão violenta, mortes de ativistas, *torturas* e mais *torturas*, correrias nas ruas e quebra-quebra em todo o Centro do Rio de Janeiro. 1969 e 1970, piores ainda. Muito sangue foi derramado de irmãos nossos brasileiros. Mas é uma página que deve ser virada na história do Brasil. Ambos os lados sofreram perdas.

"Foi um ano terrível [1968], escuridão total para a história política do Brasil. Polícia correndo atrás de estudantes, repressão violenta, mortes de ativistas, *torturas* e mais *torturas*, correrias nas ruas e quebra-quebra em todo o Centro do Rio de Janeiro. 1969 e 1970, piores ainda. Muito sangue foi derramado de irmãos nossos brasileiros."

Por algum tempo, trabalhei por conta própria no Rio de Janeiro, com uma pequena gráfica de cartões de visita e confecção de pequenos talões de notas de balcão e de pedidos. Não deu muito resultado, porque os custos dos encargos sociais eram muito elevados. Problemas com empregados etc. Resolvi depois voltar a ser empregado. Menos problemas e a certeza de um salário certo no fim de cada mês.

Em resumo: trabalhei em diversas empresas no Rio de Janeiro, como Montreal Engenharia S/A, Editora Última Hora (*Jornal Última Hora*), Construtora Rabello S/A e Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, no período de abril de 1965 a março de 1971. Como era assíduo leitor de jornais, não perdia a oportunidade de sempre estar respondendo a anúncio de emprego, remetendo o meu *curriculum* para empresas privadas e órgãos públicos.

O ingresso no Serviço público: a FSESP

Minha trajetória no Serviço Público Federal começou em 1971. Foi quando entrei na então Fundação SESP, do Ministério da Saúde, em abril de 1971. Não entrei por concurso, respondi a um anúncio de jornal, mandando o meu *curriculum*. O anúncio não identificava que era para a Fundação SESP. Fiquei sem saber para onde ia. Quando fui chamado para fazer umas provas é que descobri que era para a FSESP. Hoje chama-se Fundação Nacional de Saúde. Fui trabalhar na Fundação SESP como técnico de contabilidade. Fizeram provas, tinham vários candidatos, e eu tirei em primeiro lugar. Fiquei cerca de oito meses fazendo uma espécie de estágio em todos os setores na Fundação SESP.

Fui informado de que não seria servidor da fundação, mas de um outro órgão do Ministério da Saúde. Nesse período fiquei "doido" para saber onde e em qual órgão eu iria trabalhar. De tanto insistir me deram o "bizú", e através dele descobri que eu não tinha sido liberado para o outro órgão por uma "questão interna". Então foi quando consegui descobrir, finalmente, qual era o órgão em que realmente seria lotado. O nome do órgão era Unidade de Planejamento, Avaliação, Pesquisa e Programas Especiais [PAPPE], sediado na Praia do Flamengo, 122, 1º andar. Fui procurar o superintendente, comecei a conversar e ele achou um absurdo eu ter ficado oito meses de estágio na FSESP. Ele me falou que havia solicitado à FSESP a seleção de um candidato para trabalhar na PAPPE. Falei-lhe que estava na última fase do estágio, "agora colocando papelzinho de identificação de processos e arquivando documentos". Ele disse: "Vou solicitar a sua vinda imediata para cá". Depois de ler o meu *curriculum*, ele me falou que eu iria assumir a chefia da Administração da PAPPE. Para mim foi uma surpresa agradável porque eu vim encontrar, nesse superintendente, uma das pessoas mais maravilhosas que Deus teve a felicidade de colocar no mundo. Tive a sorte de encontrar pessoas que me ajudaram muito, como ele. Fui trabalhar com esse cientista chamado Manoel José Ferreira, o famoso dr. Maneco Ferreira, como era conhecido em toda comunidade científica do país, principalmente no campo da saúde pública. Ele trabalhou na Fundação Rockefeller, a precursora do SESP, também foi diretor-geral do antigo Departamento Nacional de Endemias Rurais [DNERu], assessor do ministro da Saúde, de quase todos os ministros da Saúde. Foi diretor da Organização de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. Trabalhou nos mais importantes órgãos do Ministério

da Saúde, das Secretarias Estaduais da Saúde, também em Organizações Não Governamentais etc. Foram mais de 50 anos dedicados à causa da saúde pública do país. No final da vida, aos 81 anos, era presidente da ABIF [Associação Brasileira de Indústria Farmacêutica], que depois teve o nome mudado, se não me engano, para ABIFARMA [Associação Brasileira de Indústria Farmacêutica].

Trabalhei na PAPPE, como administrador, de 1971 até a sua extinção, em julho de 1978, porque a maioria dos órgãos do Ministério da Saúde já tinha sido transferida para Brasília, pois o presidente da República queria todos os órgãos representativos do Executivo em Brasília. O Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro, era sediado na avenida Brasil, em frente à Fundação Oswaldo Cruz. Em 1975, a PAPPE foi transferida da Praia do Flamengo para o prédio do Ministério da Saúde, na Avenida Brasil.

O dr. Maneco Ferreira era um dos homens mais famosos na área de saúde pública do Brasil, inclusive tem um posto de saúde na Rua Silveira Martins, no Flamengo-RJ, com o nome dele e inaugurado em sua homenagem quando ainda era vivo. Também tem uma rua em Ipanema com o seu nome, é a continuação da Rua Saint-Roman, onde ele morava. Através dele conheci muitas pessoas importantes, e desenvolvi um trabalho muito bom na área de administração e planejamento.

A PAPPE era uma unidade do Ministério da Saúde que, na época, era detentora de um grande orçamento. Foi a precursora da que seria chamada Secretaria-Geral do Ministério da Saúde. Trabalhávamos com diversos projetos de pesquisa. Tinha uma linha de programas de combate e controle de doenças tropicais. Pode também ser chamada da precursora do SUS [Sistema Único de Saúde], pois em 1975 desenvolveu o PIASS [Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento], tendo como projetos-piloto as cidades de Caruaru-PE e Montes Claros-MG. Nessa época também trabalhava na PAPPE o dr. Mário Hamilton, oriundo da OMS/ OPAS [Organização Mundial de Saúde/ Organização Pan-americana de Saúde]. Atualmente ele é Vice-Presidente da Fiocruz, e o conheço há mais de 20 anos.

A idéia do PIASS era a de interiorizar as ações de saúde e saneamento desenvolvidas pelo Ministério, transferindo às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde a responsabilidade pelo gerenciamento local dessas ações, com o respaldo financeiro das instituições envolvidas, cuja parcela maior era do Ministério da Saúde. Nesse período eu tinha

uma gratificação de função como administrador, ambiente ótimo. Conheci muitas pessoas boníssimas, como o dr. Ernani Braga, que foi da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, depois secretário de Saúde do Rio de Janeiro, na época da fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. Ele passou um bom tempo na PAPPE como consultor científico. O superintendente-substituto da PAPPE era o dr. Woodrow Pimentel Pantoja, egresso da Fundação SESP, que também chegou a ser secretário de Saúde do Rio de Janeiro.

Desenvolvi um trabalho muito bom e um relacionamento de amizade muito grande dentro da PAPPE. No início de agosto de 1978, o então ministro da Saúde, dr. Paulo de Almeida Machado, estava prestando uma grande homenagem a um cientista brasileiro, tendo sido convidadas várias autoridades brasileiras, também da OMS [Organização Mundial da Saúde], inclusive o dr. Maneco Ferreira. Ele estava presente na solenidade sem saber que o órgão que ele dirigia havia sido extinto. Eu, que lia todos os dias o *Diário Oficial* da União, é que vi, e pela grande surpresa tentei localizar o dr. Maneco Ferreira para lhe dar essa notícia. Ele abandonou o recinto da homenagem, indignado e com razão. O órgão foi extinto sem que lhe fosse dado conhecimento antecipado da data de sua extinção. Achei o maior dos absurdos. A maior falta de respeito para com um homem da estirpe do dr. Maneco Ferreira. Ele trabalhou no Egito, na Índia e em diversos países da América Latina, sempre na área da saúde pública e saneamento básico, na busca de condições melhores de vida para a população. Ele era muito famoso.

Depois da extinção da PAPPE, o dr. Maneco Ferreira passou a proferir palestras nas mais diversas instituições científicas do Brasil. Mas, por ironia do destino, ele morreu de parada cardíaca, três meses depois da extinção da PAPPE, no Dia do Servidor Público (28 de outubro de 1978). Um ser humano de espírito iluminado, pessoa extremamente agradável, boníssima. Cultíssimo, escrevia e falava francês, espanhol, inglês, alemão. Mas Deus o quis perto dele.

Deve ser levado em conta que o Ministério da Saúde queria transferir a PAPPE para Brasília, e o então ministro enfrentava toda a resistência do dr. Maneco Ferreira, que se recusava a ir para Brasília. Acredito que a extinção da PAPPE foi a solução extrema que o ministro encontrou para quebrar a resistência. A PAPPE, como unidade do Ministério da Saúde, foi extinta no dia 28 de julho de 1978, quer dizer, deixou de existir

como órgão, mas continuou o trabalho da extinção física, que envolveu as transferências dos servidores, dos recursos orçamentários financeiros e do acervo daquele órgão para o outro que o viria absorver. Quem absorveu a PAPPE foi a Secretaria-Geral do Ministério da Saúde em Brasília, na gestão do então secretário-geral, o dr. José Carlos Seixas.

A transferência para Brasília

Nessa época, meu nome já era muito conhecido no âmbito do Ministério da Saúde e eu fui convidado pelo então Secretário de Orçamento e Programação Financeira, dr. Márcio Reynaldo Dias Moreira, para trabalhar com ele em Brasília, numa Função de Assessoramento Superior [FAS], lotado na Secretaria-Geral. Fui ganhando um salário superior ao hoje equivalente a DAS-3, com direito a moradia; só pagava o condomínio, telefone e energia. Era um apartamento super amplo. O dr. Márcio, tempos depois e já fora do Ministério, veio a ser eleito deputado por Minas Gerais. Nesse meio tempo houve uma mudança de secretário de Orçamento e Programação Financeira. Passou a ser uma senhora, muito competente, dra. Elza Ferreira dos Santos, uma pessoa maravilhosa, educada e humana em todos os sentidos.

No Ministério da Saúde eu viajava muito, fazia uma espécie de auditoria nas Secretarias Estaduais de Saúde, sobre os recursos transferidos pelo Ministério da Saúde. Era um grupo de quatro colegas, todos do mesmo nível (assessores). Esse grupo era chamado de GTUSOF [Grupo de Trabalho de Unidade do Sistema Orçamentário Financeiro], mais conhecido, na brincadeira, de "Equipe Butantã". Só tinha "cobras" na área de orçamento e finanças. Era composto por José Carlos, Caio César, Clério Álvaro, Alcides Souza e Erasmo Ferreira, este último é o atual subsecretário executivo do Ministério da Saúde.

O GTUSOF depois foi desfeito e cada um dos seus membros tomou um novo rumo na vida, como no meu caso, que voltei para o Rio de Janeiro. Quando ainda estava no grupo viajava muito, gostava mais de ir ao Nordeste, o Centro-Oeste e o Norte. Outro gostava de ir para o Sudeste, outro, para o Sul, e nós sempre nos revezávamos. Só que eu nunca tive a oportunidade de ir ao Sul, não conheço as três capitais, porque eu sempre preferia ir ao Nordeste, porque aproveitava para visitar a minha família em Pernambuco. Esse GTUSOF criou fama dentro do Minis-

tério da Saúde. O dr. Mozart de Abreu e Lima, então Secretário-Geral, resolveu criar o que chamávamos de "Convênio Único", porque todos os órgãos do Ministério da Saúde faziam os mais diversos convênios isolados com as Secretarias Estaduais de Saúde. Então, tinha um órgão de malária, de tuberculose, de doença de Chagas, etc, fazendo convênio isolado. Existia no Ministério da Saúde uns 500 convênios. Foi quando sugerimos ao sr. secretário-geral que deveria existir um convênio único abrangendo todas as ações de saúde e saneamento de responsabilidade do Ministério da Saúde. Todas aquelas unidades repassariam recursos para um fundo único, dentro da Secretaria-Geral; e foi o que aconteceu, e com sucesso.

A Secretaria-Geral passou a ter um controle maior sobre as transferências financeiras às Secretarias Estaduais de Saúde. Dentro dessa nova filosofia de trabalho, chegávamos numa Secretaria de Saúde e fazíamos um plano operativo com o nome de Convênio Único. Repassávamos os recursos e atendíamos todas aquelas áreas que a secretaria necessitava dentro de sua programação a nível estadual. Isso foi tão importante que depois derivou no que hoje conhecemos como o SUS [Sistema Único de Saúde], anteriormente denominado de SUDS [Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde]. Essa idéia nasceu do prof. Maneco Ferreira, nos anos 70, então superintendente da PAPPE, extinta em 1978.

Na época do GTUSOF e do Convênio Único, eu fazia muitas viagens de auditoria nas mais diversas Secretarias de Saúde dos Estados. Era muito bem recebido, tenho até diploma do governo do Amapá, porque fui e atravessei o paralelo zero. Só autoridades recebiam esse diploma, pois o governador nos levava lá, fotografava etc. Nas viagens, éramos bem recebidos, éramos muito respeitados, porque para o pessoal das Secretarias Estaduais de Saúde, nos anos 70 e 80, a pessoa que lidava com orçamento e finanças era muito bem tratada. Você chegava no aeroporto e sempre tinha um carro à disposição, uma mordomia muito grande. Eu gostava disso, não só pela mordomia, mas pelas facilidades e as amizades que fazíamos. Recordo-me muito de um secretário de Saúde que chegou a ser deputado em Alagoas, José Bernardes, uma pessoa fantástica e de um outro Secretário, Almir Gabriel, hoje governador do Pará. Em São Paulo, o dr. Adib Jatene, hoje Ministro da Saúde, na época, Secretário de Saúde do governo Paulo Maluf. E vários outros secretários que fazíamos amizade mesmo. Não íamos com intenção de prejudicar, mas de ajudar e melhorar; fazia palestra para o pessoal, chamava o

pessoal da área de planejamento e de orçamento para trabalhar no Plano Operativo e no Convênio Único e fazia muita amizade, assim como também tinha as minhas paqueras. Todo o lugar que passávamos deixávamos e trazíamos sempre saudades. Tempos bons aqueles! Tenho algumas cartas de elogios dos secretários estaduais de saúde. Guardo como troféus.

Em Brasília foi muito bom; gostei demais de trabalhar no Ministério da Saúde, onde tive muitas oportunidades. Trabalhei numa área muito boa, que era de orçamento, finanças e planejamento, nas Secretarias de Orçamento e Programação Financeira [SOPF], e de Planejamento [SEPLAN], ambas da estrutura da Secretaria-Geral do Ministério da Saúde.

Nessa época havia um incentivo muito grande para a capacitação e formação de recursos humanos. O Ministério da Saúde dava muitas oportunidades e freqüentei muitos cursos de extensão. Como já era formado em direito, tive muitas oportunidades, e fiz um curso de especialização em *O&M* [Organização e Métodos], pago pelo Ministério da Saúde. Graças a esse curso, que concluí em 1982, hoje ganho uma gratificação de especialização de 18% sobre o salário-base na Fiocruz.

Em Brasília eu desenvolvi um trabalho muito bom e tenho saudades do coleguismo e do respeito mútuo, comum ao grupo. Tenho saudades de Brasília em função do tipo de emprego que eu tinha e pelo fato de Brasília ser uma cidade, até então na época, provinciana; a maioria dos seus habitantes era oriunda dos mais variados rincões do Brasil, especialmente de Minas Gerais e do Norte/ Nordeste. Não tem esquinas, praticamente não tem calçadas e as pessoas se visitam muito, criam profundas amizades. As opções de Brasília são os clubes; eu era sócio de três ou quatro, e para não virar rotina, ia num domingo a um certo clube, e no outro, a outro. E assim todos terminavam encontrando as mesmas pessoas naqueles clubes; dava até idéia de que era uma mesma família reunida todos os fins de semana

O retorno ao Rio de Janeiro e o ingresso na Fiocruz

Quando eu trabalhava no Ministério da Saúde, em Brasília, existiam projetos de pesquisas importantes em desenvolvimento na Fiocruz, apoiados com recursos do ministério. Um dos coordenadores de um dos projetos era o dr. Mário Sayeg, pesquisador e professor dos mais conceituados da Fiocruz. Esse pesquisador ia muito a Brasília para captar re-

cursos para o seu projeto e para a Fiocruz como um todo. Por coincidência, encontrei-o certo dia no Ministério da Saúde, em Brasília, quando eu estava com a maior vontade de voltar para o Rio de Janeiro. Então me aparece esse cidadão, como que enviado pela mão do destino. Nessa época, o dr. Mário Sayeg era superintendente de Planejamento da Fiocruz. Então eu lhe perguntei: "Dr. Mário, o sr. tem algum espaço para mim, dentro da minha área, na Fundação Oswaldo Cruz?". Ele disse: "Se não tiver, eu arranjo. Está querendo ir para lá?" "Estou". "Mas por que, rapaz?"; "Por questões de adaptação do clima e os meus filhos estão morando no Rio de Janeiro". Ele disse: "Vá para lá!"; "Só vou se eu tiver um emprego certo. Pedir demissão num dia e no outro começar lá". Ele insistiu: "Pode pedir!"^ eu respondi: "Não, vou esperar que o senhor telefone para mim". Poucos dias depois, para a minha surpresa, o dr. Mário Sayeg telefonou-me e disse: "José Carlos, aqui tem uma vaga de analista administrativo, de nível superior, venha imediatamente". Respondi: "Estou indo."

Pedi demissão do Ministério da Saúde em junho de 1983 e voltei para o Rio de Janeiro para trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz, sendo contratado imediatamente para o emprego de analista administrativo, com lotação na Superintendência de Planejamento, dirigida na época pelo próprio dr. Mário Sayeg. O presidente da Fiocruz era o dr. Guilardo Alves. Na Superintendência de Planejamento [SUPLAN], trabalhei no Serviço de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação [SPAA]. Nesse serviço desenvolvi diversas atividades. Era um setor da Fiocruz que nós chamávamos de "fábrica de projetos". Chegava um determinado pesquisador com uma idéia de montagem de um projeto de pesquisa e nossa equipe o auxiliava na formatação apropriada de projeto, com definição dos objetivos, metas a serem alcançadas, o detalhamento dos recursos por elementos de despesa e a indicação da fonte de recursos que deveríamos negociar para o suporte financeiro. Depois de elaborado, o encaminhávamos ao sr. superintendente de Planejamento que, depois de analisado, o remetia ao sr. presidente da Fiocruz para aprovação final. O passo seguinte era a Presidência da Fiocruz remeter esse projeto de pesquisa a uma das mais diversas agências financiadoras, tais como FINEP, CNPq, OMS, etc. A maioria desses projetos recebia o suporte financeiro dessas fontes em razão do que a Fiocruz representava e representa hoje no cenário científico do país; uma instituição de renome.

Nos anos 1983/84 o mundo já se assombrava com o fenômeno AIDS. Diversas pessoas famosas, artistas de cinema e outras personalidades mundiais morreram e estavam morrendo de AIDS. Cientistas do mundo inteiro, em instituições diversas, trabalhavam em projetos de pesquisa para vencer essa doença e isolar o vírus. No Brasil, a instituição pioneira foi a Fiocruz. Através de um projeto de pesquisa desenvolvido por um dos seus mais competentes pesquisadores, o dr. Bernardo Galvão, que recebeu o apoio do SPAA, na formatação do projeto, teve a aprovação e o suporte financeiro de uma agência de fomento, o que o possibilitou avançar na pesquisa, sendo o pioneiro no isolamento do vírus no Brasil, senão na América Latina. O dr. Bernardo Galvão, sua equipe e a Fiocruz têm esse mérito. Hoje ele desenvolve suas atividades de pesquisas em Salvador, no Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz. Também foi criado o Projeto "FINEPÃO", com um aporte financeiro de grande vulto da FINEP para o desenvolvimento de diversos projetos de pesquisa em grupo, dentro das mais diversas áreas de atuação da Fiocruz, tais como pesquisa básica, tecnológica, produção e ensino. O SPAA estava lá para ajudar e eu era parte dessa equipe. Foi muito gratificante ter trabalhado na SUPLAN/ SPAA com pessoas muito competentes, como o dr. Mário Sayeg, e posteriormente com a dra. Marília Bernardes, que o sucedeu, além da equipe formada por José Carlos, Maria Éride, Wanderley Domini, Nelson Chagas, Roberto Peixoto, Luiz Guimarães, Aparecida (Cida), Terezinha e outros colegas, no período de junho de 1983 a outubro de 1986. Fiz muitas amizades tanto na SUPLAN como na SAG [Superintendência de Administração Geral], atual Diretoria de Administração [DIRAD], tais como a dra. Silvína Marques Santiago e Ruth Costa.

O retorno a Recife e o ingresso no CPqAM

Quando eu saí da sede da Fiocruz-RJ, o presidente já era o dr. Sérgio Arouca. Na sua gestão consegui ser transferido para o Recife, para ser lotado no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM]. Por que eu vim para o Recife? Talvez por não ter pensado melhor. Mas não me arrependo. Cheguei aqui no CPqAM em outubro de 1986. Eu acho que sou um nômade. Porque a minha trajetória é incrível: Recife/ Rio de Janeiro/ Brasília/ Rio de Janeiro/Recife. Comecei a repensar a questão da família. Estar perto dos pais, irmãos e parentes. Viajar nos fins de semana para Quipapá. Mas, quando você volta, depois de tantos anos au-

sentos, a situação é outra. Os irmãos dispersos, assim como os parentes e amigos que eu mais prezava. Os amigos de infância não encontrei nenhum. Todos, assim como eu, haviam partido para encontrarem os seus destinos. Outros morreram. É a vida. Só restaram muitas saudades quando eu me procurei menino nas ruazinhas de minha cidade e não me encontrei. A cidade já não era a minha Quipapá da infância, havia se transformado num universo que já não mais me cabia. Eu agora era um forasteiro, 30 anos depois. Restou-me o consolo de ter ainda os meus pais e alguns irmãos morando lá. De Quipapá ao Recife são 200 quilômetros de distância. São 200 quilômetros de saudades da minha infância e adolescência vividas nessa cidade. Chegando ao Recife senti um choque cultural muito grande, porque saí de uma cidade como o Rio de Janeiro, acostumado com o linguajar carioca, seu sotaque, suas opções de lazer etc. Sentia até dificuldade de entender os colegas do CPqAM falando, porque normalmente, nós nordestinos, falamos muito rápidos e eu estava acostumado com as vozes pausadas dos cariocas, porque vivi 17 anos por aquelas bandas. Mas rapidinho peguei novamente o sotaque da minha origem.

"Só restaram muitas saudades quando eu me procurei menino nas ruazinhas de minha cidade e não me encontrei. A cidade já não era a minha Quipapá da infância, havia se transformado num universo que já não mais me cabia. Eu agora era um forasteiro, 30 anos depois."

Quando eu assumi o meu emprego no CPqAM, em outubro de 1986, o diretor era o dr. Ageu Magalhães [Filho], sendo o seu vice o dr. Dirceu Pessoa, que estava saindo dessa função. Posteriormente, o dr. André Freire Furtado assumiu a vice-diretoria.

Quando cheguei no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães não foi para assumir a chefia da administração, muito embora o meu *curriculum vitae* me credenciasse para tal. O administrador era o sr. Arcelino Ferreira, que já exercia a função há muitos anos. Soube que ele sempre manifestava o interesse de deixar a função, sonhava em se aposentar, mas estava esperando a aprovação do novo Plano de Cargos, Carreiras e Salários da Fiocruz para um melhor enquadramento do seu cargo. Pessoa de uma capacidade extraordinária, correta e proba. Nunca recebeu gratificação de função pelo exercício da chefia da administração, uma injustiça que a Fiocruz cometeu com ele. Meses depois, o dr. André Furtado, já

vice-diretor, designou-me a colaborar com o sr. Arcelino na administração, quando então estava surgindo a idéia de se criar no CPqAM um Núcleo Setorial de Planejamento, a exemplo dos que existiam nas diversas unidades da Fiocruz. Tempos depois, o sr. Arcelino pediu dispensa da função de administrador, quando então fui convidado pelo dr. André Furtado a assumir tal função, depois de ter lido e analisado o meu *currículum vitae*.

A chefia na Coordenadoria de Administração e Planejamento

Assumi a administração, agora com o nome de Coordenadoria de Administração e Planejamento, e assim como o sr. Arcelino, fiquei sem receber gratificação pelo exercício da função por alguns anos. Pouco tempo depois, o dr. Ageu Magalhães deixou o cargo de diretor e o dr. André Furtado assumiu o seu lugar. Como vice-diretor foi nomeado o dr. Hélio Bezerra Coutinho. Devo ao dr. Ageu Magalhães o esforço de ter feito as negociações junto à sede da Fiocruz para a minha transferência para o Recife. O dr. Ageu Magalhães é, e sempre foi de uma educação e finura ímpar no trato com as pessoas, além de sua competência, demonstrada nos longos anos em que foi diretor do CPqAM.

Ao assumir a Coordenadoria de Administração e Planejamento, adotei o meu estilo e experiências adquiridas com o tempo, com a gana que tudo desse certo, pois merecia a confiança do dr. André Furtado. Comecei a fazer algumas mudanças dentro da área administrativa; a utilizar os meios de comunicação disponíveis para um contato rotineiro com a sede da Fiocruz, na busca de melhores orçamentos para o CPqAM. Con-tei e sempre contava com o apoio dos amigos que deixei na SUPLAN [Superintendência de Planejamento/ Fiocruz] e SAG [Superintendência de Administração Geral/ Fiocruz], atualmente ASPLAN [Assessoria de Planejamento/ Fiocruz] e DIRAD [Diretoria de Administração], para me ajudarem no bom desempenho de minhas novas atribuições no CPqAM.

O dr. André Furtado é um homem muito dinâmico e imprimiu a sua marca como diretor da instituição. Na sua gestão, a prioridade foi o desenvolvimento de recursos humanos, sem deixar de lado a modernização e melhoria das instalações físicas do Centro de Pesquisas. Diversos pesquisadores tiveram a oportunidade de fazer o seu mestrado e/ou doutorado, inclusive alguns no exterior. Houve um grande avanço nas pesquisas, surgiram muitos projetos, buscou-se as mais diversas fontes de financia-

mento para darem o apoio financeiro necessário, com bons resultados. Em termos de orçamento ocorreu um incremento substancial, ano a ano, quando então o CPqAM passou a ter uma participação de 2,2 a 2,5% do total do orçamento da Fiocruz, levando-se em conta que anteriormente o CPqAM tinha um pequeno orçamento elaborado através de um simples Plano de Aplicação, que na época era aprovado pelo então superintendente de Administração Geral. Às vezes, para se comprar determinado produto ou equipamento, o CPqAM mandava uma correspondência para a SAG, via malote, solicitando a liberação dos recursos orçamentários/ financeiros, tendo que pormenorizar a necessidade dessas aquisições. Uma semana ou 15 dias depois esses recursos eram transferidos para o CPqAM. Havia uma burocracia muito grande e uma perda de tempo desnecessárias. Mas assim é que funcionava na época. Deve-se considerar que o percentual de 2,2 a 2,5% do orçamento da Fiocruz destinados ao CPqAM ocorreu a partir da gestão do Professor Sérgio Arouca, na Presidência da Fiocruz. Não mais um simples Plano de Aplicação. Passamos a ser provisionados com o advento do sistema SIAFI [Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal], isto é, o orçamento disponibilizado e o CPqAM com atribuições de unidade gestora e descentralizada.

O dr. André Furtado traçou um novo plano de trabalho a ser desenvolvido para a modernização do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Ocorreram algumas mudanças, com a melhoria da infra-estrutura física da sede e por conseqüência da área administrativa. Construimos o almoxarifado e o primeiro andar do Biotério, o estacionamento, instalação do sistema telefônico DIGIVOX com central de busca automática, e pequenas obras de adaptações e adequações de salas no Laboratório Central, ampliando espaços para os srs. pesquisadores, inclusive melhorando substancialmente o sistema de refrigeração central. Em linhas gerais; podemos afirmar que melhoramos em muito as instalações físicas do CPqAM. Também modernizamos a contabilidade, porque a encontramos com os seus profissionais fazendo os registros contábeis ainda no sistema manuscrito, em fichas padronizadas, encontradas em papelarias; máquinas de escrever arcaicas e o pessoal lotado numa pequena sala sem espaço necessário para o melhor desempenho de suas atividades. Adquirimos modernas máquinas de escrever eletrônicas, inclusive com editor de texto. Criamos diversos formulários e novas fichas impressas para a contabilização mecânica, não mais manuscrita. Os outros setores,

como os de Pessoal, Almoxarifado, Compras, Patrimônio, Transportes, Manutenção etc. foram beneficiados com novos equipamentos.

Com o advento do sistema SIAFI, passamos a fazer todo o processo contábil-orçamentário-financeiro eletronicamente, através de terminais da Secretaria do Tesouro Nacional, sendo o primeiro, instalado na contabilidade e, posteriormente, o segundo foi instalado no Serviço de Pessoal para o processamento de folha de pagamento através, do Sistema SIAPE [Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos]. Começamos a informatizar o CPqAM com a aquisição do que havia de mais moderno na época em termos de microcomputadores, sendo depois criado o Núcleo de Informática, hoje Núcleo de Informação Científica. Também foram adquiridos alguns veículos utilitários para a renovação da frota e os mais diversos equipamentos científicos, permitindo aos pesquisadores o melhor desenvolvimento de suas pesquisas. Na área administrativa foi feita uma grande reforma. Foram desmembrados, assim como transformados diversos setores, ao tempo em que foram criados serviços e seções etc, no intuito de modernização da Administração e do Planejamento, e cada titular passou a ter um Ato de Designação para o exercício de chefia assinado pelo dr. André Furtado e, posteriormente pelo presidente da Fiocruz. Alguns serviços foram, de imediato, beneficiados com a implantação da informatização. Foi criada a Comissão Permanente de Licitações [CPL], uma vez que, anteriormente, algumas licitações do CPqAM eram feitas com o auxílio do pessoal da nossa sede, principalmente Tomadas de Preço e Concorrências. Hoje a CPL está toda informatizada. Em termos de execução orçamentária/ financeira houve um incremento muito grande a partir do sistema SIAFI, uma vez que nós dispúnhamos do orçamento descentralizado pela Fiocruz, mantendo um controle diário da sua disponibilidade.

Quanto ao desenvolvimento de recursos humanos da área administrativa, foram dadas muitas oportunidades de cursos de capacitação e reciclagem, inclusive fora do Recife. Além da participação orçamentária de 2,2 a 2,5% do todo da Fiocruz, o CPqAM teve um acréscimo muito grande de recursos externos e também do programa PAPES [Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde/ Fiocruz], que em alguns anos atingiu quase 50% do seu orçamento. Esses recursos extra-orçamentários eram destinados exclusivamente as novas pesquisas e as já em desenvolvimento no CPqAM. Então, disponibilizado o orçamento, ca-

bia à direção do CPqAM executá-lo da melhor forma possível, com probidade e dentro do mais rígido amparo da lei. Assim o foi até o último dia da gestão do dr. André Furtado, como diretor, e eu como administrador, razão pela qual em nenhum momento as suas prestações de conta foram rejeitadas pela Fiocruz, Secretaria de Controle Interno do Ministério da Saúde e, conseqüentemente, pelo Tribunal de Contas da União, a quem cabe finalmente julgá-las.

Com o advento do PCCS [Plano de Carreiras, Cargos e Salários] da Fiocruz, todos os funcionários da área administrativa a mim subordinados foram beneficiados e, dentro do universo da Fiocruz, podemos considerar que esses funcionários da Administração do CPqAM foram os melhores classificados no PCCS, alguns até imerecidamente. Ah, se pudessemos voltar o tempo para uma correção! Eu, particularmente, nada tenho a reclamar. O meu *curriculum vitae* e minha experiência na administração pública me conduziram a uma boa classificação, fiquei praticamente no topo da pirâmide.

Tempos depois, com a lei nº 8.112, do Regime Jurídico Único, foram destinadas ao CPqAM algumas funções de direção e assessoramento superior, os DASs, e coube a mim, como administrador, sugerir ao dr. André Furtado a designação de alguns servidores da Administração para o benefício desses DASs. Pelo número restrito, nem todos os servidores puderam ser beneficiados com DAS-I, alguns tiveram que se contentar apenas com as FGs [funções gratificadas], que em termos pecuniários representa muito pouco em relação aos DASs. Em razão disso, muita animosidade foi criada. Ganhei alguns inimigos gratuitos dentro da Administração, que não tiveram o discernimento de entender que o quantitativo de DASs e FGs não dependia do diretor, tampouco do administrador do CPqAM. Tivemos um pequeno número destinado pela nossa sede - Fiocruz. Não tínhamos condição de beneficiar a todos. Mesmo assim não houve compreensão de alguns, porque também não tiveram o discernimento de verificar em seus contracheques o quanto haviam sido beneficiados no PCCS, comparando-os com os seus salários anteriores.

Eu fiquei como administrador, de novembro de 1986 até o dia 9 de dezembro de 1993. Nesse período, fiquei seis anos sem receber gratificação de função, a exemplo do sr. Arcelino Ferreira, pois sempre alegaram no Rio de Janeiro que não tinham "verba" para pagar a um administrador fora da sede. Só a partir da lei do Regime Jurídico Único é que passei a

ter esse direito, quando finalmente, em 08 de abril de 1992, saiu um Ato da Presidência da Fiocruz designando-me chefe de serviço, função DAS-101.1. Veja bem: chefe de serviço, quando no mínimo seria chefe de departamento - DAS 102. Essas distorções não só ocorreram no CPqAM, mas na Fiocruz como um todo. Fui oficialmente designado chefe de serviço, no entanto a mim estavam subordinados alguns chefes de serviço no mesmo nível de DAS-101.1. Essas distorções ainda prevalecem, acontecendo o mesmo com a atual administradora do CPqAM, dra. Ieda Barros Lima.

No CPqAM, como Administrador, fui taxado de concentrador, mas nunca me senti como tal. Via sair memorandos e ofícios dos diversos setores a mim vinculados e não tomava conhecimento do que estava se passando. Então achei que tudo que estivesse vinculado à administração eu teria que tomar ciência, em benefício da própria pessoa, porque às vezes essa pessoa estava ausente, e vinha um comunicado da nossa sede ou de outros lugares, e eu não estava sabendo de nada. Então resolvi cobrar isso dos meus subordinados. Fiz reunião com o meu pessoal para dizer que não fazia questão de assinar memorando, carta ou ofício, mas simplesmente tomar conhecimento dos assuntos. Hierarquicamente isso era de direito. Fui taxado inclusive de não deixar nem as pessoas lerem o *Diário Oficial*, um absurdo! Lia quem queria ler. Eu lia sistematicamente o *Diário Oficial*, e aquilo que interessava à instituição eu tirava cópia e distribuía para as pessoas, e quem quisesse ler o *Diário Oficial* sabia onde estava; estava comigo, no Arquivo, ou na Biblioteca. Ninguém nunca proibiu a leitura do *Diário Oficial*. Concentrador, porque eu era uma pessoa rígida com horário e cobrava resultados em benefício do Centro de Pesquisa.

Depois passei a ter fama de que sabia escrever um pouquinho melhor, e algumas pessoas me procuravam para auxiliar na redação; fazia isso com o maior prazer. Sempre tratei os pesquisadores como pesquisadores e também como seres humanos, como eu. A maioria deles respeitava o trabalho que eu desenvolvia.

Eu e o diretor éramos escravos dos pesquisadores, escravos no bom sentido, de atender e saber receber e resolver questões. Mas às vezes vinham solicitações absurdas e você é obrigado a dizer: "não, agora não é possível". Aconteceram muitos casos. Você não faz os 100% e aquele "um por centozinho" que deixa de fazer por alguém é motivo de hostilidade de quem recebeu um "não". Isso é próprio da condição humana. Às vezes você é obrigado a hostilizar também, porque ninguém é

obrigado a levar desaforo para casa. Mas são raríssimos os casos no decorrer de sete anos como administrador do CPqAM.

"Você não faz os 100% e aquele "um por centozinho" que deixa de fazer por alguém é motivo de hostilidade de quem recebeu um "não". Isso é próprio da condição humana."

Acho que fui uma pessoa muito sacrificada nesse tempo que passei como administrador, porque às vezes me considerava sozinho no CPqAM e eu era "pau para toda obra". Ao contrário de concentrador, eu me considerava "Caxias" comigo mesmo, era o primeiro que chegava e o último que saía. Nunca liguei para férias. No final do ano de 1992 eu tive amnésia durante o expediente de trabalho no Aggeu Magalhães. Fui até objeto de gozação por parte de um, dois ou mais asqueirosos do CPqAM, porque não aconteceu com eles. Não cito os seus nomes porque, se lerem esta entrevista, saberão a quem me dirijo. O excesso de trabalho e o estresse que vivia em razão do encerramento do exercício foi tão grande que perdi a memória; de tal maneira que me levaram para um hospital e no meio do caminho, graças a Deus, me recuperei. Infelizmente isso veio a se repetir em 1993, porque a pressão foi até maior, pois eu estava me desligando da Administração e queria ter o prazer de entregar ao meu sucessor os serviços em perfeita ordem. Espero que nunca mais na minha vida eu venha a ter amnésia, mesmo por minutos. Também não desejo que isso venha a ocorrer com ninguém, inclusive com os asqueirosos. Tive a sorte de me recuperar, colocar a memória no seu devido lugar e tempo.

Nunca tive ninguém agregado na minha sala para me ajudar, sequer para fazer um telefonema. Meus memorandos, ofícios, telex, fax, cartas, relatórios, justificativas e processos, tudo isso eu mesmo datilografava numa antiga máquina de escrever IBM 82. Agora, com o advento do computador, da informatização do Aggeu Magalhães, é que tenho me servido de pessoas que trabalham na área e têm muita prática em digitação.

Com relação ao pessoal da área administrativa e científica, confesso que tive alguns problemas com algumas pessoas. Como diz o ditado: "quem bate esquece, quem apanha não esquece nunca". Algumas pessoas da área administrativa e alguns pesquisadores tentaram me bater de frente. Palavras hostis doem, calúnias muito mais. Não esqueço, mas a mágoa fica porque você se questiona. Eu me questiono muito porque não consigo entender o porquê dessas hostilidades, críticas infundadas,

invejas, falsidades, calúnias, despeitos etc. Não quero ser "bonzinho", ser um "Deus", não quero ser nada, mas ficamos magoados com muitas coisas e não conseguimos perdoar. Mas alguém já falou que "o tempo é o senhor do destino", ele que se encarregue de mudar o meu pensamento, talvez um dia, Deus é que sabe. Só Ele mudará o meu pensamento. Qualquer pessoa que exerça um cargo de confiança, de comando, principalmente de diretor ou administrador dentro do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães ou numa outra instituição, será alvo de crítica, de calúnia, de inveja, de falsidade e de falsas amizades. Isso é normal porque você exerce uma função de destaque, por ter capacidade para o exercício desse cargo de confiança. A atual gestão está sendo vítima dessas coisas. Não escapa à regra. Só que os falsos não têm a coragem de falar mirando os olhos de suas vítimas. Só falam pelas costas e detonam suas baboseiras. Tenho as minhas mágoas que vou levar para o túmulo. Perdão? Perdoamos até certo ponto, mas quem julga é Deus. Ele é o único que é capaz de julgar. Posso até estar fazendo um pré-julgamento errado das pessoas que me hostilizaram frontalmente no CPqAM, na época em que fui o administrador, pelas mágoas que ainda carrego, mas também vou ter o meu julgamento lá em cima. É a vida!

A direção do CPqAM

Mas vamos deixar o passado de lado. Quero falar agora um pouco sobre a atual Direção do CPqAM. Num processo democrático, no segundo semestre de 1993, foi procedida a eleição para diretor e vice-diretor do CPqAM, sendo eleita pela grande maioria a dra. Eridan de Medeiros Coutinho, pesquisadora das mais competentes dos quadros da Fiocruz, tendo como vice o dr. Rômulo Maciel Filho, que na época coordenava o NESC /Fiocruz [Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva]. Essa nova gestão iniciou-se em 10 de dezembro de 1993.

Como administrador, fui sucedido pelo dr. Paulo Lira, na época, recentemente transferido de nossa sede - Fiocruz, para o CPqAM. Como não poderia deixar de ser, coloquei-me à disposição dessa nova diretoria, entregando a função DAS, não aceita pela dra. Eridan e o dr. Rômulo. Nas conversas preliminares, a Diretoria mostrou o desejo de criar no CPqAM um Serviço de Planejamento, uma vez que no seu Regimento Interno está prevista uma Coordenadoria de Planejamento, conforme o seu

art. 2º. Convidado para assumir essas atribuições, aceitei. Nessa nova função prestei colaboração ao então administrador e tenho prestado a atual, dra. Ieda Barros Lima.

Passei a ser uma espécie de "assessor" para os mais diversos assuntos relacionados à administração e ao planejamento, principalmente no controle do orçamento do CPqAM. Todos os contratos, termos aditivos, convênios etc passaram a ser elaborados pelo Serviço de Planejamento, assim como os seus acompanhamentos, além de outras atividades, tais como: assessorar a Direção na elaboração do orçamento, que na realidade é o Programa de Objetivos e Metas [PO&M] anual, instituído pela Fiocruz no início do exercício de 1994; proporcionar informações periódicas sobre o nível de desempenho da execução orçamentária/ financeira; agilizar o processo de programação; melhor adequação e distribuição dos recursos orçamentários; manter permanente controle dos recursos disponíveis, tanto orçamentários quanto extra-orçamentários etc. A essas atribuições somam-se outras não-rotineiras e que dependem das determinações da direção para o seu fiel cumprimento.

Verifico que nesta atual gestão foi dada grande atenção à questão das melhorias, adaptações, adequações e ampliações físicas e também a modernização do CPqAM, destacando-se as construções de dois blocos no 1º Pavimento do Edifício-Sede, destinados aos setores Administrativo, Biblioteca e gabinetes para o pessoal científico; o Espaço Poliesportivo e Cultural; salas para o Serviço de Apoio Técnico-Científico; Almoarifado Central e oficinas; insetário, assim como diversas outras benfeitorias. Foram abertos dois poços artesianos para a melhoria do sistema de abastecimento d'água.

O parque computacional foi ampliado com a aquisição dos mais modernos microcomputadores de última geração, dotando-se de informatização todos os setores, serviços e departamentos, inclusive com a interligação de rede, trazendo enormes benefícios para os seus usuários, principalmente no que se refere à informação científica. Novos veículos foram adquiridos para ampliação da frota e melhoria dos serviços.

Também na área de desenvolvimento de recursos humanos a atual gestão tem investido bastante, com a participação de diversos servidores, tanto da área administrativa quanto da científica, em diversos cursos. Foi realizado o primeiro curso de mestrado no NESCE. Na parte científica, dezenas de projetos de pesquisas foram desenvolvidos e outros estão ain-

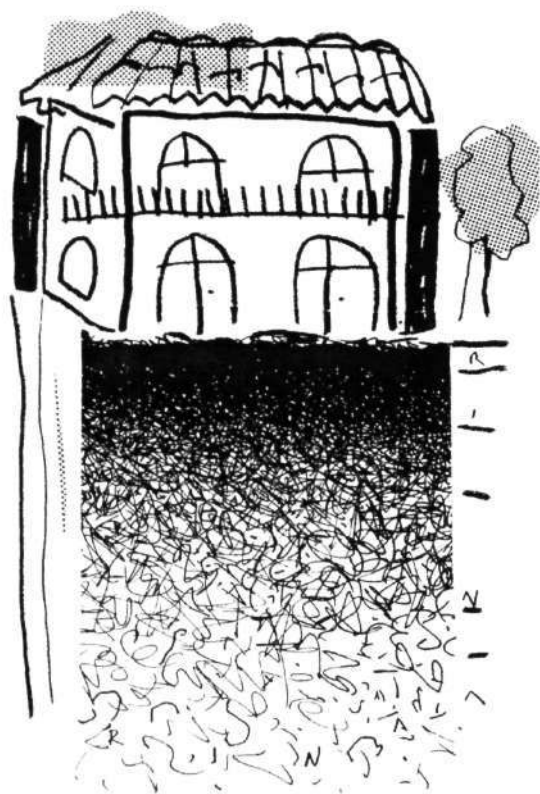
da em desenvolvimento. Não faltando a atenção ambulatorial dos Sub-programas de Controle da Filariose e Esquistossomose e outros.

São tantas as realizações e mudanças positivas ocorridas nesses três últimos anos, que torna quase impossível descrevê-las numa entrevista. Na condução da programação sempre esteve à frente o dr. Rômulo Maciel Filho, vice-diretor. Houve um crescimento do orçamento do CPqAM a partir do advento do novo padrão monetário, o real, e isso possibilitou ainda mais o crescimento do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

Não houve problemas pelo fato de eu ter vindo de uma gestão para colaborar com outra. É a maior prova do meu profissionalismo. Sou apolítico por natureza, não faço parte de grupo ou "grupelhos", sou um profissional. Sendo respeitado, pago com a mesma moeda: o respeito. Observo que a dra. Eridan Coutinho mantém um respeito muito grande pelo meu trabalho, e a prova disso é que até a presente data tenho merecido a sua confiança. É uma pessoa proba, digna e competente, e cabe a cada um de nós que a elegeu diretora do CPqAM, contribuir no sentido de, colaborando com a direção, engrandecer mais ainda a nossa instituição.

Atualmente

Sou aposentado proporcionalmente, aos 30 anos de serviço. Continuo na ativa, com o cargo comissionado de chefe de serviço - DAS-101.1, até o dia em que a Direção do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães achar que eu tenho capacidade e mereça a sua confiança.





LUCIANA ABRANTES

Infância, família, veraneio, matinê no cinema, colégios, igreja...

Quando lembro da minha infância, do que eu fazia, lembro que morava no Poço da Panela, num casarão, e que praticamente toda a minha família morava ao redor, muitos primos. Lembro da influência de meu pai que sempre me levou para teatros, bales e sempre me incentivou muito a ler. Comprava muitos livros para mim e me colocou na Escolinha de Arte para aprender a tocar piano. Eu gostava dessas coisas todas. Gostava muito de ler. íamos também à matinê do cinema Luan, no domingo à tarde.

Morei no Poço da Panela durante três anos e outros três no bairro Graças, de 1956 a 1958 mais ou menos. Depois disso fomos passar uma temporada na praia, em Piedade, porque meus irmãos tinham asma, mas depois voltamos para Graças [bairro do Recife] e lá moramos durante três anos. Foi quando meu pai morreu, em 1961. Nossa vida se modificou totalmente. Eu acho que a minha infância durou até a morte dele. Daí em diante foi adolescência, com outro modo de vida. Antes disso, antes de morarmos no Poço da Panela, nós sempre veraneávamos na praia, em Piedade. Passávamos três meses na praia, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Antigamente passávamos três meses, porque as aulas só começavam em março. Naquele tempo, em Piedade, não existia água encanada, nem luz elétrica e só passava ônibus esporadicamente. Então ficávamos "internados" na praia, em veraneio. Isso é uma lembrança muito boa - veraneios em Piedade -, acho que são lembranças maravilhosas. Acordávamos muito cedo porque, como não tinha luz elétrica, dormíamos muito cedo. Normalmente íamos à praia cedo. Passávamos o dia todo indo e voltando para a praia.

Na época do Natal, tínhamos uma amiga, que era mais velha, que ensaiava pastoril conosco. Ocupávamos uma parte do mês de dezembro

ensaiando o pastoril. Do Natal e Ano-Novo eu não me lembro de muita comemoração na minha casa, aquelas comemorações tradicionais. Eu não lembro nem do "romper" o ano. Éramos pequenos, acho que dormíamos.

Era isso: brincadeiras, pegar muito bicho de pé, e passear nas carroças d'água que vendiam água potável. Pedíamos ao condutor, ficávamos na carroça, ele ia entregando água e nós atrás. Era uma farra. Mas isso era logo no comecinho, quando a praia era muito selvagem. Depois, começamos a crescer mais um pouco, e a pertencer àquelas turmas de adolescentes, todos andando, como é hoje em dia: vão para um lado, vão para o outro, passeiam, passam o dia andando. Tinha jogo de voleibol, dança no palanque de seu João Batista; adorávamos ver as danças do pessoal nativo, aquelas pessoas que moravam na praia e que dançavam, e tinha um dia que veranistas dançavam e íamos ver. Tudo isso era diversão. Nos dias de domingo, tinha missa na igreja velha de Piedade. Pegávamos ônibus com hora marcada para ir para lá, depois voltávamos andando, praticamente até Candeias. A família ia passar o dia de domingo, chegava tio, primo, tudo.

Meu primeiro colégio foi o Colégio Santa Catarina, mas eu chorei tanto, que me tiraram do colégio; com um mês meu pai me tirou e ficou morrendo de pena. Depois eu estudei no Instituto Castro Alves, que era na Rua Rosa e Silva, acho que durante uns dois anos. Nos mudamos para o Poço da Panela e fui estudar na Escola Padre Donino, que era uma escola que tinha na Praça de Casa Forte. Aquela escola tinha muita gente conhecida. Depois, quando mudamos para Graças, fui estudar no Colégio Maria Auxiliadora, onde passei muito tempo; depois fui para o Colégio Vera Cruz, e de lá para a Universidade. Da Escola Padre Donino, onde fiz primeira comunhão, eu lembro de alguns colegas: Marcelo Asfora, que era meu colega de classe, lembro-me da filha do maestro Zé Inácio, que era músico. A mulher dele também era, e a filha estudava comigo. Como eu não tinha piano em casa, ia estudar na casa dela, mas ao invés de estudarmos ficávamos brincando.

No Colégio Maria Auxiliadora estudei e fiz exame de admissão. Fiz todo o ginásio e depois fui para o Vera Cruz fazer o curso clássico, porque eu não gostava de matemática, nem de física, nem de química. Só depois que meu pai morreu é que eu entrei na Escola de Belas Artes, para estudar piano e inglês. Até ele morrer eu não tinha outras aulas extras. Estudei bale no Teatro Santa Isabel, durante uma temporada, com

Bila d'Avila, que veio dar uns cursos e como meu pai era da Secretaria da Cultura da Prefeitura, tinha acesso a essas coisas.

Do cinema Luan, que ficava na avenida 17 de agosto, na Praça de Casa Forte, não me lembro de nenhum filme em particular, mas sei que íamos às matinês. Íamos andando pela Rua do Poço, vários primos. Lembro-me dos seriados que passavam depois dos filmes: eram sempre de faroeste, e era uma gritaria horrorosa no cinema, mas não me lembro de nenhum filme. Meu pai me levava ao cinema à noite. Lembro-me de um filme chamado "Inferno 17", que eu não entendi nada. Não me lembro mais de outros filmes. Nessa época eu era muito pequenininha. Mas quando eu já era adolescente minha mãe me levava muito ao cinema. Lembro-me que ficava impressionada com as cenas mais fortes; assisti um filme que chamava "A Morada da Sexta Felicidade", era um filme sobre a invasão da China pelos japoneses. Um filme muito cruel, com cenas muito pesadas, e ela me levava sempre para cinema impróprio para 14 anos. Sempre gostei muito de cinema, eu adorava os filmes de Charles Chaplin, quando passavam no Coliseu. Não se vê hoje os filmes que passaram na minha juventude, como por exemplo "Candelabro Italiano", que ficou muito tempo em cartaz; "A Noviça Rebelde", que eu assisti e ainda continuo assistindo, é um filme que eu adoro. Mas não me lembro assim, de um filme especial que tivesse marcado a infância. Lembro que meu pai me levou para ver "Fantasia", de *Walt Disney*, "Branca de Neve" e os "Dez Mandamentos", que fomos assistir no cinema Moderno. Levávamos até lanche, porque tinha intervalo.

Minha família é católica, e meu pai era muito católico. Ia à missa com minha mãe todos os domingos. Fiz primeira comunhão na Escola Padre Donino, na Igreja de Casa Forte, com padre Marcelo, que hoje em dia é bispo na Paraíba. Depois da primeira comunhão, eu entrei no Colégio Maria Auxiliadora, que era um colégio muito religioso; fazíamos até retiro, todo dia, antes de entrar na aula, rezávamos na capela, íamos à missa, mas eu ia mais pela obrigação. Hoje em dia vou à igreja porque gosto, por prazer, porque gosto de ir e me sinto bem, mas naquele tempo eu ia porque meu pai me levava. Nesse período nos confessávamos todas as semanas; cheios de pecados. Hoje em dia nós já pensamos diferente porque temos outra consciência. Acho que fui um pouco reprimida com essa história de pecado. Hoje em dia nós vemos que não há necessidade de tanta repressão.

O falecimento do pai

Meu pai se suicidou. Para mim foi uma coisa inexplicável, porque foi uma doença. A depressão é uma doença. Mas eu não conseguia entender como foi acontecer isso com uma pessoa que eu achava tão equilibrada em tudo. Mas, depois refletimos e ficamos sabendo que é uma doença que pode acontecer com qualquer pessoa. Mas a minha vida modificou, primeiro por conta desse choque, segundo financeiramente. Tivemos que modificar a nossa vida: é como se minha vida tivesse, no modo de viver, dividida em duas partes, antes e depois da sua morte. Tivemos que nos mudar, economicamente baixou o padrão, e minha mãe quis me colocar para fazer tudo aquilo que ele (meu pai) queria que eu fizesse, e que até então eu não tinha feito. Fui para a aula de piano e de inglês; entrei na Escola de Belas Artes; fui estudar música e francês. Mas um ano depois a vida se modificou totalmente. Depois disso, quando eu tinha 16, 17 anos, comecei a namorar, e a vida tomou outro rumo, e fui cuidar da vida profissional.

O ingresso na universidade

Quando fui fazer o vestibular, eu não sabia o que queria. Estava no curso clássico e adorava as matérias do curso, mas não queria ser professora, não gostaria de ensinar. Gostava de inglês, de francês, de filosofia, de história, mas eu não queria fazer nenhuma dessas matérias na universidade. Então resolvi fazer biblioteconomia. Achei que era melhor para mim. Gostava das matérias todas, mas eu não queria ser professora de inglês, ou de francês; queria fazer um curso que continuasse estudando essas coisas. Então fiz a graduação, e depois comecei a namorar. Naquele tempo não tínhamos muita consciência de que era preciso cuidar da profissão, cuidar do futuro, ser independente financeiramente. Não tive consciência disso e não fiz pós-graduação. Fiz uns cursos de especialização, mas eu não me interessei em fazer um mestrado, é como se a profissão para mim fosse um complemento. Meu interesse mesmo era casar e ter filhos, eu casei e tive quatro filhos. E ao lado disso, teve o problema do Aggeu [CPqAM], que numa determinada época ficou praticamente parado; justamente na época que eu estava tendo meus filhos. O Aggeu [CPqAM] era um complemento para mim. Pensava: "no momento que eu não quiser mais trabalhar eu deixo". Mas na prática foi diferente,

pois ficamos dependendo do salário, mesmo não sendo muito alto. Não tive essa consciência de cuidar de mim profissionalmente. Com o decorrer do tempo, é que fiz uns cursos de especialização na UFPE [Universidade Federal de Pernambuco]. Agora estou tentando renovar a minha vida profissional. Além do Aggeu [CPqAM] trabalhei também na Biblioteca da Fafire [Faculdade de Filosofia do Recife] durante dois anos, antes de me casar.

O ingresso no CPqAM e a Biblioteca do Centro

Ingressei no CPqAM através de minha mãe, que era secretária do curso de biblioteconomia. Telefonaram do CPqAM e pediram a ela uma bibliotecária. Ela conhecia a filha do dr. José Antônio Gonçalves de Melo, que era professor do curso, Maria Dulce, e a chamou. Ela ficou trabalhando no Aggeu [CPqAM] e achou ótimo. Depois, ela se casou e foi morar em Campina Grande, quando eu já estava pensando em fazer vestibular ou talvez já estivesse cursando. Então ela disse a minha mãe que quando saísse do CPqAM a vaga seria minha, e realmente quando ela saiu, escolheu-me para substituí-la. Indicou meu nome para o dr. Saul Tavares de Melo; tinham outras, mas ele me escolheu.

A Biblioteca do CPqAM tinha, em matéria de livros, muita coisa antiga, algumas assinaturas de revistas muito boas. Mas passamos uns dez anos ou mais sem fazer assinaturas de revistas. Até mais ou menos 1970 e 1971 tinham no centro de pesquisa umas assinaturas muito boas, e só viemos a refazê-las, acho que a partir de 1986. Muitas revistas que tinham sido assinadas naquela época foram então renovadas, eram revistas muito boas, e depois continuaram sendo assinadas pelo CPqAM. Em matéria de livro, não tinha muita coisa nova, nem tinha muita verba para se comprar; quando chegava uma revista nova, fazíamos a circulação e pronto. Não tinha muita coisa. Lembro também, se não me engano, que o doutor Rodrigues Coura, da Fiocruz, foi quem mandou fazer a assinatura do *Current Contents/Life Science*, que é uma obra de referência; que tem várias séries. Foi quando começou a renovação, em termos de assinatura de periódicos da biblioteca. Mas eu acho que o que movimentou mais, foram as bases de dados em CD-ROM, que consultamos através do computador. É uma coisa muito mais rápida, tanto que a universidade toda, toda não, mas a vizinhança vem muito aqui atrás desses dados, quando às vezes o sistema da universidade está desativado. Os estagiários e os pesquisadores do LIKA [Laboratório de Imunopatologia Keizo

Asami/ UFPE], que trabalham em colaboração com o CPqAM, utilizam muito. A biblioteca era uma coisa muito tradicional, principalmente naquele período em que o Centro quase parou, se não me engano em 1972 ou 1973. Porque, a partir de 1975, o CPqAM passou para a Fiocruz. Um pouco antes, 1972 ou 1974, o Centro pouco publicava, tinha dois ou três trabalhos, e teve um ano que não publicou nenhum trabalho. Entretanto, hoje em dia são mais ou menos uns 20 trabalhos por ano a serem publicados. E a tendência é aumentar porque os pesquisadores estão fazendo muitos contatos e convênios com a universidade. Com o NESC [Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva /Fiocruz], acho que também vai aumentar muito o número de trabalhos publicados.

A biblioteca atende aos pesquisadores e estagiários do CPqAM, do LIKA. Eles têm alguns trabalhos em colaboração com o CPqAM, e foi determinado na gestão anterior, com dr. André [Freire Furtado], que quem trabalhasse em parceria com o CPqAM teria direito a usar a biblioteca. Mas nos acostumamos com o pessoal que utiliza a biblioteca, em colaboração ou não. Muita gente da universidade vem consultar obras de referência, como a *Current Contents/Life Sciences*. Basicamente é o pessoal do CPqAM e da universidade que estão ligados à biblioteca.

Hoje as assinaturas de base de dados são feitas na Fiocruz, no Rio de Janeiro. Eles fazem um pacote porque há um sistema de bibliotecas, são cinco ou seis. Quando eu quero comprar algo aqui, eu tenho que pedir à administração. Para qualquer obra temos que solicitar uma verba específica. O dinheiro que temos aqui é oriundo de pequenas cobranças de cópias xerográficas que fazemos para o pessoal de fora da instituição. Às vezes utilizamos esta verba de xerox para pequenas compras, e quando sobra devolvemos à administração. Cobramos para fazer levantamento bibliográfico, porque a biblioteca de medicina está com algo quebrado. Nós não cobrávamos aqui para ninguém, mas eu falei com a bibliotecária-chefe de lá, e ela disse que costumava cobrar dez reais por uma pesquisa e começamos a cobrar, e deu até um dinheirinho.

As obras compradas pela biblioteca normalmente são solicitadas por algum departamento, ou quando percebemos que determinado livro está sendo muito solicitado por estagiários. Há um livro básico de parasitologia, ou um dicionário ou gramática, qualquer obra de referência que se precisa, pedimos por nossa conta, mas normalmente os livros são solicitados pelos pesquisadores. Eles é que decidem os títulos que querem.

Todo ano vem da fundação [Fiocruz] uma relação de periódicos que serão enviados, pedindo para a biblioteca confirmar ou excluir.

Antes de me aposentar, eu era chefe de biblioteca, onde trabalhava com dois assistentes administrativos. Eu me aposentei, e o meu cargo ainda não foi preenchido por um bibliotecário. Oficialmente o CPqAM não tem bibliotecário.

O CPqAM publicou uma revista a partir de 1951, com o nome de *Publicações Avulsas do* (antigo) *Instituto Aggeu Magalhães*, que depois mudou de nome para *Publicações Avulsas do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães*, que foi publicado até o sexto volume, em 1962. Lembro que houveram algumas dificuldades em continuar a publicação regular da revista, em forma de coletânea. Os pesquisadores do CPqAM também publicaram muito nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e em revistas internacionais. O período em que houve maior número de publicações foi durante a gestão de dr. André, e de dra. Eridam, e acho que quando dra. Gerusa [Dreyer] que era do Hemope [Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco], foi incorporada ao CPqAM, no Departamento de Parasitologia. Ela foi quem começou o trabalho de filariose, e é a pessoa que mais publica aqui no Centro. Os pesquisadores do CPqAM publicam muito agora, acho que muitos cursaram o mestrado e doutorado. Tudo isto depois que viemos para a Cidade Universitária, na gestão de dr. Agueu Magalhães Filho.

Reflexões sobre o seu trabalho

Às vezes eu fico pensando que passar tanto tempo trabalhando num mesmo local teria sido uma coisa monótona, mas na verdade não foi porque as pessoas se modificam. Há pessoas novas, novas perguntas, novas tecnologias. Nós aprendemos a trabalhar com outros meios, como por exemplo o computador. Logo no começo criou-se um programa para bibliotecas na fundação [Fiocruz] e eu fui a algumas reuniões, e eles falavam muito que tínhamos que fazer curso de computação específico para bibliotecas, e eu comecei a procurar essas coisas e a me interessar por computação, que é uma coisa fantástica. Apesar de eu ter tido muito medo no começo, pouco a pouco fui conhecendo a linguagem, apesar dos programas serem diferentes. Gosto muito do que faço, gosto demais, e me identifico e me sinto alegre quando as pessoas ficam gratas porque eu consegui alguma coisa. Porque fiz algum trabalho que contribuiu e auxiliou na pesquisa de alguma forma.





MARCELO VASCONCELOS

A infância na Paraíba

Aprendi a ler e escrever as primeiras letras com minha mãe; todos os meus irmãos foram alfabetizados pela minha mãe, que foi professora. Tenho nove irmãos e tive uma vida mais ou menos difícil, porque meu pai era funcionário público. Minha infância foi normal na cidade de João Pessoa, como toda criança do Nordeste. Minha casa tinha mangueira no quintal, árvores . . .

O que marcou a minha infância foi a família de meu bisavô. Naquele tempo na Paraíba, a vida era pacata; passávamos todo o verão na praia Formosa, que era muito agradável. Eu estudava com minha mãe. Minha casa sempre teve muitos livros porque meus pais gostavam muito de ler. Então começamos a ler Monteiro Lobato.

A vida de menino era bastante desligada do mundo. Brincávamos muito, saíamos de casa para jogar bola, era uma vida muito mais tranqüila do que hoje, porque não tinha televisão ou rádio e a vida era muito concentrada em conversas de família e em brincadeiras.

A mudança de Recife para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte

Minha família saiu do Recife quando eu tinha nove anos e foi morar no Rio de Janeiro. Éramos nove filhos, mas no caminho nasceu minha última irmã. Ela nasceu na cidade de Três Rios e minha mãe teve que saltar do trem para tê-la. Naquele tempo minha mãe escreveu uma carta para Getúlio Vargas dizendo que a vida estava difícil com a família, sobretudo porque ela tinha dado a luz a mais um filho e por isso não poderia ficar no Rio de Janeiro, mesmo meu pai tendo sido transferido para a capital federal. Naquele tempo o funcionário público era transferido de um

mas resolvi fazer medicina faltando uns três meses para o vestibular. Fiz medicina, estudei por fora as ciências biológicas e felizmente fui bem, acho que tirei quarto ou terceiro lugar.

A universidade e o estágio no CPqAM

A vida na faculdade do Derby foi muito interessante. O professorado não era altamente capacitado; era um pessoal que tinha estudado na Bahia mas que não estava engajado em pesquisa científica. Nessa ocasião o Aggeu [Instituto Aggeu Magalhães] era representado pela pessoa do doutor Frederico Simões Barbosa, que tinha voltado dos Estados Unidos, onde havia feito um mestrado em parasitologia, na parte de criação de animais de água doce. Então procurei-o e disse-lhe que gostaria de fazer pesquisa. Nessa época eu era estudante do terceiro ano de medicina e comecei a trabalhar como estagiário no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [ainda IAM]. Tinha nesse tempo mais ou menos 20 anos. No ano seguinte publiquei alguns trabalhos. Depois publiquei outros trabalhos, pois naquele tempo houve um intensa produção científica. O Aggeu Magalhães [IAM] era o lugar para quem fosse fazer estudos com base em pesquisas na área de parasitologia, porque na Faculdade de Medicina este setor era muito fraco, apesar do prof. Figueiredo realizar pesquisas em parasitologia. Lembro que fiz um concurso para monitor de cadeira que este professor lecionava e ele me chamou e disse que a única coisa que queria deixar para o filho era uma vaga na cadeira, e se eu fosse monitor depois ia terminar assistente. Havia portanto uma certa destinação hereditária. Isso aconteceu quando eu procurei o dr. Frederico que também não tinha sido aproveitado lá, mas tinha conseguido criar o CPqAM [IAM] para o estudo das doenças endêmicas no Nordeste.

Quando eu ingressei no Aggeu [IAM], em 1954, o instituto se estruturava com dr. Frederico desenvolvendo pesquisas e dr. Bento com a química. Eram praticamente três laboratórios, sendo o de patologia o mais fraco. Depois que fui para lá é que indiquei a Eridan e Abath [Guilherme], que naquele tempo ainda não eram casados. Eles eram bons patologistas e tinham uma boa cabeça. Dr. Frederico aceitou que eles fossem, bem como o Zé Carneiro Filho, que era colega de turma também e trabalhava na parte de histologia e histoquímica. Ele ficou um tempo em Recife, mas depois foi para São Paulo. Hoje em dia é da Universidade de São Paulo [USP], é autor de um livro básico sobre a histologia no Brasil.

Eu trabalhava com o dr. Fred [Frederico Simões Barbosa] e ele viajava muito, fosse para participar de congressos ou para trabalhos em outras regiões; e quando ele era eu quem fazia uma boa parte do seu trabalho de pesquisa.

O trabalho do dr. Bento era de análise química; não era um desenvolvimento da química, era mais a parte de analisar a água. Foi um tempo bastante rico para a aprendizagem. Nesse período houve um fato muito importante, pois dr. Frederico conseguiu levar para o CPqAM [IAM] dois americanos, o Oliver e o Dobsowaili. Tive muito contato com esse grupo, inclusive publiquei com o Oliver. Ele era um profissional muito experiente em esquistossomose. O Dobsowaili era mais experiente na parte de química de controle de moluscos. Então ele se ligou mais ao dr. Bento, ao grupo da química, embora o cabeça mesmo fosse o dr. Fred; ele era o mais culto daquela geração. Ele teve a chance de logo cedo ir para os Estados Unidos estudar com um pessoal de padrão mais alto e foi pioneiro no trabalho sobre a esquistossomose no Nordeste.

Eu participei como seu assistente estudando toda a parte da transmissão e da epidemiologia da esquistossomose no campo, naquelas zonas em que secavam os riachos e córregos. Nessa época descobrimos como a larva da esquistossomose sobrevivia à seca. Esse estudo foi totalmente pioneiro quando esclarecemos o fenômeno da estivação do *shistosoma* dentro do caramujo, que voltava quando as águas das estações de chuva começavam a encher os rios e córregos.

Depois eu pude fazer um estudo de histologia mais aperfeiçoado quando, e transferei para Belo Horizonte, não ainda como diretor, mas para trabalhar com Lobato Paraense, que é um grande pesquisador de Manguinhos [Fundação Oswaldo Cruz]. Isso aconteceu um pouco antes de me formar, em 1953. Passei seis meses e fiquei hospedado na casa dele.

O dr. Lobato gostou de mim, pois eu já trazia algumas novidades no trabalho de criação de caramujo. Fui um dos primeiros, no Brasil, a criar caramujos albinos para fazer cruzamento. Nesse tempo ele trabalhava também com leishmaniose. Hoje em dia acho que ele é o maior especialista em sistemática de caramujos, dos planorbídeos, sobre esse grupo que é hospedeiro de doenças humanas. Ele é sem dúvida nenhuma um dos quatro melhores pesquisadores do assunto no mundo.

A mudança para Belo Horizonte e o Instituto René Rachou

Quando terminei esse estágio voltei para o Recife, mas a situação estava difícil em termos de mercado de trabalho. Fui convidado para trabalhar em fisiologia com Nelson Chaves. Trabalhei dois ou três anos com ele e com Nair Teodósio, mas não era minha vocação. Eu queria fazer fisiologia dos parasitas, porque eu gostava de parasitologia. Então fui ao Rio de Janeiro e estudei biofísica com Carlos Chagas Filho. E lá cheguei a conclusão que não devia continuar na fisiologia. Nelson Chaves queria que eu fosse fazer neurofisiologia, mas eu disse que não queria fazer neurofisiologia e entreguei o cargo. Fui fazer o que eu queria porque a nossa vida é uma só.

Nessa época fui convidado para dirigir o Instituto René Rachou, em Belo Horizonte. Eu era muito novo nesse tempo, tinha 29 anos e dirigi o Instituto, que tinha uns "cobras" como o Lobato. Eu disse quando fui convidado pelo Mário Pinotti, que era o ministro [da Saúde], que queria conversar primeiro com o pessoal do Instituto. Eles acharam ótimo que eu viesse; foi quando me mudei e aceitei o cargo. Isso foi em 1959. Continuei com minhas pesquisas e dirigi o instituto. Foi quando o organizamos e este recebeu uma feição um pouco diferente. Hoje em dia sua produção científica é enorme.

Quando comecei a trabalhar no instituto, ele estava começando. As suas linhas de pesquisas principais eram a esquistossomose, na parte de inseticidas e moluscicidas, ou seja, o combate aos caramujos e aos insetos. A genética dos parasitas era desenvolvida pelo Schreiber, que era geneticista. O estudo do caramujo por Lobato Paraense, helmintologia com Geraldo Chaia, doença de Chagas com Zigman Brener, e eu como chefe da equipe, além de muitas outras pessoas. Eu me dei muito bem em Belo Horizonte.

O pessoal do instituto me recebeu muito bem e passei 11 anos na direção do Instituto. Comecei na direção quando tinha 28 anos e saí com 39. Saí da direção porque houve uma crise, no tempo da Revolução de 1964.

Durante esse período de 1 ano eu trabalhei um pouco com doença de Chagas e continuei com esquistossomose. Depois me interessei pelo problema da leishmaniose, que estava muito sério na região. Nós tínhamos convidado o prof. Saul Adler, que era da Universidade Hebraica, em Jerusalém. Ele veio passar seis meses aqui e perguntou se eu não queria

trabalhar com ele. Aceitei e comecei a trabalhar em leishmaniose como prof. Adler. Depois fiquei seis meses lá em Jerusalém. Foi muito bom para mim, porque a Universidade era muito boa. Era difícil de viver porque só se fala hebraico e eu não aprendi, pois seria um conhecimento inútil. Portanto, eu só falava inglês.

Nesse tempo pude vivenciar uma ciência muito mais adiantada; o nível de Israel é muito alto em ciência. Tinham vindo vários pesquisadores da Inglaterra para repassar tecnologia científica e para mim foi um aprendizado de seis meses muito importante.

Depois voltei e comecei a trabalhar com leishmaniose ativamente. Trouxe dois técnicos de leishmaniose. Fomos os primeiros a conseguir a transmissão experimental em leishmaniose. Foi um tempo muito bom de trabalho. Nós conseguimos publicar várias coisas sobre leishmaniose. O grupo era muito bom e depois começou a pesquisar a parte de sistemática de flebotomos, que é o transmissor da leishmaniose, e que uma das nossas técnicas se especializou no assunto. Hoje em dia ela é a chefe do laboratório de sistemática de flebotomos do Instituto. Ela foi técnica minha durante 15 anos.

Eu desenvolvi este trabalho muito satisfeito, mas quando me chamaram para ser reitor [da Universidade Federal de Minas Gerais] houve uma tremenda guinada na minha vida.

A nomeação para Reitor em Belo Horizonte

Fui nomeado porque Jarbas Passarinho, que eu não conhecia, sabia o que eu pensava da situação da Universidade, porque havia conversado com ele sobre o absurdo das prisões dos estudantes. Um dia ele me telefonou e disse que eu ia ser nomeado por causa daquela conversa. Fiquei quatro anos na reitoria. Nesse tempo eu não podia trabalhar em pesquisa, porque o trabalho da reitoria é muito absorvente. Acho que realizei um bom trabalho na reitoria; durante minha gestão foi implantada, de maneira coerente, uma reforma na Universidade. Não se acabou com as faculdades, embora a universidade tenha passado a controlar toda a parte contábil e de pessoal. Criou-se critério para a divisão do dinheiro entre as faculdades.

A primeira coisa que fiz quando assumi a reitoria foi articular com um general de Exército, que era meu parente, a permanência de pessoas que eu havia nomeado para a administração e o planejamento da reitoria. Nomeei pessoas que tinham sido aposentadas obrigatoriamente em 1964. Um general do governo telefonou para mim e disse: "Não gostei das suas nomeações". E eu disse: "Olha general, de hoje em diante nomeio quem quiser". Esse general sabia que eu tinha força, que podia resistir, portanto minha administração não foi incomodada. Depois que entrei na Universidade ninguém foi preso, não houve nenhuma aposentadoria forçada. Acho que isso foi uma coisa importante em termos políticos, porque a Universidade pôde manter uma resistência. Isso não se deve só a mim, mas ao espírito de Minas Gerais. Nesse ponto o governador do Estado, Israel Pinheiro, prestou-me um grande apoio político. Ele não queria que ninguém se metesse nos assuntos da universidade. Tanto foi independente que a única polícia militar do Brasil que não foi controlada, pelo Exército, foi a de Minas. O Israel Pinheiro se negou a nomear qualquer general para a sua coordenação.

Não houve no Centro de Pesquisas René Rachou perseguição após 1964. Inclusive havia um porteiro que era comunista. Eu soube pelo meu cunhado que a revolução ia estourar e avisei a ele para que tirasse férias. Portanto a mudança no cenário político do país não influenciou na vida do Centro de Pesquisa. Talvez tenha influenciado na vida das pessoas, mas ninguém foi preso. Não foi uma coisa que abalou profundamente o Centro. Não houve suspensão de bolsas para o pessoal do Centro.

Foi implantada, em 1971, [na Universidade] a organização dos departamentos. Começamos a organizar a pós-graduação, porque não existia no Brasil um sistema formal de preparação de professores. Organizamos mais de 30 cursos de pós-graduação. Procuramos selecionar os grupos mais ativos e que tinham alguma coisa publicada e os chamamos para cada um organizar o seu curso. Quase todos hoje em dia têm conceito "A". A universidade hoje em dia tem quase 40 cursos de pós-graduação. Esses cursos levaram à necessidade de se fazer pesquisa sistemática no Brasil.

A pós-graduação necessitava de departamentos ativos em pesquisas e isso foi uma das coisas que foi muito incentivada, procuramos arranjar empréstimos, inclusive no BNDES [Banco Nacional de Desenvolvi-

mento]. Na universidade, em Minas Gerais, a pós-graduação teve dinheiro suficiente para pesquisa. Entretanto só seria viável se os professores pudessem ficar em tempo integral, pelo menos uma boa parte dos professores. Foi uma luta muito grande para conseguirmos que o governo aprovasse a dedicação exclusiva para os professores. Começamos a colocar em dedicação exclusiva todos os professores que participavam de pesquisa na área da pós-graduação. Hoje em dia a universidade tem 70% do pessoal com dedicação exclusiva. Acho que isso foi um passo na universidade brasileira. São Paulo já tinha isso desde o começo. Foi um passo importante para fixar a universidade no Brasil. Comecei nessa época a me empolgar pelo trabalho de administração acadêmica e isso me afastou um pouco da pesquisa. Mas quando terminei, voltei e publiquei trabalhos sobre leishmaniose. Depois trabalhamos com a epidemiologia de leishmaniose no Estado do Espírito Santo, em uma região de leishmaniose tegumentar.

A saída da Reitoria e o retorno ao Instituto

Logo que deixei a reitoria voltei ao instituto em Belo Horizonte para substituir o diretor Roberto Millwcad. Passado algum tempo o Zigman Brener assumiu e eu pedi licença para ficar com dedicação exclusiva na universidade.

No Aggeu [IAM/CPqAM] eu trabalhei de 1951 a 1958. No princípio não era funcionário, mas depois passei a médico epidemiologista. Quando saí do CPqAM a sua estrutura estava bastante ampliada. Entretanto, em 1969 o dr. Frederico saiu do CPqAM para trabalhar na Organização Mundial de Saúde e com sua saída baixou muito o nível dos trabalhos em parasitologia. Ele era muito dedicado. Guilherme Abath também saiu e foi para a Faculdade de Medicina [UFPE]. Carneiro foi para São Paulo e eu para Belo Horizonte. Portanto saiu um grupo de pesquisadores que fazia pesquisas no CPqAM. Mas dr. Frederico manteve ligação com dois técnicos do Centro [CPqAM] que continuaram desenvolvendo pesquisas sob a sua orientação. Ele de vez em quando ia ao Recife.

Considerações gerais sobre a pesquisa no Brasil

O esclarecimento do fenômeno da estivação foi uma das coisas importantes realizadas no CPqAM. Outra descoberta importante foi sobre a epidemiologia da doença, elucidada, portanto, como a doença se mantém independente do transmissor. Há dois transmissores importantes no Nordeste, um deles é muito sensível à esquistossomose, ou seja, é suscetível ao Shistossoma, e outro, ao contrário, é muito resistente. Mas mesmo sendo mal transmissor, ou resistente ao shistossoma, o contato é tão grande com o homem vivendo nas margens dos córregos e em contato permanente com a água dos rios, que se infecta.

Então mesmo em áreas de prevalência dessa espécie pouco resistente ao shistossoma há endemia num padrão altíssimo, por causa do contato maior do homem com os rios e da falta absoluta de higiene, além da falta de infra-estrutura sanitária. Isso esclareceu melhor duas coisas: primeiro, como é que a esquistossomose mantém alto nível de infecção no Nordeste e segundo, a diferença entre os transmissores. Então fizemos um série de estudos sobre as qualidades do transmissor, analisando a quantidade de cercárias que o caramujo produzia. Esses estudos são citados até hoje.

Outro estudo importante que comecei no CPqAM mas terminei em Belo Horizonte foi sobre como o caramujo se defende do shistossoma. A partir de cortes seriados de caramujos não muito sensíveis ao sistossoma pude analisar o sistema de defesa das células que cercam a larvazinha e a matam. O dr. Fred [Frederico S. Barbosa] foi, portanto, o meu mestre e foi de fato quem me iniciou na pesquisa.

O Instituto René Rachou naquele tempo realizava pesquisa biológica básica, principalmente na área de parasitologia que foi progressivamente se sofisticando. Na parte de imunologia o máximo que nós chegamos, inclusive eu tenho alguns trabalhos sobre a leishmaniose com Eridan, foi compreender bem a doença e a sua transmissão. Mas foi muito pouco porque haviam poucos recursos humanos para fazer pesquisas. Comparando o CPqAM com outros centros percebe-se que lá era bem mais adiantado. O seu grande desenvolvimento estava ligado aos excelentes trabalhos desenvolvidos sobre genética. O CPqAM consolidou a nossa formação como pesquisadores, uma vez que a universidade não fornecia formação científica no campo de pesquisas, apesar de ter exce-

lentes professores. Era uma boa escola para formar médicos, desde que eles depois saíssem para se especializar.

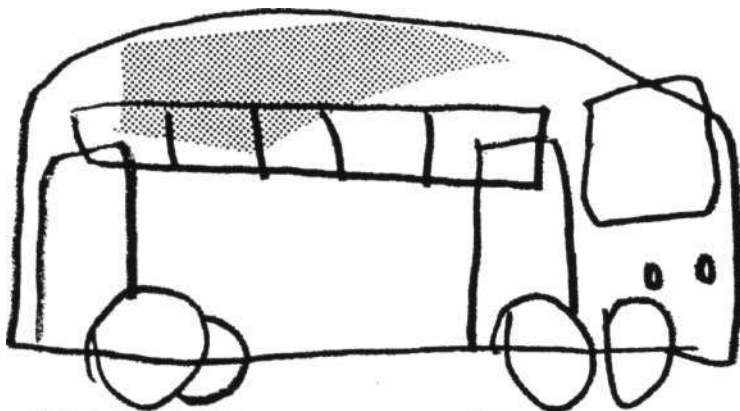
O CPqAM consolidou a nossa formação como pesquisadores, uma vez que a universidade não fornecia formação científica no campo de pesquisas, apesar de ter excelentes professores.

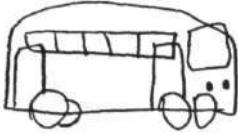
O período que passei em Jerusalém foi muito importante, porque comecei a trabalhar com imunologia a partir de métodos mais sofisticados. Tanto que me senti perdido para acompanhar a pesquisa, porque o nível de lá era bem mais alto. Na Organização Mundial de Saúde nós tínhamos sempre muito prestígio, éramos mais respeitados porque os problemas estavam no terceiro mundo. Fui assessor da Organização durante um bom tempo na parte de esquistossomose e depois em leishmaniose.

O desenvolvimento mais avançado do combate da doença via medicação nunca houve no Brasil. Agora está começando em alguns centros a produção de remédios baseada em extratos de plantas. A ciência no Brasil ainda é muito atrasada. O Brasil não contribui com mais do que 2% para a ciência mundial e, no entanto, é a nona ou oitava economia do mundo. Nossa formação, portanto, tem que melhorar tremendamente e acho que nesse sentido está se fazendo uma coisa boa, porque o Brasil mantém anualmente uns mil e tantos professores universitários em grandes centros no exterior, onde passam quatro anos ou três anos desenvolvendo pesquisas, e quando eles voltam estão tecnicamente melhores e mais capacitados para dar respostas aos problemas que nos afligem.

Acho que o trabalho de pesquisa no Brasil não é reconhecido, há um diferença muito grande no peso e importância atribuído ao pesquisador, pois no Sul do país ele é bem considerado e tem prestígio social. Você ser pesquisador de uma universidade é uma coisa importante. Há também um empenho muito grande por parte desses pesquisadores em seus trabalhos; eles quando são contratados em dedicação exclusiva, trabalham o dia todo. Portanto há uma profissionalização do pesquisador e isso eu acho uma coisa muito importante. No Recife existem uns grupos, como o de física e o de anatomia, que são ótimos. Em Belo Horizonte o professor em tempo integral é um pesquisador que tem que criar e pesquisar. Acho que no Brasil, nesse ponto,

há uma evolução enorme. É que a pesquisa está entrando nas universidades, está se profissionalizando no país e já não é vergonha você dizer que é professor ou pesquisador.





OTAMIRES ALVES DA SILVA

A infância e a adolescência: família, brincadeiras e colégios

Nasci no Município de Timbaúba, e com dois anos de idade vim morar na cidade do Recife, na Rua Guilherme Pinto, no bairro da Capunga, onde passei grande parte da minha infância. Depois, já adolescente, fomos morar na Rua Monsenhor Fabrício, no bairro da Iputinga. As lembranças da minha infância são muito boas. Infelizmente, as crianças de hoje não têm a oportunidade de vivenciar a infância que eu tive. Naquela época, eu e meus quatro irmãos, dois homens e duas mulheres (eu sou a terceira dos cinco), brincávamos uns com os outros em nossa casa, juntamente com os colegas da mesma idade. Era proibido sair para brincar na casa dos outros, pois, dizia mamãe, que o mal feito, quando aparece, é sempre o de fora que faz.

Costumávamos brincar muito de ônibus, e eu gostava de ser sempre a cobradora, e para isto começávamos a fabricar dinheiro de papel para pagar passagens e dar trocos. Também brincávamos de escola, onde cada um de nós ocupava postos de professor e aluno, e a brincadeira de boneca (na época boneca de pano) não podia faltar.

As lembranças da escola são as melhores possíveis, principalmente na época do Colégio Americano Batista, onde estudei todo o curso primário e secundário. Tínhamos a oportunidade de estudar inglês, que era obrigatório; música; canto, do qual eu realmente sempre gostei.

No Colégio Estadual de Pernambuco fiz o meu curso científico. Os professores eram rigorosos. Lembro-me bem do professor de matemática, que dizia que com ele ninguém tirava dez, porque se tirasse dez, seria um professor igual a ele. Outros professores da época também rigorosos ficaram na minha lembrança, como os professores de física, química

e francês. O rigor das aulas deste último me levou realmente a gostar de estudar mais o francês, porque na época estudávamos francês e inglês.

Fui adolescente numa época onde a mulher era reprimida. Hoje há muita liberdade, mas naquela época a criação era bem diferente. Lembro-me que, ainda com 15 anos ia para as festas com mamãe, papai e os irmãos; usava vestido de organdi com um grande laço atrás, e meia soquete. Já na época da universidade, ia para as festas de formatura com os colegas e os irmãos, principalmente o mais velho, se ele não fosse não ia ninguém; íamos e voltávamos de ônibus, mesmo usando vestido longo, pois na época era tradicional o vestido longo para os bailes de formatura. Fui a muitas festas de formatura, nos clubes Internacional e Português. Éramos nesta época até mais sadios, a juventude não bebia e nem fumava tanto como hoje.

Minha família cultuava o catolicismo como até hoje. Éramos obrigados a ir para a missa aos domingos, confessar e comungar, principalmente na Páscoa. Na nossa casa costumávamos, durante toda a Semana Santa, orar após as refeições com toda a família à mesa.

Minha diversão na época da adolescência era cinema, circo e festa da mocidade, que era uma festa de rua, com parques de diversões, bandinha de música e alto-falantes, onde a rapaziada oferecia músicas para as garotas. No cinema, costumava assistir às séries de Tarzan e eu sempre gostei muito de assistir e ler desenhos animados tipo Tio Patinhas, Mickey, Zé Carioca etc. Porém, gostava também de dançar e escutar as músicas da época, pois eram verdadeiramente românticas, possuíam letra e melodia. Costumávamos escutar Anísio Silva, Nelson Gonçalves e Orlando Silva. No mês de maio, íamos durante a semana à igreja assistir a novena, e aos sábados e domingos, após a oração na igreja, íamos as festinhas chamadas "assustados", realizadas nas casas dos colegas; cada uma de nós levava um pratinho de salgadinhos.

A universidade e a iniciação em pesquisa

A fase de minha formação universitária foi muito agradável, sobretudo pelas amizades que fiz durante o curso. Minha turma era muito pequena. Éramos oito, e depois de terminado o curso nos dividimos e cada um seguiu seu caminho. Foi um período muito bom, a matéria que me chamava mais atenção era a zoologia, ministrada pelos professores Fre-

derico Simões Barbosa e Ivete Barbosa. Sempre fui uma aluna muito dedicada, e sempre gostei de estudar a biologia; finalmente todas as matérias me encantavam. A botânica no estudo das plantas, a mineralogia no estudo dos minerais, e a biologia no estudo dos seres vivos. Por gostar muito da zoologia, ainda estudante consegui um estágio no Instituto de Higiene do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, que funcionava na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, no bairro dos Afritos, e que ia até a Rua do Espinheiro, defronte ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM]. O Instituto era dirigido pelo professor Frederico Simões Barbosa, meu professor na universidade, porém minha orientadora no estágio era a professora Ivete Barbosa, que tinha um estilo muito próprio de ensinar. Muito amiga, nos deixava sempre muito à vontade, ensinava, orientava, procurávamos descobrir. Então, isto de descobrir, de pesquisar, eu acredito que me estimulou na iniciativa de desenvolver trabalhos de pesquisa. Neste período de estágio, o professor Frederico Simões Barbosa conversou comigo e me disse que ia ver se conseguia uma bolsa de iniciação científica através do Conselho Nacional de Pesquisas [CNPq]. Porém não prometia, era necessário que eu passasse por um período de treinamento para ver se era realmente aquilo que eu queria. Mas consegui uma bolsa para desenvolver um projeto sobre esquistossomose, sobretudo em relação ao estudo dos moluscos transmissores da doença. Depois da bolsa de iniciação passei para bolsa de aperfeiçoamento. Em 1964, terminei meu curso de bacharelado, foi um ano de muita movimentação, final de curso, formatura, preparação para a festa, vestido de baile etc. Terminado o curso, continuei no Instituto de Higiene do Nordeste, quando o professor Frederico Simões Barbosa assumiu a diretoria do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], na Rua do Espinheiro, e passamos a trabalhar nos dois prédios. Em 1966, iniciei o curso de licenciatura na Universidade Católica de Pernambuco, estudando à noite e durante o dia realizava os trabalhos de pesquisa.

O trabalho com esquistossomose no CPqAM

Após um ano de formada, continuei a trabalhar no CPqAM, integrada à equipe dos professores Frederico Simões Barbosa e Ivete Barbosa. Em 1967, fui contratada pelo CPqAM, e trabalhei 12 anos com esquistossomose, juntamente com outros colegas: Manoel Alexandre Neto, José Veríssimo e Pedro Antônio, que eram motoristas e guardas de cam-

po. Este último, que se tornou meu sogro, me ensinou e me ajudou muito nos meus trabalhos de pesquisa. Olga Resende, Djaíra Silva, estagiárias como eu, e o Antônio Alei da Silva, com quem me casei. Nesta época, estávamos realizando um trabalho de saúde pública em Pontezinha/ PE, que durou dez anos, e que teve resultados excelentes com as ações de educação sanitária, palestras com a população e líderes da comunidade. O trabalho consistia em informar a população sobre a doença (esquistossomose), sua transmissão e os cuidados. Foi instalado um posto médico para atendimento à população, realizando exames e tratamento. Foram instaladas bombas d'água, construção de privadas, e um chafariz no centro da cidade com lavandarias. Com estas medidas conseguimos afastar a população dos riachos, focos dos moluscos transmissores da esquistossomose, evitando a doença. As palestras, realizadas muitas vezes à noite, com demonstração de slides, e as visitas "casa a casa" eram necessárias para orientar a população. Com isto conseguimos mostrar que o trabalho de Saúde Pública é importante.

"As palestras, realizadas muitas vezes à noite, com demonstração de slides, e as visitas "casa a casa" eram necessárias para orientar a população. Com isto conseguimos mostrar que o trabalho de Saúde Pública é importante."

A transferência e o trabalho em Garanhuns na área de Peste

Em 1973, meu marido, já médico, foi transferido para Garanhuns, a fim de dirigir a 5ª Região de Saúde. Eu tive que acompanhá-lo, e lá fiquei durante algum tempo à disposição da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, e depois iniciei meus trabalhos de estudo e isolamento de cepas sobre a peste, juntamente com os colegas também funcionários do CPqAM: drs. Célio e Alzira Almeida e dra. Darci Brasil. O trabalho era realizado no Laboratório Central de Peste, no Município de Garanhuns, que depois recebeu a classificação de Laboratório de Referência para Diagnóstico da Peste. Este trabalho era realizado também no Município de Exú, juntamente com o pessoal da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública [SUCAM], hoje Fundação Nacional de Saúde [FNS].

A experiência em doença de Chagas: de volta a Recife

Passados três anos, a Direção do CPqAM me sugeriu ficar definitivamente com a equipe do Laboratório de Peste, ou retornar a Recife para coordenar outro projeto de pesquisa. Eu não poderia mais ficar à disposição, teria que me decidir. Então optei para voltar, coordenar os trabalhos sobre esquistossomose, organizar e instalar um laboratório de protozoologia onde estudariamos os protozoários mais importantes causadores de doenças. Nesta época, era então diretor do CPqAM o professor Ageu Magalhães Filho. A equipe que trabalhava com esquistossomose já estava bem orientada, e havia necessidade da instalação de um laboratório de protozoologia, já que o centro estava recomeçando a diversificar as áreas de estudo em doenças tropicais. Iniciei os trabalhos com doença de Chagas, e depois continuei com leishmaniose (doenças causadas por protozoários da mesma família dos *Trypanosomídeos*). Aproveitei a oportunidade que me foi dada para iniciar novos projetos, formando novas equipes de trabalho. Com o apoio da FNS escolhemos as áreas de maior incidência da doença de Chagas, e começamos a trabalhar em Timbaúba, Macaparana e Nazaré da Mata, realizando levantamento e diagnóstico sorológico, contando com o apoio do dr. Jarbas Malta, médico cardiologista, que realizava os exames clínicos nos pacientes encaminhados para o CPqAM. No laboratório, recebíamos, freqüentemente, pacientes encaminhados por outras instituições e hospitais para realização de um exame que somente era feito por nós no CPqAM: o xenodiagnóstico.

O doutoramento em leishmaniose: a experiência em Toulouse

Trabalhei com doença de Chagas até 1988. Neste mesmo ano, fui convidada para apresentar um trabalho em Cayenne, na Guiana Francesa, trabalho este que já vinha realizando com um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco e da Holanda, sobre diagnóstico da leishmaniose visceral. Lá conheci vários pesquisadores, dentre eles um grupo de pesquisadores franceses que trabalhavam também com leishmaniose, e ficamos mantendo contatos.

Em 1989, candidatei-me a uma bolsa de estudos para especialização/ atualização no exterior, durante um ano. Entrei em contato com o monsieur George Larrouy, no Laboratoire Central de Parasitologie-Mycologie, do Hospital Purpan, em Toulouse, e no dia 10 de dezembro de 1989 se-

guimos eu e meu marido para Toulouse, onde passamos um ano. Foi realmente uma experiência maravilhosa de vida, apesar dos problemas encontrados, principalmente na resolução dos documentos. Sem saber direito a língua, foi muito difícil. Entre outras coisas, o clima, alimentação, cultura e condições de trabalho. Conheci uma pessoa maravilhosa, que nos ajudou muito: mademoiselle Françoise Moro, também pesquisadora, trabalhando no INSERM [Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale], e que já havia conhecido o Brasil, quando de sua vinda ao HEMOPE [Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco] No laboratório em Toulouse desenvolvi um trabalho sobre a imunologia das helmintíases humanas, e o aperfeiçoamento de métodos de diagnóstico sorológico, em particular no domínio da sensibilidade e da especificidade. Neste mesmo ano, o professor André Furtado (diretor de CPqAM) ofereceu-me uma bolsa para doutorado na França. Discutimos o assunto, eu e meu marido (que na época realizava um trabalho sobre fecundação "*in vitro*"), e aceitei continuar. Não tendo mestrado, submeti meu *curriculum vitae* ao Conselho Universitário em duas universidades ("Université Paul Sabatier", em Toulouse, e "Université Pierre et Marie Curie" em Paris), para obtenção da equivalência, e poder entrar para o doutorado. Fui aprovada nas duas universidades, e escolhi a de Paris, porque já tinha contatos com o grupo de pesquisadores de lá, que já trabalhavam com leishmanioses, e tinham grande interesse em trabalhar comigo. Voltamos ao Brasil em 1990, passamos três meses. Aproveitei para começar uma parte do meu trabalho de tese, selecionando o município para iniciar o trabalho de campo. O trabalho de campo consistia em selecionar o município que apresentasse alta incidência para leishmaniose tegumentar. Depois, iniciei o exame sorológico nas pessoas para seleção e vacinação. Este material, levei para Paris, e a cada ano vinha ao Brasil para acompanhar as pessoas vacinadas, e coletar material para a realização dos testes.

A experiência foi muito boa. O início foi difícil, porém com o tempo nos adaptamos, terminamos gostando e fazendo amizades. Os quatro anos desenvolvendo a tese passaram rápido, mesmo porque o trabalho intensivo me tomou todo o tempo, e quando se tem uma responsabilidade para cumprir, tem que se trabalhar muito. Além do mais, meu orientador era muito detalhista e exigente, o que foi bom para mim, porque a banca examinadora referiu que "com a minha tese qualquer pessoa pode trabalhar na bancada", porque tudo está bem descrito. Porém, o mais importante para mim foi o sucesso de minha tese. Graças a Deus, foi muito

aplaudida, e na mesma semana após a defesa da tese, recebi um convite para participar de um acordo de cooperação científica entre Brasil e França.

Os períodos de estudos para o aperfeiçoamento e doutorado no exterior foram para mim de grande valor. Eu gosto realmente do que faço, leio e estudo muito, e o meu marido me incentiva bastante. Porém, eu pensava que após o doutorado tivesse um pouco mais de tempo livre; engano. Felizmente, logo que voltei tirei um mês de férias para depois assumir. O trabalho redobrou, convites para participação em mesas redondas, bancas examinadoras, capacitação de pessoal e orientação à estagiários, além dos projetos de pesquisa e publicações.

O trabalho em Primavera/PE e o envolvimento com outros grupos

Iniciamos nosso trabalho de campo, no Município de Primavera, em 1991, quando realizamos o primeiro ensaio de vacinação humana contra a leishmaniose cutânea, utilizando como antígeno vacinal uma fração extraída do parasito, que denominamos LbbF2. Este estudo foi realizado em camundongos, cães, macacos, um voluntário humano e, finalmente, após os resultados obtidos, havia necessidade de realizar o estudo em uma área endêmica. Para a realização deste trabalho, tivemos autorização do Comitê de Ética Médica da Universidade Federal de Pernambuco. Selecionamos 80 pessoas, e destas, 40 foram vacinadas e o restante serviu de controle. Tivemos resultados satisfatórios após a vacinação, observando a não-infecção dos vacinados. Porém agora estamos realizando estudos, procurando purificar e isolar a proteína que protege, tentando chegar a uma molécula. Continuamos com o acordo de cooperação científica com o "Laboratoire de Parasitologie Expérimentale" na França, através de Loic Monjour (meu orientador de tese), que nos ajuda bastante, porque neste acordo podemos solicitar todo material e produtos importados necessários ao desenvolvimento do trabalho, assim como temos a oportunidade de participar das reuniões, uma vez ao ano, que são realizadas em Bruxelas.

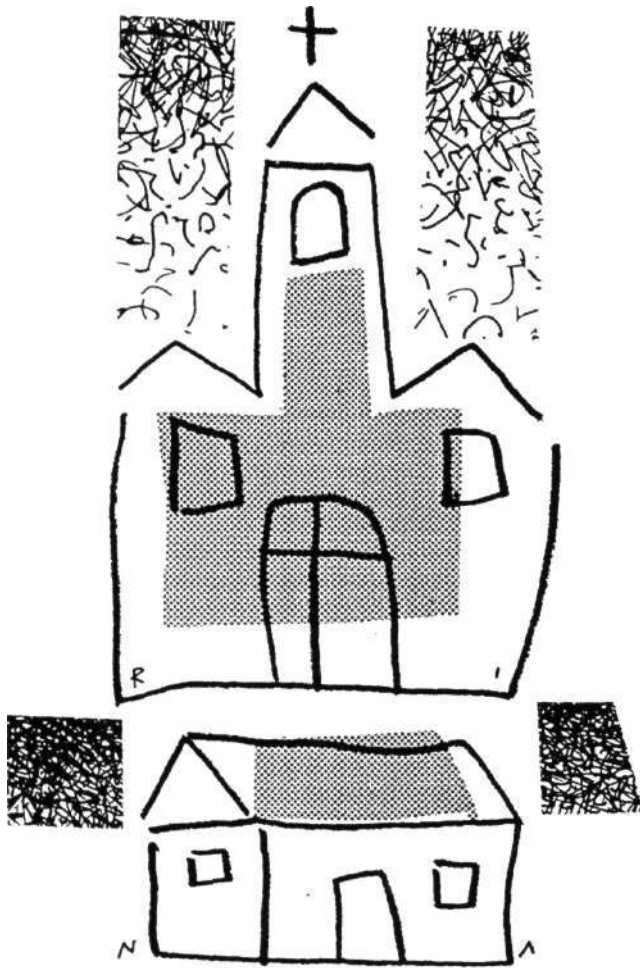
"(...) esta integração com as diversas instituições é muito importante e necessária na luta contra a leishmaniose, tanto humana quanto canina."

O estudo na procura de uma vacina contra as leishmanioses vem sendo realizado também por outros grupos, como por exemplo o pessoal de Belo Horizonte, liderado pelo dr. Wilson Mayrink, o pessoal do Rio de Janeiro, liderado pelo dr. Mauro Marzochi, e até mesmo por grupos da UFPE, liderados pelo professor Paulo Andrade, que estuda uma vacina contra o calazar canino (leishmaniose visceral). Assim, estes grupos se reúnem anualmente para discutir, e esta integração com as diversas instituições é muito importante e necessária na luta contra a leishmaniose, tanto humana quanto canina. As dificuldades que encontramos, em virtude da complexidade das espécies de vetores e de reservatórios, nos obriga a estudar uma vacina, a única maneira de proteger as pessoas em área endêmica. Os vetores, insetos (flebotomos) que transmitem a doença, além de hábitos diversificados, algumas vezes apresentam resistência aos inseticidas. Os reservatórios, animais silvestres ou domésticos ainda estão em estudo quanto à sua importância na participação da transmissão. Por este motivo, iniciamos um estudo de vacinação e de tratamento: o de vacinação para proteção das pessoas residentes nestas áreas endêmicas, e o de tratamento (imunoterapia), na cura dos pacientes que apresentam diagnóstico confirmado para leishmaniose tegumentar. Esta imunoterapia foi realizada utilizando a mesma fração LbbF2 da vacinação. Selecionamos um grupo de pacientes para receber o tratamento clássico a Glucantime (ampolas de 5 ml. dolorosa, e causadora de efeitos colaterais, aplicada por via intramuscular ou venosa), e um grupo de pacientes para receber 3001 da fração LbbF2 aplicada na borda da lesão. Realizamos uma comparação dos resultados, e obtivemos 83% de cura utilizando os dois tratamentos, porém o que nos deixa satisfeitos é que a fração LbbF2 não é tóxica, são somente 3001. Para aplicar e não é dolorosa.

Portanto, o nosso objetivo maior é de conseguir uma vacina e um tratamento ideal para as leishmanioses, assim como estamos avançando em termos de diagnósticos. É necessário capacitar pessoal de campo e de diversos postos de saúde nos municípios e, juntamente com ajuda da Fundação Nacional de Saúde [FNS], que realiza a vigilância, reduzir o número de casos.

"(...) o nosso objetivo maior é de conseguir uma vacina e um tratamento ideal para as leishmanioses, assim como estamos avançando em termos de diagnósticos."

Durante a minha vida profissional, trabalhei com esquistossomose, peste, doença de Chagas e finalmente leishmaniose. E estudando todas elas sempre me aprofundei muito nas pesquisas, gosto do que faço, do trabalho de campo, fazendo visitas domiciliares, ouvindo as pessoas, suas histórias, seus tratamentos alternativos, suas crenças. Outra coisa que me deixa muito feliz é ensinar o que aprendi, e fazer com que as pessoas se conscientizem de como é importante receber bem o doente ou a pessoa que chega ao posto de saúde, principalmente nas áreas mais carentes e de difícil acesso. Por isto estamos lutando para desenvolver novos métodos de diagnóstico, mais simples e mais sensíveis, uma vacina e um tratamento eficaz contra as leishmanioses.





PLENETE CAVALCANTI

A infância e o acidente sofrido pe/o pai

Mra infância teve muitos altos e baixos. Não gosto muito de lembrar dela porque não tive uma infância muito feliz. Quando eu tinha quatro anos de idade, meu pai sofreu um acidente. Antes disso nós vivíamos numa situação financeira muito boa: morávamos no Espinheiro [bairro de Recife] e depois do acidente fomos morar em Beberibe [bairro de Recife], onde passamos mais ou menos um ano. Acho que não durou nem um ano. Mudamos rápido, porque minha mãe não se acostumou, chorava muito, era aquele "aperreio". Naquele tempo, eu tinha quatro anos de idade e isso me marcou muito. Por isso não gosto de falar da minha infância. Essa parte na minha vida foi muito triste; ver meu pai doente, e nós nos desfazendo dos objetos da família para tratar dele. Ele era motorista e tinha três caminhões, e perdemos tudo. Tivemos que recomeçar, e hoje em dia me sinto rica quando lembro das dificuldades que passamos. Depois fomos morar no bairro do Arruda. Eu já estava com cinco anos, fomos morar numa casinha bem pequenininha, mas saímos de Beberibe. Quando completei seis anos, eu já estava morando na Encruzilhada, próximo ao mercado. Após o meu casamento, morei também neste bairro, perto da Matriz de Belém, onde compramos uma casa e fomos morar.

A adolescência

Mas aí vem a adolescência, fomos crescendo, as coisas foram melhorando e, apesar das dificuldades da época, eu ainda participei da festa de debutantes na AABB [Associação Atlética Banco do Brasil].

Todo o meu primário estudei em colégio do Estado, no Grupo Escolar Ribeira Costa. Posteriormente estudei no Colégio Estadual do Recife, quando fiz a prova de admissão, quase um vestibular para entrar no

ginásio. Em 1964, eu terminei o ginásio e parei de estudar por problemas financeiros devido à doença do meu pai, que perdurou durante toda a sua vida. Então, nessas circunstâncias, fui trabalhar com aulas particulares, dando aulas de reforço a crianças e ensinando datilografia. Nesse período, eu ficava fazendo aqueles deveres de casa, na época chamado de "tarefa de casa".

O ingresso no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

Passado algum tempo, me inscrevi num concurso no Aggeu Magalhães [CPqAM], por intermédio de uma aluna que eu tinha no curso de datilografia. Fiz a prova e esperei a nomeação, que aconteceu no dia 1º de março de 1967, para o cargo de auxiliar de escritório, como serviço prestado ao Aggeu Magalhães [CPqAM], na época ligado ao DNERu. Isso até 1972, quando passamos para o quadro de funcionários da Fiocruz, sob o regime da CLT [Consolidação das Leis do Trabalho].

Depois comecei a trabalhar na Seção de Pessoal do CPqAM, especializada em administração e recursos humanos, e começaram a me incentivar para eu voltar a estudar. Em 1967, fiquei pensando em voltar a estudar. Um pesquisador do CPqAM, chamado Manuel Lopes, me deu a maior força, inclusive foi ele quem me matriculou, e hoje devo o meu segundo grau a essa pessoa. Entretanto, em 1970, comecei a namorar com o meu marido, e ele nunca me incentivou a estudar. Mas mesmo assim pensei que era preciso terminar pelo menos o segundo grau e consegui. Mas, infelizmente, não continuei, porque o casamento, os filhos e a falta de incentivo do marido prejudicaram a continuidade dos estudos. Mas no CPqAM houve a possibilidade de participar de diversos cursos de especialização na área trabalhista e de recursos humanos, tanto aqui no Recife quanto no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Inicialmente no cargo de auxiliar de escritório, depois passei para adjunto administrativo, e hoje exerço o cargo de assistente de ciência e tecnologia.

No CPqAM sempre atuei na área de recursos humanos. Quando entrei lá, ele funcionava no Espinheiro, com poucos departamentos e com um número de pessoas também reduzido. Em princípio, entrei no CPqAM para secretariar a dra. Dalva, que por sinal foi casada com o dr. Frederico Simões Barbosa, ex-diretor do centro. Essa pesquisadora era chefe do Departamento de Bacteriologia, também chamado de Seção de

Peste. Eu trabalhei com ela até o final do ano de 1967. Em 1968, Francisco Arruda me convidou para trabalhar com ele na administração, que funcionava na mesma sala do Serviço de Pessoal. Então, o chefe do Serviço de Pessoal viu o meu trabalho e achou que eu tinha muito jeito, e me convidou para trabalhar com ele. Fiquei desde esse momento até o ano de 1978 exercendo atividades na Seção de Pessoal, quando nesse mesmo ano passei a chefiar a seção que hoje se chama Serviço de Recursos Humanos.

Quando comecei no CPqAM, o diretor era o dr. Frederico, que ficou até o ano de 1968, e que por problema político saiu do centro. No seu lugar assumiu o dr. Saul, que ficou mais ou menos até o ano de 1970. Casei em 1972, e mais ou menos até 1973 o dr. Saul [Tavares de Melo] ficou. Sempre me relacionei bem com os diretores. O dr. Saul às vezes brincava muito com o meu casamento, porque todos na época tinha direito a três dias de licença nupcial e ele me deu uma semana.

Em termos de administração, não tenho do que me queixar de nenhum diretor. O dr. André me deu alguns "apertos", por conta de uns boatos que ele ouviu, mas mesmo assim não tenho nada contra ele porque ele foi uma pessoa que me deu muito impulso. Foi nessa época que comecei a fazer cursos e a conhecer a fundação [Fiocruz]. No tempo em que o dr. Ageu. era diretor, os funcionários não faziam cursos e, se você não faz curso, não progride. Mas com o dr. André não funcionou assim, ele permitiu que os funcionários fizessem cursos. Nós começamos a freqüentar o Rio de Janeiro, conhecendo o pessoal da fundação, fazendo cursos, e houve um intercâmbio com um relacionamento bem melhor do que aquele que havia por telefone. Eu só conhecia os funcionários da fundação por telefone. Oswaldo Guerreiro, por exemplo, que foi chefe do Serviço de Pessoal da fundação., falava comigo o tempo todo na época do dr. Ageu., mas eu não o conhecia pessoalmente. Foi o Damasceno quem ficou no lugar dele.

"Nós começamos a freqüentar o Rio de Janeiro, conhecendo o pessoal da fundação, fazendo cursos, e houve um intercâmbio com um relacionamento bem melhor do que aquele que havia por telefone. Eu só conhecia os funcionários da fundação por telefone."

Numa época posterior, fui representante do FioPrev [Instituto Oswaldo Cruz de Seguridade Social] aqui em Recife. Fui eu, inclusive, quem implantou a área de assistência médica no CPqAM. O dr. André continuou,

mas fui eu quem começou. Passei muito tempo representando o FioPrev em Recife. Fiz cursos no Rio Janeiro e no Rio Grande do Sul, na área administrativa e de recursos humanos, no primeiro caso foram quatro cursos e no segundo apenas um, bem como três pelo FioPrev.

A partir da gestão do dr. André, a direção sempre apoiava esses tipos de cursos. E eu procurava fazer os cursos, falando com o pessoal lá do Rio de Janeiro. "Vai ter curso? Eu quero fazer". E aqui apoiavam. Mas, "Vá fazer o curso", ninguém mandava não.

Esses cursos ocorreram mais na gestão do dr. André. Nas outras gestões nós não fizemos curso nenhum. Acho que aqui ninguém saiu para fazer cursos, só o pesquisador. A área administrativa era muito apagada.

A gestão da dr. Eridan [Coutinho] está parecida com a do dr. André, apesar dela ter promovido mais abertura na administração. Porque não tínhamos um relacionamento direto com o pessoal da Fiocruz, só tratávamos por telefone. E só quem ia ao Rio era o administrador, levar qualquer problema que existisse, ou no final do ano, fazer a prestação de contas. Nós não tínhamos oportunidade de conhecer ninguém. O pessoal do Rio de Janeiro, que era a "central", nós só conhecíamos ou por telefone ou por ofício; não tínhamos aquele contato pessoal. Com o dr. André começamos a ter mais contato. Começamos a viajar e a conhecer o pessoal, que também passou a vir com mais frequência ao CPqAM, porque antes do dr. André quase ninguém vinha.

Com relação aos pesquisadores, nós da administração não acompanhávamos muito porque eles ficavam numa área completamente diferente da nossa. Eu mesma nem entendo muito da parte de pesquisa, como eles também não entendem muito da área de administração. Eu acho que em todo lugar que houver um pesquisador e um administrador, o administrador sempre é esquecido. Em todo lugar a história é a mesma. Aqui o pesquisador tem todos os direitos, apenas depois é que vai sobrar um pouquinho para o grupo da administração. Se eles tiverem cinco telefones nós só temos um, porque a finalidade do centro é a pesquisa; e a prioridade é para os pesquisadores. Acho que essa queixa você vai encontrar em todo lugar. Isso aí é generalizado. Na fundação [no Rio de Janeiro] também escuto muito esse mesmo problema. O pesquisador não quer nem assinar o ponto, porque é pesquisador. Ele esquece que é um funcionário, mas quando vem um aumento para o funcionário público, o pesquisador quer.

"Eu acho que em todo lugar que houver um pesquisador e um administrador, o administrador sempre é esquecido. Em todo lugar a história é a mesma."

A incorporação do CPqAM à Fiocruz

Quando o CPqAM foi incorporado à fundação houve uma mudança geral. A primeira coisa, como diz dr. Hélio [Bezerra Coutinho], é que "a parte sensível é o bolso". A fundação fez o Plano de Cargos e Salários. Foi no tempo do dr. Vinícius que para mim foi um dos melhores presidentes da fundação, desculpem-me os outros. Para nós que somos da área de administração, foi ele quem implantou o plano de cargos e salários. Ficou "batalhando" para passarmos para a CLT o que ocorreu em 1972. Houve uma mudança muito boa, tanto na área administrativa quanto na área de pesquisa, e também na área financeira. Tudo eu achei bom. Eu achei que melhorou muito quando nós passamos para a fundação, porque o Aggeu [CPqAM] quase fechou, porque houve aquele problema político, o período todo de 1964. Apesar de, em 1967, ainda haver o mesmo problema. Com isso, o Aggeu quase fechou, foi quando passamos para a Fundação. Oswaldo Cruz. Lá no CPqAM todos "bateram palmas".

O problema político repercutia muito na área do diretor, que ficava de "mãos atadas", uma vez que não conseguia verbas; todos os pedidos eram negados. Nós passamos quatro anos sem aumento, porque era negado. Na parte administrativa nós sentimos. Os diretores ficavam sem conseguir verba nenhuma.

Nesse período, na área de pesquisa, que era a finalidade do CPqAM, os pesquisadores ficaram todos parados. Não tinham como trabalhar. Não tinham verbas nem material. Ficaram usando o que tinham, dr. Eridan, que nessa época trabalhava na universidade [UFPE], usava muita coisa da universidade para desenvolver o trabalho dela no Aggeu porque não tinha material. Mas os outros pesquisadores ficaram parados. O pessoal de Exu e de São Lourenço da Mata sofreu muito durante esse período. Essas duas estações de campo têm ligação direta com o centro. A administração, o pagamento, a frequência, tudo é resolvido aqui.

O CPqAM tem 27 pesquisadores. Isso eu sei porque li hoje de manhã, até me admirei: "Puxa, como o centro tem pesquisador!" Nós temos hoje, eu acho, 99 funcionários, fora os aposentados, que são cerca de 22.

A aposentadoria

No último ano houve muita correria para a aposentadoria, eu me aposentei por causa disso. Como eu tinha 28 anos de serviço, e nunca tinha tirado licença-prêmio, ganhei dois anos. Eu pensei: "Vou me aposentar porque eu não sei o amanhã". E meu medo era passar novamente para a CLT. Porque existe hoje muita propaganda enganosa. Hoje você recebe muito bem, mas na hora que você se aposenta há uma defasagem muito grande.

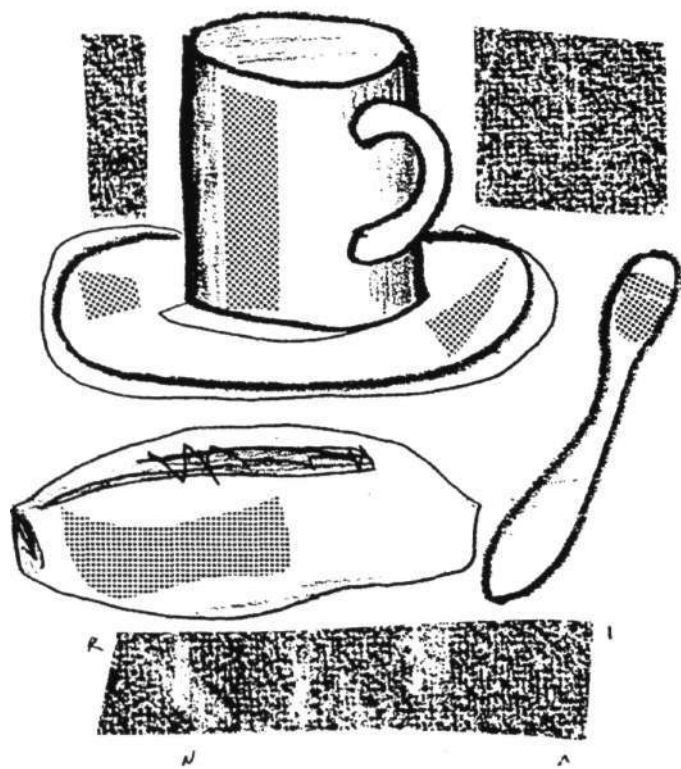
A maioria do quadro de pessoal do CPqAM é da área de pesquisa, o pessoal administrativo é pequenininho. Eu acho que dá uns dez ou 15 funcionários. Tanto que dr. Eridan está sempre convidando pessoas de outras áreas para vir trabalhar na administração, porque está muito defasado.

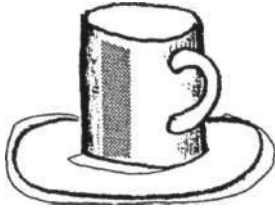
É tanta coisa em recursos humanos que temos que fazer: coisas do cotidiano, a vida funcional do servidor, tanto do ativo como do aposentado. Porque o aposentado continua na folha de pagamento, só não tem direito a algumas vantagens. Toda vez que ele precisa de alguma coisa, temos que estar com a sua ficha atualizada para informá-lo.

Houve um aumento de trabalho, no decorrer do tempo, em recursos humanos. Quando comecei só se trabalhava com anotação de ficha funcional, não fazíamos folha de pagamento. Mas começamos a confeccionar a folha de pagamento e aumentou o número de dependentes. O trabalho continuou a mesma coisa do que nós fazíamos anteriormente, apenas aumentou. Por exemplo, começamos a trabalhar com o vale transporte, *ticket* alimentação, pensão alimentícia e pensão vitalícia.

Em computação, a única coisa que fiz foi implantar os números dos processos, entrada e saída. Eu fiz um curso só para ter uma noção, porque aquilo me deixava doida. Eu uso o computador, mas não sei nada; para mim é como se fosse cinema mudo. Tinha uma menina lá na sala que estava informatizando, foi ela quem começou a informatizar, mas ainda falta, apesar de já ter informatizado muita coisa.

Eu já estou aposentada desde o dia 14 de março de 1995, trabalhando em cargo comissionado; dra. Eridan me convidou para continuar. No mesmo dia em que me aposentei, ela aposentou-se.





SAUL TAVARES DE MELO

A infância e as lembranças do engenho

Nasci e me criei num engenho na zona da mata, norte do Estado de Pernambuco, no Município de Macaparana e São Vicente Férrer. Meu pai era pobre, mas acima de tudo um homem honrado. Essa foi a grande herança que ele deixou para todos os seus 11 filhos. Tenho dez irmãos. Eu com formação em medicina, outro, Lourenço Tavares de Melo Filho, dentista, havia um outro dentista na família mas faleceu. Os restantes se casaram.

Fiz o curso primário em Macaparana na minha casa, porque os senhores de engenho contratavam professores para aulas. Lembro-me que um desses foi um italiano, Luís Egano; era surdo, mas era um professor excelente; ensinava a família toda. Uma vez, numa época em que estavam assaltando os engenhos, e bateram na nossa porta insistentemente, perguntamos quem era, mas não respondiam, pois era ele. Eu encontrei esse homem diversas vezes quando estava chefiando os serviços de peste em Alagoas. Na época da Segunda Guerra [Mundial] colocaram-no para realizar serviços forçados e para limpar fossa. Levei-o lá para casa, a comida que ele gostava chamava panada; pão com água e muito azeite português. Comeu, tomou duas garrafas de cerveja e ficou suando. Mandei fazer uma roupa para ele, porque ele andava mal vestido. A roupa que ele gostava era um paletó caqui com colete. Fundei uma escola no Serviço [de peste, de Alagoas] onde ele dava aula à noite para funcionários, para pessoas que eram ligadas ao serviço. A essa escola, dei o nome de um colega do Ceará, que havia morrido.

A vida na mata e no engenho me gravaram a memória bastante. Quando vou a Pernambuco, ao Recife, sempre me emociono ao passar pelo velho Engenho Tabocas, porque quando menino corria nas bagacei-

ras, sentindo aquele cheiro agradável. Esse engenho não é aquele que José Lins do Rego, em *Fogo Morto*, descreveu tão bem, mas era um engenho que fabricava açúcar mascavo, que meu pai tinha o maior orgulho em dizer que era o melhor da região e era por demais procurado, de sorte que aquilo nunca deixou de existir na minha vida. Minha Infância foi de menino pobre, que montava em cavalo sem sela; infância de vendedor de bicho que andava a pé por toda a redondeza. Com dez anos ia a Sapé, povoadozinho próximo de Vicência. íamos buscar o jornal, montado a cavalo.

A vida da infância é aquilo que nunca deixo de lembrar. Guardo na memória indelével as lembranças antigas e perdidas da vida no engenho. Nunca da minha memória escaparam essas lembranças, não posso esquecê-las.

A adolescência

Ainda adolescente fui estudar no Recife. Fiz meu curso secundário no Colégio Oswaldo Cruz e depois de concluído fui fazer faculdade de medicina.

Depois a família se mudou do interior e foi morar no Arruda, bairro pobre, vizinho de um cinema que foi incendiado e que ficava na Avenida Beberibe. Nós morávamos numa casinha e depois fomos morar num sítio perto da feira do Arruda. Lembro-me que tinha uma namorada, filha do dono da Farmácia Arruda. Todos saíram do engenho porque ele deixou de moer, deixou de fazer açúcar, fazia às vezes, só a cachaça e não tinha mais razão da família ficar lá, portanto fomos todos para a cidade. Mas antes do engenho deixar de moer, meu pai sempre fazia um pouquinho de açúcar porque ele não gostava de fornecer a cana para as usinas.

O engenho, com seu cheiro da cana-de-açúcar e do moeiro, permanece ainda à família. Minha mulher conheceu-o, mas já estávamos fora. Fiz tudo para que ficasse conosco, mas minha irmã passou para um filho, Luciano, e ele já modificou a casa, Quando estive lá pela última vez me deu uma tristeza muito grande; a casa que o velho meu pai ficava, falava alto e gritava antes de o engenho começar a moer. Há uma poesia que fala nisso; é linda, foi um sobrinho meu que escreveu.

Quando vim para o Recife, o engenho ficou funcionando. Lembro-me que certa vez, meu pai adoeceu de febre tifóide; eu era um rapazinho

de 12, 13 anos, e me deslocava constantemente para administrar o engenho. Lembro-me do trem Recife-Limoeiro, e de uma estação na frente da Lagoa Comprida. Ia de trem até lá, e depois andava 18 quilômetros a pé para chegar no engenho. Pegava o trem na estação do Brum, e comprava uma passagem de segunda classe. Isso eu digo aos meus filhos; comprava segunda classe e ficava variando; ia para a primeira, chegava o fiscal e dizia que não podia ficar lá, então eu saía, mas depois voltava. O primeiro livro que li, de Érico Veríssimo, foi durante uma dessas viagens. Conheci o Érico pessoalmente quando fui à Faculdade de Direito, onde ele fez uma conferência. Eu era meio curioso e ia às faculdades para ouvir conferências. Conheci também Mauro Mota e tenho um livro de sonetos dele que é uma beleza.

A vida universitária

A vinda para a cidade foi um salto muito grande. Chegando a Recife, fiquei acanhado de depender de meu pai com tantos filhos para criar e tratei de arranjar um lugar onde não precisasse pagar pensão. O doutor José Francisco de Melo Cavalcante, meu primo legítimo, conseguiu um lugar na [Casa de] Detenção do Recife, hoje Casa da Cultura; lá me davam comida, roupa lavada, e no centro da cidade eu pegava transporte. Além disso, fiz concurso para o Pronto do Socorro do Recife onde trabalhei três anos. Ganhava um salário pequeno, mas o suficiente para as minhas pequenas despesas. Na época da universidade consegui uma bolsa estadual que não permitia que o bolsista ficasse em segunda época. Assim, durante os seis anos de medicina, fui um bom aluno, não sei se por méritos intelectuais, ou por força das circunstâncias que exigia do bolsista muito empenho e esforço.

Lembro-me que certa vez, Agamenom Magalhães mandou prender uns estudantes numa revolta que houve, que até o bonde a gente íamos quebrar. Mas o irmão dele, Aggeu Magalhães, conseguiu nos convencer do contrário dizendo que se nós entrássemos na faculdade ele ia mandar a polícia embora. O Aggeu era um homem fabuloso, bem como o seu filho, o Aggeuzinho [Ageu Magalhães Filho]. A sua história é muito bonita. Ele é um homem excepcional, assim como Frederico Simões Barbosa. Na comemoração dos 45 anos do CPqAM [Centro de Pesquisas

Aggeu Magalhães] dra. Eridan fez um discurso muito bonito, elogiando o dr. Frederico. Ela tem uma verdadeira paixão por ele.

Na minha época de faculdade era obrigado o uso do paletó. No Nordeste você era obrigado a usar paletó.

O professor de anatomia, Luís de Góes, era truculento, brigão, teimoso e mentiroso. Certa vez, em um auditório imenso, com quase 100 alunos, ele disse que havia recebido uma carta difamando sua filha e que ia matar o sujeito. Ele mantinha um curso fora da faculdade que era pago. Eu era pobre e não freqüentava esse curso. A mim ele respeitava e muitas vezes perante a Assembléia ele dizia: "Saul, você já está muito avançado". O professor de parasitologia, o "cobrinha", esse era ridicularizado. Tinha o professor de anatomia, Frederico Curió. A respeito dele contam uma piada que ele foi fazer uma operação, ele e um outro, e esse último disse: "Pinça aqui". E Curió pinçou o dedo ao invés do apêndice. Tinham professores brilhantes, como Aníbal Bruno de Oliveira Firmo, que lecionava também em direito. Era um sujeito excelente, de uma cultura muito vasta. Eu assistia aos debates na Faculdade de Direito, os concursos para professor catedrático, e certa vez ele estava defendendo uma tese e "deu um branco", ele se esqueceu de tudo e pediu licença para se recuperar. Era um homem exemplar, fabuloso e de uma grande inteligência.

Meu anjo da guarda muito valioso foi o Zé Francisco, que foi delegado e depois deputado. Ele conseguiu uma carteira de investigador que me permitia freqüentar cinemas e jogos de futebol sem pagar. Ele tinha horror a futebol, mas era obrigado a comparecer aos campos; e ele por ser meu amigo me apanhava na Casa de Detenção no carro estadual, para irmos ao jogo. Eu torcia pelo Sport Clube do Recife. No campo aconteceram fatos pitorescos: tinha um colega que era pobre e estudava como acadêmico interno do Hospital do Centenário e certa vez ele jogou uma garrafa lá de cima da arquibancada que quase atingiu um soldado. Depois desse acontecimento, onde quase o prenderam, nós ficamos na tribuna e ele ficou lá sob a nossa guarda. Um outro fato que me marcou foi quando um cunhado meu, que era maníaco por futebol, pegou a bola que saiu do campo e deu um chute, que acertou a cabeça do soldado e derrubou-lhe o capacete. O soldado veio de lá feito uma fera e por pouco ele não foi preso.

Por muitos motivos a minha vida está muito ligada a Zé Francisco, que era concunhado de João Roma. Ambos casados com filhas do dou-

tor Teófilo de Freitas, que morava na Rua Sete de Setembro 127. Lembro-me bem da sogra dele, dona Carlotinha, que era dessas senhoras antigas de Pernambuco que gostava muito de conversar. João Roma, casado com Clarice, e Zé Francisco, casado com Creuza, uma moça muito bonita que é a mãe do Joaquim Francisco, ex-governador de Pernambuco. Isso foi só para uma ilustração que os velhos todos já faleceram, inclusive da minha família, pois o meu pai faleceu aos 69 anos e minha mãe aos 86. Ainda tenho oito irmãos vivos, um deles que era dentista, o Sandoval, faleceu há bastante tempo; o mais velho Eurípedes Tavares de Melo, o "Pipiu" falado de Recife, que era um valentão, um coração imenso, mas era brabo que era medonho, faleceu há dois anos.

Na época da universidade levei um tiro de uma arma de fogo de grosso calibre. Meu irmão era capitão do CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva], e um certo dia estava fazendo a barba ao meu lado quando, não sei se um amigo ou "amigo da onça", dele, que estava mexendo nessa arma disparou-a; o tiro atravessou a mão do meu irmão e penetrou na minha região glútea esquerda, atravessando toda a região da coxa direita mas sem atingir a minha coluna ou o meu intestino. Isso já faz 50 anos, talvez. Tiro radiografias constantemente, mas a bala está lá caladinha, sem nenhuma importância.

O primeiro emprego em Peste

Depois de formado fiz concurso para trabalhar no Ministério da Saúde, no Serviço Nacional de Peste. Esse trabalho era realizado no interior: Pesqueira, Caruaru. Depois fui promovido para chefiar um setor em Maceió, do Serviço Nacional de Peste. A peste bubônica é uma doença de pulgas, e aconteceu de uma Revista da Globo de divulgação científica, publicar que a peste bubônica era transmitida por moscas. Um erro incrível. Mandeí uma carta à Globo [Rede Globo de Televisão] dizendo que como grande conhecedor e batalhador que fui no interior tratando casos de peste, sabia que ela não era transmitida por mosca; mas pela pulga *Xinopsiva queóps*. Não me deram resposta. O que eles fizeram foi suspender a revista. Talvez ainda volte aos jornais citando esse fato, pois era gravíssimo dizer para a criança que a peste era transmitida por moscas.

No estado de Alagoas, na época o governador era Silvestre Pético de Góes Monteiro, irmão do Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Aquele go-

vernador era "brabo", valente, perseguidor dos inimigos da UDN [União Democrática Nacional]; e ele sempre me dizia, quando eu ia ao Palácio, que eu combatia rato de quatro pés e ele de dois. Era extremamente arrogante, e gozado era que ele aparecia muitas vezes de pijama. Aquelas sobranceiras horrorosas... parecia Bóris Karloff, feio e falante. Não distinguia funcionário estadual ou federal e me mandava, muitas vezes, bilhetes pedindo emprego para alguém como se eu fosse subalterno. Eu aceitava pois ele era um homem idoso.

Passei um ano e meio em Maceió. Em setembro de 1947, fomos à Recife, onde nasceu o meu filho Carlos Alberto Faria Tavares de Melo, que hoje é médico e trabalha em Brasília. Minha filha Rosa Maria Tavares de Melo, casada, advogada, procuradora, trabalha na Procuradoria Jurídica do INAN, [Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição]. Meu filho se formou em medicina, trinta anos depois que eu, na mesma faculdade. A festa foi no mesmo clube, na mesma data, 8 de dezembro, que é a data oficial da Faculdade de Medicina de Pernambuco. Eu me formei no dia 8 de dezembro de 1942.

Estudei medicina porque vim de uma zona de pobreza, de miséria, de doença, principalmente uma doença gravíssima que assola Pernambuco que é esquistossomose. Ela era transmitida pelo caramujo do riozinho que passava lá no nosso engenho Tabocas. A esquistossomose era tão generalizada que nossa família toda tinha [a doença], apesar de se tratar. Mas aqueles pobres de lá muitas vezes não se curavam e faziam barriga d'água. Por isso fui estudar medicina, achando que seria útil para a população pobre onde eu tinha amigos.

Um dos meus amigos era filho de uma família protestante que morava conosco no engenho. Essa família tinha um certo prestígio social, uma vez que o seu patriarca trabalhava na destilaria que fazia cachaça; um dos seus filhos vivia conosco quase como irmão. Quando eu estava cursando o quarto ou quinto ano de medicina, utilizei os meus conhecimentos em medicina para salvar a vida da esposa do Joel, pois ela teve uma crise fortíssima de eclâmpsia.

O dr. Celso Arcoverde de Freitas, que era um dos filhos daquela família do sogro de Zé Francisco e de João Roma, foi quem me arranhou um emprego no Serviço Nacional de Peste, onde desempenhei funções em Caruaru, Pesqueira, Maceió e Crato. Nessa última cidade passei o

ano de 1949. A minha ida ao Crato foi condicionada a posterior realização de um curso de sanitarista no Rio de Janeiro.

O Curso de Saúde Pública no Rio de Janeiro e as experiências de controle de endemias.

Passei o ano de 1950 no Rio de Janeiro. Nesse ano fatos pitorescos ocorreram, como o jogo Brasil e Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950. Estava lá no Maracanã com minha mulher e minha irmã, que é casada com um agrônomo, e o Brasil apesar de certo na vitória perdeu o jogo. Duzentas mil pessoas assistiram a derrota por dois a um. Depois do jogo, saindo do Maracanã, o silêncio se pudesse ser dimensionado, seria com certeza o maior silêncio do mundo.

"Duzentas mil pessoas assistiram a derrota por dois a um. Depois do jogo [final da Copa do mundo de 1950], saindo do Maracanã, o silêncio se pudesse ser dimensionado, seria com certeza o maior silêncio do mundo."

O curso de saúde pública foi muito puxado e se realizou em vários hospitais. Em Mangueiras se fazia a parte teórica e nos hospitais, a prática: Hospital São Sebastião, que era de doenças tropicais e doenças infecto-contagiosas, e o Pini que era perto da Praia Vermelha. Quando terminei o curso de sanitarista em 1951, antes de voltar para Recife, fiz um estágio em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De lá fomos a Montevideu e a Buenos Aires. Voltei a Recife e continuei a minha carreira no Ministério da Saúde, trabalhando como chefe do Setor do Serviço Nacional de Peste.

Posteriormente me solicitaram para realizar, em Fernando de Noronha, um serviço dentro do projeto no campo contra a peste. A ação consistia em exterminar ratos e pulgas. Nessa época não havia médico na cidade, porque ele estava de férias. Então, o diretor de lá me fez um apelo para atender a uma parturiente. Eu não tinha medo nenhum, já que possuía grande experiência em pronto-socorro e em medicina. O feto estava insinuado mas não saía, além disso havia perigo de morte, porque ele estava com o cordão umbilical comprimido. Então fiz uma manobra, onde se põe o dedo na boca do feto, puxa um pouco a cabeça para diminuir o espaço e o retira; assim o menino foi salvo e a mulher também.

Particpei de uma campanha de bouba no Brasil, começando por Nazaré da Mata. O agente causador é *Treponema pertinum*, que é irmão do *Treponema pãlidum* da sífilis. Essa campanha de bouba em Nazaré da Mata foi pioneira no Brasil, tratando os doentes com penicilina "casa a casa". Parecia um milagre, tomava-se uma injeção e se curava. Esse pessoal do interior, de um modo geral, não se medica e o remédio tem um efeito fabuloso. Esse trabalho foi publicado no 13º Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em Fortaleza.

Sua gestão no CPqAM e comentários sobre o Centro

Dr. Celso Arcoverde era diretor geral do DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais] no Rio [de Janeiro] e eu era chefe do setor no Recife. Foi ele quem me indicou para dirigir o Aggeu [CPqAM]. Nessa época eu chefiava o Serviço Nacional de Peste e dirigia o Aggeu [CPqAM] -Aggeu, de Aggeuzinho [Ageu Magalhães Filho]; Aggeu, de Frederico Simões Barbosa, que foi o fundador; Aggeu, das pesquisas formidáveis, e agora de dra. Eridan, que eu considero uma grande diretora. Fui convidado para a diretoria do CPqAM [Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães] pois o dr. Durval Lucena se afastou e dr. Celso achava que eu tinha capacidade para administrá-lo. Passei lá quatro bons anos, porque o Aggeu [CPqAM] é uma escola admirável.

"Passei lá quatro bons anos, porque o Aggeu [CPqAM] é uma escola admirável".

O Aggeu [CPqAM] para mim era um espetáculo e teria que citar alguns nomes que fizeram a sua história, como a Maria do Carmo e o Arcelino, este último um motorista que era um exemplo de capacidade; ele chamava atenção, pois o carro brilhava mais do que tudo no mundo. Inclusive, a única coisa que fiz materialmente no CPqAM foi uma garagem por trás do prédio da Rua do Espinheiro. Na época da minha gestão o Aggeu [CPqAM] não desenvolvia muitas linhas de pesquisa, estava meio apático, sem muito entusiasmo. Inclusive, quase toda a época em que passei lá no CPqAM nós não desenvolvíamos muita coisa nas áreas de pesquisa.

A transferência para Brasília

Terminado esse período no Aggeu [CPqAM] fui para Brasília. Os fatos que motivaram a minha transferência para Brasília foram primeiramente meus dois filhos, um médico que havia se formado no Recife e uma advogada. Eu, em fim de carreira, já não tinha muita coisa a desejar e pensei que Brasília seria um campo novo para meus filhos. Meu filho trabalha hoje na Funai [Fundação Nacional do Índio], para o Ministério da Educação, na parte de residência médica e medicina do trabalho. De modo que ele deixou a reumatologia com que trabalhava em Recife e tem três empregos aqui. Tanto ele quanto a irmã têm casa quitada, ganham bem e não me dão trabalho; não precisam de ajuda minha. Dou quanto eu quero, à minha filha porque ela não ganha tanto quanto meu filho. Sou aposentado em DAS-5 [Dedicação Exclusiva-5] e não tenho desconto nenhum, porque sou aposentado por invalidez. De modo que tenho dinheiro suficiente. Me aposentei no cargo de diretor geral, pelo antigo Departamento de Endemias Rurais.

Quando vim para Brasília fiquei trabalhando no Ministério da Saúde, na Sucam [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública], chefiando todas as endemias. Tinha grande experiência em doença de chagas e peste. Chefeei também a campanha de vacinação e de erradicação da varíola, que foi um grande feito para o Brasil.

Meu trabalho de saúde pública em Brasília foi um trabalho que se tornou repetitivo. Cheguei aqui e fui logo dirigir o órgão máximo depois do diretor geral da Sucam [Superintendência de Campanhas de Saúde], que hoje é a Fundação [Nacional] de Saúde. Trabalhava no Brasil com as campanhas de Chagas, de peste, de malária. Tudo era englobado no departamento em que eu era diretor; eu fazia a coordenação nacional das campanhas. Nesse serviço viajei de Manaus a Porto Alegre. Constantemente me deslocava e às vezes achava antipático e repetitivo; aeroporto, levar a mala, botar no hotel... Fui também ao Haiti e aos Estados Unidos: Miami, Washington. Tinha um amigo muito íntimo, que vivia em Washington. Ele era amigo também do Érico Veríssimo que na ocasião trabalhava lá e tinha uma filha que morava lá nos Estados Unidos. Érico tinha o maior medo do mundo que a filha se casasse com um americano. Ela ia às festas e ficava a noite toda com o carro embaixo esperando-a. Então, me lembro que a

menina arranhou um casamento lá, e ele transferiu o sujeito para cá e casou-os no Brasil. Por sinal essa menina se separou.

Fazendo um retrospecto do período em que entrei no serviço público e que saí, acho a situação muito pior hoje, porque devido a brigas políticas o DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais] se misturou com a Fundação SESP [Serviço Especial de Saúde Pública]. Tive convites para continuar trabalhando apesar de já estar aposentado, mas não aceitei.

Passei 50 anos no serviço público, sem uma mancha ou mácula. Fiquei 40 anos chefiando e não passei a mão na cabeça de ninguém, bem como não fiz injustiças. Acho que desses elementos é que vem o reconhecimento. Lembro-me que uma vez no Aggeu Magalhães [CPqAM] um camarada lá, metido a "brabo" e a valente, quase que batia na minha secretária, dona Maria do Carmo. Chamei-o na minha sala, passei a chave na porta e disse: "Seu fulano, você viu que eu fechei a porta, não vou brigar com você. Se você quiser brigar o telefone está aqui, eu chamo um guarda, ou um sujeito da rua para vir brigar com você. Agora, você vai ouvir umas coisas". Eu dei uma lição de moral nesse cara, que ele chorou.

Lembranças da vida e dos amigos de Recife

No ano de 1990 me hospedei em Recife, no Hotel Veleiro, situado no começo do Pina [bairro de Recife]. É um hotel de duas estrelas com ar-refrigerado, televisão e piscina, que minhas netas gostam muito. Antoninho, que é chefe da Queiroz Galvão, uma das maiores firmas de construção do Recife, um certo dia foi ao hotel e me convidou para jantar com ele, pois era aniversário da sua mulher. É um sujeito rico, mas mesmo assim desceu do décimo andar da Avenida Boa Viagem e foi a pé com um sobrinho e um irmão para me chamar, eu um modesto funcionário aposentado. Achei isso muito relevante apesar de minha mulher ter dito que era bobagem minha. Outro dia peguei um taxi na avenida, fui ao aniversário de Bela, que é a mulher de Antoninho, e levei uma *corbelie* para ela. Chegando lá, sempre nessa minha loquacidade, fiz uma saudação à Bela, exaltando-a. Antoninho me considera demais; nesta ocasião, minha mulher queria visitar o irmão que estava em Olinda, muito doente, e ele emprestou o carro. Depois, passada a festa, eu também tinha que ir visitar meu cunhado e ele emprestou outro carro. Era um Dodge, esse carro da Chevrolet, esse maior. É um carro bonito.

Em 1938 recebi uma carta de Ledo Ivo, imortal da Academia Brasileira de Letras, que morava em Alagoas, na Rua do Marcena. A carta dizia o seguinte: "Você continua nessa cidade, seu caminho com ares de museu, de certo que eu não o importunaria. A culpa acaba todos a um amigo. Entre os endereços pedidos por mim estava o seu. Impossível deixar de levar uma cartinha a você, de sorte que aqui estou apertando mentalmente a sua mão. Tenho amigos desconhecidos na Mauricéia, no Rio [de Janeiro], na cidade preta e dengosa da Bahia, no Rio Grande do Sul, na cidade da seca, na cidade do café, no Maranhão e em Recife tenho você e o Aníbal. Certo que você me enviará outros endereços para que sua cidade sobrepuje o Rio que está em primeiro lugar. A sua hospitalidade terá em que consiste. Você gosta do culto? Naturalmente. É minha lucrativa predileção, meu gênero literário é o conto, a poesia, o ensaio, a crítica. Espero pacientemente que você puxe conversa. E se é poeta, conversemos poesia. Falemos do Guamieri, do Jorge de Lima e do Smith. Se romancista inédito esclarecemos o Veríssimo e o Graciliano. Escalemos. E assim, portanto, conquanto que não nos emudeçamos. Devido a falta de tempo é de todo impossível prolongar mais o nosso brilhante palestrar. Portanto, sempre o admiro, o amigo certíssimo, se bem que desconhecido".

Gostaria de falar sobre o meu colega que se suicidou aos 82 anos, Pedro Nava. Tenho todos os livros dele, era um excelente escritor, memorialista fabuloso. Nessa época havia o interesse entre os jovens literatos de se corresponderem entre si. Eu conhecia um outro colega, citava e assim havia um entrelaçamento de correspondência que era útil, não tenho dúvida. Isso tem mais de 50 anos. Um colega, que hoje está aposentado como ministro do Supremo Tribunal Federal, perguntou como eu tinha tempo de me meter em assuntos literários. Ele e outro amigo são dois camaradas da mesma cidade da Paraíba. Recordo-me que éramos estudantes e tomávamos umas biritas. Coisa de menino pobre, menino bobo. Ele virava o copo e dizia: "Saulo, Saulo por que me persegues?" Citando uma passagem da bíblia.

Chego no Recife hoje e não tenho com quem conversar. Os meus amigos "foram embora". Zé Brasileiro Vila Nova, Ovídio Montenegro que foi meu colega de turma. Algumas pessoas que você encontra muitas vezes não tem um nível intelectual que mereça uma conversa. Agora encontrei-me com um, que acho excelente, ele é irmão de um colega de tur-

ma, Lívio de Souza Valença. Esse camarada foi desembargador, Décio de Souza Valença, e é inteligentíssimo. É capaz de declamar meia hora ou uma de poesia que ele fez. Coisa gozadíssima, com muito bom humor.

O *resto é silêncio* é um livro de Alvin Tofler que emprestei a um colega, que está achando-o excelente. Nesse livro o autor analisa quando o sujeito se desliga do seu meio social de origem e busca se integrar em outro. Foi isso que aconteceu quando me transferi para Brasília. Lembro que meu irmão querido, que é irmão e amigo, o Lourenço, fez uma despedida e achou que minha ida a Brasília estava sendo uma fuga. Dei uma explicação chorando e pedindo desculpa; sou uma "besta" para isso. A ligação é tão forte entre nós que quando chego no Recife, ele oferece festas; basta dizer que da última vez ofereceu uma buchada, que matou dois carneiros, e tinha mais de 50 pessoas.

Assim que me transferi para Brasília havia uma troca de correspondência mais intensa, que foi rareando até chegar no ponto zero. Acho que hoje em dia a missiva não existe mais, tudo se resolve pelo telefone. Digo a minha mulher que ficamos todos analfabetos e não sabemos mais escrever. Estou lendo *Os sermões* de padre Vieira, o sermão da sexagésima. Esse texto é um clássico, é uma beleza. Ele me desenvolve e me realiza.

Sou muito sistemático na minha maneira de viver. Meu desejo era ficar tranqüilozinho lendo o Antônio Vieira. Outro dia li um livro de Darcy Ribeiro. Ele fugiu da UTI [Unidade de Tratamento Intensivo] para terminar esse livro. Não acabei ainda porque sou meio lento. Admiro muito a arrogância de Fernando Collor. Minha filha e meu genro têm horror a ele. Mas eu votei nele e votaria novamente. Acho que o *seu impeachment* ocorreu porque ele tinha 39 anos de idade e essa turma velha não o aceitava.

Na opinião de meu irmão, dr. Lourenço Tavares de Melo, no seu livro intitulado *Vale do Serigi*, história que meu pai contou; a página 397, "nós irmãos somos unânimes em considerar o mano Saul como um dos mais ilustres da família e o mais destacado entre os filhos de Lourenço e Herundina, nossos pais. Seu currículo profissional confirma essa afirmativa. Foi o primeiro filho nascido no Engenho Tabocas. Nasceu a seis de julho de 1918 no Município de Bom Jardim que depois passou a ser Macaparana e hoje é São Vicente Férrer. Por isso, todas as vezes que tem que dizer onde nasceu cita os três lugares. Seus estudos iniciais, chamados primeiras letras, foram ministrados por mamãe; depois passou para uma escola particular num engenho em Bom Jardim. O curso ginásial se

efetivou no Recife nos colégios Oswaido Cruz e Porto Carreiro, que era um ginásio que tinha na Rua da Concórdia. Em 1938 sofreu um acidente, que felizmente não lhe causou nenhum dano. A este mano muito devo. Considero-o um grande irmão e um grande amigo".

A cirurgia cardíaca e o apoio da filha

Apesar dos 67 anos, me considero com boa saúde porque com essa idade quase todo mundo já fez operação de próstata ou tem catarata, e eu não tenho doença prostática nem catarata, apesar de já ter sido safenado em 1983. Essa operação foi uma odisséia, que não esperava, porque eu era um homem forte e jogava futebol de salão. Certa vez me deu um cansaço ao jogar voleibol e me sentei num banco; os colegas brincaram comigo me chamando de frouxo e mole. No dia seguinte fui a um médico e ele recomendou um exame de cateterismo. Fiz no Hospital das Forças Armadas, com minha mulher e meu filho médico, presentes. Meu filho quase desmaia quando a sonda encontrou a obstrução e um colega disse: "Saul, tu diz a tua mulher para ir buscar a mala em casa, pois daqui tu viajas para São Paulo". Estou safenado há 12 anos e sirvo de exemplo a alguns colegas que fizeram a mesma operação. Agora mesmo tem um colega que viajou a poucos dias para Miami e ele está com três ou quatro meses de operado; eu sou um grande referencial para ele pois tenho 12 anos que sou safenado. Quando ele viajou, eu na brincadeira disse que era eleitor do Collor, ele tem horror ao Collor, e pedi-lhe para entregar um bilhete ao Collor em mão.

Quando realizei a cirurgia, a minha primeira neta -Helga- tinha dois meses. Hoje existe uma segunda neta -Natasha- irmã de Helga, nascida em 1992. Minha filha ficou agoniada quando soube que eu teria que ir para São Paulo para me operar. Viajei com meu médico particular e com minha mulher. Como a minha neta Helga estava apenas com dois meses, minha filha não pôde ir. Após a operação os médicos tiveram que reabrir, porque o vaso estava sangrando. Nessa viagem, minha filha, em sua agonia, escreveu alguns versos: "Meu papai e as safenas". "Dizer que sempre o admirei, falar que sempre o considerei, dizer que sempre o amei, isso tudo é fácil; mas nunca imaginei perdê-lo, e esse sentimento de perda me levou ao deSESPero; quase ao caos total. O senhor e suas safenas me atingiram por completo, reduziu-me a nada e eu pensei ser

uma pessoa forte, mas desabei. Naquela tarde no hospital me descontrolei por inteira, não pude me conter e aceitar o fato de você, logo você ter de colocar as benditas pontes de safena. A sua viagem e eu na pior, a sofrer mais e mais. A espera, a minha aflição aumentando, o desespero tomando conta de mim. Decidi rezar. Valeu. Acabou o desânimo e fui ouvida mais uma vez e atendida pelo pai de todos nós. Como devo tê-lo incomodado nesse dia em minhas orações, preces e juras. Essas safenas só fizeram unir mais o meu coração com o seu. Nossos corações estão interligados por elas e eu gosto disso. Elas nos aproximaram mais. E eu não sabia que você era tão importante para mim, que era indispensável e insubstituível. A sensação de perdê-lo quase me levou à loucura, mas tudo passou, graças a Deus. Agora espero e desejo sua volta. Seu retorno. Por favor volte depressa, pois meu coração não possui safenas e eu levo desvantagem. Sua filha radical que lhe ama radicalmente."

A entrega de medalha e o reconhecimento da filha e de um amigo

Rosa assistiu a entrega da uma medalha que recebi e escreveu para mim: Parabéns pelo dia de hoje, data essa inesquecível para seus parentes e amigos, e principalmente para você próprio, que realmente foi reconhecido. Reconhecido por que soube ser direto no seu falar, objetivo nas suas idéias e autêntico na sua forma de se expressar. Quantos anos servindo publicamente. Cinquenta anos é uma vida. Será que valeu a pena ter toda aquela gente reunida? Acho que teve validade, fez bem ao seu ego. A luta não foi em vão, pois suas qualidades foram reconhecidas enfim. Os seus engasgos que o paravam, eram naturais, provenientes de tamanha emoção. Muita gente estava segurando, inclusive eu, o seu coração. Se minha filha fosse maior e tivesse mais entendimento, juro que ela vibraria com tão grande acontecimento. E a vida continua, outras medalhas virão. Torceremos em conjunto, sempre nos dando as mãos. Quisera eu poder ser Deus e daqui lhe assegurar, sem medo nem preocupação, que já guardei o seu lugar. Nossa homenagem está fechada nesse papel para guardar, mas nossos corações estarão abertos para sempre te amar. Um amigo meu que é sanitaria aposentado, Joaquim de Castro, escreveu um pequeno trecho para me homenagear: "Saul, caro colega, na oportunidade em que deu o serviço público, após trinta anos de contínuo labor, desejo manifestar a satisfação que tive em conhecê-lo pessoalmente, enriquecendo deste modo, não apenas minhas relações

de amizade pessoais, mas principalmente adquirindo através de seu trabalho na SUCAM maior grau de experiência profissional, capaz de aperfeiçoar meu desempenho nas inúmeras tarefas que foram delegadas. Aceite assim meus agradecimentos pela sentida colaboração funcional que sempre nutri em sua pessoa. E disponha de meus préstimos pessoais desde que julgue oportuno.

*ENCARTE
FOTOGRAFICO*



Primeiro prédio onde funcionou o Instituto Aggeu Magalhães/Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, na Rua do Espinheiro 106 (década de 1960)



Reunião de pesquisadores no prédio do Espinheiro (década de 60). Da esquerda para a direita Jandira Moraes Barbosa, Ageu Magalhães Filho, Eridan Coutinho, Frederico Simões Barbosa (ao centro), Guilherme Abath, Bento Magalhães Neto e Ivete de Melo Barbosa



Laboratório de Macologia, no prédio do Espinheiro (década de 1960)

Biotério da seção de Patologia Experimental, no prédio do Espinheiro (década de 1960)



Laboratório de Patologia Experimental vendo-se ao fundo o técnico-chefe, Tarcísio Evencio de Araújo e duas estagiárias (década de 1960)



O Inspetor Sanitário, Francisco Arruda com Maria do Carmo Lacerda (a esquerda) e Leurides Paes, da equipe administrativa, no prédio do Espinheiro



Prédio da Estação de Campo de Exu (1966)



Atual Estação de Campo Barca Pellon, denominada, até 1996, Estação de Biologia Experimental, no Município de São Lourenço da Mata/PE



Saída para a captura de roedores na Estação de Campo de Exu em 1996



Alzira de Almeida e Célio de Almeida, coordenadores do projeto da Estação de Campo de Exu - 1996



Equipe de trabalho de controle de esquistossomose em Tracunhaém (PE)



Biotério da Experimentação/CPqAM. Pesquisas sobre desnutrição e esquistossomose



Departamento de Imunologia/CPqAM



Departamento de Microbiologia/CPqAM



Vista do Prédio do Instituto Aggeu Magalhães, após sua ampliação (1996/1997)



Vista do Prédio do Instituto Aggeu Magalhães, após sua ampliação (1996/1997)



Comemoração dos 45 anos de criação do Instituto Ageu Magalhães em 2 de setembro de 1945. Da esq. p/ dir.: Rômulo Maciel Filho (vice-diretor), Saul Tavares de Melo, Ageu Magalhães Filho (ex-diretores), Eridan Coutinho (diretora), Carlos Morei (ex-presidente da Fiocruz), Frederico Simões Barbosa e André Furtado (ex-diretores) em setembro de 1995



Grupo constituído por Elói de Souza Garcia (presidente da Fiocruz), Ageu Magalhães Filho (ex-diretor), Eridan Coutinho (diretora), Frederico Simões Barbosa e André Freire Furtado (ex-diretores), em fevereiro de 1997

SUMÁRIO DAS ENTREVISTAS

AGEU MAGALHÃES FILHO

FITA 1-LADO A

A trajetória profissional de Aggeu Magalhães (pai); o trabalho científico do pai nos EUA; referência a Agamenom Magalhães; a criação do Serviço de Verificação de Óbitos [SVO]; o descobrimento da esquistossomose em Pernambuco e a gastroenterite infantil no SVO; a produção de estatística anual de *causa mortis*; a Fiocruz e o financiamento de projetos ligados à esquistossomose; a Fundação Rockefeller e a relação com o SVO; a articulação para a criação do centro de helmintoses de PE; o falecimento do pai; as instalações do Instituto Aggeu Magalhães (IAM).

FITA 1 - LADO B

O seu trabalho na anatomia patológica do IAM; a gestão de Durval Lucena; os avanços na pesquisa da esquistossomose nos EUA; a bolsa de estudos; o retorno da pós-graduação para o Departamento de Anatomia Patológica; a relação do IAM com a Divisão de Organização Sanitária [DOS]; o CPqAM após 64; o convênio entre a Fundação Kellogg e a UFPE; a criação do Núcleo de Imunopatologia na UFPE; a possibilidade de fechamento do CPqAM; o contato com Keizo Asami; sua gestão no CPqAM; o convênio com a FINEP para a produção de antígenos; transferência de Célio e Alzira para Recife; as conquistas científicas no campo da peste e no estudo de bactérias; o projeto com o Japão.

FITA 2-LADO A

O Acordo UFPE/ Fiocruz para a construção do novo prédio do CPqAM; a movimentação política para a aprovação do acordo; a construção do LIKA; a ligação da UFPE com a Fiocruz; o convênio com o Japão; o financiamento da OMS para a construção do LIKA e do CPqAM; o CPqAM e o trabalho sobre filariose; a participação de dr. Frederico; a reforma na estação de campo de São Lourenço da Mata; EXU e a ligação com o Ministério da Saúde; a articulação política para montar uma escola de saúde pública em Pernambuco; o NESCC; a filariose e a esquistossomose.

FITA 2 - LADO B

Celeuma médica: aspectos ineficientes do tratamento com antimônio; a tecnologia avançada do LIKA; o novo tratamento para a esquistossomose; as dificuldades do LIKA; o apoio do JICA; o Instituto dos Antibióticos; a saída do dr. Ageu da direção do CPqAM; a atuação política de Aggeu Magalhães (pai); as perseguições políticas aos familiares de Agamenom Magalhães; a formação humanística de Aloísio Magalhães.

FITA 3 - LADO A

Lembranças da infância; a adolescência: as professoras e a convocação para as forças armadas; a vida na época da universidade; a clínica médica e o início da profissão; a faculdade e o trabalho de pesquisa.

FITA 3 - LADO B

Impressões sobre literatura e ciência; opiniões sobre política e educação; o curso de medicina; hospitais ligados ao estado e à Santa Casa da Misericórdia; Aloísio Magalhães.

FITA 4 - LADO A

Aloísio Magalhães e o tombamento de Maguinhos [Fiocruz/RJ]; a cadeira de anatomia patológica da UFPE e o Hospital Pedro II; a boêmia no bairro do Recife; a mulher americana; comentários sobre a energia e o mundo; Agamenom Magalhães, Ageu (pai) e a influência na sua vida; a violência política dos anos 30.

FITA 4 - LADO B

A política de Agamenom no estado: impostos, mocambos e o governo federal; o trabalho na Universidade da Paraíba; dr.Ageu no início da carreira como médico no Oswaldo Cruz; a criação da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco e o Hospital do Sancho.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 4

Duração da entrevista: 3h:40min

Local: Recife/ PE

ALEXANDRE BEZERRA VE CARVALHO

FITA 1-LADO A

Lembranças da infância e da cidade onde nasceu; as características de sua família; menção ao pai, médico; a influência do pai e da família na opção pela formação médica; lembranças do ambiente familiar; lembrança da morte de um dos seus irmãos; a influência do pai em sua vida de pesquisador; a mudança para Recife; o curso de Medicina Preventiva no IMIP; a ida para São Paulo; seu ingresso no Hospital das Clínicas em São Paulo; o concurso público para o Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo; as conseqüências pela aprovação no concurso; sua participação na criação de um grupo especializado em fígado; referência a um acidente sofrido em São Paulo; a volta para Campina Grande (PB); seu ingresso como professor na Escola de Medicina de Campina Grande; o retorno para Recife; seu ingresso no Hemope; a saída do Hemope; o convite de Ageu Magalhães para ingressar no CPqAM; sua atuação inicial no CPqAM; a fundação de um grupo de imunologia no CPqAM; considerações sobre sua carreira acadêmica; seu ingresso no governo

como Secretário adjunto de Saúde do Estado; considerações sobre sua vida pública; lembranças da infância e da vida escolar; a relação com o pai; o acidente com seu irmão e as conseqüências na família; o suicídio de um outro irmão; o acidente com uma irmã; considerações da mudança para Recife; lembranças de sua estada no Hospital da Aeronáutica; as relações com o pai; o consultório em Boa Viagem; considerações sobre a Fundação SESP; a aptidão pelo piano; a opção pela medicina; lembranças do ginásio; considerações sobre o Colégio Estadual de Campina Grande; o acidente com seu irmão; as experiências e dúvidas na juventude; o vestibular para medicina; o desejo na juventude de estudar física nuclear; a sua formação humanística; lembranças de sua prisão no golpe de 1964; o seu apartidarismo; a época universitária; o Teatro Popular do Nordeste; sua participação no meio artístico e cultural; sua atuação nas boates de São Paulo como pianista; a opção pela medicina.

FITA 1 - LADO B

Lembranças do seu acidente em São Paulo; a volta para Campina Grande; considerações sobre a Faculdade de Mediana de Campina Grande; referência à sua esposa; a vinda para Recife; o ingresso no Hemope; considerações sobre o Hemope; referência aos seus estudos sobre sangue; a montagem de um banco de sangue com o seu pai; sua formação em clínica; referência a uma irmã; considerações sobre Ageu Magalhães; considerações sobre as relações entre o CPqAM e a universidade; considerações sobre as relações entre o CPqAM e a Secretaria de Saúde do Estado; a ligação do CPqAM com o DNERu; a ligação do CPqAM com a FNS; o início das relações entre o CPqAM e a universidade; considerações sobre a transferência do CPqAM para o campus da UFPE; as relações do CPqAM com o LIKA; seu ingresso no CPqAM; a atuação dos diretores do CPqAM com quem trabalhou; o papel do governo japonês; as relações entre a universidade e a JICA; as relações entre a universidade, a JICA e a Fiocruz; a reforma no CPqAM; sua ida para a Secretaria de Saúde; sua atuação na campanha de combate à cólera; considerações sobre o SUS; a volta ao CPqAM; as relações do CPqAM com os outros centros de pesquisas ligados à Fiocruz.

FITA 2 • LADO A

Considerações sobre o relacionamento do CPqAM com os outros centros ligados à Fiocruz; os financiamentos do CPqAM; considerações sobre a Fiocruz; referência a seu trabalho no CPqAM; o trabalho com o Hemope; considerações sobre um Instituto de Saúde de Pernambuco; referência a uma viagem a Washington; sua formação de recursos humanos; referência ao setor saúde no Brasil; seu interesse na área da saúde pública; o trabalho dos irmãos e do pai; o afastamento de suas irmãs do piano; referência a seus filhos; considerações sobre a informática; relação entre o curso médico e outros cursos; considerações sobre as transformações no mundo; as mudanças no perfil dos médicos; considerações sobre a robótica e a medicina; as mudanças nos currículos dos cursos de medicina; referência ao seu gosto pela medicina.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 2

Duração da entrevista: 1h:25min

Local: Recife/ PE

ALZIRA MARIA PAIVA VE ALMEIDA

FITA 1-LADO A

Considerações sobre a educação colegial; as residências na infância; o magistério; a decisão pelo curso de nutrição; a preparação para o vestibular; o período universitário; o Instituto de Nutrição; as dificuldades pós-64; a ida para o CPqAM; a experiência em Exu (PE); a mudança para Garanhuns (PE); o trabalho com a peste; as bolsas de estudo no exterior; a produção de antígeno antipestoso; a vigilância sorológica em Garanhuns; o *CDC*; a construção do laboratório.

FITA 1 - LADO B

A colaboração de Darcy Pascoal Brasil; a ida para Garanhuns; o laboratório e os equipamentos; a produção de antígenos conjugados; a importância da França; a experiência do tio na II Grande Guerra; a família: o avô e o pai; a presença francesa no laboratório em Exu; o desejo de doutorar-se e as dificuldades pela falta do título; o doutoramento na França; as dificuldades de adaptação; a vida profissional e a vida familiar; a relação com a orientadora; o trabalho conjunto com o Brasil.

FITA 2-LADO A

O aprendizado na França; áreas de interesse; as conversas com o avô e o tio; as dificuldades durante a II Guerra; a morte da mãe e a relação deste fato com Eva Perón; o estudo como interna em colégios de freiras; a influência das colegas; a ida para o Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 2

Duração da entrevista: 2h:25 min

Local: Recife/ PE

ANDRÉ FREIRE FURTAVO

FITA 1 - LADO A

Lembranças da Infância no Ceará e a família; as secas no interior; o estudo; a chegada de um irmão Marista; comentários sobre os irmãos Maristas; o convite para ir para o Colégio Marista e a reação dos pais; a mudança para Recife, para o colégio dos irmãos Maristas; o juvenato; a conclusão dos cursos primário, ginásio e científico; a mudança para Campina Grande, para o noviciato; a transferência para Aracati (CE) para dar aulas; as matérias que ensinava; o aprendizado de línguas estrangeiras; comentários sobre a Congrega-

ção e a presença de maristas de outros países no Brasil; as ordens religiosas francesas; a religião hoje; o conceito social sobre os religiosos hoje; sua opinião sobre a religião; sua posição sobre o Colégio Marista e a origem dos alunos; suas tarefas em Aracati; o hábito de ler e estudar.

FITA 1 - LADO B

O vestibular na Universidade Católica; a relação financeira com a Ordem Marista; a socialização dos bens; o término do curso de biologia e a transferência para o Instituto de Teologia em Roma; o questionamento sobre os hábitos do convento; a desavença com a direção; a transferência para a França; sua saída da Congregação dos Maristas; o retorno ao estudo de biologia; a sobrevivência; a visita à faculdade em Paris; o ingresso nos cursos de mestrado e doutorado, em Paris; referência às aulas e apresentação de pesquisas; a movimentação política dos alunos e o receio de ser deportado.

FITA 2 - LADO B

Continuação dos comentários sobre os movimentos contra o governo francês, em 1968; a mudança na Sorbonne e no ensino francês; o ingresso na universidade, no Departamento de Biologia e Patologia Gerais; a experiência em ensino programados na área de genética; comentários sobre o ensino secundário; a experiência em Nazaré da Mata; críticas à formação nos Estados Unidos; a bolsa de estudos para retornar à França; o retorno ao Brasil e a criação do Departamento de Entogênese; referências ao curso de francês; a opção pelo estudo em transmissores de doença de Chagas; o crescimento do laboratório e a pesquisa na universidade; o processo eleitoral para reitor; a indicação para continuar como chefe do Departamento de Biologia; reflexões sobre a ciência e a religião; críticas à universidade; a bolsa para ir à Califórnia, para o curso de biologia molecular antes do retorno à França; referência ao golpe de 64 no Brasil; um episódio no retorno na viagem de navio; o período na Alemanha; comentários sobre o financiamento de pesquisas no Brasil; o episódio com o gasto de uma verba de pesquisa; a relação pesquisa-ensino na universidade; o convite para trabalhar no CPqAM, no Laboratório de Imunologia; o convite para dirigir o Aggeu; o aceite para a vice-direção e as primeiras medidas tomadas; a busca de financiamento; as bolsas para estudo no exterior; a tentativa de aplicação de um método de avaliação; o marasmo na pesquisa; a construção do prédio do CPqAM no campus da UFPE; o termo aditivo ao convênio com a UFPE.

FITA 3 - LADO A

Comentários sobre a especialização de pessoal e os intercâmbios institucionais; definições das linhas de pesquisa no Aggeu; a interdisciplinaridade; os financiamentos externos; o relatório de pesquisa; as bolsas para pesquisa e a formação de pessoal; os assessores da OMS e as pesquisas em filariose; o convênio com o governo japonês; o LIKA e seu financiamento; o intercâmbio do LIXA com o Japão; críticas a algumas opções de intercâmbio; críticas ao LIKA; comentários sobre sua gestão e o papel do diretor.

FITA 3 - LADO B

Comentários sobre o papel do diretor e o acidente com a equipe da filariose; comentários sobre os grupos de pesquisa do CPqAM e a produção científica; a isonomia na ciência.

FITA 4-LADO A

Algumas lembranças de infância; a opção pela formação como irmão Marista; o crescimento de Várzea Alegre; a finalidade da Congregação dos Maristas; o conflito com a formação religiosa e a cidadania; o gosto pela leitura; a discordância filosófica com os Maristas; o interesse pela genética e a evolução; as doenças estudadas; a situação da doença de Chagas no Brasil e o desinteresse dos pesquisadores atualmente; a inserção na filariose; o trabalho do CPqAM em filariose e o financiamento da OMS; os equipamentos do Centro na década de 80; a atuação em Zonas Especiais de Interesse Social para o estudo da filariose; as desavenças com o TDR da OMS; o programa RHAE; os projetos desenvolvidos no Aggeu no início da sua gestão.

FITA 4 - LADO B

O retorno ao trabalho de pesquisa; a possibilidade de reeleição como diretor; a associação da pesquisa com a direção; a filariose e a entomologia; os financiamentos de projetos; as atividades como vice-diretor; o projeto "FINEPÃO" da Fiocruz; as bolsas conquistadas para formação de pessoal e a publicação no Centro; o intercâmbio científico e o núcleo de estudos; referência a alguns pesquisadores; a criação de departamentos no Aggeu; os pesquisadores visitantes; críticas ao financiamento da OMS; os grupos de pesquisa em filariose.

FITA 5-LADO A

O controle da filariose em Recife; a criação de postos de saúde nas favelas; a obrigatoriedade dos estagiários em trabalhar nos referidos postos de saúde; o episódio com uma estagiária da equipe de filariose; a relação entre os dois grupos de filariose; a importância das pesquisas em filariose; a criação do LIKA; a participação de Morei no CPqAM; a relação dos centros regionais com a Fiocruz; o LIKA e o convênio com a UFPE; a posição da Fiocruz; a distância entre o LIKA e o CPqAM; a relação do LIKA com a universidade; o casamento, a família e os filhos.

FITA 5-LADO B

A esposa; sua visão sobre a ciência no Brasil; a desigualdade científica entre o Nordeste e o Sudeste; a ciência na Fiocruz; a ciência e o governo militar; os governos pós-ditadura; a reforma do Estado hoje e a universidade; a questão das vacinas em Campinas; o vírus da varíola e sua destruição consciente pelo homem; a criação do NESC; a composição e os cursos ministrados no NESC; crítica à estrutura do NESC e a carência de profissionais.

FITA 6-LADO A

Continuação dos comentários sobre o NESC; a direção e a relação com as Secretarias de Saúde; o trabalho de peste em Exu e Garanhuns; o programa PAPES/ Fiocruz; a burocracia para o gasto de dinheiro em pesquisa; a atuação da FACEPE e o programa induzido; a reforma da Fiocruz e o Congresso Interno.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 6

Duração da entrevista: 6 h: 8 min

Local: Recife /PE

ARCEUNO FERREIRA FARIAS

FITA 1-LADO A

Lembranças da infância em Baixo; a seca no sertão; a mudança para Recife; o estudo com a intenção de ser padre; o rádio; reminiscências do cotidiano no interior do Ceará; a economia da região de Baixo; a Revolução de 30.

FITA 1 - LADO B

A Revolução de 30; a seca no sertão de Baixo; o trabalho no IBGE e no Serviço Nacional de Malária; a II Guerra Mundial; a Divisão de Organização Sanitária, o DNERu e o INERu; referências a partidos políticos: UDN, PCB e PSB; o ingresso no CPqAM; os diretores do Aggeu Magalhães; a burocracia do CPqAM.

FITA 2 - LADO A

Os problemas com a burocracia do Ministério da Saúde; o trabalho em Exu (PE); o Laboratório Regional de Peste; considerações sobre o DDT; breves comentários sobre os ex-diretores do CPqAM.

FITA 2 - LADO B

O trabalho em Exu; a administração de André Furtado; a devolução da verba do Banco do Brasil; a reforma administrativa do governo de Juscelino; relações de nomes de funcionários do CPqAM; o processo de aposentadoria.

FITA 3 - LADO A

Considerações sobre as "injustiças" no serviço público; a mudança do regime no CPqAM para CLT; recordação sobre os colegas de trabalho do CPqAM.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 4

Duração da entrevista: 3h:40 min

Local: Natal/ RN

CÉLIOROVRIQUESVEALMEIVA

FITA 1 - LADO A

Lembranças da infância em Canhotinho (PE); o trabalho do pai como motorista; Ascenso Ferreira em Canhotinho; o casamento do pai e a mudança para Canhotinho; mudança de toda a família para Garanhuns (PE); lembranças da adolescência em Garanhuns: o Colégio Diocesano e as matinês do cinema aos domingos.

FITA 1 - LADO B

A namorada, o carnaval, o irmão gêmeo falecido; os longos cabelos cacheados da infância; as diversões, os trabalhos domésticos auxiliando a mãe; a missa e a religiosidade; a mudança para Recife para servir o Exército.

FITA 2-LADO A

O trabalho em teatro; lembranças da família; lembranças da guerra e da copa de 50; a situação política; o crime do padre Ozana; a participação no movimento anti-comunista; lembranças de Canhotinho e Garanhuns.

FITA 2 - LADO B

Lembranças da infância; a morte de Getúlio Vargas e de Francisco Alves; o interesse pela dança de salão; o serviço militar em Recife; os estudos no Ginásio Pernambucano; o primeiro emprego; o ingresso na universidade; o vestibular em Recife; o início da carreira profissional.

FITA 3 - LADO A

Lembranças do vestibular; o ingresso no Laboratório Central da Peste; lembranças da adolescência; lembranças da ampliação da Avenida Conde da Boa Vista; a participação de congresso em Manaus; a especialização em micopatologia; o golpe de 64; os convites para trabalhar no sertão.

FITA 3 - LADO B

O ingresso no CPqAM; os trabalhos com a peste; a organização do projeto da peste; o estágio no Rio de Janeiro e alguns episódios; convênios com a SUDENE para o projeto da peste; o trabalho em Garanhuns; montagem do biotério em Garanhuns; a missão francesa e a escolha de Exu (PE).

FITA 4-LADO A

O radioamador como sistema de comunicação; Exu como foco da peste; os programas de profilaxia da peste no Brasil; comentários sobre a história da peste no Brasil; Oswaldo Cruz e o trabalho na epidemia de peste em Santos; Oswaldo Cruz e a desratização no Rio de Janeiro; a peste em Pernambuco; urbanização da peste; a peste em Triunfo; a criação do DNERu e a atuação do governo federal nas grandes campanhas nacionais; a evolução de medidas contra a peste; o uso do DDT; o ciclo da peste; o caso do lança-chamas; as mudanças no combate à peste em 1958; o surto de peste em 1961; a divergência entre os pestólogos; o trabalho em Exu; lembranças da vida em Exu.

FITA 4 - LADO B

A pesquisa em Exu; a ameaça de paralização dos trabalhos em Exu; o cotidiano em Exu; a perda de contatos com a França e o Irã nos anos 70; a apresentação de trabalhos em Fortaleza, em 1971; a produção científica do CPqAM e a peste; a relação com a Fiocruz sob a gestão de Vinícius da Fonseca; a polêmica em Fortaleza; a sustentação da tese de transmissão da peste por pulgas silvestres; o congresso em Fortaleza; o prestígio do trabalho do Centro em peste; a incorporação à Fiocruz; o apoio aos estados do Nordeste; as mudanças nos meios de controle da peste.

FITA 5-LADO B

O estágio em Paris; os trabalhos no Instituto Pasteur; lembranças da França; a visita do ministro da Saúde brasileiro ao Instituto Pasteur a construção do laboratório em Garanhuns; a vinda de pesquisadores americanos a Garanhuns; trabalhos na área da peste em Garanhuns; a disputa por cargos na Fundação; as bolsas de pesquisa; a fase áurea do Instituto; as incompatibilidades em Garanhuns; a transferência para o Aggeu Magalhães, em Recife.

FITA 8 - LADO A

O convite para participar de um congresso na Rússia; a situação da peste na Rússia; os preparativos para a viagem à Rússia; a proibição da entrada de brasileiros na Rússia; a mudança da viagem; o estágio no Instituto Pasteur, em Paris; a implantação dos cursos de peste em Garanhuns; a transformação do laboratório de Garanhuns em um laboratório regional, e do CPqAM em central para a peste; a pesquisa em Garanhuns e a relação com o CPqAM; as outras áreas de pesquisa no CPqAM naquela época; a gestão de Dirceu Pessoa no CPqAM; os estados e as localidades com maior incidência de peste no Brasil; o controle da peste; exemplo de controle na Rússia; o desaparecimento do foco de peste na Europa; referências à peste medieval; a situação da incidência da peste hoje, no Brasil; os focos de peste no Brasil; a situação atual em Exu; os laboratórios no Ceará, Paraíba e Pernambuco; o trabalho de educação sanitária; o trabalho em Exu; os cursos oferecidos em Garanhuns; lembranças do trabalho em Garanhuns; o surto de peste em 1960, em Pernambuco; o Departamento de Bacteriologia no CPqAM; os estudos em biologia molecular no CPqAM.

FITA 8 - LADO B

Comentários sobre sua experiência em Garanhuns; a reunião no Rio de Janeiro com o Ministério da Saúde para delinear o projeto de controle da peste; o projeto de Baltazar, do Instituto Pasteur, e o financiamento da OMS; a escolha de Garanhuns para o início do projeto; o CPqAM e a SUDENE como encarregados do projeto; a estruturação do laboratório em Garanhuns e a montagem de um biotério; as dificuldades de instalação do Biotério; a escolha de Exu para implantação do trabalho; a escola agrícola em Exu; a transferência de Exu para Garanhuns; o curso na Universidade Gama Filho; as gestões de Saul Tavares e de Dirceu Pessoa; a Fiocruz e o projeto em Exu; referência aos pesquisadores que trabalhavam no CPqAM; a transferência de Garanhuns para Recife; o trabalho no CPqAM; o foco de peste no Rio de Janeiro; o envio de material da Fiocruz para o CPqAM; a peste na zona rural do Rio de Janeiro; a falta de um combate excessivo à peste; o ressurgimento da peste em 1961; o processo de readaptação no Aggeu; a saída de Exu para Recife.

FITA 9-LADO A

A campanha de peste da Fundação Nacional de Saúde; a organização dos trabalhos pesquisados; a criação de pulgas; o trabalho de campo e a transmissão de conhecimentos; as relações com o CNPq; a viagem para a França e o estágio em um laboratório francês; o projeto desenvolvido em esquistossomose; a esquistossomose no Brasil; a transferência de animais do Brasil para serem analisados na França; a apresentação de trabalho em um congresso no Brasil; a volta ao Brasil; o ostracismo científico.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 9 (O lado A da fita 5 e as fitas 6 e 7 sofreram danificação; a entrevista foi re-feita nas fitas 8 e 9).

Duração da entrevista: 6 h:25 min.

Local: Recife/ PE

DIVA VITÓRIA CARDIM

FITA 1-LADO A

Lembranças da infância e da família; a vida no sítio; o curso primário; o estudo dos irmãos; o diploma de professora; o primeiro emprego de secretária; o curso de especialização para professoras na Secretaria de Educação; o ingresso na profissão de educadora; o trabalho no preventivo Bruno Veloso; a atuação como diretora de uma creche em Beberibe (Recife); trabalho na Campanha Pernambucana Pró-Infância; o trabalho na Secretaria de Educação fora da regência de cadeira; a função como assistente social e a chefia das caixas escolares; a dificuldade na sala de aula por alergia ao giz; as viagens em Pernambuco como chefe de Caixa Escolar; a proposta de trabalho de controle da esquistossomose; o ingresso no DNERu como educadora sanitária; a proposta de participação no curso de educação em saúde; referência à Hortênciã Holanda; a campanha contra a filariose; o tratamento da filariose na época; o contato com Rinaldo de Azevedo; referência ao chefe Airton; a elaboração de material audio-visual; as palestras de educação preventiva contra a filariose; o trabalho de visitadora sanitária; a divulgação dos métodos preventivos em filariose; o apoio da companhia de eletricidade, da imprensa etc; a idéia da produção de um filme sobre prevenção da filariose.

FITA 1 - LADO B

A produção de um filme sobre filariose; a dúvida sobre o paradeiro do filme hoje; descrição do filme; o levantamento de recursos para a realização do filme educativo; a busca de um cineasta; as dificuldades para a produção do filme e problemas com a administração do DNERu; a finalização do filme; a utilização por várias instituições; as dificuldades em continuar o trabalho; a indicação de transferência para o sertão; as desavenças no DNERu; a participação na secretaria do XV Congresso Brasileiro de Higiene; o ingresso no Instituto de Higiene como secretária; o retorno ao DNERu; a intervenção na direção do DNERu; o ingresso no CPqAM como educadora sanitária; o trabalho com Frederico Simões Barbosa; o trabalho na Escola de Química; a tentativa de mudança do Ministério da Saúde para o de Educação; a campanha de desratização na Prefeitura de Recife; a elaboração de uma cartilha.

FITA 2 - LADO A

O trabalho no CPqAM na época do convênio da SUDENE para pesquisas ligadas à peste e à esquistossomose; considerações sobre Frederico Simões Barbosa e as atividades assumidas com a sua viagem; as responsabilidades na gestão do convênio com a SUDENE;

referências ao trabalho na Secretaria de Higiene na Prefeitura; o Curso Básico Regionalizado de Saúde Pública, os professores, os alunos, as exigências; o início dos problemas pessoais de saúde; o trabalho no Centro de Saúde Couto Lessa Andrade; a licença médica; referências a André Furtado; os problemas com o afastamento; o retorno à secretaria dos cursos de saúde pública; a redassificação na Fiocruz; a criação do NESC; o processo de aposentadoria; o agravamento de seu quadro de saúde; referência a seu processo de aposentadoria; referência a Arcelino e o processo de redassificação; o criadouro de muriçocas para a realização do filme.

FITA 2- LADOB

O criadouro de muriçocas e a alimentação dos insetos; o estúdio improvisado na garagem da casa; referência ao trabalho do pai e seus problemas de saúde; lembranças da infância, as brincadeiras e os castigos; comentários sobre a irmã; a doença do pai e o diagnóstico; a cirurgia do pai; a medicação trazida do Japão para o pai; o período com o pai no hospital; o falecimento do pai; o falecimento da mãe; os problemas de saúde e a cirurgia cardíaca; referência ao NESC e à documentação em sua posse; a campanha contra as muriçocas.

FITA 3-LADO A

O filme sobre filariose: comentários na imprensa, a filmagem.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 3

Duração da entrevista: 2 h:2 min

Local: Recife/ PE

ÍRIDAN COUTINHO

FITA 1 -LADO A

Considerações sobre o seu pai; a ação revolucionária do pai; o exemplo dado às filhas; a juventude do pai; o ingresso do pai no Exército; o movimento de 1930; a prisão do pai; a vida após a prisão; o nascimento de Eridan; a prisão do pai em Fernando de Noronha; a anistia; a carreira do pai no Exército; as constantes transferências de moradia; os estudos; a escola; a liberdade na juventude; a mocidade em Fortaleza; a opção pela medicina; o vestibular; a mudança de universidade; a política estudantil; o desejo de estudar na Faculdade de Medicina da Bahia; a transferência para a Faculdade de Recife; o desejo de ser pesquisadora; a opção pela anatomia patológica; a monitoria; o ingresso no CPqAM; o convívio com José Carneiro; a vida acadêmica.

FITA 1 - LADO B

A bolsa de estudos nos laboratórios Pravás; o fim da participação política (em Recife); a política estudantil em Fortaleza; lembrança de alguns professores; a estada em São

Paulo; a experiência como auxiliar acadêmica; a estrutura laboratorial do CPqAM; o primeiro Laboratório de Bioquímica dos Caramujos; o casamento e o primeiro filho; a estada nos EUA; a estada na Harvard School of Public Health; o trabalho no Departamento de Nutrição; a relação entre parasitoses e desnutrição; a experiência na faculdade; o doutorado.

FITA 2-LADO A

A livre-docência; a estada na Inglaterra; a relação do CPqAM com a Secretaria de Saúde Pública de PE; a importância da saúde pública; a falta de sintonia com os problemas regionais; a ligação mais direta com o governo federal; as grandes campanhas de saúde pública; as relações com outros órgãos governamentais; a Fundação SESP; a entrada no INERu; a mudança de Instituto para Centro de Pesquisas; a incorporação à Fiocruz; a gestão de Sérgio Arouca; o convênio com o governo japonês; os acordos para a construção do novo prédio; a gestão de Ageu Magalhães Filho.

FITA 2 - LADO B

A busca de um local para o laboratório japonês; o acordo com a universidade; as movimentações políticas; a elaboração de um organograma para o Centro; o convênio entre a Fiocruz e a universidade; a fundação do LIKA; a relação entre o CPqAM e o LIKA.

FITA 3-LADO A

A infância e a influência do pai, as irmãs e a mãe; a vida em família; o trabalho e os filhos; os filhos, noras e genros; a época passada na Bahia; a II Guerra Mundial; a partida do pai; os namoros; as brincadeiras de colégio; o gosto pelas piadas; as brincadeiras e os estudos; a participação no diretório acadêmico; o estudo de música; as atividades extra-curriculares; a ação na política partidária de Fortaleza; as decepções com a política; a narrativa de um fato durante a ditadura militar.

FITA 3 - LADO B

Referência ao seu casamento; comentários sobre Frederico Abath; o divórcio; os filhos; o estudo dos filhos; sua influência sobre a escolha profissional dos filhos; a presença do avô na criação dos filhos; os estudos nos EUA; a influência da ditadura militar no CPqAM; as transformações ocorridas na gestão Arouca; a ampliação do espaço físico e do pessoal do CPqAM.

FITA 4- LADO A

Considerações sobre sua gestão; a qualificação de recursos humanos; linhas de pesquisa do CPqAM; intercâmbio com outros centros; a relação com Far-Manguinhos.

FITA 4 - LADO B

Considerações sobre sua participação na história do CPqAM.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 4

Duração da entrevista: 3h:30 min

Local: Recife/ PE

FREDERICO GUILHERME COUTINHO ABATH

FITA 1 - LADO A

Lembranças da Infância; a relação familiar; comentários sobre as conversas acadêmicas dos pais; a opção profissional; lembranças da vida escolar; o ingresso na universidade; a residência médica em cardiologia; a incorporação ao CPqAM; o vínculo com a Fiocruz; a vida científica; o PhD em Londres; o retorno ao Brasil; as áreas de interesse para pesquisa; comentários sobre o doutoramento e a ciência na Inglaterra; o nascimento das filhas; comparação entre o trabalho científico nos dois países; a chefia de departamento no CPqAM; comentários sobre a Fiocruz e a pesquisa atual no Centro; a separação dos pais e os irmãos; lembranças da infância; a viagem dos pais para os EUA; a reforma da casa da família; o casamento do pai e os novos irmãos; observações sobre as classes sociais e sua relação, quando criança, com crianças pobres .

FITA 1 - LADO B

A primeira experiência sexual; o namoro; a consciência política e a ditadura de 64; a perseguição aos seus pais; a cultura, música e artes na década de 60 e comparações com a atualidade; seu gosto musical; as leituras recentes; comentários sobre seu avô materno.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 1

Duração da entrevista: 55 min

Local: Recife/ PE

FREDERICO ADOLFO SIMÕES BARBOSA

FITA 1 -LADO A

Lembranças da infância; a vocação profissional do pai e do avô; o espaço da cidade para uma criança naquele tempo; a inauguração do Hospital Centenário; a festa de inauguração; a Revolução de 30; comentários sobre Pessoa de Queiroz; o alistamento do irmão e a convocação do mesmo para a Revolução de 1932; a prisão do pai; comentários sobre Agamenom Magalhães; o episódio de invasão da *Folha da Manhã*.

FITA 1 - LADO B

Continuação da narrativa sobre o episódio contra o jornal de Agamenom; a perseguição de Agamenom à sua família; Agamenom como interventor; a perseguição de Agamenom aos integralistas; a perseguição a ele e a sua saída do estado; as dificuldades com

o curso de medicina; a interferência da condessa e do conde Pereira Carneiro para sua liberação e a realização das provas de conclusão do curso de medicina; retorno ao Rio de Janeiro; a bolsa de estudos concedida por Chateaubriand, em São Paulo; a Faculdade de Medicina; a opção pelo curso de medicina; a cultura médica brasileira e a influência europeia; o estágio no Hospital Centenário; referência a Samuel Pessoa e o curso de parasitologia, Aggeu Magalhães e Ulisses Pernambuco; o envolvimento com a psiquiatria e com a antropologia; Aliança Nacional Libertadora; as reuniões políticas na faculdade; a pós-graduação com Samuel Pessoa, na USP.

FITA 2-LADO A

A pós-graduação em São Paulo e a ajuda de Assis Chateaubriand a estudantes nordestinos; a moradia em uma pensão; comentários sobre Samuel Pessoa e a Revolução de 32; contatos com o grupo de Samuel Pessoa; a estada no Rio de Janeiro; o alistamento nas tropas da II Guerra Mundial e o retorno para Recife; a década de 45; a denúncia de falsificação de exames de fezes no Hospital da Aeronáutica; o assassinato de Demócrito em 45; suas primeiras leituras marxistas; sua inscrição para ir à guerra; a possibilidade de ir para o Rio de Janeiro, a desistência e o acidente com avião; o curso de mestrado nos EUA e sua opção pelo trabalho de campo; a reação americana no fim da guerra; fatos marcantes da passagem pelos EUA; episódio de racismo.

FITA 2 - LADO B

Continuação dos relatos do episódio de racismo; o primeiro casamento e as experiências de rapaz; a volta ao Brasil; as eleições no Brasil; o papel de Amílcar Barca Pellon e Aggeu Magalhães (pai) na organização do Centro; Aggeu (pai) e a organização da anatomia patológica de Pernambuco; comentários sobre Aggeu [pai]; a vinda de Evandro Chagas a Recife; a criação do Serviço de Verificação de Óbitos e os primeiros estudos sobre esquistossomose; a construção do CPqAM; a indicação de seu nome para a direção do Centro; comentários sobre Barbosa Lima Sobrinho; o acompanhamento da construção do IAM; a inauguração do IAM e da Fundação Joaquim Nabuco; os funcionários do IAM; a esquistossomose; a criação dos centros de Belo Horizonte e da Bahia; as dificuldades financeiras no IAM e o financiamento por instituições estrangeiras; o controle da endemia de esquistossomose; as discussões contra os moluscídeos e o controle da esquistossomose no Egito.

FITA 3-LADO A

As discussões sobre o uso dos moluscídeos e as tentativas com produtos naturais; a mudança de Instituto para Centro de Pesquisas; a publicação de trabalhos sobre os moluscídeos; os demais centros de pesquisa brasileiros; a pesquisa no Centro de Belo Horizonte; a política de controle da esquistossomose em Pernambuco; o uso de moluscídeos em meados da década de 50 em caráter experimental; o trabalho na OMS; algumas experiências com moluscídeos no Egito; a Bayer e os moluscídeos; as desavenças na OMS; as pesquisas no CPqAM e a liberdade de contratação e demissão; a relação com Agamenom e Aggeu; as atividades na universidade; a demissão do CPqAM; a gestão do Centro e as relações políticas com os governos; o INERU na gestão de José Rodrigues da Silva; a aposentadoria precoce.

FITA 3 - LADO B

A estada na OMS e os interesses políticos; o veto aos relatórios sobre restrições ao uso dos moluscicidas; viagem a Gana; fatos marcantes na OMS; o retorno ao Brasil e os convites das universidades; o envolvimento com a educação médica e o cargo de presidente da ABEM; a escolha por Brasília e as divergências políticas; a relação com Pernambuco e a manutenção do trabalho no Aggeu; comentários sobre Francisco Arruda; o concurso de livre docência; comentários sobre o sistema de cátedras; a experiência em Brasília e a repressão na universidade; a aposentadoria especial; o título *honoris causa*; a gestão como diretor da Faculdade de Ciências da Saúde e as desavenças com o reitor; a criação da Associação de Docentes e sua participação; a invasão da Universidade de Brasília pela polícia; o financiamento de organizações internacionais de pesquisa.

FITA 4-LADO A

O programa comunitário em Planaltina (cidade Satélite/Brasília); o cancelamento de convênios; a perseguição do reitor ao seu trabalho; referência a um documento papal sobre a absolvição de Galileu pela Igreja; o artigo 477, sua ação sobre os estudantes universitários e a posição da Congregação; o episódio na casa de um amigo ligado ao governo militar; o trabalho no Ministério da Educação, em Brasília; a perseguição em Brasília à sua esposa; as articulações com o CNPq; a Universidade de São Carlos; o processo eleitoral para reitor e a recusa da ministra; a separação da segunda esposa; Emani Braga e o concurso para a Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp); a direção do Departamento de Epidemiologia e da Ensp; as atividades na ABEM; os quatro cargos ocupados na Fiocruz; a anistia e abertura política; a candidatura de Sérgio Arouca para a Fiocruz; comentários sobre a política na Fiocruz.

FITA 4 - LADO B

O posicionamento político da Fiocruz; as novas diretorias e sua gestão; o Estatuto da Fundação; as dificuldades políticas; o retorno ao departamento e a criação do Núcleo de Estudos Samuel Pessoa; a aposentadoria na Ensp e o contrato como pesquisador visitante; a volta a Recife; a incorporação ao CPqAM e o trabalho com esquistossomose; as homenagens recebidas; a Festa das Rosas e a arrecadação de fundos para o Hospital Centenário.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 4

Duração da entrevista: 3 h:15min

Local: Recife/ PE

GERUSA VREYER

FITA 1- LADO A

Comentários sobre seu nascimento; a infância; o respeito à hierarquia; a curiosidade nata; a família e as dificuldades; o papel da mãe; os estudos; a doença do pai; o espírito dos avós; a filosofia de vida; as férias no interior; os estudos primários; a mãe; o vestibular.

FITA 1 - LADO B

O acidente; a estada no hospital; os erros médicos e as conseqüências no nascimento da primeira filha; a leitura durante a convalescença; o ingresso na faculdade; o retorno ao hospital; o novo vestibular; sua relação com os pacientes; a convivência com a filiarose; o primeiro contato com a doença; o ingresso no CPqAM; seus primeiros estudos da doença; o curso de psicologia; as aplicações do conhecimento psicológico; a relação com a cirurgia; a formação clínica; a ida aos EUA; o trabalho no Centro de Hemoterapia.

FITA 2-LADOA

Os problemas durante a primeira gravidez; as dificuldades no parto; a filha recém-nascida e doente; a cura da filha; a terceira gravidez; o acidente que havia sofrido e os conseqüentes problemas; a recuperação; a reconstituição plástica da face; o ingresso no CPqAM; o processo de tratamento da filiarose; a projeção internacional do trabalho; as pesquisas para a elaboração de uma vacina; a possibilidade de recuperação; a filiarose; os problemas burocráticos; as dificuldades no estudo da filaria; o ideal de uma organização.

FITA 2 - LADO B

A burocracia; a geografia da elefantíase; a erradicação no Sul do país; o aspecto dos doentes; a repercussão da doença nas funções sexual e mental do paciente; a cura corporal e psicológica; a importância da urologia; repercussões sexuais; o sofrimento com a doença; a desvalorização do Nordeste; a percentagem de regressão da doença; a integração multidisciplinar; a importância da observação dos pacientes; a utilização da ultra-sonografia; a observação clínica; a relação na equipe.

FITA 3-LADO A

Reflexões sobre a morte; a continuidade da pesquisa; a comemoração pelos dez anos de programa; a convivência com Amaury Coutinho; a afeição recíproca entre os membros da equipe; sua relação com o trabalho; considerações sobre o trabalho do pesquisador; o doente no Centro de Pesquisas; considerações sobre a vida e a morte; a continuidade de seu trabalho.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 3

Duração da entrevista: 3 h

Local: Recife/ PE

HÉLIO BEZERRA COUTINHO

FITA 1 - LADO A

A infância e a família; o encaminhamento para o curso de medicina; o cotidiano da infância; a vida escolar; o curso pré-médico; a convocação para o Exército; o mestrado nos EUA; o incêndio do edifício nos EUA; o aprendizado em embriologia e histologia na Univer-

sidade de Michigan; o concurso para a Fundação Kellogg; a criação de uma cadeira no Departamento de Histologia, na Faculdade de Odontologia de PE; a Reforma Universitária; o convite para trabalhar em ensino programado com especialistas de Porto Rico; os problemas com o SNI; a experiência na Inglaterra; a Fiocruz; o trabalho na universidade; os convênios firmados na Escócia para o CPqAM.

FITA 1 - LADO B

A pesquisa no Brasil; o convite para trabalhar no CPqAM; sua gestão no CPqAM; a aquisição de recursos para a produção científica; a Revolução de 1935; o teste para a escola experimental; lembranças de uma antiga professora; comentários sobre Cristiano Cordeiro; o período ginásial; a Faculdade de Medicina; o período em que esteve no quartel.

FITA 2-LADO A

O CPOR; a dedicação exclusiva na universidade; a participação nos movimentos políticos; o episódio Demócrito; o Partido Comunista; o CNOP [Comitê Nacional de Organização e Preparação do Partido]; a Revolução de 1964; a vida no bairro do Recife; a convivência com o mundo intelectual de Recife; os cinemas do período e o cinema mudo; o trabalho no CPqAM; a pesquisa científica no Brasil; as homenagens e os títulos recebidos.

FITA 2 - LADO B

A experiência de trabalhos na Inglaterra; memórias de Portugal; o contato com o mundo acadêmico português; o período pós-revolucionário em Portugal; os alunos portugueses; a falta de adaptação da esposa em Portugal.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 2

Duração da entrevista: 1h:50 min

Local: Recife/ PE

JOSÉ CARLOS QE MORAES

FITA1- LADO A

Considerações sobre a cidade de Quipapá (PE); suas atividades quando criança; o trabalho do seu pai; lembranças da infância e da escola; as festas em Quipapá; os seus irmãos; sua atuação como coroinha de missa; o assassinato do bispo de Garanhuns (PE); o livro sobre o assassinato do bispo de Garanhuns; referência ao padre Ozana; considerações sobre a religião; lembranças da infância; as diferenças sociais em Quipapá; seu cotidiano em Quipapá; lembrança de uma namorada; seu desejo de ser seminarista; referência ao cinema de Quipapá; considerações sobre o seu pai; as desigualdades entre os frequentadores do cinema de Quipapá.

FITA 1 - LADO B

Considerações sobre o cinema; considerações sobre Quipapá; as peças teatrais escolares; o professor Amaro Matias; a atuação da Fundação SESP em Quipapá; o curso de admissão em Caruaru (PE); seu desejo de sair de Quipapá; a inauguração do Posto de Saúde de Quipapá; referência ao parteiro Cláudio Lopes; o jogo do bicho no interior; a primeira namorada; sua saída de Quipapá para Caruaru; lembranças dos estudos em Caruaru; o primeiro emprego em Caruaru; lembranças do seu trabalho em uma gráfica; referência a seu cunhado; o curso de contabilidade; o interesse por mecânica; a vinda para Recife; o trabalho na COPERBO; lembranças de Recife; a deposição de Miguel Arraes; a ida para o Rio de Janeiro.

FITA 2 - LADO A

Lembranças da infância; atuação de seu pai no jogo de bilhar; lembranças da chegada do primeiro televisor em Quipapá; os banhos públicos; os trabalhos em Recife; a simpatia por Francisco Julião; lembrança de um comunista em Quipapá; a atuação política do pai; os anos da ditadura em Quipapá; a chegada no Rio de Janeiro; referência a um amigo; considerações sobre a vida no Rio de Janeiro; o primeiro emprego no jornal *Última Hora*; o trabalho na Construtora Rabelo; considerações sobre o Lloyd brasileiro; o ingresso na Montreal Engenharia; o desejo de trabalhar por conta própria; reflexões sobre a morte de um amigo; considerações sobre o início de um trabalho independente.

FITA 2 - LADO B

Considerações sobre o início de um trabalho independente; o ingresso na Fundação SESP; referência ao trabalho na ABIFARMA; o trabalho na Unidade de Planejamento do Ministério da Saúde; lembrança de médicos famosos; o primeiro casamento; as amizades no Ministério da Saúde; considerações sobre as intrigas no Ministério da Saúde; a ida para Brasília; o segundo casamento; a estada em Brasília; o fim do segundo casamento; o ingresso na Fundação Oswaldo Cruz; considerações sobre suas viagens.

FITA 3-LADO A

Considerações sobre o programa PIASS; considerações sobre o SUS; o trabalho antes de ingressar na Fiocruz; referência à vida social em Brasília; a chegada na Fiocruz e os relacionamentos; o cargo no Rio de Janeiro; o retorno a Recife; referência a sua transferência para o CPqAM; comparação entre o Rio de Janeiro e Recife; considerações sobre o CPqAM; as suas realizações no CPqAM; referência ao FioPrev; referência ao seu relacionamento no CPqAM.

FITA 3 - LADO B

Considerações acerca do setor de pesquisa do CPqAM; o seu relacionamento no CPqAM; considerações sobre as suas características pessoais; referência ao período em que perdeu a memória; referência aos problemas enfrentados no CPqAM.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 3

Duração da entrevista: 2h:35 min

Local: Recife/ PE

LUCIANA ABRANTES**FITA 1-LADO A**

Lembranças da infância; influência cultural do pai; referência aos locais onde morou quando criança; os veraneios em Piedade (Recife); considerações sobre o período escolar; recordações do cinema Luã; considerações sobre filmes que assistiu quando criança; a religião; a morte do pai; considerações sobre a adolescência; preferências intelectuais na juventude; o desejo de se casar na juventude; considerações sobre a opção pelo curso de biblioteconomia; o ingresso no CPqAM; descrição da biblioteca do CPqAM quando chegou; a aquisição de periódicos para a biblioteca; considerações sobre a informática; a produção de trabalhos no CPqAM; a clientela da biblioteca do CPqAM; a situação financeira da biblioteca; a aquisição de livros para a biblioteca do CPqAM; características do cargo que ocupa na biblioteca do CPqAM; referência às publicações do CPqAM.

FITA 1 - LADO B

Referência às publicações do CPqAM; a gestão de André Furtado; referência à Eridan Coutinho e sua gestão no CPqAM; a produção científica do CPqAM; considerações sobre o período em que trabalhou no CPqAM.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 1

Duração da entrevista: 1 h

Local: Recife/ PE

MARCELO VASCONCELOS**FITA 1-LADO A**

Recordações da Infância; chegada a Recife; o curso de medicina e o ingresso no CPqAM; a estrutura inicial do CPqAM; o trabalho com Frederico S. Barbosa; o contato com Lobato Paraense, em Belo Horizonte; comentários sobre Nelson Chaves; a direção no Instituto em Belo Horizonte; as linhas de pesquisa no Instituto; o curso em Jerusalém; comentários sobre a ciência em Jerusalém; sua atividade como reitor da universidade; a organização da pós-graduação na universidade.

FITA 1 - LADO B

O período de trabalho no CPqAM; a repercussão do golpe de 64 na universidade e no Aggeu; o trabalho com a esquistossomose no CPqAM; comparação da experiência de

trabalho no Aggeu com outras instituições do Brasil; a formação como pesquisador; a ciência no Brasil e o pesquisador no Brasil.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 1

Duração da entrevista: 50 min

Local: Belo Horizonte/ MG

OTAMIRES ALVES DA SILVA

FITA 1 - LADO A

Lembranças de Timbaúba (PE); a infância na Capunga (Recife); a escola; a liberdade feminina; a universidade; o estágio com o Frederico Simões Barbosa e Ivete Barbosa, no antigo Instituto de Higiene; as diversões na adolescência; os filmes marcantes; os cantores da época; a contratação para o CPqAM; os trabalhos em esquistossomose; a atuação em educação sanitária; o trabalho com a peste, em Garanhuns (PE); os trabalhos com doença de Chagas.

FITA 1 - LADO B

A experiência na França; o doutorado; o convênio com a comunidade européia; as pesquisas com vacina para a leishmaniose; os testes vacinogênicos em seres humanos.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 1

Duração da entrevista: 45 min

Local: Recife/ PE

PLENETE CAVALCANTE MARQUES

FITA 1 - LADO A

Memórias da infância e a doença do pai; a vida escolar; o ingresso no CPqAM como auxiliar de escritório; o DNERu e o vínculo deste com o CPqAM; o retorno aos estudos e o término do 2º grau; os cursos de especialização; as atividades desenvolvidas no CPqAM; a evolução do Aggeu; as festas religiosas e o carnaval; o cotidiano em bairros como Beberibe, Arruda e Espinheiro (PE); comentários sobre as administrações do Aggeu; o FioPrev em Recife; os cursos no Rio de Janeiro; suas atividades e a gestão de André Furtado; a relação com os pesquisadores; a incorporação do CPqAM à Fiocruz; o Plano de Cargos e Salários; o número de pesquisadores e funcionários atualmente no

CPqAM; a aposentadoria e a Reforma de Estado; a contribuição para o trabalho no Aggeu; a aposentadoria.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 1

Duração da entrevista: 28 min

Local: Recife/ PE

SAUL TAVARES DE MELO

FITA 1 - LADO A

Lembranças da infância e da família; o engenho do pai e a produção de açúcar; o acidente com um tiro; a moradia na casa de detenção; a bolsa de estudos; a carteira de investigador; referência a "Zé" Francisco; alguns episódios no estádio de futebol; referência a algumas pessoas de Pernambuco, inclusive Joaquim Francisco; referência aos irmãos; o concurso para o Ministério da Saúde/ Serviço Nacional de Peste; a experiência no interior; a chefia de um setor do Serviço Nacional de Peste, em Alagoas; referência a uma matéria de jornal e sua reação; referência à família Góes Monteiro; os filhos e suas atuações profissionais em Brasília; a formatura do filho; alusão à sua formatura; a opção pela medicina; referência a Celso Arcoverde; o trabalho contra a peste no Crato (CE); a estada no Rio de Janeiro na época do final da copa de 50; o jogo Brasil e Uruguai; o curso de saúde pública no Rio; referência a sogra; os estágios; a volta para Recife; o trabalho em Fernando de Noronha.

FITA 1 - LADO B

O trabalho em Fernando de Noronha; o socorro a uma grávida; a cirurgia cardíaca; referência à sua posição política na eleição de Collor de Mello; o convite da Oficina Sanitária Pan-Americana; o trabalho no Haiti com a campanha contra bolba; a campanha de "casa em casa" de bolba no Brasil; o financiamento da casa na CEF; o DNERu; a homenagem da filha na época de sua cirurgia; o CPqAM; referência a alguns diretores; a circunstância pela qual foi convidado para dirigi-lo; referências ao CPqAM e a algumas pessoas; a pesquisa na sua gestão; a sua homenagem no CPqAM; o motivo da transferência para Brasília; o trabalho dos filhos; a atuação contra as endemias no Ministério da Saúde/ SUCAM; o trabalho na erradicação da varíola; o reconhecimento pelo seu trabalho; referência a um episódio no Aggeu.

FITA 2-LADO A

Referência a um episódio de agressividade de um funcionário no Aggeu; memórias da Revolução de 30; o relacionamento com os Queiroz Galvão; o período de Agamenom; as correspondências com Ledo Ivo; referências ao amigo Pedro Nava; o hábito da leitura; as amizades escassas em Recife; o relacionamento com a família em Recife; a leitura dos sermões de Padre Vieira; a adaptação dos filhos em Brasília; a situação dos filhos; o traba-

lho de saúde pública em Brasília; as campanhas de saúde e as viagens pelos estados; referência a Érico Veríssimo; a situação da saúde pública nos dias atuais.

FITA 2 - LADO B

A repressão do governo de Agamenom e a interferência de Aggeu; comentários sobre Ageu [filho] e Frederico S. Barbosa; a comemoração de 45 anos do CPqAM e o discurso de Eridan; a repressão na faculdade no período de Agamenom; o Laboratório de Peste em Exu; lembranças da faculdade; os professores marcantes na faculdade; o professor Aníbal Bruno; a distração atual na barraca do Brito; a atual leitura do livro de Darcy Ribeiro; comentários sobre a neta; o apoio a Collor; o primário em Macaparana (PE) e o professor italiano Luís Égano; o professor Luís Égano e o episódio da II Guerra Mundial; o engenho; a doença da irmã e a perda do engenho; o livro do irmão Lourenço Tavares de Melo sobre memórias do engenho Tabocas; a ida para Recife e a situação do engenho; as viagens de trem; referência a Mauro Mota e Potiguar Matos.

FITA 3 - LADO A

Lembranças do engenho; os versos da filha em virtude do recebimento de uma medalha; os elogios do colega Joaquim de Castro; a infância e o jogo do bicho; a vida em Recife, estudos e moradia; o recebimento de mesada através de um português amigo; a situação do engenho quando da vinda da família para Recife.

Ficha Técnica

Fitas gravadas: 3

Duração da entrevista: 2h:15 min

Local: Brasília/ DF

ANEXO

I - Fatos relevantes para a história institucional

- 1949 Tem início a construção do prédio do Instituto Aggeu Magalhães (IAM), na Rua do Espinheiro, em Recife (PE)
- 1950 É inaugurado o Instituto Aggeu Magalhães, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde
É realizado o VIII Congresso Brasileiro de Higiene, em Recife
- 1956 É criado o Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu) tendo o IAM a ele subordinado
- 1958 O Instituto Aggeu Magalhães tem sua denominação alterada para Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), ficando incorporado ao DNERu
- 1966 É implantado o Plano Piloto contra a peste em uma Estação de Campo, em Exu, subordinado ao CPqAM
- 1970 O DNERu e o INERu são extintos e o CPqAM passa a estar vinculado à Fundação Oswaldo Cruz
- 1974 É instalado o laboratório para estudo da peste em Garanhuns, subordinado ao CPqAM
- 1982 É assinado o convênio entre a Fiocruz e a Universidade Federal de Pernambuco, para a construção do novo prédio do CPqAM, no campus universitário
- 1985 O CPqAM é transferido para o novo prédio no campus da UFPE
- 1987 É criado o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC/ CPqAM), através do Ato da Presidência da Fiocruz, 251/87, de 30/12/87
- 1996 O CPqAM passa a ser denominado Instituto Aggeu Magalhães

II- *Índice de legislação federal*

IAM - Instituto Aggeu Magalhães	<p>02/09/1950 - é criado na estrutura da Divisão de Organização Sanitária / Ministério da Educação e Saúde</p> <p>29/04/1958 - passou a denominar-se Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães [CPqAM], através do Decreto n° 43.620, subordinado ao INERu/ DNERu</p> <p>22/05/1970 - é incorporado à estrutura da Fiocruz, através do Decreto n° 66.624</p> <p>09/1996 - passou a denominar-se Instituto Aggeu Magalhães, por determinação do Congresso Interno da Fiocruz</p>
DNERu - Departamento Nacional de Endemias Rurais	<p>06/ 03/1956 - criado através da Lei n° 2.743, tendo em sua estrutura o INERu - Instituto Nacional de Endemias Rurais, ao qual ficou vinculado ao IAM</p>
Fundação Oswaldo Cruz	<p>01/10/1969 - a Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública passou a denominar-se Fundação de Recursos Humanos para a Saúde, através do Decreto-lei n° 904, que também autorizava a criação da Fundação Instituto Oswaldo Cruz</p> <p>22/05/1970 - a Fundação de Recursos Humanos para a Saúde foi transformada em Fundação Instituto Oswaldo Cruz [Fiocruz], através do Decreto n° 66.624, sendo integrada por: Instituto Oswaldo Cruz, Serviço de Produtos Profiláticos (DNERu), Instituto Fernandes Figueira (DNC), Instituto de Endemias Rurais (DNERu), Instituto Evandro Chagas (FSESP) e Instituto de Leprologia (SNL)</p> <p>13/11/74 - a Fundação Instituto Oswaldo Cruz passa a denominar-se Fundação Oswaldo Cruz, através do Decreto n^{fi} 74.891</p>

INERu - Instituto Nacional de Endemias Rurais

06/03/1956 - criado através da Lei nº 2.743, incorporado a estrutura do DNERu

22/05/1970 - passa a integrar a estrutura da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, através do Decreto nº 66.624, mantendo em sua estrutura os centros de pesquisa, inclusive o CPqAM

13/08/1970 - passa a ter a denominação de Instituto de Endemias Rurais, através do Decreto nº 67.049, permanecendo subordinado a Fundação Instituto Oswaldo Cruz.

SUDENE -
Superintendência de
Desenvolvimento do
Nordeste

15/12/1959 - criada através da Lei nº 3.962

SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

22/05/1970 - criada através do Decreto nº 66.623, resultante da fusão do DNERu, da Campanha de Erradicação da Varíola e da Campanha de Erradicação da Malária.

FNS - Fundação Nacional de Saúde

16/05/1991 - instituída através do Decreto nº 100. São incorporados à sua estrutura a Fundação Serviços de Saúde Pública [FSESP] e a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública [SUCAM]

III- Diretorias - IAM/ CPqAM/IAM

1950-1962	Frederico Simões Barbosa
1962-1964	Durval Lucena
1964-1969	Frederico Simões Barbosa
1969-1974	Saul Tavares (diretor) Dirceu Pessoa (vice-diretor)
1974-1978	Dirceu Pessoa
1978 -1986	Ageu Magalhães Filho (diretor) Dirceu Pessoa (vice-diretor) André Furtado (vice-diretor - 86)
1986-1989	André Furtado (diretor) Hélio Coutinho (vice-diretor)
1989-1993	André Furtado (diretor) Hélio Coutinho (vice-diretor)
1993-1997	Eridan Coutinho (diretora) Rômulo Maciel Filho (vice-diretor)

IV- Listagem de siglas institucionais

ABIF/ABIFARMA	Associação Brasileira de Indústria Farmacêutica
ADUnB	Associação de Docentes da Universidade de Brasília
ASPLAN	Assessoria de Planejamento/ Fiocruz
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Center for Diseases Control
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COC	Casa de Oswaldo Cruz
CPqAM	Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães
CRIEHSP	Centro Regional de Investigação e Ensino de Higiene e Saúde Pública
DEA	Diplome d'Études Approfondies
DNERu	Departamento Nacional de Endemias Rurais
DIRAD	Diretoria de Administração/ Fiocruz
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
FAB	Força Aérea Brasileira
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco
Fafire	Faculdade de Filosofia de Recife
FAS	Fundo de Ação Social
Fesp	Fundação Universidade Estadual de Pernambuco
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FioPrev	Instituto Oswaldo Cruz de Seguridade Social
FNS	Fundação Nacional de Saúde
FSESP	Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública (1960)/Fundação Serviços de Saúde Pública (1969)
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco

GTUSOF	Grupo de Trabalho de Unidade do Sistema Orçamentário Financeiro
HEMOPE	Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco
IAM	Instituto Aggeu Magalhães
IMIP	Instituto Materno Infantil de Pernambuco
INERu	Instituto Nacional de Endemias Rurais
INCQS	Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde
INSERM	Institut Nacional de La Santé et de la Recherche Médicale
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IPSEP	Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco
JICA	Japan International Cooperation Agency
LIKA	Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami
MCT	Ministério de Ciência e Tecnologia
NESC	Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPS	Organizacion Panamericana de la Salud
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAP	Programa de Aperfeiçoamento Profissional
PAPPE	Unidade de Planejamento, Avaliação, Pesquisa e Programas Especiais
PAPES	Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde
PIASS	Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento
RHAE	Programa de Recursos Humanos em Áreas Estratégicas
SAG	Superintendência de Administração Geral/ Fiocruz
SEPLAN	Secretaria de Planejamento/ MS
SOPF	Secretaria de Orçamento e Programação Financeira/ MS
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SIAFI	Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal
SIAPE	Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos

SNI	Serviço Nacional de Informação
SPAA	Serviço de Acompanhamento e Avaliação/ Fiocruz
SUCAM	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SUDS	Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde
SUPLAN	Superintendência de Planejamento/ Fiocruz
SUS	Sistema Único de Saúde
SVO	Serviço de Verificação de Óbitos/ MS
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

Editoração Eletrônica e capa

Guilherme Ashton

Produção Gráfica

Multimeios/CICT/Fiocruz

Fotolitos e impressão da capa e acabamento

Editora Teatral Ltda.

Casa de Oswaldo Cruz (COC)

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos

21045-900 - Rio de Janeiro - RJ

Instituto de Pesquisas Aggeu Magalhães (IPqAG)

Av. Moraes Rego, s/n - Campus da UFPE

50670-420 - Recife, PE

Este projeto inicial se coaduna com uma política maior da Fiocruz, que há mais de uma década passou a ter como uma das suas prioridades a pesquisa e a produção do conhecimento histórico, mais especificamente na área de saúde. A Casa de Oswaldo Cruz [COC] foi então criada para atender e implementar a compreensão da importância do passado para uma ação mais consequente e efetiva nos dias atuais.

Sendo assim, contamos com a participação da pesquisadora Tânia Fernandes da COC, e convidamos o professor e pesquisador Antônio Torres Montenegro do Departamento de História da UFPE, para juntos coordenarem esta iniciativa pioneira no campo da história da saúde pública de Pernambuco. Acreditamos que este volume " Memórias Revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens", é o marco inicial de nossa determinação de *caminharos sempre*, reconstruindo e revisitando as experiências passadas, como forma de não nos tornarmos uma instituição sem Memória/História. Preocupados com a ameaça que a fragmentação das arcas do saber e a possibilidade de abordagens sectárias oferece a compreensão e desenvolvimento de uma ciência para a maioria, outras iniciativas desta natureza deverão ser implementadas no CPqAM. O nosso desejo é transformar este projeto em mais uma de suas linhas de pesquisa, uma vez que acreditamos que a produção deste tipo de conhecimento está associada à construção do saber sanitário em nossa região.

Rômulo Maciel Filho
Vice-diretor/CPqAM.

Esta publicação "Memórias Revisitadas:
o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens",
constitui-se como um marco inicial de nossa determinação
de caminharmos sempre, reconstituindo e revisitando as
experiências passadas, como forma de não nos tornarmos
uma instituição sem Memória/História, unindo-nos ao esforço
de instituições como a Fundação Oswaldo Cruz na reconstrução
da história brasileira, em particular da história da saúde pública.

ISBN 85-85239-11-5



9 788585 239114